

A romantic wedding scene featuring a bride and groom in a close embrace. The bride, with long blonde hair and a tiara, is smiling up at the groom. The groom, in a light-colored suit, is holding her gently. They are standing in front of a grand, classical building with columns and arches. The scene is bathed in warm, golden light, suggesting a sunset or sunrise. A bouquet of white and purple flowers is visible on the right side.

um casamento quase Real

LIVRO 1
SÉRIE REAL

MÍDDIAN MEIRELES



Um casamento quase Real



LIVRO I
SÉRIE REAL

MÍDDIAN MEIRELES

1ª Edição

2016

Copyright © 2017 MÍDDIAN MEIRELES

Todos os direitos reservados à Autora. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização da Autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Equipe Editorial:

Capa: Denis Lenzi

Revisão: Ali Graciotte

Revisão Final: Sara Rodrigues

Diagramação Digital: Míddian Meireles

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Essa obra foi escrita e revisada de acordo com a Nova Ortografia da Língua Portuguesa. O autor e o revisor entendem que a obra deve estar na norma culta, mas o estilo de escrita coloquial foi mantido para aproximar o leitor dos tempos atuais.

Agradecimentos

Sabe quando você de repente tem uma inspiração divina? Então, foi exatamente isso que aconteceu com UM CASAMENTO QUASE REAL. Lembro-me que eu estava assistindo a um filme sobre a filha de um poderoso político. E eu logo pensei: Por que eu não escrevo um livro sobre isso? Melhor do que isso... Por que eu não escrevo sobre uma Princesa completamente fora dos padrões? Então assim surgiu Steph.

Tudo começou como uma “brincadeira”, mas de repente tomou proporções gigantescas em minha vida. Foram meses escrevendo, aprendendo. Mas o que eu tenho de melhor para guardar no decorrer dessa história com certeza foi o carinho dos leitores que tenho recebido desde o início. Nunca pensei que Steph, Théo e todas as outras personagens fossem conquistar vocês dessa forma. E a cada comentário que eu recebia no Wattpad, não só me dava incentivo para continuar, mas também me dava a cada dia mais certeza de que eu estava no caminho certo.

Dedico esse livro à minha família, pela compreensão e o apoio incondicional. Ao meu marido pela paciência descomunal por entender a prioridade a escrita, ao invés de tomar conta da casa e do filho, que mesmo sem entender direito, também me apoiou indiretamente. Eles são os meus maiores amores e incentivadores. E como você me pediu: Obrigada pelas louças lavadas, amor! rs...

Aos meus amigos, todos, sem exceção, pela força. À Thuany e Taciana por continuarem me ajudando e entendendo meus devaneios. Às minhas amigas escritoras, companheiras das letras e das aventuras literárias: Tati, Lilian, Lani, Patt, Aline, Amy, Ali, Carlie, Mandy e Sue. E claro, não poderia deixar de falar das minhas queridas leitoras, que me abraçaram e me dedicaram tanto apoio e carinho. Thais, Kami, Marta, Babi, Sarinha, Nay, Vic, Milena, Talita, Ariene, Fernanda, Xanda, Alexandra, Gisa e a tantas outras que vivem diariamente um pouco comigo. Obrigada por me permitirem viver esse sonho. Amo todos vocês.

*“O que quer que aconteça”,
disse ela, “não pode mudar
uma coisa. Se sou uma
Princesa em trapos e andrajos,*

posso ser uma Princesa por dentro. Seria fácil ser Princesa se eu estivesse vestida com tecido de fios de ouro, mas há um triunfo muito maior ser Princesa o tempo todo, sem ninguém saber”.

A Princesinha

Frances Hodgson Burnett

Sumário

[Agradecimentos](#)

[Sumário](#)

[Prólogo](#)

[Alguns anos depois...](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Desconhecido](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Epílogo](#)

[ANEXO: ENTENDENDO MELHOR A HISTÓRIA](#)

[Próximos Lançamentos:](#)

[Sobre a Autora](#)

Prólogo

— *Mãe. Estamos indo para aquele castelo de novo?*

— perguntei, vendo pela janela do carro nós nos aproximarmos.

— Sim, Théo. — minha mãe respondeu com carinho.

— Por que nós sempre vamos até lá? Eles não podem vir à nossa casa? — perguntei e meu pai e minha mãe riram.

— Com apenas seis anos, meu pequeno Théo é muito astuto. — meu pai afirma sorrindo, bagunçando meu cabelo.

Eu não sabia o que significava astuto, mas deveria ser alguma coisa boa, porque meu pai vivia me elogiando por ser um bom filho.

— O Rei nunca visita a casa de alguém, meu filho, mesmo que esse alguém seja de família nobre como nós. Nós devemos nos sentir muito honrados por sermos convidados para estarmos sempre no castelo. Poucos são os nobres que têm o prazer de ter a amizade e o apoio do

Rei, como seu pai tem. — ele me explicou sorrindo.

— Mas o que um Rei faz, além de morar no castelo? — perguntei interessado.

— Ele chefia o nosso país. — respondeu.

— Isso deve ser chato. — constatei desgostoso, meu pai ri e para por um segundo antes de perguntar:

— Você não gosta de vir ao castelo?

— Gosto. Mas às vezes a Princesa me irrita. — digo emburrado e eles se entreolharam.

— A Princesa? — minha mãe perguntou.

— Sim, Mãe. Ela só tem quatro anos, mas se acha grande e diz que tenho que brincar do que ela quer, porque ela é a Princesa.

— Posso te contar um segredo? — meu pai pergunta.

— Alano, já conversamos sobre isso. Théo é muito novo para saber. — minha mãe sussurra para ele, parecendo preocupada.

— Sarah, não direi nada demais. Além do que, um dia ele saberá mesmo. — diz dando de ombros.

— Querido, Théo tem apenas seis anos. Não sabemos como será daqui para lá. — ela continua e eu olho para os

dois.

— Querida, mas você sabe que temos um acordo. — meu pai afirmou com mais vigor.

— Eu sei, Alano. Só acho que não devemos encher a cabecinha dele com tudo isso, não agora. — minha mãe fala, parecendo um pouco triste.

— Vai ficar tudo bem, querida. Só que um dia tudo vai estar em suas mãos. — Trocaram um olhar de entendimento.

Acordei assustado. Suado. Ofegante. Era sempre o mesmo sonho. Acontecia sempre a mesma coisa e diziam sempre as mesmas palavras. Cresci tendo o mesmo sonho. Nele eu tinha seis anos e estava em um carro com meus pais. Mas há anos eu não sonhava mais com isso.

Por que esses sonhos voltaram? Por que parecia tão real? Para mim, parecia mais sem pé e sem cabeça.

O que eu mal sabia, é que na verdade esse sonho era uma lembrança de algo que realmente aconteceu. E que mais do que isso, meu destino já estava traçado antes mesmo de eu nascer.

Alguns anos depois...

Era uma bela tarde de inverno na Campavia. O Sol brilhava um pouco, apesar de ser a estação mais fria do ano. O clima estava gostoso e o dia parecia ter chegado de uma forma diferente. Naquele momento eu não sabia, mas talvez o dia estivesse bonito porque estava dando um aviso do que ainda estava por vir.

Eu e Théo tínhamos oito e dez anos consecutivamente. Nós brigávamos mais do que posso contar, ainda assim, a gente se entendia à nossa maneira. Naquele dia estávamos brincando de cabra cega e nesse caso eu era a cabra. Adorava ser “a cabra” porque eu podia dar umas porradas nele dizendo que fazia parte da brincadeira ou, se eu fosse sincera comigo mesma, também era porque eu gostava de tocá-lo sem ter que dar explicação.

Enfim. Em um momento estávamos brincando, quando de repente senti Théo parar em minha frente e beijar meus lábios antes de dizer:

— Agora você é minha namorada.

Por alguns segundos fiquei paralisada. Degustando da sensação boa que era ter seus lábios nos meus. Lembro-me de ter pensado que foi a melhor coisa que senti na vida e uma vozinha irritante começou a cantarolar na minha cabeça:

“Eu estou apaixonada! Eu estou apaixonada! Eu sou a namorada do Théo! Théo é o meu namorado!”

Foi então que me lembrei de que os meninos como Théo, querem mandar nas meninas. Isso não permitiria jamais que fizessem comigo. Não nasci para ser mandada e sim para mandar. E tão rapidamente quanto descobri que o amava, eu também descobri que eu o odiava. Nesse momento decidi que jamais permitiria que alguém mandasse em mim. Nem mesmo Théo. E foi aí que o empurrei dentro do chafariz e apontando o dedo para ele falei:

— Eu não sou sua namorada. Nunca mais ouse me beijar — avisei, antes de ir em direção ao Castelo deixando-o todo molhado dentro do chafariz.

Depois disso Theodore ficou vários dias sem aparecer no castelo para brincar comigo como sempre fazia. Têta

me disse que ele havia ficado muito gripado depois que ele “caiu acidentalmente” na água quase congelada do chafariz. Senti-me culpada porque foi por minha causa que ele havia ficado doente. Naquele dia liguei para casa dele e desejei melhoras, mas o que eu queria mesmo era dizer que estava com saudades. Mas não fiz. Depois que ele ficou bem, decidi ignorar o que nos aconteceu e ele fez o mesmo, apesar de continuar sentindo aquela sensação esquisita na minha barriga que parecia ser recheada de borboletas cada vez que eu o via.



Quando eu tinha dez anos, Lourdes voltou da escola onde estudava dizendo que havia um novo garoto, que ele era muito bonito e que ela achava que o amava. Contou-me que na hora do intervalo, ele sentou-se ao seu lado e disse que ela era a menina mais bonita da classe, antes de lhe dar uma flor. Ela achava que ele ia pedi-la em namoro. E exatamente por esse motivo que ela iria aprender a beijar no travesseiro, para quando ele a beijasse, não fizesse nada errado. Eu não frequentava a escola como

ela, então fiquei curiosa em saber como seria beijar o travesseiro, pois eu não queria fazer feio quando chegasse a minha vez. Por esse motivo resolvi praticar também.

— Isso não está dando certo — resmunguei depois de algum tempo de prática. — Não acho que beijar o travesseiro vai me ajudar a beijar um garoto.

— Já sei. Vamos usar nossas mãos. — Olhei para ela sem entender, aquela situação estava ficando cada vez mais ridícula. — Assim, coloque uma mão na frente do rosto e a beije. — disse simplesmente, fazendo o que dizia.

Olhei para minha mão que não tinha nada em comparação com garoto bonito e voltei meu olhar para Lourdes como se ela estivesse louca. Bem, não duvido que não estivesse. Se bem que eu era mais louca ainda de estar ouvindo as dicas dela.

— Agora apenas coloque seus lábios na sua mão. — Eu fiz mesmo que me sentisse meio idiota. — Agora abra um pouco a boca e use um pouco a língua. — Novamente segui suas ordens, mas depois desatei a rir quando me visualizei beijando minha mão.

Meus Deus! Isso era bizarro!

— Lourdes Maria, isso é ridículo! Como se não bastasse saber que estou treinando em minha própria mão, é você quem está me ensinando a beijar, sendo que você nem ao menos sabe pra onde ir. Pois você nesse quesito é tão experiente quanto eu. — Paro para pensar um pouco. — Se bem que eu pelo menos já toquei os lábios de um garoto, coisa que você nunca fez. Isso porque eu não vou para escola, imagine se fosse? Com certeza já teria um namorado. — Sorri presunçosa.

— Aquele beijo que você deu em Théo não conta. — Rapidamente se defendeu. — Ok, então o que você pretende fazer para aprender? Arranjar alguém pra beijar por acaso? — perguntou rindo, mal sabendo ela que era a melhor coisa a se fazer.

— É exatamente isso que farei — afirmo com um sorriso perigoso nos lábios.

— Deus! Por que eu acho que isso não vai dar certo? — ela perguntou e eu não respondi.

Na verdade ia dar certo até demais...



No dia seguinte, Théo foi me visitar como de costume. Eu havia passado a noite toda pensando em como pediria isso a ele. Aí quando ele chegou fui arrastando-o até meu quarto. Assim que fechei a porta e a tranquei comecei a ficar nervosa com o que eu iria lhe pedir.

— O que foi, Stephanne? Não vai me dizer que ligou para o exército ordenando que o país entrasse em estado de sítio novamente — falou preocupado.

— Não, claro que não! — Revirei os olhos.

— Graças a Deus! Achei que seu pai fosse enfartar quando viu aqueles tanques de guerra se posicionarem aqui em frente, para proteger o Castelo contra as ameaças de guerra inexistentes — ele lembrou, nos fazendo rir.

— Confesse, isso foi engraçado. — Gargalhei lembrando-me da cena.

— Foi por cinco minutos. Porque depois as coisas ficaram realmente feias — confessou. — Mas fala logo o que houve então, sua louca. — disse jogando-se de vez na minha cama.

Isso aí, vamos lá!

— Eu preciso que você me ensine a beijar. — pedi logo

de uma vez só.

— O que? — ele grita como se eu tivesse dito alguma sandice.

— Exatamente isso que você ouviu, idiota. Eu quero aprender a beijar e quero que você me ensine a fazer isso. — Dou de ombros e Théo me olha como se eu fosse louca. Talvez eu seja.

Mas minha loucura é por uma causa boa e nobre, não é mesmo?

— Stephanie, você está completamente louca! Eu não vou beijar você! — Deu um sobressalto na cama.

— Por que não? Não é como se sua boca já não tivesse encontrado a minha. — digo cruzando os braços, irritada.

Théo acompanha o movimento com o olhar. Sei o que ele estava olhando: meus seios. Apesar de ainda ter só dez anos, eu já tenho mais seios do que Lourdes e de vez em quando pego Théo vidrado neles. Sei que os meninos têm uma coisa com os seios das garotas.

Ele tem que me ajudar! Ele me deve isso!

— É diferente... O que fizemos não foi nada demais na época. — desconversou e eu sabia exatamente como fazê-

lo mudar de ideia.

Eu sei que Théo quer. Dá para sentir isso. Apesar de nossas brigas constantes, sempre pego seus olhares furtivos para mim. Muitas vezes eu sinto o clima “meio” que esquentar. É como se o tempo ficasse abafado ao nosso redor. Não consigo entender por que ele causa certas emoções em mim, me fazendo sentir coisas que eu só escuto falarem nos filmes românticos que vejo na TV.

Théo é um menino lindo, magro e alto para sua idade. Seu olhar às vezes parece me queimar e seu sorriso com covinhas me deixa muitas vezes sem ar. Lourdes diz que na escola todas as meninas suspiram por ele, pelo seu irmão e por um amigo dele. Então ninguém melhor para me ensinar, do que o garoto mais popular da escola, não é?

Uma coisa sobre Théo: ele é muito possessivo com as coisas e principalmente quando se trata de mim. Então sei exatamente o que fazer para que ele faça exatamente o que quero.

— Tudo bem. Já que você não quer, terei que pedir para outro. Vou ver se peço para Lourdes chamar seu irmão

Yan para vir ao castelo. Ele tem a idade dela, mas soube que nem virgem ele é mais — menti, pois eu não fazia ideia do que isso significava, mas vi essa expressão em um filme e decidi usá-la. — Tenho certeza de que ele não vai se importar em me ensinar. Muito pelo contrário. — provooco, antes de ir em direção à porta.

1, 2, 3 e...

— Droga! — ele rosna antes de me puxar e cobrir minha boca com a dele.

Oh. Meu. Deus. Theodore Caravaggio, o menino que me faz sentir sensações esquisitas, está me beijando!

Seus lábios são extremamente macios e saborosos. Sua boca está ligeiramente aberta e tem um gosto gostoso do chiclete de menta que ele mascava há instantes. O beijo é bom. Na verdade é muito melhor do que pensei.

Travesseiros e mãos são para idiotas! Conhecimento prático é a melhor coisa que existe!

E eu me vejo perdida em um choque de sensações com seus lábios tomando os meus, em conjunto com suas mãos em meu corpo. Sua língua entra de forma cautelosa dentro da minha boca e eu imito o movimento. De alguma forma,

ele a pega com a própria língua e meio que começa a chupá-la. Parece que estamos nos devorando. Mas quem se importa?

Merda! Isso é bom! Por que nunca fizemos isso antes?

Meu corpo parece ter vida própria, pois logo seguro sua nuca. Meu corpo exigindo, se aproximando, querendo mais disso e mais do que não sei.



Estávamos deitados em minha cama, ainda nos beijando depois de não sei quanto tempo. Théo tem uma mão em meu cabelo e a outra em minha cintura. Estou em cima dele, porque depois de um tempo ficar em pé nos beijando pareceu uma coisa ridícula, quando temos uma cama tão confortável para continuarmos praticando. Seu celular faz um toque engraçado em algum lugar do quarto e eu interrompo o beijo procurando o aparelho ao redor. Théo continua beijando a pele do meu pescoço, fazendo com que um som estranho saía da minha garganta.

— Que som é esse? — perguntei com uma voz que mais

parecia um gemido.

— Meu despertador. — murmura dando outro beijo em meu pescoço, antes de paralisar. — Merda! — xinga, antes de em um rápido movimento inverter nossas posições e de repente ele não está mais em cima de mim.

— O que houve? — perguntei assustada por ele estar procurando seu celular, que parece ter se perdido aqui dentro.

Como aconteceu isso? Ninguém sabe!

— Preciso ir. Marquei de encontrar com Igor e algumas pessoas da nossa turma no cinema — explicou e no instante seguinte ele achou o aparelho.

Quando eu entendi o que ele queria dizer, uma coisa ainda mais estranha se mexeu dentro de mim, deixando um gosto amargo em minha boca. Eu não queria que ele fosse. Não queria que ele encontrasse com seus colegas. Eu não estaria lá. Provavelmente lá teriam garotas e eu não quero que ele saia com outras garotas. Isso é ridículo da minha parte, porque ele estava apenas me ensinando a beijar. Eu não sou sua namorada. Não quero ser sua namorada, né?

— Ok — respondi mal-humorada e fui passando por ele,

indo em direção ao banheiro.

— Ei. — Puxou-me pelo cotovelo. — Eu não queria ir, preferia ficar aqui. — disse parecendo conhecedor do que eu sentia e deu-me aquele sorriso torto que me amoleceu. — Se você quiser, eu não vou. — garantiu.

Pensei por um momento em lhe pedir para ficar, porque eu realmente preferia que ele ficasse. Mas lhe pedir isso era o mesmo que confessar que sentia coisas por ele que ainda não sabia explicar o que eram. E nem sei se realmente queria entender.

— Não. Pode ir. Eu nem tinha visto o tempo passar de qualquer maneira. Tenho aula de espanhol daqui a pouco. — menti.

— Sua aula de espanhol não era às quintas? — perguntou confuso.

— Er... Sim. Mas a professora quer que eu faça umas atividades extras. — continuei mentindo e tentei andar novamente, mas ele me puxou para ele.

— Tudo bem. Eu vou, mas amanhã eu volto. Temos muito que praticar. Você sabe, né? A prática leva à perfeição. — Sorriu safado, antes de tomar minha boca

com a sua mais uma vez, de forma tão arrebatadora, que mesmo após ele sair ainda fiquei vários minutos parada, completamente abalada pelo que ele me despertou.



Há dois anos Théo e eu estamos juntos. Nossas brincadeiras de crianças deram lugar a outras brincadeiras nada inocentes. Não sei nomear o que sinto por ele, mas sei que é diferente de qualquer coisa que já senti. Théo, no entanto está sempre demonstrando o quanto gosta de estar comigo. E eu gosto realmente disso. Nós nunca nomeamos o que temos, por uma escolha exclusivamente minha. Nunca gostei de rótulos. Não me importo em viver sem pensar no depois. Eu definitivamente não gosto de previsibilidade. Gosto sim é de ser diferente.

Afinal, eu não apenas me sinto assim, mas eu sou diferente.

Hoje o dia parece meio estranho. O tempo está ruim e o clima ao redor do castelo parece tão ruim quanto o céu lá fora. A movimentação aqui dentro está alta. O entra e

sai está grande hoje. Diversos homens da guarda real campaviana, do exército e os que eu sei que fazem parte do serviço secreto da Campavia, estão em reunião com meu pai há horas. Meu pai está estressado. Perguntei à Têta o que estava acontecendo e ela parecia tão nervosa, que derrubou os pratos que estavam em sua mão. Estava ficando apreensiva com a reação de todos.

O que será que está acontecendo, afinal?

Théo não veio me visitar hoje, apesar de ter visto seu pai entrando apressado no escritório de meu pai mais cedo. Era estranho. Ele vinha quase todos os dias e hoje ele havia dito que traria alguns filmes para assistirmos, mas nós sabíamos que era apenas uma desculpa para darmos uns amassos na sala de cinema.

Na hora que pensei em ligar para Théo, Têta chegou chorosa ao meu quarto, dizendo que meu pai estava me esperando para conversar no escritório. Chegando lá, o encontrei pensativo, parecendo estar cansado, com a aparência derrotada, como eu jamais havia visto antes. Perguntei-me rapidamente se eu havia feito algo de muito errado, mas eu não tenho aprontado muito nos últimos

tempos. Digamos que tenho ficado muito bem entretida com Théo.

— Mandou me chamar? — perguntei, tentando aparentar indiferença.

Meu pai levantou a cabeça e se eu havia achado que ele parecia cansado, agora seu semblante mostrava que ele não parecia nada bem, parecia triste. Se eu não o conhecesse, diria até que esteve chorando.

— Sente-se, Stephanne. — ordenou e eu rapidamente obedeci.

— Aconteceu alguma coisa? — Não consegui me conter e perguntei.

— Resolvi atender seu pedido, você irá para escola. — falou.

— Jura? — perguntei sem conseguir acreditar, tamanha era a felicidade que eu sentia.

Há anos eu quero e praticamente imploro para meu pai para ir à escola. Eu quero ir além dos muros deste Castelo. Quero conhecer gente nova. Fazer amizades. Tudo que eu não posso fazer estando presa aqui. Agora finalmente vou fazer. Nem acredito. Mal podia esperar

para isso.

— Sim. — Suspirou antes de continuar: — Henriquetta te ajudará a fazer suas malas. Você irá para um internato na Suíça. — falou simplesmente.

— O que? — gritei.

— Você irá para uma escola, um internato na Suíça. — explicou novamente, mas eu senti que ele estava por um fio.

Ele só pode estar brincando, não é?

— Eu não quero ir para um internato e ainda por cima na Suíça! Quero ir para uma escola normal. Como Lourdes. Não quero ir embora e ficar sem Henriquetta e Lourdes. — E *Théo*... Pensei, mas não disse.

— Bom, isso não é possível. Você não tem escolha. Amanhã a essa hora você estará em sua nova escola e isso não está em discussão.

Mil e uma coisas se passaram pela minha cabeça. Eu não queria ir para um internato. Não queria sair de uma prisão para ir para outra, que deveria ser ainda pior. Eu queria gritar e me rebelar, dizer que não iria nem morta, mas eu não consegui. Algo me impediu de fazer isso.

Apenas assenti com a cabeça e saí dali sem dizer uma só palavra.

Eu sentiria falta de tudo e de todos, mas o que mais me incomodava é que eu sentiria falta dele. Sentiria saudade de Théo. Eu não queria ficar longe dele. Apenas a idealização do que iria acontecer quando estivesse longe parecia me sufocar. Pensei em ligar para ele, dizer o que estava acontecendo, mas não consegui.

Desde que saí do escritório de meu pai estava agindo de modo automático. Sem saber o que fazer e o que pensar. Enquanto arrumava minhas malas com uma Henriquetta e uma Lourdes chorosa, a única coisa que eu pensava era que estava arrumando minha mala para o meu infortúnio. Minha nova prisão. À noite Théo me ligou, mas eu não quis atender.

Na manhã seguinte, depois de uma noite sem conseguir pregar os olhos, coloquei uma roupa e desci para tomar café. Após o café da manhã, minhas malas já estavam no carro e todos os empregados se reuniram em frente à porta de entrada para minha despedida. Cumprimentei a todos que me reverenciaram, abracei Henriquetta que chorava

de soluçar e Lourdes, que chorando me fez prometer que ligaria e lhe escreveria cartas. Eu não quis me despedir de meu pai, afinal era ele quem estava obrigando-me a fazer isso, e ele pareceu respeitar minha decisão pois não veio até mim e com isso segui em direção ao carro que já me aguardava.

Olhei para o Castelo Bellini uma última vez e segurando a dor que eu sentia, respirei fundo e entrei no carro, que logo deu partida. Nos portões de entrada da propriedade, vi quando o carro da família Caravaggio se aproximou. Eu sabia que era Théo quem estava ali dentro. Não apenas porque sabia que ele viria nesse horário, mas porque eu senti que era ele. Pensei em mandar que parassem o carro para poder despedir-me, mas desisti. Eu não conseguiria seguir se parasse para falar com ele.

Limpando as lágrimas que escorriam em meu rosto, forcei-me a olhar para frente, dizendo-me que a partir desse momento eu seria uma nova *Stephanne* e que teria uma nova vida. Nela eu seria feliz como se não houvesse amanhã. E nunca, jamais, em hipótese alguma me apaixonaria. Eu esqueceria tudo que ficou para trás.

Fechei os olhos e foi com essas promessas que segui, mesmo que no fundo soubesse que uma parte de mim havia ficado para trás. *Com Théo.*

Capítulo 1

Steph

Ressaca. Esse era o estado atual que me definia. Não vou começar mentindo, sejamos sinceros, não lembro-me muito bem qual foi a última vez em que estive sem ressaca. Na verdade, esse era o estado em que eu fiquei quase que diariamente nos últimos quatro anos, desde que eu fui morar nos Estados Unidos e fiquei longe do ‘manto sagrado’ da minha família.

Quatro anos de farras. Quatro deliciosos anos bem aproveitados. Nos quatro anos em que fiquei fora, realmente apronteí tudo e mais um pouco.

Entendam, eu vim de um país pequeno tradicional, em que eu não podia fazer muita coisa e qualquer suspiro que desse fora de hora, todos saberiam, quanto mais um pouquinho de curtição. Então o que esperavam de uma menina de dezoito anos chegando à América? Eu não esperaria muita coisa, porque lógico que eu aproveitei, e

muito! Lamento quem esperou demais ou de menos sobre mim. Sou loira, mas não sou burra e nem louca, mas algumas pessoas discordam disso.

Meu pai teve vários chiquetes e em diversas ocasiões ao longo dos anos. Só porque fui parar no hospital em coma alcoólico algumas vezes, ou fui presa por algum policial idiota. Às vezes eu achava que meu velho teria um ataque cardíaco, coitado. Não sei por que ele se incomodava com coisas bobas. Era uma besteira, né? Mas não, ele dizia que não podia arriscar-me, pois a mídia poderia cair em cima da minha história. Com isso eu dava algum trabalhinho para o seu chefe de segurança e para o chefe de marketing, que abafavam certas notícias que poderiam ser inconvenientes. Eles não recebem para isso, afinal?

Mas isso era normal, não? Há mais de um bilhão de habitantes jovens na Terra, certo? Me diz, qual jovem com menos de vinte e dois anos, não aprontou? Qual jovem nunca tomou glicose ou ficou em coma alcoólico um dia? Ou foi preso injustamente? Ou bateu o carro? Ou teve uma briga por ter pegado o namorado de alguém sem querer?

Ou tudo junto e misturado? Jovens normais fazem isso, claro! Mas a resposta de meu pai é sempre a mesma e parece quase gravada quando berra ao telefone:

— Você tem que entender que não é como qualquer jovem normal. Você não tem um pinga de juízo, Stephanie! Você tem que parar de ser irresponsável! Nunca vi nenhuma Princesa aprontar um terço do que você apronta!

Bem, meus amigos, isso não foi um pensamento ilusório da minha cabecinha loira, é exatamente isso que vocês leram. Eu sou Stephanie Alessandra Valentino Lorenzon Bellini di Montalcino, Princesa e única herdeira de um pequeno, mas rico e lindo país Europeu, a Campavia.

Foi lá na Campavia que eu vivi até os meus doze anos, trancafiada no castelo. Soa quase como Rapunzel, né? Mas não se preocupem, não sou tão dramática, eu não vivia necessariamente trancafiada em uma torre, eu apenas fui criada como uma boneca de porcelana. Talvez possam achar que eu sou uma Princesa dessas chatas de conto de fadas. Se estão esperando uma Princesa doce, que sonha

com seu Príncipe encantado e tem medo da Bruxa malvada, sinto desapontá-los, porque a minha semelhança com elas é exclusivamente a coroa e meu maior medo é de quebrar minhas unhas.

Senta aí um pouquinho que vou contar minha história. Minha mãe morreu cedo, ainda na flor da idade e eu tinha menos de um ano de idade. Não me lembro dela realmente, apenas sei como ela se parece, pelas fotos e pelo o que as pessoas me dizem sobre ela. Meu pai é um cara incrível, mas é Rei, então nunca teve muito tempo por causa das suas obrigações reais, mas sempre que sobrava, aproveitávamos muito, então não o culpo. Fui criada com todos os zelos e educada em um Castelo com todos os mimos e regalias possíveis e impossíveis que uma Princesa como eu poderia ter. Aos doze, depois de ter tido aulas particulares durante a infância, fui estudar no melhor colégio interno da Suíça, onde posso dizer que comecei a “conhecer o lado bom da vida”.

É, digamos que o colégio interno foi realmente ótimo!

Continuando... Quando completei dezoito anos pude “bater asas” e fazer o que eu quisesse, foi quando decidi

fazer faculdade em Nova Iorque. Eu queria me distanciar de tudo e viver em um país que não soubessem quem minha família ou eu éramos exatamente. Eu não sou lá muito culta, mas tão clichê quanto parece, tenho como livro de cabeceira “A Princesinha” e lá sempre encontro certas respostas da vida, como a que eu mantive em minha cabeça como lema todos esses anos: *“Seria fácil ser Princesa se eu estivesse vestida com tecido de fios de ouro, mas há um triunfo muito maior em ser Princesa o tempo todo, sem ninguém saber.”*

Era exatamente isso que eu queria. Como dizia a “falecida” personagem Hanna Montanna: Tinha o melhor dos “dois” mundos. Fora minha popularidade na faculdade, vivia quase em um anonimato. Lá eu era Stephanie Valentino, filha de um empresário bilionário europeu, apenas. Nada de Princesa. Nada de realeza. Apenas eu, por mim mesma. No início meu pai foi totalmente contra a minha ideia de que eu fosse para América, bem como a ideia de “fingir” ser outra pessoa, mas como sempre consegui convencê-lo do quanto aquela seria uma experiência boa e enriquecedora.

Nossa Senhora! Se foi!

Enriqueci muito meus conceitos de como aproveitar a vida e principalmente com homens. Sim. Sim. Posso ter exagerado só um pouquinho, ter sido uma vadia de vez em quando, mas não dizem tanto que temos que aproveitar a época da Universidade? Então. Levei tudo que me ensinaram ao pé da letra. Foi exatamente isso que eu fiz. Aproveitei e me diverti bastante.

Não sei exatamente por que reclamam, só porque fiz minha “lição” direitinho? Poupem-me!

Pelo menos eu terei histórias mais do que interessantes para contar para os meus futuros netos. Eles me agradecerão. Pois ao ouvirem falar das minhas histórias, eles com certeza não morrerão de tédio. Muito pelo contrário.

Quando me matriculei na Universidade, eu não tinha ideia do que fazer. Em que uma Princesa herdeira poderia se formar? Para mim o que importava era ficar longe do meu mundo e de toda a pressão que exerceriam sobre mim estando perto dos meus. A única coisa que me deu na telha de fazer, que foi por sugestão de um dos assistentes chatos

de meu pai, foi Relações Internacionais. No fim até consegui me formar. E sendo honesta comigo mesma, sinceramente não sei como consegui essa proeza, pois o horário em que eu chegava em casa das farras, era quase o horário em que começavam as aulas. Então eu era praticamente uma turista em minhas próprias aulas. Talvez ter conseguido ir até o final seja porque cheguei a dormir com três ou quatro, ou sei lá, cinco professores. Que meu pai nunca descubra, claro. Mas enfim, agora eu estava voltando para casa.

Nossa! “Casa” para mim é uma palavra forte, porque desde que fui para a América que eu praticamente não voltei para Campavia. Não por falta de vontade de meu pai, o Rei Edward, que queria que eu voltasse para casa desde que me meti na primeira confusão, mas sim por vontade própria. Eu vinha em épocas festivas de final de ano, porque também não podia ser tão fria e fingir que não tenho família. Sem contar que eu amava muito meu pai e realmente sentia sua falta. Eu amo morar nos Estados Unidos. Quer dizer, amava. Pois agora, pela primeira vez na minha vida inteirinha, eu estava sendo obrigada a fazer

algo que eu não queria e estou voltando para casa. Sim. Fui completamente coagida, ou melhor dizendo, forçada mesmo, a voltar para casa.

Eu nem acreditei quando meu pai me falou que se eu não voltasse para casa, eu teria minha mesada e cartões de crédito cortados. E que se não fizesse isso, também teria que literalmente trabalhar para me sustentar.

Trabalhar? Jamais! Meu pai só pode estar ficando senil, gagá!

Um absurdo. Essa palavra não existia em meu dicionário. Entendam uma coisa, obviamente meu pai é da família real. Minha mãe era uma mulher de família rica e pertencia a nobreza campaviana. O casamento deles não houve nada dessas baboseiras de misturas de classes sociais, tipo Katy Middleton, sabe? Então obviamente tenho sangue azul, azul por todos os lados. Eu nasci uma Princesa e no mínimo como Princesa ou Rainha eu iria morrer. Sem cogitação que eu iria me sujeitar a trabalhar como plebeia, para tentar me sustentar com um salário que não paga nem um par de *Louboutin*!

Trabalho e “euzinha” aqui são duas coisas que

definitivamente não ornam. A verdade é que eu prefiro acreditar que eu nasci para dar trabalho. Era isso então, eu tinha que voltar para casa. Ou isso, ou eu seria a próxima na fila dos ‘deficientes da moda’, comprando roupas em brechó com peças da última estação. Estremeci só de pensar. Então como não sou tão louca ao ponto de me permitir passar por essa provação, não me restava muita coisa a fazer, a não ser acatar as ordens do meu pai, e encarar meu triste destino. Fazer o que? Meu pai queria que eu viesse assumir meu lugar, então era exatamente isso que eu faria.

Adeus “melhor dos dois mundos”! Seria agora a Princesa Stephanie Montalcino.

Agora estava há mais de duas mil milhas de altura e para completar estava com uma ressaca épica. Minha cabeça doeu. Eu deveria ter pego pelo menos um remédio para ressaca antes de vir. Mas como eu pensaria em alguma coisa, sendo que, quando cheguei em casa após minha despedida de Nova Iorque, já eram cinco da manhã e o piloto estava a minha espera? Tudo bem que eu deveria ter ido para casa mais cedo, mas beber mais uma

garrafa de Tequila me pareceu uma boa ideia. Afinal, estava me despedindo de Nova Iorque. Suspirei de tristeza apenas de pensar.

Merda! Vou sentir saudades de Nova Iorque.

— Princesa Stephanie, desculpe incomodar. — Levantei meu tapa olho e olhei a aeromoça do jato real que acabou de me tirar dos meus pensamentos e pela forma que eu olhei para ela, parecia um pouco desconsertada com a interrupção. — Desculpe. Mas o Comandante pediu para informar a Sua Alteza Real, que estamos chegando. — avisou e eu assenti a dispensando.

Respirei fundo e abri a janela ao meu lado. Lá em baixo já era possível ver meu pequeno país. Uma coisa eu realmente não podia negar, a Campavia, apesar de pequena, era um dos países mais bonitos que eu conheci. Olhando daqui de cima, mesmo que ainda estivesse parecendo uma miniatura, tudo parecia exatamente do mesmo jeito. Os belos vinhedos. As imensas propriedades das famílias nobres. O centro empresarial movimentado. As escolas. A Universidade de Campavia. A natureza, ainda pura ao redor da cidade. E lá no fundo, perto do

mar, o Castelo Bellini. A Casa Real dos Bellini di Montalcino.

— Hello, Campavia. Sua Princesa está de volta!

Capítulo 2

Steph

Voltar para Campavia estava sendo mais difícil do que eu pensei. Depois de pousar, ainda fiquei um minuto sentada, tentando assimilar que depois que eu pusesse meus pés para fora desse jatinho, minha vida iria realmente mudar. Não vou mentir que estava um pouco assustada, mas eu nunca me deixei intimidar por nada e não seria uma mudança em minha vida que me faria ser diferente.

Respirei fundo e levantei decidida. A minha chegada não foi noticiada, o que agradeço ao meu pai, porque ser fotografada de ressaca seria o fim. Segundo ele disse, ele quer me apresentar formalmente para a população campaviana e por isso fará um tradicional Baile de Gala, que marcará minha maioridade e com ela minha coroação. Não que eu esteja muito entusiasmada quanto a isso, mas assim será.

Respirei fundo novamente, cabeça erguida, nariz empinado. Eu estava usando um sobretudo preto da *Chanel* que refletia meu luto interior. Óculos escuros *Dior*, Bolsa *Prada* e sapatos *Jimmy Choo*, completavam meu visual e assim desci do jato real, com toda minha opulência fashion, onde a segurança real me recebeu.

Não demoramos muito a chegar, afinal, Campavia é um ovo e o caminho do aeroporto para o Castelo é relativamente curto. Quando os portões da propriedade Real se abriram, foi impossível não abrir um sorriso com a visão que eu tinha. O Castelo Bellini, era um castelo simplesmente fantástico, que faria a Cinderela ou qualquer outra Princesa dos contos de fadas da *Disney* chorar de inveja. Sabe o castelo de Hogwarts? É pequenininho ao lado dele. Um lago e um jardim extenso na sua entrada, uma enorme piscina no fundo, floresta ao redor e uma praia privativa no “quintal”, também fazem parte da propriedade.

O Castelo é composto de quatro torres nas extremidades e mais duas centrais. E o estilo Renascentista francês, combina as formas medievais

francesas tradicionais com as estruturas clássicas italianas. Ele foi construído em 1676 pelo fundador da Campavia, meu antepassado, o Rei Richard Bellini Campavia. O lugar era enorme, lindo, suntuoso e digno de uma Princesa como eu. E o melhor de tudo, era meu. Quando cheguei em frente ao castelo, fui recepcionada por todos os empregados e serviçais do palácio. Antigos e novos funcionários vieram reverenciar sua Princesa.

Sabe, eu até tinha me esquecido como era bom ser reverenciada quando chegava a algum lugar. Bom, acho que tenho que me acostumar com isso de novo.

Mas quem mais se destacou entre os funcionários, foi uma senhora gordinha chorosa. Não pude deixar de me emocionar quando fui ao encontro dela e a abracei com todo o carinho. Henriquetta é, sem dúvidas, o que eu tenho de mais próximo a uma figura de mãe. Além dela, eu só tinha tido minha falecida avó materna, Agnes Valentino, que morreu há mais de dez anos.

Henriquetta veio trabalhar no castelo como governanta, quando minha mãe ainda estava grávida de mim. Ela havia se separado de um marido problemático, que só vivia

bêbado e meu pai a acolheu com sua bebê recém-nascida e desde então elas moram aqui, sendo consideradas por nós como se fossem da família. Henriquetta me criou com todo carinho e atenção que eu deveria ter tido da minha mãe falecida, me adotou como sua própria filha e até minha “mãe de leite” ela foi.

Tudo bem que eu não sou lá um grande exemplo, mas se hoje eu não sou uma pessoa pior e totalmente sem prumo, é por causa dessa mulher. Então, você deve estar aí se perguntando: *Mas como se você é uma Princesa Problema?*

Sabe aquela história de termos um anjinho e um diabinho em nossos ombros nos dizendo o que fazer? Henriquetta sempre foi meu anjinho. Muitas vezes, eu estava prestes a fazer algo completamente “mais” irresponsável e pensava em como ela reagiria e isso me freava. Estão vendo? Eu tenho um lado racional de vez em quando, não sou um caso totalmente perdido. E mais do que isso, tenho um coração que é apaixonado por essa mulher que me criou com tanto amor e carinho. Eu realmente a amo.

— Como é bom ter você de volta, minha menina. — Henriquetta sussurrou chorosa e eu sorri, apertando-a ainda mais em um abraço.

— Eu também, minha Têta! — murmurei emocionada seu apelido, como comecei a chamá-la desde que me entendo por gente.

— Minha menina, não nos deixe mais. Este lugar fica tão vazio sem você. — Continuou chorando e eu sorri pelo seu carinho.

Ao meu lado estava Lourdes, a filha de Henriquetta. Acho que Lourdes é cerca de um ano mais velha do que eu e sempre fazíamos tudo juntas na infância. Ela inclusive foi para o colégio interno na Suíça comigo, onde dividíamos um quarto e posso dizer que ela é com toda certeza a única pessoa na minha vida que posso chamar de melhor amiga. Lou sabe de todos os meus segredos e indiscrições.

Lourdes é fisicamente o oposto a mim, morena, olhos castanhos esverdeados, cabelos na altura dos ombros e um pouco mais alta do que eu. Apesar de linda e seu jeito mais sério, as pessoas acabam se enganando, mas sempre

aprontamos de tudo e mais um pouco. Ela é o que eu costumava chamar de “minha parceira do crime”, até decidir voltar para cá e cursar a Universidade da Campavia, ao invés de ir comigo para Nova Iorque, coisa que não me agradou muito.

Mas bem, hoje em dia ela diz ter mudado e depois de formada tornou-se Assistente Pessoal da Família Real. Tudo que precisávamos, pedíamos a Lourdes que ela providenciava para a gente. Então imagina-se que eu peço socorro para ela quase sempre, né? E ela é mais um dos poucos motivos que me deixam feliz de estar de volta.

— Seja bem vinda, Princesa. — Lourdes tentou agir profissionalmente e eu levantei uma sobrancelha para ela.

— Corta essa, Lou. Apesar de adorar ser paparicada por todos, nós arrancávamos a cabeça das minhas bonecas juntas. Dividíamos o chuveiro na Suíça. Então sem essa ou então vou lhe chamar de Lourdes Maria e sei que você odeia. — eu disse, a puxando para um abraço e ela riu, retribuindo.

Depois dos cumprimentos, Henriquetta me levou para um lanche, que tinha todas as coisas que eu mais amava e

só ela fazia tão gostoso. Sou ré confessa e comi uns três pedaços da torta de frutas vermelhas com chocolate, que era minha favorita. Enquanto eu colocava os assuntos em dia, Lou me informou que meu pai estava em uma reunião e pediu desculpas por não me receber, mas que jantaria comigo.

Então depois de estar de barriga cheia, pude ir direto para o meu antigo quarto. Meu quarto quase chegava a ser do tamanho de todo o meu apartamento em Nova Iorque de tão grande que era. As paredes eram cobertas por um papel de parede cor de rosa com dourado. Uma cama grande de dossel ficava no centro, onde havia na parede no fundo, uma pintura que era a réplica do nosso próprio Castelo. Em frente à cama, haviam duas poltronas estofadas de seda rosa, uma lareira e em cima um painel de madeira, onde ficava uma enorme televisão de última geração. A varanda com vista parcial para a piscina e para o mar ficava de um lado. Do outro lado, ficava a porta que levava ao closet e ao banheiro, que eram tão grandes quanto o quarto.

Sabe o que é se sentir uma criança novamente? Você se

sentir realmente no seu lugar? Eu podia dizer que não queria voltar a morar na Campavia, mas não podia negar que era assim que eu me sentia no meu quarto. Mesmo depois de quatro anos longe, tudo estava exatamente como era e como deveria ser.

A última vez que chorei, foi quando eu realmente entendi o que significava a morte de minha mãe, mas eu juro que me deu vontade de chorar por estar ali. Acho que até choraria se eu ainda não estivesse com essa ressaca do caralho e cansada da longa viagem até ali. Por isso joguei-me na cama e simplesmente apaguei.



Eu estava no meio de um sonho bem pervertido e interessante com os caras da Banda do *One Direction*, quando fui acordada ao sentir um carinho em meu cabelo. Convenhamos quem não fica irritada quando alguém te acorda no melhor do sonho? Eu fico irritada com qualquer pessoa que me acorda e interrompa meu “sonho dos justos” e ainda mais sendo um sonho tão bom assim. Mas eu conhecia esse toque. Era mais do que o toque do Rei,

era o toque carinhoso do meu Pai.

Antes mesmo de abrir os olhos, não pude evitar de sorrir. E quando abri meus olhos, dei de cara com ele. Meu pai era um homem lindo e ainda por cima maravilhoso. Uma coisa que eu não poderia negar é que mesmo que tivesse sido sempre muito ocupado, ele sempre havia sido muito carinhoso comigo e um pai excelente. Eu realmente não tinha do que reclamar.

— Boa noite, meu amor. — me cumprimenta sorrindo.

— Boa noite, pai. — Falei e me joguei em seus braços, em um abraço apertado.

Acabamos caindo na cama com o abraço e começamos a rir, como fazíamos quando eu era criança. Mais uma vez a sensação de bem estar em poder estar em casa me envolveu e era nessas horas que eu me sentia realmente egoísta de ter ficado tão longe daqui.

— Desculpe não ter ido te receber. — ele disse, quando voltamos a nos sentar na cama.

— Imagina, pai. Você tinha suas obrigações a cumprir, eu entendo. — Sorri.

— Eu tinha tudo programado para estar com você.

Fiquei triste de ter que resolver um problema no Ministério, mas não podia deixar de ir. Você não sabe o quanto foi bom saber que você estava em casa. O quanto foi bom ver minha filha dormindo na sua cama. — Fez um carinho em meu rosto e eu realmente me emocionei.

Nossa! Voltar para casa estava me fazendo sentimental demais!

— Acredite, pai, também estou feliz de estar de volta — digo e ele sorri para mim.



Depois de um tempinho conversando, meu Pai me deu licença para que eu tomasse um banho e me trocasse para o jantar. Eu quase morri quando ele chegou mais perto e puxou a respiração, antes de perguntar se eu havia bebido e estava de ressaca. Como eu poderia negar alguma coisa, sendo que eu ainda estava meio embriagada da noite passada? Ele deve ter percebido minha hesitação, pois balançou a cabeça em claro sinal de desgosto e disse que me esperava lá em baixo.

Merda! Já começamos com o pé esquerdo!

Para tentar não piorar minha situação, tomei um banho rapidamente e vesti a roupa mais comportada que eu tinha. Convenhamos, isso foi bem difícil quando você tem praticamente roupas destinadas a irem à balada. Vesti uma calça jeans e uma blusa preta básica, não queria dar razão para meu pai reclamar dos meus vestidos curtos também.

Desci as belas escadas em forma de ferradura, cantarolando *Diva* da minha Diva Beyoncé. Quando chego à sala de jantar, que usamos normalmente para jantares diários, Henriquetta está orientando os empregados a servirem e arrumarem a mesa e meu pai parecia conversar com Lou, que não me parece nem um pouco contente.

Bem, lá vem.

Tentei fingir que estava tudo bem e que aquela cara fechada do meu pai não tinha nada a ver comigo.

— Boa noite, Têta. — murmurei beijando Henriquetta na bochecha.

— Boa noite, menina. — cumprimentou com seu sorriso sempre caloroso.

— Noite, Lou. — Me sento na cadeira, ao lado de meu pai, que como sempre estava sentado na cabeceira.

— Boa Noite, Princesa. — ela disse sem jeito.

— Lou, eu já disse que não aceito esse tipo de tratamento de você. Eu já te vi nua, então chega desse tipo de coisa. — falei rindo, fazendo-a ficar ainda mais vermelha.

— Stephanie, olha os modos. Isso não é jeito de falar com Lourdes. Sei que são amigas desde pequenas, mas não pega bem uma moça de família falar esse tipo de coisa para outra. — ralhou meu pai e eu revirei os olhos.

Moça? Faz-me rir! Se ele soubesse o que eu e Lou aprontamos na Suíça, não diria isso!

— Tudo bem, pai. Eu apenas não gosto quando Lou se refere a mim como se ela fosse uma qualquer em minha vida. Ela pode trabalhar para você agora, mais ainda é minha amiga. — me expliquei.

— Eu sei, Stephanie. — concordou com um aceno. — Mas você tem que aprender a controlar mais o que você fala na frente de outras pessoas.

— Controlar? — perguntei com a sobrancelha erguida.

Pedir para controlar minha língua era quase uma ofensa! Acho que eu morreria engasgada!

— Claro que sim. Eu entendo que eu fui um pouco permissivo te deixando fazer tudo que quisesse sempre, mas isso vai mudar agora.

Olhei para ele sem entender muito bem aonde ele queria chegar com essa história, mas ele se calou. Em seguida convidou Henriquetta e Lourdes a se sentarem à mesa conosco, porque elas sempre faziam a refeição com a gente e eu nunca vi problemas com isso, muito pelo contrário. Fora o fato de eu adorá-las como se fossem da minha família, ter uma mesa tão grande e com tanta fartura apenas para mim e meu pai era um pouco triste.



Durante o jantar, eu tentei voltar ao assunto com meu pai, mas ele apenas desconversava. Eu sabia que com a minha volta muitas coisas iriam mudar, mas a forma como ele não apenas falou, mas também me olhou, me fez sentir que há muito mais nisso do que eu posso ou quero imaginar.

Depois da sobremesa, fomos para sala de televisão que ficava ao lado do seu escritório. Isso por si só já me fez

pensar que ele iria conversar serio comigo. E eu não sabia se estava preparada para isso. E quando o jornal da TV local terminou de passar as notícias, ele se virou para mim e eu sabia que era a hora.

— Stephanie, eu gostaria de conversar com você — ele disse sério.

— Não vai me dizer que tem uma namorada. — Tentei brincar para quebrar o clima e ele não se conteve e riu.

Olha, eu sei que as pessoas pensam e com razão, que sou ciumenta, egoísta e por aí vai os singelos adjetivos com a minha pobre pessoa. Mas por mais que eu saiba que vou sentir uma pontinha de ciúmes quando isso acontecer, porque eu praticamente sempre fui a única mulher em sua vida, eu sempre achei que meu pai deveria arranjar uma outra mulher.

Nada mais justo. Minha mãe morreu há mais de vinte anos. Que eu saiba meu pai nunca teve uma namorada sequer desde então. Tudo bem que eu não sou ingênua de pensar que ele tenha se mantido celibatário desde lá, porque se para mim é quase impossível ficar alguns dias sequer sem sexo, imagine ele que é homem. Mas enfim, se

ele teve algum caso desde então, não deve ter passado disso porque ninguém nunca soube de nada.

Alguém tão bom como meu pai, não merecia ficar sozinho. Por mais que eu admita que ele precisa de alguém, também não acho que meu pai tenha que pegar qualquer uma, porque eu sei que meu pai além de ter a posição de Rei, é um homem maravilhoso e não merece qualquer mulher menos do que isso. E eu mais do que ninguém imagino a quantidade de golpistas que deve ter por aí, interessadas apenas na coroa e no título dele.

— Não, Steph. Já tenho uma que me dá trabalho demais. — afirma com um olhar que eu sei que está falando de mim.

— Caro, Rei Edward, não precisa se preocupar comigo. Pode tratar de arranjar uma namorada e tirar esse seu atraso. Tenho certeza que depois disso você vai relaxar e perceber que eu sou o menor dos seus problemas — eu digo.

— Stephanie Alessandra! — murmurou incrédulo e eu dou de ombros, quando ele cai na gargalhada.

— Ah, fala sério, pai! Você sabe que estou falando a

verdade. — me explico e ele nega com a cabeça ainda rindo.

— Meu Deus, menina! Eu deveria lavar sua boca com sabão por falar uma coisa dessas. — ele diz voltando a rir.

— Pai. Sério mesmo. Sexo é algo relaxante — termino de falar e percebo que falei demais.

— O que você quer dizer com isso? Quer dizer que...
— gagueja chocado.

Oh Meu Jesus! Eu só disse para meu pai que sua princesinha sai transando por aí!

— Pai... — tento começar a falar.

— Não, Stephanie. Eu não quero ouvir isso — ele diz fechando os olhos. — Provavelmente por isso que você anda relaxada demais — murmura irritado.

Eu juro que eu tentei segurar. Juro mesmo. Porque você ouvir de seu pai que você anda ‘transando’ muito, é algo tão surreal e engraçado, que nem Freud explica. Resultado: Acabei me jogando no chão de tanto rir.

Quando me dei conta, estava no chão e meu pai também ria com a minha reação. Foi aí que comecei a rir mais

ainda. Quando finalmente paramos, ele me abraçou e me deu um beijo na testa.

— Sabe, não sei como você consegue se sair de uma conversa séria com um Rei. Ainda mais com um assunto desse nível. Não se conversa sobre esse tipo de coisa com um pai se você é do sexo feminino. Mas como sempre você me surpreende com seu jeito espontâneo de ser. — diz com um sorriso carinhoso.

— Eu só acho que isso é preconceito. Quer dizer que se eu fosse homem poderíamos conversar sobre isso? — pergunto chateada.

— Steph. Não é bem assim, só que não me sinto à vontade de falar sobre esses assuntos com você. — fala sem jeito.

— Pai, a única mulher que poderia conversar sobre sexo é Henriquetta. E convenhamos, Têta só teve um único parceiro e ele não é bem um exemplo. Então sem condições.

— Oh Deus! Você acha bonito ter vários, Stephanie? No meu tempo as mulheres se preservavam para o casamento. — Meu pai pula do sofá.

Oh merda!

— É disso que estou falando. — Apontou para mim. — Sabe, eu não entendo. Sempre dei tudo a você, sempre lhe fiz todas as vontades. E o problema está exatamente aí, não é? Acabei mimando você demais. Você tem vinte e dois anos, deveria ser uma mulher adulta, mas ainda insiste em agir como uma adolescente irresponsável. Quando vai criar juízo?

— Pai...

— Stephanie, você pediu para ir para Nova Iorque para estudar. Eu fingia que não sabia o que você fazia, mas eu era conhecedor de todos os seus passos e tapava meus olhos, esperando que você tivesse juízo. Você pensa que eu não sabia que você chegava quase todos os dias de manhã? Isso não é hora de voltar para casa, ainda mais em dias de aula. Você se deu conta de que você passou quase todas as noites na rua, sabe-se Deus com quem, só fazendo o que não deveria fazer enquanto estava lá?

— Eu não estava fazendo nada errado. Sempre tive juízo! — prontamente me defendi.

Meu pai suspira e seus olhos tão azuis quanto os meus,

se estreitam e tornaram-se quase ameaçadores quando olharam de volta para mim.

— Sério mesmo, Stephanie? Só me diga quantas vezes eu tive que mandar lhe tirarem da cadeia ou lhe resgatar de um hospital nos últimos quatro anos?

— Pai...

— Tive que mandar meus melhores advogados, pagar uma grana preta e ainda usar do meu título para poder livrar você da cadeia, mais vezes do que eu me permito contar. E quantos carros você bateu? E da vez que você tentou assediar o policial? — afirmou categórico.

Hum... O policial era realmente uma delícia...

— Tudo mal entendido!

Jesus! Será que ele não sabe que de vez em quando essas coisas podem acontecer?

— Aquela noite em que você foi parar no hospital por causa de um coma alcoólico e quando acordou descobriu que tinha se casado em Las Vegas. Tudo não passou de um mal entendido?

Merda! Ninguém vai me deixar esquecer isso?

Suspirei e tentei me lembrar rapidamente como foi que

tudo aconteceu. Mas mesmo depois de dois anos, as coisas naquela noite ainda são como um borrão em minha cabeça. E fora que ele não deveria reclamar, porque pelo menos casei com um astro do Rock. Também tenho que fazer uma observação: ele era muito gostosinho por sinal.

— Pai. Eu estava bêbada e devo ter achado engraçado casar naquela noite. Eu me excedi um pouco, o que é normal para minha idade. Quantas pessoas já não beberam e se casaram em Vegas? — tento me defender, em vão.

— Stephanie, quantas vezes eu tenho que dizer que você não é todo mundo? Seu divórcio me custou uma pequena bagatela de um milhão de dólares para ser anulado. Fora o que eu gastei para essa história não vazar para imprensa, porque você caiu na burrada de dizer que seu ‘marido’ astro do Rock, era Príncipe da Campavia.

— Eu sei, pai. Essas coisas acontecem com todo mundo — murmuro, fazendo bico.

— Nada disso aconteceu comigo ou qualquer pessoa da nobreza campaviana. Não creio que seja normal para ninguém. — Suspira pesadamente, parecendo mais velho.

Não disse nada, porque ele com certeza não gostaria de

ouvir o que eu tinha a dizer sobre isso.

— E quando a polícia apareceu no seu quarto na Holanda, porque você decidiu dar uma festa na cobertura do Hotel e acabou sendo presa por perturbar a paz pública e ainda por cima incitar publicamente a prática de crimes contra o Estado? Logo na Holanda onde não se contesta nem a maconha, nem ao casamento gay, nem a prostituição, aborto, não se contesta nada! É o país mais liberal do mundo! E ainda assim você foi indiciada! Quando eu soube disso, não quis nem saber os detalhes, porque não quero nem pensar no absurdo que deveria estar sua festinha — diz aborrecido.

Nossa! Nem me lembrava disso. Enfim... A Holanda Valeu a pena!

— E como você me explica, quando você resolveu ir para o Brasil participar da Marcha da Maconha?

— Eu estava lutando a favor da liberdade! — falo com orgulho.

— Nua? — meu pai gritou cada vez mais vermelho.

Oh merda! Esqueci-me desse detalhe. Mas isso não é um absurdo tão grande assim!

— Mais uma vez que tive que tirar a corda do seu pescoço. — Passa a mão na cabeça e suspira mais uma vez. — Às vezes me arrependo de não ter ouvido minha razão, ao invés de ter ouvido meu coração e ter deixado você ir para Nova Iorque. Você é a Princesa Herdeira da Campavia. Você um dia será Rainha!

— Ok. Pai. Você já me fez vir de volta para casa. Prometo que a partir de agora ficarei no Castelo e morrerei de tédio.

— Você não entende aonde quero chegar. Não quero que fique em casa. — Ele apontou. — Quero que crie juízo e que finalmente entenda que tem que crescer. Quero que você finalmente entenda que essa vida de farras não leva ninguém a lugar algum.

A mim leva... À felicidade e orgasmos incríveis!

— Você precisa entender que temos responsabilidades. Uma moça importante como você, uma Princesa, precisa de um bom marido, digno e de caráter, que lhe ajude a seguir a vida tanto como mulher, como futura Rainha.

Putá merda! Conversa sobre Marido? Meu pai enlouqueceu? Sem álcool não!

— Pai, prometo que vou me comportar, mas sem essa de marido! — peço irritada.

— Eu quero muito acreditar, Stephanie. Mas quantas vezes você já me prometeu isso? Você tem que crescer! Não vou te pressionar quanto ao Casamento agora, mas esse dia vai chegar, você vai encontrar o marido certo e espero que logo. Mas por enquanto, cresça! — berrou.

Enquanto eu não acho o certo, me divirto com os errados!

— Olha. Não vou me ater a esse assunto sobre marido agora...

— Nem deveria, porque nem namorado eu tenho e não quero ter tão cedo — corto-o e cruzo os braços, como se fosse uma birra e ele bufa.

— Stephanie Alessandra, já disse, as coisas vão mudar! Eu queria ter tido um jantar tranquilo, mas parece que tranquilidade e você são duas coisas que não se misturam. Sabe qual foi a ligação que recebi antes do jantar? Que simplesmente seu carro foi guinchado porque você o deixou em um local público e segundo soube, queria dirigir completamente bêbada para casa, mas o

policial que estava lhe multando teve pena de você e lhe colocou em um táxi.

Droga! Sabia que estava esquecendo de alguma coisa! Mas meu pai não precisa saber que não foi bem piedade que o Sr. Policial gatinho teve de mim...

— Mais uma vez estou limpando sua sujeira, Stephanie. Estou cansado disso e você está me fazendo ficar cada vez mais velho com isso. Você tem obrigações a cumprir de agora em diante. Vai assumir socialmente sua coroa. E receberá sua mesada, de acordo com o que você cumprir! Amanhã depois do café, você irá com Lourdes escolher um guarda roupa novo, porque eu não preciso nem ser tão inteligente para saber que você não tem nenhuma roupa qualificada para usar como Princesa. À noite iremos receber alguns amigos da nobreza e quero ver você recebê-los com simpatia, porque a partir de amanhã estarei contabilizando ou não sua mesada. — parece se lembrar de mais alguma coisa e completou: — Ah! Esqueça o uso desmedido e sem controle dos seus cartões de crédito! — Olhei para ele chocada.

— Pai, o senhor não pode estar falando sério...

— Nunca falei tão sério na minha vida, Stephanne! A partir de agora será assim. Sabe aquela história de ou pelo amor ou pela dor? Então, será assim que agirei com você de agora em diante. Cansei de passar a mão na sua cabeça! Você tem vinte e dois anos e é uma Princesa Herdeira, não uma qualquer sem educação e instrução. Eu não vou mais permitir que você continue trocando os pés pelas mãos. Designei uma pessoa para lhe instruir com o principado e Lourdes também estará ao seu lado. Além de agora em diante andar com seus seguranças, sempre que passar por esse portão.

— Eu não quero babá! E nenhum professor idiota! — gritei exasperada.

— Você não tem querer, Stephanne. Está decidido. Vá para o seu quarto, pense em tudo que lhe falei e amanhã conversaremos.

Saio batendo o pé como a menina mimada que sou e fui resmungando como uma velha até finalmente chegar ao meu quarto. Chegando lá, eu me jogo direto na cama irritada. Eu nem podia acreditar em tudo que eu ouvi. Babá? Professor? Eu sabia que esse dia chegaria. Sabia

que um dia eu teria que abrir mão da vida badalada que eu tanto amava, para então me tornar a Princesa que eu deveria ter sido sempre. Mas eu só não sabia se estava preparada para isso.

Foi pensando exatamente nisso, que eu decidi que precisava beber e me distrair de alguma forma. E não seria no Castelo que eu faria isso.

Capítulo 3

Théo

Sabe quando você vê alguma coisa que lhe prende tanto a atenção, que parece que você está envolvido em uma corrente invisível, que lhe impede de desviar até mesmo o olhar? Não quero soar prepotente nem nada, mas não é qualquer coisa ou qualquer pessoa que realmente me chama a atenção, quanto mais prendê-la, e esse era meu caso nesse momento.

Eu estava prestes a enfim sucumbir às investidas de Eva, quando um furdunço me chamou a atenção. De cima da boate do *Hardy Rock Café*, eu vi uma multidão urrando e gritando por uma morena que aparentemente estava deitada no balcão, deixando alguns caras fazerem *Body Shot*. Chamem-me de idiota, tarado, o que for, mas esse ato desregrado me pegou em cheio. Afinal, não era todo o dia que tínhamos um belo show em um país tão tradicional como a Campavia.

Como não sou idiota decidi apreciar o show. Tratei de observá-la e percebi que nunca a vi antes por aqui. Ela provavelmente era de fora ou era uma nova moradora.

Ela era pequena, pele branquinha que contrastava com seus cabelos negros curtos e os lábios vermelhos. Vestia um vestido tomara que caia preto, que nesse momento se encontrava no umbigo e seu sutiã de renda vermelha estava exposto, o que nos dava um vislumbre de um belíssimo par de seios cheios.

O sal foi colocado estrategicamente em seu umbigo e no vão entre os seios, já o limão se encontrava em seus lábios carnudos. Um por um, os caras lamberem o sal da sua pele, bebiam o *shot* e se encaminharam para chupar o limão em sua boca. A galera foi ao delírio. Bem, confesso que gemi de inveja, porque eu queria estar ali me deliciando daquela tequila e da morena principalmente.

A morena bebeu um *Shot* ainda deitada no balcão, antes de levantar e gritar “*Body Shot*”, fazendo todos a acompanharem e ela em seguida volta a dançar em plena multidão. Quando começou a tocar *It Girl* de Jason Derulo, acho que nem pensei direito, antes de seguir para

pista de dança e ficar em uma distância considerável, apenas observando-a dançar como nunca vi ninguém dançar antes.

A maneira despreocupada que a morena dançou, como se tivesse o controle do mundo em seus quadris e não existisse amanhã, me fascinou completamente. Seu vestido preto justo estava de volta ao lugar, o que nos dava a visão privilegiada de um corpo com belas curvas, que ela com certeza não fazia questão de esconder, porque a peça de roupa cobria apenas o necessário daquela bunda perfeita.

Ela usava também um par de botas de cano curto com saltos, que deixavam-me imaginando coisas que eu não deveria estar pensando sobre uma desconhecida. Mas não tinha jeito, ela se destacava no meio da multidão que tinha de loiras à ruivas.

Como ela podia dançar assim com tanto homem em volta a olhando?

Ela parecia completamente alheia a eles, que a olhavam enquanto se entregava a dança. A parte em que dizia na música *“Você poderia ser A garota para mim”*

infiltrou-se em minha mente e percebi o que estava fazendo e me condenei.

O que eu queria aqui ainda? Eu estava agindo como um completo idiota.

Depois que passei mais tempo do que eu gostaria olhando ela na pista, resolvi sair porque Eva já estava dando nos meus nervos. Fora que eu não estava gostando nada, nada do meu comportamento com uma mulher que com certeza não tinha muitos freios.



O dia nasceu e ela ainda estava aqui. Isso era uma merda. Levantei da minha cama cuidadosamente, para não fazer barulho e acordá-la. Fui direto tomar um banho no banheiro do quarto de hóspedes, pois se eu a acordasse, ela com certeza iria querer entrar no chuveiro comigo, como se fosse isso que deveríamos fazer.

Comecei a me condenar pela minha decisão de ter cedido mais uma vez a Eva. Não deveria tê-la trazido para casa depois da confusão que a louca estava fazendo na boate. O que foi outra coisa que me irritou, eu não

tirava aquela louca do *Body Shot* da cabeça, motivo pelo qual acabei permitindo que Eva ficasse. Achei que se eu fodesse a merda fora de Eva, eu esqueceria aqueles quadris alucinantes. Bem, ledó engano.

Saí do banho, coloquei uma roupa e fui direto para a cozinha. Estava morrendo de fome. Comecei a mexer na minha moderna cozinha, atrás de todos os ingredientes que eu precisava para preparar meu precisado café da manhã. O café da manhã farto, era uma tradição campaviana e eu como um cidadão tradicional, estava acostumado a ter uma mesa cheia, por mais que eu fizesse meu desjejum quase sempre sozinho.

Cantarolando a música junto com o rádio, fui virar minhas panquecas, quando senti mãos pequenas em minha barriga. Imediatamente fiquei tenso. Eva tinha acordado e eu ainda não havia planejado o que eu diria a ela.

Por que mesmo eu deixei que ela dormisse aqui?

— Bom dia, querido. — ela cumprimentou com um biquinho, esperando um beijo.

— Bom dia, Eva. — respondi, passando por ela, depositando as panquecas em um prato na mesa. — Sente-

se para o café — ofereci, mesmo que no fundo eu preferisse que ela recusasse.

— Ok. — ela disse, tentando parecer não ofendida com a falta do meu beijo.

Sento na mesa e coloco minha geleia de framboesa e uva na panqueca e tomando um gole do meu suco de uva fresquinho, começo a ler as notícias da Tribuna de Campavia, maior jornal do país.

— Théo — Eva me chama e eu levanto meus olhos do jornal para ela. — Eu pensei em irmos naquele restaurante italiano que está sendo inaugurado hoje. Consegui reservas para o jantar. — revelou com um sorriso doce e eu suspirei.

Não. Isso não estava acontecendo!

— Eva, nós já conversamos sobre isso. — eu falei, tentando conter minha irritação pela sua proposta.

— Eu sei, mas como resolvemos tentar novamente, eu achei que seria uma ótima oportunidade de fazermos algo diferente. — ela diz acanhada.

Era uma merda!

Conhecia Eva desde pequena. Namoramos durante a

adolescência e eu fui seu primeiro em tudo. Primeiro beijo. Primeiro na cama. Tudo. Ela era linda. Ruiva, olhos verdes, corpo magro e seios fartos. Era inteligente e trabalhava no escritório de advocacia de seu pai. Era uma menina doce, de boa família, mas um pouco melosa e grudenta demais para o meu gosto.

Nós terminamos nosso namoro quando fui estudar na Inglaterra, não por escolha dela, por minha, claro. Passei cinco anos lá e quando voltei, ela achava que tudo voltaria a ser como era antes. Mas não era e jamais voltaria a ser. Depois dela eu nunca mais quis nada sério, não por trauma, mas porque eu realmente não estava interessado e nem tinha tempo para relacionamentos.

Só que a mais ou menos um mês, por insistência dela, voltamos a sair e eu acho que ela estava esperando demais sobre isso. Estou começando a achar que isso foi um grande erro. Só que eu não queria magoá-la.

— Eva, nós realmente conversamos sobre isso e eu não sei se você entendeu o que eu quis dizer. Eu falei com você que nós não voltamos a namorar. Eu disse que não queria assumir um compromisso e você mesmo assim

aceitou o que lhe propus. — eu falei e ela ficou branca.

— Mas, mas... E-eu pensei que nós tínhamos de certa forma nos acertado. — ela gagueja.

— Eva, eu não tenho tempo para ser namorado de ninguém. E eu não quero. — afirmo.

Pode soar grosseiro, mas é verdade. Eu sou assessor do Primeiro Ministro de Campavia e isso por si só já é uma grande responsabilidade, ainda mais quando ele é meu pai e sabe ser muito exigente. Além disso, eu auxilio meu irmão mais velho a cuidar dos negócios da minha família. A família Caravaggio tinha um dos maiores e melhores vinhedos da Campavia. Por sermos da nobreza campaviana, nosso vinho é tradicional e um dos mais famosos do mundo, o trabalho não é pouco.

— Não podemos nem ir a um jantar, Theodore? — pergunta com os lábios trêmulos.

— Não posso, Eva. Mesmo que eu quisesse, hoje à noite tenho compromisso no jantar. — Afirmo, terminando de mastigar minhas panquecas.

— É outra mulher? — ela perguntou irritada e foi a minha vez de bufar.

Está vendo? Paciência, Theodore Caravaggio!

— Eva, por mais que eu não lhe deva satisfação vou lhe responder, sim, é com outra mulher. — complementei quando vi seu olhar magoado: — Mas nada do que você está pensando. Hoje é o jantar informal que o Rei está oferecendo para a Princesa Stephanie, que está volta a Campavia. — Terminei o café, levantando em seguida da mesa.

— Você poderia me levar com você. — ela diz me acompanhando.

— Nem pensar. — digo categórico.

— Mas somente as pessoas mais íntimas da família real foram convidadas, como a sua. Eu sei que o Rei Edward não se importará se você me levar com você. — pedi com um beicinho.

— Já disse que não, Eva. Como você disse, o jantar é apenas para os íntimos. — corto-a.

— Então ao baile da Princesa você me levará? — ela pergunta aumentando seu beicinho.

— Não sei, Eva. Depois eu te respondo isso — menti.

Nem com o inferno que eu a levaria comigo!

Os eventos reais eram realmente importantes. Toda a nobreza estaria presente, além de poucos convidados, que em sua maioria são grandes empresários, políticos e até mesmo realezas de outras monarquias. Fora toda a mídia campaviana. Mas como era o baile de apresentação da Princesa, com certeza a mídia internacional estaria lá. Há anos que a imprensa tenta descobrir a “cara” da Princesinha da Campavia. E isso finalmente acontecerá.

Logicamente que um baile desse nível, temos direito e é basicamente uma obrigação termos uma acompanhante do sexo feminino. Prefiro ir sozinho a dar falsas esperanças para Eva e começar um reboliço na imprensa sobre o “relacionamento” com o filho e assessor do Primeiro-ministro. Não, eles não estariam ganhando dinheiro com essa notícia se depender de mim.

Como é um baile de iniciação da maioridade e coroação oficial da Princesa Stephanie, que há pouco completou vinte dois anos, é tradição que a Princesa dance com todos os jovens solteiros do sexo masculino. Ou como eu penso, é uma forma de arranjar um trouxa para passar o resto da vida com Stephanie. Então mesmo

que eu não esteja nem um pouco interessado, tenho que cumprir meu papel como todos os outros jovens da nobreza.

— Eva, preciso ir. É só você bater a porta quando sair.
— aviso, deixando-a sem palavras.

Era isso que eu evitava. Não que eu não seja carinhoso. Mas eu não era um cara lá muito atencioso. Principalmente porque eu não tenho muito tempo e muito menos paciência para as necessidades de mulheres como Eva. Jantares. Relacionamento. Noivado. Casamento. Não, isso não era para mim. Eu tinha outras responsabilidades em minha vida bem mais importantes.

Claro que eu quero ter meus filhos, herdeiros, mas não acho que seja o momento. Nem acho que será por pelo menos dez anos. Gosto de ter o controle sobre meus passos e principalmente meu futuro. Nesse momento estou bastante focado no meu trabalho. Assessorar o Primeiro-Ministro já é realmente muito trabalhoso, imagine quando seu pai é mais do que exigente. Mas o que posso dizer, é que ao lado dele eu também aprendo muito, para quem sabe futuramente ocupar sua cadeira e chegar onde ele

chegou.

Na Campavia, vivemos em uma monarquia constitucional, onde o Rei é o chefe de Estado e o Primeiro-Ministro é o chefe do governo, ou trocando em miúdos, “o Rei reina, mas não governa”. Por isso eu assessoro todos os passos do meu pai, ajudando-o a administrar todo o nosso pequeno país. Pode parecer fácil, mas é realmente trabalhoso.

O Rei Edward cresceu junto com meu pai e hoje é um dos seus melhores amigos. Fora que é o maior dos apoios dele em toda sua vida política também. Ele é realmente um grande Rei e um homem íntegro e digno de ocupar o trono que lhe pertence. Embora não precise, todas as decisões que meu pai tem que tomar em relação ao governo, antes ele conversa com o Rei sobre a importância dela para o país. Pela relação dos dois se vê o quanto a Campavia é um país bem representado e muito bem administrado.

O Rei tem apenas uma filha, a Princesa Stephanie. Ela foi criada praticamente fora da mídia para preservar sua imagem. Depois da morte da Rainha Cibelle, o Rei

preferiu que sua filha tivesse uma vida longe de todos os holofotes da coroa. Nem para escola Stephanie foi, então ela era educada em casa pelos melhores professores de Campavia e da Europa até os doze anos. Depois ela viveu no colégio interno na Suíça até os dezoito anos. Com o término do colégio, ela decidiu ir para Nova Iorque fazer faculdade.

Nós costumávamos brincar quando criança. Ela sempre foi uma menina um pouco mimada. Embora tenha muito tempo que eu não a vejo, em meu cargo, eu sei em primeira mão que ela é meio propensa a criar problemas, porque diversas vezes o Rei nos pediu para limpar a bagunça que ela fazia nos Estados Unidos. O que vai de contra a todas as ordens de etiqueta que uma Princesa deveria seguir.

No entanto, com a volta da Princesa ao país, fui instruído pelo próprio Rei a ajudá-la com sua readaptação a Campavia e principalmente a sua iniciação ao principado. Eu negaria se tivesse como, porque não está no topo das minhas prioridades ser babá de uma jovem inconsequente. Mas em compensação, como poderia negar

um pedido do próprio Rei? Não sou louco. Fora que eu preciso de seu futuro apoio como sucessor do meu pai daqui a alguns anos.



Chego até o meu *Audi A8* e destravo-o. Dou partida no carro, saindo da garagem em direção ao centro comercial da cidade. Eu morava em frente à praia, não muito longe do centro comercial. A Campavia não é um país muito grande. Com cerca de meio milhão de habitantes, pode parecer exagero, mas praticamente conhecemos todos por aqui.

Os grandes vêm da nobreza, como a minha família. Mas hoje existem muitas famílias nobres que não tem mais um tostão no bolso, apesar de terem o nariz empinado como se fossem o próprio Rei. A economia campaviana vem do cultivo da uva, principalmente da exportação de vinho e suco da fruta. Mas também temos uma importante participação da economia com a exportação de geleias de frutas, especialmente as frutas vermelhas, como framboesa, morangos, Cranberries e blueberries, que

também são muito cultivados por aqui.

O comércio aqui é bem diversificado. Lojas e mais lojas de grifes internacionais. Grandes restaurantes famosos. Indústrias diversas. O índice de desemprego é baixo, devido à diversidade tanto na agricultura, quanto na indústria e comércio, por isso as pessoas são bem empregadas e o nível econômico da população é bastante razoável.

Passando em frente ao novo hospital, reparo que realmente não falta muito para sua entrega. Outro ponto para Campavia. A saúde daqui é excelente. Nada de corredores superlotados e mau atendimento dos médicos. Diferente de muitos países, a saúde da população é de vital importância para nós.

Outro ponto importante é a educação. A educação campaviana está sempre nos primeiros lugares de toda a Europa. O índice de analfabetismo é quase zero. Há apenas uma escola particular, que é o internato no qual estudei e o restante é público. Ou seja, ricos e pobres tem o mesmo nível de ensino desde o momento em que aprendem o ABC. Eu posso não ter cursado a

Universidade da Campavia, mas foi apenas por exigência de meu pai que eu cursasse em *Cambridge*, mas a UC é excelente. Somente alguns filhos de empresários e de grandes nomes, como eu, que saem do nosso país em busca de educação de nível superior.

Enfim, nosso país apesar de ser pequeno, é um país seguro para todos e pelo qual a nossa população tem orgulho e que serve de exemplo para os demais. E eu fico realmente contente de contribuir com isso de certa forma.

Quando paro no sinal, perto do parlamento, meu *iPhone* começa a tocar. Sou um cara cuidadoso no trânsito, mas como vejo o nome do Rei Edward na tela, não penso duas vezes antes de atendê-lo.

— Vossa majestade. — saúdo.

— Bom dia, grande Théo. Como tem passado? — pergunta.

— Bom dia, vossa majestade. Muito bem obrigado. E meu querido Rei?

— Muito bem, obrigado. Stephanie chegou em casa ontem. Apesar de ser um tanto desajuizada, fico contente de ter minha filha em casa. Felizmente acho que o ar

campaviano fez bem a ela. Steph dormiu ontem durante todo o dia e depois do jantar foi para seus aposentos. Infelizmente ela está um pouco indisposta esta manhã, mas acredito que até nosso jantar mais tarde, ela já esteja bem. Acho que vocês poderão se conhecer melhor hoje à noite. — ele diz e eu estranho.

Pelo que eu ouvi falar aos quatro ventos dentro do Ministério e do próprio palácio, Stephanie tem, digamos, o dom para problemas. Perdi as contas de quantas vezes o Rei nos fez salvar o pescoço da Princesa de alguma confusão.

O próprio Rei já havia me dito que a Princesa deu uma surtada quando ele avisou que ela voltaria a morar na Campavia para assumir seu principado. Junto com seu retorno, também seria extinto o fim das suas farras, pois ela deveria assumir sua função de Princesa. Sua volta foi persuadida com seu corte de mesada e pagamento dos cartões. Pelo que eu soube, as contas de cartão de crédito da Princesa poderiam acabar com a fome de um pequeno país. Não me parece que a Princesa Stephanie aceitaria tão facilmente isso. Mas se ele diz que ela está indisposta

em seus aposentos reais, quem sou eu para discordar?

— Deve estar descansando, alteza. Acredito que ela ainda esteja se reacostumando com o fuso horário. Quando voltei para Campavia foi complicado para mim, imagine para ela que estava nos Estados Unidos?

— É verdade, Théo. Steph está tão diferente. Tivemos uma conversa séria ontem e apesar dela não ter ficado satisfeita de início, acho que ela enfim vai amadurecer.

Duvidei. Como uma pessoa pode mudar em menos de vinte e quatro horas? Algo me dizia que ele não deveria dar esse voto a ela. Mas mais uma vez, eu não a conheço. Não posso opinar.

— Que bom, alteza. Fico feliz. — eu digo.

— Bom. Só liguei para contar as boas novas. Vejo-te mais tarde no jantar.

Despedi-me e desliguei.

Quando eu virei na rua à direita do sinal, onde era localizado o *Hard Rock Café*, freei bruscamente, pois do nada apareceu uma mulher em minha frente que imediatamente reconheci. Mas não tive tempo para pensar em mais nada, porque apesar do freio, ela ainda bateu no

capô do meu carro e caiu no chão.

Deus do céu! Eu atropelai alguém! Eu atropelai a Louca do Body Shot!

Capítulo 4

Steph

Vamos lá. Eu conhecia a rotina do castelo. Tudo ali sempre foi muito bem esquematizado, tudo muito bem organizado. Desde que eu me entendo por gente, eu sei que às oito da noite acontece a troca de turnos na segurança da entrada do castelo, então era a hora perfeita para passar despercebida. Só que eu não tinha como sair sozinha, era quase impossível sair sem ser vista. O mais difícil de todo o meu plano de fuga foi convencer Lou de me ajudar.

Sério. Ela nem parecia mais aquela menina que aprontava horrores comigo na época do colégio interno. Eu precisava que ela se lembrasse de como nós nos divertíamos, porque se eu tivesse minha velha parceira ao meu lado, seria muito mais fácil dar uma escapadinha de vez em quando e conseguir sobreviver na tediosa Campavia.

— Por favor, Lou! — insisto.

— Não, Steph. O Rei me mata! — nega terminantemente.

— Mas não vamos fazer nada demais, prometo de ‘dedinho’ que vou me comportar — juro com o ‘dedinho’ para cima e um olhar pidão.

Eu sabia que ela estava em uma batalha interna. A minha ‘parceira de crime’ estava em conflito com a Jovem de hoje. A mulher séria e que sua maior diversão era escolher a cor da calcinha que iria usar.

Mas eu não era de desistir facilmente do que queria e ela bem sabia disso. Lou olha para mim e suspira. Antes mesmo de ela falar, eu já sabia sua resposta e gritei:

— Ai! Obrigada, obrigada! Vamos nos divertir como nos divertíamos. — Ela fez uma cara de horror.

— Não, Steph! Não podemos fazer o que fazíamos com dezesseis, dezessete anos! — disse ainda assustada. — Você é minha amiga, mas se perder a linha, eu aciono o Rei na mesma hora. Entendeu? — ameaça séria.

— Ok. Ok. — respondi com desdém, dando as costas para ela, indo me preparar para a noite que prometia.

Depois de muito procurar o que vestir no meu imenso closet, resolvi ser discreta. Por isso coloquei um vestido curto, bem coladinho, na cor preta. Calcei um belo par de botas *Louboutin* pretas de cano curto. Fiz um olhão preto esfumado e para completar a maquiagem, coloquei meu batom preferido, o *Ruby Woo*. Mesmo que fosse noite, coloquei um par de óculos escuros e para completar, minha peruca preta com corte Chanel de bico, estilo Victoria Beckham.

Olhei-me no espelho e vi uma diva. Quem reconheceria a Princesa? Ninguém. Eu me sentia uma Super Espiã disfarçada. Adorava isso.

— Muito gata! É hora da Stephanne — murmurei para mim mesma.

As Panteras que se cuidem, porque hoje eu estou na pista para arrasar!



Como eu imaginei, consegui sair abaixada no carro com Lourdes sem levantar suspeitas. Só acho que ela deveria pensar em comprar um carro mais novo, porque

por um momento pensei que ela estava de gozação com a minha cara quando me apareceu com o carro do filme “*De volta para o Futuro*”. Preciso perguntar a meu pai se ele paga ela direitinho, porque sinceramente, viu? Eu estava com medo do carro empacar no meio da rua e de jeito e maneira que eu saltaria do carro para empurrar. Não, não ornava.

Depois do que me pareceu uma eternidade, finalmente chegamos até o *Hard Rock Café* daqui e olha, me surpreendi porque até que é bonzinho. Dancei e comecei a tomar todas. Eu estava saindo do banheiro e olhei para o lado, foi aí que eu o vi.

Putá que pariu! Ele era o homem mais lindo que já vi!

Ele era moreno alto, cabelo castanho, olhos azuis e barba por fazer. Fiquei ao lado dele enquanto ele pedia uma bebida. Olhei o seu corpo de cima a baixo e depois lambi os lábios, porque minha boca ficou seca em um instante. Dei logo uma checada e percebi que ele tinha um corpo musculoso, mas nem tanto, mas parecia ser delicioso na medida certa.

Tentei tirar os olhos dele, mas não consegui. Era como

se algo me puxasse para ele. Quando ele passou por mim, imediatamente senti seu perfume e fiquei encantada. Ele era simplesmente lindo. E o melhor, meu ‘número’. Sabe aqueles caras que parecem ter sido feitos para o papel de *Príncipe Encantado*? Era o “Estranho”. Confusa com tamanha beleza, comecei a pensar em como eu iria jogar meu charme e levar esse gato para minha cama. Fiquei incomodada porque ele não me notou.

Como assim, não?! Era um ultraje!

Não me levem a mal, mas eu era gostosa e chamava mesmo a atenção por onde passava. Ainda mais hoje que estava com uma roupa sensual e um par de botas com saltos. Não tinha para ninguém!

Ele era cego? Comprometido? Ou pior... Gay?

Mas aí minha graça acabou quando vi uma lambisgoia ruiva enrolando sua mão no braço dele. Ela era bonita, usava roupas comportadas e tinha cara de “boa moça”. Bom, eu não sou ciumenta, mas não fiquei muito confortável com a cena que vi. Como eu também não estava nem um pouco afim de compartilhar e nem ter trabalho essa noite, porque obviamente os homens sempre

vinham fáceis para mim, contrariando minha vontade decidi esquecer que tinha visto esse gato e seguir com a minha vida. Isso eu sabia fazer direitinho.

Surpreendentemente descobri que até mesmo os campavianos sabiam aproveitar, porque até *Body Shot* eu deixei fazerem comigo em cima do balcão. Bebi a tequila, que desceu queimando minha garganta. Saí do balcão ovacionada e fui dançar. Enquanto eu dançava, eu tinha noção de que chamava a atenção dos homens, mas eu adorava dançar e me envolver com a música, esse era o meu momento e não importava quem estivesse me olhando ou não. Eu amava essa sensação de liberdade que a bebida e a música me provocavam.

Mas não demorou muito e Lou me puxou para o lado.

Lá vem Mamãe me dar bronca!

— Nossa senhora, Stephanie! Você perdeu o resto do juízo que tem? Como você pôde fazer um *Body Shot*? Eu não posso acreditar que você fez isso! E se alguém te filmar e reconhecer no futuro? — perguntou irritada.

— Lou, relaxa! Toma essa tequila. — Entreguei uma dose para ela, que bebeu sem reclamar. — Eu já estou

irreconhecível e o local onde eu estava deitada, era escuro, duvido que alguém se preocupe em me reconhecer. Além do mais, se um dia me reconhecerem, não podem acusar a Princesa de não saber se divertir. — eu disse e pisquei para ela, que ainda resmungava, antes de voltar a me jogar na pista.

Depois de extravasar na pista de dança, me despedi de uma Lourdes ainda ensandecida pelos últimos acontecimentos e acabei indo parar na cama de um gatinho. Afinal, se eu não podia ter o *Gato do Papel de Príncipe Encantado*, eu não ia ficar aqui chupando dedo. Tenho outras coisas em mente nesse momento, que não dizem respeito nenhum a “dedo” ou brinquedinho movido a pilha.



Já disse que não sou muito pontual, né?

Acho que não, mas com certeza quem não sabe, deveria saber disso, porque obviamente perdi a hora. Frustrada com meus pensamentos do cara que não tive na noite passada, saí do motel bem cedinho, mandei uma

mensagem para meu pai, dizendo que estava indisposta, por isso perderia nosso café da manhã. Enquanto andava pela rua, Lourdes me ligava louca da vida. Eu quase a mandei tomar ‘naquele lugar’, mas como eu precisava de ajuda para voltar para casa sem ser notada e precisaria dela para dar minhas escapadas, decidi guardar seu destino para mim mesma.

Sério. Acho que Lou precisava dar um pouquinho! Ela definitivamente estava muito estressada!

Lou ainda resmungava feito uma velha no telefone comigo. Mas sabe quando mesmo que você esteja prestando atenção à conversa, você acaba se distraindo com alguma coisa acontecendo na rua? Sei lá, parece que você está meio aérea. Desliguei o celular e corri para rua, a fim de pegar um táxi e não sei por que diabos me distraí lembrando do *Cara do papel do Príncipe Encantado*. Foi então que aconteceu e a última coisa que eu fiz foi gritar, porque um tal carro preto estava vindo para cima de mim.

Filho da puta! Está tentando me matar!

Quando eu caí no chão, tudo doía. Acho que até os fios de cabelo da minha linda peruca doíam. Meu joelho

estava ralado e com certeza havia tido uma torção no pé, porque uma queda com *Louboutin* não é a toa. E meu pé que já estava inchando e doendo para caralho me confirmaram isso.

— Você está bem? — perguntou a voz firme do motorista preocupado, assim que se abaixou ao meu lado.

Se estou bem? Mas que idiota! Ele me atropela e ainda pergunta se eu estou bem?

Tentei me levantar do chão para xingar o filho da puta do motorista que tentou me matar e quem sabe lhe dar umas boas bofetadas, mas me vi completamente muda quando me deparei com ele. Isso definitivamente é coisa rara e com isso acabei engolindo toda a minha cartilha de palavrões, quando vi tudo isso que estava parado diante de mim.

Putá merda! Era o Príncipe Encantado! Era ele ou é como se eu tivesse sonhando e estivesse acontecendo o próximo capítulo do meu sonho da noite anterior!

Eu olhei para ele e foi impossível desviar o olhar dos olhos azuis mais lindos que eu já tinha visto. Sejamos honestas aqui, já peguei muitos caras gatos, mas eu nunca

tinha visto um cara tão bonito como esse que estava ajoelhado em minha frente. Naquele momento enquanto nos olhávamos, tudo parecia abafado. Eu mal ouvia os carros que buzonavam por estarmos atrapalhando o trânsito.

Meu corpo inteiro se sentia fraco e eu quase esqueci a dor que eu estava sentindo da queda. Ele ainda olhava para mim preocupado e um olhar que eu não soube muito bem identificar o que era. Parecíamos conectados ali e ninguém parecia querer piscar. Só então fui trazida de volta ao mundo real, porque me lembrei de que ainda não tinha respondido sua pergunta e que tudo em mim doía demais.

O que diabos estava acontecendo comigo?

— Uh. Acho que estou. — murmuro incapaz de desviar meus olhos dos seus lindos olhos azuis, que se estreitaram.

— Que bom... Por que você é louca ou o que, por simplesmente se jogar na frente do meu carro? Você poderia ter morrido! — vocifera.

O que? Esse idiota só porque é gostoso acha que eu

me joguei em frente ao seu carro?

— Claro. Essa era minha primeira tarefa do dia: *Tentar me jogar na frente do carro de um pretensioso?* Ok. Checado — ironizo e ele bufa irritado.

— Mas veja só. Você não sabe com quem está falando. Só porque usa roupa de marca e *Louboutin*, não quer dizer que você é dona da rua — ele falou entre os dentes.

Que filho da puta! Gostoso e lindo, mas filho da puta!

— Você que não sabe com quem você está falando, imbecil. Agora saia da minha frente que eu tenho mais o que fazer, ao invés de ficar batendo boca com um idiota que se acha o Rei da rua! — grito.

Quando ele se afastou, eu tentei me levantar. Isso foi um grande erro. Quando eu encostei meu pé direito no chão, eu percebi que eu estava na merda. Soltei um gemido involuntário de dor e imediatamente o *Sr. Pretensioso e Gostoso* foi ao meu encalço amparando-me, porque eu quase me desequilibro e caio com minha bunda no chão.

Ele coloca o braço ao redor da minha cintura, me segurando contra seu corpo e eu senti novamente seu

perfume inebriante, juntamente com o calor da sua pele. O atrito de nossos corpos causa um choque de prazer e me deixa completamente tonta.

— Acho que foi uma torção. — ele conclui com a voz rouca, olhando para o meu pé.

— Não me diga. — retorqui ironicamente, tentando manter a pose.

— Olha só, morena irritante, só quero te ajudar agora. Vamos, eu levo você ao médico.

— Eu não vou. — afirmo.

— Você vai sim. Independentemente de você ser louca ao não olhar para os lados quando atravessa a rua, precisamos ver se foi apenas uma torção. De qualquer forma você tem que cuidar disso antes que piore. — ele diz de forma severa.

Eu não tive forças e nem disposição para discutir. Eu estava realmente sentindo muita dor e estava cansada para caramba. Uma noite de farra praticamente em claro e uma ressaca daquelas, estava me deixando fraca. Fora que eu tinha a impressão de que se eu contrariasse o *Príncipe Encantado Ogro*, ele seria uma dor na bunda. Então

apenas segui sem discutir.

Seu celular tocou quando ele me ajudou a entrar no seu carro e ele pediu um minuto. Mandeí uma mensagem para Lou, dizendo que ia me atrasar. Afinal não podia dizer o que estava acontecendo, caso contrário acho que ela mandava meu pai acionar o Exército Campaviano para vir atrás de mim. Longe de mim que meu pai descubra que passei a noite fora e muito menos que eu queime meu filme com o *Príncipe Ogro*.

Logo depois, ele voltou e se inclinou em seu banco. Sem dizer uma só palavra, simplesmente pegou meu pé e retirou minha bota. Sendo uma tarada como sou, me condenei por estar vendo tudo em uma aura sensual, mas foi muito difícil não pensar em nada disso pela forma que ele segurava meu pé. Vi quando sua sobrancelha se arqueou um pouco quando ele viu minhas unhas bem feitas, pintadas de vermelho e logo notei que aquilo o afetou.

Será que ele é daqueles que tem fetiches por pés?

Se ele é eu não sei, porque ele logo tratou de esfriar meus pensamentos quando colocou um saco cheio de gelo

nos meus pés. Mal sabendo que deveria colocar em “outro lugar” para ver se resfriava.

Como diabos ele conseguiu esse gelo?

Depois ele apenas olhou-me com aqueles lindos olhos como o azul do céu e se inclinou um pouco mais perto de mim. Por um momento eu achei que ele iria me beijar e inferno se eu queria isso. Mas ele apenas se limitou em abaixar o olhar para meu ombro e franziu o cenho, chegando ainda mais perto. O mesmo saco de gelo que estava em meu pé, ele passou no meu ombro, que até então eu nem tinha percebido que estava machucado. E com a sua proximidade, eu pouco me importava agora. Meu coração começou a bater ainda mais rápido com sua aproximação.

Seria eu muito jovem para ter um ataque cardíaco?

Quero dizer, o que mais poderia ser isso?

A sensação de sua respiração quente contra minha pele, misturada com o frio do gelo e seu olhar ardente, fez com que meu corpo começasse a tremer.

Que diabos! Nunca um cara me afetou do jeito como ele fazia, mesmo em tão pouco tempo. O que estava

acontecendo comigo?

Parecendo sair do transe em que nos encontrávamos, ele subitamente se afastou de volta para o seu banco. Ainda em silêncio, ele suspirou e deu partida no carro, fazendo o motor rugir a vida e milhões de pensamentos surgirem em minha cabeça.

— Obrigada. — murmurei ainda afoita.

— Disponha. — falou indiferente, com as mãos no volante do carro.

Disponha? Quem no mundo ainda fala assim? Claro, o Estranho. Ele tinha o que? Noventa anos?

Meu coração ainda estava disparado e minha cabeça não parava com os pensamentos mais distintos que surgiam ali. Mas sem dúvidas a pergunta que mais me incomodava era: *Como é que ele consegue fazer com que eu me sinta desse jeito? Como posso me sentir dessa maneira se nem sequer nos beijamos?*



No hospital, ele me ajudou a sair do carro e me amparou com a mão na cintura, fazendo com que eu quase

esquecesse a dor que martelava cada vez mais em meu pé. Passamos direto pela recepção e fomos prontamente atendidos. O que me fez pensar que o *Príncipe Ogro* era realmente conhecido. Por um momento fiquei apreensiva.

E se alguém me conhecer? Mas quem me reconheceria?

Como eu ainda estava de peruca e ninguém realmente me conhece, quando ele me pediu, usei uma das minhas identidades falsas. Agora eu atendia pelo nome de Miley Stewart, como Hanna Montanna. Quando eu peguei da minha bolsinha, desatei a rir e realmente não sei como não desconfiaram.

— Théo? O que faz aqui? — o médico sentado à mesa perguntou e foi aí que eu o vi.

Nossa Senhora do Pronto Socorro! Acho que estava passando mal! O médico era uma delícia de lindo!

Moreno, cabelos castanhos e uma pintinha no canto da boca que dava vontade de morder. Como não sou besta, tratei de conferir e ele era bombadinho, com cara de quem tem pegada. E eu não recuso de maneira nenhuma um homem com boa pegada. Eu podia estar levemente

“encantada” pelo *Príncipe Ogro*, mas longe de mim desperdiçar algo tão bom e apetitoso assim.

— Prazer, doutor. Miley Stewart. Acho que torci meu pé e preciso do Doutor para me ajudar. — me adianto e falo, esperando que ele entenda a indireta.

O *Dr. Delícia* sorri e eu sabia que ele já estava na minha. Eu disse que eu não era fácil, né? Sempre consigo tudo e isso com certeza inclui todos os caras que eu quero.

— Eu estava passando na frente do *Hard Rock* e essa aí simplesmente se materializou em minha frente. Com certeza há uma torção. Você pode examiná-la, Igor? — o *Príncipe Ogro* diz de forma dura, interrompendo nosso flerte.

Filho de uma mãe! Querendo me fazer pagar de louca!

— Com todo prazer, Théo. — Ele ignorou-o, com um sorriso cheio de segundas intenções para mim.

Bom, já se sabe que não sou fácil, mas não pude deixar de perceber que Dr. Igor não era nada discreto com seus toques. Poderia ter um cara incrivelmente lindo do outro lado do consultório, que parecia estar me perfurando com

os olhos, mas eu jamais dispensaria um atendimento médico tão atencioso.

Olha como sou uma Princesa consciente. Sou totalmente contra o desperdício!



O idiota que me atropelou, que eu descobri se chamar Theodore, ficou o tempo todo na sala do consultório enquanto o *Doutor Delícia* me examinava. Ele parecia bastante aborrecido, não sei bem o motivo. Por um momento achei que fosse porque eu e o *Doutor Delícia* estávamos flertando descaradamente e eu não entendi porque ele estava reagindo assim.

O *Príncipe Ogro* já tinha demonstrado que apesar da nossa nítida atração sexual, ele não gostava de mim e nem eu dele, era mútuo. Então qual o problema? Era isso que eu repetia para mim. Tirando seu jeito arrogante e prepotente, não posso negar que ele é um cara educado, extremamente lindo, com um corpo de parar o trânsito e um sorriso de molhar calcinha. Sim, esse cara é bom demais para ser verdade! Ou ele é gay ou é um ótimo ator.

Preciso me lembrar de manter isso em mente. Mas havia algo nele... O que era?

Nossa Mãe! Será que ele é Gay?

Talvez seja, porque ele comentou sobre minha roupa ser de marca e identificou logo a marca das minhas botas. Uma pena. Se isso fosse realmente verdade, era um tremendo desperdício e seria muito triste ver um cara tão lindo assim jogando no outro time. Nada contra, porque não tenho nada contra os gays. Até tenho alguns amigos que jogam no outro time. Mas normalmente os gays são mais simpáticos do que Theodore.

Também não o julgo se for gay, porque depois que eu experimentei da “coisa” e sei o quanto homem é um bicho gostoso, eu entendo completamente porque um homem às vezes prefere outro. Só lamento mesmo pelo desperdício e não poder realmente aproveitar dessa gostosura. Vou me lembrar de perguntar antes de sair.

— Miley, acredito que seja mesmo uma torção. — *Dr. Delícia* subiu um pouco mais sua mão, para minha panturrilha. — Mas ainda assim, é bom que façamos um raio-x para confirmamos o diagnóstico e vermos o melhor

tratamento. Enquanto aguardamos o resultado, farei os curativos em você. — ele diz sorrindo malicioso e eu sorri de volta.

Esse é dos meus, não brinca em serviço!

Depois que fiz o raio-x e os curativos, o *Dr. Delícia* precisou ir atender um paciente e pediu que nós o esperássemos em seu consultório. Apesar de já ter tomado um remédio para dor, minha cabeça girava e meu pé ainda estava pulsando. Theodore parecia ter adivinhado que eu precisava comer alguma coisa ou ele viu que minha cara estava feia, pois logo saiu e trouxe consigo um café e um *croissant* doce. Eu reclamaria de quantas calorias estava ganhando comendo isso, mas eu estava além da fome, precisava de açúcar, porque como sempre, estava de ressaca.

Ele começou a tomar café também e seu celular apitou com uma mensagem de texto. Detalhe: Seu celular tocava o tempo todo. Sério. Chegava a ser incomodo. Ele ou saía da sala para atender a uma ligação ou digitava sem parar no seu *iPhone*.

O que será que ele faz da vida, afinal? Ele é cafetão

ou é dono da companhia de telefone?

— Seus dedos não doem? — pergunto curiosa.

— O que? — ele pergunta, desviando o olhar do seu iPhone.

— Seus dedos. Você não para de digitar. — Aponto para seu telefone.

Sr. Controlador Gostoso e Irritante tinha uma covinha do lado esquerdo da bochecha, que eu ainda não tinha notado. Mas em complemento com o sorriso, era tentador demais.

— Trabalho. Ele não para. Sabe como é, né? — respondeu.

— Sei sim. — respondo e aceno, mesmo que eu não fizesse ideia do que essa palavra significava.

Seu telefone volta a tocar e ele atende. Começa a falar sobre orçamentos e coisas que eu não entendo e não tinha a mínima vontade de entender, mas ele murmura algo que me chamou atenção.

— Tudo bem, pai. Nos falamos mais tarde no jantar. Até lá. — diz, antes de desligar.

— Deixa ver se entendi. Você trabalha com seu pai? —

pergunto rindo e ele levanta a sobrancelha para mim.

— Também. Mas isso não quer dizer que ele facilite minha vida — afirma sério.

— Claro. — digo, tentando segurar meu riso.

— O que você faz da vida, Miley? — Theodore pergunta me olhando, enquanto tomávamos nosso café.

Oh merda! O que eualaria? Profissão Princesa?

— Hum... No momento nada. — minto e bebo um longo gole do meu café.

— Você está tipo procurando emprego? — pergunta interessado.

Sério que ele ia continuar o interrogatório?

— Hum... Digamos que ‘tipo’ isso. — minto, querendo que ele mude de assunto.

— Que tipo de pessoa que está procurando emprego, passa a madrugada em claro? — ele pergunta, parecendo não muito satisfeito com a pergunta.

Caralho! E sim, dormi com um cara pensando em você!

— Não que isso seja da sua conta, mas como você sabe? — pergunto irritada.

— Eu te vi ontem.

Ele volta a sorrir e sua bendita covinha se aprofunda. Eu decidi que eu a adorava e o faria rir mais. Olho para suas roupas de grife e me lembrei de seu luxuoso carro, homens como ele se encaixavam perfeitamente no papel de ‘príncipe encantado’, pois apesar de bonitos eram do tipo que provavelmente queriam um ‘conto de fadas’, no entanto a Princesa aqui queria diversão.

Fora que eu não duvidava em nada que ele fosse de uma família nobre ou um grande empresário. Não podia simplesmente arriscar que ele conhecesse meu Pai, o que era comum. Eu queria manter meu disfarce de ‘Miley’ o maior tempo possível para quando eu precisar fugir do castelo.

— Hum... Me viu? — perguntei interessada, porque quando passei por ele, ele não pareceu notar que eu estava devorando-o com os olhos.

— É. Digamos que você deu um belo show! — Um sorriso diabolicamente lindo surge nos cantos de sua boca.

Caralho! Ele viu meu Body Shot! Adeus qualquer

chance com o Príncipe Ogro!

— Hum... Er... Preciso ir ao banheiro. — Mudo de assunto, tentando me levantar e ele vem me ajudar.



Depois dos exames prontos, o *Dr. Delícia* constatou que não havia rompido ou quebrado nada e era apenas uma torção mesmo, mas que eu tinha que ficar com as malditas botas durante duas semanas e depois voltasse com ele. Com certeza eu voltaria, mas sem dúvidas eu me encarregaria de que o *Dr. Delícia* me examinasse bem detalhadamente muito antes dessa data.

Ele era divertido e eu sairia com ele na hora. Quem não sairia com um gato desses? Eu não sou louca. Então não foi nenhuma surpresa para mim, quando ele me deu seu cartão com todos os seus números de telefone.

Yes! Ponto para a Princesa!

Fui levada até a saída numa cadeira de rodas, mas assim que passamos pela porta, peguei as muletas e fiquei de pé. Como o clima estava um pouco tenso entre mim e Theodore, resolvi falar logo para quebrar o gelo e me

livrar dele:

— Bom, Theodore. Não posso dizer que foi um prazer te conhecer.

— Idem. — murmura carrancudo.

— Pois é, apesar de você ter tentado me matar — Sorri. — estou bem e viva. Mas vê se aprende a dirigir. — sugiro sorrindo.

— Desculpe? — pergunta incrédulo.

— Tá desculpado. — Sorrio, porque ele disse exatamente o que eu queria e ele revira os olhos.

— Nem vou te dizer nada, você é louca! — bufã irritado e eu noto que eu adoro essa carinha irritada dele.

— Já que você se desculpou por ter me atropelado, “Tchau” está bom! — digo sarcástica.

— Não vou discutir com você, maluca. — Balança a cabeça e suspira. — Onde você mora? Vou te levar para casa e não aceito “não” como respostas.

Merda! E agora? O que eu faço?

Capítulo 5

Steph

Putá merda! Como eu iria me livrar dessa agora?

Como eu explicaria para o idiota do Theodore que ele não poderia me levar em casa? O pior de tudo, como eu explicaria para ele que na verdade eu sou outra pessoa? Como eu diria que na verdade eu moro em um Castelo? Não. Melhor não. Não queria pensar qual seria a atitude do *Príncipe Ogro* ao descobrir toda a verdade. Já era ruim o suficiente ter começado o dia sendo atropelada. Eu já tinha chegado com essa mentira até aqui e não ia deixar ir tão facilmente. Sem contar que eu não devo explicações da minha vida a ele.

Sério. Desde ontem à noite não estou me reconhecendo. Por que estou me questionando tanto?

— Sei que você apreciou minha companhia e quer ficar mais um tempo comigo, mas infelizmente não posso. Tenho planos — provoco-o e ele me olhou incrédulo.

— SÉRIO. Passamos as últimas duas horas juntos e não sei por que me surpreendo com você. Só quero ser bom — afirma e eu rio.

Sim. Eu posso ver o quão bom ele é. Vamos jogar, Steph.

— Querido — murmuro me aproximando bem pertinho do seu ouvido, fazendo ele prender a respiração. — Uma coisa que eu sei fazer particularmente bem, devo ressaltar, é ser surpreendente. Sou boa em muita coisa, basta que você prove. Posso afirmar com toda certeza de que você adoraria descobrir. — sussurro, antes de morder sua orelha e assim que ouço seu gemido reprimido me obrigo a afastar-me do seu cheiro delicioso.

Merda, Steph! Por que eu tenho que achar tudo sobre este cara atraente?

Uma parte estratégica do meu corpo deu uma vibrada nada básica. Sua voz, seu rosto, seu corpo, sua arrogância, tudo nele mexia comigo sobremaneira. Ele podia mexer demais comigo, mas ainda assim sorri da sua reação. O *Príncipe Ogro* fica completamente tenso. Fecha os olhos. Engole em seco. Sua respiração fica irregular. Fora o seu

gemido reprimido, que poderia ter passado despercebido para qualquer pessoa, menos a mim. Esse era o quadro que eu queria para tirar a prova: ele definitivamente não era imune a mim!

— Acho que inflaram demais seu ego, *Louca do Body Shot*. — murmura, tentando recuperar sua compostura e eu rio do apelido, mal sabendo ele os vários que eu já tinha colocado nele.

Não me preocupando em responder a isso, porque era até verdade, não espero por ele e com a ajuda da muleta vou pulando de um pé só, que nem o Saci Pererê de uma tal lenda amazônica que Henriquetta me contava quando criança, até seu carro. Abro a porta e me sento no banco esperando por ele, pensando no que farei para me livrar dessa.



Ocaminho todo estamos em silêncio, que apenas foi quebrado pelo som de Taylor Swift e Ed Sheeran cantando *Everything Has Changed*, que parece ter nos assustado com tanta coincidência com sua letra. Acho que

por isso Theodore depois de um tempo ouvindo a música decidiu mudar.

Eu pedi que ele me deixasse onde ele me atropelou, pois eu iria encontrar com uma amiga, mas a verdade é que eu ainda não sabia o que fazer para chegar em casa e como explicar ao meu pai o que me aconteceu. Só que ele teve a audácia de dizer que me levaria pessoalmente em casa.

Por que ele apenas não fazia o que eu mandava? Isso seria uma merda!

Então como sou loira, mas não sou burra, dei outro endereço a ele. Primeiramente pensei em lhe dar um endereço falso, mas vai que o louco resolva me levar até a porta? Não. Eu pensei ainda melhor. Quando meus avós maternos faleceram, eles deixaram sua herança para mim. Isso incluía uma casa de veraneio, que era o meu lugar preferido no mundo todo e o local para onde eu me refugiava quando eu tinha oportunidade de vir a Campavia. Chegando ao local da enorme mansão na beira da praia, foi impossível não me sentir nostálgica.

Sim. Estou muito sentimental desde a minha volta,

não gosto nada disso!

— Miley... — chama, quando eu estava com a mão na maçaneta.

— Sei exatamente o que você vai falar. — Ele me olha sem entender. — Sem essa de trocar telefones, email e CPF, Theodore. Se o destino quiser, a gente se esbarra por aí, *Príncipe Ogro*. — digo, antes de piscar para ele e sair, deixando-o completamente embasbacado. Mas fiquei estranhamente agitada com a despedida.

Por que ele me incomodava tanto, afinal?

Felizmente um pouco depois de ouvir o motor de arranque do carro dele, ouvi o motor de outro carro que parecia estar nos seus últimos dias, pois parecia estar engasgado e imediatamente eu soube que era a carroça velha de *De volta para o Futuro*, que Lou insistia em chamar de carro.

Sério. Eu precisava providenciar um veículo para mim e um 'dirigível' para Lou.

— Steph, o que diabos houve com seu pé? — pergunta assim que para.

— Bom dia para você também, Lou. Longa história.

Vamos que no caminho eu te conto. Eu preciso de um café.

Depois de arrancar minha peruca e darmos uma parada na *Starbucks*, onde eu contei tudo sobre minha manhã desastrosa, Lourdes ria chamando a atenção de todos ali e me chamava de louca, o que não poderia realmente negar. Após um café reforçado e um remédio para ressaca depois, eu e Lou já estávamos em mais uma loja de roupas comprando meu novo guarda roupa.

Nunca achei que fosse me ouvir dizer que comprar pudesse ser tão desgastante. Sério. Porque era exatamente isso que estava acontecendo. Logo eu que costumava comprar quase todas as roupas das novas coleções das maiores grifes, me via louca para correr dali. Segurei o vestido que Lou me passou em minha frente e olhei para o espelho. Franzi o cenho e contabilizei quanto de álcool eu teria que tomar para usá-lo. Ele era preto, na altura dos joelhos, básico demais para o meu gosto e sua gola com certeza iria me sufocar em dois minutos. Inclusive tenho a ligeira impressão que já vi a Rainha Elizabeth usando algo muito parecido.

Argh. Não, definitivamente eu não poderia usar isso!

— Lou, sério. Só me sugira experimentar roupas adequadas para minha idade, eu não sou sexagenária — aviso, jogando o vestido na pilha de roupas que eu não gostei, que só fazia aumentar.

— Steph, por favor, seja mais complacente. Você sabe que precisa de roupas com mais austeridade. Você é a Princesa da Campavia. Futura Rainha. Será a imagem da Coroa.

Complacente? Austeridade? Jesus! Ela está falando sério?

— Meu Deus! Olha como você esta falando, Lou! Não entendi metade do que você cacarejou. Parece uma velha de cinquenta anos. O que aconteceu com minha *Best Friend*? — pergunto incomodada e ela fica seria.

— Eu cresci, Stephanne. Você deveria experimentar fazer isso também. Não podemos mais ser as mesmas sempre. As coisas mudam.

Fiquei ainda mais incomodada com sua resposta. Não porque ela foi direta, porque nós sempre fomos amigas e sinceras uma com a outra, mas neste momento ela me parece outra pessoa e tenho mais do que certeza que ela

está deixando de me contar alguma coisa. Era como se a palavra “coisa” estivesse repleta de significados, que eu preferia não tentar entender enquanto ainda estava de ressaca.

— Ok. Posso até ter que me vestir com mais seriedade. Mas eu não preciso parecer uma velha para isso — falo, saindo de dentro do trocador, pulando em um pé só, vestindo apenas calcinha e sutiã.

— Steph, que merda você está fazendo? Volte para dentro e se vista! — ordena.

Mais uma coisa sobre mim: Eu odeio ordens. Odeio que me mandem fazer algo, que façam planos por mim. Odeio não ter o controle sobre o que eu faço ou deixo de fazer. Sou maior de idade, livre e dona do meu nariz. Então não me mande fazer nada se não quiser que eu ignore. E isso me leva a outra coisa sobre mim: adoro pirraçar.

— Não tem ninguém aqui mesmo nessa loja careta. Além do mais, já não ouviu dizer que tudo que é bonito é para se mostrar? — murmuro dando de ombros e ela bufa em resposta.



Depois de mais uma hora nessa loja e uma parada em mais algumas lojas, consegui comprar algumas coisas. Fiquei satisfeita de encontrar roupas que eu poderia ficar bonita e não parecer careta, mas era com certeza algo que não implicaria dizerem que eu estava me vestindo de maneira depravada ou pior, parecendo uma “virgem” de noventa anos. Lógico que queria me vestir bem, porque eu não tenho dúvidas de que em breve estarei no topo da lista das mulheres mais bem vestidas e todos irão querer saber de que marca são as minhas roupas.

Eu e Lou fomos ao salão e lá fizemos o básico: unhas, cabelo, depilação. Apesar da sua tentativa de tentar me dar um olhar de desaprovação, ela tentava controlar as gargalhadas com as histórias que eu contava do que eu andei fazendo ultimamente.

Estão vendo? Sou divertida. Trago alegria para a vida das pessoas!

Lou tentava se segurar, mas no fundo dentro dela ainda habitava um pouquinho da rebeldia que tinha quando éramos mais novas. Mas nitidamente algo aconteceu

realmente para que ela mudasse e eu precisava saber o porquê e eu saberia, ou não me chamaria Stephanie di Montalcino se não descobrisse sobre o que ela tentava me esconder em breve.

Nós duas estávamos saindo do salão, conversando sobre o que aconteceu com alguns colegas nossos, quando uma moça loira entrou e cumprimenta Lou. Ela era loira, com olhos azuis que me pareciam familiares, baixinha e parecia ter cerca de dezoito anos. Era linda, mas um tanto tímida demais para o meu gosto.

— Como vai, Lourdes? — ela fala com educação e postura de menina educada.

— Bem, Anabella. E você? Como tem passado? — Lou pergunta.

— Muito bem. Só atarefada com as coisas da faculdade — responde e em seguida olha para mim.

— Ah sim! — Lou parece se dar conta da minha presença. — Conto com sua descrição, mas como vocês irão se conhecer no jantar de mais tarde, não custa nada adiantar as apresentações. Stephanie, essa é Anabella Caravaggio. Anabella, essa é a Princesa Stephanie. —

sussurra a última parte e Anabella me olha espantada.

— Prazer, vossa... — Ela ia se curvar para me reverenciar e eu a interrompi antes que fosse tarde demais:

— Pelo amor de Deus, Anabella, não faça isso! — peço, olhando ao redor me certificando que ninguém nos notou.

— Desculpe, Princesa. — responde corada.

— Tudo bem. Então você é da família Caravaggio? — pergunto curiosa e ela assente.

— Hum... Sim. Meu pai é o Primeiro-Ministro e amigo pessoal do Rei Edward — comenta ainda sem jeito.

— Sim. Acho que me lembro vagamente da sua família. Lembro-me de um menino, mais ou menos da minha idade e outro mais velho, mas não me lembro de você. — comento olhando-a novamente.

— Provavelmente porque eu era muito bebê quando você brincava com meu irmão.

— Bom, desculpe, Steph, mas temos que ir. — Lou nos corta. — Foi bom te ver, Anabella, nos veremos daqui a pouco no jantar. — ela diz me puxando para sair.

— Até mais tarde, Vossa... Stephanie — corrige-se e eu sorrio.

— Sim. Até mais tarde, Anabella — me despeço, antes de sairmos dali.



Saímos de volta para casa, e assim que a carroça de Lourdes parou em frente ao castelo, Henriquetta saiu pela porta da frente, como se tivesse encostada na porta, apenas esperando nossa chegada. Lou saiu do carro e ordenou que os seguranças retirassem todas as minhas compras do carro.

— Meu Deus, meninas! Onde vocês se meteram? — perguntou e quando saí do carro com a muleta, ela soltou um pequeno gritinho. — Oh Santa Mãe do Céu! O que houve com você, minha menina? — perguntou preocupada.

— Hum... Um pequeno acidente, Têta. Depois eu lhe conto tudo. Meu pai está por aí? — perguntei receosa.

— Sim, menina. Está. Está soltando fogo pelas ventas, pois não lhe viu o dia todo. — comentou.

Merda! Mau sinal!

— Tudo bem. Vou falar com ele antes de subir para me arrumar para o jantar. — A beijei no rosto e fui subindo com a ajuda das muletas.

Assim que cheguei a seu escritório, vi que meu pai estava com o cenho franzido lendo alguma coisa em seu computador. Decidi acabar logo com isso.

— Boa noite, pai — cumprimentei e ele logo levantou seu rosto visivelmente irritado.

— Onde diabos você se enfiou o dia todo, Stephanne? — perguntou.

— Eu estava... — Não pude terminar minha desculpa, pois seu olhar pousou na minha muleta e em seguida no meu pé machucado.

— Que diabos aconteceu? — Quer saber arrastando a cadeira da mesa e vindo em minha direção.

Merda! Merda! Merda! É agora!

— Uh. Bem... — gaguejei e respirei fundo antes de continuar. — Eu estava andando com Lou no Shopping, quando vi uma linda criança tomando sorvete próxima a nós duas. Eu estava sorrindo para ela, mas de repente vi

que vinha um segurança com um daqueles veículos de duas rodas, acho que se chama patinete, não sei, ele estava meio desgovernado, não conseguia controlar e ia em direção ao menino. Não hesitei um só segundo, antes de me jogar e tentar tirar o menino do seu caminho. Aí eu torci o pé e me machuquei. — menti.

— Jesus! Steph. Você esta bem, filha? — Segura meu rosto, extremamente preocupado.

Sim. Eu sou uma mentirosa, mas eu sou foda!

— Sim, pai. Mas foi horrível! E vi o pior acontecer com aquele menino. — comentei chorosa e dei um sorriso quando ele me abraçou.

— Nossa, filha! Você foi uma heroína. O irresponsável por isso pagará... — prometeu e eu o interrompi temerosa.

— Não, pai. Esta tudo bem. Eu lhe dei uma boa lição de moral e só não o denunciei porque ele pediu desesperado para que não perdesse o emprego, pois tinha cinco filhos para sustentar. — menti rapidamente.

— Cinco? Nossa! Ele ao menos prestou socorro?

— Claro! Claro! Foi extremamente solícito. Ficou comigo até ser liberada do hospital, eu ainda fui com ele à

farmácia comprar remédio para sua esposa doente. — continuei a mentir.

— Esposa doente? — assenti. — Sabe, Stephanie, você me surpreende. — falou sem expressão.

— Surpreendi? — perguntei receosa.

— Claro, filha! Eu tinha minhas dúvidas sobre você, mas eu agora tenho mais do que certeza de que você será uma ótima Princesa. E uma excelente futura Rainha — afirmou me puxando para um abraço.

Dizer que eu não me senti mal por mentir para meu pai era eufemismo, porque a culpa me invadiu completamente. Lógico que eu me senti mal. Não sou tão sem coração e egoísta como às vezes tento parecer. Eu apenas repetia para mim que era melhor que meu pai não soubesse a verdade. Que às vezes uma mentira bonita, é melhor do que uma péssima verdade. Eu sei, o ditado não é bem assim, mas é o que tenho para justificar esse meu momento de desespero. Não quero nem pensar na atitude que meu pai tomaria caso eu lhe dissesse toda a verdade sobre o que me aconteceu desde ontem. Seria tipo: “*Adeus cartões! Adeus Vida*”!



Depois de conversar um pouco com meu pai, subi para me arrumar para o maldito jantar e algum tempo depois, Lou veio me ajudar, mas logo foi para o seu quarto se arrumar também. Eu estava nervosa e não sei por quê. Sei que a família Caravaggio era uma das mais importantes do país, não apenas pelo fato de ser a família do Primeiro-Ministro e sim porque era uma família tradicional, influente e extremamente rica. Mas algo sobre esse jantar estava me deixando nervosa, e eu não tinha ideia do por que, realmente. Lembrei-me do filho mais velho deles. *Como era mesmo o nome? Acho que era Léo... É. Acho que era isso.* Ele era um pouco mais velho do que eu, era muito bonitinho, mas era um pé no saco. *Nossa! Deus, como ele era irritante!* Lembro que quando íamos brincar, nós brigávamos mais do que brincávamos realmente. Era sempre a mesma coisa. Eu queria que ele me obedecesse nas brincadeiras e ele se recusava a obedecer. Então a partir daí virava um inferno.

De repente eu pensei no *Príncipe Ogro*. Por que diabos eu estava pensando nele? Não sei, mas hoje durante todo o

dia, por mais que eu tentasse me desviar, eu sempre pensava naquele idiota. Era involuntário. Visto que não trocamos telefones, eu me perguntava se ele iria me procurar novamente. Se iria, ia dar de cara com a parede, pois apenas uma vez por semana que iam empregados limpar a Casa de Veraneio dos Valentino. Eu sei que lá no fundo, eu estava me crucificando por ter dito a ele para deixarmos tudo com o destino e não ter pego um mísero telefone. *Acho que era falta de álcool.* Mas ainda assim, me incomodava me sentir dessa maneira, porque eu não estava acostumada a me sentir assim. Eu estava bem acostumada a não me importar com nada. Com ninguém. Principalmente a não me apegar. Eram raras as vezes em que eu repetia os caras. Podem me chamar de vagabunda, piranha ou outros nomes mais esdrúxulos, mas sou totalmente a favor do meu lema: *Variedade é o tempero da vida.*

Foi empurrando esse pensamento que saí do meu quarto, vestida com um vestido soltinho bege, com estampa floral branca, um pouco acima do joelho e um lado de um *scarpin* prateado. Isso era o pior, ficar

andando toda torta. Devido ao meu comprimento mínimo, eu era extremamente acostumada a não andar sem saltos. Para poupar trabalho na descida, aproveitei que o castelo tinha o elevador que foi construído por causa do meu avô, o Rei Rubert, e desci para o jantar nele. Chegando ao andar de baixo, escutei risadas e revirei os olhos na antessala de jantar. Respirei fundo antes de entrar na sala, porque eu sabia que a partir do momento que eu passasse pela porta, eu não seria mais apenas Stephanne, eu seria a Princesa Stephanne. Ao passar pela porta, percebi o quão à vontade a família Caravaggio estava, sei que eles realmente eram amigos da nossa família e de certa forma eu estava feliz por meu pai ter a amizade do Primeiro-Ministro, que foi o primeiro que identifiquei quando entrei ali. Nós já havíamos nos visto algumas poucas vezes. A conversa se silenciou assim que passei pela porta e notaram a minha presença ali, todos sorriram para mim. Logo avistei Anabella, conversando timidamente com Lou e ao seu lado um rapaz que mexia no celular. Assim que ele virou o rosto para mim, não pude acreditar. Eu estava delirando? Ou era a abstinência de álcool no meu sangue?

Oh meu Deus! É o Príncipe Ogro!

Eu estanquei. Meu coração parecia que ia sair pela boca. Ele olhou para mim e olhou de novo. Sacudiu a cabeça, parecendo perplexo, como se isso fosse um delírio. Não entendendo o porquê de eu estar ali. Parecia tão assustado quanto eu nesse momento. Mas aí, para meu desespero, um enorme sorriso lindo e mais do que isso, um sorriso perverso e malicioso surgiu no seu rosto. E eu sabia. Eu soube ali, olhando para aquele lindo pedaço de mau caminho, que muitas águas iriam rolar. Tudo em mim simplesmente gritava: *Eu. Estava. Fodida.*

Capítulo 6

Théo

Chocado. Isso de longe me definia. Por um momento achei até que fosse brincadeira da minha imaginação, porque parecia que todos os pensamentos que tentei manter longe durante todo o maldito dia e noite, se materializaram aqui, bem na minha frente. Mas em forma voluptuosa e loira. Então a ficha caiu. Ali, parada no meio da sala, com aquela cara de menina e corpo de mulher, estava realmente a *Louca do Body Shot*, mais conhecida como Princesa Stephanie.

Foda! É ela!

Meu coração estava completamente disparado. Meu cérebro meio que falhou. O primeiro sentimento que me veio obviamente foi a surpresa. Claro que fiquei surpreso! Como eu poderia supor que aquela louca era a Princesa? Eu sabia que a Princesa não era lá muito certinha, porque eu tinha conhecimento que ela aprontava horrores, mas

sinceramente? Não sabia que ela era capaz disso. Aliás, quem poderia imaginar que uma Princesa agiria feito uma doida varrida, deixando caras fazerem *Body Shot* em seu corpo e sairia por aí noite afora, dormindo com caras aleatórios? Nem eu, que já conhecia sua fama. Depois dessa pequena reflexão, fiquei muito puto. Sério. Estava achando esse pensamento meio louco, porque não costumo me importar com mulher nenhuma, mas não consegui evitar. Um lado meu estava se sentindo até meio traído. O que convenhamos, era estranho, sem noção e completamente ridículo da minha parte. E sei lá, acho que eu também estava me sentindo meio chateado por ela ter fingido ser outra pessoa.

Estava odiando essa confusão de sentimentos. Mas logo depois, algo cintilou dentro de mim. Vamos lá. Eu sabia que ela era doida, mas tá aí, mais uma vez a *Louca do Body Shot* conseguiu me surpreender. Mas sabe aquele ditado que diz “*Quem tem com que me pague nada me deve*”? Então, era exatamente assim que eu estava pensando. A filha da mãe, arteira, obviamente não queria ser pega. E pelo seu olhar de pavor e de desespero para

mim, ela estaria literalmente em maus lençóis caso eu a delatasse. Não pude evitar de sorrir com meus pensamentos.

O que posso fazer? Sim. Isso seria divertido!

Stephanne pareceu sair momentaneamente do seu transe e enquanto andava até nós com sua muleta, tentou recuperar sua compostura e seu jeito arrogante de ser. Por mais que eu tivesse negado a mim mesmo o dia todo, ela não me saiu da cabeça. Se eu achava ela linda quando a vi desde a primeira vez, pelo visto de peruca, agora com seu cabelo loiro natural e maquiagem delicada, juntamente com um vestido comportado, ela conseguiu ficar ainda mais linda.

Sim. Por que estou pensando nisso mesmo?

— Boa noite. — cumprimentou a todos, que retribuíram a saudação.

— Nossa, Stephanne, como você esta crescida! Está ainda mais linda. Seja bem-vinda de volta a Campavia, Princesa. — minha mãe elogiou ao cumprimentá-la com dois beijos no rosto.

— Obrigada. Desculpe o lapso, a senhora é Sarah se

não me engano, né? — perguntou com educação e minha mãe acenou. — Um prazer revê-la. — disse e voltou a sorrir. — *Primeiro-Ministro*. — ela cumprimentou meu pai.

— Bom vê-la novamente, Princesa Stephanie. — respondeu.

— Como vai, Anabella? — cumprimentou minha irmã como se a conhecesse.

— Muito bem, Princesa. Obrigada por perguntar. — Anabella respondeu com seu jeito inocente.

Ué. Ela conhece Bella?

— Adorei o corte que fez no cabelo. — Steph continuou e minha irmã corou.

— Obrigada, Princesa — respondeu ainda sem jeito.

Sim. Devem ter se conhecido.

— Vocês já se conheceram, Steph? — o Rei perguntou e eu agradeci, porque estava curioso.

— Sim, Pai. Eu e Lou estávamos saindo do salão quando encontramos com Anabella. — disse e o Rei acenou.

— Théo, você lembra de Stephanie? — Rei Edward

perguntou se virando para mim.

Ok. Era agora.

— Claro que sim. Como vai, Princesa Stephanie? —
Aproveitando que ela estava sem reação, cumprimentei-a de maneira cortês.

Sem desviar nossos olhares, aproximo-me, pegando sua mão, aonde deixo um beijo. Stephanie treme com o contato e meu sorriso fica ainda maior. Logo depois, coloco uma das minhas mãos na sua cintura e lhe dou um beijo em cada lado da bochecha. Onde aproveito para sentir aquele seu perfume floral, que me deixou fascinado desde a primeira vez que nos tocamos. Mas uma coisa eu não posso negar. Aliás, nem meu pau pode negar porra nenhuma para ela nesse momento, o qual eu certamente deveria ter controle, mas não, ele vergonhosamente não me deixa negar. Porque sentir seu cheiro, sua pele e seu calor, deixa mais do que claro o que eu já sabia desde a primeira vez que eu a vi: de uma forma torta, Stephanie me fascina. Apesar de eu já ter tido um número considerável de mulheres na minha lista, ela mexe comigo de forma completamente diferente das outras que

passaram por mim e olha que ela nem chegou à minha cama, porque ela é diferente mesmo. Louca sim, mas meu corpo e meu coração não pareciam querer enxergar sanidade alguma, porque ele definitivamente quer se perder nesse corpinho.

Olha só para onde meus pensamentos estão indo... Não, Theodore Caravaggio. Ela não pode chegar lá!

É fato inegável, a atração entre nós é tão grande que parece até palpável. Tão intensa, que o mínimo toque traz aquele choque elétrico em todo meu corpo, que até então eu achava que acontecia somente naqueles livros bobos e eróticos que as mulheres gostam tanto de ler.

— Bem, obrigada, Theodore. — disse com um olhar muito mais do que apenas ardente de raiva.

Cadê a Louca do Body Shot com a língua afiada e resposta na ponta da língua? Eu queria rir.

Olhei-a da cabeça aos pés, sem nenhuma discrição. Embora ela parecesse um pouco intimidada e envergonhada com a minha observação explícita sobre seu corpinho delicioso, Stephanie sustentou o olhar, em sinal de desafio. Só agora eu entendi o porquê de ter me

incomodando desde que eu a atropelei, não sei, mas acho que eu tinha a impressão de que a conhecia de algum lugar.

Sim, claro que ela era muito linda. Rosto lindo de boneca, uma boca rosada em formato de coração que me dá vontade de agarrar e beijar até perder o fôlego. Por mais que não fosse difícil esquecer alguém tão linda quanto ela, algo nos seus lindos olhos azuis me pareciam familiar e agora sei que eu estava realmente certo. Ela era a Princesa chata e mandona que briguei tantas vezes na infância. Pelo visto muitas coisas não mudaram com os anos. Afastei-me, porque isso tudo estava confuso demais. Eu precisava de distância antes de fazer besteira.



Outra coisa admirável no Rei é que ele tratava a Governanta, Henriquetta e sua filha, Lourdes, que é assessora da família real, como se fossem realmente da família. E estava certo, inclusive as duas se sentaram a enorme mesa conosco, e participavam em todas as ocasiões e eventos que envolviam a família Real. O jantar

foi servido e transcorria sem maiores problemas. A comida estava deliciosa como sempre no Castelo. A entrada foi um *Quiche* de Legumes com Salada, que estavam muito bons. O Prato Principal estava uma delícia, foi Lagosta ao Molho Champanhe, com arroz ao alho *poró* e *ratatouille*. Todos conversavam na mesa. Acabei recebendo um convite para sair essa noite com Igor, o que só significava uma coisa: caça. Mas curiosamente eu não estava nem um pouco disposto para sair essa noite. O que era estranho, porque desde que voltamos a morar na Campavia tínhamos praticamente uma rotina. Igor é um pegador nato, ao contrário de mim ele realmente nunca teve relacionamentos. Acho que talvez seja por causa da péssima fama que seu pai tinha de infidelidade. Seus pais faleceram quando ele tinha dezoito anos, lhes deixando sua fortuna e o título de Barão. Apesar dele não fazer muito o tipo nobiliárquico, ele além de ser médico como decisão própria, utiliza do voluntariado como sua principal atividade. Boa parte do hospital da Campavia é sustentada pela herança da família Carrara. O pai de Eva era seu tio por parte de pai e fora ela e sua família, Igor

praticamente não tinha família. Ele era muito reservado e fechado até mesmo com eles. Talvez seja por sermos diferente em relação a isso que nos damos tão bem desde pequenos.

O Rei e meu Pai falavam sobre um acordo que fizeram com os produtores campavianos e alguns países compradores da Uva e derivados. Minha mãe começou a falar com Henriquetta sobre o baile da Princesa, que aconteceria daqui a uma semana. Steph, que estava em uma cadeira em frente a mim, travou em uma conversa com Lourdes e Anabella, sobre alguma coisa de meninas. O que não impedia a Princesa de me lançar olhares ameaçadores. De verdade? Eu estava adorando isso.

Eu simplesmente necessitava de algo para distrair da dolorosa rigidez que meu pênis se encontrava. Ele tinha estado duro, mais ou menos a partir do segundo que vi Stephanie. Tentei pensar na Vovó Caravaggio de Biquíni, como forma de distração da tentação loira à minha frente. Mas o tiro saiu pela culatra, porque a imagem da Vovó era rapidamente substituída pela *Louca do Body Shot*, o que só fez piorar minha situação já difícil. Comecei a procurar

na internet do meu celular, por imagens de crianças, bichos, palhaços, qualquer coisa que pudesse me distrair. Mas obviamente, a conversa voltaria para Steph.

— Há quantos anos mesmo que vocês não se veem? — o Rei sorrindo, perguntou a mim, alheio a nossa tensão e Steph parou sua taça com sua água à caminho da boca.

Sim. Eu não perderia a oportunidade de provocá-la.

— Muito mais do que dez anos acredito, majestade. — Sorrio travesso, olhando nos lindos olhos azuis da Princesa. — A última lembrança que eu tenho da Princesa, brincávamos de educação no trânsito e pelo que me lembro, ela era bem relapsa. — provoquei e ela arregalou os olhos.

— Bom você lembrar-se disso, Théo. — Steph limpou a garganta. — Porque se não me falha a memória, você era um barbeiro andando de bicicleta. Não deve ter mudado muita coisa, né? — ela disse com um sorriso provocativo e eu sorri também.

Dois podem jogar esse jogo, Princesa Problema!

— É verdade, Princesa. Hoje em dia nós temos que dirigir não fazendo apenas a nossa parte. Temos que ficar

atentos, porque nunca se sabe quando um louco pode aparecer na sua frente. — afirmei sorrindo e ela cerrou seu olhar para mim.

Sim, Stephanie. Eu também sei brincar!

— O Rei comentou que houve um acidente hoje com você, Princesa. O que aconteceu? — minha mãe perguntou, parecendo preocupada e Lourdes se engasgou com seu vinho.

Eu sabia que isso ficaria interessante.

— Sim, Princesa, nos conte. O que aconteceu? — perguntei com meu maior sorriso perverso.

Aí vão mais algumas coisas que aprendi com Steph não apenas desde que a atrolei, mas já quando éramos pequenos, ela é rápida. Nunca vi uma pessoa ser tão rápida para pensar como ela é, porque a danada, por mais que esteja em uma situação desconfortável, de alguma forma parece sempre ter uma resposta na ponta da língua. Por isso que ela rapidamente voltou a sua pose confiante, enquanto Lourdes, que obviamente sabia de toda a verdade, parecia ainda nervosa com a situação.

— Eu estava fazendo compras com Lou no Shopping,

quando vi um menino tomando sorvete próximo a nós. De repente notei que vinha um segurança, com um daqueles veículos de duas rodas e pelo que pude perceber ele estava meio desgovernado e ia em direção ao menino. Rapidamente vi qual seria o resultado disso, então não hesitei antes de me jogar em sua frente e tentar tirar o menino do seu caminho. — relatou calmamente.

Agora foi a minha vez de engasgar. Ela era uma cara de pau dissimulada. A mentira veio tão facilmente, que eu até acreditaria se não soubesse exatamente o que aconteceu. *Sim, eu sabia que ela era perigosa.*

— Nossa, Princesa! Que sorte a do menino de você estar por perto. Muito nobre sua atitude. — meu pai comentou e minha mãe prontamente concordou.

— Imagina, Primeiro-Ministro. Qualquer um no meu lugar teria feito o mesmo. Mas eu tenho certeza de que ele realmente teve sorte por eu ter atravessado seu caminho. — ela disse sorrindo descaradamente para mim.

Putá merda! Ela é muito cara de pau!

— Mas você está bem mesmo, querida? — minha mãe voltou a perguntar.

— Sim, obrigada por perguntar, Sarah. O que é um pé imobilizado, uns pequenos machucados e duas semanas a base de anti-inflamatórios, quando eu sei que livrei uma criança de um acidente ainda pior?! — disse teatralmente, com a mão direita em cima do seu coração. Revirei os olhos.

Jesus! Era uma dissimulada!

— Com certeza, querida. Você foi muito corajosa. — Henriquetta disse com orgulho e Steph sorriu com ternura, piscando seus olhos azuis.

— Theodore também teve um pequeno acidente pela manhã. — Meu pai comentou e mais uma vez Stephanne desfez seu sorriso e arregalou os olhos.

— Verdade, Théo? — o Rei perguntou.

— Sim — concordei e decidi tomar um gole do meu vinho para aumentar o tormento de Stephanne. — Uma louca simplesmente se materializou em minha frente e acabei batendo nela. Acho que além de louca, estava bêbada. — falei simplesmente e Stephanne voltou a olhar com raiva para mim.

— Mas ficou tudo bem com a moça? — o Rei voltou a

perguntar.

— Sim, Majestade. Levei-a ao médico e ela precisou tomar uma glicose. Mas já está a solta por aí. Então temos que tomar cuidado. — informei e voltei a sorrir para ela.

— Nossa! Não se fazem mais jovens como antigamente! — o Rei comentou, balançando em negativa.

Mal sabia ele...

Até a hora da sobremesa, cheguei a mais uma conclusão: Steph era tão irritante quanto era linda! O tempo todo que ninguém reparava, ela fazia questão de me responder com comentários sarcásticos ou de me olhar como se pudesse me matar. Felizmente nossas famílias não pareciam perceber. O que de certo modo estava me deixando ainda mais contente com nosso joguinho. Apesar do nosso jogo de gato e rato, a forma como eu me sentia perto dela me deixava um pouco assustado. Sem contar que eu não pude deixar de me lembrar de que mais cedo ela dava em cima de Igor descaradamente. Não sei por que me incomodo. Deve ser porque eu conheço Igor muito bem e por mais que ele seja um dos meus melhores amigos, não deixaria nem minha mãe ou minha irmã

sozinha com ele por cinco minutos.

Ainda assim, não é da minha conta. Posso conhecê-la, mas ela não é nada minha. Pelo que eu ouvi e já pude perceber pelas suas roupas ou quando ela abriu sua bolsa para pegar a carteira de identidade – diga-se de passagem, falsa -, que estava cheia de camisinhas, ela com certeza é uma mulher que está acostumada com homens como Igor. Mais uma vez, isso não é da minha conta, ela não é o meu problema. E outra coisa, por mais que eu não tivesse parado de pensar nela desde o maldito *Body Shot* e houvesse uma inegável atração sexual entre nós, eu achava melhor que nós nos mantivéssemos longe. Estava tatuado, em sua testa em letras garrafais em Neon: PROBLEMA!



— Então, Théo. Tudo certo para amanhã? — o Rei questiona após sentarmos na antessala para um café, após o jantar.

— Sim. Tudo certo, Majestade. — respondi prontamente.

Era mentira. Meu dia foi um desperdício. Eu estava entrando em licença no meu cargo como Assessor de meu pai por tempo indefinido para ajudar a Princesa, então teria que deixar muito coisa adiantada, mas não consegui me concentrar em nada. Por causa dela. Sim. Estava totalmente distraído, pensando na *Louca do Body Shot*. Acho que fiquei pensando mais nela pela forma como ela me dispensou simplesmente. Mas veja como o destino é irônico. Como ela mesma disse, o destino fez com que nossos caminhos se cruzassem novamente.

— Stephanie. — o Rei chamou e ela prontamente olhou de volta para ele.

— Sim, pai. — respondeu.

— Como eu tinha dito a você ontem à noite, a partir de amanhã você será acompanhada por Théo. Ele irá lhe instruir sobre a iniciação do Principado. Vai lhe apresentar a nobreza e as organizações em que participamos. Decidirá suas atividades e sobre como você se portará diante a Sociedade. Durante um bom tempo, o qual nós dois decidiremos, Theodore será sua sombra. Confio nele com a minha vida. Tenho certeza de que não

há ninguém melhor para lhe ajudar sobre tal. — afirmou sem abrir deixa para contestação, o que pareceu que ela faria, mas logo engoliu o que diria e eu sorri para ela.

— Sim, Senhor. — responde firmemente.

— Bom, já que estamos acertados, acho que vocês precisam conversar e acertar quais serão os primeiros passos que seguirão. Tenho algumas coisas que eu gostaria de discutir com você, Alano. Acompanhe-me até meu escritório, por favor. — O Rei levantou-se, chamando meu pai que imediatamente o seguiu, deixando-nos sozinhos.

Assim que eles saíram, eu me levantei e a rodeei como um animal a espreita. Eu estava me coçando para lhe provocar. Na verdade, eu estava louco para vê-la perder um pouco a linha e ver *a Louca do Body Shot* que só fez atijar minha imaginação desde que a vi naquela maldita boate.

— Enfim sós, Miley — provoquei, assim que nossos pais passaram pela porta e ela levantou me olhando irritada.

— Olha só, seu Ogro... — começou e eu prontamente a

interrompi.

— Olha só digo eu, Stephanne. Eu sei que você está morrendo de medo que eu lhe delate e conte toda a verdade sobre o que aconteceu. Sério que você teve a coragem de dizer que seu acidente foi em um Shopping, “salvando” a vida de um menino? Não deveria ter ficado surpreso, porque eu já percebi que você é uma caixinha de surpresas. Mas vamos ser diretos aqui. Comportamentos como o de ontem à noite, hoje de manhã e sua paquera descarada com Igor, não serão permitidos para uma Princesa. — falei e senti meu sangue esquentar com o pensamento dela com Igor.

Merda! Isso não era bom.

— O que foi, Théo, ciúmes do seu amiguinho? — ela perguntou com um enorme sorriso e eu tive que sorrir também.

Eu sei que apesar de tudo eu a irritava, então me inclinei mais a sua frente e pude sentir o cheiro de rico da sua pele, juntamente com seu perfume. Meu corpo que já estava meio fora de controle, ficou todo em estado de alerta, meu olhar impotente incidiu sobre seus lábios

cheios, esculpidos, que pareciam tão deliciosos e eram juntamente com seu corpo tentador, uma promessa de sexo e pecado.

— *Mad. Mad.* — Ela me olhou irritada por chamá-la de maluca, mas ainda assim, sua respiração indicava o quão estava afetada pela nossa aproximação. — Eu não sou do tipo ciumento. Igor é como eu. Um cara que só se interessa pelo que uma mulher pode nos oferecer por uma noite. Sejam os honestos aqui, você me quer. Mas de uma coisa eu tenho certeza. Não sei se você se contentaria só com uma noite comigo. — falei e retribui a maldita mordida na orelha que ela me deu mais cedo, me garantindo bolas roxas até esse momento. Ela gemeu e eu sorri, me afastando.

Eu precisava de um segundo para colocar minha cabeça e meu controle no lugar. Não me afastei apenas por querer provocá-la, lógico que esse era meu principal objetivo. Mas minhas próprias reações com ela me assustavam um pouco. Meu corpo parecia ter vida própria e estava implorando para tocá-la. Mas eu não poderia. Por um momento eu achei que ela fosse falar algo, mas ela

parecia tão sem palavras que eu estranhei ela estar tão chocada. Ela engoliu alto, sua respiração irregular.

— Sem palavras, *Mad?* — eu perguntei e senti meu próprio sorriso arrogante.

Então o que aconteceu depois, foi tão rápido, que quando percebi eu estava sentado na poltrona e Steph estava montada em cima de mim, esfregando-se em minha ereção e me segurando pela gravata. Foi a minha vez de gemer.

Put a que pariu! Ela era uma torturadorazinha do cacete!

Por um segundo fiquei tentado a levantar sua saia e enfiar a mão dentro da sua calcinha e sentir seu calor, antes de fodê-la aqui mesmo. Mas eu não me atrevi a segurar seu braço ou tocá-la. Eu não confiava em mim mesmo.

— Sabe, *Príncipe Ogro*, eu não sou o tipo de mulher a qual você está acostumado babando atrás de você. Eu apenas pego o que eu quero. E eu lhe digo, sempre consigo quem eu quero. Depois disso, minha vida continua. E devo lhe avisar: Não me apego a nada e nem a

ninguém. Nunca!

Fala tão perto do meu ouvido, que consigo sentir o calor de sua respiração. Eu mal podia pensar até mesmo compor quaisquer palavras. Enquanto ela se aproximava de mim, e se esfregava, uma ridícula pontada de nervosismo foi se contorcendo em minha barriga.

Ela vai me beijar? Inferno! Eu quero... Não, eu não quero!

E então a boca dela estava sobre a minha em um beijo faminto. É como se o mundo inteiro tivesse parado diante de nós. Como se a única coisa existente era o calor, a pressão e a textura macia da sua língua, seu gosto doce. Ela tinha um gosto tão bom. Como o pecado. Qualquer plano de me manter sob controle disse “Adeus!” no exato minuto em que ela encostou seu corpo ao meu. E eu rapidamente retribuí e peguei de jeito, uma mão puxando seu cabelo e a outra espalmando sua bunda. A pressão do seu corpo contra o meu e a necessidade dela surgindo em mim como um carro desgovernado. Eu estava perdido e ao mesmo tempo parecia ter me encontrado em seus beijos. Eu a queria e iria tê-la.

Enquanto nos beijávamos, só uma coisa que me vem à cabeça: *Que caralho está acontecendo comigo?*

Capítulo 7

Steph

Porra doce e quente!

Sim. Eu fiz isso, eu o beijei. Já disse e repito, sempre faço o que eu quero e convenhamos que eu estava morrendo de vontade de me jogar em seus lábios desde a noite anterior. Depois de uma manhã e uma noite de provocações, eu queria isso mais ainda. Minha intenção era pegá-lo desprevenido, mas acho que não apenas ele foi pego de surpresa, porque não tinha dúvidas de que nós dois nos surpreendemos com a explosão que foi nosso beijo. *Era foda!*

O nosso primeiro beijo foi irreal. Sim. Eu tinha sido beijada muitas vezes ao longo dos anos, sejamos sinceros aqui, foram tantas que perdi até a conta, mas nunca foi como o beijo de Théo. Era um misto de suavidade e força, que me deixava completamente louca. Eu nunca tinha sido beijada por alguém que claramente conhecia cada ângulo

da minha boca, mergulhando e movimentando a língua em uma espécie de provocação, para me fazer perder quase completamente minha mente. Théo gemeu quando mordeu seu lábio inferior e foi provavelmente o gemido mais quente que eu já ouvi. Talvez fosse o tom de sua voz, um pouco rouca, mas com muita, muita fome.

Primeiro, eu o agarrei, mas no instante seguinte, eu estava sendo literalmente agarrada e consumida de uma maneira tão intensa, que eu não podia nem assimilar o que estava acontecendo ao nosso redor. Agarrei a gola do seu terno e segurei sua nuca enquanto aprofundávamos o nosso beijo. Uma mão agarrou os cabelos na minha nuca, em um gesto possessivo que só me fez querer mais. A outra mão agarrando minha bunda, me dando mais prazer, implorando por cada vez mais do seu toque. Eu sempre dominava no sexo, mas a forma como ele estava dominando, só me fez querer mais. Depois inclinei a cabeça para trás, dando acesso ao meu pescoço e sua mão deslizou pelas minhas costas, antes de voltar a agarrar meu bumbum, me puxando firmemente contra ele. Gemi ao sentir sua ereção, grande e grossa embaixo de mim,

exatamente no ponto em que eu mais precisava dele e por um momento pensei que iria explodir por causa da necessidade que estava. Encontrava-me cada vez mais perdida em meio à nossa névoa de tesão.

Nosso beijo parecia ter cada vez mais necessidade. Eu estava cada vez mais embriagada pelo seu gosto, seu cheiro, seu toque, seu calor. O poder que ele exercia sobre mim nesse momento parecia tão certo. Sabemos que eu não sou uma pessoa muito equilibrada. Mas eu não cheguei até aqui para perder o controle. Eu queria provocá-lo a ponto dele perder o seu precioso controle, não o meu. Com um beijo ficando cada vez mais voraz, tentei manter algum resquício de controle. Queria ele, mas queria mais ainda que ele soubesse quem estava no controle. Queria que ele entendesse que faria o que eu quisesse e isso dizia respeito não apenas às minhas atividades como Princesa, mas quanto a mim e a ele principalmente. Eu queria ele entregue, me desejando e me querendo. Sua mão foi subindo pela minha coxa, queimando a minha pele, indo exatamente aonde eu queria. Mas quando o seu dedo me tocou, nós dois gememos e eu

esqueci momentaneamente qual era meu plano.

— Hum... Que delícia. Tão molhadinha para mim. —
grunhiu com a voz rouca.

Seu dedo foi entrando mais fundo, enquanto seu dedão brincava com meu clitóris, no ponto exato. Gemi e ele grunhiu, antes de voltar a me beijar para esconder meus gemidos. Por um momento esquecemos que estávamos em uma sala, e que a qualquer momento alguém pudesse entrar. Ou pior, nossos pais poderiam entrar e ver essa cena depravada a qual nós estávamos protagonizando. Mas neste momento eu não me importava com nada. Tive vontade de mandar tirar suas calças e penetrar com força, esse seu pau que parece ser tão gostoso quanto o dono. Aquilo era bom demais. Ele era bom demais. Demais.

— Puta que pariu, Steph! Caralho! Molhadinha, quentinha... Tão quentinha. E, nossa mãe! Você é tão apertadinha. Quero ver você apertando meu pau, assim, com essa bocetinha gulosa.

Mordi meu lábio tentando, sem sucesso, abafar o meu gemido. A respiração de Théo estava agora ofegante em meu pescoço, onde ele mordia, lambia e grunhia, me

deixando cada vez mais louca e excitada. Esse homem me enlouquecia de uma maneira singular. Ele era um homem que estava acostumado a conseguir exatamente o que queria, mas eu não facilitaria para ele. Eu queria provar meu ponto a ele, mas meu corpo estava me traindo, eu estava ansiando por mais do que ele poderia fazer com meu corpo.

Caralho! Ele é tão bom nisso!

Enquanto sua boca fodia a minha, ele movia os dedos dentro de mim e em meu clitóris com a pressão perfeita. Em um ritmo perfeito. Delícia. Meu corpo inteiro tremeu com o orgasmo que estava chegando para mim, senti a pressão do meu corpo aumentar, meu coração batia tão rápido, que estava me deixando com falta de ar. Théo mordeu meu mamilo duro, ainda por cima do tecido da minha roupa e esse pequeno ato libertou meu orgasmo. Ele rapidamente abafou o grito alto que quase me escapou da boca com a sua, enquanto eu me entregava ao clímax.

— Merda, Steph, isso foi foda! — ele grunhiu, antes de voltar a me beijar vorazmente.

Uau! Se ele era bom com os dedos, imagine com o

resto!

Precisava dele. A excitação e o desejo eram demais. Mas eu tinha que manter o foco caso eu quisesse seguir com meu plano. Afastei-me subitamente da sua boca. Respirando com dificuldade, saí do seu colo, com as pernas ainda meio trêmulas pelo meu clímax. Levei todas as minhas forças para me afastar. Ele gemeu pela perda de contato, parecendo sentir dor. Eu sei exatamente o que ele estava sentindo. Eu também estava assim. Mesmo acabando de gozar, eu estava mais quente e tão excitada como nunca estive em minha vida. *Eu queria mais. Eu o queria.* E quando ele olhou para mim com aqueles olhos azuis, escuros de desejo, me segurei para não voltar para onde estávamos poucos segundos antes e me enroscar nele para que ele enfim se enterrasse dentro de mim. Todos os pedacinhos do meu corpo imploravam e pediam por ele. Mas eu tinha que ser forte. Provar quem mandava.

— Até amanhã — falei tentando manter a voz direta, ao invés do gaguejo sôfrego que estava prestes a sair.

— Até amanhã? — repetiu incrédulo.

— Lógico. Obrigada por me fazer gozar. Como já fiz

meu ponto, lhe provando que quem dá as cartas aqui sou eu, já vou. Mas você já sabe. Eu farei o que eu quiser. Eu quero e terei você como e quando eu quiser.

Já valeu a pena quase todo o esforço que eu estava fazendo para me manter longe dessa criatura deliciosa e não me jogar em seus braços novamente, só pela cara de surpresa estampada naquela carinha linda. Ele estava exatamente como eu queria. Sem defesas. Dominado. Irritado por descobrir quem mandava. Eu ri quando Théo murmurou uma maldição.

— Você só estava me provocando. — ele disse com a voz rouca de desejo, parecendo tão ofegante, como se tivesse corrido uma maratona.

Théo se levantou da poltrona, nitidamente puto da vida. Ele se afastou ofegante e suspirou, passando as mãos no cabelo nitidamente irritado. Eu sorri. Adorei tirar esse homem todo dono de si do eixo. Fiquei até mais sedenta por ele. Voltei a me aproximar dele, sua respiração travou novamente e seus olhos caíram em meus lábios. *Ele me queria*. Ele ficou tenso quando cheguei perto do seu corpo, arranhei seu peito com minhas unhas compridas e

cheguei perto do seu ouvido. Mais uma vez ele estava tentando lutar contra o desejo que sentia. Bobinho.

— Não adianta fugir, meu *Ogro*. Eu sei que você me quer. Mas será como eu quero. Tudo sempre é como eu quero. Apenas se renda. — sussurrei e vi sua pele se arrepiar.

Puxei o cabelo da sua nuca, passei meu nariz pelo seu pescoço, bebendo seu cheiro inebriante e com uma mordiscada no seu lábio inferior, eu me afastei. Dei as costas sorrindo, caminhando até a saída da sala, rebolando provocativamente como eu podia com a maldita bota, deixando para trás um Theodore muito atordoado, com a boca literalmente aberta e uma ereção monstra. Ele não perdia por esperar. Toda a sua dominância, arrogância e boa intenção para comigo iria para o inferno. Porque eu fazia questão de fazê-lo perder o prumo e mandar tudo para lá. E principalmente, queria que ele tivesse certeza de quem manda aqui sou eu. Esse será um desafio que vou adorar vencer. E digo mais, não vai demorar muito.



“Amor, você não percebe?

Estou chamando

Um cara como você deveria ter um aviso

É perigoso, estou me apaixonando

Não há escapatória, não posso esperar

Preciso de um pouquinho, amor, dê pra mim

Você é perigoso, adoro isso...”.

Isso só pode ser um pesadelo querendo entrar no meu sonho!

Acordo com o barulho irritante do meu celular. Resolvi ignorar, mas ele novamente começou a tocar. Sem pensar duas vezes, jogo para o outro lado do quarto, o mais longe possível de mim, tentando continuar com o sonho delicioso que eu estava tendo com o cretino delicioso daquele Ogro. Mas pelo visto é pedir muito conseguir gozar no meu sonho, porque o aparelho irritante continua tocando Toxic.

Bupei irritada. Coloco o travesseiro na cara, tentando abafar a música que agora parecia fazer a voz da Britney ainda mais chata. Tento voltar a dormir enfiando a cabeça

no travesseiro, mas depois do que me parecem dois minutos, vejo que é impossível. Porque juntamente com a música do celular, alguém, que nitidamente quer uma morte lenta, começa a bater na minha porta com toda força, como se fosse derrubá-la.

— Só podem estar de sacanagem comigo! — brado, me levantando da cama, quase tropeçando na merda do edredom de seda no processo, por causa da bota que ainda usava.

Que diabos querem... Às sete da manhã? — me perguntei, olhando para o relógio do meu celular que recuperei do chão, que continha umas dez chamadas perdidas de um número desconhecido.

— Já vai, inferno! Parece até que o Castelo está pegando fogo! — gritei para quem quer que fosse que incomodava meu sono de beleza.

Não me importei de me vestir, do jeito que eu estava dormindo fui atender o infeliz que parecia querer derrubar minha porta. Cambaleando e pulando com a maldita bota, fui murmurando maldições para até a quinta geração do infeliz, até chegar à porta e destrancá-la. Eu estava pronta

para começar uma briga e mandar quem quer que fosse para o olho da rua, antes de voltar para cama e ter meu sono dos “justos”.

Acordei na mesma hora e perdi todo meu ar. Mais uma vez em menos de vinte e quatro horas, estanquei com a visão que eu tive. Théo. Lindo. Seus cabelos castanhos ainda molhados, penteados para trás e barba por fazer. Ele estava em um terno azul marinho aberto, blusa branca de algodão, calça bege e toda aquela gostosura na minha frente. Parecia um modelo saído das minhas revistas de moda.

Lindo demais! Gostoso demais!

Enquanto meu cérebro tentava fazer as sinapses necessárias para assimilar que eu estava acordada diante do cara que até poucos instantes estava me dando um orgasmo nos meus sonhos e que não era um maldito sonho, seu sorriso sumiu e seu olhar desceu sem nenhum pudor pelo meu corpo.

Eu já disse que eu só estava usando um top rosa e uma tanguinha combinando?

Justamente. Não posso me sentir culpada, eu costumava

dormir assim e afinal como eu poderia adivinhar que era para ele quem eu abriria a porta? Ele quem me acordou. Ele quem pediu por esse show. Seu olhar queimou minha pele, instantaneamente me deixando quente. Imagens do que fizemos na noite passada vieram à minha mente e brilharam no seu olhar. Théo engoliu em seco. Mas em nenhum momento parou de me beber com seu olhar. Pensamentos do que eu imaginava fazer com ele, enquanto eu usava meu brinquedinho de pilha na noite anterior vieram ainda mais picantes. Nem parecia que eu fui saciada ontem. Eu queria mais. Eu o queria. Como eu poderia deixar meu corpo reagir assim? Como eu poderia me sentir desta forma só com sua presença? Eu ainda queria mostrar para ele que eu tinha o controle sobre o que quer que seja esse desejo entre nós, mas agora, mais do que isso, eu queria que ele continuasse exatamente de onde paramos.

— O que é? Vai ficar só olhando? — perguntei sorrindo, levantando a sobrancelha sugestivamente.

Capítulo 8

Théo

Foda! Foda! Foda!

Depois de uma noite em claro, que inferno de nada aliviou minha situação degradante nos meus países baixos, porque por mais que eu tentasse, em nenhum momento deixei de pensar nessa *Diaba Louca* e na forma que ela me enlouqueceu e me deixou literalmente na “mão”. Eu não queria me alongar a respeito dela, então apesar de ter ficado obviamente frustrado, achei que talvez fosse uma coisa boa o fato de que ela tinha ido embora depois de toda aquela pegação louca e deliciosa.

Sim. Stephanne era uma perdição!

Mas parece que meu corpo discordava completamente da minha racionalidade. Assim que consegui controlar meu *Alexandre*, inventei uma desculpa qualquer para sair do Castelo o mais rápido possível. Achei que fosse encontrar a *Diaba Louca* por lá, porque não me

surpreenderia que ela estivesse com nossa família fingindo que nada havia acontecido, como se ela não tivesse gozado em meus dedos e nós não tivéssemos quase trepado como duas pessoas no cio a alguns metros dali, mas pelo visto ela teve a mesma ideia que eu. Fiquei até agradecido, porque não sabia o que faria se a encontrasse.

Sério. Onde eu estava mesmo com a cabeça quando me deixei levar?

Sim. Eu sei exatamente onde eu estava, melhor dizendo, onde eu não estava com a “cabeça” e queria ter estado. Mas eu também estava mais do que ciente de que fui completamente leviano e extremamente imprudente ao me deixar levar por aquela *Princesa Trilouca*. Mas uma coisa eu não podia negar: Nunca senti nada tão intenso quanto senti com Stephanie. Achei que se eu saísse para me distrair, eu conseguiria esquecer o que aconteceu. Por isso aceitei o convite de Igor. Mas pelo visto foi uma perda de tempo não ter ido direto para casa, porque enquanto as mulheres lindas vinham atrás de mim dispostas a me darem o que eu queria, eu só conseguia visualizar um par de olhos azuis se entregando a

libertação e era ela quem eu queria. Depois dessa constatação, nem me dei ao trabalho de continuar a caça com Igor, pois eu estava com raiva de mim mesmo por ter chegado a essa situação e sabia que essa noite só aquela *Loira Maluca* seria capaz de matar minha fome.

Certo, Theodore Caravaggio. Você está ficando meio louco!

Mesmo tendo ficado sem pregar o olho, rolando na cama com uma insônia que não tive nem nos tempos de campanha do Ministério, eu levanto decidido a virar o jogo e mostrar para aquela *Provocadora do Caralho* que ela não me afeta. Vai ser foda, mas eu vou fazer exatamente isso. Tomei um banho demorado, esperando que a água lavasse minha perda de sono e embaixo do chuveiro, fiquei pensando o que eu realmente iria fazer. Foi meu primeiro erro nessa manhã, porque pelo visto era inevitável não pensar nela e não ficar com meu pau traidor duro novamente. Tive que matar quem tava me matando, pelo que me pareceu a milionésima vez desde que ela me deixou de pau duro no castelo. Chega até ser vergonhoso para eu admitir que estou me comportando igual a um

adolescente cheio de hormônios.

Estava tudo muito mais claro depois do banho – e mais uma aliviada. Não havia dúvidas em minha mente que eu havia cometido um erro terrível ao permitir me deixar levar pelo meu desejo insano por Stephanie. Foi frustrante, mas foi incrível, tenho que admitir. Mas isso definitivamente não iria acontecer uma outra vez. Era isso que eu continuava repetindo para mim. De agora em diante, eu iria mostrar para ela quem mandava. Cumpriria o trabalho que o Rei me designou e apenas isso. Algo me dizia que Steph não iria se cansar desse joguinho. Seria difícil estar ao lado dela e não me lembrar do quão bom foi beijá-la. Seria difícil não me perder ao pensar em sentir seu gosto. No seu cheiro. Seria difícil não me lembrar do seu rosto lindo e corado enquanto se convulsionava em um orgasmo. Mas era o certo a se fazer. Eu não deixaria Stephanie tentar me fazer de Marionete. Nunca fui e nunca serei.



Às sete horas em ponto, eu já estava atravessando o

corredor e parando em frente ao seu quarto. Lourdes pareceu um pouco surpresa com a minha chegada tão cedo no Castelo Bellini. Mas pelo olhar que ela me deu, algo me dizia que ela certamente desconfiava do que tinha nos acontecido. Ou isso, ou Steph lhe contou o que houve. Ou convenhamos, ela certamente conhecia a amiga desavergonhada que tinha. Eu não duvidava nem um pouco disso. Voltei a ligar para o seu celular, pelo que me pareceu a milionésima vez, e ouvi uma música tocando no fundo. Mais uma vez caiu na caixa postal. Tentei abrir a porta, mas pelo visto a Princesa trancava-a. Então comecei a bater, enquanto ao mesmo tempo ligava novamente para o seu celular. Inclinando-me casualmente contra a porta, escutei ela xingar alguns palavrões e logo em seguida gritar alguma coisa irritada com a interrupção do seu sono. Foi impossível não rir ao imaginá-la puta da vida por a acordarem tão cedo. Sim. Não era só ela que sentia prazer em me irritar. Adorava vê-la irritada. Não preciso ser um gênio para saber que acordar cedo e Stephanie, eram uma mistura que não costumava acontecer. Era exatamente isso, não costumava, porque a

partir de agora as coisas iriam mudar. Seriam do meu jeito. Então, enfim ela abriu a porta e parei em meu caminho, com a mão ainda no ar.

Maldição! Ela quer foder a minha mente?

Eu esperava que ela fosse abrir a porta até com um mínimo pijama. Antes fosse. Porque eu estava tentando me preparar para tal cena e acho que conseguiria tentar lidar com isso. Mas não, claro que não, se isso acontecesse não seria ela. Toda vez que eu achava que Stephanie não poderia me surpreender, mais uma vez ela dava na minha cara mostrando o quanto ela é completamente imprevisível. Porque agora eu me encontrava assim nessa situação. Boquiaberto. Embasbacado. Encantado. Admirado. Fascinado. E puto da vida comigo mesmo por me sentir assim.

Stephanie estava usando um Top cor de rosa e uma tanguinha mínima. Sim, ela estava quase nua em minha frente, exatamente às sete da manhã. E era a porra da fantasia de todo homem. Enquanto lutava para controlar a reação do meu corpo, meu olhar foi atraído à visão do seu corpo delicioso. Seus seios fartos e perfeitos. Sua barriga

plana, quadris do tamanho exato e foi impossível não desejar arrancar aquela maldita calcinha mínima, que guardava aquela bocetinha quentinha que fodeu meus dedos. Tudo embrulhado em linda pele branquinha. Eu tinha fantasiado seu corpo mais vezes do que eu provavelmente poderia admitir, mas a realidade, a luz do dia, era melhor. Muito melhor.

O cheiro de seu perfume foi um gatilho para o meu corpo. Logo senti todo o sangue correr para o meu pau. As palavras momentaneamente falharam entaladas em minha garganta. Steph não falou. Acho que nós dois não conseguimos. Ela simplesmente ficou ali assistindo minha intenção, com seu olhar escuro, quente, implorando-me. Eu poderia ter essa linda mulher, deliciosa, gostosa e seminua na minha frente, mas o que me atraiu mesmo foi esse olhar desejoso em seus olhos. A chama de calor nos seus lindos olhos azuis era demais para a minha força de vontade. Outra coisa que mexeu comigo, foi quando vi um tremor correr pelo seu corpo delicioso quando a comi com meus olhos. Ela também sentia essa tensão sexual entre nós. Claro que sentia. Era forte demais para ignorar.

Foi impossível não sentir a onda de calor que se espalhou pelo meu corpo, respondendo exatamente o que eu via dentro dela.

Só que ela também era uma Sem-vergonha e uma Provocadora do Caralho e eu não podia esquecer-me disso e de todas as mil implicações que existiam por me envolver com essa Louca. Mas diga isso para o meu corpo traidor de convicções. Mesmo quando reunia minha vontade de mandar a razão embora, *Alexandre* a saudou alegremente dentro da minha calça. De forma quase dolorosa.

— O que é? Vai ficar só olhando? — perguntou provocativamente, com as mãos em seus quadris.

Quase gemi ouvindo o som rouco que saía da sua garganta. Seu olhar desafiando-me a ir pegar o que eu tanto queria.

— Vai continuar mesmo só apreciando a vista, seu *Ogro*? — perguntou, com sua boca carnuda e vermelhinha, mostrando suas covinhas.

Provadora Filha da puta!

Depois do meu momento de fraqueza, mantive o rosto

inexpressivo, determinado que Steph nunca soubesse como me afetava. Eu sei que ela sabia. Ela sentia. Mas ela também tinha que saber que eu não iria sucumbir as suas vontades — E nem as minhas — Tão facilmente novamente. Não mesmo. Como eu já disse, dois podem jogar esse jogo. Nesse caso, só haverá um vencedor. Uma coisa sobre mim é que sou extremamente competitivo. Sempre fui. Acho que está no sangue político que corre em minhas veias. Eu não estou acostumado a perder, então nesse caso, eu com toda certeza sairei vencedor dessa. Olhei-a de forma intensa e sorri. Inclinei-me para frente, a fim de sussurrar em seu ouvido. Mas o tiro quase saiu pela culatra, quando senti sua respiração ofegante e seu cheiro inebriante. Lutei mais do que tudo para manter o meu controle intacto. Precisei me lembrar do por que eu estava ali.

— Bom dia, Princesa. Pronta para ter um dia intenso comigo hoje? — perguntei de forma ambígua, com uma voz rouca de desejo e ela resfolegou.

Sorri com sua reação. Adorei ter ainda mais certeza de que eu tinha poder sobre ela. Ela podia querer dizer que

ela mandava, mas ela sabia que seu corpo também era submisso a mim. Ela apenas lutava contra isso. Minha mente gritava para me afastar, enquanto as imagens do que eu queria fazer com ela, só fazia meu corpo gritar para fazê-la minha.

Alexandre implorava para rasgar esse maldito mínimo pedaço de pano que ela chama de calcinha e terminar o que começamos ontem à noite, tomando-a ali mesmo. Juntei todo o meu autocontrole restante, me afastei e fui entrando no seu quarto, deixando-a boquiaberta. Sedenta por mim.

Ponto para mim!

Apesar de não colocar meus pés nesse quarto, desde os quatorze anos de idade, quando Stephanne, com uns doze anos na época, me fez vir aqui para uma sessão de beijos, que dávamos de vez em quando. Sim, de vez em quando nós nos beijávamos. Mas em minha defesa, a primeira vez em que ela me pediu aos dez que eu a ensinasse como se beijava, eu não queria dizer a ela que eu era tão “experiente” quanto ela nesse assunto. Sou um cara e também não sou idiota, claro que eu não perderia aquela

oportunidade. Fora que Stephanne, mesmo naquela época, já era uma coisinha linda.

Enfim, seu quarto continua praticamente como eu me lembrava. Sabe aquele típico quarto clichê que você imagina que as Princesas dormem? Então. Esse era o quarto da nada doce Princesa Stephanne. Cama de Dossel e uma decoração romântica, com tons de rosa.

— Então — eu falo quando chego perto da cama e olho para os lados. Steph continua parada no seu lugar. — Vou levar você para conhecer alguns lugares hoje.

— Sério, Théo? Às sete da manhã? Você dormiu com a apresentadora do jornal da televisão “Bom dia Campavia”? — pergunta irritada e eu tive que rir.

— Não, Stephanne. Temos muito a fazer e achei melhor vir mais cedo — falei e ela sorriu maldosa, fechou a porta, se aproximando de mim.

Meu alerta “Problema” foi ligado e meu pau traidor se animou com sua vinda.

— Eu já sei, não consegui dormir. Por isso chegou tão cedo, não é? Estava com saudades de mim, *Ogro*? — perguntou sorrindo provocativamente, colocando os

braços no meu ombro e eu engoli em seco.

Filha da puta! Como ela adivinhou que não dormi?

Nossos olhos se encontraram e eu achei que eu não conseguia desviar o olhar. Os olhos de Steph eram tão brilhantes agora, que eram quase prata e pareciam tão mergulhados de desejo que chegava a ser hipnotizante. Meu coração ficou batendo cada vez mais forte. Havia uma estúpida vibração no meu peito com a visão de seu sorriso malicioso.

Minha pele se arrepiou com o contato da sua pele nua, com aquele maldito choque elétrico. Como se tivesse vida própria, meus braços serpentearam sua cintura pressionando-a a mim. Ela era mais baixa do que eu sem salto, então minha ereção batia na sua barriga e ela logo ofegou com o contato. Sua boca era tudo que eu podia pensar. Seu corpo era tudo que eu queria pensar. Por um breve momento pensei em ignorar minha razão, porque meu corpo parecia ter uma mente própria.

Merda! Precisava me controlar!

— Eu sei que você quer. Sabemos o que nós dois queremos, Théo. Faça o que você quer fazer. — ela

murmurou com a voz rouca de desejo.

Caralho de mulher é essa?

Parte de mim queria bater na minha cabeça para sair dessa. A outra parte queria rastejar com ela para sua cama e fazer exatamente o que eu queria fazer. Mas eu daria a ela o gostinho da vitória caso fizesse exatamente isso. Nós poderíamos? Eu era extremamente competitivo, eu daria a ela esse gostinho? Ou será que isso importa? Algo dentro de mim dizia que caso eu sucumbisse a essa atração louca, eu sairia ganhando, mas nitidamente estaria condenado.

— Sabe, é exatamente isso que vou fazer — falei e sorri, seu sorriso se ampliou e seus olhos escureceram de desejo. — Vou te levar a um lugar, que você jamais pensou que poderia ir. — Ela mordeu os lábios e gemeu, eu quase falhei, então me apressei a continuar. — Te espero lá embaixo em dez minutos. Vamos tomar um belo café da manhã, tão gostoso como eu. — murmurei a última parte no seu ouvido, deixando um beijo molhado ali.

Stephanne produziu um som profundo da garganta, metade maldição e metade gemido. Seus mamilos estavam duros, pressionando contra o material fino do top.

Alexandre estava pedindo para “sair” e eu acho que eu tinha o maior caso de bolas roxas da história. Rapidamente desvencilhei-me dela, antes que eu acabasse sucumbindo ao meu próprio desejo de acabar com a merda desse tesão desenfreado que sinto por essa louca. Nem sabia que eu poderia ter tanto autocontrole.

— Cuidado, Theodore Caravaggio. — ela alerta quando eu chego à porta e seguro a maçaneta. — Quem brinca com fogo, pode se queimar.

Eu não disse mais nada e mesmo sem olhar para trás, eu sabia que ela estava no mesmo lugar onde a deixei. Não podia me arriscar a voltar a olhá-la, pois não sei se eu não voltaria atrás para terminar logo com isso. Saí e bati a porta. Eu sabia que ela não estava errada. Suspirei. Naquele momento, eu tinha muita coisa acontecendo na minha cabeça. Era muita loucura para se pensar.

Que a Princesa Stephanie Montalcino não tinha juízo, isso eu já sabia. Só que agora eu tinha mais do que certeza de que ela queria acabar com o meu juízo também. A situação estava pior do que eu imaginava. Ia ser foda. Mas eu precisava manter meu controle. *A verdade é que eu*

teria que ter um autocontrole do caralho! Sim, eu estava condenado!

Capítulo 9

Steph

Foda-se! Ele não fez isso!

Ele está falando sério? Eu não posso acreditar que ele praticamente me dispensou e me deixou aqui ansiando por ele, mesmo que eu tenha mais do que certeza de que ele me quer tanto quanto eu o quero. O que ele acha que está fazendo? Como ele pode simplesmente me dispensar assim dessa maneira? Eu não estava acostumada aos caras me ignorarem. Na verdade, nunca em toda a minha vida eu fui “dispensada”. Quem ele acha que é? Ele só pode estar brincando comigo, né?

Como pode com apenas um toque acender meu corpo de uma maneira, que eu achava impossível de acontecer? Como pode eu ainda estar sentindo a forma como ele me manteve cativa a ele, com o corpo e o olhar? Eu ainda sentia os efeitos dele no meu corpo, na minha respiração.

Eu sabia que não estava sozinha nisso. E por que então ele tem que fazer isso tão difícil? Bastava se render.

Maldito delicioso!

Mal sabendo ele que sua negativa me instiga ainda mais a me provar. Eu sempre entro num desafio para ganhar. Se tem uma coisa que eu não sei, é perder. Sou filha única. Mimada. Egoísta. Não sei dividir e muito menos receber um “não” como resposta. As coisas são sempre como quero e eu simplesmente não aceito que seja diferente. Eu dou a última palavra. Já disse que tenho o que quero e é exatamente isso que vou provar para Théo. Eu vou tê-lo, provarei a ele que eu posso e depois simplesmente o tirarei do meu sistema. Lourdes entrou no quarto um pouco depois que Théo saiu. Eu estava lá parada, feita “dois de paus”, ainda espumando de raiva do idiota que como se não bastasse não ter sido suficiente o orgasmo que me deu, ainda me deixou mais quente depois de me acordar cedo em um domingo.

— Théo pediu para dizer que está te esperando lá embaixo. — falou me olhando desconfiada.

— Ele que espere! — murmurei irritada, girando meus

pés para ir escolher uma roupa.

— O que houve? — ela perguntou obviamente achando estranho.

— Théo aconteceu. — grunhi.

— Théo? — repetiu sem entender.

— Odeio Théo! — rosnei.

— Sim. O que ele fez pra você? — insisti.

— Nasceu. — respondi, simplesmente.

— Sério, Steph. Eu te conheço. O que houve entre vocês?

— Longa história.

Eu não quero me prolongar nesse assunto, mas sei que não será muito eficaz. Quando Lourdes encasqueta com alguma coisa, ela não para até saber exatamente o que se passa. Escolho uma calça jeans preta, uma *t-shirt* branca decotada, com uma carinha de “smile”, lingerie e um coturno preto, para ao menos tentar disfarçar a maldita bota que serei obrigada a usar pelos próximos dias.

— Meu pai saiu? — perguntei, tentando desconversar.

— Sim. O Rei teve uma viagem de emergência para a Itália, pediu para avisar que volta a noite. Provavelmente

antes do jantar — informou meio distante e concordei.

— O que aconteceu ontem depois do jantar? — volta a perguntar, me entregando um copo de água e meu remédio.

— Nada — murmuro, depois que tomo o remédio entrando direto no banheiro, mas ela me segue.

— Sabe, Steph, acho que você deve achar que sou burra. Eu te conheço. Aconteceu alguma coisa ontem com vocês. E isso não tem nada a ver com os amassos que vocês trocavam quando eram pequenos — murmura séria e eu rio.

Jesus! Eu nem me lembrava disso. Como pude esquecer?

Theodore Caravaggio foi o primeiro garoto que me beijou. Acho que eu tinha oito anos quando ele me roubou um beijo e eu fiz com que ele se arrependesse disso. Mas com dez anos eu vi a necessidade de aprender realmente a beijar. Como eu não ia para escola como todas as crianças normais, tive que pedir ajuda ao Théo. Claro que ele se recusou e riu, mas quando eu disse a ele que pediria a algum menino que frequentava o castelo para me ensinar, ele rapidamente me agarrou e me beijou. Foram dois anos

de brigas e muitos treinos. Sorrio lembrando.

— Bem, talvez tenha a ver com isso também — falo entrando no chuveiro para um banho rápido, não quero que ele venha me encher o saco.

— Merda, Stephanie! Não acredito que você ficou com Théo. Você sabe o quão irritado seu pai vai ficar se descobrir isso? — Ri com seu exagero.

— Que nada! Ele não tem que achar nada. Até porque eu não fiquei realmente com Théo. A não ser que você considere dar uns amassos e um orgasmo, ficar — falei dando de ombros e comecei a rir da cara de espanto que Lou fez ao se sentar na borda da banheira.

— Santa merda! Você é louca, Stephanie! — gritou e eu ri de novo.

— Nunca disse ao contrário. — Sorri e pisquei o olho para ela, que ainda estava incrédula.

— Sabe que seu pai vai comer seu fígado, né? — perguntou acusadoramente.

— Contanto que eu tenha me alimentado muito bem de Théo, ele pode até ficar com eu fígado e fazer o que quiser. Só espero que ele não espere muita coisa dele.

Meu fígado é bem surradinho — comentei rindo e Lou revirou os olhos, me estendendo a toalha.

— Me conte o que aconteceu — pediu, enquanto eu me vestia.

— Théo foi o cara que me atropelou — confesso.

— Puta merda! — Ela se senta novamente e eu rio, era raro Lou falar palavrão.

— Pois é. Tanta gente para me atropelar, logo ele que tinha que vir para cima de mim. Só pode ser piada do destino. Imagine minha reação quando o vi na sala ontem. Como eu não o reconheci antes? — perguntei mais para mim mesma.

— Théo mudou. Ele cresceu e...

— Ficou um gostoso, prepotente e irritante — corto-a, me lembrando do jeito que seu corpo se encaixou no meu.

— Sim... — Nem a deixo terminar, e vou logo cortando-a novamente com o que me passa pela cabeça.

— Você não pegou Théo. Não é, Lou? — pergunto, e me vejo irritada com a possibilidade.

— Deus! Não! Apesar de ele ter se tornado um belo homem, nunca olhei para Théo dessa maneira. E ele idem

— falou incrédula e eu confesso ter ficado aliviada com isso.

Não, eu não gostei de como eu me senti. Estranho.

— Isso é bom — murmurei vestindo a blusa.

— Mas isso não quer dizer que Théo não tenha seus casos. Na verdade, ele tem muitos. E Théo não namora. — Afirmou com um sorrisinho contido.

— Ótimo! Somos dois. Eu também não namoro. Só quero um pouco de diversão e nada mais. Ontem mostrei para ele o que eu quero e vou provar quem é que manda. Depois que eu for para cama com ele, posso dispensá-lo sem remorso. Théo vai aprender a não se meter comigo. — Falei pensativa.

— Pelo Amor de Deus! O que você está pensando em fazer, Stephanie? — perguntou desesperada.

Depois de contar a Lou o meu plano e acertar os detalhes em que ela me ajudaria, porque depois de muita insistência ela resolveu ceder, saio do meu quarto confiante para enfrentar o meu carcereiro. Théo se encontrava no andar de baixo, aparentemente admirando uma obra de arte de um desses artistas qualquer que valem

milhões. Aproveitei e dei mais uma bela conferida no seu traseiro delicioso. Preferia mil vezes essa obra de arte, do que a que ele estava vendo.

Viva as calças sociais!

Tem mulheres que têm taras por mãos, peitorais e barrigas definidas e etc. Assim como tem homem que adora um par de peitos ou uma bela bunda nas mulheres, eu tenho tara por homem com um belo bumbum. Não me julguem por gostar de admirar, apertar, arranhar e dar uma bela mordidinha ali. Adoro.

— Desculpe atrapalhar sua inspeção, mas precisamos ir — Informou com um sorriso arrogante. Esse seu sorriso me trouxe de volta para a realidade.

Bastardo! Arrogante! Prepotente!

— Não seja ridículo, Theodore. Estou conferindo se vale a pena perder meu precioso tempo com você — rebati, olhando para ele com meu melhor sorriso.

— Você teve um gostinho ontem do quanto eu posso fazer valer a pena. — Ele se moveu para frente até ter seu rosto bem em frente ao meu, como se fosse me beijar. — Tanto, que eu tive que abafar seus gemidos com a minha

boca. — Sorriu e depois se afastou, sorrindo perverso, antes de sair andando pela porta.

Maldito! Maldito! Ele e os seus olhos azuis e essa atitude dominante de “eu tenho tudo o que eu quero”.

Irritada nível Máximo, coloquei meus óculos escuros, antes de me encaminhar para saída do castelo. Seu Audi estava parado e nem esperei o Ogro vir abrir a porta para mim antes de entrar, entrei logo e com isso quase me perdi. *Sabe aquele cheiro que te embriaga? Que te deixa completamente perdida e sem rumo?* Era o cheiro de Théo. Isso tudo porque eu entrei no seu carro, imagine o cheiro direto na fonte? Era bom demais. Vibrava tudo. Junto forças não sei de onde, para não pular em seu colo e não terminar com isso logo de uma vez. Sério. Nunca fui de me controlar. Eu tinha o que queria e não precisava me preocupar com os resultados das minhas escolhas depois.

Assim que Théo dá partida no carro, eu vou direto para o som, a fim de me distrair de alguma maneira dessa tentação que me encontro. Sorrio quando ouço Avril Lavigne Feat. Marilyn Manson, começando a cantar uma música que é exatamente o que eu quero dizer para ele

nesse momento. Começo a cantarolar *Bad Girl* junto com a música, Théo olha para mim e balança a cabeça em negação, antes de continuar com o olhar para estrada junto com um sorrisinho lindo nos lábios. Sorri. Uma coisa que ele não pode dizer é que eu não avisei. Eu disse que ele estava brincando com fogo. Ele não tinha ideia do quanto eu posso ser uma garota má quando eu quero.

Theodore Caravaggio, você não perde por esperar!



Não conversamos muito durante a viagem de carro, mas também não ficamos em um silêncio desconfortável, o som do carro ainda nos fez rir e cantarolar o resto do caminho. Não demoramos muito de chegar ao cais da cidade. No local ficava um centro comercial que parece ter sido recentemente restaurado, de tijolos antigos, onde ficam localizados lojas e restaurantes regionais famosos, cafés e delicatessens. A brisa agitou meus cabelos enquanto eu olhava os Iates milionários e veleiros que cortavam caminho através da água azul do oceano em nossa frente, criando um cenário perfeito entre a natureza

e os edifícios antigos da cidade.

Théo coloca uma mão atrás das minhas costas, provocando um choque elétrico no meu corpo, me guiando enquanto entramos na *Buon Caffee*, uma das mais tradicionais cafeterias da Campavia. Apesar de irritada com sua atitude querendo me guiar, permiti. Não queria fazer uma cena em plena rua, não sou tão barraqueira quanto parece. Sei quando começar e parar uma briga. O café era estranhamente bem conservado e bonito, no estilo Vitoriano, que faz com que a gente idealize como seria esse lugar no século passado. Toda a alta classe social da Campavia devia frequentar esse local. E hoje o lugar ainda era obviamente bem frequentado. Homens bem vestidos e mulheres com roupas de marca dos pés a cabeça, bebericavam suas xícaras e faziam seu desjejum dominical, como mandava a etiqueta campaviana. Quando Théo começou a cumprimentar algumas pessoas com um leve aceno na cabeça, eles me olhavam com curiosidade e um ar de superioridade, que eu não duvidei em nada que a maioria dos clientes sejam da nobreza.

Tão óbvios. Tão chatos.

Levanto a sobancelha achando graça do cavalheirismo de Théo ao puxar a cadeira para mim e ele revira os olhos, contendo o sorriso. Nos sentamos de frente um para o outro, em uma mesa para dois numa área um pouco reservada do salão. Logo uma garçonete nos deseja ‘bom dia’ e nos trás um cardápio para escolhermos nosso pedido. Fico um pouco irritada pela maneira que ela olha para Théo, se insinuando descaradamente para ele e finge não me ouvir, quando pergunto sobre o especial do dia.

— O senhor gostaria que eu lhe servisse de algo antes de fazer seu pedido, Senhor Caravaggio? — ronrona a garçonete peituda, parecendo me ignorar completamente.

Sei muito bem o que essa descarada quer oferecer a ele...

— Um café preto, por favor, senhorita... — ele começa.

— Michelle — a moça complementa de forma insinuativa, estufando ainda mais seus seios siliconados para ele, que sorri para ela nitidamente retribuindo sua paquera.

Que vadia! Era só o que me faltava ele ainda por cima

gostar disso!

— Não me lembro de ter peitos no Menu, Michelle. —
falo diretamente para ela, que se assusta e olha para mim.
— Não há interesse por algo que não esteja no cardápio,
muito pelo contrário. Nisso estamos bem servidos.
Guarde seus ‘atributos siliconados’ para quem se interessa
por eles. Quando você voltar com nossos pedidos, eu
espero que eu seja bem atendida, caso contrário vou falar
diretamente para o seu gerente que não contrate mais
biscates do seu tipo. — Ela fica pálida e Théo sorri
largamente.

— Desculpe, senhorita. — gagueja. — Já retorno com
seu café e para pegar o pedido de vocês. Com licença. —
diz desconcertada e logo some.

*Muito bem. A vagaba enfiou o rabinho entre as
pernas!*

— Com ciúmes, Princesa? — Théo pergunta e eu sinto
o sorriso na sua voz, mas continuo a analisar o cardápio.

— Ser ridículo tem limites, Theodore. Não seja idiota
a ponto de achar isso. Só não quero ter que vomitar sem
nem ter tomado café da manhã ainda. — O idiota ri, o que

me deixa mais irritada do que quero admitir.

— Sim. Continue mentindo para si mesma. Você não pareceu se preocupar com a falta do café da manhã, quando cheguei em seu quarto mais cedo. Muito pelo contrário. Você queria que eu fosse seu café da manhã — disse convencido.

Bem. Não é mentira, mas eu também não darei esse gostinho a ele.

— Eu estava tendo um belo sonho com Ian Somerhalder e no melhor do sonho você me acordou. Isso não tinha nada a ver com você. Eu precisava gozar. Simples assim. — Sorri perversamente, ele engoliu em seco e seus olhos escureceram de desejo.

— Você prefere leite, café, chá ou suco no café da manhã? — desconversou, limpando a garganta.

Quem está sorrindo agora?

— Eu prefiro não ser acordada tão cedo, mas já que você já fez isso, de preferência gostaria que não me fizesse muitas perguntas. — falei séria e ele riu.

Aquele riso rico e rouco, que fazia coisas engraçadas com meu coração. Não entendi por que me senti assim,

mas apesar de não gostar da sensação, me peguei sorrindo também.

Acho que eu precisava “dar”!

A garçonete-vadia não demorou com o café e logo fizemos pedido. Acho que devo ter mesmo assustado ela, porque tive a impressão que assim que terminei de fazer o pedido e fechei o cardápio, ela chegou com o que escolhemos. Não deu tempo nem de pirraçar Théo. O café da manhã estava realmente divino. Acho que nunca havia comido tanto no café da manhã. Talvez também porque eu normalmente costumo chegar de manhã em casa e acordo quase na hora do jantar. Comia muita besteira em Nova Iorque ou comidas *delivery*. Enfim, apenas um detalhe. Mas o café da manhã da Campavia era realmente o melhor do mundo.

— Então. Me diga, *Mad*. — ele começou, pirraçando, porque ele já sabe que odeio quando ele me chama de louca dessa maneira. — Você sabe me dizer quais são os deveres reais de uma Princesa? — perguntou.

— Não entendo qual motivo dessa pergunta idiota, seu Ogro. — respondi, deixando o garfo sobre o prato, sem

restos mortais das minhas panquecas com calda de frutas vermelhas.

— Nada demais, Steph. Apenas quero ter certeza de que você saiba o que você vai ter que fazer daqui para frente. — Ele se inclina sobre a mesa e sussurra. — E eu tenho que te dizer: Sou muito exigente e não dou trégua. Se prepare, porque enquanto eu estiver com você, vou te dar muita canseira. — afirmou com sua voz rouca e um olhar cheio de promessas.

Uau! Essa foi demais até para mim e minha calcinha.

O ar sumiu dos meus pulmões. Meu coração estava galopando em meu peito. Sério. Foi difícil olhar para esse homem tão lindo, gostoso e controlador na minha frente e não imaginar todas essas coisas e o pior, imaginar ele realizando todas essas promessas pelas quais ele parece ser tão bom. Era tentador demais ficar pensando.

Esse cretino está fazendo de propósito!

Com um sorriso irritantemente presunçoso, o *Ogro* se afastou e voltou a se recostar na cadeira e a comer seus ovos, parecendo nitidamente satisfeito com a minha reação. *Filho da puta!* Dei um longo gole do meu suco de

morango, tentando manter a naturalidade. *Eu não posso fraquejar. Eu não posso fraquejar. Ele tem que saber quem manda.* — Repeti meu mantra. Forcei-me a me concentrar nas panquecas que peguei do seu prato, tentando mostrar a ele quem ainda estava sob controle.

— Como eu ia dizendo — o idiota continuou como se nada tivesse acontecido. — Como A Princesa herdeira ao trono, você trabalhará como membro da Família Real e viverá em função do reino do seu pai. Em outras palavras, você irá representá-lo dignamente e engrandecê-lo. Você terá sua própria agenda oficial, dando um grande suporte ao reinado do Rei. Você participará regularmente do Conselho de Relações Internacionais. E por isso foi de suma importância você se formar em Relações Internacionais, porque normalmente você ajudará a promover o turismo, design, música, gastronomia, educação e a sustentabilidade campaviana. Ou seja, você será o “cartão postal” do nosso país. Como você deve imaginar, suas escolhas e todas as suas decisões pessoais não podem contradizer as leis e normas do reino. Até os seus relacionamentos devem estar em conformidade com a

sua realidade. — afirmou, agora mantendo uma postura séria.

— Meus relacionamentos? — perguntei curiosa.

Claro que eu sabia de todas essas baboseiras que ele disse, porque eu via muitas notícias sobre o Príncipe Willian, Kate e até o Principezinho filho deles fazendo esse tipo de coisa, mas não acho que meus relacionamentos tenham realmente a ver com ninguém. Minha vida sexual só diz respeito a mim e a mais ninguém.

— Sim. Antes de pensar realmente em se envolver com alguém, você tem que estar ciente do tipo de pessoa que ele é, qual círculo social ele pertence. Não estou dizendo que ele não pode ser de origem burguesa, mas eu falo em relação ao homem perante a sociedade. Caso contrário, isso poderá denegrir a sua imagem e principalmente a da coroa. Isso não podemos arriscar. Estando tudo nas conformidades, se você der um passo adiante em seu relacionamento, o Parlamento ainda precisará aprovar seu noivado e casamento. — afirmou nitidamente desconfortável.

Fiquei chocada. Sério que estamos tendo esse tipo de conversa? Se minha vida sexual não tem a ver com ninguém, imagine um propenso casamento. Ter autorização para me casar é o cumulo do absurdo. Isso realmente existia em pleno século vinte e um? Será que todos os Príncipes e Princesas e membros da monarquia têm que passar por isso? Porque sério, isso é ridículo! Onde está o direito de escolha e livre arbítrio garantido a todos?

— Pode parar com o blá, blá, blá, Théo. Contos de Príncipes e Princesas ou com alguém da burguesia que se apaixonam, casam e vivem felizes para sempre. Isso para mim é encontrado somente nos contos de fadas. Isso não vai acontecer. — falei irritada.

— O que você está querendo dizer? Quer dizer que então você não se casará? Que você não dará à luz ao seu futuro sucessor? — Théo perguntou nervoso e eu sorri.

— Não, Théo. Eu quero dizer que não pretendo me preocupar com isso por pelo menos dez anos. Ainda tenho muito o que viver. Estamos em pleno século vinte e um, eu não acho realmente que vou viver um conto de fadas. Quanto a um herdeiro, acho que não preciso de um marido

para poder fazer um. — Sorri novamente e ele fechou a cara.

— Você só pode estar de brincadeira não é, Stephanne? Um filho fora do casamento é inconcebível! Ele poderá ser visto perante a sociedade como um filho bastardo e correrá sérios riscos das pessoas não o verem como seu representante, não poder assumir a cor... — Parou de falar quando ouviu minha gargalhada.

— Você é tão óbvio. — Voltei a rir e ele bufou irritado.

— Eu não estou brincando, Stephanne. Nem você deveria brincar com um absurdo desses. A vida desregrada que você vivia não pode mais acontecer. Tudo tem que ser bem feito. Você tem que pensar em todas as decisões que toma. Nada de irresponsabilidade. Você não pode dar um passo em falso — afirmou.

— Deixa de ser chato. Não sou tão irresponsável assim — falei irritada.

— Stephanne, eu sei muito bem que você não é nenhuma santa. Você acha mesmo que não tivemos que limpar suas merdas tantas vezes? — perguntou

Que ótimo! Mas um para reclamar do que eu faço!

— Não seja idiota, eu estava apenas me divertindo. Nunca fiz nada demais. — Dou de ombros.

— Não? — perguntou incrédulo e negou com a cabeça. — Imagine a loucura que foi aquela vez que você roubou o Jet Sky da guarda costeira de Cancun — disse com deboche.

— Ei. Eu precisava ir para uma festa que ia acontecer em uma Ilha próxima e o guarda disse que era proibido que qualquer embarcação saísse. Tudo isso só por causa de uma chuvinha — prontamente me defendi.

— Oh Meu Deus! Uma chuvinha? Era uma ameaça de furacão, louca! — Falou furioso, me olhando de olhos arregalados e eu dei de ombros.

Besteira. Nem foi tão grave assim. Não sei por que as pessoas fazem uma tempestade por coisa nenhuma. Eu estou viva, não estou? Fui até a festa e curti horrores. Não foi nada demais. Mas ainda assim valeu a pena qualquer pequeno transtorno.

— Jesus! Eu tô fodido! Você é mais doida do que pensei, se acha que tudo que você fez durante esse tempo em que tivemos que consertar suas besteiras é normal! —

Ele balançou a cabeça nervoso. — Sério, Stephanie. Eu não vou tolerar nada disso. Não serei complacente. O que estamos fazendo é algo realmente sério. Você é uma Princesa. A Princesa Herdeira. — murmurou entre os dentes.

Lá vem essa história de novo. Por que eles não me deixam esquecer isso?

— Você tem realmente noção do por que ninguém conhece a cara da Princesa Campaviana? — ele perguntou sério.

Eu sacudi a cabeça, negando, não entendo realmente. Meu pai sempre disse que era melhor assim, que um dia eu entenderia e eu nunca cheguei a confrontá-lo por isso realmente, apesar de que eu gostava da vida que eu vivia sem preocupações, eu meio que sempre me questionava involuntariamente sobre isso.

— Você já ouviu falar da história da Rainha Vitória? — neguei, me sentindo meio que intimidada agora. — No Reino Unido, o Rei Jorge IV teve sua linha direta de sucessão ao trono extinta. Em meio a uma corrida para gerar herdeiros, os filhos do Rei se casaram, mas somente

Eduardo, Duque de Kent, conseguiu um filho, na verdade, uma filha. A Princesa Alexandrina Vitória, foi a única herdeira ao trono da Inglaterra. Assim como você, ela viveu uma vida reclusa, imposta pela sua mãe e seu conselheiro. Foi basicamente assim que seu Pai preferiu que você vivesse até o momento, Stephanie. O Rei Edward preferiu te preservar para que você pudesse ter uma vida normal e posteriormente poder assumir a responsabilidade do seu principado e o trono do país no tempo certo.

Fiquei chocada. Eu sabia que Théo tinha razão. Não que isso fosse meio que uma surpresa para mim, porque não era. Mas ouvir o que realmente levou meu pai a me manter longe de toda a mídia da boca de alguém, era como se desse realmente razão a como minha vida foi moldada. Nunca achei ruim realmente. Fui criada longe de todo o escarcéu da mídia. Vivia atrás dos portões do castelo. Tive minha liberdade, coisa que sei que eu não teria tido se todos conhecessem a Princesinha da Campavia ou terei de agora em diante.

Apesar de ter entendido, algo dentro de mim me dizia

que esses não eram realmente os únicos motivos para meu pai preservar a minha identidade. Tenho certeza de que havia um mistério envolvido nisso tudo. Sei lá. Eu sinto isso. Mas a pergunta que não quer calar é: *Qual o motivo escondido nisso tudo?*

Capítulo 10

Théo

Stephanne antes mesmo de nascer já era uma Princesa. Isso é óbvio. Ninguém pode contrariar a Lei de Sucessão. Mas apesar de eu ter perguntado a Stephanne, eu meio que também não entendia o porquê do Rei Edward não ter permitido Stephanne assumir publicamente a coroa desde pequena. Os monarcas sempre fizeram questão de apresentar ao mundo seus filhos. Exibindo seus futuros sucessores ao trono, como símbolos, como um troféu, ou no caso, símbolo do representante máximo da coroa de uma monarquia.

Então por que isso não aconteceu com a Princesa da Campavia?

Stephanne não disse nada por vários minutos e parece pensativa demais. Tão linda a danada. Quase posso ver suas engrenagens rolando na cabeça e eu não sei se isso é bom. Tenho medo do que ela pode pensar em fazer. Um

silêncio vindo dela é um momento realmente constrangedor. Sério. Steph é daquelas que não deixam o tempo ficar monótono. Fora que tenho que confessar que eu adoro seu sarcasmo e nossas trocas de farpas sem sentido. Então sim, eu fico preocupado quando ela não abre a boca.

— Você está bem? — pergunto, ficando preocupado.

— Estou. Só estou pensando — afirma após suspirar, quando volta seus dois belos olhos azuis para mim e ali vejo um resquício de vulnerabilidade.

Sério. Mesmo tendo nos reencontrado a pouco mais de um dia, eu já estou tão acostumado a ver a Stephanne arrogante, provocativa, desaforada, tão segura e cheia de si, que esse olhar inseguro que ela rapidamente tentou esconder e logo voltou a assumir sua confiança natural, me fez ficar incomodado. Devo ser louco, mas eu prefiro mil vezes ela gritando ou me provocando ao invés de vê-la dessa forma tão vulnerável. Sério. Eu não me sinto bem de vê-la assim. E sim, ainda estou com *Alexandre* duro e com uma baita dor nos ovos.

— Percebi. Posso sentir o cheiro dos seus neurônios

queimando daqui — provoquei e abri um sorriso, na tentativa de vê-la de volta a ativa.

— Idiota. — Ela faz uma caretinha linda e me dá língua, mas logo volta sua expressão fechada. — Sério, Théo. Você não acha que meu pai tem algum motivo estranho por trás disso? — pergunta receosa.

— Sinceramente? — perguntei e ela acenou. — Particularmente, o Rei nunca comentou nada comigo sobre isso. Na minha humilde opinião, eu acho que ele queria te preservar, para que você vivesse uma infância e uma adolescência normal, coisa que sabemos que você com certeza não teria caso o mundo soubesse quem você realmente era — falei e logo bebi um gole do meu café, para analisar sua reação.

— Não que eu esteja reclamando, sabe. Porque de certeza forma eu vivi como eu queria. — Sorriu levemente. — Mas me parece tão estranho — afirma voltando a ficar com um olhar perdido, mas eu a entendo. Debruço-me em direção a ela.

— *Mad*. Você imagina como seria se o mundo soubesse quem é você? — perguntei retoricamente. — Você seria

perseguida por todos os lugares. Sempre haveria Paparazzi no seu encalço. É exatamente assim que os Príncipes da Inglaterra viviam. Qualquer deslize, por menor que seja, estaria estampado em todos os jornais. Ou seja, sua vida seria um inferno. Eu não imagino o que é esse tipo de experiência para uma criança — falei.

— Eu sei de tudo isso. Mas meu pai também passou por isso. Por que ser diferente comigo? Só que algo me diz que não é apenas isso — concordei, mas não disse mais nada.

É verdade. Caso eu tivesse uma filha em sua posição, eu acho que faria o mesmo que o Rei fez com Stephanie, tentaria de certa forma preservá-la. Mas apesar de achar isso, lá no fundo, bem no fundo, eu sentia que tinha algo mais nessa história sobre manter a Princesa em segredo. O que seria?



O *Buon Caffee*, onde estávamos, era um dos meus lugares preferidos. Conversamos um pouco mais no café, e depois que terminamos nosso desjejum saímos de lá.

Minha intenção hoje com Stephanne, é levá-la para conhecer quase toda a cidade de Bellini, visto que por ter sido mantida longe dos holofotes, sei que ela não teve a oportunidade de realmente conhecer o país que um dia ela vai ser a Rainha. Sei que não será da noite para o dia que ela verá todo o país, mas com minha experiência política, aprendi que o “chefe” precisa conhecer a fundo seu território. Então seria a partir daí que começaria meu trabalho com Steph. Provocações e pirraças à parte, a levei para conhecer alguns locais e passamos uma manhã divertida e até que bastante agradável. Sério. Até eu fiquei impressionado sobre a facilidade que era estar perto dela. Mais uma coisa surpreendente em Stephanne, ela é realmente inteligente. Não do tipo de ficar ligada nos jornais ou ser ótima em física, química ou matemática, mas sim porque ela entende e capta as coisas muito rapidamente e acho que ela até é mais inteligente do que acredita. Que fique claro que eu logicamente não diria esse tipo de coisa a ela. Jamais.

Na hora do almoço, decido levá-la para comer no *Panela de Barro*, um restaurante brasileiro aberto há

pouco mais de um ano, que tem comidas e iguarias incríveis. Sempre que posso ou tenho tempo, dou uma passadinha lá nem que seja para comer uma entrada com uma caneca de chope e ouvir um som bem típico brasileiro. O restaurante fica bem no centro da cidade, em frente à Praça dos Fundadores – Onde foi criado o marco em que o Rei Richard Bellini Campavia, antepassado de Steph, fundou a cidade - E o Teatro se encontram, então isso por si só já garante o local bem movimentado. Fora que o *Panela's* realmente sempre está cheio. Na entrada do Restaurante, penso ter visto um dos Paparazzi que costuma me perseguir, mas quando eu o procuro novamente não o encontro. Deve ter sido impressão minha. Adianto os passos e tentando não correr riscos de realmente um Paparazzi aparecer, espalmo minha mão nas costas de Steph e tento ignorar mais uma vez o calor e a corrente elétrica que sinto ao mínimo contato do seu corpo.

O local é bem rústico. Segundo os brasileiros, dois irmãos que eram donos do estabelecimento, eles fizeram a decoração do restaurante inspirados no sertão nordestino,

com móveis de madeira e paredes feitas de barro e madeira, uma técnica de construção da região que eles chamam de “pau a pique”. No pequeno palco, sempre havia apresentações de sons típicos brasileiros e hoje uma pequena banda tocava músicas de samba. Sentamo-nos mais uma vez em uma mesa mais afastada do salão, não apenas porque ainda estou querendo preservar Stephanie, mas porque como eu conheço muitas pessoas, sempre encontro com um e outro e por educação tenho que cumprimentar. Eu realmente gosto de ter uma mesa mais sossegada em qualquer lugar em que eu esteja.

Eu e Igor nos tornamos amigos de Victor, o mais velho dos irmãos e ele como sempre vem me cumprimentar quando venho aqui. Eu sou um cara alto com meus 1,80 e sou mais do que satisfeito com meu corpo, mas ele é ainda mais alto e construído do que eu. Sério. O cara é enorme e se eu não o conhecesse ia achá-lo intimidador. Não que eu fique achando homem bonito, mas Victor é realmente boa pinta, que chama atenção das mulheres por onde passa, não só por causa da sua altura e largura, mas também por sua pele morena e olhos claros. E principalmente por

saber cozinhar. Então se ele não conquista a mulher com seu sorriso, com certeza conquista com a barriga. E modéstia a parte, não tem para nenhum cara quando nós três saímos à caça. E agora, olhando ele assim que coloca os olhos em Steph, me arrependo de ter vindo para cá, pois seu sorriso se amplia e o modo caçador dele se manifesta. Claro que a Provocadora Safada não ia ficar de fora, pois trata logo de dar uma conferida nele e sorri largamente para ele. Fico logo irritado.

— Grande Théo. Sabia que você vinha hoje comer nossa feijoada. — o sem noção diz olhando para Steph, que ainda lhe sorri.

— Estava aqui perto. Mas não sei se foi uma boa ideia trazer...

— Stephanne, prazer. E sim, foi uma ótima ideia me trazer. — A louca se intromete, estendendo a mão para lhe cumprimentar.

— Victor. Prazer deixe para sentir quando experimentar nossos pratos. — ele responde, beijando sua mão, sem tirar os olhos de predador dela.

— Você cozinha? — Stephanne pergunta.

— Sim. A feijoadada que estamos servindo hoje, por exemplo, fui eu quem fiz. — comentou convencido.

— Aposto que tudo que você faz é uma delícia. — ela disse, ainda sorrindo descaradamente.

Putá merda! Essa filha da puta está mesmo se jogando para ele?

Eu senti o sangue subir para o rosto e a raiva querer me dominar. Por pouco consegui me segurar. Tive vontade de quebrar a cara de Victor, por estar dando em cima dela, e dar umas palmadas na bunda da Princesa, para ver se ela deixa de sem vergonhice. Onde já se viu? Hoje pela manhã ela estava praticamente em meu colo e agora já está se jogando para cima de outro?

Era uma Bandida mesmo!

Ele não pegou o caminho da cozinha depois de se apresentar como eu gostaria. Muito pelo contrário. Sentou à nossa mesa e ficou jogando papo para cima de Stephanie. Tive que pedir um Chope para ter que aguentar isso. Depois de um tempo, felizmente me fizeram o favor de chamar Victor para resolver um problema na cozinha. Juro que eu estava quase me levantando para ir embora.

— Vocês me dão licença um minuto? Vou resolver um problema na cozinha e já volto — falou, olhando diretamente para Steph.

Espero que ele frite seus próprios ovos sem querer!

— Tudo bem. Vou esperar mesmo, viu? — Stephanie miou e Victor aumentou seu sorriso.

Bandida! Descarada!

Sério. Eu já tava mais do que puto com a forma que eu estava me sentindo. Por que eu tinha que me sentir dessa maneira? Irritado. Irado. Desejando que um grande amigo meu cozinhe suas próprias bolas. *O que há de errado comigo? Por que ela tem que me afetar dessa maneira?* A garçonete enfim chegou com nossa comida. Apesar de ter quase perdido a fome por estar tão revoltado com a situação e comigo mesmo, meu estômago não dá sossego e ronca com o cheirinho maravilhoso que emana desses manjares dos deuses. As travessas quentes e as panelas de barro ainda ferventes foram colocadas na nossa mesa e eu logo tratei de me servir.

— Maravilhoso — grunhi, com o sabor tão rico que eu experimentei.

Sim. Grunhi. Não gemi, porque macho que é macho não geme, mas sim grunhe e rosna. Gemer é coisa de mulherzinha.

— O que é isso? — Stephanie perguntou.

— Arroz com carne seca. Couve refogada. Farofa. Toucinho. Prato do dia. Feijoada. Ah! E não posso esquecer da salada — falei, indicando cada prato na mesa.

— Feijoada? Tipo, feijoada de feijão? — ela pergunta sem entender.

— Sim, mas a feijoada tem outros ingredientes adicionais do nosso feijão comum. Reza a lenda que, nos tempos coloniais brasileiros, os escravos criaram esse prato aproveitando as sobras de comida da casa dos seus senhores, que incluíam partes descartadas do porco, como pés, orelhas e rabo — expliquei.

— Eca! Eu não vou comer isso! — brada horrorizada, eu rio pela sua reação exagerada.

— O que? Você tem anorexia ou bulimia? Você tem noção do quanto isso é delicioso? — perguntei.

— Não, seu idiota. Eu só não vou comer... essas coisas

— falou, apontando para a feijoada e eu comecei a rir.

— Deixa de ser idiota você, Stephanne. — Sentei na cadeira ao seu lado, onde Victor ocupava anteriormente, levando meu prato junto. — Toma, experimenta. Você não sabe o quanto está perdendo — falei, levando uma garfada para ela.

— É bom mesmo?— perguntou com uma careta.

— Sim — respondo.

Levando o garfo até ela, Stephanne abriu sua boca suavemente e aceitou o que eu estava lhe oferecendo, sem perder a conexão dos nossos olhos. Ela move sua boca, mastigando o alimento devagar e até esse simples gesto emana uma aura sensual. Engoli em seco. Estava cada vez mais difícil cumprir a promessa que fiz para mim mesmo.

— Hmm — gemeu gostoso, enquanto mastigava, ainda com os olhos nos meus. — Uma delícia. Gostoso demais — ronronou, fazendo *Alexandre* ficar ainda mais duro.

Putá Merda! Ela está me deixando completamente louco!

— Sim. Uma iguaria deliciosa — murmurei com a voz rouca, me aproximando cada vez mais dela.

Fodeu! Eu desisto!

A atmosfera entre nós mudou drasticamente. Nós sabíamos que não era necessariamente da feijoada que estávamos falando. Acho que de uma forma estranha, estávamos retirando nossas tropas dessa guerra estúpida que nós dois criamos. Seu corpo estava próximo ao meu. Tão próximo, que posso ver uma sardinha mínima que ela tem no nariz. Tão próximo, que eu consigo ver tantas coisas olhando profundamente nos seus olhos azuis. Posso sentir sua respiração quente na minha pele, me arrepiando. Posso sentir seu cheiro doce, me deixando louco. Tento me lembrar de manter o controle. Tento me lembrar das minhas nobres intenções. Mas a cada milésimo de segundo que passa, parece cada vez mais difícil. Estávamos vidrados. Hipnotizados. Nossos olhos ainda trancados um no outro. Tudo ao nosso redor desapareceu, como sempre acontecia quando estávamos juntos. Stephanie tomou uma respiração profunda e estimulante. Eu queria acabar com essa distância mínima que nos separava e beijá-la. *Deus! Como eu queria!* Posso nunca ter usado qualquer tipo de drogas, mas seu gosto era viciante. Ela era uma droga. Eu

queria mais. Depois eu ia levá-la daqui e fazê-la minha. *Eu não podia mais esperar.* Eu não sei o que aconteceu entre hoje de manhã e agora, mas eu sinto que eu estou perdendo meu controle. Eu não queria e não podia pensar ou considerar ou até mesmo pesar minha decisão. Se eu parasse um tempo mínimo que fosse suficiente para pensar um pouco que seja, eu ia acabar lembrando por que eu não deveria e não poderia fazer isso. Inclinando-me para chegar ainda mais perto dela, eu decido: *Então não, eu não ia mais lutar contra isso.*

— Olha só quem eu vejo aqui. Miley? — A voz de Igor fala interrompendo nosso momento.

Foda! Isso só pode ser castigo!

Eu me afasto rapidamente com o susto. Eu não posso nem descrever o quanto eu quero bater no meu melhor amigo nesse momento. Sério. Nem acredito que ele chegou justamente agora. Estou irritado para caralho com a nossa interrupção. Olho para Igor, que agora se encontra obviamente surpreso ao ver Stephanne, não apenas comigo, mas sem a peruca morena que ela usava no dia anterior no hospital. Ela desvia seu olhar do meu,

recuperando sua pose e olha para ele.

— Olha só se não é o meu Doutor preferido. Como vai? — ela perguntou sorrindo, faceira.

— Melhor agora. Não imaginei que a veria tão cedo. Bom reencontrá-la, Mil...

— Na verdade é Stephanie, Doutor. Miley é meu nome de Balada — ela esclareceu rindo e ele sorri.

Merda! Eu conheço esse sorriso dele! Não sorria assim para ela, seu bastardo!

— O que você está fazendo aqui, Igor? — perguntei um pouco ríspido, fazendo-o olhar com a sobrancelha levantada para mim.

— Acho que o mesmo que você. Almoçando, ué. Até parece que a gente não vem quase todo domingo almoçar. — responde, desconfiado.

Levantei-me. Meu coração ainda estava disparado. Minha excitação ainda era evidente. Eu precisava controlar o que eu estava sentindo. Não podia transparecer o quão irritado eu realmente estava com meu melhor amigo. Esse não era eu.

— Voltei. E aí, cara? — Victor disse, voltando a mesa

e cumprimentando Igor.

Pronto. Agora o ménage do caralho estava completo!

— Acho melhor você comer, Stephanne. Daqui a pouco seu almoço esfria — falei seco e ela sorriu divertida.

Filha de uma mãe!

Então logo estavam os três em uma conversa empolgada, enquanto eu fui literalmente deixado de escanteio. Sério. Stephanne estava completamente entrosada com os dois e fora as olhadas que ela me dava de vez em quando, ela esta praticamente me ignorando. Isso estava me deixando cada vez mais fora de mim. Depois de revelar para os dois bobocas que babavam em cima dela quem ela era, ela sai para o banheiro e eu fico puto com os dois olhando para sua bunda se afastar. Não que eu não esteja olhando, porque claro que estou, mas isso é diferente. Tomo meu Chope em um gole só e bato a caneca forte na mesa, chamando a atenção dos dois babacas que me olham sem entender nada, mas logo voltam a conversar. O garçom logo passa pela gente e eu trato logo de pedir mais uma rodada, para ter que aturar esse inferno. Eu estava decidido a levá-la embora depois

que saísse do banheiro. Stephanne vem caminhando até nossa mesa, nos olhando de uma maneira e rebolando de um jeito aquele corpinho delicioso, que não tem como respeitar e não ficar de pau duro. Mas antes mesmo de ela chegar à mesa, ela foi convidada por um dos cantores do pequeno palco para dançar. E ela foi.

Não, ela não vai fazer isso!

Eu juro que eu tentei me iludir que ela não ia. Mas convenhamos, ela era a Princesa Stephanne, a louca. Claro que ela foi e começou a dançar no palco. Por um momento eu achei que ela iria se perder no ritmo e logo desistir, mas como tudo nela, eu estava completamente errado, porque mais uma vez ela me surpreendeu e começou a dançar como se fosse uma passista de escola de samba do carnaval e ali fosse seu lugar. Estávamos os três ali, com o queixo no chão. Babando. Parecíamos três patetas, vendo aquele *Tornado de Batom*, sambando e requebrando até o chão. A miserável nem parecia estar de bota ortopédica. Parecia que tinha nascido para estar ali. Em um momento de sanidade, eu constatei o óbvio, todo o restaurante olhava para a loira que ainda dançava no

palco. Sério. Vi vermelho. Senti uma vontade louca de jogá-la no meu ombro e tirá-la dali. Nunca pensei que ela poderia ser igual a essas garotas que fazem de tudo para chamar a nossa atenção com outro ou com uma cena dessas. E ela fez tudo isso e o pior de tudo era que essa merda tava funcionando.

Eu estava era muito puto da vida!

— Puta merda! Ela é muito gostosa. — Igor disse, acompanhando o movimento dos seus quadris.

— *Brother*. Juro por Deus! Ela é a primeira mulher estrangeira que eu vejo sambar como se fosse brasileira.

— Victor afirmou, sem nem desviar os olhos do palco.

— Acho bom vocês se tocarem. Ela é uma Princesa, nem pensem em envolver ela na baixaria de vocês. — bradei e os dois olharam para mim.

— Você está afim dela. Por isso essa cara de cu. — Igor apontou.

— Não seja ridículo. — bufei e bebi um gole do meu chope.

Eu juro que eu disse tentando parecer estar indiferente, sob o controle, mas a verdade era que meu pau contava

outra história. Não quero sentir ciúmes. Não quero. Mas está cada vez mais claro para mim que estou com ciúmes daquela Porra Louca. Acho que o mais louco sou eu. Igor e Victor se entreolharam e começaram a rir.

— Você pensa que eu não vi o clima de vocês quando cheguei? E agora tá aí se roendo de ciúmes. Mas eu não te condeno, amigo, porque ela é uma delícia. — ele falou com um sorriso provocativo.

Filho da puta!

— Vai se foder, Igor Carrara! Pare de falar merda! Stephanie é irritante! — bradei e nesse exato momento, Stephanie resolveu rebolar até o chão. Tentei segurar o gemido, mas acho que foi em vão.

— Ei, nobre amigo Theodore, já que você não tá afim dela, posso pegar. Não se esqueça de que eu sou o Barão de Niápoli. Sou um candidato forte a ser o próximo na cama da Princesa — disse pomposo, antes de cair na risada.

Fiquei mais puto da vida ainda. Minhas mãos ficaram em punhos. Eu tinha ciência que ele só queria me pirraçar, para que eu confessasse isso a ele. Ia perder o tempo dele.

Porque se nem para mim eu queria confessar, quanto mais. Eu não entendia como tudo o que mais irritava sobre Stephanne, me excitava em uma proporção tão grande, que doía. Depois de mais uma música, Stephanne veio caminhando devagar até a mesa, parecia que o cansaço pesou um pouco mais para ela, por causa do seu pé. No caminho as pessoas a cumprimentaram e a parabenizaram pelo show. Em um ato automático, que surgiu não sei de onde, levantei da minha cadeira e puxei para que ela pudesse sentar, ao invés de ter que rodear a mesa. Seus olhos se encontraram com os meus mais uma vez e novamente nos prendemos ali.

— Obrigada — ela agradeceu e sorriu, parecendo um pouco tímida.

— Não precisa agradecer. Seu pé deve estar doendo pelo esforço — comentei e ela sustentou um pouco o olhar no meu, antes de negar.

— Não, está tudo bem — concordei, e ela tomou um gole do meu Chope, enquanto eu rodeava para sentar ao seu lado.

— Então, Princesa. Diga-nos onde você aprendeu a

sambar, porque você não quer que acreditemos que essa foi sua primeira vez, não é? Porque você arrasou, mulher — Victor comentou com seu sorriso brilhante e Steph riu.

— Minha vizinha em Nova Iorque era brasileira. Nós íamos juntas em um barzinho brasileiro no Brooklin, que pertencia a um primo dela. Então, eu acabei aprendendo um pouquinho. — ela conta.

— Nossa Senhora! Vamos acionar o parlamento, para instituímos o Carnaval na Campavia, porque nós já temos a Rainha da Bateria — Igor falou.

Então Stephanie gargalhou. Gargalhou de um jeito tão gostoso, que foi impossível as pessoas que estavam ao redor não notarem e eu não me encantar com o som. Aquele riso gostoso, que nos dá vontade de rir também. Aquele riso fez mais coisas dentro de mim do que eu poderia admitir. Ainda rindo, ela olhou para mim e nossos olhares se prenderam novamente, nesse magnetismo louco e irracional que nossos corpos exalam. Esse olhar provocativo, que só me reafirmava tudo que eu sabia desde que ela voltou para minha vida: *Eu estava ferrado!*

Capítulo 11

Théo

Os minutos passavam numa velocidade a passo de tartaruga. Sério. Não sei se era porque eu não estava nada feliz nessa mesa, ou porque o tempo resolveu mesmo me sacanear. Dizer que eu estava irritado com a atenção que Stephanne estava recebendo de Victor e Igor, era eufemismo. Para piorar ainda mais meu humor inexistente, a *Bandida* tinha o descaramento de dar ousadia para eles. Estava cansado da conversa ambígua deles três. Ela não podia simplesmente esquecer a sem vergonhice um minuto sequer? E eles não podiam tomar vergonha e parar de agir como abutres?

Eu estava era muito puto!

— Stephanne, acho melhor irmos embora — avisei, me levantando.

— Oh. Tão cedo, Théo? — Ela faz biquinho.

Sim. Era um biquinho delicioso. Neste momento, eu

tive vontade de esquecer tudo, pegá-la pelo queixo e dar uma mordida nessa boca rosada e provocativa, antes de agarrá-la de jeito e beijá-la até perder nossos fôlegos e nossa mente. Mau pensamento. *Alexandre* se colocou rapidamente em prontidão, concordando que esse era um bom começo para o que ele tinha em mente para nós dois.

— Tão cedo? Chegamos aqui era meio dia e já passam das cinco da tarde. Não vamos ficar para o jantar, Steph. Vamos. — falei irritado, jogando três notas de cem na mesa, para pagar a conta, era mais do que suficiente.

— Não precisa, Théo. Fica por conta da casa, pela maravilhosa companhia e principalmente pelo belo show que ganhamos — Victor disse sorrindo para Stephanne, que também sorria.

— Se não fosse por conta da casa, eu mesmo faria questão de pagar, até em dobro. O show foi com certeza satisfação garantida da minha semana — Igor murmurou.

O que? Eram uns filhos da puta!

Fui interrompido dos meus pensamentos onde matava brutalmente meus amigos, por Stephanne.

Sério? Estou assustado comigo mesmo. Até

pensamentos assassinos eu tenho agora?

— Que bom que gostaram. Assim que meu Dr. Preferido fizer o favor de me liberar e me der um atestado de saúde, prometo voltar e dar um show inesquecível. — Steph falou com a melhor cara de safada, piscando para eles.

Mas... O que?

— Victor, faça-me o favor de providenciar um papel e uma caneta — Igor disse sério, antes de se virar de volta para Steph. — Porque se for esse o problema querida, tenho que te dizer que farei agora mesmo... Porque, nossa senhora, você tá de parabéns! Que saúde! — ele disse acenando com a cabeça e batendo palmas.

Stephanne gargalhou. Na verdade, os três gargalharam. Só eu não estava vendo um pingo de graça nesse entrosamento ridículo e descabido deles.

— Vamos logo, Stephanie. — chamei, mal-humorado.

— Ok. Deixe-me ir, porque Papai me chama. Não se esqueçam de mim, porque eu não deixarei vocês esquecerem de mim. — Ela sorri, fazendo os idiotas rirem.

É uma desavergonhada!

Como não perceber o tom de entusiasmo e provocação na sua voz? Era nítido. A Bandida ainda saiu dando um beijo na bochecha dos dois, longo demais para o meu gosto. E ainda cochichou algo no ouvido deles e riram juntos. Eu sabia o que ela estava fazendo. Ela estava com certeza querendo me provocar e fazer sentir ciúmes. Essa era a maneira que ela queria provar seu ponto sobre mim. E o pior de tudo, é que mesmo que eu soubesse disso, essa merda estava surtindo efeito.



Quando finalmente saímos do *Panelas*, a Praça dos Fundadores em frente ao restaurante estava como todo domingo final da tarde, lotada. Vários casais estavam por ali namorando ou famílias, com crianças brincando, andando de bicicletas ou se deliciando com pipoca, cachorro quente, sorvete nos carrinhos de guloseimas que ficam passeando por ali. A Praça apesar de ser o marco de fundação da cidade, é muito bem cuidada, tem belos jardins, área para ciclismo. Ao centro uma fonte em

bronze, em formato de caravela, onde tem o monumento do Rei Paul Henry Bellini, representando a descoberta e fundação do país.

— Merda! — Stephanie pragueja, quando estávamos perto do carro.

— O que houve? — perguntei, me aproximando dela. Ela respirou fundo e colocou as mãos nos quadris, antes de se abaixar e pôr a mão no pé com a bota ortopédica.

— Tropecei no batente da calçada — afirmou, com a voz parecendo estar realmente com dor.

— Deixe-me te ajudar — pedi, ajudando-a a se apoiar no meu ombro.

Fui caminhando com ela e abri a porta do carro, antes de ajudar Stephanie a sentar no banco da frente. Quando eu estava me virando para fechar a porta, ela segurou minha mão, me puxou até ficar próximo a ela.

— Sabe, eu adoro seu lado prestativo, tipo Príncipe Encantado. Mas eu adoro mesmo seu outro lado, seu lado Ogro. Que me pega de jeito e acha que pode mandar em mim. Deixa-me louca. — Eu engoli em seco e Stephanie se afastou sorrindo.

Jesus! Era uma Safada!

Virei-me e segui para o meu lado do motorista. *Esta foi uma má ideia. Não. Péssima ideia.*



A viagem de volta para o castelo estava sendo feita em silêncio. Grandes árvores e carvalhos ladeavam o caminho que nos levava até o Castelo. Eu tinha vivido minha vida toda fazendo esse caminho, mas a rica beleza das paisagens do sul ainda me surpreendia. Eu amo meu carro, mas não sou um cara conhecedor em tudo o que se trata de automóveis. Mas eu tinha certeza de que o fato dele estar diminuindo gradativamente a velocidade, não significava coisa boa. Então meu carro simplesmente parou.

Grande Merda!

— Não me diga que acabou a gasolina — pergunta com a voz escorrendo sarcasmo.

— Sim. — respondi, resignado, após constatar que o tanque realmente estava vazio.

— Como uma pessoa deixa o tanque sem gasolina? —

ela me olhou incrédula.

— Porque eu tenho certeza de que eu não deixei. Ontem depois que saímos do hospital enchi o tanque do carro, você estava comigo — lembrei.

— Ele deve estar com problema de vazamento, ou algo assim — ela disse, ainda irritada e eu a olhei magoado.

— Isso é um *Audi*, não temos problema de vazamento de combustível! — falei, acariciando o volante e ela bufou.

— Eu vou andando — ela murmurou, abrindo a maçaneta da porta e saindo.

Foi a minha vez de bufar. Suspirei e abri a minha porta também.

— Estamos a três quilômetros de distância, Princesa. É mais fácil você ligar — gritei para ela que já estava alguns metros à minha frente.

Resmungando de dor, enquanto mancava e certamente amaldiçoando os fabricantes do meu bebê, Stephanie voltou.

— E o que nós faremos, bonitão? Por que ainda não ligou? — perguntou e vi que meu celular estava sem sinal.

— Sem sinal, tenta o seu — falei, ela revirou os olhos pegou o seu e logo ligou.

— Pai. Théo estava me levando de volta para o Castelo, mas o carro dele simplesmente parou. Será que o senhor poderia mandar alguém vir nos ajudar? Estamos aqui perto da entrada da floresta de carvalho. — Ela suspirou. — Tudo bem, estamos aguardando — disse, antes de desligar.

— Eles estão vindo? — perguntei, porque não gostei da cara que ela fez.

— Sim. Mas vai levar um tempinho. Como meu pai está retornando de viagem com o embaixador da Itália, França, Inglaterra e várias autoridades da casa do carvalho, a guarda-real e os assessores estão um pouco ocupados no momento — falou irritada.

— Por que você não tenta a Lou? — perguntei e ela me olhou de forma estranha.

— Você já comeu a Lou? — perguntou séria.

Oh! De onde veio essa pergunta?

— Não entendi o porquê dessa pergunta nada a ver — falei.

— Ela disse que não, mas eu só quero ter certeza. Transou com ela ou não? — insistiu.

— Claro que não! Eu não transei com Lourdes! — respondi incrédulo.

— Uau, nós devemos ser as últimas duas mulheres da Campavia então! Mas sei que em breve Lourdes será a única — falou sorrindo de forma safada.

Também acho que será...

— Você é louca. — Balancei a cabeça negando, mas eu tive que rir.

— É isso. Me Ame ou me deixe — falou provocativa, se sentando no capô do carro.

Foi automático, eu me vi gargalhando. Era estranho, porque por mais irritante que Stephanne fosse às vezes, eu gostava da forma que eu me sentia com ela. Mas depois eu odiava, porque isso era errado. Vai entender minha cabeça. Fui até o porta-malas e de lá tirei uma grade de cerveja e uma toalha de banho que eu sempre mantinha ali, para caso de emergência, levei até onde estávamos e entreguei uma a ela. Ela forrou o capô e me sentei ao seu lado no capô enquanto bebia um longe gole da minha

latinha.

— Droga! — rosnou.

— Sem sinal? — perguntei e ela aquiesceu. — Bom, acho que vamos ter que esperar então.

Era difícil não pensar no fato de que esta era a primeira vez que eu e Steph estávamos sozinhos, sem ninguém por perto desde ontem à noite e tudo o que nos aconteceu. E bem, já tínhamos bebido chope a tarde toda e agora lá se foi quase toda a grade de cerveja que tinha ali. Todo mundo sabe que o álcool não é muito seguro quando temos certos desejos. Ainda menos seguro quando se trata de uma pessoa pelo qual eu chamo de *Louca do Body Shot*. Estava com medo disso. E foi pensando exatamente nisso, que resolvi quebrar o gelo.

— Por que você não visitava muito a Campavia? — perguntei e Steph franziu o cenho e mordeu seu lábio inferior. Essa não era a reação que eu estava esperando.

— Não sei. — Deu de ombros. — Eu acho que no fundo fiquei muito triste quando meu pai me mandou para Suíça. Sei lá, me sentia sozinha. Muito mais do que me senti a vida toda. Eu sentia a falta de Lourdes, de

Henriquetta e principalmente de meu pai. E de certa forma me acostumei e acabei gostando de ficar longe — confessou.

— Não sentia minha falta também? — brinquei, tentando amenizar o clima e ela bufou.

Um sorriso safado apareceu em seus lábios rosados, fazendo a covinha que eu sempre fui fascinado desde pequeno aparecer e seus olhos da cor do céu, se incendiaram. Apesar de todo esse jogo de provocação que nós tínhamos, eu não queria dizer algo que pudesse interpretar mal a minha pergunta, mas convenhamos, ela era Stephanie, ela obviamente estava fazendo isso.

— Apesar de irritante, eu senti sim. Nós crescemos juntos. Você e Lou eram praticamente os únicos amigos que eu tinha. Então foi meio que difícil não sentir. Eu nunca tinha ficado realmente longe de tudo antes. Foi estranho — ela disse, entortando o nariz, sempre achei bonitinho quando ela fazia isso. — Achei que veria você quando voltasse nas férias em que eu viria para Campavia, mas como você nunca me procurou depois que fui para o colégio, então parei de sentir. — confessou.

Essa confissão me pegou totalmente desprevenido. Sinceramente? Isso não era o que eu esperava que ela dissesse. Apesar de sempre brigarmos, eu também sentia falta dela. Eu sempre fui mais centrado, mas Stephanne era minha parceira de crime. Enquanto nós dois aprontávamos, Lourdes ficava em cima do muro, se fazendo de santa. Quando eu via que a situação saía um pouco do controle, eu entrava em modo de contenção de danos, para reparar tudo que nós fazíamos desmoronar. Mas então um belo dia ela foi embora, sem me dizer nada. Eu cheguei para minha visita de rotina e simplesmente não a encontrei mais. Confesso que fiquei um pouco magoado, por isso não quis vir vê-la quando sabia que ela estava por aqui. Depois eu estava na adolescência. Matando o desejo de cada célula adolescente que eu tinha em meu corpo. Sei que não justifica, mas foi isso que aconteceu. Mas parte de mim diz que se eu soubesse que Steph queria que eu fosse vê-la, teria colocado Eva ou qualquer outra garota de lado e ido encontrá-la.

Stephanne me olhou, acho que esperando uma reação. Sabendo que seus lindos olhos azuis estavam brilhando

para mim, tornava difícil me concentrar em pensar alguma coisa que não fosse ela. Era isso que acontecia quando Steph me permitia olhá-la assim de perto. Era difícil para caramba ter uma discussão com ela. Eu não via só essa linda mulher que ela se tornou. Não, eu ainda podia ver a garota que um dia me pediu para lhe ensinar a beijar e quando eu lhe neguei, ela disse que pediria a algum garoto. Era a mesma garota que depois de qualquer discussão, passávamos horas no maior amasso. Eu estava incapaz de pensar em uma resposta, então fiquei ali segurando seu olhar. Ela pareceu tomar ciência que estávamos muito tempo assim, nos levando muito longe pela imaginação e principalmente pelas lembranças e virou seu olhar para frente. A Lua cheia estava iluminando por cima do carro, o que fazia com que os fios loiros de Stephanie brilhassem. O efeito da luz a fazia parecer ainda mais linda, quase um anjo.

— Por isso ele resolveu mandar Lou para lá também — continuou.

— Vocês aproveitaram muito lá, não foi? — perguntei.

— Sim. Mas você conhece Lou. Ela sempre foi a

santinha do Pau Oco. Sempre se fazia de inocente. Enquanto eu era pega fazendo todas as confusões — ela conta rindo e eu ri também. — Eu precisava disso — por fim confessa.

Era impossível não pensar nos incontáveis dias que nós ficávamos deitados na praia particular atrás do Castelo, falando sobre o que nós faríamos quando fôssemos maiores. Eu sempre quis ser político, como todas as gerações da minha família foram. Stephanne nunca pensou realmente no que ela faria no futuro, porque afinal ela nasceu para ser Rainha, então não tinha muito o que planejar. No entanto, um dos desejos mais profundos de Stephanne, sempre foi sair da Campavia, porque aqui ela vivia presa. E depois de toda essa nossa conversa, eu não sei por que eu simplesmente não me lembrei disso.

— Eu tinha me esquecido. Esse sempre foi o seu sonho. Ficar longe de tudo. Não ficar presa atrás dos portões do Castelo. — Ela me deu um sorriso triste e suspirou, antes de olhar para suas mãos e esvaziar mais uma latinha.

— Meu pai acha que sou uma criança irresponsável.

Eu até posso ser às vezes. Eu não sou sempre louca. Realmente não me esforço para ser. Eu só quero fazer o que eu tenho vontade, não quero me privar de viver nada. Minha mãe morreu tão jovem. Casou cedo e morreu cedo. O que ela fez da vida? O que ela fez para se divertir? Ela foi realmente feliz? Pode parecer loucura, mas é como se tivesse outra dentro de mim, que quer aproveitar a minha vida e a dela. É sério. Eu não gosto de causar realmente complicações. Não gosto de ouvir sermões. Eu luto contra isso, mas eu não sou boa nisso o tempo todo. *“Mas você é uma Princesa, devia ser mais delicada, mais comportada, mais chata, tem que ter mais juízo.”* — disse imitando uma vizinha chata, fazendo careta. — Foda-se! Eu sou como qualquer uma. Invejo as mulheres que podem ser quem querem ser e fazer o que querem fazer. Eu não. Mas eu acabo fazendo. Aquela parte que diz que eu posso fazer tudo, sempre acaba vencendo. Eu nunca fui capaz de me opor a esses impulsos — ela disse a última frase tão baixo, que quase não a escutei.

Fiquei chocado. Sério. Eu não sabia o que dizer. Eu parei e me virei para ela, porque ela não parecia ser ela

mesma ao dizer tudo isso. Acho que o álcool a ajudou a dizer muito mais do que queria admitir. Stephanie tinha o dom de me deixar sem palavras às vezes. E eu não gosto da sensação de não ter controle sobre isso. Ela meio que me tira do eixo. Mas por mais que eu discorde de suas atitudes, eu acho que entendo o que ela quer dizer. Não deve ser fácil ter esse peso desde pequena. A expressão vazia em seus olhos estava me matando. Eu queria assegurar-lhe que nada estava errado em ela fazer esse tipo de coisa, mas não podia dizer nada disso.

— Sth... — Fui interrompido pelo barulho de um carro e nós dois levantamos do capô em que estávamos deitados para olhar.

— Precisam de uma mãozinha aí? — o Rei Edward perguntou pela janela baixa do seu carro.

Stephanne se levantou e rapidamente se despediu, indo logo para o Castelo. Acho que ela não queria realmente ouvir o que eu pensava. Ou estava envergonhada com sua confissão. Talvez os dois. Ainda demoramos um tempinho para colocar gasolina no meu carro, visto que carros importados têm segurança na bomba de combustível e eu

não estava nem um pouco disposto a deixar meu bebê ali.



Quando meu carro finalmente estacionou na garagem do meu prédio, já passava das onze da noite. Assim que eu abri a porta do meu apartamento, vi meu telefone fixo tocando. Deixei as chaves no aparador da sala e peguei o telefone.

— Alô — atendi.

— Até que enfim. Estava a horas te ligando — Igor falou do outro lado da linha.

— Se estava querendo tanto falar comigo, por que diabos não ligou para meu celular? — perguntei indo para meu quarto.

— Liguei e estava na caixa postal. Mas eu queria ter certeza de que você estava em casa — falou com som de riso.

— Idiota. Onde mais eu estaria? — perguntei, tirando minha roupa e jogando no cesto de roupa suja que havia no banheiro.

— Com a Princesinha, claro. E aí, como foi com a

Princesa? — perguntou e eu revirei os olhos.

— Não foi — respondi ríspido.

— Pare com isso, você esta afim dela e fica aí correndo daquela boceta real. Você virou viado ou o que?

— Vai à merda, Igor. Não que isso seja da sua conta, mas é mais fácil você virar um do que eu. Mas não, obrigado, Stephanne não é nada além de problemas. — Igor fez um som de desaprovação

— Os problemas podem ser divertidos. Eu já disse que você precisa de um pouco de emoção. Pegar algumas mulheres de vez em quando ou só a vadia da minha querida priminha Eva, não é nem um parque de diversão. É essa sua rotina que faz da sua vida tediosa e chata — falou e eu revirei os olhos.

— Chega de falar de Stephanne, beleza? Já tenho que aturá-la, não quero mais complicação do que isso na minha vida. — Suspirei. — Então amanhã está liberado fazermos a visita? — perguntei, querendo mudar desesperadamente de assunto.

— Tudo no esquema. É só você procurar por Gueta, ela é a coordenadora do setor. Ela vai recebê-los —

falou.

— Tudo bem, obrigado, cara. Tenho que desligar agora. Amanhã cedo tenho uma Princesa Problema para acordar antes de sairmos — continuei.

— Hm... Sexo com mau humor matinal é uma delícia. Se quiser, posso ir no seu lugar — soltou o que eu acho ser um gemido.

Filho de uma puta!

— Foda-se, Igor! — grunhi, antes de desligar na sua cara, ainda assim pude ouvir sua risada, porque a provocação dele foi recebida com sucesso e ele sabia.



Depois de um banho, eu só queria cama. Meu corpo estava moído. Toda cerveja do dia e a noite anterior sem dormir estava cobrando seu preço agora. Meu celular apitou uma nova mensagem. Pensando que poderia ser alguma coisa realmente importante, peguei-o para ver do que se tratava.

"Obrigada, adorei o nosso dia de hoje. Mesmo você estando mal humorado, eu me diverti muito. Deveríamos

repetir em breve. Eu não menti, eu realmente senti sua falta. Sonhe comigo, mas não caia da cama. Beijos,

A Louca do Body Shot. ;)”

Uma gargalhada saiu dos meus lábios. Era impossível não me perguntar o porquê de Stephanie mexer tanto comigo. Nós não nos víamos há anos. Ou seja, eu mal a conhecia direito e pelo pouco que conhecia e ouvi da sua confissão, eu tinha certeza que ela era sinônimo de problema e confusão. Mas por que isso não me fazia parar de pensar nela? De querer ‘coisas’ com ela? Suspirei. Pelo visto a *Bandida* iria conseguir com que eu fizesse exatamente o que ela falou, minha noite será longa novamente. Stephanie será o nome da minha insônia.

Capítulo 12

Steph

Acho que falei demais essa noite. Sério. Acho que nunca conversei sobre mim mesma tão profundamente, quanto conversei com Théo hoje. Nem comigo mesma, quanto mais com outra pessoa. Parece até que eu estava relatando uma sessão de terapia, a qual nunca fui. Eu culpo as cervejas e os malditos olhos azuis que me hipnotizam de Théo, que fazem com que eu queira fazer qualquer coisa que ele queira, olhando para eles.

Nossa! Eu estou tão... Não sei. Vamos ser Stephanne de novo, para não ficar chato!

Então pensando exatamente nisso, terminei de enviar a mensagem para Théo e não pude deixar de sorrir. Sei que não estava saindo conforme meu cronograma para conquistá-lo, mas eu tinha certeza de que estava surtindo efeito. Afinal, se aquilo que o Ogro sentiu em relação aos seus amigos não foi ciúme, então eu sinceramente não sei

o que era. Porque o cara estava a ponto de explodir, disso eu tenho certeza.

Falar em amigos, que amigos, viu? Deus benza!

Se eu gostei de saber que eu poderia facilmente me divertir com eles e principalmente o fato de Théo ter ficado possesso, é eufemismo. *Eu amei!* Eu já sabia que Igor era aquela delícia toda. Mas Victor também é um “Pão”. Ou melhor, uma feijoada recheada e succulenta. Minha primeira reação quando entrei no Restaurante foi: *Nossa, que lugar estranho! O que estamos fazendo aqui, ao invés de estarmos em um quarto?* Minha segunda reação quando Victor se apresentou foi: *Nossa, que delícia! Adorei esse lugar e principalmente o dono! Comería ele todinho!*

Eu estava me sentindo, sério. Como não se sentir bem com três homens gatos na mesa só comigo? Mas tirando os gatíssimos - porque isso foi apenas um bônus para o meu ego nada pequeno - eu me diverti muito. Nem sabia que a Campavia tinha se desenvolvido tanto a ponto de ter um restaurante típico brasileiro. Apesar do susto inicial, amei a feijoada e principalmente a troca de indiretas entre Théo

e eu. Foi com certeza o ponto alto do meu dia. *E até sambei!* Apesar de eu amar dançar, fiz isso exclusivamente na intenção de seduzir Théo. Acho que mais uma vez deu certo, porque quando olhei para mesa ele estava com cara de bobo. Adorei.

— Steph, você está bem? — Lou perguntou, colocando a cabeça na porta do meu quarto.

— Estou ótima! Só com a cabeça a mil e a calcinha molhada. Tirando isso, está tudo sob controle — respondi simplesmente, terminando de secar meu cabelo.

— Nossa! Você também, hein? — Revira os olhos e eu ri.

— Fazer o que se ele é uma delícia. E é uma delícia que eu vou adorar me lambuzar — falei rindo. Lou bufou, antes de sorrir.

— Sabe, eu vi você conversando com Théo mais cedo no cais. Pelo que eu vi, parecem estar se dando bem — falou com um sorriso travesso.

— Conversando? Acho que você viu outra pessoa e não eu. Agora se você me disser que me viu discutindo com ele, então ok. Fui eu.

— Qual o problema? — perguntou, com uma sobranceira alta.

— O problema é que ele é irritante, chato e controlador demais para o meu gosto. Às vezes eu o odeio — confessei.

— O problema é as outras vezes. Você sabe que quase todas as histórias de amor começam assim, com casais que vivem em guerra, né? — Soltei uma gargalhada.

Ela só pode estar louca! Só rindo.

— Não viaja, Lou. Se fosse assim, nosso mundo não viveria em guerra, era só paz e amor. Meu interesse por Theodore, sempre foi e sempre será exclusivamente e puramente sexual. E também claro, para mostrar quem é que manda nessa bagaça — afirmei piscando os olhos.

— Isso é você quem diz. Só espero que o feitiço não vire contra a feiticeira. — E antes que eu pudesse lhe responder essa afronta, simplesmente escapuliu.

Não disse? A falta de orgasmo está prejudicando o juízo de Lou!



Uma batida na porta me fez despertar, tão logo dormi. Ainda era madrugada quando abri a porta e dei de cara com um muito lindo Theodore, usando uma camisa branca, calça jeans e os cabelos ainda molhados do banho. Seu perfume logo me paralisou. Na verdade, toda a cena me deixou paralisada. O que ele estava fazendo ali a essa hora?

— O que é que você est...

Théo não me deixou terminar de falar, pois ele simplesmente me fez calar a boca esmagando seus lábios contra os meus sem dizer uma só palavra. Por mais que fosse exatamente isso que eu quisesse, protestei, empurrando minhas mãos contra seu peito másculo e durinho, tentando entender o que estava acontecendo. Mas o calor de sua língua deslizando pelos meus lábios, juntamente com seu sabor, seu cheiro, seu calor e todo seu conjunto delicioso, me deixaram fraca demais para reagir.

As mãos de Théo subiam e desciam pelo meu corpo, como se estivesse me marcando. Ele emaranhou seus dedos pelo meu cabelo, enquanto sua língua dançava em um ritmo delicioso em minha boca. Acariciando-a e

provocando-a, fazendo querê-lo ainda mais. Minhas mãos fecharam em sua nuca, puxando-o ainda mais perto. Porque eu precisava de mais dele. Muito mais.

Suas mãos deslizaram para minha bunda. E meu cérebro entendeu o sinal rapidamente, pois engatou minhas pernas sobre o seu quadril, moendo contra ele a necessidade dentro de mim. Eu gemia com a sensação deliciosa dele através da fina calcinha. Tremi em antecipação.

Jesus! Se ele poderia fazer isso com nós dois vestidos, imagine nus! Ia ser a porra de uma explosão!

Théo largou minha boca, deixando um rastro quente de sua boca sobre a minha orelha, enquanto sua mão descia pelo meu top e o arrancava, quase sem esforço. Ele lambeu seus lábios e eu sorri.

— Seus seios são lindos — diz, acariciando, ainda admirando-os.

— Obrigada. Agradeça ao meu cirurgião. — Rimos

Meu riso morreu quando seu polegar beliscou meu mamilo. Eu engasguei e gemi quando sua língua brincou sobre ele logo em seguida. Minhas mãos foram

automaticamente para o seu cabelo, puxando e agarrando os fios tamanha necessidade. Ele sacudia e girava a língua no seio e depois sugava profundamente, como se estivesse mamando. Sua outra mão acariciava o outro seio, enquanto sua língua trabalhava com o bico que ainda estava em sua boca, duro de tanta excitação. Uma delícia... Mal pude conter o grito de prazer que saiu da minha boca.

Minha dor por ele cresceu em níveis estratosféricos. Eu sabia que se ele ficasse mais um pouco nessa tortura deliciosa ou me tocasse lá embaixo, eu iria facilmente gozar de tanta necessidade que sentia por ele. Como se Théo pudesse ler minha mente, desceu sua mão pela minha barriga, aumentando ainda mais a tortura. Seus dedos provocando através barra da minha calcinha, fazendo com que meu corpo tremesse em suas mãos.

Eu estava perdida!

Quando estava prestes a implorar que ele me tocasse, Théo finalmente mergulha exatamente aonde eu precisava dele. Nos beijando, ofeguei contra seus lábios, enquanto seus dedos longos e habilidosos, trabalhavam contra a

carne sensível, que estava molhada para ele. Meus quadris arquearam-se involuntariamente contra sua mão, esfregando-se contra seus dedos, pedindo mais e mais. E ele deu. Rapidamente Théo lascou minha calcinha, antes de cair de boca em meu sexo. Sua língua serpenteava meu clitóris, sugando minha excitação, ao mesmo tempo em que seu polegar continuava esfregando, enquanto seus dedos deslizaram para dentro das minhas dobras molhadas. Ele mantinha um ritmo perfeito e rápido, enquanto ele continuava a lambar e chupar o meu centro, me deixando mais louca do que jamais estive. Apertei com força minhas mãos nos lençóis de seda da minha cama, incapaz de me conter.

— Doce mel — rosnou, voltando a se afogar no meu sexo.

Théo era implacável. Chupava-me e me lambia com maestria. Fazendo-me gemer como uma louca, me deixando cada vez mais perto do meu objetivo. Finalmente, ele me levou até o limite, eu estava sentindo os primeiros espasmos vindos do orgasmo, quando ele simplesmente parou e sorriu para mim.

— O que? Não para, eu to quase... — murmurei necessitada.

— Então, você não vai atender? — ele perguntou, se referindo à música do meu celular que tocava.

Mas o que?

“Amor, você não percebe?

Estou chamando

Um cara como você deveria ter um aviso

É perigoso, estou me apaixonando...” .

Sério? Isso era um sonho? O Universo só pode estar de sacanagem comigo! No melhor do sonho ele simplesmente me acorda?

Só existe uma coisa pior do que ser acordada. É com certeza ser acordada quando se está prestes a gozar em um sonho. Sério. Isso é frustrante. Não. Na verdade isso é revoltante. E essa era a melhor maneira de começar o dia com o pé esquerdo. Resmungando, virei para o lado e peguei meu celular que tocava a música da Britney que estava me dando nos nervos. Eram sete horas da manhã e mais uma vez a batida na porta ressoou através do quarto. Meu celular parou de tocar, antes de começar a vibrar e

tocar novamente, me dando um susto.

— Você não tem o que fazer? Vai procurar o que fazer!

— gritei, antes de voltar a me jogar em meus travesseiros de plumas de ganso.

Ouvi uma risada. Eu deveria adivinhar que ele viria. Eu já estava puta da vida por ter mais um orgasmo frustrado, mas isso por si só já me deixou ainda mais irritada, porque eu sei que ele estava fazendo essa merda de propósito. Eu queria esganar Théo. Mas eu também queria poder desfrutar daquela boquinha deliciosa e ter certeza de que ele é tão perfeito assim como no meu sonho. Uma mensagem chegou para mim, fazendo meu celular apitar. Abri o olho para ler, porque eu sabia que era ele.

“Abra a porta. Preciso te mostrar uma coisa”.

Franzi o cenho. Do que diabos ele estava falando? Ele certamente não estava falando do que eu queria que ele me mostrasse. Não a essa hora da manhã. As batidas

recomeçaram. Eu gemi frustrada, porque além de Théo ter atrapalhado meu orgasmo – pela segunda vez, que isso fique bem claro -, ele com certeza não me deixaria mais dormir, porque era mais do que claro para mim que ele acordava com as galinhas.

“Acho bom você abrir a porra da porta”!

Bufei irritada. Théo pelo visto não desistiria de me acordar a essa hora da madrugada. Eu já estava me vendo dar “Adeus” ao meu soninho de beleza matinal, porque eu tinha quase certeza de que ele faria disso a merda de uma rotina. Não me dando o trabalho de me vestir, fui mancando até a porta. Théo já teve o prazer de saber como eu durmo, então já que ele queria me acordar cedo, seria exatamente assim que ele me veria. Sorri e abri a porta. Théo estava vestido com uma camisa manga longa cinza escuro, com a manga dobrada, calça jeans e estava segurando um jornal e um copo de café já nas mãos. Não o via assim tão informal, desde que tínhamos uns doze anos.

Eu realmente queria que ele não fosse tão malditamente deslumbrante. Mas bem, é mentira, eu queria sim. Essa belezura toda era justamente a que eu me esbaldaria em breve. Seu sorriso mais uma vez paralisou no seu rosto, enquanto seus olhos bebiam meu corpo, de forma quente. Sério. Eu fico impressionada com a forma que Théo faz com que eu me sinta apenas com um olhar. *Imagina com seu corpo e mãos? Uma loucura.* Eu lutei contra o impulso de agarrar ele pela gola da sua camisa e beijá-lo. Precisava mostrar a ele quem estava no controle aqui.

Depois do seu olhar apreciativo pelo meu corpo, Théo olha para cima e um pequeno franzido aparece em suas sobrancelhas. Ele parece preocupado. Não gostei disso. Meu sorriso morreu, tão logo começou.

— O que aconteceu? — eu perguntei e senti que não ia gostar da resposta, mas precisava saber.

Théo me olha, xinga baixinho e balança a cabeça, antes de passar por mim. Eu automaticamente fecho a porta. Imagino que não seja nada bom.

— Paparazzi — esclarece irritado.

— O que? — perguntei, ainda sem entender aonde ele

queria chegar com isso, afinal, ninguém me conhece.

— Malditos Paparazzi. Eles nos seguiram por todo o maldito dia! Eu não vi, mas eu senti que esses abutres estavam nos seguindo — bradou, antes de me entregar o jornal que estava em suas mãos.

Fiquei em estado de choque quando vi na primeira página do *Tribuna Campaviana*, o maior jornal local, uma foto de nós dois, conversando próximos. Quem olhava a foto, pensaria que estava diante um casal apaixonado. Porque pela aproximação dos nossos rostos, nossos olhares e sorrisos, parece nitidamente que estamos prestes a nos beijar.

“Durante todo domingo, o assessor e filho do Primeiro-Ministro, Theodore Caravaggio, foi visto desfilando pela cidade de Bellini com uma misteriosa loira, que já tinha sido vista no sábado junto com sua irmã, Anabella. Eles chegaram juntos para tomar café da manhã, onde fizeram seu desjejum de forma descontraída. Uma fonte nos informou que os dois pareciam muito bem juntos, trocando sorrisos e

carinhos. Além do que a Loira Misteriosa se mostrou ciumenta e fez uma cena, quando uma recatada garçonne foi lhes servir. Almoçaram juntos no Panela de Barro, um restaurante brasileiro, onde os dois dividiram a mesa com o dono do estabelecimento, Victor Carvalho, e do Barão de Niápoli, o Dr. Igor Carrara, amigos de Theodore. Segundo informações, até comidinha na boca os dois trocaram. Não são fofos? Mais tarde, o casal foi visto saindo abraçados do local. Outra fonte nos informou que a moça é filha de um nobre local, mas passou uma temporada fora e agora está retornando a Campavia. Só nos resta torcer para saber quem é a moça sortuda que fogueou o coração do nobre rapaz. Será que veremos um Casamento Nobre por aí? Vamos ficar de olho”.

Isso aqui é sério?!

— Recatada? Esse jornalista só pode estar de sacanagem comigo! A mulher era uma vadia! Ela estava esfregando-se na sua cara. Praticamente colocou seus peitos na bandeja para você! — bradei.

— Sério? O jornal está praticamente descobrindo sua identidade, antes do tempo que programamos, e você está preocupada em afirmar sobre a índole da pobre garçonne? Ora, ora, Steph. Quem diria. Quanto ciúme, Princesa — ele falou com um sorriso debochado.

Sério mesmo. O que há com essa pessoa e esse Ego tão grande?

Como ele pode pensar que eu estaria com ciúmes? É claro que eu absolutamente não estava com ciúmes! Não tem nem cabimento uma coisa dessas! Atraída e doida para rolar na cama com ele, com certeza. Ciúmes? Jamais. Porque ciúme é um sentimento descabido, que só existe quando a gente sente algo por alguém. E eu não sentia nada mais do que tesão por Théo. Sim, claro. Óbvio. Fora isso, nada.

— Sério, Théo? Você se acha mesmo “o cara”. Seu ego já esta tomando proporções astronômicas — falei olhando para ele em desafio, colocando a mão na cintura e ele riu.

A risada profunda dele causou um calor dentro de mim que eu não reconheci. Não era algo ruim, mas no fundo me parecia familiar. Na verdade era mais do que bom.

Poderia ser viciante. Do jeito que eu sou, não sei se Théo se tornar um vício pode ser realmente bom para mim. Chocolate era um vício bom. O resto era só problema.

— Diga isso a você mesma. Você parecia que estava perto de perfurar os silicones da pobre coitada — ele disse em forma de gozação.

Eu tentei segurar a risada, juro que tentei, mas eu não consegui controlar. Em certos momentos Théo parecia ainda ser aquele menino que eu conheci. Não posso negar que uma parte de mim fica feliz por isso. E não me perguntem por quê.

— Não vou discutir com você sobre algo tão estúpido. Acabei de acordar, não tenho disposição para isso.

Parecendo ter se lembrado de como eu estava vestida, lentamente seu olhar mais uma vez viajou pelo meu corpo, de cima a baixo, fazendo meu pulso acelerar. Eu fiquei congelada no meu lugar até os olhos dele encontrarem os meus de novo. Ele sorriu e os olhos azuis dele brilharam com malícia. Eu adorava quando ele me olhava assim.

Aqui estava ficando quente? Eu precisava abrir uma janela.

O sorriso dele se tornou mais profundo, mostrando aquelas covinhas na bochecha, dando a ele aquela cara de safado. Sem contar que tinha algo em seus olhos que eu esperava não estar imaginando. O desejo ainda estava lá. Eu podia ver. Mas tinha algo a mais que minha razão não me deixava entender. Eu senti meu rosto corar, coisa que não acontecia com muita frequência, visto que eu não era uma pessoa muito tímida. Mas eu sorri, porque eu precisava deixar essa coisa estúpida que é essa timidez que não existe e seguir com os planos que surgiram na minha mente esses dias.

— Vá se arrumar — ele pede com a voz rouca. Sorri. — Provavelmente temos que explicar essas notícias para seu pai, e rever algumas coisas sobre o que vamos fazer. Mas logo depois vamos sair — continuou.

Ok. Vamos ver se ele segura essa!

— Eu espero que você não se importe, mas tive um sonho maravilhoso com você e acordei suada, sabe? Então eu preciso de um banho antes de irmos. — Pisquei um olho para ele, que quase se engasgou com as palavras.

Ponto para Steph!

Eu desviei o meu olhar do seu e mordi meu lábio para evitar que um sorriso idiota aparecesse no meu rosto. Porque na verdade, eu queria era rir mesmo. Dane-se meu pai nesse momento.

— Hm, não, eu não me importo — murmurou, ainda me olhando embasbacado.

Eu estava indo a caminho do banheiro, quando ele falou:

— Se incomoda que eu me sente, não quero ter de enfrentar seu pai sozinho. — Apontou para poltrona e eu ri.

— Fique à vontade, Théo. Você já é de casa, por mim você virava mobília. Não me incomodaria de sentar em você. De maneira nenhuma, adoraria. Se quiser me acompanhar no banho, também não vou achar ruim. — O deixei ali, com cara de tacho.

Já vi que hoje o dia ia ser ótimo!



Não demorei muito no banho. Como eu não sabia para onde íamos, vesti um short jeans curto e uma camiseta

branca. O banho não aliviou em nada o desejo que Théo tinha acendido em mim desde que nos reencontramos e muito menos depois do sonho quente que tive. Precisava resolver isso. Assim, que voltei para o quarto, Théo se levantou da poltrona e olhou para mim. *Sério. Ele realmente olhou para mim!* Um pequeno sorriso sexy tocou seus lábios e eu senti como que se fosse derreter em uma poça no chão. Se não fosse pela minha preocupação sobre o que ele queria por trás dessa cara de safado, eu teria completamente apreciado seu sorriso.

— Você terminou o que eu atrapalhei no seu sonho? — perguntou, caminhando lentamente até mim, com um brilho muito determinado em seus olhos.

— Não — murmurei.

Théo sorriu daquele jeito safado e me puxou contra seu peito. Enfiou a mão no meu cabelo e segurou a parte de trás da minha nuca e olhou fixamente para mim. Por um momento, ele não diz nada e eu deixo passar, lembrando-me de que algumas coisas é melhor serem ignoradas.

— Isso é bom — falou finalmente.

Não! Isso é péssimo! Eu estou com um orgasmo

frustrado e você tá me deixando quente!

Ainda sem conseguir falar nada, seus olhos moveram pelo meu rosto parando para estudar a minha boca e ele lambeu os lábios, como no meu sonho. *Má lembrança.* Não, na verdade a lembrança é boa demais para o meu gosto. Ele olhou fundo nos meus olhos antes, viajou sua boca para baixo e beijou um ponto em meu pescoço. Théo gemeu ao respirar fundo meu perfume e eu acompanhei.

— O que você acha de cuidarmos disso?

Nossa Senhora das Calcinhas Molhadas! Só se for agora!

Resfoleguei. O sussurro rouco em sua voz tornava difícil para conseguir respirar direito. Era bom demais para ser verdade.

— Hm — gemi baixinho.

Meu coração estava disparado pela fantasia que encenava na minha cabeça. Estar envolvida no perfume doce e másculo de Théo, não ajudou na questão. Ele estava me deixando louca. *Basta arrancar minha roupa já! Por favor!* Eu estava pronta para implorar. O bastardo deveria saber o que me provocava, porque ele riu e

baixou a cabeça, até que seus lábios estavam pairando sobre os meus.

— *Cof. Cof.* — Uma tosse assustada quebrou o feitiço e Théo fechou os olhos com força.

Não posso acreditar nessa empata foda!

— Merda! — ele xingou.

Endireitando o corpo, Théo se afastou rapidamente de mim e nós dois nos viramos para enfrentar quem nos interrompeu. Eu sabia que só poderia ser Lou pra entrar no meu quarto sem bater, porque além do meu Pai, ela era a única que tinha a coragem de fazer isso.

— O que foi, Lourdes Maria? — perguntei irritada.

— Eita! Não precisa me chamar assim não — diz com as mãos para cima, se sentindo ofendida por ser chamada assim, Théo apesar de nervoso, riu baixinho. — Desculpem atrapalhar... Hm... Seja lá o que vocês estavam fazendo, mas o Rei Edward pediu para lhes avisar que ele está aguardando os dois para o café da manhã — informou.

— Tudo bem. Já estamos descendo — falei e ela ia saindo, antes de voltar e olhar para nós dois.

— E Théo. — Ele levantou o olhar para ela. — Acho melhor você cuidar disso, antes de descer. Não tenho certeza do que o Rei vai pensar sobre o que você e a Princesa estavam fazendo para você estar nessa situação — ela disse apontando para baixo e saiu.

Olhei para ela sem entender e segui para onde o seu dedo apontava. Quando vi que ela estava falando da sua ereção notável através da calça, uma gargalhada estourou para fora da minha boca. Théo ficou constrangido e visivelmente puto, me deu as costas e foi até o banheiro, enquanto eu ainda ria.



Eu não tinha realmente pensado em outra coisa além do absurdo que foi a garçonete ter sido citada como “recatada”. Sério, estava me sentindo até ofendida, porque para mim o fato de chamar uma oferecida daquela dessa maneira, foi o cúmulo dos absurdos. Mas enfim, não quero pensar muito sobre isso, porque nesse momento estou é nervosa para caralho, pois eu não tinha pensado na reação que meu pai teria ao dar de cara com aquela

manchete no jornal.

Sim. Eu estava bem enrascada!

Estava contando com a presença de Lou e Henriquetta à mesa, pois seriam mais duas testemunhas caso meu pai quisesse me matar. Mas infelizmente eu não estava com tanta sorte, pois ele estava sozinho na mesa em frente à piscina, onde estava sendo servido o café da manhã hoje. Eu já estava vendo meus cartões de crédito sendo quebrados sem dó e nem piedade, fazendo meus olhos ficarem úmidos ao pensar nesse Adeus e essa perda tão dolorosa. Eu esperava qualquer coisa, qualquer coisa mesmo quando nós finalmente nos reuníssemos à mesa com ele. Até encontrar meu pai com o cinto na mão, pronto para me dar a surra que ele nunca me deu. Mas nunca em toda a minha vida, eu imaginaria que encontraria meu pai segurando o bendito jornal em que aparecíamos na capa e o pior de tudo, é que ele estava sorrindo para mim e Théo.

Sério. Ele estava realmente sorrindo! Dá para acreditar nisso?

— Bom dia — cumprimentou-nos, com o sorriso ainda

grande em seus lábios.

Sim. Essa situação estava para lá de estranha. Eu senti isso e pelo visto Théo — Que até então estava tenso com esse confronto —, também sentiu, pois nos entreolhamos sem saber o porquê de tanto bom humor. Meu pai já bebeu a essa hora da manhã?

— Hm. Bom dia, Pai — cumprimentei vendo que era seguro eu me aproximar, então fui até ele e beijei sua bochecha, antes de me sentar ao seu lado.

— Bom dia, Majestade. — Théo reverenciou e também se sentou de frente para mim.

— Então. Qual a programação para hoje dos dois? — meu pai perguntou, enquanto nós dois nos servíamos do café e Théo voltou a olhar para mim, engolindo em seco.

— Bem, como nós dois conversamos, Majestade. Vou levar a Princesa para conhecer algumas Instituições de Caridade. Pensei em começar com *a Ala das Crianças* no Hospital. — explica, calmamente.

— Acho ótimo, Théo — falou, sorrindo.

— Caridade? Crianças doentes? — perguntei, sem entender.

— Como eu falei com você ontem, como a Princesa herdeira ao trono campaviano você tem seus deveres reais, você terá seu trabalho como representante da Família Real. Nós vamos fazer uma agenda para que você possa cumprir a risca suas atividades. Dentre elas, sua principal atividade é com a filantropia — Théo explicou, bebericando seu café.

— Ok. Eu entendi. Só não entendi essa parte de que eu vou visitar crianças doentes. Odeio ficar doente. Sério. Quando eu fico gripada, meu nariz fica vermelho, minha voz fica fanha, meu corpo todo fica dolorido, parecendo que dei a volta ao mundo a pé. Imagine outras doenças. Desculpe, mas não dá. Não podemos fazer outro tipo de filantropia? — perguntei séria.

Théo revirou os olhos e meu pai bufou irritado. *Mas ei! Eu sei o que estou dizendo.* Eu sou tão ruim, que é difícil de ficar doente, mas quando eu fico, fico realmente péssima. Que nem minhas cólicas menstruais. Parece que estou parindo uma frota de aliens.

— Não, Steph. A *Ala das Crianças* a que Théo se refere, é uma Instituição que o hospital criou para acolher

algumas crianças em tratamento, mas não se preocupe, elas não têm nenhuma doença contagiosa.

— Então já que é assim, por mim tudo bem — falei, voltando a atacar um brioche.

— Ótimo. — Meu pai sorriu e olhou para nós dois. — Vocês se divertiram muito ontem? — perguntou.

Pronto! Chegou a minha hora!

— Vossa majestade, sobre o jorn...

— Não se incomode com isso, Théo — meu pai interrompeu. — Não precisa explicar. Eu sei perfeitamente como esses jornalistas podem ser — disse ainda com um sorriso enorme e cúmplice no rosto.

O que? Ele estava falando sério?

— Mas pai, não...

— Tudo bem, filha. Só vamos apenas tomar precauções extras até o anúncio no baile essa semana. Como os Paparazzi já conhecem o carro de Theodore, providenciei um carro para você e acho bom que vocês usem durante essa semana. Um segurança também vai acompanhar suas saídas em outro carro, mas ficarão apenas a distância para não chamar a atenção.

Sinceramente? Não importava que meu pai tivesse agido calmamente sobre o possível “relacionamento” meu e Théo que esse jornal insano publicou. Porque depois que ele pronunciou a parte do “Providencie um carro para você...” eu não me importei com mais nada que ele disse, porque eu agora poderia me locomover. *Adeus carroça de Lou!*

— Ahh!!! — gritei, assustando todo mundo e me joguei no colo de meu pai, comecei a dar-lhe vários beijos no seu rosto, que depois de ter passado o susto começou a rir. — Obrigada! Obrigada! — disse, ainda o beijando.

— Nossa, Steph. Espero que você fique assim feliz desse jeito toda vez que for cumprir suas obrigações reais — meu pai falou e Théo riu baixinho, provavelmente entendendo o porquê da minha reação animada.

— Oh sim. Estou animada para isso, Pai — falei com um sorriso de um milhão de Dólares.



Eu não deveria estar chateada, mas estou. Estou porque ao invés de estar atrás do volante da minha possante *BMW*

Z4 prateada novinha e reluzente, estou aqui, sentada no banco do carona. Depois de mais um grito eufórico de emoção ao ver o laço cor de rosa em cima do meu carro novinho, eu estava indo em direção à porta do motorista quando fui brutalmente interrompida pelo *Ogro*, me lembrando – Com um sorriso maldito no rosto -, Que eu não poderia dirigir por causa da minha torção. Quase morri. O que eu fiz para Deus me punir dessa maneira? Qual é a graça de ter uma BMW e não poder dirigir? Só Théo mesmo para acabar com a minha graça.

Pela segunda vez consecutiva nessa semana, Théo estacionou meu presente em frente ao hospital. Em um ato raro de cavalheirismo, ele estendeu a mão e me ajudou a sair do carro. Entrando no hospital, fomos andando para um corredor isolado, que levava a um lugar mais afastado do hospital. Na recepção, Théo pediu para que chamassem por uma pessoa. Mas antes mesmo da recepcionista fazer o que ele estava pedindo, vimos Igor saindo de um dos consultórios. Ele estava no modo *Dr. Delícia* ativado, usando seu jaleco e estetoscópio, isso por si só já diz muita coisa sobre a perfeição morena que

agora sorria, vindo em nossa direção.

Uau. Hoje não poderia ficar melhor!

— Princesa, sempre um prazer revê-la — ele disse, me cumprimentando com um beijo no rosto.

— Sempre um prazer revê-lo também, Doutor. Com um doutor desses, não é tão ruim assim ficar doente — disse para ele, que piscou o olho para mim.

— Não hesite em me chamar, Princesa. Para qualquer coisa que você quiser — falou, sorrindo.

Sério. Impressão minha ou o Dr. Delícia realmente está dando em cima de mim descaradamente, com essa cara de quem quer nitidamente aprontar? Porque sério, não me incomoda não, também adoro aprontar. Na verdade, tô topando tudo. Tô aqui para o que der e vier. E vier e der. Quer dizer, tô aqui para dar. Literalmente.

Adoro!

Théo limpou a garganta, fazendo Igor rir.

— E aí, cara? — Igor falou com seu amigo, que estava com a cara irritada.

— Igor — cumprimenta, com um olhar que provavelmente lhe chutaria as bolas, o que não parece ter

surtido efeito, porque Igor sorriu ainda mais.

— Vocês chegaram cedo. Não esperava vocês virem tão cedo.

Então um grito de uma pessoa me chamou a atenção. Não uma pessoa qualquer, mas uma criança. Eu tinha certeza de que esse grito seguido do choro vinha de uma criança. Eu não percebi que estava andando, até eu me ver parada em uma sala, onde uma enfermeira e uma mulher tentavam em vão conter o choro de uma menina. A menina era loirinha, com grandes cachos loiros, olhos verdes e pele branquinha. Ela não deveria ter mais do que sete anos de idade. Era muito linda. A mulher, que provavelmente era sua mãe, segurava-a com carinho e tentava falar com ela. Eu não entendia muito bem o que estava acontecendo, mas pelo que eu estava vendo, provavelmente a menina tinha que tomar alguma medicação. A menina então encontrou o meu olhar, com seus grandes olhos verdes que ainda escorriam lágrimas no seu rostinho vermelho de tanto chorar. Eu senti uma dor por vê-la chorar, que eu não soube explicar. Era de partir o coração seu choro sofrido.

— Oi — murmurei, olhando-a.

— Oi — ela respondeu e fungou, ainda chorando.

— Como você se chama? — perguntei, chegando ainda mais perto dela, ignorando as duas mulheres que olhavam para mim.

— Victória — respondeu.

— Oi, Victória. Tudo bom? Meu nome é Stephanie. Por que uma menina tão linda como você está chorando?

— Ela não está querendo tomar seu remédio — a mãe disse, acarinhando seus cabelos com as mãos e a menina se encolheu, escondendo seu rosto, envergonhada.

— Victoria é uma das crianças que vêm ao Hospital Dia, da *Ala das Crianças*, quase todos os dias da semana tomar sua medicação — Igor explicou, parado na porta, junto a Théo. — Ela é portadora do vírus HIV.

Oh Deus!

Sei que podem pensar que eu certamente me encolheria e sairia dali correndo imediatamente, mas eu não sou tão ignorante assim. Sei muito bem a forma de contaminação do vírus da Aids e isso não quer dizer jamais que eu não possa estar em um ambiente com uma pessoa soro

positiva. *E gente, ela é uma criança!* Se para um adulto já é complicado aceitar, passar e viver com esse tipo de tratamento, imagine para uma criança inocente que a única coisa que deveria se preocupar com essa idade, é em trocar a roupa das suas bonecas.

— Por que você não quer tomar sua medicação, Victória? — perguntei, segurando seu queixinho.

— Porque dói, tia. — respondeu, chorando baixinho.

— Eu sei, querida. Mas é para o seu bem. Posso te contar um segredo? Você jura que não contará para ninguém? — Ela concordou. — Eu sou uma Princesa. — Me olhou surpresa. — Como Princesa, eu achava que não podia ficar doente, mas eu ficava. Eu odiava ir ao médico. E sim, eu corria todas as vezes que eu via uma agulha de injeção. Mas então eu descobri que toda vez que eu tomava uma injeção, eu ficava mais forte. Então pense assim, toda vez que você tiver que tomar, repita para você mesma que essa “ferradinha de formiga” passa e quando ela passar, você vai ficar mais forte. — A menina me olhou parecendo ainda incerta e concordou.

— Tudo bem, tia. Você é Princesa e Mamãe disse que

Princesas são perfeitas, elas não mentem. Então eu acredito em você — ela disse, com o rostinho ainda molhado em lágrimas, mas já com um sorriso.

Gente! Ela era Linda!

— Muito bem, Vic. Prometo que a dor vai ser rapidinha.

— Tia Su, pode me dar a injeção, prometo que não vou mais chorar — ela pede para a enfermeira.

Todos estavam sorrindo com essa pequena. Olhei para Théo e ele tinha um sorriso bobo no rosto e olhava fixamente para mim.



Victória tomou sua medicação. Chorou, mais foi bem durona. Sua mãe me agradeceu e eu fiquei realmente feliz por ter ajudado. Conversando com ela, enquanto eu via Victória brincando com outras cinco crianças também portadoras do vírus ali, ela me explicou sobre sua filha. Ela era uma ajudante aqui na *Ala das Crianças* e Victória não é sua filha biológica. Mas foi ali que ela a adotou e virou a mãezona que é hoje. Sua mãe – mãe não, pois

dizer que uma filha da puta dessas é mãe, é uma ofensa —, sua “barriga de aluguel”, chegou a Campavia prestes a parir e logo após o parto, mesmo sendo informada de que ela não deveria amamentar a sua filha, ela deu de mamar escondido das enfermeiras. E quando uma enfermeira a flagrou e brigou com ela, dizendo que não era para ela ter feito isso, pois as crianças com mães soropositivas tinham direito a leite materno do banco de leite, ela apenas disse que se ela tinha que carregar essa doença pela sua vida toda por causa do pai da sua bebê, então Victória também deveria carregar, como castigo. Podem acreditar nisso? E depois dessa, ela simplesmente abandonou sua filha no hospital e sumiu no mundo. O quão egoísta e filha da puta essa mulher foi? Dava vontade de matar uma mulher dessas!

Putá merda! Sério, foi foda!

Eu já disse que odeio chorar, odeio mesmo. Sinto-me fraca. Mas eu me vi chorando como uma bebê. Não tive como não me emocionar com essa história e tantas outras que ouvi ali na *Ala das Crianças*. A *Ala* tinha vários setores distintos e cuidava não só de crianças portadoras

do vírus HIV, mas também de crianças com câncer e outras doenças que necessitavam tratamento. Lá elas não tinham só tratamento, mas também era um local onde elas podiam brincar e conviver com outras crianças que lutavam tanto quanto elas. Mas também era meio que um lar. Victória foi sortuda, porque encontrou uma mãe ali, assim como outras mães que lutavam lado a lado com suas crias. Mas infelizmente ainda existem outras crianças ali que não tiveram tanta sorte, foram abandonadas por suas famílias e não foram adotadas. Era muito triste. Se já era difícil aceitar que uma criança passasse por tudo que elas já passavam com o tratamento, imagine sozinha? Como deixar um serzinho tão indefeso a própria sorte? Era revoltante. Claro que não sou perfeita, tenho plena consciência disso, mas ouvir desse pinguinho de gente, tão indefeso falando sobre perfeição e ela, que como tantas outras vive lutando a cada dia pela sua vida, isso tudo me faz sentir tão pequena diante dessa guerreira e de tantas outras ali. Eram um exemplo de vida.



O tempo voou. Acabamos passando quase todo o dia ali. Saí de lá, prometendo as crianças que voltaria em breve. E voltaria mesmo, porque eu adorei estar com elas. Nunca tinha feito nada parecido antes e confesso que não imaginava o quão bom essa experiência seria.

Nós viemos conversando sobre nosso dia durante todo o caminho. Já estava escuro quando Théo finalmente estacionou minha BMW em frente ao Castelo.

— Bom. Então até amanhã, Théo. Boa noite — me despeço, olhando para ele, com a mão na maçaneta.

— O quê? Sério? Jura que hoje será sem provocação nenhuma? Sem nem rastejar em cima de mim e ter o seu caminho selvagem comigo? Não vai fazer nada do que queremos?

Mentira que ele disse isso!

Eu ri, mas a provocação em sua voz fez meu estômago vibrar. Ainda nem estava acreditando que Théo tinha sido tão direto assim. Afinal, nossa relação era basicamente de indiretas e um de nós dois recuando. Mas já que era isso que ele queria – e eu também -, quem seria eu para negar isso a nós dois? Dessa vez eu não ia deixar passar. Na

rádio, o som de The Pussy Cat Dools, veio com *I Don't Need A Man*, para mostrar as cartas para ele. Perfeito.

— Tudo que eu quiser — murmurei.

Rapidamente eu me vi sentada em seu colo, com o volante em minhas costas. Seu sorriso desapareceu e seus olhos brilharam intensamente. Eu mordi seu lábio inferior, puxando para minha boca e chupei. Um grunhido irrompeu do peito dele e sua boca abriu e imediatamente ele assumiu. Sua língua se enredou com a minha em uma dança deliciosa, enquanto nós exploramos um ao outro. Suas mãos deslizaram até a parte externa das minhas coxas e debaixo da minha blusa, para agarrar minha cintura.

Peguei a frente da sua camisa puxando-o mais perto. Ele chupava minha língua me surpreendendo e eu me inclinei para pressionar mais em cima da sua ereção. Nós suspiramos e gememos ao mesmo tempo, loucos com o calor e o contato de nossa excitação óbvia. Comecei a me esfregar sem vergonha nenhuma em cima dele, querendo mais e mais dele. Querendo ele todo dentro de mim. Acho que Théo se sentia da mesma forma, porque ele começou a

respirar com dificuldade e seu beijo tornou-se mais intenso. Suas mãos se moveram até minhas coxas e seguraram minha bunda, apertando e gemendo enquanto eu pressionava contra ele. Sua boca deixou a minha e eu gemi quando ele desceu beijos pelo meu pescoço, parando para morder e lambe a pele sensível em cima do topo dos meus seios.

— Você. Está. Me. Deixando. Louco. — ele falou pausadamente, tomando respirações curtas depois de cada palavra, antes de reivindicar minha boca novamente.

Sim. Era exatamente essa a intenção!

Nós estávamos indo para lá novamente. Mas nós estávamos dentro de um carro, em frente ao Castelo, onde se tinha mais seguranças do que muitos países. Antes de irmos mais longe, me afastei e olhei para ele, ainda ofegante. Eu queria ter logo meu caminho com ele dentro de mim, mas eu mantive a calma, algo que eu não tenho normalmente. Sua cabeça caiu para trás contra o banco do carro e eu fiz uma pausa ofegante e dolorida.

— Eu não acabei aqui. Na verdade, eu estou apenas começando, Théo. Isso é só um lembrete que eu não entro

no jogo para perder. Mas já que você pediu, eu não poderia ir embora de novo sem esse beijo. Até amanhã. — Recado dado, dei um selinho em sua boca, antes de levantar e ir embora.

Seu sorriso travesso me acompanhou até dentro do castelo. Acho que hoje eu acabo com as pilhas de *Ganso*, meu vibrador. Porque essa noite, eu vou literalmente “afogar o *Ganso*”.

Capítulo 13

Théo

Eu abri a porta, me sentei no banco de couro do meu carro, ajeitando Alexandre que ainda estava para lá de incomodado com a interrupção do nosso amasso delicioso há poucos minutos. Segurei a cabeça em minhas mãos e soltei um suspiro frustrado.

O que diabos aconteceu? O que essa diaba loira está fazendo comigo afinal?

Não posso nem dizer a forma como esse dia foi completo e totalmente diferente de tudo que eu pensei que seria. Ao começar por acordar e dar de cara com uma foto minha com Stephanne estampada no jornal e ainda por cima em sites de fofoca. *Malditos abutres esses Paparazzi!* Eu deveria ter seguido meu instinto ontem, quando senti que estavam nos perseguindo. Mas eu também fui leviano em não imaginar que fariam isso caso me vissem com uma mulher. E ok, também tenho que

admitir que não consigo pensar muito bem quando estou com Steph. Era uma merda. Não preciso nem dizer que minha segunda surpresa do dia foi vê-la atender a porta novamente com aqueles trajes mínimos, que deixa pouco para imaginação. E novamente, não estou reclamando. Vê-la desfilando em minha frente com aquele corpinho delicioso, era um maravilhoso teste para o meu autocontrole, que não sei se devo ficar contente em saber que ele é muito maior do que eu poderia prever. Pirei quando Stephanie falou que teve um sonho comigo. Qual homem não piraria com uma mulher dessas falando tudo aquilo para você? Não sou santo, mas nem que fosse um monge e tenho certeza que nem um maldito Eunuco não ficaria mexido com isso. Quanto mais eu e *Alexandre*, que estava sempre pronto para Guerra quando se tratava dela. Mil e uma coisas passaram na minha cabeça e quase aceitei o convite de acompanhá-la ao banho. Mas achei melhor tentar pensar direito e pensei.

Como uma pessoa pode mudar sua vida em menos de uma semana? Stephanie voltou com tudo e com umas doses de tequila, ainda por cima. Tudo parece tão

diferente agora. Desde que ela reapareceu em minha vida, estou vivendo uma miríade de emoções. Sério. Nunca pensei tanto na minha vida, como tenho pensado desde que essa Bandida voltou. Pensei que já era hora de resolver isso, acabar logo com esse tesão desenfreado. Eu a quero e ela me quer. Para que pensar demais se sabemos o que queremos? Infelizmente eu já havia esquecido meu bom senso quando Lourdes entrou no quarto, interrompendo o que eu não sei que aconteceria caso ela não aparecesse. Mais uma tentativa frustrada. Acho que minhas bolas vão explodir de tão roxas.

Estranhei o fato do Rei não reclamar sobre as notícias. Tudo bem que ninguém conhece Stephanne, mas estamos a poucos dias de todos a conhecerem, afinal sua filha está em exposição e todos saberão do nosso suposto *affair*. Falei com meu assessor de imagem e ele entraria em contato com o jornal desmentindo. Mas isso não quer dizer que acabaremos com a fofoca em torno de nós. Muito pelo contrário, acho que depois que a identidade da Princesa finalmente for revelada, as suposições sobre nós dois vão aumentar consideravelmente. Mas tudo bem, eu

nunca soube que seria fácil. Já disse que adoro desafios. Mas por que estava tudo tão calmo naquele castelo? Nossos dias estavam sendo realmente surpreendentes juntos. Mas de tudo até hoje sobre Stephanie, nada me preparou para o que eu vi na *Ala das Crianças*. Nada. Sério. Ela foi esplêndida. Maravilhosa. Não posso nem descrever, porque eu fiquei realmente sem palavras. A doçura com que ela falou com aquela menina, foi algo que eu nunca pensei que pudesse ver em Steph. Sei que muitas pessoas teriam preconceito em brincar com uma criança soropositiva, mas apesar de toda a frescura que Stephanie tem sobre muitas coisas, em nenhum momento ela se portou de forma diferente. Muito pelo contrário. Eu a vi brincando com as crianças com tanta naturalidade, que parecia que ela fazia isso todos os dias. Foi gostoso demais de se ver. E alguma coisa realmente mudou ali para mim. Só não sei o que.



Cheguei à casa dos meus pais não muito tempo depois que saí do Castelo de Bellini. Meu pai e minha mãe

estavam dando um jantar em família, em comemoração a premiação que nossa vinícola recebeu através do meu irmão no último final de semana em uma festa na Itália. Eles haviam inclusive pedido para que eu chamasse a Princesa, mas não sabia se era uma boa ideia. Taddeo Caravaggio era meu irmão mais velho, nossa diferença de idade é de cerca de um ano, apesar de muitas vezes parecer que eu sou o irmão mais velho. Assim como eu, ele também não herdou os cabelos loiros que Anabella herdou de nossa mãe. Ele é moreno, com cabelos arrepiados e olhos azuis, como os meus. O rosto bonito e o corpo malhado, só confirmam o estereótipo típico de playboy arrogante, que acha que tudo pode e nada pode abalá-lo. Taddeo era realmente assim. Não vou dizer que também não fui mimado, porque nós dois fomos, mas sempre tive meus pés no chão e lutava pelo que eu queria. Ao contrário de Taddeo, que batia o pé e exigia que tudo fosse exatamente do jeito dele. Mas eu não o julgo, porque nossos pais acabaram mimando-o demais, acho que eles se sentiam culpados por eu ter nascido logo quando ele ainda era um bebê e ter que dividir a atenção entre nós

dois. Mas acho que estava na hora dele crescer.

Seria de se imaginar que ele e eu tivéssemos uma boa relação de irmãos, apesar da pouca diferença de idade. Ledo engano, isso não acontece, nunca aconteceu na verdade. Nós não temos realmente uma relação muito boa, como a que eu tenho com Anabella. Na verdade, não temos relação alguma. Quando criança brigávamos demais e Taddeo sempre foi muito competitivo comigo em relação a tudo, inclusive em relação aos nossos pais. Esse era o principal motivo pelo qual eu sempre preferia ir ao castelo ficar com Stephanie e Lourdes, do que brincar com ele. Com o passar dos anos, nós só ficamos cada vez mais distantes e hoje em dia nossa relação se resume a provocações nas reuniões de família ou de trabalho. Sei que tenho minha parcela de culpa, mas ele é basicamente o criador de caso comigo. Tenho até vergonha em confessar que minha relação com Igor, que é meu melhor amigo desde os doze anos, sempre foi muito melhor do que com meu irmão.

Apesar de nossas diferenças, algo que eu não posso acusá-lo é de ser um mal profissional. Isso jamais. Pois

com a minha ausência e a do nosso pai por causa da vida política, ele fica basicamente sozinho lidando com tudo e cuida muito bem da vinícola, preservando o nome da nossa família. Tão bem que mais uma vez recebemos reconhecimento por isso.

— Olha só quem chegou. Hoje já cansou de brincar de Príncipe Encantado com a Princesa? Já soube que você está relembrando os velhos tempos, irmão — ele falou com um sorriso provocativo, sentado no sofá, bebendo um copo de uísque na companhia da nossa família.

— Taddeo. Para de falar assim com seu irmão — meu pai repreendeu-o, com um olhar sério e ele revirou os olhos.

— Boa noite — respondi, olhei para ele irritado, resolvendo ignorar seu comentário.

— Como vai, filho? — minha mãe perguntou, com carinho, quando fui lhe cumprimentar com um beijo em sua testa.

— Muito bem, mãe — respondi e forcei um sorriso.

— Irmão. Que bom vê-lo. — Anabella, me abraçou e beijou com ternura.

Anabella era realmente meu doce. Minha irmã era linda e sempre foi um doce de menina. Desde que nasceu, fiquei apaixonado por ela. Tão pequenina e branquinha. Hoje com dezoito anos, se tornou essa linda garota que pelo visto quer se tornar uma bela mulher. Ainda é difícil aceitar isso, porque para mim ela ainda é e sempre será a minha irmãzinha. Taddeo apesar de não ter a mesma relação que tenho com Anabella, também é bastante ciumento e protetor em relação a nossa irmã. Mas quem não seria com uma menina tão linda e meiga como ela? Só um louco.

— Bom te ver também, meu doce. — Sorri, com ela sorrindo para mim.

— E como vai com a Princesa? Achei que Stephanie viria jantar conosco esta noite — meu pai perguntou. Soltei um suspiro.

— Achei melhor deixar o convite para outro dia. Estivemos no hospital, visitando a *Ala das Crianças*, durante todo o dia. A Princesa brincou muito com as crianças, ela estava cansada, seu pé ainda precisa de repouso — falei, sentando no sofá.

— Oh que pena. Seu irmão queria conhecê-la — minha mãe falou e eu fiquei irritado.

Mudei meu olhar zangado para minha mãe, que estava sorrindo para mim como se soubesse um segredo hilário. Não entendi.

Qual foi desse sorriso?

— Mas teremos tempo para isso. Afinal, a Princesa não vai mais fugir da Campavia. Como Primogênito dos Caravaggio, terei a honra de ser o primeiro da família a lhe conceder a honra de uma dança. Não é mesmo, irmão? — Taddeo falou, sorrindo arrogante.

— Eu deveria lhe avisar que Stephanie não é exatamente como você acha, mas melhor a deixar pisar no seu pé, para você descobrir isso. — Agora foi minha vez de sorrir, ao deixá-lo intrigado.

Estou mentindo? Jamais. Afinal, quem conhece Stephanie sou eu. As pessoas conhecem a imagem que ela sempre passou desde criança e agora ou o que presumem que ela seja como uma Princesa. Apesar de ela ser uma *Caixinha de Pandora*, eu sei muito bem como Steph é. Ele acha que ela é uma mulher doce, meiga e inocente, que

vai cair no seu papo. O que posso dizer? Vou ficar feliz em vê-lo de queixo caído com seu jeito de ser. Será bom vê-lo cair do cavalo.



Durante todo o jantar, Taddeo tentou me irritar, mas eu tive um bom dia e sinceramente não estava nem um pouco a fim de estragar meu dia por causa das suas provocações idiotas e sem fundamento. Anabella nos contava como havia sido seu dia na faculdade, encantada. Apesar do que meu pai queria, Bella não concordou em estudar em Cambridge como toda família. Fora que ela fugiu ao protocolo e também escolheu sua profissão, pois ao contrário de mim que me formei em Administração e Relações Internacionais e Taddeo, que também se formou em Administração, além de outros cursos com ênfase em empreendedorismo e cursos especializados em vinhos, Anabella optou por Enfermagem. Meu pai não gostou, claro que não. Toda nossa família era ligada a área política e administrativa desde sempre, e estávamos a não sei quantas gerações nesse ramo. Taddeo, como sempre,

apoiou nosso pai e achava inclusive que ela tinha que ser enviada para Cambridge, mesmo contra vontade. O que era um absurdo. Nossa mãe teve que intervir e eu achei importante apoiá-la, porque bem ou mal essa era uma decisão dela, não importa o que nossos ancestrais faziam e sim o que ela queria para ela. Hoje eu podia ver que foi a decisão mais acertada, só por vê-la com esse brilho nos olhos. Estava orgulhoso da minha irmãzinha.

— Steph me ligou ontem à noite, me convidando para sairmos amanhã à tarde para escolhermos juntas com Lourdes, nosso vestido para o Baile — Anabella falou.

— Oh. Muito doce da parte dela, filha — minha mãe comentou sorrindo para ela.

— Sim. Muito atencioso da parte dela — meu pai confirmou.

— Também achei. Como voltou agora a Campavia, não conhece muita gente. Ela disse que queria me conhecer melhor, para que nos tornássemos amigas — ela conta, corando.

Estranhei. Tudo bem que Stephanie não conhecesse muitas pessoas na Campavia — na verdade quase ninguém

-, mas por que ela queria se tornar amiga de minha irmã? Não que eu tivesse algo contra. Era apenas, sei lá. Stephanie não fazia o tipo “*best friends forever*”. Anabella tinha poucos amigos, sempre esteve mais concentrada nos estudos e eu vivia dizendo a ela para sair mais e fazer amizades. Mas eu sinceramente não sei se é uma boa ideia ela ser amiga de Steph, doida do jeito que é.



— Como estão os preparativos para o Baile, filho? — minha mãe perguntou, quando nos juntamos no sofá para um café, após o jantar.

— Tudo indo bem, Mãe. Vou começar a repassar o cronograma com Stephanie durante a semana. Tudo tem que sair conforme o planejado, afinal ela irá assumir sua Coroa publicamente — comentei.

— Ela é realmente tão bonita e gostosinha quanto mostram as fotos, Théo? — Taddeo perguntou e eu foquei meu olhar sobre ele.

Meu sangue ferveu. Sim, eu sabia que ela era linda e

gostosa, mas gostaria sinceramente que ele não tivesse reparado, perguntado e muito menos comentado sobre isso. Taddeo só queria Stephanie na cama uma vez. Nada mais. Ele era daqueles homens que usam as mulheres e as tratam como lixo depois. Tudo bem que não sou muito diferente quando se trata de mulheres, porque eu não tenho relacionamentos, mas eu pelo menos não as trato com nojo depois de abrirem as pernas para mim, como se elas só servissem para isso. Eu ao menos as respeitava.

— Sim, Stephanie se tornou uma linda mulher — meu pai respondeu, olhando para mim, como se quisesse que me controlasse.

— Preciso ir. Amanhã eu tenho um longo dia — falei, tentando sair logo dali, antes que eu me arrependesse de continuar. Taddeo sorriu e eu queria quebrar a cara dele.

— Oh. Querido. Uma pena. Venha jantar conosco essa semana novamente. Estamos nos vendo tão pouco. Traga Stephanie consigo. — Minha mãe me abraça.

— Vou ver o que posso fazer, mãe. Vamos estar muito ocupados com o baile esses dias. Eu te ligo — eu disse, antes de abraçar minha irmã e logo em seguida

cumprimentar meu pai.



Saindo da mansão da minha família, fui em direção onde meu carro estava estacionado. Quando eu alcancei a maçaneta da porta, a figura zombeteira do meu irmão apareceu em minha frente. Taddeo realmente estava testando minha paciência essa noite. Ele estava com os braços cruzados sobre o peito e me olhava e sorria de uma forma, que eu sabia que eu não gostaria do que ia dizer.

— Deveria imaginar que você ainda tinha essa paixonite pela Princesinha, irmão. Você acha que eu esqueci que você fazia questão de me manter longe dela quando éramos crianças? — perguntou.

— Não me importa o que você pense ou deixe de achar, Taddeo. Eu nunca me importei com sua opinião e não é agora que eu vou me importar — retorqui e ele caiu na gargalhada.

— Irmão, irmão. Sempre teve medo de perdê-la para mim. Só queria deixar avisado que agora é a minha vez.

Vou ficar feliz em dar um jeito na Princesa — avisa com um sorriso provocativo.

Nem fodendo!

Foi quase impossível controlar as reações do meu corpo. Minhas mãos fecharam em punhos. Eu trinquei meus dentes. Eu não poderia explicar essa resposta assassina do meu corpo para mim mesmo. Sem que eu percebesse, fui até ele e segurei-o pela gola da camisa. Seu sorriso não morreu, muito pelo contrário, pareceu ainda maior com a minha reação.

— Fique longe — rosnei.

— Acho bom você dizer isso a ela, ao invés de dizer a mim — falou arrogantemente e eu ri, achando graça da sua presunção.

Bem. Ele obviamente não conhecia Stephanie.

— Stephanie não vai cair no seu papinho furado, irmão. É mais fácil você cair no dela. Se você acha que Steph é o tipo de Princesa clichê, você está muito enganado. Ela não é nada como você pensa. Mas se eu fosse você, ficaria longe se não quisesse cair do próprio cavalo — aviso, tentando controlar a raiva na minha voz.

Eu o soltei e logo entrei no carro, querendo partir para longe dali. Não me importei de ter saído cantando pneus. Queria entender minhas reações. E por mais que Stephanie não fosse nada inocente, só a ideia de que meu irmão mais velho chegasse perto dela e a tocasse, me deixava insano. Eu não queria nem ele e nem ninguém perto dela. Esse tipo de pensamento me assustou. Maroon 5 começou a tocar *Love Somebody*, acabando de me deixar ainda mais confuso.

Meu irmão era um completo idiota, eu sabia disso. Mas Taddeo também tinha mexido com um sentimento dentro de mim, que eu não sabia se estava preparado para tentar desvendar. Eu precisava beber para tirar completamente Stephanie di Montalcino dos meus pensamentos hoje.



Isso não era o tipo de coisa que eu precisava agora. Mas aqui estava eu, sentado no balcão de uma boate, depois de mandar o garçom completar meu copo de uísque pela milésima vez essa noite. Se eu visse uma pessoa na minha situação, acharia deprimente. Parece até que estou

afogando minha mágoas. Acho que para mim é pior. Porque cá estou, na tentativa de entender o que diabos estava acontecendo comigo e na minha cabeça. Mas não sei se está dando certo, porque eu percebo que estou cada vez mais bêbado e confuso. Só queria entender. Era só o que eu queria realmente. Juro que era apenas isso. Mas então algo como isso acontece. Não é o que eu queria que acontecesse nesse momento. Só queria pensar.

— Oi, Theodore — ronronou uma loira familiar que eu tenho a ligeira impressão que devo ter pegado outro dia.

— Oi... — Tento me lembrar de seu nome, mas minha mente está bem confusa.

Como é mesmo que ela se chama? Julia? Renata? Sandra?

— Jennifer. — Ela me poupa de chutar seu nome. — Bom ver você aqui. Por que nós dois não vamos para um lugar mais reservado? — perguntou, arranhando com suas garras vermelhas o meu peitoral, levantei a sobrancelha para ela.

Nunca neguei fogo. Veja bem, eu tenho uma vida sexual bastante ativa. Se não me falha a memória, ela é até bem

gostosinha. Loira. Seios falsos, siliconados. Corpo tipo de modelo. Só geme igual uma atriz pornô, mas nada que uma mão cobrindo sua boca para calá-la não resolva. Mas o problema não é esse. O problema está no fato de que *Alexandre* nem se animou com a expectativa de uma foda com ela, como provavelmente ele ficaria em qualquer outro dia. Que porra é essa? Nunca vi meu pau negar uma boceta. Acho que estou com sérios problemas.

— Desculpa... Meu bem. — Já esqueci o nome dela. — Mas não sou uma boa companhia hoje. Só estou com vontade de beber — falei, porque eu não diria a ela que *Alexandre* não tá muito feliz em vê-la.

— Oh. Théo. Vamos lá. Tenho certeza de que podemos nos divertir muito — sussurrou em meu ouvido, roçando seus seios em meus braços e em seguida, mudou para ficar na minha frente.

Alexandre? Reaja meu filho! Não me decepcione!

Nada. Nada mesmo.

— Também tenho certeza. Mas deixa para outro dia, ok — falei, piscando para ela de um jeito meio torto, porque estou meio bêbado.

Afinal, sou homem e não posso jogar minhas opções fora. Se minha memória não me deixa falhar, ela tem uma boca realmente talentosa.

— O que você acha de irmos no seu carro e eu cuido direitinho desse pau gostoso que você tem? — insiste.

Ah, sim! Era ela.

Lembrei-me dela. Ela tinha uma boca grande e uma garganta profunda. Mamou direitinho. Eu poderia fechar os olhos e fingir, se *Alexandre* resolvesse cooperar, mas pelo visto ele não estava disposto. Porque nem com a menção de um bom boquete ele se animou para entrar no jogo.

Realmente, o que estava acontecendo com meu pau?

Mas antes mesmo de eu abrir a boca para responder, falaram por mim:

— Você não ouviu que ele não está interessado, sua vadia? — interrompeu uma voz.

Steph? Que diabos ela estava fazendo aqui?

Quem eu menos esperava ver essa noite, estava aqui. Ela simplesmente resolveu aparecer e abrir a boca para espantar a vadia. Eu estava sonhando? Será que tinha

desmaiado e isso era um maldito sonho? Talvez eu tivesse tomado mais doses do que pensava.

— Quem é você? — a loira perguntou, olhando Steph de cima a baixo.

Eu entendo. Eu também estou babando com a visão dessa loira linda que é Stephanie. Ela está usando outro vestido preto, o que me lembra da noite em que eu a vi fazendo o Body Shot, mas hoje ela usava uma jaqueta de couro por cima. Porém ao invés daqueles saltos assassinos, ela usava a bota ortopédica no pé machucado e a mesma bota que usou no dia anterior. E olha ele aqui. Pronto. *Alexandre* resolveu acordar e recepcionar Steph. Era só o que me faltava agora. *Traidor de uma figa!*

— Sou aquela que veio acabar com sua festa essa noite. Você pegou o cara errado — Stephanie respondeu — Ele é meu. Então acho melhor você ir ciscar em outro galinheiro, caso não queira me ver perder a cabeça com você. Vaza! — bradou, assustando a...

Julia? Renata? Sandra? Que se dane! Eu tava adorando isso!

— Mas...

— Esqueça, benzinho. — Sorri. — Você já a ouviu falando. Eu sou dela. Eu não me meteria com ela se fosse você. Não se você não quiser ver o que ela é capaz de fazer — falei, gargalhando, e Steph revirou os olhos.

— Vamos sair daqui, Théo. Agora — Steph disse irritada.

Eu não questionei. Jamais questionaria alguma coisa com ela toda possessiva desse jeito. Adorei isso. Na verdade, amei. Faria qualquer coisa que ela me pedisse nesse momento. Se eu conseguisse subir no balcão, até dançava *Macarena* pelado, caso ela pedisse. Pousei o meu copo no balcão e me levantei do banco em que eu estava sentado. Ela enfiou a mão na minha cintura e saiu me puxando, me guiando para longe da mulher caridosa. E como eu não sou mal educado, dei tchauzinho para ela, enquanto andávamos no meio da multidão, em direção à saída.

— Abaixе essa sua mão, se não quiser que eu dê um beliscão no seu ovo — Steph ameaçou, dando um tapa na minha nuca.

— Ai. Desculpe — falei, antes de rir.

Para fechar minha noite com chave de ouro, na saída demos de cara com Victor. E lógico que o filha da puta examinou Stephanne de cima a baixo, antes de finalmente olhar para o seu rosto, sorrir e só assim olhar para mim, com cara de confusão. Sério. Qual o problema desses caras? Acho que preciso arrumar novos amigos, os meus não têm nem respeito pelo que é meu.

— O que houve? — ele perguntou, olhando para nós dois.

Se ela poderia afirmar que eu era dela, então a recíproca seria verdadeira. Lógico que eu também poderia demarcar meu território aqui. Aproveitei para me aproximar mais de Stephanne e cheirar o seu pescoço, para que ele visse que ela estava comigo. Para que ele ficasse longe. Funguei seu cangote, sentindo seu perfume divino e sorri, quando vi que ela se arrepiou.

Sim, minha linda. Você é minha.

— Achei essa pessoa bêbada ali, quase sendo devorado por uma vagabunda oxigenada — Stephanne falou irritada e eu gargalhei.

Ciumentinha!

— Acho melhor levarmos ele para casa. — Victor disse, tentando ajudá-la a me escorar.

Olhei para ele irritado. Eu não queria a ajuda dele. Não queria que ele me tocasse. Preferia milhões de vezes o corpinho quente, delicioso e cheiroso da loira em quem eu estou agarrado. Por que ela não estava sendo possessiva com ele também? Deveria mandar ele me largar. Dizer que eu era dela.

— Diga a ele também que sou seu. Mande ele me soltar. Não o quero me pegando — resmunguei para ela.

— O que diabos ele está falando? — Victor perguntou sem entender, enquanto Stephanie estava rindo.

Por que ela estava rindo? O que era tão engraçado?

— Então eu deveria me preocupar com ele? — ela perguntou rindo.

— Só se sua preocupação fosse de eu matá-lo por olhar do jeito que ele te olha — rosnei, fazendo os dois rirem.



Formar pensamentos já estava difícil, mas sentindo o

cheiro e a pele de Steph, era ainda mais difícil. Passei o caminho todo me aproveitando do colinho que Stephanie me deu, no banco de trás do carro de Victor. Pelo menos para alguma coisa meu “amigo” serviu. Dirigir. Aí eu podia aproveitar meu tempo com minha diabinha. Pena que não demoramos a chegar ao meu prédio.

— Pronto! Chegamos. Deixe-me ajudar vocês! — Victor disse, se levantando, quando saímos do carro.

— Não quero sua ajuda. Você também quer o que é meu. Não vou deixar você furar meu olho — acusei, apontando o dedo para os “três Victor’s” que eu via à minha frente.

Desde quando são trigêmeos?

— Deixa para lá, Victor. Eu resolvo — ela retrucou, cortando-o.

— Tudo bem. Só me ligue, qualquer coisa.

— Ela não vai precisar da sua ajuda. Posso cuidar dela sozinho. Pode ir. Você e os trigêmeos — falei, puxando Stephanie para dentro, que estava rindo. Não sei do que ela tanto ria.

Cumprimentei o porteiro, que me olhou desconfiado.

Ele nunca tinha me visto entrar bêbado no prédio, nesses dois anos que moro aqui. Fomos até o elevador e eu murmurei o número do meu apartamento. Entramos e Stephanie foi me levando até o corredor que levava ao meu quarto. Provavelmente não é uma boa ideia. Eu não precisava ter Stephanie sequer perto de uma cama. Especialmente tão bêbado quanto eu estava no momento. Na verdade era uma ótima ideia e *Alexandre* já dizia que precisava dela em uma cama. Que faríamos uma grande farra juntos. Stephanie abriu a porta e me empurrou para dentro do meu quarto, me colocou sentado na cama, mas eu estava muito cansado e fui deitando contra os travesseiros, tentando fazer a cabeça parar de rodar um pouco.

— Se levanta, Théo. Sente-se na cama — ordenou.

Sorri. Prontamente atendi. Adorava quando ela dava ordens. Era tão sexy. Ela me puxou para sentar novamente na cama e, em seguida, se afastou de mim, levantando meus braços e começou a tirar minha camisa. O que ela estava fazendo?

Hum. Ela está tirando minha roupa. Sorri. Eu estava

gostando. Alexandre estava adorando!

— Pode parar com esse sorriso — ela disse, mas eu notei que ela estava tentando segurar o seu próprio.

— Por quê? — perguntei, sorrindo ainda mais.

— Porque eu odeio ver bêbados sorrindo, quando não estou bêbada. É chato. Para suportar uma pessoa como você bêbada, só embriagada. Vamos. Vamos tomar um banho.

— Gostei da ideia. — Me levantei e fui chegando mais perto dela, pegando-a pela cintura,

Na verdade, eu amei. Só existia uma combinação melhor do que Stephanne e um chuveiro. Era Stephanne e uma cama. Tomar um banho com Stephanne significava que eu poderia tirar o seu vestido justo desse seu pequeno corpo delicioso e beijar todos os lugares com os quais sou assombrado nos meus sonhos desde o maldito *Body Shot*. A ideia de eu beber em seu corpo, muito, mas muito me agradava. Acho que *Alexandre* vai rasgar minha calça. Melhor corrermos para que esse prejuízo não aconteça. Eu não pude me parar, a agarrei em um beijo. Minha língua entrou exigente em sua boca e se enroscou com a

sua. Steph colocou suas mãos em minha nuca e apertou, fazendo com que eu fizesse o mesmo com ela. Então eu a beijei de volta, tão descontrolada e livremente quanto eu queria. Meu corpo todo pronto para ela. Implorando por ela. Tudo o que eu sentia por ela e ainda não entendia – ou não queria entender – veio saindo de mim, em nossos beijos. Eu nunca havia me sentindo dessa maneira antes com nenhuma outra. Era bom demais e ao mesmo tempo assustador como o inferno. Eu não sabia aonde isso entre nós dois iria parar. Só não queria que acabasse. Aproveitei a pausa de nossas respirações, para arrastá-la para o banheiro. Chegamos ao banheiro e eu terminei de tirar meus sapatos e as meias, para em seguida abaixar minha calça em tempo recorde. Meu pau estava duro quando eu baixei o olhar sobre minha cueca. Também, como não estar depois de um beijo daqueles e com a perspectiva de um banho com uma mulher como Stephanie? Eu já estava baixando minha cueca, quando ouvi o barulho da porta batendo.

A porta do banheiro? Que porra é essa? Cadê Stephanie?

— O que? — me pergunto, quando noto que a porta está trancada por fora. — Por que você trancou a porra dessa porta, Stephanie? — gritei e ela riu do outro lado.

— Porque por mais que eu aprecie que você me agarre, não quero que você molhe meu vestido neste momento. Tome um banho. Fique um pouco embaixo da água e cure essa ressaca. Depois eu cuido de você. Volto daqui a pouco — falou e eu logo ouvi a porta do meu quarto batendo.

Bandida!

Eu abaixei minha mão da porta e fiz uma careta para Stephanie, mesmo que ela não pudesse ver. Depois sorri. Gostei da promessa dela de “cuidar de mim”. Por isso tratei logo de tirar minha cueca, meio cambaleando e quase caí. É, estou um pouco bêbado mesmo. *Talvez depois de um banho eu dê um trato de resposta nela, para ela ver que nem bêbado eu não brinco em serviço.* Ri orgulhoso de mim mesmo. *É isso. Vamos dar uma canseira na Princesa esta noite!*

Fui para baixo do chuveiro. A água está fria e eu resmungo um pouco quando coloco minha cabeça embaixo

da água. Enquanto eu me ensaboo com dificuldade, vou pensando em tudo que podemos fazer esta noite. Deixo o sabonete cair e quando me abaixo para pegar, caio de bunda no chão. Mesmo com a bunda doendo, começo a gargalhar. É, acho que estou meio bêbado. Dou graças a Deus que foi Stephanne quem me socorreu, ao invés de outra pessoa qualquer. Porque para mim não existe ditado mais certo do que “cu de bêbado não tem dono!”.

Passei vários minutos embaixo da água e não ouvi mais nenhum barulho no quarto. Estranhei. Ela não me deixaria aqui trancado no banheiro, deixaria? Não, ela não faria isso comigo.

Inferno! Ela é Stephanne! Lógico que ela faria!

Capítulo 14

Steph

Estranho. Era definitivamente a palavra que definia o sentimento que pairava no ar em nossa mesa de jantar essa noite. Depois de eu ter relatado a todos sobre o meu dia na Ala das Crianças, o silêncio, apenas interrompido pelo barulho dos talheres sobre a louça, era quase sepulcral.

O que diabos estava acontecendo nesse castelo?

Meu pai parecia estar em qualquer lugar e não ali. Lourdes parecia estar mega concentrada em seu prato. Henriquetta era a única pessoa que parecia estar alheia a tudo ali, esboçando o mesmo semblante suave e gentil de todos os dias. Então eu voltava para os outros dois participantes da mesa.

Será que aconteceu alguma coisa contra a monarquia? Tipo, sei lá, um golpe de Estado e eu não estou sabendo?

Não. Certamente Théo saberia de algo do tipo caso acontecesse, e teria me levado para sei lá... um exílio?

Hm... Bons pensamentos esses! Não seria de todo ruim, ficar sozinha em um lugar isolado com Théo. — Pensei, sorrindo. Mas vamos deixar de divagar um pouco e me concentrar no meu problema atual. O que estava havendo que eu não sabia? Logo hoje que tive um excelente dia e cheguei em casa ansiando por uma noite gloriosa com Ganso, já que estou assando Théo em banho-maria? Sério. Estou até com medo desse clima me contaminar. Não sei ao certo o que está acontecendo, mas não estou gostando do clima e muito menos de ser a última a saber.

— Pai, que cara é essa de quem comeu e não gostou? — pergunto, e ele arregala os olhos, ao mesmo tempo em que Lourdes parece se engasgar com seu vinho.

— O que... — meu pai começa, e eu corto-o.

— Sério. O que está acontecendo? O que foi, Lou? Você tá com cara de quem passou a noite com um carinha e ele prometeu te ligar, mas te deu toco no dia seguinte, não te ligando. — Agora é a vez de meu pai se engasgar com a comida.

Eu não disse? Estranho.

Levanto da minha cadeira e tento acudir meu pai, que

ainda parece estar engasgado pelo tom vermelho que seu rosto ganhou. Acabando com toda a etiqueta que deveríamos ter, sendo da realeza, dou um tapinha em suas costas, esticando seus braços para cima para lhe ajudar a desengasgar, enquanto Têta abana-o com o jogo americano do prato. É, a cena não é nada bonita. Quando meu pai fica menos vermelho, lhe estendo um copo com água. Quando volto ao meu lugar, o clima estranho ainda prevalece. Na verdade, parece até pior. Estou quase implorando para que meu pai fale sobre a economia da Campavia, assunto o qual me dá vontade de me matar, para que eu acabe com essa agonia. Mas então Lou levanta-se da sua cadeira dizendo:

— Desculpem-me, mas peço licença para me retirar — fala, com a cabeça baixa.

— Não vai comer a sobremesa, filha? — Henriquetta pergunta.

— Não, mãe. Não estou me sentindo bem.

— O que está sentindo, filha? Precisa de alguma coisa?

— Henriquetta pergunta, como sempre preocupada.

— Não, mãe. Está tudo bem. Vou apenas tomar um

remédio e me deitar. O resultado da minha noite retrasada não foi muito bom. Com isso acabei não dormindo nada noite passada. Se vocês me dão licença, boa noite! — diz, retirando-se rapidamente, como se estivesse fugindo.

Não pude deixar de notar a mágoa em sua voz, quando ela se referiu sobre o “resultado da sua noite”. O que será que aconteceu, para que ela ficasse assim? Agora, me lembrando mais claramente, ela realmente pareceu um pouco abatida ontem pela manhã e quando cheguei à noite. Têta me disse que ela tinha ido dormir mais cedo, sequer jantou conosco. O mesmo aconteceu hoje no café da manhã. Não consigo deixar de me sentir incomodada sobre isso. Afinal, ela é minha melhor amiga e eu tenho que estar para ela tanto quanto ela está sempre disposta a me ajudar. Sinto-me uma egoísta, pois desde que cheguei não conversamos muito sobre ela, e o pouco que falamos eu não me preocupei realmente em saber como está. Sei que saquei que algo está diferente com Lourdes, mas acho que está na hora para que eu finalmente descubra o que há com minha melhor amiga. Isso quer dizer que Ganso tem que esperar um pouco mais pela brincadeira.

— Gente, também já vou — aviso, me levantando.

— Também não vai comer a sobremesa? Eu fiz um pavê de chocolate — Henriquetta diz.

— Não, Têta. Só fiz comer desde que cheguei. Fora que o dia foi cansativo, e antes de me recolher para os meus aposentos vou passar no quarto de Lou, para ver como ela está — expliquei e ela me sorriu.

— Steph, você não achar melhor deixar para falar com Lourdes amanhã? Afinal, ela mesma disse que não estava se sentindo muito bem — meu pai fala rapidamente.

— Hm... Não? Desculpe, pai, mas eu conheço Lou e acho que ela está precisando da melhor amiga.

— Er... Tudo bem — anuiu, sem jeito.

— Qualquer coisa pode me chamar, menina — Têta disse, com o semblante agora preocupado.

Aquiesci, e dei um beijinho em meu pai e outro em Henriquetta, antes de sair andando – quer dizer, trotando, com a maldita bota ortopédica -, em direção ao quarto de Lourdes. Pensei por um instante que seria bom que meu pai e Henriquetta namorassem. Mas logo discordei de mim mesma, porque eu sabia que os dois tinham um

carinho de irmãos um pelo outro. Então seria no mínimo estranho, quase um incesto.

Como eu já tinha dito antes, as duas sempre foram tratadas como se fossem da família. Nunca como empregadas. Motivo pelo qual, ao contrário de outros empregados que tinham seus quartos no andar de baixo, Têta e Lourdes tinham seus quartos no andar superior. Como eu não estava muito animada a subir as inúmeras escadas com tapetes vermelhos, que levavam ao andar superior, peguei mais uma vez o elevador do vovô Rubert. Quando cheguei ao andar de cima, segui na direção contrária ao meu quarto e o de meu pai, que ficava no lado oeste do castelo, e peguei o corredor do lado leste. O corredor leste abrigava, além dos quartos das duas, alguns outros inúmeros quartos de hóspedes que o Castelo tinha. Logo cheguei à sua porta, bati, e em seguida a abri. Lou estava de braços cruzados sobre o parapeito na varanda do quarto, aparentemente observando o oceano e o céu estrelado dessa noite. Fui andando/trotando até ela, que parecia não ter notado minha presença, até que entrei na varanda.

— Já disse que não quero falar sobre isso! — bradou, em tom amargurado.

— Sobre o quê? — perguntei, sem entender, e ela sobressaltou-se ao ouvir minha voz.

— Ai! Steph! Que susto! Não sabia que era você! — falou assustada, com a mão sobre o coração.

— E quem mais seria? — perguntei ainda confusa com sua reação.

— Er... Lógico que minha mãe.

— E por que você diria isso à Têta? Sobre o que você poderia não querer falar com ela? — questionei.

— Uh... Sobre... Sobre meu pai. Ela está insistindo para que eu o convença a se tratar. — Voltou a olhar para o oceano. — Eu disse a ela que ele tem outros filhos. Não sou a única que deve fazer esse papel — explicou-se e eu assenti.

O pai de Lourdes é um tradicional alfaiate da Campavia. Quando Henriquetta casou-se com ele, ela tinha dezessete anos e logo engravidou de Lourdes. Mas infelizmente seu marido é alcoólatra e ainda por cima jogador viciado. Ele passava dias sem aparecer em casa e

dar notícias, torrando o dinheiro que recebia pelo seu trabalho com bebidas e jogos. Acredite, ele chegou a ficar dez dias sem aparecer em casa uma vez. Têta teve que ser acudida pela sua vizinha quando entrou em trabalho de parto. Ela a levou para o hospital, pois Têta estava sozinha, como sempre, quando chegou a hora de Lourdes nascer. Por esse motivo Lou chama-se Lourdes Maria, porque foi uma homenagem à bondosa vizinha “Maria”, que ajudou Henriquetta a chegar a tempo ao hospital. Quando finalmente Olavo, pai de Lou, resolveu voltar para casa, Henriquetta já havia retornado do hospital há dois dias e sequer tinha recebido uma notícia do seu marido. Têta ainda ficou cerca de dois meses em casa com seu marido que tentava se redimir, mas ela disse que foi apenas o período para que ela se recuperasse e Lou ficasse um pouco mais crescida, pois assim que Olavo saiu para beber na primeira noite ela também aproveitou para sair definitivamente de lá. A história que me contaram ao longo dos anos, foi que a mãe de Henriquetta havia trabalhado para minha avó materna, Agnes Valentino. E, como minha mãe estava precisando de uma

pessoa para assessorar o bom funcionamento do palácio, não hesitou em contratá-la, pois mesmo que ela tivesse que cuidar de Lourdes, poderia acompanhar o andamento de tudo com ela no colo e, principalmente, ela era de confiança. E, bem, estamos aqui até hoje. Mesmo depois do divórcio, Olavo não mudou muito, pelo contrário, casou-se mais outras duas vezes e teve mais três filhos. Lou não conviveu realmente com ele. Nunca gostou dele, pra falar a verdade. Todas as vezes que ela saía com seu pai, pedia para que fosse a última.

— Ele não teve internado há uns seis meses? — perguntei, pois me lembro claramente dela ter dito algo do tipo na última vez que estive aqui.

— Sim — bufou. — Ele fez todo o tratamento, e mesmo depois que pagaram suas dívidas com os agiotas que ele devia do jogo, acabou voltando à sua vida noturna. Não sei por que esse maldito benfeitor não cansa de fazer papel de idiota e insiste em pagar suas dívidas — comentou, e eu assenti.

Há alguns anos descobrimos que toda vez que Olavo ficava endividado, alguém surgia para pagar suas dívidas.

Seja da casa ou da sua alfaiataria, que ele sempre penhora. Obviamente chegamos a desconfiar de que esse benfeitor fosse meu pai, mas ele nunca gostou de Olavo e eu tenho certeza de que ele não ficaria se prestando a esse papel, só para livrar o pescoço dele. Então não sabemos realmente quem está por trás disso, e Lou não se cansa de tentar descobrir.

— O que Gael, Charlie e Yan acham disso? — perguntei, me referindo a seus irmãos.

— Charlie concorda comigo, diz que ele deve ser mantido internado para evitar mais problemas, mas Gael e Yan discordam. Gael diz que ele tem que querer primeiro. Já Yan, você sabe, diz não se importar.

— Foda — falei.

Gael e Charlotte eram filhos do segundo casamento de Olavo. Gael tinha minha idade e Charlie tem três anos a menos do que eu. Já Yan é um caso à parte. Literalmente. Aparentemente, o pai deles mantinha um segundo casamento, enquanto estava casado com Henriquetta, pois Yan tem a mesma idade de Lou, motivo pelo qual ele tem uma relação ainda mais complicada com o pai do que

Lourdes. Felizmente Deus foi sensato e o terceiro casamento de Olavo não gerou frutos, além de uma ex-madrasta que Lourdes não suportava, porque senão com certeza seria mais um filho frustrado com o pai, como os quatro são. Apesar de todos os problemas paternos que eles têm, todos se dão bem. Eles são super gente boa. Contrariando o exemplo do pai, parecem ter tomado o rumo certo na vida. Yan é advogado, trabalha em um grande escritório jurídico e é o mais sério e fechado dos três irmãos. Gael cuida da sapataria que é da família da sua mãe. E Charlie está começando a faculdade de moda.

— Então, apesar da dor na bunda que seu pai é sempre, o que há com você? — perguntei, mudando de assunto.

— Nada — respondeu, desviando o olhar do meu.

— Sério, Lou? Você não quer que eu acredite que seu pai seja o motivo do seu problema de anteontem, não é? Tenho certeza de que você não perderia uma noite por ele — insisti.

— Não é nada, Steph — volta a responder, mas eu a vejo engolir em seco.

— Ah Lourdes! Poupe-me! Conte logo quem é o cara e

o que ele te fez — exigi, e ela voltou para dentro do quarto. Obviamente a seguiu, pois não a deixaria fugir.

— Não é ninguém — insistiu em mentir.

— Pode parar, tá? Um humor desse tipo só acontece por dois motivos: Um: falta de sexo. Ou dois: sexo frustrado, daqueles que o cara não liga no dia seguinte. — Ela arregalou os olhos. — E pelos seus olhos arregalados e seu tom magoado na mesa, opto pela segunda opção. Ou você vai negar? — desafiei e ela bufou.

— Já vi que não posso esconder nada de você. Sei que você não vai desistir tão fácil — deduziu, contrariada.

— Que bom que você sabe. — Apertei seu nariz. — Ruim comigo, pior “sem migo”. — Pisquei. — Mas vamos lá, chega de enrolação. Quem é o bofe? — perguntei.

Olha, tenho vários defeitos, mas uma coisa que sou boa é em entender as pessoas. Acho que eu poderia ter sido psicóloga caso não tivesse nascido Princesa. Muitas emoções pude ler diante de seus olhos. Paixão, mágoa, decepção, tristeza, medo e algo mais que eu não conseguia identificar.

— Não me julgue, ok? Só ouça — pediu cautelosa.

— Olhe para mim, querida melhor amiga. Eu sou Stephanie Bellini di Montalcino. Não sou realmente uma pessoa que tem muita moral para julgar qualquer coisa com o currículo que tenho — falei, porque era a verdade, e sorri para ela, que sorriu de leve.

— Hum... Bem, seu currículo não vem muito bem ao caso. Ok. Conheço-o há um tempo. Nós nunca tínhamos tido nada até alguns dias atrás. Eu estava até conformada de que seria assim. Até que, depois de uma breve discussão, ficamos juntos e...

— Vocês dormiram juntos. Foi incrível e blá, blá, blá...

— deduzi e ela aquiesceu.

— É. Foi muito melhor do que tudo que sonhei. — Uma lágrima solitária escapou e ela logo limpou, antes de continuar. — Quando adormeci, ele me deixou sozinha, não teve nem coragem de dizer na minha cara. Me deixou apenas um bilhete, dizendo que “não podia” — contou, já sem conseguir controlar suas lágrimas.

Meu primeiro pensamento foi: “Pelo menos você transou!” Mas eu acho que ela me consideraria rude e

ficaria chateada. Minha brincadeira de Piu-piu e Frajola com Théo não tem nada a ver com os problemas amorosos dela. Não sou tão fria. Sei que minha amiga está apaixonada e está sofrendo, minha função é apoiá-la.

— Por que ele disse que não podia? — perguntei, tentando entender.

— É complicado — disse, brincando com seus dedos.

— Não, querida, complicada sou eu. A Rainha das Complicações — comentei, ironicamente.

— É que... Ele... Ele é... — gaguejou.

— Casado? — perguntei.

— Não! — disse rapidamente. — Eu jamais teria algo com um homem casado. Não. Ele não é casado. Quer dizer, não mais — admitiu, sem jeito.

— Divorciado? Sh... Não existe nada no mundo pior do que “ex.” Se existe, sinceramente eu não sei — comentei.

— Não. Garanto que a sua ex não é um problema para nós dois — garantiu.

— Filhos?

— Sim. Um.

— Pentelho? — deduzi, e ela parece pensar um pouco.

— Acho que nem sempre é por culpa dele.

— Ok. Então vamos juntar os fatos. — Levantei e andei ao redor da cama. — Divorciado. Com um filho. Te usou e foi embora com uma explicação ridícula de que “não podia”. Resumindo: ele é um idiota! — afirmei, olhando para ela.

— Sim. Mas apesar de tudo eu entendo um pouco seu lado. Eu o amo — bradou, voltando a chorar desesperadamente.

“Amor”. Oh Palavrinha que me dá calafrios!

Não amor entre familiares, amigos, porque sim, eu obviamente amo meu pai, Lou, Têta. Além deles amo minhas roupas, meus sapatos, meus queridos cartões de crédito e hoje amei à primeira vista meu carro. Mas o “amor” cujo qual eu tenho pavor é aquele que um homem sente por uma mulher ou que quase sempre a mulher sente sozinha, ou até de pessoas do mesmo gênero – já disse que não sou preconceituosa. Mas, entendam, na minha cabeça o “amor” é um sentimento um pouco egoísta. Por quê? Porque a pessoa se doa para outra e por mais que a

pessoa seja hipócrita em dizer que não espera nada em troca, essa já é a maior mentira de todas. Pelo amor de Deus, né? Isso não existe! Ninguém quer amar sozinho. Todos querem que o amor seja recíproco. Todos querem que o amor seja no mínimo igual ou maior.

Admito, sou uma pessoa um pouco narcisista e muito independente para querer passar por isso. Gosto de me amar de forma incondicional. De ser livre. Já tenho meu pai no meu pé, para que vou querer outro? Um homem já tem que ser muito gostoso e me deixar completamente louca para que eu peça “bis”. Imagine permanecer então? Algo que nunca me aconteceu, vale ressaltar. Para que isso aconteça, só se esse homem for a personificação da perfeição, do sexo e de tudo de bom que houver nessa vida. Enfim, o problema é de Lourdes e não meu. Ela não é como eu. Ela tem todo o ideal romântico que as mulheres parecem ter nascido com os cérebros programados. Eu não sou assim. Também não as julgo, apenas não é para mim. Acho que já deu pra perceber que não sou o tipo de mulher que nasceu para o “comum”, o normal. Já se sabe que não sou nenhuma dessas coisas.

Então não se pode esperar uma mulher romântica embaixo da minha fachada de “tudo posso, então se contente com isso”, né? Não. Não acredito em conto de fadas, mas estou disposta a ajudar a minha melhor amiga a ter o dela.

— Aqui está o que você vai fazer — afirmei, ficando de pé. — Vamos sair agora. Beber. Dançar. Nos divertir. Você vai mostrar para ele o que está perdendo e logo, logo, o “Frustreco” que te frustrou, vai ser o frustrado e irá comer na sua mão ou aonde quiser. Entendeu? — perguntei.

— Sim. — Ela limpou as lágrimas. — Vou mostrar e esfregar na cara dele a merda que fez, ao me deixar com um “post it” — falou, levantando-se, decidida.

— Muito bem, garota. Assim que eu gosto. Agora coloque sua roupa mais provocante, de preferência, corte uma saia, coloque um salto, vamos fazer uma make e pronto. Partiu, balada — falei sorrindo, orgulhosa.



Relutantemente, saímos mais uma vez na carroça que Lou chamava de carro. Ainda não entendia como aquilo

conseguia nos locomover. Lógico que eu preferia sair na minha BMW novinha, mas isso não era possível, porque se a minha ideia era me divertir e não de ter uma babá no meu pé, tínhamos que sair escondidas e no carro de Lou. Por esse e outros motivos esperamos até todos irem dormir. Meu pai poderia dizer que eu tinha liberdade de ir e vir, mas sabíamos que não era bem assim. Era mais do que nítido que eu era vigiada vinte e quatro horas por dia, como se eu fosse uma criança pequena ou uma pessoa louca, que poderia ter um surto psicótico a qualquer momento. Hoje nada de perucas e saltos altos – até porque eu não podia -, apenas um pretinho básico, um batom vermelho e uma jaqueta de couro. Além de ajudar minha amiga a afogar suas mágoas, queria aproveitar meus últimos minutos de anonimato. Logo chegamos ao Hard Rock Café. Acho que poderia ganhar um passe livre de acesso a esse lugar, só acho. As pessoas aqui na Campavia realmente não morriam de tédio como eu cheguei a imaginar, porque em plena segunda feira o lugar estava lotado. Elas dançavam ao som do DJ como se não tivessem que trabalhar no dia seguinte. Tratei logo de

puxar Lou até o bar, porque tínhamos um trabalho a cumprir.

— Duas doses duplas de tequila, por favor — pedi ao garçom e me virei para Lou. — Bom, começaremos com Tequila, para pode abrir o apetite e liberar um pouco a tensão. — Pisquei para ela.

— Steph, eu não sei se deveríamos ter vindo — comentou, nervosa.

— E por que não? Você levou um pé na bunda e não vai ficar no quarto se lamentando — falei.

— Eu sei... Mas eu o amo — disse, tímida.

Lá vem a “maldita” palavra! Acho que vou ter uma crise de gastura...

— Para com essa porra e vamos beber! — bradei.

— Ok — Lou rapidamente respondeu e bebeu sua dose, assim que o garçom a trouxe e eu fiz o mesmo.

Boa menina!

— Vamos beber, vamos dançar, vamos curtir, vamos cair, vamos beijar e no outro dia culparemos o álcool — falei.

— Você acha isso uma boa ideia? — ela perguntou

receosa.

— Lógico. Tudo que inclui álcool e um homem gostoso para nos dar um orgasmo são com certeza as melhores ideias — falei, dando de ombros.

— Às vezes tenho medo de seus conselhos — Lou falou olhando ao redor.

— Assim você me ofende. — Fiz uma cara de vítima. — Relaxa e goze. Quando foi que lhe meti em problemas? — perguntei retoricamente e quando vi que ela ia dizer algo, a cortei. — Não dificulte, por favor. Era uma pergunta retórica! — Fiz uma careta e ela riu. — Meus conselhos sempre são os melhores. — Pisquei para ela. — Bom, mais uma dose e dançaremos um pouco. — Pedi mais uma de tequila para nós duas. — Depois escolheremos um carinha gato e solteiro, para que você possa se distrair um pouco. — Procurei por entre a multidão e apontei para um moreno, que estava observando a pista de dança com um copo na mão. — Tipo ele. — Mostrei a ela, no mesmo instante em que ele olhou para nós.

— Como você sabe que ele é solteiro? — Lou

perguntou, quando levantei sua mão para que ela cumprimentasse o gatinho e se mostrasse interessada.

— Bom, querida, ele está nitidamente à procura de uma pessoa esta noite, pois ele está em um local estratégico para que possa ver todas as mulheres disponíveis e sua pose diz exatamente que ele está à caça. E também, depois que você fica com mais rapazes que você pode contabilizar, você adquire esse dom — falei, dando de ombros.

— Nossa! Eu tinha esquecido como você é boa com isso — ela disse, logo que o carinha piscou para ela.

— Você não imagina o quanto. — Sorri.

Tomamos a outra dose que o garçom nos trouxe, pedimos uma Marguerita e logo saímos para dançar. Ficamos um pouco na pista de dança e como eu ainda estou provisoriamente meio aleijada, tive que sair da pista, pois estava com um pouco de dor. Lou me acompanhou. Logo encontramos uma mesinha distante, e quando sentei na cadeira, ela disse:

— Fique aí. Vou buscar uma bebida para nós duas. Dançamos bastante, não quero que a gente se desidrate —

avisou e eu ri.

Lou voltou com quatro Margueritas. É, ela realmente aprendeu rapidinho a lição! — Pensei, orgulhosa. Ao mesmo tempo em que tomei um gole da minha bebida, meu celular começou a tocar. Um número restrito que estava me ligando. Como não sou Papai Noel e não gosto de surpresas, decidi não atender. Quando cheguei na metade da minha segunda bebida, meu celular já tinha pelo menos dez chamadas do mesmo número sem identificação e eu já estava ficando seriamente irritada com isso.

— Atende logo, Steph. Vai que é alguma coisa importante — Lourdes pede, mas não olhava para mim e sim para o carinha que eu tinha lhe mostrado mais cedo.

— Se fosse algo realmente importante, não teria vergonha de esconder quem é — falei, irritada.

— Ele vai ficar insistindo. — Lou apontou para meu celular, que recomeçou a tocar.

— Foda-se! — Cliquei em atender. — Abre a boca e fale. — Atendi mal-humorada.

— Hm? — a pessoa murmurou do outro lado.

— Não vai dizer nada? — perguntei, minha irritação

subindo.

— Er... É a namorada de Theodore Caravaggio? — perguntou e eu olhei para tela sem entender.

— Quem está falando? — perguntei.

— Hm... Er... Bem... Eu estou em uma boate e seu namorado está aqui bêbado. Ele disse seu nome e aproveitei sua saída para o banheiro pra pegar seu número no celular dele e ligar. Provavelmente você pode querer vir pegá-lo, né? Não acho que ele tenha condições de dirigir no estado em que se encontra — ele disse e me preocupei.

— Onde vocês estão? — perguntei. Ele me disse o nome da boate. — Ok. Será que você consegue segurar ele aí enquanto eu chego? — Olhei para a cadeira em frente a minha e não vi mais Lourdes.

Aonde ela foi?

— Sem problemas — respondeu.

— Ok. Já chego aí. Hm... Obrigada — agradei e desliguei.

Não demorei muito pra encontrar Lourdes. Ela estava de volta à pista de dança, em uma dança estranha com o

moreno que ela estava paquerando. Sorri satisfeita. Terminei minha bebida e fui andando até os dois. Assim que me aproximei deles, foi bem na hora que Lourdes começou a beijá-lo de forma quase proibida ao público.

Boa Garota!

— Lou — chamei, e ela pareceu alheia a tudo que não fosse o moreno em que ela se agarrava. — Lourdes Maria. — Cutuquei e ela enfim, me olhou.

— Credo! O que foi? — perguntou, com uma careta.

— Preciso ir ali. A pessoa que estava me ligando disse que Théo está bêbado em algum lugar. Vou levá-lo para casa.

— Sério? Nossa! Eu vou com... — Cortei-a.

— Imagina! Não vou te atrapalhar! Eu cuido do Ogro e depois volto para cá. Qualquer coisa, caso você precise de mim, me liga. Não devo demorar. Aproveite seu moreno aí — falei piscando para ele, que retribuiu.

Prevejo uma noite Orgástica!

Lourdes não esperou nem que eu virasse as costas para voltar a agarrá-lo, como se não houvesse o amanhã. Nossa! Acho que criei um monstro! – Pensei e comecei a

rir orgulhosa da minha amiga. Eu disse que era exatamente isso que ela precisava fazer desde que cheguei. Precisava relaxar!

Dar um pouco, nunca é demais!

Fui andando até a saída da boate e entrei em um táxi que estava parado em frente. Falei o nome do local que o carinha me informou, durante o caminho fiquei pensando no por que de Théo ter bebido tanto e não demorou muito paramos no estabelecimento. Entrando na Record, logo confirmei que ela era uma das mais frequentadas boates da região, como o taxista havia dito. O espaço era bonito, moderno, espaçoso e tinha dois andares. O Dj animava a plateia ao som de Wiggle de Jason Derulo. Procurei por Theodore e não gostei da cena que vi quando o encontrei. Ele conversava com uma loira peituda, que se jogava descaradamente em cima dele. Me apressei a andar/trotar até lá e quando cheguei, ainda a ouvi falando:

— Oh. Théo. Vamos lá. Tenho certeza de que podemos nos divertir muito — ela sussurrou em seu ouvido, roçando seus seios nos braços dele em seguida.

Biscate!

— Também tenho certeza. Mas deixa para outro dia, ok — falou, piscando para ela, mas parecia mais uma careta. Ele realmente estava meio bêbado.

Bom. Pelo menos ele estava dispensando-a!

— O que você acha de irmos no seu carro e eu cuido direitinho desse pau gostoso que você tem? — perguntou.

Mentira que ela disse isso! Que vagabunda!

Ele deve ter tido alguma coisa com ela. Com certeza teve. Esse pensamento me incomodou. Mesmo tão estúpido como isso soava, mas realmente me incomodou. Eu já não sabia que ele tinha pego quase toda a população feminina da cidade, qual era o meu problema? Também não gostei nada nada de pensar no que Théo faria caso eu não aparecesse agora. Quando a vi se aproximando dele novamente, perdi a paciência. Eu ia acabar com essa pouca vergonha agora mesmo.

— Você não ouviu que ele não está interessado, sua vadia? — falei irritada.

— Quem é você? — a vadia loira perguntou, olhando-me de cima a baixo.

Sim, eu sou linda e gostosa! Contenta-se com isso!

— Sou aquela que veio acabar com sua festa essa noite. Você pegou o cara errado — respondi, encarando-a sem piscar os olhos. — Ele é meu. Então acho melhor você ir ciscar em outro galinheiro, caso não queira me ver perder a cabeça com você. Vaza — mandei, sem paciência.

Que diabos... Ele é meu? Por que eu disse isso?

— Mas...

Sério que ela vai continuar querendo me enfrentar?

Cadê o desconfiômetro dessa vadia?

— Esqueça, benzinho — Théo disse sorrindo. — Você já a ouviu falando. Eu sou dela. Eu não me meteria com ela se fosse você. Não se você não quiser ver o que ela é capaz de fazer. — Ele gargalhou e revirei os olhos.

Pelo menos mesmo que esteja bêbado, ele tem juízo.

— Vamos sair daqui, Théo. Agora — falei irritada.

Já não bastava eu estar irritada, Théo ainda olhou para trás e deu ‘tchauzinho’ para ela, enquanto andávamos em direção à saída. Perdi o resto de paciência que eu tinha e estava irritada comigo mesma por isso.

— Abaixе essa sua mão, se não quiser que eu dê um

beliscão no seu ovo — ameacei, dando um tapa na sua nuca.

— Ai. Desculpe — falou rindo.

O idiota riu. Por que ele estava rindo? Por que eu estava irritada? Por que a ideia de Théo estar com outra pessoa me incomodava ao ponto de fazer com que eu me sentisse mal? Théo era só sexo. Era também uma chance de provar para ele que eu tinha o que queria. Era apenas isso. Por que eu sinto que isso está fugindo do controle? Eu precisava pensar. Na saída, acabamos encontrando com Victor e eu tive que rir da reação de Théo. Nem bêbado ele conseguia esconder que sentia ciúmes de mim com seu amigo. Senti que ele estava querendo fazer seu ponto para o amigo, querendo mostrar que estava comigo. Do jeito que meu corpo reagiu, quando ele roçou seu nariz em meu pescoço, não acho que ele precisa de mais provas.

Droga! Não posso deixar ele ganhar essa!

Mesmo com Théo irritado, Victor acabou nos levando para seu apartamento. Eu não fazia ideia de onde ele morava e não sabia se ele tinha condições de me explicar.

Achei que no final eu teria que acabar levando ele para o castelo. Bom, pelo menos Victor nos poupou esse trabalho. Théo morava em um prédio em frente ao mar. Subimos até seu andar e ele me entregou a chave para abrir. Não me admirei que seu apartamento fosse luxuoso e daquele jeito bem masculino e cheio de parafernália tecnológica. Fui ajudando ele a ir até seu quarto, porque não confiava nele para não se afogar em seu vômito antes de um banho. Quando entramos, fiz com que se sentasse na sua enorme cama e ele como estava realmente bêbado, se jogou, deitando-se, como se fosse dormir. Como baladeira pós-graduada, eu sabia que só existiam duas coisas que melhoravam os efeitos da ressaca no dia seguinte: banho e café.

— Se levanta, Théo. Sente-se na cama — mandei.

Sorrindo, ele sentou na cama e eu comecei a ajudá-lo a despir a camisa. Levou um segundo para os meus olhos se ajustarem a escuridão, mas agradei a Deus por ter uma ótima visão, porque mesmo no escuro pude olhar o abdômen de tanquinho perfeito que Théo tinha.

— Pode parar com esse sorriso — falei sorrindo.

— Por quê? — perguntou, com aquele seu sorriso safado que eu amava.

Amava? Aff... Essa palavra está tentando me impregnar hoje! Só pode!

— Porque eu odeio ver bêbados sorrindo, quando não estou bêbada. É chato. Para suportar uma pessoa como você bêbada, só embriagada. Vamos. Vamos tomar um banho — falei rindo.

— Gostei da ideia — ele disse e se levantou.

Com aquela sua cara safada e seu olhar de predador, Théo foi chegando mais em mim, pegando-me pela cintura. Eu sabia o que aquele olhar significava e depois de todos esses dias nos provocando, senti aquele olhar em minha parte mais necessitada dele. Ele me puxou para os seus braços e capturou meus lábios com os dele. Eu já sabia que Théo tinha um beijo perfeito, mas agora ela simplesmente se superou. Beijou-me como nunca nos beijamos antes. Se um pequeno toque do seu corpo no meu me fazia me sentir assim, eu queria ver e sentir o que suas mãos poderiam fazer livremente em mim. Tudo que eu conseguia pensar ou sentir era seu beijo. Aproximei-me

mais dele e apertei sua nuca, pedindo, implorando por mais. Quando estávamos sem fôlego, nos afastamos e Théo começou a me arrastar para o banheiro. Ele tirou seus sapatos e as meias, rapidamente ficou só de cueca. Que Théo tinha um corpo perfeito eu já sabia, mas porra, ele era perfeito demais! Ele estava mantendo tudo muito bem. Claro, ele tá mantendo bem a cabeça, o corpo, os braços etc. Coxas grossas, abdômen de tanquinho, bíceps delicioso...

Deus do céu! Acho que babei! Ele é muito lindo! A verdadeira perfeição masculina!

Na verdade, Théo parece tão inebriante quanto o álcool que bebeu. Eu precisava. Eu queria tudo com ele. E isso me assustava. Além disso, como ele estava se despindo desavergonhadamente na minha frente, eu tive um vislumbre do seu pau, que estava tão duro, que fiquei literalmente de boca aberta.

Meus Deus! Se é tudo isso coberto, imagine descoberto e todo duro em mim! Preciso comprar uma cadeira de rodas!

Preciso fazer uma observação: Quero que alguém me

aponte um feio e barrigudo que use Calvin Klein. Sério. Desconfio que seja uma exigência que apenas homens gostosos usem essa marca. CK deveria pensar em patrocinar todos os homens deliciosos e de pau grande. Théo com certeza estaria estampado em todas as propagandas da marca. Eu tremi na base. Juro. Eu queria ir até ele, beijá-lo, depois lamber todo esse seu corpo delicioso e depois foder com ele como nunca. No entanto não fiz nenhuma dessas coisas, muito pelo contrário. Aqui vai mais uma coisa sobre mim: eu não sei lidar com o desconhecido. Sempre tive tudo em minhas mãos. Sempre fiz o que quis. Tinha todos os homens que eu queria e quando eu queria. Então encontrar algo que saía da minha zona de conforto nunca tinha acontecido, como está acontecendo dentro de mim em relação a Théo. Então exatamente por isso que eu tratei de correr dali, trancando-o dentro do banheiro.

Calma Steph! Você nunca ficou nervosa assim!

— O que? — O ouvi dizendo. — Por que você trancou a porra dessa porta, Stephanie? — gritou e não tive como não rir do outro lado.

— Porque por mais que eu aprecie que você me agarre, não quero que você molhe meu vestido nesse momento. Tome um banho. Fique um pouco embaixo da água e cure essa resaca. Depois eu cuido de você. Volto daqui a pouco. — Falei tentando manter o controle sobre minha voz e logo tratei de sair dali do seu quarto.

Merda! O que diabos estava acontecendo comigo?

Eu precisava pensar. E, sinceramente? Isso aqui não vai funcionar sem uma dose altíssima de álcool. Mas antes eu precisava fazer uma coisa. Peguei meu celular e logo liguei para ele:

— Alô, Victor? Preciso de você...

Capítulo 15

Théo

Uma coisa que posso falar sobre mim, com toda certeza do mundo, é que sou um homem de palavra. Então bem feito pra mim, por ter voltado atrás ao dizer que não seria uma marionete nas mãos de Stephanie. E aqui estou eu. Bêbado e trancado no banheiro, respectivamente, por causa de uma Princesa Louca, chamada Stephanie Di Montalcino.

Idiota era apelido. Eu era um completo e total idiota. Um asno, um burro, retardado, que se deixou cair no papo da delícia que é Stephanie. Já dizia Nicolau Maquiavel: “Quanto mais próximo o homem estiver de um desejo, mais o deseja; e se não consegue realizá-lo, maior dor sente.” Bem feito, Theodore! Estar de pau duro e sentir dor nos ovos era pouco, muito pouco para mim!

— Stephanie di Montalcino, eu espero que você não me deixe trancado, aqui no meu banheiro — bradei,

batendo na porta.

Eu não podia acreditar que ela faria isso. Como eu pude ser idiota ao deixar Stephanne me trancar no banheiro? Como pude baixar minha guarda novamente para ela? Claro! Quem estava pensando era Alexandre e não eu!

Maldito pau traidor!

— Stephanne, acho bom você estar aí. — voltei a gritar. Porque eu juro...

Então depois de alguns minutos cuspidando fogo, finalmente a porta se abriu. Eu vi que ela estava prestes a retrucar e dar uma resposta bem mal educada, quando nós dois percebemos que eu estava nu. Ela desceu seu olhar pelo meu corpo descaradamente e eu sorri quando percebi o tom de surpresa quando ela pôs os olhos em Alexandre pela primeira vez. Afinal, ele não se chama “Alexandre, o Grande” por nada, ele tem um nome e uma reputação a zelar. E antes que digam que eu sou convencido, me desculpo por ter que dizer que não sou, não quando se trata disso, estou até sendo modesto.

Putá merda! Parece que é só ela olhar para mim, que

é como se me ligasse na tomada!

Alexandre estremeceu com seu olhar faminto sobre ele, deixando-o ainda mais pronto e duro para ela. Seus olhos se levantaram e trancaram com os meus. Ela lambeu seus lábios quando olhou para a minha boca, quase como um convite. Eu nunca na minha vida quis beijá-la mais do que neste momento. Toda a razão que eu tinha para ficar bravo com ela por ter me deixado trancado no banheiro simplesmente desapareceu. Quem poderia ficar bravo com esse rosto lindo e esses olhos azuis magníficos? Estava cansado de negar o óbvio. Eu a queria. Ela me queria. Eu finalmente me rendi. Não havia mais nada que nós pudéssemos fazer para negar isso.

— O que é? Vai ficar só olhando? — perguntei sorrindo, repetindo suas palavras da primeira vez que ela abriu a porta para mim apenas de top e calcinha.

— Não. Pretendo fazer muito mais do que olhar — disse, com um sorriso provocante.

Em dois passos e, diga-se de passagem, com reflexos surpreendentes para meu estado alcoólico, eu a puxei em um movimento rápido e determinado contra meu peito,

segurando-a contra mim. Se eu já não tivesse estupidamente excitado, seu cheiro teria feito esse papel, porque como sempre ele era um gatilho para o meu corpo. Doce. Quente. Delicioso. Meu cérebro estava muito atrás do que estava acontecendo, porque meu corpo estava no comando. Nossos lábios se encontraram, famintos. Stephanne me beijou com gosto de álcool em sua boca, e acho que nesse momento eu esqueci o meu próprio nome. Suas mãos deslizaram lentamente pelos meus braços e meu cabelo enquanto eu segurava sua cintura, puxando-a ainda mais para mim. Eu precisava sentir a pressão de seus lábios carnudos contra os meus. A mesma fome intensa que eu sentia cada vez que nos beijávamos e nossos corpos se tocavam, me consumiu com ainda mais intensidade. Minha língua saiu e lambeu seu lábio inferior e mordisquei o mesmo.

Rosnei. Eu, Theodore Caravaggio, rosnei como um animal no cio quando lambi e provei da sua boca. Era doce. Era bom demais. Era quente. Era o céu e o inferno. Resumindo: Steph era meu paraíso proibido. Eu agarrei seus quadris, puxando com ainda mais força contra meu

pau, que estava a ponto de estourar para estar dentro dela. E caralho! Eu quero Steph de forma que eu nunca quis qualquer outra! Ela se afastou e quando fui reclamar, vi seu olhar desfocado de desejo querendo exatamente o que eu quero. Sem desviar dos meus, ela tirou seu vestido, ficando apenas de lingerie preta mínima em minha frente.

Putá merda! Merda! Merda! Eu precisava fodê-la e fazê-la minha!

Isso é tudo que eu conseguia pensar enquanto eu olhava para ela com aquela lingerie sexy da cor do pecado. Arfei. Sim, eu já tinha visto Steph de lingerie antes, mas não explodindo de desejo e a situação em que nos encontrávamos nesse momento. Não como agora. Seus seios redondos, cheios, lutando contra as taças rendadas que o sustentavam. Os mamilos rosados à espreita do tecido transparente. Meus olhos desceram famintos pelo seu corpo. Visualizando sua pele branca, suas curvas suaves da cintura, implorando para ser deslizada por minhas mãos, encaixada contra o meu corpo. Sua calcinha mínima, transparente, mostrando o contorno da sua boceta, me fez tremer.

— Théo? — ela disse sem fôlego, tirando seu sutiã.

Caralho! Era linda e gostosa demais para eu conseguir controlar Alexandre!

Gemi. Não, eu grunhi. Já disse que gemer era coisa de viado. Mas foda-se! Seus seios fartos, durinhos, empinados, com aqueles mamilos rosados, lindos, implorando para que eu mamasse neles como fantasiei desde que eu a reencontrei. Alexandre estava duro, tão duro, sedento, babando por essa visão linda que era ela. Meu corpo implorava, exigia que eu fosse até ela e a fizesse minha. Mas algo ainda me prendia, eu sabia o que era.

— Oi — respondi em um rosnado.

— Eu nunca tive a chance de perguntar uma coisa a você — Steph falou, com a voz trêmula.

— O que? — consegui perguntar, quase sem voz.

— O que você quer fazer comigo, Théo? — perguntou, ofegante.

— Tudo — respondi sinceramente e ela arfou visivelmente.

— Théo...

— O que você quer que eu faça, Steph? — perguntei, quase sem controle.

— Apenas faça. Não pense. Faça-me sua! — pediu.

— Foda-se!

Ela queria que eu a fizesse minha e era o que eu precisava saber. Não a esperei falar mais nada, antes de empurrá-la contra a parede. Comecei a beijá-la de forma faminta, como se eu precisasse dos seus beijos para viver. E nesse momento era exatamente isso que eu sentia. Nossos corpos pressionados um no outro, não dando espaço para nada. Minha mãos deslizaram pelo seu corpo, me deixando cada vez mais louco por estar provocando arrepios em sua pele. Minha boca foi descendo sobre seu queixo, mordiscando, inclinando sua cabeça, ela jogou-a para trás para me dar mais acesso ao seu pescoço. Meu nariz em seu pescoço, a minha língua deslizando sua pele macia. Deliciosa. Seu cheiro maravilhoso. Seu gemido baixinho, pedindo por mais. Tudo me deixando cada vez mais descontrolado.

— Caralho! Eu amo seu cheiro — falei em um rosnado, mordendo e chupando sua pele.

Quando apertei seu seio, pude sentir seu coração batendo tão rápido quanto o meu. Steph gemeu ainda mais e estremeceu quando belisquei seu mamilo, e eu acho que eu parei de respirar. Eu enchi minha mão com seu seio esquerdo, enquanto levava o outro lindo mamilo intumescido à minha boca. Chupando. Mordiscando. Mamando como um bezerrinho sedento por leite. Deliciosa. Dou igual atenção ao outro, fazendo da mesma maneira. Sedento por mais, junto os dois seios com as mãos e alterno de um para o outro, enquanto ela geme puxando meu cabelo.

— Théo... — Steph geme, aumentando ainda mais o apertão em meu cabelo.

Não suportando mais, eu a beije com paixão e facilmente a levantei sem quebrar o beijo, segurando-a contra mim, através da sua bunda. Ela envolveu suas pernas em volta da minha cintura, enquanto aprofundava nosso beijo, apertando seus braços ao redor do meu pescoço, puxando meu cabelo. Comecei a andar em direção ao quarto e mesmo não tendo ideia de como eu estava andando mantendo-a em meus braços, eu não

tropecei. Muito pelo contrário, ainda fiquei admirado com minha habilidade de andar e beijá-la, mesmo que eu ainda estivesse meio bêbado.

Acho que era a porra do meu instinto selvagem a florado! Só pode!

Deitei-a na cama e me ajoelhei, tirando sua calcinha, a última peça que me impedia de fazer tudo que eu queria com ela. Gemi. Sim, eu gemi, porra! Viado era a última coisa que eu era mesmo! Como não gemer ao descobrir aquela bocetinha rosada, depilada, linda, pronta, esperando por mim? Pude sentir o cheiro da sua excitação, me deixando mais irracional, um animal ainda mais louco para prová-la, querendo me afogar no seu gosto. Meu corpo pairou sobre o dela, prendendo-a contra o colchão. Minha pele nua contra a sua, me deixando fora de mim, alucinado para estar enterrado dentro dela. Eu gemia com o prazer de nossos corpos nus roçando um no outro, e Steph inclinou seus quadris para cima em um convite, pedindo, implorando pela libertação que nós dois queríamos. Beije-i-a com paixão, fome, necessidade. Estava dolorosamente duro, porque achem o que quiser,

mas esse brilho provocante de desejo que Steph tem nos olhos sempre me deixa ainda mais louco de tesão. Mas eu queria tudo com ela. Stephanie me fez perder o meu precioso controle. Eu estava louco, viciado e porra, apaixonado! Não ia me contentar com nada mais do que tudo.

— Você disse que queria que eu te fizesse minha. Entenda que eu sou impiedoso, não vou parar até quando não só seu corpo, mas sua mente e tudo de você tenha certeza de que é minha. Toda minha. É isso que você realmente quer? Você está preparada para mim, Stephanie? — perguntei.

Apesar de toda a excitação, Stephanie franziu a testa para minha pergunta. Sim, ela odeia ser dominada e eu também, mas o que ela não sabe é que nós já estamos dominados por essa louca paixão que sentimos um pelo outro. Eu a quero e ela idem. Mas somos dois cabeças duras que não querem dar o braço a torcer. Sua careta de confusão pelo que eu perguntei é tão linda, que eu preciso beijar essa carranca.

Foda-se! Estou parecendo um bocó apaixonado!

Eu agarro seus pulsos, segurando-os juntos à cima da cabeça. Eu esfrego meu nariz no seu, beijo sua mandíbula e esfrego com o polegar seus lábios inchados, que me pedem por mais. Enquanto delinheiro minhas mãos nos seus seios, mordero sua orelha, rosnando baixinho quando o cheiro doce dela me preenche.

— Théo... — ela geme meu nome.

— Hein, Steph? O que você me diz? Você está preparada para mim, Princesa? — voltei a perguntar, descendo minha boca sob seus seios, sugando-os.

Steph arfou e logo soltou gemido baixo, quando esfrego minha ereção em seu ponto necessitado. Posiciono Alexandre em sua entrada para atiçá-la e o tiro quase sai pela culatra, porque além de ser gostoso demais, ela treme, esfregando-se ainda mais em mim. Eu quero enfiar meu pau nessa boceta necessitada, por que eu sinto em cada fibra do meu ser que ela me quer tanto quando eu a quero. Mas eu sou possessivo quando se trata dela e não vou fazer isso, até ter certeza que ela sabe o que implica esse querer..

— Sim! — ela finalmente grita, com os olhos brilhando

luxuriosos e eu não posso conter o sorriso de satisfação que estou dando.

— Você agora é minha.

Eu deslizo minha língua do seu seio para baixo da sua cintura, e Steph ofega quando eu abro suas pernas. Minha língua ataca sua boceta com avidez. Lambendo. Chupando. Bebendo tudo que ela tem a me oferecer. Seu gosto doce, inebriante, infiltrando em mim. Sua excitação cada vez mais evidente, me deixando cada vez mais fissurado por esse banquete delicioso que essa boceta gostosa está me presenteando. Steph geme e se abre ainda mais, oferecendo tudo de si e eu aceito de bom grado. Viciado no seu gosto, no seu sabor único. Louco para beber tudo e mais um pouco dela. Querendo me afogar. Deixando-me bêbado com seu prazer. Eu preciso fazer meu ponto para que ela não tenha dúvidas de que ela é minha. Minha. E eu não estava brincando quando disse que não pararia até que ela entendesse isso. Steph geme ensandecida e levanta seus quadris, e eu os aperto contra mim, quando ela esfrega-se ainda mais em minha boca.

— Eu quero tudo. Quero seu gosto. Seu sabor em mim

— eu disse, deslizando dois dedos em seu canal.

Eu quase entro em êxtase como um adolescente inexperiente, quando ela se convulsiona em um orgasmo, gemendo, gritando meu nome. E eu tenho quase certeza que todo o prédio a ouviu chamando meu nome, quiçá o quarteirão. O homem das cavernas que habita em mim ruge com prazer. Termino de chupar seu clitóris, sugando todo seu liquido, não querendo desperdiçar uma gota do que eu proporcionei a ela.

— Théo... Para... Eu quero... — ela murmura, quase sem voz.

— Eu sei o que você quer e eu vou lhe foder com vontade, mas em breve. Eu já disse que eu tenho um propósito. Vou lhe mostrar a quem você pertence. — Assoprei seu clitóris e ela gemeu baixinho. — Fique de quatro para mim, Princesa. Agora — ordenei e ela virou-se, ainda trêmula.

Quando ela virou aquela bundinha empinada para mim, sua boceta rosada, molhada, excitada, me provocando, me deixando ainda mais louco de desejo, eu quase esqueci o que eu iria fazer. Respirei fundo e mandei Alexandre

parar de se debater e se acalmar, porque em breve ele iria conquistar todos os territórios desse corpinho delicioso.

— Caralho, Princesa! Eu poderia passar o dia todo só comendo você com minha língua e meu pau e eu não ia me fartar dessa delícia quente e molhada que é você — rosnei, dando uma palmada na sua nádega direita e ela se contorceu.

Voltei a me debruçar em cima dela e apertei sua cintura, enquanto mordida sua orelha, seu ombro, antes de arrastar a minha língua pela sua coluna. Circulei minha próxima conquista, o buraquinho apertado do seu traseiro, e ela gemeu, jogando sua cabeça para trás, arqueando suas costas, empinando ainda mais sua bundinha gostosa para mim. Enfiei dois dedos na sua boceta, fodendo-a sem dó, ao mesmo tempo em que descii minha língua até sua fenda molhada. Seu sabor maravilhoso enchendo minha boca.

— Diga, Steph. Diga por quem essa boceta succulenta tá jorrando? — perguntei, beliscando seus clitoris e ela gritou.

— Por você — respondeu, gemendo.

— E quem é que vai comer essa bocetinha com vontade? Fazendo-a gozar ao redor do meu pau? — perguntei, voltando a subir e a descer minha língua, enquanto girava meus dedos dentro dela.

Stephanne gritou e eu sorri satisfeito, sabendo que ela estava por um triz novamente. Suguei com vontade, ainda fodendo-a com meus dedos e agora circulando meu polegar em seu clitóris.

— Você — ela gemeu.

— Quem vai fazer você gozar até amanhã de manhã? Deixando todos os meus vizinhos com inveja, sabendo que você é bem fodida? — voltei a perguntar, brincando com um dedinho, na sua outra entrada.

— Thé...

— Responda minha pergunta, Princesa. Senão eu não vou deixar você gozar! — murmurei me afastando dela, sabendo que ela estava perto.

— Você! Você! — gritou.

— Você me tem. E você é minha. Agora, dê-me tudo de você, Princesa — ordenei.

Chuei seu clitóris esfomeado, enquanto meu polegar

voltou a roçar entre os lábios inchados de seu sexo e logo mergulhei dentro do seu canal. Minha boca se enchendo de água, babando por essa delícia que é ela. Stephanne gemeu ainda mais, apertando meu dedo e começando a gozar. Rosnei baixinho, enquanto eu usava o meu polegar indo e vindo dentro dela, minha língua ainda em seu clitóris. Suguei todo seu líquido, parando apenas quando ela parou de se convulsionar, fraca, agora apenas sustentada em minhas mãos.

Merda! Estou louco. Viciado. Extremamente apaixonado!

Voltei a deitá-la com as costas na cama e devorei seus lábios, em um beijo faminto e apaixonado. Seu gosto em nossas bocas, deixando nosso beijo ainda mais gostoso. Cada pedacinho da minha pele, cada músculo do meu corpo está pronto e implorando para fazê-la minha. Só minha. Meu sangue bombeando em minhas veias, meus pulmões, exigindo ela. Só ela. Agora eu não quero nada mais do que levá-la ao limite mais uma vez.

Caralho! Ela me deixa tão louco!

— O que você quer que eu faça agora? — perguntei

próximo à sua boca, puxando seus lábios entre os dentes.

— Quero você dentro de mim. Todinho. Por favor — murmurou com a voz rouca, fazendo com que minhas bolas doessem ainda mais por ela e eu sorri satisfeito.

Stephanne sem dúvidas consegue qualquer coisa de mim. E eu quero mais do que tudo estar dentro dela e fodê-la de todas as maneiras até levá-la ao limite, mas não custava nada fazê-la implorar.

— Oh, Louca do Body Shot, se você soubesse o quanto me deixa louco — confessei.

Eu mal posso me conter de necessidade, voltando a beijá-la, mas por mais que a necessidade de me enfiar em sua boceta molhada fosse maior do que o ar que eu respiro, tive que parar um momento para poder apreciar a vista embaixo de mim. Linda. Stephanne nua em minha cama, esperando para que eu estivesse dentro dela. Esses lábios perfeitos, ainda mais vermelhos e inchados. Olhos azuis profundos languidos do prazer que eu acabei de lhe proporcionar, mas ainda na expectativa por mais. Bochechas coradas. Cabelo dourado esparramado na minha cama. Era como um sonho molhado olhando-me,

ansiando por mim. Essa imagem merecia até uma foto.

— Linda — murmurei, sem desviar meus olhos dos seus.

Peguei a camisinha no criado mudo, deixei Alexandre vestidinho, pronto para guerra, olhando em seus olhos azuis, desfocados de prazer, me preparando para enfim torná-la minha, eis que algo inesperado acontece: a campainha toca.

— Isso só pode ser brincadeira! — bradei, incrédulo, a campainha tocando irritantemente.

Steph me olha de forma interrogativa. Frustrada. Mas depois fecha sua cara.

— Quem diabos está tocando sua campanha a essa hora, Theodore? — perguntou emburrada.

— Alguém que provavelmente não tem o que fazer ou quer ter uma morte lenta — respondi.

— Deve ser alguma das suas vagabundas — ela falou revirando os olhos.

Ok. Estou mega irritado de estarem atrapalhando nosso momento, mas se eu disser que não gostei do tom de ciúme que Steph usou, estarei mentindo. Eu adorei.

— Não. Nenhuma mulher tem permissão de subir aqui. Deixa tocar — falei, tentando segurar o sorriso de satisfação.

— Então vá atender o caralho da porta e volte logo para cumprir sua promessa, porque se essa campanha tocar mais uma vez, juro que vou eu mesma abri-la, e nua.

— Levantei a sobancelha em sinal de desgosto.

— Ok. Não saia daí. Assim que eu dispensar o futuro defunto, vou voltar para deixar você rouquinha de tanto gritar — prometi, sorrindo malicioso e piscando para ela, que sorriu satisfeita.

Rapidamente peguei um short de dormir na cômoda do quarto e fui andando em direção à porta, deixando Steph lindamente deitada à minha espera, enquanto o infeliz não parecia querer desistir de tocar. Eu não costumo trazer mulheres aqui. A única que conhece onde moro é Eva, mas o acesso dela é negado, a não ser quando libero sua entrada na portaria. Então um pensamento me passou pela cabeça...

Será que é algum vizinho reclamando do barulho? – Pensei sorrindo.

Mas qual a minha surpresa quando abro a porta e dou de cara com as duas pessoas que eu mais achei improváveis ver essa noite. E juntos. E fora que uma delas parece estar ainda mais bêbada do que eu estava há uma hora.

O que diabos esses dois empatas estão fazendo aqui?

— Olá, Garanhão! — Lourdes cumprimentou sorrindo com a voz enrolada, entrando no meu apartamento.

— Oi! — Victor disse, acompanhando Lou, que agora parecia olhar para todos os cantos.

Lourdes estava usando uma blusa vermelha bem decotada, uma saia preta. Ela carregava suas sandálias na mão, apesar de estar andando meio cambaleando com a ponta dos pés, como se ainda usasse os sapatos. Seus cabelos ondulados estavam úmidos e em um emaranhado confuso. Sua maquiagem estava escorrendo e ela com certeza usou em algum momento da noite batom vermelho, pois o batom estava meio borrado ao redor dos lábios.

Uma coisa é certa, a sempre séria e recatada Lourdes se perdeu essa noite.

— O que mesmo vocês estão fazendo aqui? —

perguntei, sem saber realmente.

— Não queria vir para cá. Eu pedi para ele me levar para casa dele e me dar uma noite de sexo quente e selvagem. Mas... — ela sussurrou a última parte. — Acho que seu amigo é gay, Théo! — disse e Victor revirou os olhos, me arrancando uma gargalhada.

— Steph me ligou, pedindo para ver como ela estava e pediu para que eu a levasse para casa. Mas eu não achei sensato levá-la para o Castelo de Bellini nesse estado — falou, dando de ombros.

Steph ligou para Victor? Hum... Não gostei!

— Que estado? Só porque sugeri que nós déssemos uma rapidinha no seu carro? — ela perguntou retoricamente e eu ri. — Nós poderíamos estar nos divertindo ao invés de atrapalhar Théo e Steph, pois com certeza atrapalhamos. Olha como a barraca dele está armada! — Riu apontando para Alexandre.

Caralho! Eu realmente estava de barraca armada!

Ótimo! Segunda vez no dia que Lou me via assim. E segunda vez no dia que ela também nos interrompia. Empata Foda do Caralho! Peguei uma almofada para me

cobrir, ao mesmo tempo em que Stephanne surgia na sala, e eu agradeci por estar vestida.

— O que houve? — ela perguntou.

— Vou fazer um café — Victor disse, retirando-se para a cozinha.

— Eu já fiz. É só servir — Steph disse, voltando a se virar para Lou, que agora estava com os olhos fechados e a mão na cabeça, enquanto repetia o gesto de virar a cabeça de um lado para o outro.

— Lá, lá, lá... Nada! Só estávamos falando que ao invés do amigo gostosinho de Théo ter um mau caminho comigo... Ele também não me quis, amiga... — Fungou e eu percebi que ela ia começar a chorar.

Oh não! Bêbada tudo bem. Afinal, ainda estou meio bêbado. Mas bêbada chorosa, com problemas no coração não. Por favor!

— Me trouxe para cá... — Continuou enrolando, limpando o rímel borrado, mas só piorando a situação. — Nós deveríamos ir, porque pela sua cara e pela barraca armada de Théo, vocês ainda têm algumas sessões de sexo para colocar em dia. — Levantou-se cambaleando e

Victor, que voltava da cozinha, colocou duas canecas de café na mesinha de centro e rapidamente a amparou.

— Você não atrapalhou nada! — Stephanie afirmou, olhando para mim, não dando margens para que eu discordasse.

Não? Como no inferno que não atrapalhou?

— Não, Lou. Você não nos atrapalhou — eu disse a contragosto, aceitando a xícara de café que Victor me entregou, enquanto ria baixinho da minha desgraça.

— Eu a levaria para minha casa se minha mãe não estivesse aí. E também não achei uma boa ideia levá-la para o castelo — Victor falou, sentando-se no sofá.

— Não quero ir para lá! — Lou disse, agora chorando no sofá.

Fechei os olhos, levantei a cabeça e suspirei em frustração. Quando encontrei o olhar de Stephanie, eu já sabia o que eu veria ali. Ela queria que eu deixasse Lourdes passar a noite aqui.

— Você pode ficar aqui — ofereci, e ela me olhou de uma forma que parecia estar vesga.

— Você tem tampão de ouvidos? Não quero acordar

com os gemidos de Steph — ela disse e nós três começamos a rir.



A próxima meia hora se resumiu em Stephanne fazer Lou beber o café e ajudá-la ao banho no quarto de hóspedes. O que eu achei injusto, porque eu tive que tomar banho sozinho. Estou errado? Victor me explicou que ele estava chegando em casa depois que nos deixou aqui e Steph ligou para ele pedindo para que verificasse Lou. Ele chegou à boate em que as duas estavam, e encontrou Lourdes recebendo bebida direto na boca pelo barman e o mesmo chacoalhando sua cabeça a cada dose. Isso explica seu estado. Nem acreditei quando ele disse isso. Victor ficou um pouco mais e depois se despediu, pois tinha que resolver umas coisas pela manhã. Mas não sem antes me desejar ‘boa sorte’ e rir da minha situação. Resolvi ir para o meu quarto, cansado de esperar por Stephanne. Estava quase indo atrás dela para acabarmos o que começamos, quando ela finalmente apareceu.

— Ela não para de chorar — murmurou, triste, se

sentando ao meu lado na cama.

— O que houve? — perguntei, me sentindo meio egoísta.

— Isso é minha culpa. Levei-a para sair porque ela estava arrasada em casa, pois o cara por quem ela está apaixonada deu um pé na bunda dela. Eu achei que seria bom ela sair e se divertir, mas acabei deixando-a sozinha...

— Para ir resgatar outro bêbado — complementei, sorrindo tímido, e ela assentiu.

— Ela tá vomitando muito também. Não posso deixá-la sozinha essa noite, Théo — disse, sem jeito.

— Tudo bem. Eu entendo. Ela é sua amiga — ela assentiu.

— Desculpa. Eu não queria...

— Eiii... — Puxei-a para sentar em meu colo e dei um selinho nela. — Tudo bem. Eu sei muito bem o que você queria. Tenho tempo para te enlouquecer ainda — disse, mordiscando seu queixo e ela riu.

— Verdade! — Sorriu maliciosa, montando em meu colo, e Alexandre bateu continência para ela. — Sabe o

que eu quero fazer? — ronronou, agarrando os cabelos da minha nuca.

— O quê? — perguntei, ofegante.

— Stephanneeeeeeeeeeeeeeeeeeeee... — Lourdes gritou do quarto, nos fazendo gemer de frustração.

— E o prêmio de Empata foda do ano vai para... Lourdes Maria! — resmunguei com sarcasmo.

—Thé... — Coloquei um dedo em sua boca para que ela não dissesse mais nada.

— Não diga nada — pedi e ela suspirou.

— Ok. Tente dormir. — Beijou-me rapidamente, deixando Alexandre ainda mais pronto para ela.

Acompanho-a com os olhos até a porta, usando uma das minhas camisas que eu emprestei, mais sexy do que nunca. O que há com homens e suas mulheres com suas roupas? Acho que é uma coisa meio territorial. Só sei que adorei e pretendo vê-la mais vezes com minha camisa. Ou melhor, sem nada. Steph vira-se quando está prestes a sair e me dá um sorriso lindo, fazendo com que eu queira esquecer que Lourdes está precisando dela no outro quarto. Mas então ela simplesmente se vira e sai. Soquei

o travesseiro da cama, frustrado. O cheiro dela em tudo. No ar. Na minha cama. Na minha pele. Em tudo!

O que eu tinha feito para merecer tanto pau duro e dor nos ovos por causa de Steph?

Por um momento pensei em me tocar para tentar amenizar minha frustração. Mas eu não me permitiria fazer isso depois de ter experimentado da fruta do pecado. Hum... Posso nem pensar sem piorar minha situação! Eu tinha muita coisa para pensar quando o sol nascesse. Muita coisa para pensar sobre ter finalmente admitido para mim que estava apaixonado por Stephanie. Mas agora precisava fazer isso sem nenhum resquício de álcool no sangue.

O que me restava então era dormir. A nível de informação, você não pode colocar um cara para dormir quando ele está com tesão. Um banho gelado pode curar uma ressaca, mas não um tesão desenfreado do tipo pelo que eu sentia por Stephanie.



O toque do telefone me acordou. Esfregando os olhos,

virei e estendi a mão para o meu celular ao lado da minha cama. Percebi que o sol já devia ter nascido há muito tempo. Olhei para o visor e descobri que era meu pai.

— Alô. — Atendi, sentindo uma dor de cabeça.

Sim, eu estava de ressaca! De bolas roxas e de ressaca! Maravilhoso!

— Alô? Você sabe que horas são, Theodore Caravaggio? — meu pai perguntou irritado, do outro lado da linha.

Ao meu lado um bilhete de Stephanne que me fez sorrir.

**“Tive que sair, pois tínhamos que chegar ao castelo antes que meu pai acordasse. Pensei em te chamar, mas não sei se eu conseguiria sair da cama se te visse com
tesão matinal. ;P**

Depois que conseguir ressuscitar Lou, sairemos para resolver umas coisas do Baile e você não está incluso nisso. Farei uma pequena surpresa para você.

Um beijo, bem gostoso.

Steph.”

— O que há, pai? — perguntei, finalmente me lembrando que ele estava na linha, levantando-me para pegar um remédio pra dor de cabeça no banheiro.

— Daqui a quinze minutos temos uma reunião com todo o parlamento, sobre a exportação da produção de uva da Campavia e você ainda me pergunta o que há? — perguntou, incrédulo.

Oh Merda! Como eu pude esquecer?

Sim, claro. Só existe uma coisa que tem dominado meus pensamentos: Stephanie e sua monopolização de Alexandre.

— Droga! Em dez minutos estou chegando — disse, antes de desligar o telefone e me jogar embaixo do chuveiro.



Eu achei que depois daquela noite tudo iria ficar mais fácil para nós dois, mas parece que eu estava completamente enganado. Nos dias que se seguiram, estivemos atarefados para o Baile de Coroação e não

tivemos tempo para nada. Ainda assim, eu e Stephanie meio que criamos uma rotina. Eu ainda a acordava todos os dias, mas ela já não reclamava tanto. Se você quer saber se ela ainda abria a porta vestida daquele jeito, a resposta é sim. Steph ainda me recebe de top e calcinha. Gostaria de saber que aquela recepção era exclusiva para mim, mas a safada já disse que ela ou dorme assim ou nua. Espero ansiosamente chegar logo outro dia e vê-la sem esses mínimos retalhos então. Apesar de eu já ter me acostumado, não quer dizer que Alexandre não queira dar um ‘bom dia’ para ela da melhor forma, toda vez que ela abre a porta para me recepcionar com aquele corpinho delicioso. Eu não sou de ferro também, e com todo o tesão acumulado que eu estava, já havia passado do limite aceitável para um homem.

Apesar de eu e Stephanie estarmos nos dando muito melhor e termos tido amassos que estão me tirando o juízo – apenas isso, infelizmente, porque nossa lista de empata foda só faz crescer – isso não quer dizer que evoluímos a um ponto de que não discordamos em nada. Sem chances. Nós ainda discutimos eventualmente. Principalmente que

ela é uma cabeça dura, que só quer fazer o que quer e eu idem. Acho que isso não mudará. Desde pequenos somos assim, por que mudaria alguma coisa agora?



Depois de dias estressantes, finalmente chegou a noite do baile. Eu estava nervoso por dois motivos: Um, porque Stephanie seria finalmente conhecida como a Princesa Herdeira da Campavia e os rumores sobre nós dois só iriam aumentar. E dois, porque ela disse que tinha um presente para mim esta noite. Mas o que seria? Tudo pode se esperar da minha Louca do Body Shot.

Quando cheguei ao grande salão de festas do Palácio Bellini, que estava finamente decorado, tive que fazer as honras e cumprimentar a todos. Políticos, nobres, celebridades, personalidades, membros de outras realezas. Todos estavam ali com um único intuito: conhecer a linda Princesa Herdeira desconhecida, que por um acaso da vida, ou melhor, por causa de um Body Shot, roubou meu coração.

— E com vocês, Vossa Alteza real, a Princesa

Stephanne — anunciou o porta-voz da festa, após o som da trombeta.

O burburinho intenso da festa foi rapidamente cessado e todos olharam para o topo da escada para finalmente pôr os olhos na estrela da festa. E lá estava ela. Linda e sorridente. Não, linda demais era pouco para descrever o quão maravilhosa Stephanne estava essa noite. Uma Princesa. Uma verdadeira Princesa. A minha Princesa.

Capítulo 16

Steph

Toda mulher já sonhou pelo menos uma vez com seu grande dia. E não, não estou falando sobre casamento! *Deus me livre! Estou falando de uma noite especial, não de um sacrifício!* Uma noite em que você está maravilhosa, em um vestido esplêndido, sapato divo e uma maquiagem perfeita. Uma noite em que você se sente poderosa, pois todos os olhares serão para você. E nessa noite você finalmente encontraria seu príncipe encantado. E lógico que não posso esquecer que depois desse encontro, tudo seria “fácil”, a vida maravilhosa, e todos viveriam felizes para sempre. Todas essas baboseiras e fim.

Já disse que não suporto clichês? Não? Bem, acho que agora não preciso dizer mais. Acho que sou uma exceção à regra em muitas coisas de “mulher”, principalmente quando se trata disso. Minha definição de noite perfeita se

enquadra em uma noite com um gato quente e um orgasmo de tremer a Terra. Não disse que fujo dos clichês? Não que não tenha sonhado com a minha coroação, apesar de ter demorado um pouco – ou muito - para que isso acontecesse, esse sempre foi o meu futuro afinal, era o evento meticulosamente programado no meu calendário pessoal desde o dia do meu nascimento. Para falar a verdade só não sei se realmente estou muito entusiasmada para isso.

Você deve estar se perguntando: Como assim você não está feliz e empolgada por virar oficialmente uma Princesa?

O problema não está no fato de ser uma Princesa, mas sim no “peso” que carregarei junto à coroa. Acho que nunca havia sido tão sincera com alguém – nem comigo mesma – da maneira que fui com Théo, na noite em que seu carro faltou gasolina à caminho do castelo. Eu vivia a minha vida como se não houvesse o amanhã. Aquela famosa frase clichê – esse clichê se encaixa em minha vida -: *“Carpe Diem”*. Aproveite o dia. E eu aproveito, sou boa aluna, levo tudo ao pé da letra. Mas o que mais

está me deixando nervosa são as perguntas que me faço. *E agora? Será que poderei ser eu mesma? Será que atenderei não só as expectativas do meu pai, de Théo, mas principalmente de toda a população campaviana? Será que vou ser realmente feliz cumprindo meu destino?* Tantas dúvidas pairavam sobre minha cabeça nesse momento, o que era ridículo! Porque eu cresci sabendo exatamente quem eu era, deveria estar preparada para isso. Eu sabia que esse dia finalmente chegaria, mas como eu já disse, não gosto da sensação do desconhecido e sinceramente a vontade que eu tenho mesmo é de fugir. Tudo bem, não sou tão louca ao ponto. Sei que há uma festa enorme preparada para a celebração desse acontecimento. Existem centenas de pessoas à minha espera. Pode parecer o contrário, mas eu jamais decepcionaria meu pai de propósito. Também tem Têta, que está tão animada e chorosa, dizendo que sua menina finalmente cresceu. Lou. Théo. Fora o povo campaviano que amanhã espera me ver na sacada do Palácio Central.

O que eu poderia fazer além de aceitar o meu destino de Princesa Herdeira ao trono? Só peço a Deus que não

me deixe trocar os pés pelas mãos e eu realmente saiba ser a Princesa e futura – espero que bem futura mesmo – Rainha da Campavia. Além, claro, de ser considerada a monarca mais bem vestida. Desculpe, não vou deixar de ser *Stephanne* só porque o mundo vai finalmente me conhecer, senão perde a graça.

Eu estava quase pronta, quando meu pai bateu à porta do meu quarto e entrou. Ele já usava sua coroa dourada e seu manto real, e por baixo do mesmo trajava um smoking sob medida e gravata branca. Estava lindo. Na verdade, meu pai era um homem lindo. Imagino o quanto minha mãe não deve ter sido apaixonada por ele quando era jovem. Qualquer mulher hoje seria uma sortuda por ter um homem tão maravilhoso quanto ele. Sorri para meu pai assim que vi o seu sorriso aberto para mim.

As pessoas costumam escolher as roupas para depois escolher seus acessórios. Bem, eu não sou todo mundo. A coroa era incrustada em diamantes e havia pertencido à minha tataravó, então de acordo com ela que eu escolhi meu vestido. Eu usava um vestido dourado, rosado, estilo baile de Princesa - outro clichê - corselet tomara que caia

trabalhado e busto com decote de coração. Contrariando uma boa parte de mim mesma, estou usando um vestido comportado. Mas não vou dizer que não gostei, porque modéstia à parte, realmente achei que ele ficou lindo em mim. E pelo olhar que meu pai está me dando, ele com certeza também achou.

— Você está linda, filha — disse, emocionado.

— Obrigada, Pai — respondi, sorrindo para ele.

— Bem, essa noite é muito importante para todos nós, você sabe. — Limpou a garganta. — Na verdade toda a família esperou por esse momento. Meu irmão, Andrew, te deu essa joia assim que você nasceu. Ele queria que você a usasse somente na sua cerimônia de coroação. Ele teria vindo entregar a você se pudesse.

Tio Andrew era irmão de meu pai, filho da segunda esposa do Vovô Rubert, a Rainha Lavínia. Quando meu avô casou-se com ela, meu pai tinha cinco anos de idade e, como sua mãe havia morrido no parto, ele considerava-a sua mãe. Meu avô ficou completamente arrasado com o falecimento precoce da minha avó com câncer. Ele estava em um estado tão depressivo que acabou renunciando ao

trono para que meu pai assumisse, e praticamente definhou até a morte. Meu tio faleceu alguns anos depois, devido a um acidente de carro aos dezessete anos. Ele era tão lindo. Infelizmente foi embora tão novo, deixando uma noiva, eu não a conheci. Mas meu pai era realmente apaixonado pelo seu irmão, dizia que era seu melhor amigo e ainda carrega muita dor pela sua morte inesperada, apesar de muitos anos terem passado.

— Nossa, pai! É lindo! — Olho a peça e realmente a acho deslumbrante. É um conjunto em ouro, com uma correntinha, com um mínimo e singelo brasão da família Campavia, detalhado com diamantes e um brinco com ponto de luz, com dois diamantes perfeitos.

— Sim, ele tinha bom gosto. Acho que ele de alguma forma sabia que você iria gostar. Ele dizia e demonstrava todos os dias que te amava, mas você era um bebê e ele pediu em seu leito de morte para que você não se esquecesse disso — disse, com a voz embargada e eu tive que limpar rapidamente a lágrima que caiu pelo meu rosto.

— Vou usar com prazer. Eu obviamente não me lembro

dele, mas às vezes parece que consigo sentir o quanto ele me amava de tanto que vocês falam sobre ele — afirmei e meu pai engoliu em seco, assentindo. — Você pode colocar para mim? — pedi, afastando um pouco meu cabelo, para que ele colocasse o colar em mim.

— Claro, filha! — meu pai disse e rapidamente colocou-o em meu pescoço. Em seguida beijou minha testa com ternura. — Estou orgulhoso de você, Princesa. Toda a família está. Você pode ainda não ter sentido, mas aí dentro de você. — Apontou para o meu coração. — Há uma Princesa valente, esperando para mostrar isso ao mundo. — afirmou, sorrindo.

— Como você pode ter tanta certeza, Pai? — perguntei, emocionada com suas palavras.

— Sei que você tem dúvidas, mas é normal. Eu também fiquei assim no meu baile de coroação oficial. Mas não se esqueça, está no seu sangue. Você é uma Bellini di Montalcino. Não tem como ser diferente. — Sorriu, um sorriso encorajador.

— Obrigada — murmurei, tocada pelas palavras e ele voltou a sorrir.

— Você está pronta? Já sabe tudo o que tem que fazer?

— perguntou.

— Sempre — sussurrei, me lembrando de quando eu era criança e ele me perguntava se eu estava pronta para ouvir uma história e dormir.



Eu estava suando. Arrependi-me de não ter bebido pelo menos umas doses fortes de álcool. A vontade de fugir agora me pareceu tão certa. Mas agora, por mais que eu quisesse, seria impossível, pois estava atrás da porta que levava às escadas para o grande salão de festas do castelo, esperando ser anunciada. Sem contar que tinham dois seguranças. Eu precisaria de no mínimo um litro de tranquilizantes para apagar esses dois armários, que eu carinhosamente chamava de *Timão e Pumba*, pois aonde eu ia, agora eles iam atrás em silêncio. Dava-me uma vontade louca de cantar *Hakuna Matata*, mas acho que eles não iriam me acompanhar e não teria graça. Quando eu já estava pensando em ir mandar alguém buscar algo bem alcoólico para que eu bebesse, o trompete finalmente

tocou e uma voz grave falou:

— E com vocês, vossa alteza Real, a Princesa Stephanie.

As portas finalmente se abriram. E eu engoli em seco antes de me ver obrigada a andar, apesar da tentação de ficar lá dentro, no anonimato. Então eu finalmente cheguei à sacada da escada e olhei com visão privilegiada para o extenso salão de festas que me esperava. Não me perguntem como eu o achei, mas o silêncio das pessoas que finalmente olhavam a Princesa Herdeira, era sobreposto ao olhar quente de admiração, carinho e algo mais que eu via em Théo. E foi nele, ali lindo, parecendo um verdadeiro Príncipe, vestido de smoking preto no meio da multidão, que eu me foquei, para tentar disfarçar todo o meu nervosismo. Olhar seu rosto e sorrisos perfeitos, seus lindos olhos azuis, era de certa forma uma maneira de me acalmar. Eu deveria estar pirando nesse momento, por medo do que essa festa representa, mas inexplicavelmente não estou. O que há em Théo, que me passa tanta segurança e certeza de que ter ele perto de mim novamente é como se eu realmente tivesse encontrado meu lugar em

casa?

Desci as escadas lentamente, tanto para fazer charme, quanto para ir com calma com o sapato, pois tinha tirado a bota exclusivamente para hoje, mas também morrendo de medo de tropeçar. As poucas câmeras que ali existiam – os celulares e câmeras foram confiscados e apenas fotógrafos autorizados tinham essa permissão -, pipocavam seus flashes quase me cegando, mas eu me mantive firme. Então finalmente segurei a mão estendida que meu pai me oferecia no pé da escada. Ao som do hino Campaviano andamos juntos até o trono, e nos sentamos quando a música finalmente terminou. O trono do Rei, obviamente maior e mais majestoso, e o meu ao seu lado, decorados com veludo vermelho, trabalhados em ouro. Como era a tradição, o Bispo do nosso país se encaminhou ao público e começou a cerimônia de coroação. O cronograma dizia que eu teria de fazer o juramento da coroa, e após a coroação haveria o momento pai e filha, onde eu teria a primeira dança com meu pai, onde ele me apresentava à sociedade. Logo depois iniciava a baboseira de dançar com todos os nobres

solteiros da Campavia, como se isso fosse ajudar a que eu escolhesse o meu “futuro marido”. Ridículo, eu sei. Quando eu for Rainha, vai ser uma lei que eu vou propor para ser extinta. Enfim, após haverá o jantar e vamos finalmente começar a festa.

Se você me perguntar agora sobre o que o Bispo está falando te direi com todo carinho e sinceridade do mundo: *Não faço a mínima ideia o que esse Porra tanto fala!* Na verdade, não tenho a mínima vontade de realmente ouvir. Mas como não posso dar mancada, tenho que pagar de boa moça e fazer cara de paisagem, como se eu estivesse concordando com tudo que ele está dizendo. Só espero que eu não esteja concordando inconscientemente com sexo só após o casamento. Não quero viver uma vida de sacrilégios. Voltei meu olhar rapidamente pela plateia e logo o encontrei. Théo sorriu e piscou para mim. O que na situação crepitante que eu me encontrava, alagou minha calcinha. Não é exagero não. Se a noite em que eu e Théo quase transamos foi frustrante quando Lourdes chegou trêbada, eu deveria ter previsto que os dias posteriores seriam ainda mais frustrantes. Como dizia Théo: *Eram*

uns empata fodas do caralho! Juro por Deus que eu estava para explodir. Era muito tesão acumulado pelo meu *Ogrinho* para eu conseguir administrar. Imagine ele? Coitado! Chegava a dar pena. Mas enfim, isso estava prestes a acabar. Essa noite, melhor dizendo.

Meu coração batia disparado, pois o Bispo estava se encaminhando até mim e isso significava que estava chegando a minha hora. Olhei para meu pai, que me deu mais um sorriso encorajador, e respirei fundo, me preparando para o que eu tinha que falar. O bispo perguntou para que eu respondesse em voz alta:

— Promete e jura solenemente governar o país e povo da Campavia, de acordo com suas respectivas leis e costumes?

— Eu, Stephanie, herdeira do trono campaviano, perante a Deus, ao Rei e a população Campaviana, solenemente prometo fazer isso. Cuidarei do meu povo como quem cuida e ama um filho. Colocando sempre todas as suas necessidades em primeiro lugar. Até o último dia da minha vida — prometi, como me foi ensinado.

— Você vai usar seu poder para trazer a Lei e a Justiça, na Misericórdia, em todos os seus julgamentos?

— Sim. Eu vou — voltei a jurar.

Depois disso, fui ungida com óleo cheirosinho, coroada, e investida com o manto real, antes de receber uma salva de palmas das pessoas que ali se encontravam.

— Com a benção de Deus, dada com a autoridade a mim investida, que eu vos apresento, oficialmente, Stephanie Alessandra Valentino Lorenzon Bellini di Montalcino, Princesa da Campavia — proclamou e logo a multidão se abaixou, me reverenciando.

A tradicional dança “pai e filha” começou e foi impossível não sorrir pelo tamanho do sorriso que meu pai ostentava em seu rosto. Era contagiante a alegria que ele emanava nesse momento. Eu não sabia o que era, mas algo mudou em mim no momento em que fui proclamada oficialmente Princesa. E eu sabia, lá no fundo, que ser Princesa era a coisa certa a fazer. Por meu pai. Por mim. Porque convenhamos que não é à toa que se nasce com um título desses, né? Eu poderia não ser o exemplo de pessoa, na verdade eu não era exemplo para nada, mas eu

queria fazer melhor. Queria ser digna da coroa que eu agora realmente carregava. Prometo a mim mesma mais uma coisa: Vou ficar para história da Campavia, ou não me chamo mais Stephanie di Montalcino, Princesa da Campavia. Aguardem-me, porque minha história acabou de começar.



Eu ainda dançava com meu pai, quando algo me chamou atenção e não foi Théo dessa vez: Lou. Ela estava linda em um tomara que caia vermelho de seda, que acentuava seu corpo. Mas não era só isso, ela estava mega sorridente e de braços dados com ninguém menos do que Victor, que estava elegantemente vestido. *O que meus dois empatas fodas estavam fazendo juntos e na maior interação?* Victor cochichou algo no seu ouvido e ela riu. Os dois se olharam com carinho e...

Putá merda! Eles se beijaram? Danada!

Mesmo que eu tivesse chocada com a novidade, comecei a rir. Estava feliz que minha amiga tivesse saído da fossa e partido para outra. Como eu disse antes: nada

como uma dose de álcool, um homem gostoso e um bom orgasmo para nos curar de um coração partido. Garanto que é melhor que chocolate.

— O que você está rindo, filha? — meu pai, perguntou ao mesmo tempo em que me rodopiava suavemente.

— Lou. — Apontei o local que ela estava com o queixo e meu pai franziu o cenho quando a avistou. Nesse momento Victor colocava uma mecha do seu cabelo atrás da orelha e ela sorria radiante para ele. — Finalmente saiu da fossa e no maior estilo — comentei, feliz.

— Quem é esse? — meu pai perguntou, rudemente.

— Victor Carvalho. Sei que você se preocupa, pai, mas não precisa. Victor é dono daquele restaurante brasileiro — comentei e meu pai fechou a cara.

— Não sei se gosto dele — comentou.

— Relaxa, pai! Quem tem que gostar é Lourdes e não o senhor! Pelo visto quem você deveria se preocupar, Lou resolveu deixar para lá. Victor é amigo de Théo. Então Lou está em boas e maravilhosas mãos, devo ressaltar — comentei rindo e meu pai ficou tenso.

— Quem eu deveria me preocupar? — meu pai

perguntou, depois de um tempo.

— Um idiota por quem ela era apaixonada — disse.

— E o que você sabe sobre esse “idiota”? — perguntou, quando voltou a me rodopiar.

— Que o canalha simplesmente dormiu com ela e a deixou. — Meu pai quase perdeu o passo da dança, certamente preocupado com Lou, que era como uma filha para ele. — Mas como eu disse, não precisa se preocupar mais. Como vimos, Lou está em outra e provavelmente muito melhor do que o *Frustreco* idiota. Tomara que ela esfregue Victor, gostoso desse jeito, na cara dele. Ia ser bem feito. — Desejei em voz alta e meu pai arregalou os olhos.

— Steph! — repreendeu-me, irritado.

A música finalmente terminou e eu dei graças a Deus, porque o humor de meu pai estava horrível. Como pode ter ido de “feliz como pinto no lixo” para esse mau humor do caralho eu não sei. Será que aconteceu mais alguma coisa além da sua preocupação com Lou? Ignorei, quando a cerimonialista me ajudou a retirar o manto real para que eu pudesse seguir o cronograma da festa. E chegou o

momento que eu menos esperava: a dança dos solteiros nobres campavianos! Ela me explicou que eu dançaria com doze – sim, doze potenciais candidatos a ocupar o trono ao meu lado. Minha resposta para ela foi:

— Se eles são candidatos a serem meu marido, preciso testar um por um. Não posso me casar no escuro, sem ter certeza de que estou escolhendo o homem certo para passar o resto da minha vida. Não quero precisar pular a cerca — afirmei, séria.

Meu pai me repreendeu suavemente e claro que ela me olhou chocada, embasbacada e todos os “Ada” possíveis. Adoro deixar as pessoas sem fala. Quando ela finalmente acordou, segurei na mão de meu pai e andamos juntos até os doze em que eu dançaria, que estavam organizados em forma de meia lua. Ri baxinho quando vi Igor e Théo ali entre eles. Théo estava com os braços cruzados sobre o peito e olhava para cada um dos dez com cara de pouco amigos, enquanto Igor parecia se divertir com sua reação. Igor também estava lindo em um smoking, mas diferentemente dos demais, ele carregava um broche com um brasão no peito. A cerimonialista me explicou que a

dança ocorria em ordem hierárquica, ou seja, primeiro os que detêm títulos da monarquia e posteriormente por ordem alfabética dos sobrenomes, começando pelo filho mais velho para o mais novo de cada família.

— Princesa, respeitando a ordem de títulos, a senhorita dançará primeiramente com o Barão de Niápoli — me informou, lendo sua prancheta.

Qual a minha surpresa quando eu vi o sorriso brilhante e lindo do Dr. Delícia? Segurei-me para não rir quando ele chegou até a mim e meu pai, nos reverenciou e disse:

— Vossa Majestade, você me daria à permissão para que eu pudesse ter a honra de dançar com a Princesa Stephanie? — perguntou galanteador.

— Permissão concedida, Barão de Niápoli — meu pai disse, em tom sério.

Peguei a mão de Igor e fomos andando até o centro do salão, ele me reverenciou mais uma vez, antes de retomar minha mão e começarmos a dançar.

— Então... Barão de Niápoli, hein? — perguntei, tentando não rir.

— Pois é. Você sabe, a gente pode querer sair da

monarquia, mas a monarquia não sai da gente. Esse é o problema de ter sangue azul — disse desgostoso e eu revirei os olhos.

— É verdade. Não podemos fugir do que nos é delegado — murmurei.

Jesus! Estou falando igual a Théo! A convivência é foda!

Eu e Igor cochichávamos o tempo todo sobre as pessoas mais estranhas da festa e eu me segurava para não gargalhar. Igor era realmente uma figura. Quem o olhava assim, lindo e delicioso desse jeito, jamais diria que ele era um nobre, melhor dizendo, que ele era o Barão de Niápoli.

— Xiiiiiii! — chiou, me fazendo olhar para ele.

— O que foi? — perguntei.

— Acho que teremos um homicídio em massa esta noite, ao começar por mim — ele cochichou ao meu ouvido e começou a rir.

Olhei para onde ele agora olhava, e a cara de poucos amigos de Théo há poucos minutos havia se transformado em uma carranca. Ele estava praticamente espumando de

raiva e eu adorei saber que ele estava com ciúmes. Mas parte de mim também se sentia mal por saber que ele estava se sentindo dessa forma. Estou em conflito aqui, ok? Não me pergunte porque, porque nem eu sei se quero saber.

— Se não acontecer um homicídio, certamente ele terá um ataque do coração. Olha a cara dele — Igor continuou, alheio ao meu conflito interior.

A música finalmente finalizou e Igor beijou minha mão antes de se retirar. O mesmo processo de dança aconteceu com mais dois rapazes. Um era um pouco gordinho e careca precoce, já aos vinte e dois anos. O outro era magro e tinha um bafo horrível de alho. Não vou nem dizer o quanto fiquei satisfeita ao ver um rapaz tomar o lugar do *Sr. Alho*. Ele era moreno, olhos azuis e muito, mas muito bonito. Algo nele me era familiar, mas eu não sabia o quê.

— Princesa — reverenciou-me. — Taddeo Caravaggio, você me daria à honra dessa dança? — perguntou e eu olhei chocada para ele.

Oh Deus! Que DNA maravilhoso esse dos

Caravaggio's, hein? Deus benza!

Sorri. E estendi a mão para que começássemos a dançar. Se com Igor, Théo estava com uma cara horrível, ao me ver dançando com seu irmão sua cara estava um milhão de vezes pior. Por que mesmo, hein?

— Então, Princesa. Como está sendo seu retorno para Campavia? Meu querido irmão não está torturando-a com sua presença constante? — perguntou, com um sorriso malicioso.

— Bom. Théo é um pouco maçante às vezes, mas temos nos dado bem na medida do possível — respondi, simplesmente.

— Sabe... Se você quiser, podemos nos divertir. Você se surpreenderia sobre o quanto posso ser melhor que Théo. Garanto que você não irá se arrepender — sussurrou em meu ouvido e eu franzi o cenho.

Meu Deus! Que cara ridículo!

Rapidamente me lembrei de conversas minhas do passado com Théo. Engraçado como depois que eu voltei para Campavia recordei tantas coisas que há tempos eu não me lembrava. Lembro-me perfeitamente de Théo

confidenciando que ele e seu irmão não se davam bem. Pelo tom sugestivo de Taddeo, não preciso ser muito inteligente para saber que essa disputa e discórdia entre eles ainda prevalece.

— Desculpe, Taddeo, mas não estou interessada — respondi, tentando sorrir simpaticamente.

— Não precisa ficar tímida, Princesa. Posso te mostrar quem é o Caravaggio mais gostoso — disse, passando o dedão em meus lábios.

Veja bem, já se sabe que eu não sou santa – nem um pouco. Taddeo é realmente um cara lindo e gostoso, devo ressaltar, mas sabe quando lá embaixo nem vibra? Muito pelo contrário. Tenho asco de pessoas nojentas e prepotentes assim. Que se acham o dono do mundo, que podem jogar com quem e como puderem. Que acham que podem tudo, que todas o querem. Desculpe, mas quem tem o direito de se achar tudo isso aqui sou eu.

Sinceramente? Achei ele um blah... Tipo, desce do pedestal meu filho... A Princesa aqui sou eu!

— Sabe, Taddeo. Eu até te achei interessante, mas antes você não tivesse aberto essa sua boca. Pode tirar

seu cavalinho da chuva, meu bem. Estou interessada em outro Caravaggio e ali eu tenho certeza que vou me acabar naquele corpinho delicioso e não vou me arrepender. Um conselho de amiga, na próxima vez que você for tentar dar em cima de uma mulher com quem seu irmão está, eu sugiro que seja mais como ele, e muito, mas muito menos você. Dá nojo — afirmei.

Sorri para expressão abismada que Taddeo fez, ele certamente esperava que eu fosse idiota ou algo do tipo. *Sinto muito para ele! Engula essa, “cunhadinho”!* Graças a Deus a música terminou. Me afastei dele, que rapidamente saiu, dando lugar a outro “pretendente”. Estranhei não ser Théo, pois de acordo com o que a cerimonialista me explicou, ele deveria ser o próximo. O décimo primeiro solteiro se afastou e finalmente Théo se aproximou com aquele seu sorriso molha-calcinha. As câmeras, que até então eu tinha esquecido, começaram a pipocar flashes sobre nós, e eu me lembrei que agora que todos sabem quem era a “loira misteriosa” das fotos, provavelmente agora estavam ansiando para ver o “casal” juntos. Ele me reverenciou como todos e eu achei graça,

mas sabia que tínhamos que cumprir com o protocolo.

Théo segurou minha mão, e lá estava aquela atração louca entre nós. Nunca em toda a minha vida alguém teve esse tipo de efeito sobre mim antes. Olha que eu tenho mais do que muitos para comparar. Sabe quando suas amigas falam sobre aquelas clichês borboletas no estômago? Sempre achei isso meio sem noção. Para mim tesão e atração eram o que importavam e pronto. Mas com Théo, além disso tudo, eu sentia mais do que as borboletas, eu tinha a sensação que uma manada de elefantes passavam dentro de mim. No ritmo da música, Théo me conduz de um lado para o outro. Sua mão desliza pela minha cintura e a pressão suave que exerce sobre minha pele desperta meu corpo para balançar a tempo com a seu. Dançamos em silêncio, apenas olhando um nos olhos do outro, como se fosse impossível desviar o olhar. Ignorei tudo e todos ao nosso redor. A impressão que eu tenho é que somos apenas nós dois, e estamos deslizando ao longo do salão ao som da música.

— Tive que pagar a sua cerimonialista para ser o último a dançar com você, pois não queria ter de dividi-la

com mais ninguém depois disso. A propósito, você está linda— Théo murmurou.

Eu sorrio, pois inesperadamente me sinto sem palavras. Eu deveria dar uma resposta engraçadinha como a que estou acostumada a dar, e não sei porque não consigo fazê-la. Ele me olha fixamente como se estivesse lendo o que estou pensando e meu coração bate fora de forma, descompassado. Eu quero desesperadamente beijá-lo, mas sei que não podemos fazer isso aqui. Além de ser contra a etiqueta, obviamente daria mais munição para os jornalistas acharem que realmente somos um casal. De alguma maneira, Théo está conseguindo mexer comigo muito mais do que eu esperava e eu não sei o que fazer quanto a isso.



Depois de finalmente terminarmos de dançar, eu dei um jeito de fugir rapidamente de Théo. Sério. Acho que não estou em meu juízo perfeito. Logo tratei de chamar Lourdes – que estava meio enroscada em Victor – para que ela pudesse me ajudar com o “zíper”, que não existia

no meu vestido. Nós fomos para uma sala que foi preparada para mim e logo tratei de repassar meu batom, para tentar recobrar o juízo e me lembrar de tudo que eu pretendia fazer hoje.

— Então... Você e Victor, hein? Como isso aconteceu mesmo? E porque você não me contou? — perguntei, depois de um tempo, não aguentando mais em mim.

— É... — começou nervosa. — Eu fui até seu restaurante me desculpar pela cena lamentável que fiz. Eu tinha que me desculpar, por ter me oferecido para ele daquele jeito, e ainda por cima ter dito que ele era gay, só porque não quis transar comigo. Então, acabamos nos entendendo — comentou, envergonhada.

— Isso mesmo, garota! Victor é um pão! Você precisa experimentar de toda aquela Picanha Brasileira! — comentei, balançando as sobrancelhas sugestivamente e Lou corou, rindo.

— Victor é um bom cara. Temos nos divertido muito esses dias. Mas vou com calma dessa vez — disse e eu senti um pouco de tristeza na sua voz.

— Você está realmente bem? — perguntei, preocupada.

— Vou ficar. Como você disse: Nada que uma bebedeira, um gato quente e um orgasmo não cure — murmurou e eu sorri.

— Muito bem, garota! Bola pra frente. O frustrco já era! Pelo visto a bebedeira rendeu bons frutos. Ou melhor, carne de primeira — eu brinco e nós duas começamos a rir.

— Pois é — comentou, corando um pouco.

Quando finalmente estávamos saindo da sala, Lou fez uma careta e eu olhei para onde ela olhava. Uma mulher ruiva, com uns trinta e poucos anos, vestida elegantemente vinha sorrindo em nossa direção. Sabe aquele sorriso falso cheio de dentes? Pois é, é exatamente esse. Aquele sorriso que não deixa dúvidas sobre a pessoa. Eu também não sei se gosto da forma pela qual ela me olha. Facilmente gritava: “*Eiii. Eu sou uma Bitch!*”

— Olá. Meu nome é Lauren. Uma honra finalmente conhecê-la, Princesa — me reverenciou.

— Hm. Prazer, Lauren. Espero que esteja gostando da festa — falei, educadamente.

— Claro que sim! Está maravilhosa. — Ela sorriu e

virou-se para Lou. — Você poderia me servir uma taça de champanhe, por favor? — pediu.

Ela pediu... O que?

— Você está pedindo champanhe à Lourdes? — perguntei, tentando entender o que ela queria dizer.

— Sim, querida. Ela e a mãe são as empregadas, serviçais da família real, não? Só acho que elas deveriam estar usando um uniforme, não pega bem que elas sejam confundidas com os convidados — disse, simplesmente.

Olhei para Lourdes, que estava incrédula e branca feito um papel. Por um momento fiquei sem reação, porque jamais imaginaria que alguém falaria algo do tipo. Mas foi só um minuto mesmo. Não sou tão lerda assim.

— Então, como você será minha futura enteada, achei que não haveria problema pedi-la — continuou, sorrindo ainda mais.

Nem fodendo! Quem essa vadia pensa que é?

— Desculpe? O que você disse? — perguntei, sem acreditar.

— Oh! Querida! Eu e seu pai, digamos que estamos... namorando. — Seu sorriso só cresceu e eu juro que vi

uma língua de cobra na sua boca.

Deus me livre dessa víbora!

— Pode desfazer essa sua cara de boazinha, Lauren, porque comigo não cola. Em primeiro lugar, se você realmente fosse namorada de meu pai, saberia que Lourdes não apenas trabalha como assessora da família Real, ela também faz parte da família. Em segundo lugar, felizmente a vaga para minha madrasta já foi extinta, não tenho mais idade para ter madrasta má e eu definitivamente não faço o papel da Princesa coitadinha. Acho bom você procurar outro idiota para tentar dar o golpe do baú, querida. — Apontei minha coroa para ela. — Está vendo aqui? Esse será o mais perto que você chegará da coroa. Você já é bem vivida, tem o que? Cinquenta? — perguntei, provocativamente. — Deveria saber que homens importantes como meu pai só usam e se aliviam em pessoas do seu tipo. Meu pai não escolheria você como Rainha, nem por cima do meu cadáver. Você pode se servir ali. — Mostrei o local onde os garçons enchiam as taças de champanhe. — Só faça o favor de quando for se servir, não chegue muito perto da garrafa

com suas presas, não quero que nenhum convidado morra envenenado — disse e saí puxando Lourdes, deixando-a chocada.

É, Stephanne. Já vi que hoje é dia de você mostrar que não é uma Princesa Idiota! E eu ainda não tomei nem uma dose de álcool para abrir essa festa. Não quero nem pensar.



Quando volto ao salão de festas, vejo uma cena que me faz parar. Théo dançando com uma mulher que usa um elegante e sexy vestido preto, com detalhes florais. E eu a reconheço. É *alambisgóia ruiva* que eu vi com ele na noite do *Body Shot*!

— Quem é a lambisgóia ruiva? — perguntei, para Lou ao meu lado.

— Hm. Eva Carrara. Prima de Igor por parte de pai e sobrinha de Lauren, por parte de mãe. — Pausou e eu olhei para ela, incentivando-a que continuasse. — Ex-namorada de Théo. Mas segundo soube, eles tinham voltado a se encontrarem antes de você voltar para

Campavia — informou receosa, e eu assenti.

Essa família das ruivas dos infernos vieram para me atazanar e perder meu precioso controle hoje. Só pode!

Fiquei puta da vida com o que eu estava sentindo. Definitivamente, a partir de hoje, odeio ruivas! Minha vontade mesmo era de ir até lá puxá-la pelos cabelos, arrancando um a um esses fios ruivos irritantes. Em vez disso, deixei Lou lá parada sem entender o que eu iria fazer. Fui até o banheiro e levantei minha saia, deslizando minha calcinha para baixo das minhas pernas. Dobrei a lingerie e olhei para mim mesma no reflexo do espelho. Ali não existia só a Princesa Stephanie. Ali, diante de mim, existia a perigosa e maravilhosa Stephanie que eu sempre fui. Olhei-me no espelho e disse:

— Está na hora do show, *baby* — murmurei antes de me mandar um beijo.

Capítulo 17

Théo

A vida sempre nos surpreende da maneira que a gente menos espera. E a minha surpresa chegou de uma forma ainda mais inusitada possível. Mais precisamente em forma de uma linda Princesa, que de Princesa Disney não tem nada. Stephanie não retornou à minha vida chegando de mansinho. Muito pelo contrário. Ela chegou dominando tudo, me levando à loucura, em todos os sentidos. Acho que era isso que me deixava cada vez mais apaixonado por Steph. Ela não tinha papas na língua, me desafiava e me tirava da minha zona de conforto. Era só eu pensar nela – que ultimamente tem sido tipo, sempre – que eu dava Adeus à minha *Comfort Zone*!

Eu estava tão acostumado com tudo milimetricamente calculado e programado em minha vida, que quando Stephanie voltou, bagunçando não apenas minha cabeça, mas tudo que passava pela sua frente, foi me deixando

cada vez mais louco por ela. Com isso eu finalmente pude perceber que eu precisava de um furacão em minha vida, para me tirar completamente do eixo. Mas esse tornado de batom era mais arisco do que tudo que já conheci. Aquele velho clichê “os opostos de atraem”, que até então eu acreditava que não passava de uma Lei da Física, não pode ser mais certo. Hoje posso afirmar que acredito veementemente nele e assino embaixo a *Lei de Coloumb*. Cara mais do que sábio. Com certeza deveria ter uma Stephanie na sua vida para pode chegar a uma conclusão tão certa e importante. Somos solidários uns com os outros.

Enquanto eu e Stephanie dançávamos, eu podia sentir que compartilhamos alguma coisa. Não foi apenas um momento. Eu vi isso em seus olhos. Algo real. Tão real, que eu senti que ela ficou balançada e se manteve calada, sem as costumeiras respostas sarcásticas ou indiretas, mais do que diretas, que ela fazia questão de manter na ponta da língua. Quando a música acabou, ela praticamente correu, sem esperar que eu dissesse mais alguma coisa, como se realmente tivesse fugindo de mim.

O que foi isso mesmo?

Olhei para o lado e vi Victor e Lourdes na maior intimidade. Trocando beijos leves e palavras sussurradas ao pé de ouvido. *Hm... Isso vai ser interessante!* Quando estou prestes a ir atrás dela, Eva me intercepta.

— Podemos dançar?

Deixo Steph ir, mas só porque eu me lembro do quão persistente e irritante Eva pode ser. Mesmo que eu não queira fazer isso, sei que ela vai me seguir até que ela complete sua missão e eu não estou nenhum pouco a fim de ter minha noite arruinada por causa dela. Enquanto dançamos, fico em silêncio, não estou para papo com ela. A minha vontade mesmo é de ir até Stephanne.

— O quê? — perguntei, quando ela voltou a me chamar e eu notei que ela deve ter dito algo que eu não ouvi.

— Você não tem que ser arrogante. Poderia pelo menos fingir e ser educado, me dando atenção quando está dançando comigo — ela repreende.

— Eu não sou arrogante. Só não estou a fim de dançar e muito menos perder meu tempo tendo uma conversa sobre algo que não tenho certeza de que quero ouvir —

respondi, doido para sair dali.

— Então... — começou, e eu sabia o que ela ia perguntar. — Eu vi a foto de vocês no jornal. Agora devo confirmar minhas suspeitas de que realmente existia uma mulher, e de que agora você não me atende e nem responde minhas mensagens, e essa mulher se chama Princesa Stephanie? — perguntou, insatisfeita, e eu revirei os olhos.

— Como eu disse anteriormente para você, Eva, eu não devo satisfação da minha vida para ninguém e nem para você. Estando ou não com Steph, não tenho obrigação de lhe atender. Só falo com quem eu quero. O que você deveria se tocar, porque está mais do que claro o meu recado e o que eu não quero — digo, e a deixo na pista de dança, querendo me ver livre dela.

Mas claro que eu não teria tanta sorte, porque assim que pego um dose de uísque do garçom que está passando, Eva me alcança. Solto um suspiro, tentando manter a calma para ter que aguentar a ladainha de Eva agora.

Santa paciência!

— Nossa, Théo! Não precisa ser grosso! — diz

ofendida.

Pode me chamar de idiota, arrogante, grosso, o que for. Eu sinceramente me arrependi de voltar a ir para cama com Eva. Ela era realmente gostosa. Mas nada nunca valia a pena o desgaste. Meu instinto me dizia que ela me traria problemas, mas *Alexandre* não dispensava nada antes. *Irônico, não? Pois agora pelo visto meu pau tem um tipo de “seleção natural”*. Sua voz magoada quase me faz arrepender-me da forma como falei com ela, mas se eu ceder mais uma vez e não cortá-la logo Eva vai continuar me enchendo. Não tenho paciência para isso. E tenho certeza de que Steph muito menos.

— Estou sendo grosso, mas você me conhece há anos, Eva. O suficiente para saber que não gosto de repetir a mesma coisa duas vezes. Tenho certeza de que você não é tão burra — afirmei, sério.

— Poxa, Théo, eu não estou entendendo o porquê dessa frieza comigo. Nós namoramos por tanto tempo. Éramos tão felizes juntos. Você foi meu primeiro em tudo. Nossas famílias são amigas há séculos, ou melhor, desde que a Campavia foi fundada. Não sei por que você trata nosso

relacionamento dessa maneira — disse, com lágrimas nos olhos.

Hã? Ela é louca?

— Relacionamento? — perguntei, sem entender.

— Sim. O que nós temos sempre foi mais do que sexo casual. Você sabe como eu me sinto, Théo. — Uma lágrima caiu em seu rosto e eu suspirei.

Mil vezes merda! Obrigado Alexandre e essa sua falta de seleção na boceta que se metia!

Veja bem, eu tinha uns dezesseis anos quando comecei a namorar com Eva. Hormônios aflorados, essas coisas que todo mundo já sabe. Se você me perguntar se eu era apaixonado por ela, eu te responderia “absolutamente não”. Não que ela não fosse bonita e encantadora, atributos que fariam muitos terem se apaixonado, mas só não aconteceu comigo. Começamos a namorar, porque eu achava que era simplesmente a coisa certa a fazer. Nossas famílias eram amigas. Eu gostava de estar com ela. Apenas isso. Entre outras coisas, era exatamente por esse motivo que achei melhor que terminássemos quando fui para a Inglaterra. Não era justo eu não “retribuir” o amor

que Eva dizia que sentia por mim.

— Desculpe, Eva. Eu não queria ser grosso, mas você está me obrigando a ser. Não importa o que tivemos no passado. Para mim não importa o que você sinta hoje. Nós não somos mais um casal há anos. Não quero mais nada com você. Coloque isso na sua cabeça, Eva— disse, sem desviar os meus olhos dos dela, que agora estavam transbordando, e ela logo tratou de limpar as lágrimas que escorriam.

— Éramos um casal e talvez devêssemos tentar de novo. Você sabe, quando você tiver terminado de brincar de Babá com a Princesa — afirmou, tentando recuperar sua pose arrogante.

— Babá? — A voz de Steph nos surpreendeu e mudamos nosso olhar para ela.

Putá merda! Ela estava irritada! Linda, mas perigosamente irritada!

— Steph... — Comecei, me sentindo na obrigação de explicá-la, e ela sorriu para mim. Um sorriso meio diabólico.

Oh, merda! Isso não era bom!

Seu sorriso causou duas reações completamente distintas em meu corpo: medo e excitação. Medo, porque qualquer pessoa que conhecesse Steph saberia que poderia esperar qualquer coisa vinda dela. O que imediatamente deixa Eva em desvantagem. Não que eu esteja preocupado com isso. E excitação, não preciso nem dizer que *Alexandre* tinha vida própria quando Stephanne estava ao meu lado, né? E fora que esse brilho nos lindos olhos azuis dela, me dizia exatamente que ela vai aprontar. O que eu e *Alexandre* ficamos felizes com a expectativa. Babando ainda mais por ela.

É eu sei. Estou fodido, apaixonado e com um tesão dos infernos! Me julgue por isso.

— Eva, não é? — Steph perguntou, mais afirmando do que perguntando. O que me levava a crer que alguém deveria ter-lhe dito quem era Eva.

— Sim, Vossa Alteza. Muito prazer — Eva a reverenciou, um pouco relutante em fazê-lo, e eu sabia que Steph também reparou, pois ela sorriu ainda mais.

Sim. Lá vem problema!

— Então, Eva. Desculpe-me a indiscrição, mas eu não

pude deixar de ouvir o que você falava com Theodore sobre ele brincar de Babá comigo. Sinto muito desapontá-la, “querida”. — Enfatizou a última palavra, e eu estremeci. — Mas o que fazemos está mais para brincadeira de médico. Tipo ginecologista, sabe? — afirmou, sorrindo.

Putá merda! Eu não disse?

Enquanto Eva estava boquiaberta e visivelmente surpresa sobre o quanto a Princesa era direta, eu tentei segurar a minha vontade de rir, mas eu obviamente não fui muito bem sucedido nesse quesito. Stephanne era louca, mas era uma mulher incrível e eu adorava o fato dela dizer exatamente o que queria, sem se preocupar com o que achariam dela. Fora que, para mim, isso cheirava a ciúmes e eu adorava. A minha vontade mesmo era de agarrá-la. Beijar esses lábios rosados, mas é óbvio que não podemos fazer isso. Não aqui e muito menos na frente de todos. Era errado em vários sentidos. Mas diga isso a *Alexandre* e não a mim, que sou o controle dessa dupla. Já não basta os repórteres estarem em nossa cola, agora que já sabem quem é a Princesa e que ela era a “nobre” que

eles praticamente casaram. Seria um prato cheio para esses urubus.

— Eva, querida, você não se incomoda se eu trocar umas palavras com Théo, não é? Não se preocupe, pode ficar. Não sou tímida — afirmou.

Antes que eu tivesse a oportunidade de registrar o que ela ia fazer, ela colocou um pedaço de pano em minha mão. Eva olhou com os olhos arregalados para minha mão e quando eu senti o tecido de renda em meus dedos, eu entendi o que era. Meu coração galopou em meu peito e minha ereção rapidamente transformou-se a um nível de dor.

Caralho! Ela estava me dando sua calcinha!

Por um momento eu me esqueci de como respirar. Pois saber que sua calcinha estava em minha mão, obviamente comprovava que ela estava nua por baixo de seu lindo vestido.

Provocadora do caralho!

— Guarde com carinho seu convite para o próximo evento que acontecerá mais tarde. Na minha cama — afirmou, com um sorriso malicioso.

Putá que pariu! Deus me ajude!

Olhando em seus lindos olhos inebriados de desejo, tive a certeza de que Stephanie sabia exatamente o que estava fazendo comigo e meu precioso controle, que já tinha sido bem ignorado desde que ela voltou, acabou se desintregando por completo. Isso era tortura. Pura tortura. *Uma tortura do Caralho para se aguentar a noite toda!* Eu esqueci de tudo nesse momento. Então ela piscou para mim e me deu as costas, como se não tivesse dito nada para que meu pau não tivesse vontade de rasgar minha calça. Saiu, me deixando ali, ofegante, desejando ela.

Era uma bandida!



Sim. Eu estava me mantendo distante de todos. “Porque?”, você me pergunta. Eu não podia passar vergonha. Eu simplesmente necessitava de algo para me ajudar com a dolorosa rigidez de *Alexandre*, que nitidamente estava de sacanagem comigo, pois tinha estado duro, desde que Stephanie me entregou sua calcinha preta de renda há mais de três horas. Já tinha

tentado novamente a técnica de olhar fotos dos palhaços, pensar na Vovó Caravaggio de biquíni, meus pais fazendo sexo... Mas nada havia resolvido, não tinha surtido efeito nessa porra de Pau egoísta que só pensava nele e não na minha dor de ficar nessa situação constrangedora. Era óbvio que minha mente – e *Alexandre* – não me respeitavam, porque estavam completamente obcecados pela minha Princesa Safada e sua calcinha, que agora se encontrava no meu bolso. Quanto tempo um homem poderia ficar de pau duro? Uma hora? Duas? Porque eu já ia fazer quatro e nada da minha situação resolver. *Seria cômico se não fosse trágico*. Meu lema de vida com Steph. É. Definitivamente essa noite iria ser longa.



Bang. Bang. Estou me sentindo naqueles filmes de Sylvester Stallone, em que ele sozinho conseguia matar todo o elenco de bandidos do filme. No meu caso, eu estou aqui mentalmente extinguindo sem piedade alguma, toda a população masculina que estava cercando e babando Stephanie durante toda a merda da noite. Pelo

menos isso deu um jeito na minha ereção doentia. Já estava pensando em meter *Alexandre* em um balde de gelo para deixar de ser escroto! Enfim, meus pensamentos estão ficando cada vez mais homicidas e não ajuda em nada cada vez que eu a vejo retribuir o sorriso de um babaca qualquer, enquanto o Rei Edward apresenta orgulhosamente sua filha para os convidados mais influentes, que estão presentes em sua festa essa noite.

É impressão minha ou basicamente todos os convidados são do sexo masculino – e solteiros – nesse caralho?

Sim. Deus deveria ter piedade da minha pessoa. Não está nada fácil para mim. Por esse motivo, depois de dançar com minha doce irmã – apenas porque ela fez o biquinho que me desarma –, já estou na minha quinta dose de uísque e quando eu a vejo sorrir e aparentemente flertar com um dos Príncipes da Inglaterra, eu tento me segurar. Mas quando ele a pega pela mão, eu suplico a Deus que seja apenas porque ela se desequilibrou, porque senão não respondo por mim. E pronto, ele a está levando para o centro do salão. Só de imaginar que ele iria juntar

seu corpo ao dela e pensar que ela estava sem calcinha, meu sangue ferveu.

Ah! Não vai mesmo!

— Theodore Caravaggio. Nem pense em fazer isso! — Igor disse, segurando-me pelo braço, impedindo-me de ir até lá acabar com a cara daquele almofadinha.

— Olha como aquele bastardo está olhando e sorrindo para ela! Ele quer entrar em sua calcinha! Quem ele pensa que é? Você quer mesmo que eu fique vendo esse almofadinha tentar fazer isso? — perguntei, irritado.

— O cara é apenas o Príncipe da Inglaterra. — Sorriu, zombando com a minha cara, antes de continuar. — Se aprume, cara. O que você espera que façam com você depois que você desferir o primeiro golpe? — perguntou, tentando me conter.

— Foda-se ele e sua coroa! Grandes coisas ele ser Príncipe! Sendo que para que ele assuma o trono, o Príncipe Harry, Willian e seu filho George e mais umas mil pessoas tem que morrer para que ele possa se tornar Rei! Babaca! — bufei, me soltando da mão de Igor e pegando mais um copo de uísque do garçom que passava

por nós.

Igor começou a rir com vontade do que eu disse, e eu não entendi o que diabos tinha de tão engraçado. Dei um olhar mortal para ele e mesmo assim o idiota não parou, só que ele pareceu notar algo que o fez franzir o cenho. Acompanhei seu olhar e percebi que agora quem dançava com o Príncipe era Anabella, e o idiota do meu irmão dançava com Stephanie.

Era a porra de um teste para minha sanidade!

Depois dessa tive que me sentar. Igor franziu a testa para mim, pegou a cadeira de frente a minha e sentou.

— Taddeo está “cortejando” a Princesa? — perguntou, cauteloso.

— Não, não se ele não quiser morrer — rosnei.

As sobrancelhas de Igor se levantaram em surpresa.

— Quer dizer que você gosta dela o suficiente para lutar com Taddeo por ela?

Não havia nenhuma razão para negar mais nada disso que Igor dizia. Ele era o meu melhor amigo. Ele me conhecia melhor do que ninguém. Mentir para ele era inútil. Eu não conseguia nem mentir mais para mim,

quanto mais para ele.

— Sim — confessei.

— Oh! Já não era sem tempo! Esse é um momento histórico na história da Campavia. O dia em que Theodore Caravaggio finalmente se rendeu aos encantos da boceta Real — falou, sarcasticamente e começou a rir.

— Vai se foder, Igor! Eu que ainda estou esperando você rastejar de amores por uma mulher. Essa cena eu vou pagar para ver — afirmei, e comecei a rir.

— Rastejar só se for na cama, meu caro amigo. Fora dela, jamais te darei esse gostinho — disse sério, antes de começarmos a rir.

Se me achavam um jogador, era porque não conheciam Igor. Meu melhor amigo era o maior jogador que poderia existir. Ele fazia questão de manter todos — Principalmente as mulheres — longe da sua vida pessoal. Nunca teve uma namorada e se orgulha disso. As pessoas dizem que o que somos hoje é o reflexo do que vimos em casa, acho que esse ditado se encaixa perfeitamente no quesito relacionamento para Igor. Por isso que eu digo que verei de camarote o dia em que ele vai colocar o rabinho entre

as pernas por causa de uma mulher. Será épico.

— Então. É serio isso? Vocês dois? — perguntou, finalmente, e dei de ombros.

— Você já viu como Stephanie é. Mas você também sabe como sou, não desisto tão facilmente do que quero — eu disse, olhando-a agora conversando com seu pai.

Bom. Pelo menos ela dispensou Taddeo.

— É. Já vi — falou rindo. — Eu sei que você está completamente apaixonado, mas como amigo eu queria te lembrar de uma coisa. Além de Stephanie ser uma Princesa, digamos... um pouco ‘peculiar’... — Eu tive que rir pelo seu adjetivo, que se encaixava sobre a definição dela. — Você tem certeza no que está se metendo? Sabe que se sua vida pública, que agora já é tão complicada, só vai piorar ainda mais com esse envolvimento com ela? — me perguntou, aparentemente de forma retórica, porque bateu no meu ombro e logo saiu.

Ele estava certo. Enquanto eu via o salão se esvaziar rapidamente, eu me perguntava: Eu estava preparado para tudo que a vida com Stephanie me reservaria? Eu estava preparado não apenas para uma mulher louca, mimada e

nada fácil como Steph, que além de todas as qualidades e defeitos – que não vou ser hipócrita em dizer que são poucos, porque seria mentira –, ela ainda é uma Princesa. Uma Princesa Herdeira, que em um futuro próximo será Rainha do nosso país. Antes de Stephanie eu não queria um relacionamento. Ter qualquer relacionamento sério com alguém da coroa, ainda mais uma herdeira ao trono, não era um simples conto de fadas. É como eu disse a ela, até seus relacionamentos deveriam estar de acordo com tudo que a coroa representa. Não que eu não seja um bom partido, porque na verdade, com exceção de Igor que ostenta um título nobiliárquico, eu sou o melhor partido da nobreza, tanto pela minha família, quanto pelo meu currículo invejável. Sem falsa modéstia, sou o sonho de genro, aquele que todo pai pediu a Deus. Mas ainda assim namorar Stephanie não queria dizer que tudo seria fácil, né? Ainda mais sendo uma Princesa arisca como Stephanie di Montalcino. Eu tenho certeza de que quero realmente enfrentar todas as consequências que provavelmente passarei para estar ao lado dela?

Como se ela sentisse que estou pensando nela, nossos

olhos se encontraram e ela sorri para mim. A resposta veio quase que instantaneamente. Meu corpo e *Alexandre* gritaram um sonoro “sim!”. Minha cabeça ainda tentava pensar de forma racional, mas acho que meu coração deu um pontapé no meu cérebro, porque ele repentinamente se calou. Então Stephanne me olhou mais fixamente, como se quisesse passar uma mensagem e quando eu a vi se despedindo das poucas pessoas que a rodeavam, eu entendi. Ela estava subindo e me chamando para ir até ela. Cada célula do meu corpo gritava e implorava por ela. Eu a queria. Eu estava pensando nela. Pensando mais e mais no que estava acontecendo entre nós. Precisando ter certeza disso tudo, fui me despedindo das pessoas e do Rei. Disfarçadamente me virei e saí ao seu encontro.

Quando finalmente cheguei à porta do seu quarto, meu coração batia descontrolavelmente. Antes que desse para trás ou que mais um empata foda surgisse nesse momento, bati e rapidamente entrei, sem esperar resposta. Encontrei seu quarto completamente escuro, iluminado fracamente apenas por um abajur em seu criado mudo. Por um momento pensei que eu estivesse me precipitado e ela

ainda não tivesse chegado ali. Claro que eu estava completamente enganado. Principalmente quando meus olhos se surpreenderam com a visão que eu tive diante de mim.

— Tranque a porta — ela pede, e eu, meio atordoado, obedeci e voltei a olhar para ela. — Agora, é só você e eu. Você tem certeza de que está preparado para mim, Theodore?

Putá merda!

Meu cérebro demorou cerca de três segundos para registrar o que estava diante de mim, mas quando o fez, todo o sangue esvaiu-se para meu pau. Um sutiã preto de couro era ligado à tanguinha do mesmo material, por apenas dois fios laterais e ela tinha uma espécie de coleira em seu pescoço ligada à roupa. Steph usava botas até os joelhos, batom vermelho nos lábios carnudos e além do chicote em suas mãos, usava a peruca Chanel preta: Era minha Louca do Body Shot, literalmente louca e deliciosa. E mais do que isso, eu posso não entender dessas baboseiras de BDSM, mas Stephanie estava vestida como uma Dominatrix.

— Você ainda não respondeu, Theodore. Outro dia você me perguntou se eu estava preparada para você. Mas a pergunta é: Você está preparado para mim?

Put a que pariu! Ela quer me matar?

Eu não atrevi me mexer. A verdade é que eu não confiava em mim mesmo. Já se sabe que Stephanne faz com que eu perca todo meu autocontrole. Acho que no estado crepitante em que eu me encontrava, era bem capaz de eu pressioná-la na parede mais próxima e tomá-la antes de chegar até a cama.

— Sente-se na cama, Théo — ordenou. — Agora! — complementou, quando eu não me mexi e mesmo contrariado, eu fiz.

Ela estalou o chicote em cima de sua mão e, com um sorriso perverso, veio andando perigosamente até mim, com seus saltos clicando no chão de seu quarto.

Caralho! Eu a queria tanto que doía!

— Nem fodendo que você vai me bater com essa merda! Também esqueça, pois não vou usar coleira ou me rastejar aos seus pés! — avisei, e ela riu.

Ela tá de sacanagem comigo?

— O que é tão engraçado, Steph? Eu não sou submisso, caralho! — falei irritado, por ela pensar por um segundo que eu me sujeitaria a qualquer merda dessas.

Nada contra, mas essas coisas não são para mim. Ela sorriu ainda mais e seus olhos adquiriram um brilho ainda mais excitante nos olhos.

— Eu também não sou Submissa, Ogro — falou, rodeando-me. — Mas isso não quer dizer que eu não queira que você se submeta as minhas vontades. Eu te avisei que eu sempre consigo o que quero. E eu quero você. E vou ter. Agora — sussurrou em meu ouvido, sua respiração quente se espalhou em volta do meu pescoço e para aumentar a tortura ela mordiscou minha orelha, arrepiando todos os pelos do meu corpo, fazendo-me gemer.

É... Posso gemer nesse caralho!

Seu perfume me envolveu quando ela sentou-se em meu colo e esfregou-se descaradamente em *Alexandre*, que estava a uma linha de rasgar minha calça, pois estava duro como aço. *A verdade é que ele estava suplicante!* Suas mãos acariciaram minha nuca e eu segurei sua cintura e

apertei, encontrando o calor da sua pele macia.

— Antes de continuarmos, quero te fazer uma pergunta. Quem você quer essa noite? Stephanne ou a *Louca do Body Shot*? — perguntou, com a boca próxima a minha.

Oh, doce Jesus! Era a porra de um teste para minha sanidade?

— Você. Eu quero você — sussurrei de volta.

Acho que foi a resposta certa a dar, porque ela sorriu lindamente e se afastou o suficiente para que pudesse tirar a famosa peruca, para logo em seguida levar sua boca para a minha, beijando-me avidamente. Ela tinha um gosto tão bom. Como o pecado. O meu louco e delicioso pecado. Ainda beijando-a com ela ainda em meu colo, levantei-a e coloquei Steph deitada de costas no colchão, cobrindo seu corpo com o meu. Minha mão apertou sua coxa, quando me encaixei entre suas pernas. Quando minha mão estava prestes a deslizar até aonde eu queria, ela disse:

— Não — negou, e eu a olhei sem entender. — Você cuidou de mim na outra noite, garotão. — Continuou, invertendo as posições e me dando pequenos beijos. Ela

dispensou meu terno e começou a desfazer os botões da minha camisa. — Agora sou eu quem vai cuidar de você — sussurrou.

Oh, merda! Prevejo minha morte!

Sento-me para terminar de tirar minha camisa e quando eu faço menção de tirar minha gravata, ela me impede. Ainda sentada em meu colo, Steph puxa-me para um beijo com a gravata e eu entendo que a gravata é mais um motivo para ela me controlar. Suas mãos deslizam pelo meu abdômen e quando chegam em meu pau, ela acaricia-o por cima da calça. Eu engulo em seco. Quando ela desfaz meu cinto e abre o botão da minha calça, puxando-a para baixo, junto com a cueca, eu ofego. Quando *Alexandre* finalmente se vê livre da cueca, ela sorri e lambe os lábios.

— Acho que alguém precisa de cuidados esta noite — ela disse com um sorriso provocativo.

Rosnei quando ela acariciou meu pau com suas pequenas mãozinhas e bombeou-o levemente. Ela abaixou-se e logo outro rosnado grave saiu da minha garganta, quando ela respirou fundo antes de lambe meu

pau de ponta a ponta e em seguida enfiar a cabeça de *Alexandre* naquela boca carnuda. Todo controle sendo perdido no momento em que a umidade da sua boca cobriu meu pau. Entenda uma coisa, todo homem ama um boquete. Quem disser que não gosta, é mentira. Um boquete é um boquete para homem. Simples assim. Sempre é bom para ele, independente de quem e como faça, mas certas pessoas tem o talento de fazer um bom boquete. Steph com certeza tinha um talento nato. Estrela pornô com certeza perdia feio. E se eu não tivesse tão fora de mim nesse momento, eu com certeza ficaria puto ao me perguntar:

Putá que pariu! Aonde diabos ela aprendeu isso?

— Porra, Steph! — grunhi.

Enquanto ela chupava com vigor, sugando-o de maneira perfeita, ela bombeava meu pau na medida certa. A bandida sabia o que estava fazendo. Ela parecia estar saboreando-o por completo com sua língua. E isso por si só já me deixava fora de controle. A visão de seu pau sendo mamado com gosto por ela, era a imagem mais foda que eu poderia ter. Tentando manter meu controle,

enrosquei minhas mãos no cabelo dela, segurando-lhe a cabeça enquanto arremetia na sua boca deliciosa e talentosa. Steph chupava e lambia, girando sua língua na cabeça do meu pau, para em seguida deixar meu pau entrar e sair de sua boca. Já se sabe que *Alexandre* é realmente grande – e grosso -, então eu sabia que ela não aguentaria colocá-lo todo em sua boca. Mas a danada parecia que tinha sido feita para me enlouquecer em todos os sentidos. Enquanto eu apreciava a imagem que eu tinha do meu membro rígido em sua boca, Steph deslizava-o até encostar em sua garganta, me deixando a ponto de enlouquecer. Meu gemido preencheu todo o quarto, misturando com o dela, que parecia tão excitada quanto eu, enquanto chupava-me e brincava com minhas bolas. O resto do meu controle esvaindo-se, eu sabia que estava chegando lá e ela precisava parar.

— Steph... Pare... Eu vou... Oh merda!... Eu... — avisei.

Quem disse que ela me obedeceu? Claro que não. Senão não seria ela. Muito pelo contrário. Ela continuou a me chupar com ainda mais vontade. Ela sugava e

mordiscava a cabeça do meu pau, bombeando-me com precisão. Com um rosnado rouco eu vim em sua boca, preenchendo sua boquinha com meu gozo, enquanto chamava seu nome no orgasmo mais espetacular da minha vida. Steph engoliu tudinho e levantou seu olhar para mim, com um sorriso safado no rosto. Linda. Deliciosa. Para completar a merda, ela ainda limpou a lateral dos lábios com o dedo e chupou-o, parecendo não querer desperdiçar uma gota sequer do que dei a ela, o que fez o quase defunto, *Alexandre*, sacudir para a vida novamente.

Foda! Foda! Acabei de receber o boquete mais fenomenal de todos os tempos!

Puxei-a até mim e beijei sua boca com vontade. Eu fui muito bobo por achar que precisaria de um minuto para me preparar para ela, porque assim que seu corpo encostou-se ao meu, *Alexandre* se mostrou pronto para outra. *Bom menino!* Eu sabia que meu amigo traíra não me decepcionaria quando estivesse com Stephanie. Como eu disse, eu sou um cara experiente, e por mais apetitosa que Stephanie estivesse com essa roupa, eu com certeza preferia ela nua, então mesmo sem parar de beijá-la,

desfiz da sua roupa e da minha gravata. Quando eu rolei, deitando ela na cama, *Alexandre* já estava impaciente querendo conquistar sua *Macedônia*. *Meu Deus! Que trocadilho escroto do caralho!* Ridículo, eu sei, mas foi como meu cérebro ainda lento do orgasmo nomeou essa bocetinha, fazendo o trocadilho com a história de *Alexandre*, o Grande. Mesmo que eu não aguento mais e queira estar dentro dela o quanto antes, eu sei o quanto sou grande – e grosso, desculpe, mas tenho que deixar as coisas bastante claras - e não posso machucá-la, por isso preciso prepará-la para receber *Alexandre* nessa bocetinha deliciosa, que mesmo que eu ainda não tenha enfiado meu pau, já sei o quanto é apertadinha. Minha boca se moveu de seus lábios, para o pescoço dela, seu cheiro funcionando como um afrodisíaco para mim. Fui descendo através de seus seios cheios, durinhos, dando atenção devida a cada um deles, para em seguida descer ainda mais.

Beije e mordi suavemente sua barriga plana e mordisquei cada coxa sua, antes da minha língua atacar seu sexo com vontade. Steph gemeu, se abrindo ainda

mais, como se tivesse me ofertando essa delícia que é sua bocetinha, e eu, claro, aceitei de bom grado. Eu ainda nem havia tocado sua boceta e ela já estava gotejando por mim. Eu agarrei suas nádegas, trazendo-a ainda mais para a minha boca, porque não é o bastante para eu poder me deliciar com seu gosto inebriante. Eu estava viciado em seu gosto. Eu a chupava de uma maneira que faria com que ela lembrasse onde eu estive com minha boca. Ela parecia estar perto e apesar de apreciar fazê-la gozar, não era isso que eu queria hoje.

— Não goze. Eu vou fazer o que quiser com você. Você só vai gozar quando meu pau estiver dentro de você. Se você gozar antes disso, esse será seu último orgasmo da noite. Entendeu? — ameacei ao mesmo tempo em que deslizei um dedo dentro do seu canal.

Steph implora por sua libertação, mas eu não permito. Agarro seus quadris, chupo e empurro meus dedos ainda mais profundamente nela. Ela gemeu novamente. E tenho que dizer seus gemidos eram deliciosos, os melhores sons que já ouvi.

— Minha — eu rosno, raspando meus dentes

delicadamente em sua boceta, para continuar chupando-a com necessidade. — Eu amo te chupar. — Levei o dedo que estava dentro dela até sua boca. — Você tem a bocetinha mais doce e deliciosa que já experimentei. Veja como você é deliciosa — murmurei, enfiando meu dedo em sua boca e ela chupou com avidez, fazendo com que *Alexandre, o Guloso*, sentisse inveja do meu dedo.

Circulei seu clitóris com minha língua, ao mesmo tempo em que eu a fodia com meus dedos. Gemendo, Stephanne apertou meus dedos com sua boceta e agarrou meus cabelos.

— Caralho, Théo! Me coma logo! Porque eu não aguento mais! — pediu, irritada, e eu sorri.

— Você me quer dentro de você? — pergunto, com uma voz rouca que eu não reconheço.

— Sim — murmurou.

— Então peça — eu disse, voltando-lhe a chupar com vontade.

— Não — disse, ofegante.

Eu sorri. Eu sabia que ela não daria o braço a torcer facilmente. Mas eu queria que Steph implorasse para que

eu a fodesse. Eu queria que ela sofresse. Queria que ela me desejasse da mesma maneira desmedida que eu a desejava. Eu queria de alguma maneira me compensar e me vingar de todas as vezes que ela não saía dos meus pensamentos e tinha me deixado na “mão”, literalmente.

— Resposta errada, Princesa. A certa é: Sim. Por favor, me foda! Agora me diga o que você quer, Stephanie? — voltei a perguntar, ao mesmo tempo em que deslizei outro dedo dentro dela, o polegar ainda provocando seu clitóris e ela gemeu roucamente, e eu retrocedi.

— Eu quero que você me coma, porra! — Sua voz era enraivecida e eu coloquei meu corpo sobre o dela.

— Eu já disse. Diga “por favor” — retruquei com um sorriso provocativo, roçando meu pau em sua entrada. Provocando-a, ao mesmo tempo em que voltava a beliscar seu clitóris e com a outra mão provocava o seu mamilo.

— Foda-se! Por favor, Théo. Por favor, me come logo nesse caralho e acabe logo com isso! — finalmente gritou e eu sorri.

— Muito bem, Princesa. Boa menina. Aprenda que

quando você faz as coisas direitinhas eu posso recompensá-la da melhor maneira — eu disse.

Minha boca encontrou a sua com avidez e nossos corpos esfregavam-se com necessidade, como se não pudéssemos mais esperar para que um se conectasse ao outro. E no fundo eu sabia que não podíamos mais esperar. Chega de adiar o inevitável.

— Eu te quis desde o dia que te vi naquela boate. Agora eu vou te comer. Vou acabar com todo esse tesão reprimido desde que nos encontramos. Eu vou te foder com tanta vontade, que você vai desmaiar de prazer. Eu só vou parar de te foder, quando você estiver inconsciente! E quando você acordar, você vai não vai conseguir esquecer que eu estive dentro de você — prometi, e ela gemeu.

Steph parecia com tanta necessidade quanto eu, pois agarrou minha bunda, puxando meus quadris para mais perto dela. Meu pau roçou sua entrada e eu serrei meus dentes, querendo prolongar isso. Ela gemeu e levantou seus quadris, desesperada para que eu a penetrasse. Eu me esforço para manter o controle quando eu começo a penetrá-la, devagar. Lento o suficiente para não machucá-

la e para poder degustar da sensação que é estar dentro dela. Eu fecho os olhos e lentamente fui deslizando ainda mais fundo, e foi impossível não conter o gemido de satisfação ao ouvi-la gemer e sentir meu pau em seu canal molhado e apertado.

Tão quente. Tão malditamente apertada e molhada. Tão bom!

Eu precisava aguentar. Eu tive que me segurar para não gozar, quando eu finalmente estava todo dentro dela e rosnei deliciado com o momento. Eu nunca quis alguém como eu a quero. Eu nunca me senti com alguém como estou me sentindo com ela. Nada do que eu havia fantasiado se comparava a isto. Era a porra da sensação mais perfeita que já senti em toda minha vida. Era como se algo dentro de mim estivesse se fundido a ela.

— Porra de boceta gostosa do caralho! — rosnei, minha voz era áspera com a necessidade e eu abaixei para tomar seus lábios nos meus.

Steph chorou sua aprovação e prendeu seus tornozelos ao redor da minha cintura, juntando nossos movimentos, em um ritmo delicioso. Suas mãos percorriam meu corpo

freneticamente. Suas unhas cravando em minha carne. Arranhando-me. Marcando-me como seu e eu rosnei, adorando isso. Quando eu saí e bati fundo dentro dela, Steph voltou choramingar, e eu gemi, com a sensação de ter meu pau enfiado até nossos limites. Depois de um tempo tentando manter o controle do ritmo para não machucá-la e tentando me controlar para não gozar logo, defini nosso ritmo de uma maneira mais do que perfeita. Forte. Quente. Desesperado. Profundo. Profundamente incrível. Nossos corpos se movendo em perfeita sintonia. Quanto mais profundamente eu ia, mais eu queria dela. E eu queria tudo. Nossos suspiros e nossas respirações se confundindo. Nossos gemidos se misturando. O som dos nossos sexos se batendo. O cheiro das nossas peles misturado com o suor. Tudo levando-nos à loucura. Se eu pudesse, nunca, jamais sairia daqui. Nossos olhares se encontraram. Nossas testas se tocaram. Antes de eu tomar sua boca na minha, em um beijo loucamente apaixonado. Eu queria mais. Sempre mais dela.

— Oh delícia — murmurei em sua boca, movendo-me para frente e para trás.

— Deus, Théo... Não pare! Porra... Eu vou...

E eu não paro. Não posso parar. Não quero. Eu disse a mim mesmo que poderia chegar o Rei, o Papa, qualquer empata foda que fosse, porque nada seria capaz de me fazer parar nesse momento. Segurei suas mãos para cima e aumentei nossos ritmos, precisando de mais. Querendo sempre mais. Então eu a sinto apertando *Alexandre*, quando ela começa a gozar. Estrangulando meu pau dentro dela de uma forma torturantemente deliciosa. O aperto é tão gostoso, que tenho vontade de chorar de prazer. Eu sei que não vou durar muito agora. Estou bem perto. Isso era o que faltava para que eu encontrasse minha libertação. Bebo seus gemidos e continuo em um ritmo implacável, fodendo-a sem dó. Então eu vim com um rosnado animalesco. Derramando-me dentro dela. Gozando como nunca gozei em toda a minha vida. Eu sabia que com Stephanie seria diferente, mas ainda assim consegui me surpreender. Mas se gozar em sua boca tinha sido o meu melhor orgasmo, nada se comparava com esse agora, dentro dela.

Caralho! Era a porra do êxtase perfeito!

— Puta merda! — eu disse, extasiado.

Com o corpo trêmulo da libertação, caio em cima dela, enterrando minha cabeça em seu pescoço, enquanto nós dois recuperávamos nossas respirações e controlávamos nossos batimentos cardíacos acelerados. Depois de um momento, levanto a minha cabeça e olho em seus olhos languidos de satisfação.

— Você está bem? — pergunto, preocupado.

— Sim... — ela responde, com os olhos fechados, ainda ofegante, e eu aceno em concordância.

— Venha. Vamos tomar um banho. Porque eu ainda não terminei com você — avisei ao mesmo tempo em que *Alexandre* dizia que ele já estava voltando para o combate.

Garoto esperto!



E não terminei mesmo. O velho ditado não diz que a noite é uma criança? Então. Aproveitamos como tudo que tínhamos direito. Tomamos banho juntos. Aonde eu fiz questão de cuidar de cada parte do seu corpo delicioso

com devoção e depois de amá-la com minha boca, tomei-a embaixo do chuveiro, contra os azulejos da parede. E não paramos por aí. Tenho que confessar uma coisa: Eu nunca pensei que *Alexandre* tivesse tanta disposição como tinha com Steph, que correspondia do mesmo desejo insano que eu tinha. Acho que Stephanne era meu comprimidinho azul, meu viagra natural. Porque não é possível eu sentir tanto desejo e quanto mais eu satisfazia-o, mais eu queria. Sério. Eu estava insaciável.

Orgulho define Alexandre nesse momento!

Até que quando o dia estava amanhecendo, finalmente cumpri a promessa de fazer com que Steph desmaiasse e caísse em exaustão de tanto esforço e, claro, por todos os orgasmos que tivemos durante toda a madrugada. Eu também estava exausto e sorrindo feito um idiota, eu dormi com minha Princesa em meus braços, com a certeza de que ela me possuía de corpo e alma.



Acordei com a sensação de vazio. O dia já estava claro, mas, pelo clima, provavelmente ainda era muito

cedo. Steph não estava mais deitada em meu peito como estava quando dormiu. Procurei-a na cama e não a encontrei. Sentei-me na cama e me espreguicei. Minha boca estava seca, meus músculos doíam e eu estava exausto. Estava completamente quebrado. Ainda cansado, pois não dormimos muito. Cocei meus olhos e foi quando a vi sentada na poltrona em frente a cama. Foi impossível não sorrir quando meus olhos visualizaram seu rosto. Ela estava com a expressão de quem claramente foi fodida durante toda a noite. Linda.

Esperei um sorriso e não recebi. Levantei minha sobrancelha para ela, que sustentou meu olhar com determinação.

— Steph...

— Você já pode ir — falou, desviando os olhos do meu.

— O quê? — perguntei sem entender, levantando-me da cama, caminhando em sua direção.

— Isso mesmo que você ouviu. Fizemos o que queríamos. Você me fodeu e pronto. Já pode ir agora — disse, sem pestanejar.

— Que diabos você quer...

— É isso que você está entendendo! Não vamos criar um caso com algo que não existe, Theodore. Somos adultos. E convenhamos, nem foi tão bom assim. Para falar a verdade, meu sonho foi muito melhor.

Capítulo 18

Steph

Há duas coisas na vida que, por mais que aconteçam, não podemos lamentar: *o leite derramado e o que já foi falado*. Mas ainda assim, sabe quando você se arrepende até de deixar que um pensamento desse tipo passe pela sua cabeça? Mas antes mesmo que você perceba, já soltou aquela “pérola” absurda, que, no meu caso, nada mais é do que uma enorme mentira e não pode engolir as palavras de volta.

Pois é, quem souber como voltar atrás e engolir as palavras de volta, por favor, me socorra!

Eu não consegui dormir. Mesmo que meu corpo tivesse na completa e total exaustão depois de tudo que fizemos até o dia nascer, minha mente traiçoeira não permitia que meu cérebro se desligasse. Então eu fechei os olhos, fingindo estar dormindo e assim que senti a respiração de Théo mais pesada, eu me afastei e saí da cama para tomar

um banho gelado.

Sabe aquela cena de Titanic em que Rose corre e corre pelos corredores do navio, querendo fugir da sua vida, da sua realidade, de tudo, de todos? É exatamente a vontade que estou nesse exato momento. Passei as horas seguintes com as engrenagens da minha cabeça funcionando sem parar um segundo sequer. Tentando entender o misto de emoções que pareciam que me transbordavam.

Nunca, em toda minha vida, alguém foi tão fundo dentro de mim, não apenas fisicamente. Eu nunca me senti da maneira que me sinto com Théo. Nunca senti tanta emoção, com apenas um toque, com apenas um olhar. Apenas um toque de Théo parece ser capaz de me tirar completamente do eixo. Tudo que experimentamos durante todos esses dias que estamos juntos, seus beijos, seu calor, sua dominação não somente sobre meu prazer, como também dos meus pensamentos e minhas emoções, foi além de tudo que eu um dia imaginei sentir com alguém. Era forte demais para mim. Era forte demais para que eu entendesse. Durante toda a noite eu tentei ignorar o que me foi dito, até cheguei a esquecer quando estava sendo

consumida por Théo, mas agora as palavras ditas por Taddeo em nossa segunda dança, ficavam se repetindo em minha mente:

— Você nada mais é do que um apoio do Rei para o futuro político do meu irmão, Stephanne. Você quer mesmo isso para você, Princesa? Ser seu brinquedinho?

Satisfação, sempre era exclusivamente a única coisa que procurava com os homens, com a vida. Eu não me importava que eles me usassem, porque na verdade quem estava usando-os primeiramente era eu. Porque com Théo eu não gosto da sensação de saber que ele pense da mesma maneira? Porque com ele é diferente? Por quê? Com Théo, além da rendição pelos desejos, eu experimentei um sentimento completamente novo: a paixão. A paixão pelo seu olhar. A paixão pelo seu toque. A entrega. A doação. Por dar e receber prazer na mesma proporção. Como era possível que eu acreditasse em Taddeo, sendo que o que eu vi e senti com ele era completamente diferente? Dentro de mim eu sentia que era bem mais do que isso.

E é exatamente isso que me assusta. Pois, por mais de

um momento desde que cheguei, eu pensei que depois de ter de Théo exatamente o que eu queria e como queria, eu poderia mostrar a ele quem estava no comando e simplesmente erradicar esse desejo, esse tesão desenfreado que sentimos um pelo outro. Mas isso não aconteceu. Muito pelo contrário, tudo aumentou em uma proporção gigantesca. Sendo sincera comigo mesma, tudo se virou contra mim e agora estou completamente em pânico. Querendo fugir. Querendo esquecer a maneira que eu me sinto com ele. Querendo que eu feche os olhos e abra novamente, apenas para saber que Théo nada mais é do que mais um que passou pela minha cama. Mas ele não é. Na verdade, ele parece ter feito todos os outros que um dia eu conheci, se tornarem insignificantes para mim. Por que eu me sinto assim diante dele? Porque eu me sinto um lixo pela forma que ele está me olhando agora? Dor. Mágoa. Ressentimento. Algo martela dentro de mim, me dizendo que isso é muito mais do que orgulho ferido. O que não ajuda em nada o arrependimento que está me corroendo por dentro por ter mentido para ele, dizendo que não foi tão bom assim.

Como posso sequer ter cogitado dizer uma merda dessas?

— No sonho foi melhor, né? — ele disse, rindo, sem humor.

Théo levantou-se da minha cama, em toda a sua glória, nu. Meu cérebro entrou em parafuso. Deixando-me cada vez mais atordoada com tamanha beleza diante de mim. Tudo parece em câmera lenta agora. Ele vem andando até meu encontro, sem desviar os lindos olhos dos meus. E por mais carrancudo e indecifrável que esteja seu rosto nesse momento, eu posso ver a fúria e a luxúria faiscando em seu olhar. Mas, mais do que isso, é impossível não sentir o ar carregado de desejo no quarto, tornando o ar diante de nós quase insuficiente para mim. Sem dizer uma palavra, ele vem se aproximando cada vez mais de mim, que por instinto vou andando para trás, logo encontrando a parede. Théo chegou até mim, me encurralando na superfície, antes de me segurar com vontade pelos cabelos da minha nuca. Eu engulo em seco. Nossos corpos se encontram, se eletrizando com o contato como toda vez que acontece. Seu pênis duro, entre nós, esfregando em

minha barriga, mostrando o quanto eu mexo com ele. Meu sexo latejando por ele, tudo comprovando de maneira sutil que o que eu disse não passa de uma mentira.

— Você quer dizer, que cada vez que você se arrepiou com meu toque, que cada vez que você gemeu de prazer, era mentira? Quer dizer que quando gozou de forma enlouquecida com meu pau enterrado em sua bocetinha apertada, não passava de fingimento? Tudo foi mentira, Stephanie? — ele perguntou com a voz irritada, mas grossa de desejo.

Eu não consegui responder. Eu não podia. As palavras simplesmente não podiam sair da minha boca. Théo sabia a verdade. Arfei quando Théo juntou ainda mais nossos corpos, puxando meu cabelo para baixo, expondo meu pescoço para ele e lambeu a pele sensível do local. Eu gemi, e ele riu baixinho em minha pele.

— É... Não precisa dizer. Você sabe que foi real. — afirmou, mordendo o mesmo lugar onde sua língua passou, me deixando ofegante. — Mas eu acho que está mais do que na hora de entender as coisas. Eu não me importo de deixar um lembrete penetrar bem fundo em você —

sussurrou em meu ouvido, me fazendo gemer.

Théo tomou a minha boca, em um beijo cheio de paixão, luxúria. Beijou-me, me devorando, me deixando arrebatada pelo seu gosto, seu sabor e pela paixão em que nossas línguas brincavam entre si. Eu segurava em Théo pela nuca, enquanto ele com as mãos na minha bunda, me pressionando, atijando-me, apertando seu pau duro contra minha pele. Minhas pernas automaticamente enrolaram em sua cintura e ele me segurou, mantendo ainda mais pressionada contra ele. Apoiou-me na parede e parou de me beijar, puxou meu lábio inferior com o dente e o soltou, antes de se ocupar com a tarefa de tirar o top que vesti, com uma só mão. Caminhou comigo enroscada em sua cintura e dei um grito assustado, quando me jogou na cama. Logo seu corpo grande estava sobre o meu. Me prendendo. Me dominando. Me deixando com ainda mais vontade de que cumpra cada uma de suas promessas. Apesar de estar loucamente excitada, ainda assim estou tensa. Eu não sei se estar com Théo mais uma vez ajudará com que eu entenda o que está acontecendo comigo. Antes mesmo que eu pudesse respirar, minha calcinha já tinha

saído também. Sem desviar os olhos do que fazia, sua mão deixava um rastro de calor por onde passava. Depois sua língua deslizou nos mesmos lugares onde sua mão esteve, levando-me ao delírio, fazendo-me derreter pelo seu contato.

— Você é tão linda, Princesa — sussurrou, antes de passar a mãos em meus seios e lambê-los. Eu gemi. — Mas tão teimosa — disse, antes de morder cada um dos meus seios e abocanhar um mamilo, me fazendo arquejar e gemer alto.

— Théo... — gemi, seu nome precisando dele urgentemente dentro de mim.

— O que foi, Princesa? Está ruim, é? — perguntou desdenhoso, quando beliscou meu clitóris, antes de enfiar um dedo no meu sexo que pingava por ele.

— Não... — consegui responder, com outro gemido.

— Então o que é, Stephanie? Você quer gozar? Quer gozar em meus dedos? Ou quer gozar em minha boca? Ou melhor, quer gozar com meu pau todo enterrado nessa bocetinha, apertada, que parece que vai esganar meu pau quando você está gozando? — perguntou com a voz em

necessidade e eu gemi, porque eu sabia que ele era capaz de cada uma dessas coisas.

Não respondi. Não precisava. Théo sabia que sim. Ele sabia que eu queria tudo dele, por isso riu baixinho. Eu gemi de novo, quando ele alcançou com os dedos um ponto perfeito dentro de mim, misturado com a eficiência dos seus dedos que circulavam meu clitóris. Ele foi descendo sua cabeça até o meio das minhas pernas, segurou em minhas coxas, escancarando-a sem o menor pudor. Sua língua deslizou em meu sexo, abrindo caminho para dentro de mim. Lambendo. Chupando. Devorando-me, como se fosse a melhor das sobremesas. Comendo-me com a boca e me enlouquecendo, da maneira que só Théo sabia fazer.

— Porra, eu amo chupar essa sua bocetinha linda. Você tem o melhor gosto que já provei. Uma delícia — sussurrou, na minha pele sensível, me fazendo gemer.

Quando voltou a me chupar, meus quadris se mexiam por vontade própria, querendo, implorando por mais. Eu não conseguia controlar os gemidos que saíam da minha garganta com suas investidas. E, sinceramente? Eu não me

importava que alguém nos ouvisse, pois o desejo e o prazer que eu sentia por ele, chegava a níveis inimagináveis. Meu corpo se sacudiu quando suas leves sucções e lambidas perfeitas me levaram à beira do orgasmo. Meu corpo sacudiu violentamente quando eu gozei, chamando seu nome. Théo beijou minhas coxas e levantou-se. Tentei pensar em algo para dizer, mas eu não consegui pensar em nada quando o olhar feroz e cheio de luxúria me paralisou.

Putá que pariu! Como pode ser lindo e perfeito desse jeito?

Ter a visão de Théo, com aquele rosto lindo, seus olhos azuis, de tão quentes, faziam-me derreter. Seu corpo nu, grande e perfeito, seus músculos rígidos e bem desenhados, parecendo ter sido feito para enlouquecer-me. Sua mão segurando seu pau, grande, grosso, lindo, delicioso, masturbando-se lentamente, fazendo-me salivar, era a visão mais linda e prazerosa que eu poderia ter na minha vida.

— Fique de quatro, Princesa. Porque o que você tem que entender, tem que penetrar profundamente na sua

bocetinha apertada, no seu corpo, mas principalmente na sua cabecinha teimosa. — Ordenou, com a voz cada vez mais grossa de desejo.

Obedeci. Meu corpo parecia seguir instintivamente as ordens que saíam da sua boca. Quando já estou de joelhos na posição, Théo desceu sua mão em meu sexo, brincando com meu clitóris, antes de enfiar dois dedos dentro da minha abertura molhada.

— Hm. Bom. Muito bom. — murmurou, parecendo satisfeito, e logo tirou os dedos dentro de mim.

Théo brincou com a cabeça gorda do seu pau em minha entrada e entrou em mim de uma só vez. Pelo tamanho enorme e a grossura do seu pau, com certeza teria me rasgado por completamente se eu não tivesse completamente encharcada. Ainda assim soltei um grito abafado, sendo acompanhada por um palavrão de Théo, que agarrou meus quadris com suas duas mãos e avançou sobre meu canal estreito, aceitando-o por inteiro, até as bolas. A penetração era tão intensa e profunda que eu mal podia suportar.

— Minha nossa, Steph! Você tem uma bocetinha tão

gostosa e apertada para caralho! — rosnou, fazendo uma pausa, como se quisesse se controlar.

Depois de alguns segundos, Théo voltou a se movimentar, entrando e saindo em um ritmo perfeito. Ele arremetia contra mim com uma ferocidade e maestria, que me deixava insana, e eu estremecia e gemia, quase chegando ao orgasmo.

Porra! Era sem palavras!

A forma como nossos corpos se conectavam, era esplêndida. E eu sabia que ele se sentia da mesma maneira também. Era impossível não sentir. Théo parecia que a cada investida me dizia o que meu corpo já sabia, mas minha mente se recusava a aceitar: *Nunca foi assim com ninguém. Nunca será. Isso é real. É só nosso.*

— Você é minha! — repetia.

A cada nova estocada do seu pau em minha boceta, algo parecia mudar em mim. E quando Théo se debruçou sobre mim, enterrando a cabeça em meu pescoço, segurando meu cabelo e tragando meu cheiro, ao mesmo tempo em que entrava e saía dentro de mim e ainda por cima murmurava safadezas no meu ouvido, fazia com que

eu enlouquecesse cada vez mais de desejo e de vontade dele. Nunca me senti tão entregue e possuída dessa maneira. O suor pingava em nossas peles. O atrito de nossos corpos era magnífico. Ele começou a me foder com força, fazendo com que meu joelho afundasse mais no colchão. Uma onda de prazer reverberou pelo meu corpo, intensificando a cada arremetida do seu pau delicioso dentro de mim. Gozei gritando seu nome em um grito agudo, sentindo todo meu corpo vibrar pelo êxtase. Ele rosnou e me virou com maestria, sem sair de dentro de mim, ficando de frente para ele.

— Ainda não terminei. Agora você vai gozar, olhando nos meus olhos, quero ter certeza de que entendeu — ele disse, com a voz entrecortada.

Oh Jesus! Eu tava fodida! Não apenas de forma metafórica, mas literalmente falando!

— Não. Eu não aguento — murmurei, quase sem voz.

Era verdade. Eu já tinha gozado duas vezes desde que começamos e fora as milhares de vezes que ele me fez gozar durante toda a noite. Eu estava esgotada.

— Aguenta sim. Eu sei exatamente do que você precisa

para gozar — falou, elevando minha perna.

E Théo realmente sabia. Ele não parou. Beijou-me com necessidade, agarrei seus cabelos, passando minhas mãos em suas costas. Com seu corpo completamente suado, ele ia e vinha e remexia os quadris de uma forma enlouquecedora, entrando cada vez mais fundo. E eu entendi o que ele estava fazendo, ele estava me punindo. Punindo-me por ter agido como uma criança mimada. Punindo-me não apenas por ter ferido seu ego masculino, mas porque eu não queria admitir o que realmente havia entre nós. Meu corpo se reascendeu e meu coração se acelerou com a descoberta. O prazer e o desejo eram tão grandes, que o terceiro orgasmo que se formava parecia mais uma tempestade se formando dentro de mim.

— Minha... Minha... Vou te deixar marcada com meu gozo, para você entender isso de uma vez por todas! — rosnou, e eu ofeguei, antes da sua boca cobrir a minha.

Seu corpo enrijeceu e ele se afastou da minha boca, soltando um palavrão quando eu apertei seu pau, indicando que mais um novo orgasmo estava próximo. Suas palavras. Seus toques. Os movimentos dentro de

mim. Tudo me deixando possuída de uma forma arrebatadora. O orgasmo ganhando cada vez mais força, me deixando no limite, cravei minhas unhas nas suas costas. As sensações se intensificando cada vez mais próximas do que ele queria. E tudo explodiu. Théo jogou a cabeça para trás e fechou os olhos, antes de abrir os olhos novamente, estremeceu, gozando dentro de mim, soltando um rosnado animalesco sem parar de me penetrar. Junto com ele, cheguei ao clímax de uma forma arrebatadora, gemendo seu nome, em uma espécie de frenesi, com uma intensidade sem tamanho, que me trouxe lágrimas aos olhos.

Eu ainda estava quase fora de mim, quando seu corpo caiu sobre o meu, os dois ainda ofegantes, com os corpos trêmulos. Théo me beijou com ternura. A ligação entre nós dois era tão intensa, que estava além do compreensível. Era apenas forte demais para negar. A sensação era de que ele possuía não só meu corpo, mas também minhas emoções. Tudo. Théo sem dúvidas era a encarnação de todas as minhas fantasias, de tudo que eu nunca quis verdadeiramente para mim, mas agora eu sabia que

queria.



Não sei dizer quando dormi, mas depois de Théo me virar para dormir de conchinha com ele, a falta de sono e todas as intensas atividades juntos, cobrou seu preço e eu peguei no sono. Não posso dizer que não fiquei decepcionada com o fato de ter encontrado a cama vazia ao meu lado, porque eu realmente fiquei. Mas eu também sabia que não seria muito legal meu pai encontrar Théo em meu quarto, com a mesma roupa de ontem. Ele com certeza não acharia uma atitude de uma Princesa.

Já eram mais de duas da tarde quando eu finalmente me levantei, com Lourdes me acordando, pois a mesma equipe de ontem estavam ali para me preparar para a minha primeira aparição na sacada para o público. Eu não entendia qual era o problema dessas pessoas, pareciam que sentiam prazer em me acordar. Ainda assim, depois da noite incrível que tivemos, eu estava de ótimo humor, saí distribuindo sorrisos a todos, como se eu sempre fosse uma pessoa disso. Eu ainda sentia um incomodo no meu

pé, afinal eu ainda deveria usar a bota por mais uma semana, mas resolvi não voltar a colocá-la. Iria continuar a tomar meus remédios certinhos e iria evitar abusar do meu pé machucado, até cumprir com o período que Igor estipulou e voltaria com ele para revisão. Lourdes trouxe alguns jornais que falavam sobre mim. A maioria deles falando que eu obviamente já estava no topo como a mulher mais bonita entre toda a realeza mundial. Claro que não deixaram de mais uma vez alfinetar sobre meu “romance” com Théo. Uma foto nossa dançando juntos, nossos olhares prendidos um no outro e um sorriso cúmplice nos lábios, estampava a maioria deles e não me surpreendeu que achassem isso, não só pelas fotos postadas anteriormente, mas porque nós dois realmente parecíamos um casal apaixonado.

Oh Deus! Será? Eu precisava vê-lo!

Exatamente às 19h, eu cheguei até a Praça dos Fundadores, na mesma praça onde ficava o Restaurante de Victor, o Teatro e o prédio do Parlamento, mas meu destino essa noite era o Palácio Real da Campavia. Embora não seja usado como uma residência real, já que

nós moramos no Castelo Real de Bellini, o Palácio funciona como o local onde meu pai realiza suas atividades como Chefe de Estado. Além dos escritórios do Rei e da Rainha, o Palácio Real abriga todos os serviços ligados à Corte, como segurança e etc. Lá também são utilizados para grandes eventos e para a recepção de chefes de Estado estrangeiros. Segundo meu pai, meu baile de coroação não foi realizado ali, apenas por se tratar de uma festa mais privativa.

Apesar da “cerimônia” estar marcada apenas para as 20h, a praça estava lotada de moradores com bandeirinhas da Campavia, curiosos e principalmente pela mídia. A impressão que eu tinha é que toda a mídia mundial estava presente essa noite. E acho que realmente estavam. Milhares de câmeras e carros das maiores emissoras do mundo estavam espalhadas pelo local. O caminho curto que fiz entre o trajeto do carro até a porta do Palácio foi o suficiente para flashes pipocarem sobre nós. Por sorte, estávamos cercados por uma corrente de seguranças e rapidamente entramos. Pela primeira vez na minha vida eu me solidarizei com as outras famílias reais, que tinham

suas vidas invadidas pelos Paparazzis. Eu mal comecei e já estavam assim. Isso realmente deverá cansar minha beleza.

Ao contrário do meu vestido luxuoso de baile ontem à noite, hoje eu usava um vestido mais clássico, um pretinho longo com cauda e renda com desenhos florais no colo e nas costas. Sapatos *Louboutin*, claro, pretos e abertos na frente. Meus cabelos estavam presos em um coque bagunçado e neles eu usava a mesma coroa que usei na última noite. Hoje me sinto mais nervosa do que na noite anterior, mas ao contrário de ontem, hoje eu estava assim por encontrar com Théo, do que cumprir com minhas obrigações reais. Ele não apareceu e nem mandou mensagem durante todo o dia, o que não posso dizer que não me deixou desapontada. Principalmente depois que Lou avisou que ele se encontraria conosco somente aqui. Ele não estava facilitando em nada meu conflito interior.

— Você está bem? — Lou perguntou, quando finalmente chegamos à sala de espera para o evento na sacada.

— Sim. — Suspirei.

— Percebi que você estava estranha hoje, Steph. É alguma coisa com Théo? — insistiu.

Eu realmente estava estranha. Estava muito calada, pensativa. Não estava parecendo comigo. E eu não gostava de me sentir fora de mim. Não havia dito nada à Lourdes sobre ontem e hoje de manhã, mas não precisava, Lourdes sabia que estava acontecendo alguma coisa entre nós dois. Só não sei se eu estava preparada para dividir minhas dúvidas com ela. Além do que, não acho que estávamos nem na hora e nem no local para falar sobre isso.

— Sim, Lou. Mas depois conversamos. Estou um pouco nervosa com tudo — comentei rapidamente, e peguei uma taça de champanhe com o garçom que passava.

— Tudo bem. Só relaxe, ok? O pior você já fez, que foi recitar tudo aquilo na coroação. Acenar e sorrir na sacada vai ser fichinha para você. — Piscou para mim e sorriu com carinho.

Algumas pessoas do parlamento já se encontravam ali e mais alguns nobres chegaram, quando terminei minha

primeira taça de champanhe. Cumprimentei alguns e conversei superficialmente com outros que tinha conhecido na noite anterior. Lourdes e Anabella conversavam comigo, me distraindo sobre meus pensamentos sobre Théo, quando ele finalmente entrou. Ele estava como sempre, lindo, usava outro smoking, embora esse parecesse um pouco menos formal que o de ontem. Seus cabelos estavam molhados ainda do banho e caprichosamente penteado para trás. Lindo como sempre. Como por magnetismo, seus olhos encontraram os meus e foi impossível desviar. Sabe aquela troca de olhares que termina com sorriso? Pois é. Eu também sei. Ele sorriu para mim. Aquele sorriso lindo, cheio de covinhas que me deixa boba. Meu coração disparou e foi impossível não sorrir. A verdade é que meu coração nunca tinha disparado por homem algum. Até hoje. Até Théo.

— Está na hora, filha. — Meu pai me chamou desviando meu olhar do de Théo, que apenas piscou para mim.

Respirei fundo e fui.



É. Não foi tão ruim assim. Afinal qual a dificuldade de sorrir e acenar para milhares de pessoas? Nenhuma. Principalmente quando chamavam meu nome. Diziam o quanto “sua Princesa” era linda. Ótimo para o ego. Senti-me uma Miss Universo. Uma diva que cumprimentava seus súditos. Era isso que eu era mesmo, uma Princesa Diva. Nada modesta, eu sei.

Depois de cumprir as obrigações reais, nos reunimos no salão ali do Palácio mesmo, para um coquetel. Conversei por um momento com a primeira-dama, Sarah, mãe de Théo. Ela era inteligente, tão simpática, fina, linda, nem parecia ser mãe de três filhos, sempre irritantemente bonita e conservada, o contrário de tudo o que a gente vai conseguir ser com a idade dela.

Palmas para minha “sogrinha”!

Eu tentei durante vários minutos ir ao encontro de Théo, mas parecia que todos estavam querendo manipular nossa atenção essa noite. Eu já não estava mais suportando tamanho tédio. Precisava ver Théo. Falar com ele. Beijá-lo. Acho que ele se sentiu da mesma maneira, pois não demorei a receber uma mensagem:

“Preciso te ver. Encontre-me na escada privativa, que leva para o segundo andar, em cinco minutos. Vou te levar a um lugar.”

Foi impossível dimensionar o tamanho do sorriso que dei quando terminei de ler.

— Nossa! Que sorriso é esse? Parece que viu passarinho verde — Anabella comentou, sorrindo.

— Ainda não. Mas daqui a pouco vou. Mas está mais para uma águia, do que para um passarinho verde — Comentei, esvaziando minha taça de champanhe, fazendo Lou rir e Bella ficar vermelha.

Oh inocente! Mal sabendo ela que o irmão é um estouro...

— Meu Deus, Steph. Se controle um pouco, ok? Você vai deixar a menina sem jeito — Lou me repreendeu, ainda rindo.

— Como eu já disse, Bella precisa aprender as coisas boas da vida — falei dando de ombros. — Agora se vocês me dão licença, tenho que “voar” com uma águia.

Não perguntem por mim! — falei, dando as costas para as duas.

Não me despedi, porque não queria que ninguém impedisse minha saída, então fui saindo como quem não quer nada. Fui andando até a escada privativa, que levava para o segundo andar, mas antes mesmo de começar a chegar perto das escadas, pude identificar Théo ao topo. Ele me viu e, sorrindo, estava fazendo seu caminho até mim e como se eu não pudesse controlar o meu corpo fui andando para encontrá-lo no meio do caminho, quando alguém inesperadamente se colocou na minha frente. Taddeo.

— Você se encontra ainda mais bela essa noite, Princesa. Um prazer revê-la — reverenciou-me e pegou minha mão, beijando-a.

— Taddeo. Pena que não posso dizer o mesmo — respondi, secamente.

Sim! Eu não fui com a cara dele e odiei tudo que ele me disse!

Rapidamente olhei de volta para Théo e ele estava parado na escada, olhando-nos. Uma centena de diferentes

emoções brilhou em seu rosto: raiva, choque, confusão, ódio.

E foda-se se ele não parecia delicioso!

— Podemos sair para jantar amanhã à noite. O que você acha? — perguntou, ignorando minha indireta.

Olhei para ele sem acreditar em tamanha audácia e cara de pau por me convidar para sair. Será que ele não via que eu não tinha nenhum pinga de interesse nele?

— Qual o seu problema, hein? — perguntei, irritada.

— Problema? Meu problema é uma Princesinha arisca aceitar sair comigo — falou, sorrindo maliciosamente.

Era muito sem noção mesmo!

— Desculpe, tenho compromisso — menti, querendo sair logo dali.

— Mas, e se não tivesse? — insistiu.

— Inventaria outra desculpa — respondi, sorrindo. — Agora você pode me dar licença? — perguntei.

— Não até você aceitar sair comigo — falou com o sorriso ainda maior.

Porque ele é bonito mesmo, hein?

— Sabe, existe uma hierarquia. Reis, Princesas e

vermes! Então se você preza pelas suas bolas, saia da minha frente, porque tenho o que fazer! — bradei, irritada, e ele finalmente me deu passagem, parecendo ainda pasmo.

Bem. Eu não queria ser grossa, mas ele que pediu, né?

Théo não estava mais na escada. Como já estava cansada, tirei os sapatos dos meus pés e fui subindo a escada para ir à sua procura. Andei pelos corredores e abri as portas próximas dali e não o encontrei. Liguei para o seu celular e caiu direto na caixa postal.

Onde diabos ele foi parar?

Desci as escadas, calcei meus pés novamente e voltei para o salão à sua procura. Como existiam duas escadas, achei que ele pudesse ter voltado para cá, mas eu estava errada, por que também não o encontrei. Tentei pensar em alguma coisa que tivesse acontecido para que ele simplesmente sumisse sem dar notícias, mas eu não encontrei respostas.

Lá se foi minha transa!

Por essas e outras que eu anunciei para Lou e

Anabella:

— Bora beber pra matar o tédio e a ressaca de domingo!



A segunda feira chegou daquele jeito que a gente gosta: com uma bela ressaca. Não basta ser segunda e ainda tem que vir com ressaca? Muito castigo para uma pessoa tão santa quanto eu. Ok. Até eu ri com esse pensamento. Pena que minha risada não durou tanto. Claro que estranhei o fato de eu não ter sido acordada pelo meu Ogro, mas deixei passar. Só que durante o café da manhã Lourdes me informou que ele havia viajado.

Viajado? Como assim ele viajou e nem me avisou?

Assustei-me com o pensamento. Mais uma vez aquele pânico do desconhecido querendo me dominar. Até achei que ele iria me ligar para se justificar, afinal tínhamos uma agenda preparada aquela semana. Mas ele também não me ligou. Fiquei puta da vida. Como não ficar? Acabei me colocando no lugar de todos aqueles que ouviam minha falsa promessa de “amanhã eu te ligo!”,

sendo que muitos sequer eu sabia o nome, quiçá o número do telefone. Mas era diferente, né? Eu e Théo tínhamos alguma “coisa”. Acho que o mínimo que ele tinha que fazer era dar uma rapidinha antes de viajar.

Enfim. A semana passou devagar. Sem mais notícias. Eu mesma que não ia ligar. Algumas vezes pensei em fazer isso, porque afinal ele já conhecia meu corpo detalhadamente e eu idem, e acho que não precisava mais de muito pudor, né? Mas eu também estava muito irada com tudo, desde o bolo na escada. Se ele não me ligou, era porque não queria falar comigo. Não seria eu que iria dar esse gostinho a ele.

Um conselho pra você que é orgulhoso e não gosta de correr atrás das pessoas: continue assim, ninguém vale a pena.

Cumpri com todas as minhas obrigações da agenda com a ajuda de Lourdes. É, eu já tinha uma agenda, mas fiz questão de incluir horário para cuidar e descansar a minha beleza. Ninguém pode ser bonito se não se cuidar. Eu tinha ficado quietinha, como uma verdadeira Princesa no castelo, durante uma maldita semana. Mas já estava de

saco cheio de ficar em casa. Nova Iorque é a cidade que nunca dorme. Em todos os cantos da cidade há alguma coisa ou alguma festa para fazer. Fora que as fraternidades da faculdade costumavam dar inúmeras festas. Então eu podia dizer que eu tinha uma rotina. Uma rotina diária de festas, baladas e badalações. E agora eu estava trancafiada nesse castelo como Rapunzel. Não me entenda mal, eu amo meu pai, amo minha casa, amo Henriqueta, mas juro que estou a um passo de me jogar da torre mais alta do castelo. Não, eu precisava de um pouco de ação. E encontrei uma justificativa para ela no sábado.

— Então, Steph. Como eu disse, seu pé está bom, mas acho melhor você manejar, principalmente em questão de salto, porque qualquer entortada de pé pode fazer com que prejudique sua cicatrização. — Igor disse, em seu consultório.

— Obrigada, Doutor. Prometo ser uma boa menina. — Brinquei, piscando para ele, que riu.

— Sei bem, Princesa. Ser boa menina não é muito a sua praia. — Gargalhou.

— Não mesmo. É chato — brinquei e voltamos a rir.

— Então. O que você vai fazer esta noite? — perguntou, com aquele seu belo sorriso.

— Estarei pronta às nove — me apressei a dizer e ele riu.

— Ótimo. O irmão de Victor vai inaugurar uma boate hoje à noite — comentou, e eu assenti.

Ia ser ótimo!

Vou sair com Igor, quem sabe ele não consegue o feito de me fazer esquecer o Príncipe Ogro. Afinal, que mal haveria em me encontrar com Igor? O que não mata, engorda.

— Você não acha que Théo vai se importar? — perguntou, sem jeito, depois que ele parou para pensar por um segundo.

— Por que se importaria? — perguntei.

— Porque... hum... bem... vocês... — gaguejou.

— Não há nada. — Falei, me levantando e indo até a porta. — Vejo você às nove — disse, antes de dar brechas para ele retrucar.

Capítulo 19

Steph

As nove eu estava pronta, linda e divando ao descer as escadas para encontrar com Igor no saguão do castelo. Meu pai conversava com ele, e apesar de estar sendo simpático, eu sabia que ele não estava nada satisfeito por me ver sair com Igor. Não que eu precisasse de muita informação para que eu soubesse a verdade, mas meu pai fez questão de me dizer que Igor era um galinha de primeira, quando eu disse a ele que estava saindo hoje à noite.

— Boa noite — cumprimentei, ao pé da escada.

Igor estava lindo. Usava uma blusa de algodão de manga cinza e calça jeans. Pena que apesar de tanta beleza e gostosura, nada vibrava lá embaixo.

Periquita malcriada dos infernos!

— Boa noite, Princesa. — Igor veio até mim e beijou meu rosto, antes de meu pai limpar a garganta.

Qual o problema do velho?

— Sim, Igor. Podemos ir? — perguntei, querendo sair dali, antes que meu pai mudasse de ideia, por causa da sua cara nada contente.

— Você não acha que tá esquecendo alguma coisa? — meu pai perguntou, carrancudo.

— Ah sim! — Sorri e dei um beijo nele.

— Isso também... Mas, estou me referindo a... tipo... o resto da roupa, uma calça para usar por baixo dessa blusa, por exemplo — disse apontando para o meu vestido.

Olhei para meu vestido cinza, que ficava no meio da coxa, tinha um busto de renda e decote em forma de coração para conferir o que há de errado. Para mim estava perfeito. Meu espelho quase me disse que eu estava “linda e gostosa” quando me vi no reflexo. Melhor fingir que não entendi o que ele quis dizer.

— Hm... Acho que não. Acho que eu com certeza me lembraria se esse meu vestido bafo tivesse vindo com uma calça — murmurei inocentemente, dando de ombros.

— Acho que ele está se referindo ao tamanho do seu vestido, Steph. Não se faça de desentendida — Lou disse,

terminando de descer a escada.

Sorri. O sujo falando do mal lavado. Ela usava um vestido bem mais curto e justo do que o meu. Era tomara que caia branco, curto, com um laço na cintura e busto de renda preta. Estava linda e ostentava um sorriso que não tinha tamanho.

— Provavelmente esqueci no mesmo lugar que você — falei, rindo e ela me acompanhou.

— Vocês não acham que deveriam colocar uma roupa mais composta? As duas? — meu pai falou irritado.

— Não — respondemos em uníssono.

Meu pai olhou para nós duas e quando olhou para Lou, eu vi que ela lhe oferecia aquele sorriso de sonsa que ela dava quando nós aprontávamos e apenas eu levava a culpa. Não me surpreenderia nada se daqui a pouco ela dissesse que fui eu quem escolheu esse seu vestido bafo.

Bandida!

— São duas moças de família. Deveriam se... cobrir mais — resmungou.

— Moças. Faz-me rir — murmurei baixinho e comecei a rir, e acho que Lou ouviu, porque riu também.

— Se Vossa Majestade me permite dizer, as duas estão lindas — Igor disse, piscando para nós duas.

— Ainda bem que você sabe, não, não permito que você diga nada. As duas ainda não saíram, se você ainda tem esperança de que eu deixe as duas saírem com você, acho melhor ficar quieto — meu pai disse, irritado, e Igor, levantou as mãos em sinal de rendição, com certeza tentando não rir.

— Pelo amor de Deus né, pai? — falei, indignada.

— Êpa, majestade. Tire-me nesse bolo. Apesar de apreciar a companhia dos dois, estou indo para inauguração da boate com meu “namorado”. — Lou disse, com a boca cheia. — Espero que você tenha uma boa noite, majestade. Tão boa quanto a minha. Até mais tarde. Beijinhos para vocês — disse, antes de passar pela porta.

— Olha só, que orgulho! — pensei, alto.

— O que? — Igor perguntou rindo, enquanto meu pai, que estava com o maxilar cerrado, continuava olhando para a porta que Lou acabou de passar.

— Nada. Pensei alto só — comentei, indo até Igor e puxando ele pela mão. — Podemos ir agora, paizinho

querido? — perguntei, piscando meus cílios para ele.

— Tudo bem. Juízo — mandou.

— Sempre tenho — respondi e mandei um beijo para ele, que fez uma careta.

— Meus cabelos brancos que dizem o quanto de juízo você tem. — Comentou, e eu tentei não rir.

— Não se preocupe, majestade. Ela está em boas mãos. — Igor garantiu, sério, e eu permaneci séria, para não estragar a cena.

— As mãos e o resto do corpo que são o problema. — Ele respondeu, com um olhar desafiador a Igor.

— Relaxa, pai. Boa noite. — Me despedi, dando as costas.

— Hm. Você não vai chegar bêbada em casa né, Steph?

— Meu pai perguntou, quando cheguei à porta.

— Olha, pai, sejamos sinceros aqui, ok? Eu pretendo.

— Confessei.

— Steph... — O interrompi.

— Não se preocupe, vou me comportar. — Garanti.

— Assim eu espero. Porque senão você já sabe. — Ameaçou.

É, eu sabia. Nada de mesada e cartões para mim! E desse jeito reinaria uma Stephanie infeliz.

— Tudo bem. Sem pressão. Serei uma boa menina. — Prometi.

— Acho bom. — Ele disse, antes de eu bater a porta.

— A propósito, belos saltos. Acho que já ouvi essa promessa hoje. — Igor disse, com ironia.

— É. Eu já fiz essa promessa mais vezes do que posso contar. Não posso deixar que meu querido pai perca as esperanças. Isso não seria justo. — Falei séria, e Igor desatou a rir.

— Meu Deus! Nunca achei que fosse conhecer uma pessoa pior do que eu. Já disse que você tem meu respeito? — Disse rindo, enquanto destravava as portas do seu BMW.

— Sempre bom saber que sou detentora de bons sentimentos nas pessoas, além da incredulidade. — Comentei, rindo, e ele me acompanhou.

— Sabe, eu sei exatamente o que Théo viu em você, Princesa — Igor comentou, quando sentamos no carro.

É. Se ele queria me ver irritada, conseguiu. Porque o

idiota não me ligou mesmo? Sim. Não importa.

Só a simples menção do nome dele, fez meu coração disparar. Qual o problema desse meu órgão estúpido? Preciso visitar um cardiologista. Do “nype” de Igor, lindo assim, com certeza seria uma experiência interessante. Vou me lembrar de encaixar na minha agenda: “*Consulta com um Dr. Gato do Coração.*” Valeria a pena qualquer infarto.

— Hm... e seria? — Não resisti em perguntar.

O que? Me matem por ser curiosa.

— Como posso dizer isso? — perguntou, retoricamente.

— Abrindo a boca e falando — falei, repassando meu batom vermelho no espelho do para-sol.

— Theodore é um cara super centrado. Controlado. Que teve uma vida programada antes mesmo do seu nascimento. Mas ele gosta disso, gosta de seguir tudo milimetricamente agendado na sua agenda. Não é como eu, que pulei todas as regras que me impuseram, fiz o que queria, mas ainda assim fiquei preso em outras. Você não. Você saiu daqui e se tornou a pessoa que é não pelo seu

nome, pela sua coroa, mas por quem você realmente era como pessoa, afinal ninguém te conhecia como Princesa. Não que isso seja ruim, você desafia todas as regras que a sociedade impôs para uma Princesa. Mas mais do que isso, você não desafia apenas Théo, seu pai, o sistema da Monarquia, tradições e costumes, você se desafia todos os dias. Você não tem papas na língua. Não se importa em agradar ou não agradar as pessoas. Você quer fazer o que quer e ser apenas você. É esse seu desejo de se provar, de ser e fazer exatamente o que quer, de não só desafiá-lo, mas desafiar-se todos os dias, que o conquistou — disse, dando de ombros, quando ele ligou o carro.

Hm? Ele está falando sério?

Bom. Nunca achei que Igor fosse uma pessoa tão sucinta, perceptiva e profunda, como ele está se mostrando agora. Acho que é coisa de médico, né? Igor simplesmente me surpreendeu por ter nos desvendado de uma maneira tão clara. Nunca tinha pensado exatamente dessa maneira, mas acho que é exatamente assim que sou. Não acredito que tenha uma melhor maneira de me descrever do que como ele me descreveu. Nem eu teria

feito melhor.

— Bem, está certo em partes. Eu sou exatamente assim. Mas talvez você esteja enganado quanto ao que o que seu amigo acha sobre mim e eu saberia se fosse isso, se ele me contasse. Opa... Infelizmente eu não sei. Porque ele não me falou. Muito menos deu notícia depois que ele saiu do evento da minha aparição na sacada e me deixou plantada em uma escada, depois que marcou comigo. — Falei, irritada.

— Ele... Hm... Theo... — Gaguejou, sem desviar o olhar da estrada.

— Igor, eu já dei mais foras em caras do que posso me lembrar. Theo não me faria arrancar os cabelos só por uma noite e nada mais. Eu não estava esperando um anel de compromisso. — Disse, irritada.

— Steph... Olha, não é isso que você esta pensando... O que houve... — Suspirou, enquanto eu olhava para ele, incentivando que continuasse. — Bem, olha, o que aconteceu no domingo e esses dias, não é minha história para contar, acho que você deveria conversar com ele. — Falou.

— Acho que não. Não me importa. Não costumava mesmo repetir figurinha. Eu sou assim também, eu deveria saber que ele faria o mesmo. Acho que demorou até demais nossa história. Só achei... Olha... esquece o que eu achei, beleza. Não estou mais interessada. — Murmurei.

— Steph... — Se virou para mim.

— Já disse para esquecer, Igor. — Finalizei o assunto.

— Ok. Você quem sabe. Apenas quero te avisar que conheço Théo. Só não acho que ele vá esquecer assim. Ele vai te procurar. — Disse, dando de ombros.

— Que seja. Estarei pronta para deixá-lo falando com “minha mão”. — Suspirei, mais irritada por pensar em vê-lo. — Ah! Antes que eu me esqueça. Temos que ir até a Mansão dos Caravaggio. Anabella está nos esperando. — Avisei.

O que aconteceu a seguir quase fez minha vida passar como um filme em minha cabeça. Igor deu uma freada brusca, que se não tivesse usando cinto nesse momento e, ou, se não tivéssemos na estrada deserta de carvalhos que levava ao Castelo, com certeza teria acontecido um acidente bem feio. Plástica seria a única correção para o

meu lindo rostinho de boneca.

— Que porra é essa, Igor? Quer me matar? — Perguntei, irritada, e Igor respirou fundo.

— Você está bem? — Perguntou, nervoso, e eu assenti. — De-de-desculpe, Steph. Não sei o que houve. Acho que perdi o controle do carro. — Disse, nervoso.

— Nossa! Você é pior do que Théo dirigindo. — Murmurei com sarcasmo. — Esse nervosismo todo foi só porque eu disse que Anabella iria com a gente? — Perguntei, estreitando os olhos.

— Não sei do que você está falando. Apenas perdi o controle. Mas já que você falou sobre isso, acho que ela não tem idade para ir para esses lugares. — Respondeu.

— Ela é maior de idade, Igor. Se ela quisesse se casar ela já poderia. — Ele pigarreou nervoso.

— Er... Não... Bem... Eu... Só estranhei. Não acho que ela vá gostar de lá. Bella não é esse tipo de garota que vai à festas e badalações. — Respondeu rapidamente e ligou o carro, voltando a dirigir.

— Hm. Hm. Sei... — Eu disse, fingindo que acreditava.

Sim. Aí tem! E eu estarei de olhos bem abertos.



Tenho que dizer que foi bastante interessante quando o carro de Igor chegou na mansão dos Caravaggio e Bella ficou lá parada na porta, olhando para o carro antes de entrar, parecendo que estava decidindo se entrava ou não em um mar cheio de tubarões. Quando finalmente entrou, o cumprimento deles foi mais intrigante ainda:

— Anabella. Eu não sabia que você ia para esse tipo de festas. — Igor murmurou, quando ela sentou no fundo.

— Igor. Eu não sabia que isso era da sua conta. — Respondeu seca.

Hm? O que?

Eu fiquei calada, e assim permanecemos durante todo o caminho, porque na primeira oportunidade que eu tivesse, eu faria Anabella contar tudo o que estava acontecendo. Comecei a desconfiar que tava rolando realmente alguma coisa entre os dois. Sei lá, vai que Igor tinha uma coisa com meninas “virginais” e tímidas como Anabella. Não sei, cada doido com sua mania. Algo me dizia que essa

pequena “interação” tinha a ver com o fato de Anabella estar irritada durante toda semana. Como dizem as más línguas: *Onde há fumaça, há fogo!* E, bem, eu vou adorar me queimar para poder descobrir isso.



Chegamos à boate *Copacabana* e como era de se esperar, estava lotado. A mídia também estava ali, e eu fiz uma careta quando vi isso. Igor e Anabella também não pareciam muito contentes com a situação. Não os julgo, porque se antes a vida deles já era bem atribulada por serem membros da nobreza, ao meu lado o assédio da imprensa seria bem maior. Sugeri que eles entrassem juntos e eu em separado, mas ouvi um sonoro e uníssono “não,” que só me deu mais certeza de que tinha coisa aí. O bom é que eu não demoraria a descobrir.

Entramos sob a luz incessante dos flashes. Apesar de não ter respondido nenhuma de suas perguntas, eu até permiti que me fotografassem algumas vezes, para não virem me dizer que eu era mal educada. Além do que, nada como uma primeira página no jornal com uma bela

foto para levantar nosso ego, não é mesmo? Tomar café da manhã olhando uma foto minha no jornal seria uma ótima maneira de fazer o desjejum. Melhor do que o aumento dos juros bancários, com certeza.

Copacabana era realmente uma das boates mais bonitas que já vi. Olha que sou bem rodada e já andei nas maiores boates e baladas do mundo. O local era enorme e bem moderno. Com certeza não foi economizado em nada e foi gasto uma fortuna ali. A atmosfera era de festa e não tinha como não se contagiar com o ritmo da música. Subimos para a área VIP e lá encontramos Victor e Lourdes, conversando. Cumprimentei Victor e constatei que ele estava um pecado, como sempre. *Sorte de Lou. Não tinha como não se fartar ali.* Depois, o irmão de Victor, Vagner, veio nos cumprimentar e eu o parabenizei pela inauguração. Mas devia parabenizar por ser esse pedaço de mal caminho também. Ele era muito parecido com Victor, só um pouco mais baixo e com um sorriso mega matador, mas a gostosidade era a mesma.

Tenho que me lembrar de ir mais vezes ao Brasil, porque se todos os brasileiros forem uma tentação como

Victor e o irmão, eu irei me fartar. Multiplica, Senhor!

Igor, Victor e Vagner saíram para verem algumas coisas da inauguração e cumprimentarem algumas pessoas. O que eu achei providencial, e aproveitei a oportunidade para conversar com Anabella. Eu queria e precisava entender melhor o que estava acontecendo. Estava me coçando já para saber de tudo.

— Então, senhorita Caravaggio, aproveitando que eles saíram, o que está acontecendo? — Perguntei, e ela ficou toda errada.

— Nada. — Respondeu, sem jeito.

— Nada? Só se Igor mudou o nome dele para “nada” e eu não sabia. — Respondi com sarcasmo e ela empalideceu.

— Como você sabe que... — Lou cortou-a.

— Acho bom você desembuchar. Ela é boa nisso. — Avisou.

— É. Eu sou realmente boa nisso. — Concordei, acenando com minha cabeça.

— É complicado. — Murmurou, envergonhada.

— Nossa! O que há com vocês duas? Tudo é

complicado para vocês. Nada melhor do que descomplicar, relaxar e aproveitar as coisas boas da vida. — Comentei, tomando um gole da minha bebida, e Lou revirou os olhos.

— Mas é... Eu não sei, sabe? — Comentou, sem jeito.

— Não, não sei. Desembucha. Sou uma ótima assessora em assuntos aleatórios. Sou quase uma Conselheira Amorosa. — Falei rindo.

— Isso explica o fato de que você passou a semana olhando para seu celular, esperando a ligação de uma certa pessoa? — Lou perguntou para me irritar.

— Não sei do que você está falando. — Falei irritada.

— Seiiii... Tá mais para “casa de ferreiro, espeto de pau...” — Riu, e eu dei dedo irritada.

— Dá para se concentrar aqui, Lourdes Maria? Anabella está precisando dos meus ótimos conselhos. Não fique aí se achando, porque se você está com aquela belezura de homem hoje, foi por puro incentivo meu. — Apontei com desdém.

— Ok, Princesa. Não está mais aqui quem falou. — Disse, rindo em rendição.

— Então, Anabella. Conta logo. — Pedi.

— Bom.. — Começou, olhando para baixo. — No seu baile, você viu que eu estava dançando com aquele Príncipe, não foi? — Eu e Lou assentimos. — Resumindo. No final da festa, estávamos conversando e Igor entrevi. Disse que Théo pediu que ele me levasse em casa e quando o Príncipe disse que me levaria em casa, ele negou. Quando mesmo assim o príncipe sugeriu que nos encontrássemos no dia seguinte, ele inventou uma história mirabolante, sobre eu ter um namorado. E vocês não vão acreditar, o pior é que ele disse que meu namorado era um campeão de UFC, “o demolidor”. O Príncipe saiu correndo desesperado de medo, não tive nem a chance de dizer “tchau”. — Contou, irritada.

Nessa hora eu já não aguentei mais e caí na gargalhada. “O demolidor” foi forte demais para minha pessoa se conter. Eu e Lou rimos tanto, que acabamos atraindo atenção de algumas pessoas da área VIP. Lou como sempre fraca para dar risada, pediu licença para poder ir ao banheiro se “aliviar”. O que já me fez rir ainda mais.

— Sim. Obrigada pelo apoio. — Bella comentou com

desdém, depois de algum tempo que eu ainda estava rindo.

— Desculpe, mas eu não aguentei. Igor se superou com o “demolidor”! — Disse ainda rindo e enxugando as lágrimas que caíam.

— Eu ainda não terminei. — Falou, irritada.

— Agora pode continuar. — Lou voltou, tentando ficar séria.

— Então. Eu perguntei por que ele fez isso e ele ficou com cara de tonto. Até que...

— Ele te disse que estava com ciúmes e queria ficar com você? — Lou complementou, e ela negou.

— Ele disse que... O cara era um otário, que não ia deixar você cair no papo dele? — Tentei, e ela negou mais uma vez.

— Não. O idiota me beijou e depois simplesmente me disse que foi um erro e isso nunca mais ia se repetir. Deixei-o lá sozinho e arranjei uma carona para casa. — Falou, irritada.

— Babaca. — Lou falou.

— Imbecil. — Continuei.

— É. Tenho usado muito esses adjetivos esses dias. —

Falou, bufando de raiva.

— O que há com esses homens da Campavia, que são uns covardes, hein? — Perguntei, olhando para as duas. — O *Frustreco* de Lou come ela e depois dá no pé. O “demolidor” te beija e diz que foi um erro. Seu irmão me cozinha em banho Maria, passa a noite comigo e quando marcamos de nos encontrar em um lugar, simplesmente some do mapa. Lou que está certa de pegar carne importada, porque a campaviana tá com gripe do frango. São todos uns franguinhos. — Falei, brindando com Lou a bebida que o garçom acabou de nos servir.

— Peraê. Meu irmão? De quem você tá falando? Théo ou Taddeo? — Anabella perguntou, atônita.

— Deus me livre, Taddeo! — falei, batendo na madeira da mesa. — Desculpe, sei que é seu irmão, mas ele precisa acordar para vida. Não quero e nem vou querer aquele metido. A peste não desce do pedestal! — suspirei. — Enfim, estou falando de Théo.

— Théo? Você e Théo... Bem... Eu sabia que tava rolando alguma coisa... Mas... Sei lá... Théo só namorou Eva e ela é tão diferente de você...

Diferente? Tomara que aquela lambisgoia ruiva seja realmente muito diferente de mim! Não resistiria saber que era igual a ela, além do branco dos olhos.

— Hm. Não quero nem pensar sobre o quão diferente você quer dizer. O que eu já sei é que ela é uma cadela irritante. — Disse logo.

— E mimada. — Lou complementou.

— Desculpe, Steph. Eu não quis dizer nada... Só que...

— Tentou se justificar.

— Relaxa, Bella. Já passou. Outra hora eu te conto o que rolou. Vamos, que agora o foco é você. — Falei, querendo fugir do assunto. — O que Igor fez é o caso clássico de ciúmes e medo. Ele é mais velho, é o melhor amigo do seu irmão e ainda por cima é um cachorro vadio. Há muita coisa envolvida. O que eu quero saber, você está disposta a encarar tudo isso para ficar com ele? — perguntei.

— Sim. Mas eu nem sei por onde começar. — Falou, envergonhada.

— É aí que eu entro, minha querida. Vou te ajudar com isso. — Pisquei para ela.

— Eu não sei se você pode me ajudar mesmo. Sou muito tímida, Steph. Sei lá, queria alguma coisa para ficar mais sociável. — Comentou.

— Álcool — Respondi, e Lou deu um muxoxo de irritação.

— Mas álcool é passageiro, queria uma coisa definitiva. — Deu de ombros.

— Alcoolismo! — Apontei.

— Steph. Não é assim! Para de dar péssimos conselhos para a garota. Não é só o fígado dela que está em jogo — Lou me repreendeu e eu revirei os olhos. — Você gosta mesmo dele né? — Perguntou, solidária, e Bella assentiu.

— Sim. Desde os meus quinze anos. — Murmurou, com lágrimas nos olhos.

— Oh. Bella! Eu sei como é isso. Não fique assim.. — Falou, abraçando-a.

Oi? Sabe?

É. Pelo visto eu teria que ter uma conversinha com mais alguém depois, pois Lou claramente ainda não havia esquecido o *Frustreco*, como eu tinha imaginado. Agora eu tenho duas amigas com coração em pedaços. O que

posso fazer agora? Eu sei, eu deveria dizer: “Não chora amiga.” Ou “Amiga não fica assim.”, ou até, “Vem cá, Bell, não chora. Vai passar. Ele não merece você.” Mas ao invés disso eu virei para as duas e disse em alto e bom som:

— Porra! Vocês não vão chorar por causa de homem, né? Vamos beber, caralho!

Era hora de começar a festa!

Por um segundo, enquanto eu olhava para as duas atônitas pelo o que eu falei, eu me senti um pouco mal, porque eu estava incomodada a semana toda comigo e pelo que eu “sentia” por Théo. Era um sentimento que nomeei de: “não sei o que estou sentindo, só sei que está foda.” Mas juro que foi só por um segundo, porque eu era Stephanie, tinha alergia a esse tipo de pensamento. Foi difícil convencer as duas sentimentais, mas nada que uma dose de tequila não resolva. Para garantir que elas estavam entendendo que não íamos ter espaço para lamentações, eu pedi cinco. Só para começar, claro. Se tem uma coisa que eu aprendi ao longo desses anos é que a Tequila é nossa amiga, nas melhores e também nas

piores horas, além do mais, ela nunca nos julga. Isso é maravilhoso.

— Hm. Essa é da boa. — Comentei, quando a bebida desce ardendo na minha garganta.

— Você não tinha namorado antes de vim para cá, Steph? — Anabella perguntou, depois que fez uma careta ao tomar sua bebida. Lou começou a rir da sua pergunta.

— Se você contar um professor que eu tive um casinho, sim. Senão, só meu cartão de crédito. — Comentei, fazendo Lou rir ainda mais e a boca de Anabella fazer um “O”.

— Stephanie nunca teve um namorado, Bella. Ela se diz muito nova para se prender. — Comentei rindo e eu acenei em concordância.

— E eu estou errada? Eu fui para Nova Iorque com dezoito anos. Antes disso, eu vivia em um colégio interno desde os doze. Eu fiz o que qualquer mulher sensata da minha idade faria, aproveitei. — Contei, dando de ombros.

— Não. Mas talvez não nas proporções que você fez, Steph. Até hoje eu me pergunto como seu pai não te trouxe

de Nova Iorque mais cedo. — Lou disse, pensativa.

É. Eu também já tinha me feito essa pergunta.

— Pois é. Ainda bem que isso não aconteceu, pois uma coisa que não podem me acusar é de não saber me divertir e ter aproveitado muito — Pensei alto, agradecendo aos céus.

— Até demais. — Lou disse e eu fiz biquinho para ela. — E você, Bella. Ouvi o Primeiro-Ministro comentando que eles não queriam que você fizesse Enfermagem. Como foi isso? — Perguntou, e eu me virei para Bella para ouvir.

— É. Foi tenso. Papai não aceitava de jeito nenhum a minha escolha. Ficava relatando quantas gerações de políticos e administradores que temos em nossa família, que foram para Cambridge e as maiores faculdades da Europa. É quase uma tradição dos Caravaggio. Théo e minha mãe ficaram ao meu lado. Já meu pai e Taddeo estavam irredutíveis. Foi complicado aceitarem que eu não queria lidar com política e muito menos com números. — Confessou, com um suspiro cansado.

— Deus é mais. Odeio matemática, física, química e

tudo que envolva cálculo, a única coisa que gosto de contar é dinheiro. — Falei e as meninas riram.

— E você Lou, porque não foi para Nova Iorque com Steph? Vocês não se formaram no mesmo curso? — Perguntou, curiosa.

É. Eu também tinha lhe perguntado tantas vezes isso.

— Bom... — Lou começou a se explicar, sem graça. — Além do fato de Steph ter uma tendência para problemas e eu querer realmente focar nos meus estudos, eu já tinha ficado muitos anos longe da minha mãe antes, não queria lhe deixar sozinha. — Explicou-se, desviando os olhos para o seu copo, o que me fez achar que tinha mais por trás disso.

Mas o que?

— Uau. Vocês não acham que estão indo rápido demais? Daqui a pouco vão se arrependerem por terem bebido tanto. — Igor comentou, entrando na área VIP com um olhar zombador sobre nós, seguido por Victor.

— Se arrepender? Só daquilo que eu não fiz. Daqui a pouco tomamos um refrigerante para dar um susto no figado. — Falei com sarcasmo e eles riram.

— Pelo visto, teremos que carregar elas essa noite, Victor. — Igor brincou.

— Com prazer. — Victor entrou na brincadeira.

— Se animem não, porque a noite é uma criança e tudo pode acontecer. — Pisquei para eles. — Vamos meninas, vamos dançar. Hoje é dia de libertar a atriz pornô que existe dentro de vocês. Sabem como é, a bebida entra e a ninfomaníaca sai. — Levantei-me e saí arrastando as duas, enquanto todo mundo ria.

— Você não quer beber um refrigerante antes de ir, minha flor?— Victor perguntou a Lou, antes de sairmos, parecendo preocupado.

— Não, benzinho. Estou ótima. Vai se divertir com seus amigos. — Ela lhe deu um selinho, antes de nos acompanhar.

Posso estar possivelmente ficando bêbada, mas não me passou despercebido a maneira que Igor olhou para Anabella e sorriu, enquanto Lou e Victor falavam. Se eu achava a forma que ele sorria para mim deliciosa, a forma como eu estava o vendo sorrir para Anabella, era definitivamente de molhar calcinhas. Ficou mais do que

claro para mim que Igor sentia realmente alguma coisa por Bella. O que era uma coisa maravilhosa, pois nos dava uma vantagem sobre ele. Só nos restava agora ajudá-lo a tomar alguma atitude quanto a isso. O que meu instinto dizia que não seria nada fácil.

— Igor não tira os olhos de você. — Murmurei para ela, quando começamos a sair.

— Sério? — Perguntou, surpresa.

— Seríssimo. Agora é a hora de você sensualizar. — Pisquei para ela.

— Ai meu Deus! O que eu faço? — Perguntou desesperada.

— Para começar, use meus truques: Rebolar, passar as mãos nos cabelos, olhar para ele por cima do ombro e sorrir. Faça isso e ele ficará babando. — Repeti os gestos enquanto falava, para ela entender melhor.

— Como você sabe? — Perguntou, mordendo os lábios.

— Sou macaca velha. — Sorri. — Mas nada de exagerar e parecer uma vadia. Igor está acostumado com as mulheres desse tipo, você tem que ser diferente. —

Expliquei.

— E como eu vou saber que não estou parecendo uma vadia? — Questionou, ainda mais preocupada.

— Vadia, vadia, vadia. — Saí apontando para as mulheres. — Entendeu?

— Como você sabe? — Perguntou surpresa.

— Primeiro, a cara não nega e segundo, eu vejo de longe, pelo ângulo dos quadris. — Expliquei.

— Jesus! Não sei por que ainda me surpreendo com você. — Lou disse às gargalhadas.

— Porque sou maravilhosa, única e você me ama. Não saberia viver sem mim. — Pisquei para ela.

Anabella fez exatamente como eu disse e eu fiquei mais do que satisfeita de saber que estava tendo o efeito desejado, porque Igor não desgrudava os olhos dela. Estávamos dançando e nos divertindo ao som da música, até que Bella estacou no meio da pista de dança. Acompanhei seu olhar e vi que apesar de Igor ainda estar olhando para ela, agora tinha uma morena seca, tentando lhe chamar a atenção.

Merda! Porque ele não controla seu “barãozinho”

por uma noite?

Ele sorria para ela naquele modo cachorro de homem e continuava olhando para Bella, como se travasse uma guerra interna. E eu entendi que ele estava realmente confuso sobre o que fazer com ela. Mas eu não podia me preocupar com isso agora, porque ela saiu correndo para o banheiro e eu e Lou corremos para acompanhá-la.

— Eu sabia que isso não ia dar certo! Ele nunca vai me querer! — Murmurou, chorosa.

— Para com isso, Bella. Como ele não ia te querer? Você é linda! — Lou afirmou, lhe estendendo um pedaço de papel toalha.

— Mas ele estava lá, olhando para mim, enquanto provavelmente a outra se oferecia para dar uma rapidinha no banheiro com ele. — Afirmou, chorando ainda mais.

— Anabella, entenda: Todo homem é cachorro, resta a você escolher qual late mais gostoso no seu ouvido. — Falei.

— Meu Deus, Stephanie! Olha o que você está falando para menina. Olha como ela está mal! — Lou ralhou e eu revirei os olhos.

— Cala a boca, Lourdes! Ainda não terminei de dizer o que eu quero. — Voltei meu olhar para Bella. — Você disse que estaria disposta a lutar por ele, certo? — ela concordou. — Eu, Stephanie, te digo que ele sente sim alguma coisa por você. Mas como eu disse, todos os homens são iguais. Não sossegam. Não sabem ficar quietos e manterem seus paus dentro da calça. E é aí que eles pegam essas vadias. Mas o que eu quero que você entenda é que elas não deixam de serem vadias para eles. Entendeu aonde quero chegar? — Perguntei, e ela aquiesceu.

— Sim. — Respondeu, fracamente.

— Bella, não estarei mentindo para você dizendo que vai ser fácil, porque pelo que eu já pude perceber, Igor tá confuso e ainda tem que se entender, mais do que isso, perceber que tem que tomar uma atitude. Só que você não vai ficar parada, vendo a vida passar, porque eu não vou deixar. Então você vai engolir esse choro. — Bati na bunda dela. — Empinar essa bunda, voltar lá para fora e se divertir. O segredo, não só para conquistar alguém, mas principalmente para uma boa autoestima, é sempre pensar:

“Foda-se! Eu sou linda e gostosa! Quem ta perdendo é ele!”

Saímos do banheiro e vamos direto até o bar, aonde pedimos mais duas rodadas de tequila e mais um *Dry Martini* para cada uma. Precisamos esquentar esse negócio. Meu lema é: *Beba, independente do que aconteça!*

— Tenho que ir devagar. Não estou acostumada a beber muito. — Anabella comentou, quando lhe entreguei mais uma dose de tequila e ela fez uma careta.

— Só relaxar. Depois de algumas doses, a gente vira que nem sente. Pense assim, tem gente que prefere alimentar as decepções amorosas com chocolate. Eu particularmente acho que alimentá-las com bebida é mais divertido. O máximo que pode acontecer é você cair, mas depois levanta. Ou então mandar uma mensagem de texto que nunca mandaria sóbria. — Afirmei.

— Também não exagera, Steph. Ela pode ir com mais calma. Não é porque ela está sofrendo que tem que enfiar o pé na jaca. — Lou disse em tom de repreensão.

— Não a estou mandando enfiar o pé na jaca, Lou.

Apesar de que, isso é libertador. Ou você vai me dizer que não foi bom para você depois que você tomou um pé na bunda? — Perguntei com sarcasmo e ela revirou os olhos. — Tão bom, que o resultado da sua ressaca tem no mínimo 1,90 e 100kg de músculos. Até eu queria ter sofrido desse jeito. — Me abanei com ironia, fazendo elas rirem. — Sério, me desculpem por eu achar que a vida é muito curta para desperdiçar uma lágrima com qualquer pessoa. Nem meu rímel merece. — As duas começaram a rir.

Voltamos para a pista de dança já bem mais animadas, acontecimentos anteriores esquecidos. O que uma bebida não faz, né? A cerveja não me trai, a tequila não me decepciona, o vinho me esquenta e a vodka me deixa mais verdadeira. Depois querem me recriminar por causa de quem só me dá alegrias. Tão injusto com quem nos faz tão bem.

Como Deus escreve certo e em forma de música, *U + Ur Hand* de Pink começou a tocar e começamos a rebolar ao ritmo da música, que honestamente deveria ser imortalizada por nós mulheres.

Sabe aquele arrepiozinho na nuca que você sente, que parece que vibra por todo o seu corpo? Pois é. Exatamente esse arrepio que me fez sentir que alguém me observava, mas não era uma olhadinha qualquer, para causar tal reação na minha pessoa, tinha que ser uma olhada daquelas. Instintivamente, eu voltei meu olhar para nossa mesa na ala VIP. Tomei um susto quando seus olhos cravaram nos meus e, por um instante, perdi o compasso da dança. Lá estava Théo. Aquele “sumidor” de uma figa, estava sentado no sofá que nós tínhamos desocupado mais cedo. Eu não esperava vê-lo aqui hoje. Na verdade, eu não sei o que eu esperava mais de Théo depois de tantos dias sem ter nenhuma notícia. Ainda assim, meu corpo traidor reagiu. Ele estava lindo demais, com aquele seu sorriso torto característico e a covinha na bochecha, o que me fez sentir o pulsar entre as pernas.

Periquita carente dos infernos!

Era uma merda completa. Achei que depois que fosse para cama com ele e depois de toda essa semana de raiva sem notícias suas, todo esse desejo louco e incontrollável simplesmente passaria. Mas não, é como um vício. Uma

droga. Eu provei e quero mais. Muito mais. Mas o que ele estava achando? Que era só ele chegar aqui, sorrir dessa maneira safada que me deixava louca e que eu iria abanar o rabinho para ele? Jamais. Até parece que ele não sabe como sou. Mas eu não iria facilitar em nada para ele. *Não mesmo. Ele ia ter que correr atrás.*

Desviei o olhar e continuei dançando, como se eu não o tivesse visto e muito menos que meu coração quase tenha saído pela boca e minha periquita tivesse vibrando, só pela sua visão. Permaneci no ritmo da música, ignorando a vontade louca de ir até lá tirar satisfação com ele, enfiando o dedo na sua cara ou até mesmo olhar de volta para ele, porque tem umas ignoradinhas que a gente dá, que faz até bem pra saúde.

— Ele está aí. — Lou sussurrou em meu ouvido.

— Quem? — Me fingi de desentendida.

— Conta outra, Steph. Eu vi a olhada que vocês trocaram, pareciam que as roupas de vocês iam voar. — Ela riu e eu revirei os olhos.

— Hahaha. Engraçadinha. — Respondi, tentando parecer indiferente.

— Não vai falar com ele? — Perguntou.

Hã? Ela ta doida? Eu só engoliria meu orgulho se ele fosse de comer!

— Nem se ele fosse pagar minhas bebidas. — Virei de costas para ela, ignorando-a.

— Aonde você vai? — Ela perguntou, me virando de frente a ela.

— Ao bar, aonde mais eu iria? — Perguntei, sorrindo.

Virei, seguindo meu caminho e suspirei. Com o coração ainda disparado, fui andando de volta ao bar. Quando eu estava me aproximando do balcão, alguém me pegou pela cintura. Estanquei, por um minuto pensei que fosse ele e a vontade que eu tive foi de dar nos ovos dele, mas continuei paralisada. Incapaz de fazer nada. Felizmente eu não fiz o que queria, pois logo uma voz desconhecida sussurrou em meu ouvido:

— Sozinha?

— Depende. — Respondi, aliviada. Ainda não sabia se estava preparada para falar com ele.

— De que? — Voltou a perguntar.

— De quem me acompanharia. — Me virei, para que

eu visse quem falava, comigo. Afinal, ninguém conhece a cara de locutor de rádio. Vai que o cara é feio né? Não perderia nem meu tempo flertando.

Uh lá lá. Estava bem enganada.

Ele era moreno alto, rosto bem feito, olhos verdes, corpo bem definido e bonito até dizer chega. Vestia uma blusa polo branca e calça jeans em um belo corpo. Cara de playboy pegador, que tem tudo o que quer? Pois é, eles tem, até conhecerem uma mulher como eu. Esses são os melhores homens para gente mostrar quem está no controle.

— No caso, seria eu. Você ficaria comigo?— Insistiu.

— Depende. — Eu disse e ele sorriu, achando que eu estava entrando em seu jogo.

Coitado!

— De que? — perguntou.

— Do nível de álcool no meu sangue. — Sorri e sua boca caiu em aberto, antes de retomar sua postura confiante.

— Hm... E nesse momento estou em vantagem ou não?
— Sorriu e eu sorri de volta.

— Ainda não decidi. — Mordi o lábio, olhando para ele de cima a baixo. Era uma criatura bem interessante.

— E vai decidir como? — Insistiu.

— Ganhando uma bebida. — Comentei, dando de ombros e ele sorriu.

— Então estamos com sorte, porque você pode pedir.

— Chamou o garçom com um gesto, que fez nossos pedidos.

— Tin. Tin. — Eu brindei minha taça, em seu copo de uísque, antes de tomar um gole da minha bebida.

— Então... — Ele começou, me segurando pela cintura e puxando-me para o seu corpo.

Hm. Rápido ele, não?

Levantei minha sobrancelha, ponderando o que eu ia fazer. Sarcasmo ou eu devo primeiramente garantir minha próxima bebida? Ou quem sabe a velha Stephanne não vai se divertir com ele essa noite?

— Agora que você já ganhou sua bebida, o que teremos para hoje? — Perguntou.

— Teremos meu punho na sua cara! — Me assustei com a voz irada de Théo atrás de mim.

Put a que pariu!

Capítulo 20

Théo

Sabe quando você acha que tudo na sua vida está se encaixando? Afinal, eu tive uma noite de sábado e uma manhã de domingo maravilhosas, regadas a sexo da maneira mais enlouquecedora que eu poderia querer, e ainda por cima com a mulher por quem eu estava apaixonado. Tudo bem que Stephanne deu a louca e tentou fugir – da pior maneira, diga-se de passagem - do que estava acontecendo com nós dois quando acordamos, mas eu não fujo à luta tão facilmente, e mostrei para ela da melhor maneira que o que tínhamos era mais do que real. Por mais que eu não estivesse procurando por isso, eu encontrei em Stephanne a mulher que eu queria para mim. Eu estava louco por ela e ela por mim, não podíamos mais fugir disso. Sinceramente? Eu não ia deixar isso acontecer mesmo. Depois que ela dormiu de exaustão, apesar da vontade de estar ao lado dela e esperá-la acordar para

provar mais uma vez para ela o quanto isso que ela tentava negar, que ela não poderia fugir, eu não podia ficar. *Alexandre* não teria vez nesse momento. Afinal, como eu poderia explicar para seu pai, o Rei, que eu tinha passado a noite com sua filha, embaixo do seu teto? Não que ele ache que Steph seja pura, porque isso sabemos que ela está longe de ser, mas eu não queria arriscar topar com ele. Vai que ele toma uma atitude tirana? Não ia esperar para ver. *Alexandre* não merecia esse fim.

Apesar da vontade de voltar ao castelo para ver Steph, eu não pude, pois durante todo o domingo eu tive que resolver uns problemas no Ministério. Apesar de toda segurança instalada ali, invadiram o escritório de meu pai. Não levaram nada de valor, mas aparentemente a pessoa que entrou ali estava nitidamente à procura de algum documento, porque todos os arquivos do local parecem ter sido revirados. Meu pai obviamente estava nervoso. Ele não sabia como poderiam ter invadido um dos prédios mais seguros da Campavia e ainda por cima não ter deixado nenhuma pista do que aconteceu e o que realmente queria. Nem eu. Estava achando tudo isso muito

estranho. Como não achar?

Ficamos acompanhando as investigações com a polícia, que entrevistava os profissionais que trabalharam durante o período que invadiram o local e procuravam pistas por ali. As filmagens, que provavelmente entregavam o invasor, foram apagadas. Apesar de termos tomado todas as medidas cabíveis, não conseguimos chegar a lugar nenhum. O que só nos deu a certeza de que quem entrou ali não era nem um pouco amador, muito pelo contrário, ele fez um trabalho de mestre. Nenhuma digital sequer foi encontrada. Estávamos sem saber para onde correr. Por causa de tudo que aconteceu, não tive tempo para entrar em contato com Stephanie. Inclusive, acabei chegando em cima da hora ao Palácio Real, onde aconteceria a cerimônia de aparição dela para a população da Campavia. Após cumprir a agenda, estávamos todos participando de um coquetel, apenas para o parlamento e a mais alta nobreza. Eu estava estressado, cansado, sem saco para nada disso. Só queria sair dali, levar Stephanie para o meu apartamento e ficar com ela a noite toda.

Mas óbvio que a sorte não estava ao meu favor. Eu havia marcado com ela na escada secundária do Palácio, para que conseguíssemos fugir sem levantar muitas suspeitas. Só que eu não contava com o fato de meu irmão segui-la. *Sim. Ele estava realmente me tirando do sério.* Eu pensei em descer e dizer umas poucas palavras para ele, mas eu não precisei, porque como eu deveria imaginar, Stephanne sabia se defender muito bem. Eu estava sorrindo orgulhoso, olhando a cena, quando meu celular vibrou no meu bolso. Pensei em ignorar, mas pelo número que estava me ligando, só me ligaria caso tivesse acontecido realmente uma emergência. Afastei-me da escada para que pudesse atender.

— Aconteceu alguma coisa? — Perguntei, sem ao menos cumprimentar quem estava do outro lado da linha.

— Sim, senhor Caravaggio. Desculpe ligar para o senhor, mas como eu não conseguia entrar em contato com seu pai e você é o segundo da lista dos contatos de emergência, tive que lhe ligar.

— Você pode, por favor, me dizer o que está acontecendo logo. — Falei secamente, preocupado com o

que poderia ter acontecido.

— Sim. Bem. Nós precisamos que alguém venha até aqui com urgência. Não posso dar detalhes por telefone.



Não preciso dizer que eu saí correndo na mesma hora né? O pânico me engolfou e eu cheguei em casa e arrumei minha mala em tempo recorde. Só tive tempo de avisar a meu pai o que estava acontecendo e, como ele ficou logicamente tão preocupado e nervoso quanto eu, tratei de dizer que eu resolveria a situação e o deixaria a par do que estava acontecendo. Viajei com o jatinho da família e apenas quando cheguei ao local que me atentei ao fato de que havia deixado Stephanie à minha espera. Amaldiçoei-me por isso e mais ainda depois de perceber que, na correria, acabei esquecendo meu celular em cima da minha cama. Não tinha nem como enviar uma mensagem para ela. Assim que tive tempo para respirar e soube de todos os acontecimentos, liguei para meu pai e lhe contei tudo que estava havendo. Pedi também que ele pedisse para sua secretaria informar à Stephanie que eu tinha tido

uma viagem de emergência. Eu sabia que ela provavelmente estaria uma fera, mas eu me explicaria assim que eu voltasse. Pelo menos tentaria.

Minha semana foi um reflexo do final da minha noite de domingo. Foi terrível mesmo. Eu passava o dia todo lá, tentando de alguma forma ajudar ou amenizar o que estava acontecendo. Só parava para passar relatórios para meu pai ou então quando Igor ligava para lá, tentando ajudar, mesmo que estivesse de longe. Quando eu chegava ao meu quarto de hotel, a única coisa que eu tinha forças era para tomar banho e me arrastar para minha cama, antes de cair em um sono pesado e nada tranquilo. Eu estava literalmente um caco. Apenas sábado no final da tarde as coisas pareciam ter voltado ao normal. Não ao normal, porque para mim isso só seria normal quando não tivéssemos mais que estar ali, mas pelo menos normal o suficiente para eu poder ir embora para casa. Saí de lá, peguei minhas malas no hotel e fui direto para o aeroporto. Eu estava agoniado. Morrendo de saudades dela. Não via a hora de chegar em casa, tomar um banho e ir atrás da minha Princesa. Não tenho dúvidas que arisca

do jeito que ela é, está uma fera por eu não ter dado notícias. Eu não a julgo por isso, também teria enlouquecido se estivesse em seu lugar.

Cheguei ao meu apartamento eram mais de dez da noite. Como imaginei, meu celular estava descarregado em cima da cama e eu logo tratei de procurar o carregador para ligar o aparelho. Preparei-me para a enxurrada de mensagens de Steph me xingando, mas eu não encontrei nenhuma mensagem sequer. Tinham apenas mensagens dos meus pais, Taddeo, Bella e Igor. Mas eu ignorei todas, cada vez mais preocupado com Steph, pois eu tive a certeza de que a situação estava bem pior do que imaginei. Preferia mil vezes mensagem com insultos, do que o silêncio dela. Estava realmente preocupado com nós dois agora. Tentei ligar para o celular dela, mas caiu direto na caixa postal. Preferi não deixar mensagem e corri para o banho, sei que já estava tarde, mas mesmo assim estava decidido a ir atrás dela assim que saísse do chuveiro. Não ia deixar para amanhã, porque tenho certeza de que isso só faria piorar ainda mais nossa situação. No carro, tentei mais uma vez o celular dela,

mas continuava na caixa. Pensei em ligar para o celular de Lourdes, mas não queria atrapalhar alguma coisa caso ela tivesse saído com Victor. Ainda era meio estranho pensar em meu amigo tendo um relacionamento com Lourdes. Até porque eu sempre tive uma impressão que Lourdes tinha, digamos, uma paixão platônica pelo Rei. Pelo visto era só impressão minha ou talvez tenha esquecido, mas pelo menos agora eu sabia que Victor era um a menos para dar em cima da minha Princesa.

Sim. Eu sou possessivo, não idiota. Meu amigo ainda tem um pau, que eu prefiro que esteja bem longe de Steph!

Não demorei muito para chegar ao Castelo. Estava nervoso, coisa que normalmente não acontecia. Apesar de eu estar assumidamente apaixonado, ainda era estranho me sentir tão vulnerável com uma mulher como eu me sentia com Stephanie. Estava acostumado a não me envolver e a fazer o que quero e quando quero, era feliz em fazer apenas a minha vontade e não ter que dar satisfações da minha vida para ninguém. Como pode em tão pouco tempo Stephanie ter mudado tudo isso? Não que eu esteja

pensando em casamento e filhos nesse momento, porque se eu me sinto sufocado de pensar no assunto, imagine Steph, que até para assumir que temos alguma coisa está relutante. Ela na certa iria sair correndo. O que eu quero dizer, é que Stephanne chegou como um tornado na minha vida, revirando tudo. Tirando minha vida milimetricamente programada do eixo. Não que eu esteja me queixando, porque na verdade não estou. Sair da minha zona de conforto, por causa de Steph, está sendo sem sombra de dúvidas a melhor experiência da minha vida. Sei que ainda temos um longo caminho a percorrer, ainda tenho que fazer com que Steph me perdoe por ter sumido. Mas espero, honestamente, que daqui a algum tempo estejamos juntos, de uma maneira que eu nunca pensei realmente que eu quisesse estar com uma pessoa.

O segurança me cumprimentou e abriu a porta para que eu entrasse. Henriquetta estava na sala de estar quando entrei, provavelmente deve ter sido ela quem liberou minha entrada. Ela olhou para mim com um sorriso sereno e preocupado.

— Boa noite. — Saudei, dando-lhe um beijo na

bochecha. Eu tinha Henriquetta como uma tia, pois ela sempre estava por perto quando éramos pequenos.

— Boa noite, menino Théo. Está tudo bem? — Perguntou, preocupada.

— Tudo sim, Henriquetta. É que cheguei de viagem agora e precisava falar com Stephanne. — Falei nervoso.

— Hm. Sinto não poder ajudar, menino. Mas Stephanne saiu mais cedo. — Disse sem jeito.

— Saiu? — Perguntei, nervoso.

— Foi. Stephanne decidiu sair. — O Rei respondeu, entrando na sala.

— Hm. Desculpe chegar a essa hora aqui, mas é que cheguei agora de viagem, majestade. Eu precisava muito falar com Stephanne, o senhor poderia me dizer para onde ela foi? — Perguntei, cada vez mais nervoso, e ele ficou alguns segundos me olhando antes de desviar o olhar.

— Henriquetta. — Ele disse, olhando para ela. — Você pode ir dormir, não se preocupe.

— Sim, majestade. Se precisar de alguma coisa é só chamar. — Ela disse e ele assentiu.

— Não, não vou precisar. Obrigado. — Ele apontou

para mim. — Você. Venha comigo até meu escritório. — Afirmou, dando as costas para mim.

Put a que pariu! Tô fodido!

Henriquetta me deu um sorriso que claramente dizia: “boa sorte, você vai precisar!”, antes de me desejar boa noite e subir as escadas. Engoli em seco e fui andando até o escritório do Rei. A porta ainda estava aberta quando cheguei de frente a ela, e ele já estava sentado em frente à sua mesa, quando passei pela porta.

— Pode se sentar. — Ele disse, indicando a cadeira em frente à sua mesa.

— Obrigado. — Agradei, me sentando no local indicado.

— Então, Theodore. Acho que precisamos ter uma conversinha, não é mesmo? — Assenti, incapaz de dizer qualquer coisa. — Para começar, não vamos mais fingir que eu não sei que você e minha filha não estão se envolvendo, porque só sendo muito cego para não perceber. E a minha visão já teve provas mais do que suficientes de que não estou vendo demais. — Ele levantou sua sobrancelha, me incentivando a contrariá-lo.

Oh merda! Como vou sair dessa?

— Hm.. Majestade. Não sei nem o que dizer. — Falei nervoso.

— Que tal me dizer quais são suas intenções com a minha filha? — Ele perguntou, com uma expressão indecifrável.

Ok. Pense com a cabeça para responder essa e não com a cabeça de baixo. Alexandre não está em pauta nesse momento.

— Bom. Er... Eu e Steph estamos...

Oh Deus! Estamos o que? Nem eu sei!

— Estão? — Incentivou que eu continuasse.

— Hm. Como o senhor já sabe, nós estamos realmente nos envolvendo, mas ainda não conversamos sobre o que realmente somos. Bem.. Vossa Majestade, o senhor conhece sua filha, ela não é uma pessoa muito fácil de lidar. — Apressei-me a explicar. — Não estou fugindo, nem dizendo que não vou ter um relacionamento sério com ela, porque como pode imaginar, não depende apenas de mim. — Eu disse.

O Rei se levantou da sua cadeira, sem deixar de olhar

para mim. Por um momento eu achei que ele viesse pra cima de mim, mas ele andou até uma estante de livros e pegou um de capa preta de couro da prateleira de cima.

— Sabe. — Ele disse, se recostando na mesa, em minha frente. — Eu realmente sei o quão difícil minha filha pode ser. Stephanie é uma mulher que sempre foi muito mimada desde criança, porque eu de certa forma tentava suprir o que lhe faltava, realizando todas as suas vontades. Não vou dizer que fui ou que estou certo, porque eu tenho plena certeza de que eu fui mais permissivo do que deveria ter sido com Steph, principalmente depois que ela foi para Nova Iorque. Sei que eu sempre passei a mão na cabeça dela, cobria os rastros das besteiras que ela fazia, mas eu sempre fiz isso esperando que ela enfim amadurecesse quando chegasse a hora. — Disse.

O Rei suspirou e começou a folhear o livro em sua mão. Eu não me atrevi a dizer nada, porque eu não sabia aonde essa conversa ia chegar.

— Stephanie sempre foi uma menina decidida. Desde pequena ela foi assim. Nunca aceitou menos do que

exigia. Nunca aceitou fazer o que não queria. Apesar de todos seus defeitos, a determinação é uma das maiores virtudes da minha filha. — Parou de folhear e sorriu ao ver algo. — Como você mesmo disse, eu sei muito bem o quão difícil Stephanne pode ser quando quer. — Ele terminou falar e olhou para mim.

Ele estendeu o livro que segurava e eu peguei em minhas mãos, para então descobrir que não se tratava de um livro e sim de um álbum de fotografias. Mas não um simples álbum, era um álbum de fotografias de Stephanne e curiosamente ali também tinha fotos minhas.

— Vê essa foto? — Ele indicou, ao se aproximar de onde eu estava sentado.

A fotografia em questão tinha como legenda: “*Stephanne e Theodore, Abril de 2003.*” Na foto nós tínhamos cerca de onze e treze anos, respectivamente. Nós estávamos na estufa de flores que fica no fundo do castelo e eu estava abraçado com Stephanne, que tinha suas costas encostada em meu peito e eu estava com o rosto enterrado em seu pescoço e as mãos em sua cintura. Ela estava com a cara de quem estava me dando uma bronca, mas ainda

assim tinha um sorriso lindo nos lábios. Sorri com a imagem, porque eu me lembro exatamente desse dia. Nós estávamos mais uma vez “nos pegando” e eu estava pirraçando Stephanne mordiscando seu pescoço e fazendo cócegas em sua barriga. Coisa que ela diz odiar, mas que pelo sorriso em seus lábios que eu vejo agora na foto, acho que ela adorava quando eu fazia isso. Eu estava gostando tanto de ver essa imagem de nós dois, que por um momento eu nem me toquei que o Rei provavelmente sempre soube a verdade sobre nós dois. Ele deve ter percebido que eu saquei isso, porque logo tratou de dizer:

— Sim, eu sempre soube. Nada passa despercebido por mim, Théo. Não só porque sou o Rei, mas principalmente porque sou pai e não há nada mais do que eu zele na minha vida do que isso. — Apontou para a foto, provavelmente se referindo à Stephanne. — Vocês dois eram muito jovens, jovens até demais para o meu gosto. — Disse a última frase com um tom mais severo. — Mas apesar de terem aprontado muito quando crianças, eu sei que você respeitou Steph. Mais do que isso, apesar de todas as brigas que vocês tinham, cada um dos dois

querendo controle, vocês se adoravam e não se desgrudavam. Sei que vocês passaram muitos anos separados, que apesar dos motivos que me levaram a enviar Steph para o colégio interno não virem ao caso, acho que essa separação dos dois foi necessária para ambos. Como eu disse, vocês eram muito jovens e não acho que estaríamos tendo essa conversa agora. Você é um rapaz admirável, Theodore. E eu sinceramente acho que apesar de Steph ser uma pessoa difícil, você é o cara certo para ela, pois é o único que sempre soube lidar com o jeito de ser dela. Sei que Stephanie gosta de mostrar que nada a abala, mas isso não passa de uma fachada, pois o que ela tenta fazer todos os dias é se provar. Eu vejo como você a olha. Como vocês dois se olham. Mas isso não basta, se você só quiser brincar com ela. Quero que entenda que você teria um relacionamento não apenas com Steph, que namorou quando era criança, mas que também teria um relacionamento com a Princesa Stephanie. Você tem noção do que é isso? — Perguntou retoricamente. — Então eu lhe pergunto novamente. Qual a sua intenção com a minha filha?

Putá que pariu! O que eu posso dizer?

É. Muita coisa para assimilar. Ele tinha toda razão.

Mas, ainda assim não dá para negar para ele a verdade.

— Sei que isso pode soar clichê, majestade, mas minhas intenções com Stephanne são as melhores possíveis. — *“e piores também.”* Completei em pensamento. — Eu não estava à procura de um relacionamento agora, estava bem focado em minha vida profissional. Claro que isso fazia parte dos meus planos futuros, mas nada para agora. Mas bem, Stephanne voltou e tudo mudou. Eu quero estar com ela, quero ficar perto dela sempre. Eu... Bem, eu estou apaixonado pela sua filha. — Confessei.

Foi completamente estranho eu confessar isso para o pai da mulher por quem eu estava apaixonado, que eu estava realmente apaixonado por ela, ainda mais que eu não tive a chance nem de falar com ela sobre isso. Mas eu também não podia deixar de ser sincero com ele, afinal, além de pai, ele era o Rei e ele obviamente estava preocupado não apenas com o coração da sua filha, mas também com a repercussão que um relacionamento meu

com Stephanne poderia ter. O relacionamento que nem confessamos ter tem estado em toda a mídia mundial, imagine quando nós dois assumíssemos que estamos juntos? Vai ser tenso. Mas apesar de todas as coisas que estou prestes a abrir mão para poder ficar com Stephanne, eu não penso em desistir disso. Liberdade. Privacidade. Mulheres. Nada disso importa mais, sabendo que estarei ao lado da mulher que ganhou meu coração. Eu sei que ela vale a pena. Essa semana longe foi horrível em todos os sentidos, mas principalmente porque eu estava longe dela. Sei que ela provavelmente está magoada comigo por não ter dado notícias, mas eu vou tentar fazer com que isso mude.

— Fico feliz em saber, Théo. Faço gosto desse namoro. — Ele disse com um enorme sorriso no rosto.

— Obrigado, majestade. — Agradei, ainda sem jeito.

— Não precisa me agradecer. Apenas a faça feliz. — Continuou sorrindo. — Só quero te pedir para ter paciência com ela. Você sabe como ela é. — Comentou, com um ar zombeteiro.

— Pode deixar que farei tudo que está ao meu alcance

para vê-la feliz. — Eu disse, contente por ter sua “benção.”

— Tenho certeza que sim. Caso contrário você terá que se ver comigo, meu rapaz. — Disse, sério, e eu engoli em seco. — Bom.. Então acho que teremos muitas outras conversas em breve. Espero que daqui a algum tempo, quem sabe, estejamos conversando sobre o futuro de vocês. — Concluiu, de forma precisa, sem desviar os olhos dos meus.

— Sim, majestade. Eu também espero isso. — Apertei a mão que ele me estendeu. — Bom, eu preciso ir agora. — disse, me levantando. — Cheguei de viagem agora e quero muito vê-la. — Falei, tentando puxar assunto para que ele me dissesse onde ela estava.

— Claro. Pode ir. Na verdade, você deve ir. — Piscou para mim e eu ia perguntar o porquê disso, quando ele completou. — Não vou mentir para você que não gostei da ideia dela sair essa noite para inauguração da boate, ainda mais com aquele seu amigo que a chamou para sair. — Disse.

— Que amigo? — Perguntei, nervoso.

— O Barão de Niapólis.

Filho da puta! Eu vou matar Igor!

— Estou indo lá agora. — Falei, mais alto do que eu pretendia.

— Théo. — Ele me chamou, quando alcancei a porta. — Lá está com tudo sob controle agora? — perguntou, e eu me virei sabendo do que ele se referia.

— Sim, graças a Deus. Só saí de lá depois que vi que poderia voltar sossegado. — Admiti.

— Que bom, Théo. Eu também fiquei preocupado quando Alano me contou o que estava acontecendo. — Suspirou. — Mas vai, acho que você tem uma explicação para dar para alguém. — Sorriu, incentivando-me e eu saí rapidamente dali.

Peguei meu celular e comecei a discar o numero de Igor, enquanto andava a passos largos até meu carro. O maldito celular dele também só dava na caixa de mensagem. Resolvi deixar uma mensagem mesmo assim:

— Igor, seu filho da puta! Não acredito que você chamou Stephanie para sair! Quando eu te encontrar, você vai se ver comigo! — Bradei, antes de desligar a

chamada.

Apesar da conversa com o Rei ter tomado um rumo inesperado e eu ainda tivesse muita coisa para assimilar, saí do castelo com duas certezas: Uma, que eu ia matar Igor. E a segunda, que eu ia fazer Stephanie entender que a gente se pertencia, nem que eu tivesse que amarrar aquela bandida na minha cama. E ela só vai sair de lá quando assumir que acabou a brincadeira.

Porque agora a porra ficou séria!



Sempre fui um cara controlado. Sempre. Nunca me meti em brigas, pelo simples fato de não gostar delas. Sempre fui pacífico. Meus maiores problemas com brigas sempre foram com meu irmão. Afinal, já sabemos que nossa relação nunca foi das melhores. Só que em duas semanas eu já me vi mais descontrolado do que me vi a vida toda. E o motivo disso tem nome, pois Stephanie chegou, chegando, mudando tudo dentro de mim. Tudo. Nunca imaginei idealizar a morte do meu melhor amigo. Sério. Igor era meu melhor amigo desde sempre e nós já

aprontamos tanto juntos, que achei que nada pudesse abalar nossa amizade. Tudo bem que Stephanie me tirava do eixo, mas só de imaginar Igor tocando nela, só me via matando aquele desgraçado.

Dirigi como um louco para chegar até a boate, felizmente o trânsito estava tranquilo e não tive problemas. Graças a Deus, porque independente de como eu me sentia, não justificaria minha imprudência ao conduzir. Cheguei à porta de entrada e aqueles abutres da imprensa estavam lá na frente, parecendo desesperados para entrar, e eu tinha mais do que certeza de que o motivo para tanto alvoroço era o mesmo que eu tinha para estar ali. Stephanie. Eles certamente queriam fotos exclusivas da Princesa. Obviamente eles me atacaram e logo questionaram se a minha presença ali era por causa de Stephanie, apesar de não poder negar, também não disse nada que pudesse nos comprometer. Lidaríamos com isso em outra oportunidade. Era melhor assim, por enquanto. Hoje estava aqui exclusivamente para me apossar do que era meu. Consegui entrar sem problemas e fui direto para área vip, imaginando que meu ex-melhor-amigo/traíra

estava lá com a minha Princesa. Qual a minha surpresa quando eu o encontro com apenas Victor? Assim que ele me vê, ele deve ter visto algum traço de que eu estava muito emputecido com a cara dele, porque logo tratou de ficar de pé e levantar as mãos, em rendição.

— Calminha aí. — Victor tratou de se colocar em nossa frente. — Não é nada do que você tá pensando. — Igor disse.

— Um caralho! Meu melhor amigo espera eu dar as costas, para poder dar em cima da minha garota e ainda vem me dizer que não é nada disso que estou pensando? — Bradei, irritado.

— Théo, para com isso cara. Igor não fez nada. — Victor tentou dizer.

— Não fez nada, ainda. — Retorqui.

— Deixa de ser idiota, Theodore. Eu a convidei para sair como amigo, seu imbecil. Hoje ela foi fazer a consulta de retorno do seu pé e eu a convidei para sair, como amigo. — Frisou a última palavra. — Se você tivesse conversado com ela ou tivesse vindo falar comigo quando liguei para lá mais cedo, você saberia. Além do

mais, não viemos sozinhos, sua irmã veio com nós dois no carro. Então guarde sua energia para consertar a merda que você fez ao deixá-la às cegas e não para me culpar pelo que não tenho culpa. — Igor explicou, irritado.

Como é que é? Ele? Ela? Minha irmã?

— Que diabos está acontecendo, afinal? — Perguntei.

— Nada, idiota. Eu não deveria me importar por você achar que eu faria isso com você, mas eu me importo. Você é meu melhor amigo, caralho! Como você acha que eu seria capaz de pegar a mulher por quem você esta apaixonado? Achei que nossa amizade fosse mais do que isso. — Ele disse, ainda puto, e saiu do camarote, me deixando sozinho com Victor. E com minha culpa.

— Você vacilou, cara. — Victor disse.

— Eu sei. — Disse, derrotado.

Suspirei e pensei no que faria. Eu tive uma péssima semana. Estava estressado. Cansado. E acabei descontando minha frustração em cima do meu melhor amigo, que não tinha nada a ver. Igor pode ser um “homem puta”, como eu chamo, mas uma coisa que ele sempre fez foi respeitar nossa amizade. Apesar de eu ter namorado

apenas a sua prima e mesmo com suas brincadeiras, provocações, ele nunca desrespeitou nenhuma mulher com quem eu estava. E eu chego aqui falando um monte de merda.

Parabéns, Théo! Hoje é dia de se passar por idiota!

Foi nesse momento que eu olhei para frente e a vi. Meu coração bateu descompassado com sua visão. Linda. Perfeita. Ela estava dançando. Parecia tão plena. Sublime. Entregue. Se é que era possível, ela estava ainda mais linda do que na última vez que nos vimos. E eu estava tão fissurado pela minha visão, que não conseguia parar de olhá-la. Como se sentisse que eu a estava olhando, nossos olhos se encontraram. Se cravaram em uma conexão impossível de se quebrar. Foi inevitável não sorrir ao ver a razão da minha insônia depois de tantos dias. *Alexandre* acordou, mostrando que ainda estava vivo, depois de tantos dias em estado de semivida, em que só se manifestava na hora de fazer o número um. Uma saudade louca e avassaladora me dominou. Uma saudade do seu cheiro, da sua pele, do seu gosto. De tudo com ela. Eu tive vontade de ir até lá e puxá-la até mim, e acabar com toda

essa semana de merda, da melhor maneira que eu poderia querer. Nós dois. Juntos.

As pessoas ao nosso redor poderiam não perceber, mas eu a vi perder o ritmo por um segundo. E eu vi em seu olhar o quanto ela ficou surpresa, contente, mas também irritada ao me ver ali em sua frente, depois de tantos dias. Eu tentei lhe dizer com o olhar tudo que eu sentia, mas ela desviou. Se antes eu já sabia, agora eu tive certeza de que ela não ia facilitar para o meu lado. Ela tentou continuar a dançar, mas acabou trocando algumas palavras com Lourdes, antes de sair da pista de dança. Não perdi tempo e fui atrás dela. Saí esbarrando nas pessoas durante todo o caminho, desesperado para chegar mais perto dela, precisando chegar o quanto antes. Depois do que me pareceram horas, eu consegui avistar sua silhueta próxima ao bar, e o que eu vi em seguida, me cegou. Um cara puxou-a pela cintura, juntando-a ao seu corpo. Cheguei mais rápido do que pude, pronto para acabar com sua ousadia e quebrar sua mão, quando eu ainda pude escutar o idiota dizendo para ela:

— Agora que você já ganhou sua bebida, o que

teremos para hoje?

O que esse filho da puta disse?

— Teremos meu punho na sua cara! — Respondi, quase em um rosnado.

Stephanne se afastou rapidamente dele, se assustando com minha presença e provavelmente com meu tom de voz.

— Ainda está querendo meu punho na sua cara? Porque se ficar mais um segundo olhando para ela, é exatamente isso que eu vou fazer. — Bradei, para o playboy na minha frente.

— Qual é, cara? Para mim ela estava sozinha! Afinal, como eu ia achar que ela estava com alguém dançando daquele jeito que não dá para respeitar? — Respondeu, me encarando com malícia.

Eu vou matar esse filho da puta!

— O quê? Seu idiota... — Stephanne disse, indo encarar o idiota, mas não teve tempo, porque meu punho chegou mais rápido do que ela.

— Você vai ver quem é que você tem que respeitar, seu imbecil! — Bradei, acertando outro murro de direita em

seu queixo.

Ele urrou, e seu nariz que já sangrava do primeiro murro que lhe dei parecia ter jorrado mais sangue por causa do segundo golpe. O imbecil tentou revidar, mas o máximo que conseguiu foi um golpe de raspão em meu queixo, pois felizmente meus reflexos eram rápidos e eu consegui desviar. O que não quer dizer que doeu menos. Quando estou prestes a derrubá-lo e bater a merda fora desse cara, quatro braços tentam me segurar, impedindo-me de ir em frente.

— Está bom cara, ele já entendeu. — Igor disse, enquanto eu me debatia.

— Me solta, porra! — Gritei, fora de mim.

— Chega, Théo. Você não quer um processo contra agressão, né? — Victor complementou e eu ainda me debatia, querendo me livrar deles e estourar a cara toda do imbecil, que agora era segurado por um dos amigos.

— Para, Theodore. Olhe como Stephanne está. — Igor disse, alertando-me.

— Théo, por favor. — A voz suave e preocupada de Steph fez com que eu focasse meus olhos nela, ao invés de

ser no idiota que era rebocado pelos seus amigos, saindo dali. — Théo, vamos, por favor. — ela repete, com o olhar assustado.

O tom de sua voz e o olhar assustado atravessaram a adrenalina e a vontade de fazer esse filho da puta engolir o que ele disse, e fez com que eu parasse de tentar lutar com meus amigos e acabasse com o que comecei. Eu não podia ignorar um pedido dela. Por mais que a música ainda pulsasse forte ao nosso redor, uma multidão formou um círculo perante nós. Não me importei nem um pouco com a plateia que se formou. Me soltei dos meus amigos, indo em direção à Steph, segurando sua mão, antes de levá-la para a saída dos fundos. Felizmente ela me seguiu sem contestar. Quando saímos pela porta traseira, o ar frio da Campavia nos saudou, mas meu sangue ainda estava quente e minha respiração ainda forte pela adrenalina do que aconteceu. Suspirei fortemente, tentando me controlar, porque eu sei que agora eu tenho que tratar com ela.

— Deixa eu ver seu queixo. — Ela pediu suavemente, examinando o local que pinicava.

Apesar da pontada dolorida que eu senti com seu

toque, o calor da sua pele me queimou, como sempre fazia quando ela me tocava. Parecendo sentir a mesma coisa, Stephanne se afastou. Obviamente querendo dar espaço entre nós.

— Não precisava ter me defendido. — Quebrou o silêncio, parecendo irritada.

Sério que ela está dizendo isso?

— O que? Você queria que eu fizesse o que? Que eu simplesmente o deixasse falando assim com você? — Perguntei, revoltado.

— Não. Mas eu sei me cuidar muito bem. Não precisava do seu punho para ter que acertá-lo. — Retorquiu.

— Não? O que você quer dizer com isso? Que por um acaso se eu não tivesse chegado, você estaria com ele? — Perguntei, fora de mim.

— E daí se eu tivesse? — Perguntou, em desafio. — Não é da sua conta mesmo. — Afirmou, enfrentando-me.

Não. Ela não disse isso!

— Sério isso? Era isso que você queria então? Ficar com ele? — Ri, com amargura. — Ou você queria que eu

fingisse que você não importava para mim? — Perguntei retoricamente. — Foda-se, Stephanne! Porque você sabe que significa sim para mim! Não adianta fingir que não, caralho!

Ela olhou-me chocada, antes de engolir em seco. Eu sabia que tinha muito mais para falar, mas ainda estava nervoso e irritado com tudo. Então ela levantou seu olhar para mim, decidido, e não precisava conhecê-la para saber que ela não ia facilitar em nada essa nossa conversa. Ela estava magoada. A vontade que eu tinha era de pegá-la e jogar nas minhas costas e cumprir a promessa que fiz para mim mesmo de amarrá-la na minha cama, até que ela entendesse tudo que está acontecendo. Até que confessasse que era tão louca por mim, quanto eu por ela. E eu vou fazer isso se precisar, mas primeiro eu tenho que amansar a fera que existe não só em mim, mas também nela.

— Tanto significo, que não mereço uma mísera mensagem depois da noite de foda, Theodore! — falou, com amargura.

— Nós precisamos conversar. Conversar sobre o

porquê de eu não ter entrado em contato. E principalmente, precisamos conversar sobre nós dois. — Falei, rapidamente.

— Sobre nós? Vai se foder, Théo! Você e esse seu territorialismo sem propósito! Faça um favor para nós dois. Me esqueça! — Disse me dando as costas e indo em direção à porta de saída, entrando novamente na boate.

— Stephanie! — Gritei, e ela me deu dedo, sem virar de costas para mim. — Merda! — Gritei, chutando a lata de lixo que tinha ali.

A vontade que eu tinha é de agarrá-la à força e fazê-la me ouvir, mas eu ainda precisava recobrar o juízo que eu tinha perdido lá dentro por causa dela. Eu conheço Stephanie o suficiente para saber que ela tem mania de fugir. Ela tem medo do que sentimos um pelo outro. Por isso que ela foge, e a melhor defesa dela é o ataque. Mas ela parece que esquece com quem está lidando. Não me assustaria com nada disso, porque ainda assim, com todos os nossos problemas a resolver, todas as nossas diferenças, e mesmo saindo da minha zona de conforto com Stephanie, eu amo tudo sobre ela.

Merda! Eu disse Amo?

Fiquei chocado com meus pensamentos e aproveitei para ficar alguns minutos lá fora, antes de me acalmar e retornar para dentro da boate. Eu precisava encontrá-la e consertar essa merda. Eu sabia que não seria fácil. Afinal, nunca é com ela. Mas eu não poderia simplesmente deixar para lá. Não mesmo. Lá dentro a festa continuava e não dava nenhum indício de qualquer briga ali antes. Fiz uma geral, procurando-a ao redor, mas não a encontrei. Subi até onde ficavam os camarotes e encontrei o que meus amigos estavam vazio, com exceção de Igor e Anabella, que pareciam conversar alguma coisa. Imaginei que fosse algo sobre Stephanie.

— Théo. — Anabella, veio me dar um abraço assim que me avistou.

— Oi, meu docinho. — Beije o topo da sua cabeça.

— Como você está? Eu vi que ele lhe acertou... — Me olhou preocupada, estendendo a mão em meu queixo, e eu gemi. Na certa porque o restante da adrenalina se foi e agora só me restava a dor no local. — Precisamos colocar gelo aqui. — Foi até a mesa, pegou uma pedra de gelo e

um guardanapo de pano, trazendo-o até meu queixo, antes que eu pudesse contestar.

— Estou bem. Você sabe onde ela está? — Perguntei, fazendo uma careta de dor, pelo gelo que ela pressionava em meu machucado.

— Não... — Respondeu, sem jeito.

— Cara, acho melhor você ir para casa descansar, eu vou procurá-la e levo ela e Anabella para casa. Amanhã vocês conversam. — Igor disse.

— Não, preciso conversar com ela. Agora. — Falei, deixando claro que eu não mudaria de opinião e meu amigo assentiu, pois me conhecia muito bem.

— Não sei se vai ser uma boa ideia. Lou e Victor estão tentando conversar com ela, mas não sei se vai adiantar muito, porque a última vez que eu vi, ela estava com uma garrafa de tequila na mão. — Explicou.

Merda fodida!

— Tenho que te pedir desculpas. — Comecei, sem jeito, e ele assentiu.

— Tudo bem. Você estava de cabeça quente. Sua semana foi um pesadelo. Só fiquei puto, porque você, de

todas as pessoas, não deveria duvidar da minha lealdade.

— Ele disse, parecendo realmente chateado.

— Eu sei disso. Só que subi à minha cabeça... Porra... Se coloque em meu lugar. Eu chego que nem um louco, querendo vê-la e descubro que ela saiu com você. Você passa o pau em tudo quanto é boceta e eu dei esse mole essa semana, sabia que Stephanne estava irritada comigo. Fiquei fora de mim. Imaginando merda de vocês... — Confesso. E Bella tosse, querendo que eu me lembrasse que ela estava ali.

Porra! Tinha até esquecido que minha irmã estava aqui!

— Desculpa, docinho. — Beije sua mão, que ainda segurava o gelo em meu queixo.

— Sem problemas. — Disse, sem jeito.

— Não se preocupe. Eu realmente tentei contar a você que estava trazendo-a para cá. Mas não consegui, e com você sem celular tava difícil me comunicar. O que eu tenho que te dizer é que ela realmente está chateada com seu sumiço, tentei conversar com ela, mas ela não me deu ouvidos. — Igor disse, dando de ombros, e eu suspirei.

— Tudo bem. Vou atrás dela. — Falei, indo atrás da minha bandida. Ela ia ter de me ouvir.



Sabe aquela sensação de déjà vu? Pois bem. Era exatamente isso que aconteceu, quando eu vi um círculo formado e as pessoas gritando “*Body Shot! Body Shot*”. Com o gosto amargo da irritação, fui em disparado até o local, imaginando que aquela louca estava fazendo isso novamente e eu ia acabar com isso de qualquer maneira. Não posso nem dizer o quanto eu fiquei aliviado ao ver que não era ela deitada no local, mas sim uma outra mulher. Mas lá estava Steph, ao lado, incitando a baderna.

Filha de uma mãe provocadora!

Ela me olhou e sorriu perversamente, sabendo exatamente que essa merda estava fodendo com meu controle. Não precisei dois segundos para pensar no que ela faria, pois eu sabia e tratei logo de segurar seu braço, impedindo-a de deitar no lugar que a outra mulher tinha acabado de levantar.

— O que você pensa que está fazendo? — Perguntei,

entre os dentes.

— Me divertindo. Ué. — Ela disse, com provocação.

— Nem fodendo que você pensa que vai fazer isso! —

Sussurrei, irritado em seu ouvido.

— Fodendo só mais tarde. — Piscou para mim. —

Mas agora é a hora do *Body Shot*. — Se virou, olhando as pessoas redor. — *Body Shot!* — Gritou, e a galera acompanhou.

— Pare com isso! — Falei, meu sangue fervendo em minha pele.

— O que foi, Théo? Você nunca ouviu dizer que quem não sabe brincar, não desce pro Play?

Caralho! A louca do Body Shot estava de volta!

Capítulo 21

Steph

Blefar é uma arte. E é uma arte para poucos, devo ressaltar. Todos os bons jogadores são bons blefadores. E, bem, como ótima jogadora que sou, não poderia ser diferente, não é mesmo? No Poker, para que o seu blefe seja bem-sucedido, é preciso fazer o seu oponente pensar que você tem uma mão forte. Na vida é basicamente a mesma coisa. Para cada jogador existe uma forma correta de blefar. Por exemplo, Théo é um homem do tipo controlador, então qual a melhor maneira de fazer com que ele caia no meu blefe? Fazê-lo perder o controle, claro, e usar isso ao meu favor.

Vamos exemplificar as coisas aqui: Stephanie + Timão e Pumba na espreita + Papai furioso + corte de mesada e cartões = a uma Princesa infeliz para todo sempre, amém.

Então sim, a minha ideia aqui é que Théo ache que eu

vá fazer algo, quando na verdade não pretendo fazer, apenas para vê-lo desestabilizado. Afinal, um Body Shot não valeria tudo o que eu perderia. Não mesmo. Na verdade, minha intenção aqui é única e exclusivamente pirraçá-lo, porque aqui para nós, não existe nada melhor do que ver um homem perdendo o controle por sua causa. É excitante.

Além do mais, ainda estou muito chateada pelo seu chá de sumiço. Quem ele pensa que é para chegar chegando, me reivindicando depois de ter passado tantos dias simplesmente ignorando a minha existência, depois de todas aquelas rodadas de sexo incríveis? Quem ele pensa que é, para voltar assim do nada, lindo, gostoso desse jeito, depois de ter me feito ficar louca de vontade de estar com ele mais uma vez, depois de tudo que a gente fez? Ninguém mandou ele ser lindo, gostoso, viciante e idiota desse jeito, eu que não vou facilitar a vida dessa delícia. Não mesmo. Ele vai aprender a não mexer comigo, e não preciso ser mestre para saber que meu blefe está dando certo.

— Se você quer fazer um Body Shot, vamos para

minha casa, que passo a noite inteirinha bebendo e lambendo seu corpo. — disse, mordiscando minha orelha, fazendo meu corpo todinho se arrepiar.

A voz de Théo era baixa e sedutora em meu ouvido. Um arrepio correu meu corpo todo a partir do calor de sua respiração, fazendo cócegas no meu pescoço onde ele agora tocava. Por que ele me afetava tão intensamente? Porque ele não pode ser como todos os outros que passaram na minha vida?

Merda de safado delicioso! Força, Stephanne! Se aprume, periquita!

— Não, obrigado. Tenho um parque de diversões por aqui. — Recusei, com meu melhor sorriso.

— Nem pense em fazer isso. Ou você vai se ver comigo. — Avisa, irritado, ao meu ouvido.

— Ver o que? Oh... Deus... Estou morrendo de medo!
— Gargalhei

Afastei-me dele, para tentar manter minha sanidade, só que a cara de mal dele era uma delícia. *Como resistir?*

— Você não vai fazer a merda de um *Body Shot*. Você sabe que, se fizer isso, amanhã estará em todos os jornais

e seu pai vai matar você. E eu, definitivamente, não vou deixar. — Apontou, e eu dei de ombros.

— E quem disse que eu ia fazer? — Perguntei, com um sorriso provocativo. — O fato de eu estar me divertindo, não quer dizer que eu vá deitar ai nesse balcão e repetir o que você já me viu fazer. O que estou fazendo é me divertir, exatamente a solução que encontrei para resolver isso que estou sentindo agora. — Falei.

— O que? — Perguntou baixinho.

Sabe aquele estranho momento em que você está discutindo com você mesma na sua cabeça e de repente escapa uma palavra em voz alta? Pois é, foi exatamente isso que me fez respondê-lo:

— Esse sentimento que se chama: beber, para não ter que dar nessa sua cara linda! — Falei, antes de virar uma dose de tequila, e ele me olhou surpreso, antes de voltar a fechar a cara.

Não esperei que ele dissesse mais nada, peguei mais uma dose de tequila, e saí andando em direção à pista de dança. Precisava extravasar, para não cair em tentação. Eu sabia que Théo mexia muito comigo, estava irritada e

estar próxima a ele não ajudava em nada meu propósito. Era muita tentação para uma pessoa só. Porém, meus pés pareciam não estar colaborando, pois eu teria caído se Théo não tivesse me seguido e me segurado.

— Olhe como você está. Está quase caindo de bêbada.
— Falou, irritado.

— Cair não faz de você uma bêbada. Não conseguir levantar, sim! — Retorqui.

— Stephanne. Pare com isso! Não me provoque. Você daqui a pouco não vai poder nem andar de tanta tequila que está bebendo. — Bradou.

— Exatamente por isso que estou bebendo, se fosse para andar, eu bebia *Johnny Walker*. — Falei rindo.

— Deixa de ser criança, Steph. Desde que cheguei você não para de beber. Você não cansa de beber? — Perguntou.

— Não costumo beber correndo, Théo. — Digo com um sorriso quase bêbado, e ele bufou cada vez mais irritado.

É. Talvez eu esteja realmente um pouco bêbada!

Quando ele pensa em responder, uma morena linda de

corpo escultural passa por nós, vestindo um vestido indecente de tão curto, e volta assim que parece reconhecer Theodore. Ele parece não se dar conta quem é ela, e não seria surpresa nenhuma que ele já tivesse comido essa vadia. Sim, ela é vadia. A cara de “me foda” que ela fez para ele quando encontrou seu olhar, definitivamente não nega e fora que meu radar não me deixa enganar.

— Theodore Caravaggio. — Ela ronronou, segurando seu braço, praticamente ignorando minha presença.

— Uh. Oi. — Ele disse, sem jeito.

— Stephanie di Montalcino. Que beleza, todos sabemos nossos nomes agora. — Falei, de forma sarcástica, e Théo com certeza segurou seu riso.

O bastardo estava gostando!

— Stephanie, essa é... — Théo começou, e eu fiquei feliz por ele ter esquecido o nome dela.

— Diana. — A vadia complementou.

— Claro, sim. Diana. — Ele disse, com um sorriso que provavelmente usava para paquerar essas vadias.

Ele quer ficar banguelo, produção?

— É uma honra conhecê-la, Princesa. — Ela reverenciou-me, finalmente parecendo ter se tocado de quem sou.

Isso mesmo. Abaixa a cabecinha, avestruz!

— Diana trabalha na *Chanel*. — Théo explicou, e ela sorriu como se isso fosse maravilhoso.

Para ela deve ser, afinal só assim ela tem uma chance de usar algo da marca, por causa dos descontos para funcionários. É, eu sei que sou má.

— Jura? Hum... Eu tenho várias roupas e vestidos da *Chanel*. — Dei o meu melhor sorriso de “sou melhor que você, sua bitch”.

— Er... Que bom. Seria uma honra se você fosse lá na loja, Princesa. — Disse, sem jeito.

— Talvez eu vá ao lançamento da próxima coleção, porque eu fui à Nova Iorque no último lançamento. Já tenho o que preciso — respondi, e ela assentiu antes de se virar de volta para Théo.

— Nunca mais te vi por aí, Théo. — Ela disse, e ele voltou a sorrir para ela.

Fecha a boca, seu bastardo!

— Pois é. Muito trabalho, sabe como é — falou e olhou para mim.

Eu dou trabalho? Filho da puta! Ele vai ver o trabalho que vou dar para ele!

— Uma pena. Mas então, Théo, já que estamos por aqui, o que você acha de passar lá em casa mais tarde? — Perguntou, me ignorando completamente.

Vadia! Ela não tem vergonha nessa cara?

Não. Óbvio que não. Deveria ter vergonha de oferecer essa bacurinha folozada na minha frente. Sim, folozada, eu falei que dá para ver pelos ângulos dos quadris, lembram? Enfim... Cadê o respeito com a hierarquia? Não admito esse tipo de descaração e falta de respeito na minha frente. Saudades do tempo das torturas medievais.

— Sim, Théo, você vai passar mais tarde na casa dela? — Perguntei, com um falso sorriso.

Sabe aquele ciuminho básico que a gente sente porque a pessoa demora pra responder? Então. Posso esganar ele agora?

— Uh... Diana, não é uma boa ideia agora. — Ele finalmente disse, sem jeito.

— Por quê? — Ronronou.

É.Paciência tem limites, mas fogo no rabo não!

— Porque, Théo? — repeti a pergunta, cada vez mais irritada.

— Porque estou com alguém — responde, colocando seu braço na minha cintura, me puxando para junto dele.

Ótima resposta!

Chanelzinha pareceu entender que esse “alguém” era eu e ficou sem graça. Bom. Eu gostei, não vou mentir. Mas isso não quer dizer que está tudo bem agora, estou apenas gostando de marcar território. Prefiro deixá-lo acreditar que tá tudo bem, para não ter que aguentar essas vadias esfregando os peitos na cara dele.

— Eh... Desculpa... Eu não sabia que vocês estavam realmente juntos. Afinal, Theodore nunca tem relacionamentos. — Falou, ainda sem jeito, e eu sorri.

Sim. E?

— Isso depende muito do outro lado também. Ele sabe quem vale a pena. — Falei com um sorriso enorme, acariciando o braço de Théo que estava parecendo gostar muito desse jogo.

— Uh... Claro. Parabéns! Preciso ir. Minhas amigas estão me esperando. Foi um prazer conhecê-la, Princesa. Eu não sabia que você era tão... Simpática. — Falou rapidamente.

— Oh, querida, obrigada! Mas acredite, não é simpatia, é muito álcool mesmo. — Sorri abertamente, ao vê-la embasbacada.

A vadia rapidamente se despediu e eu desatei a rir. Como dizem as más línguas: Estamos nessa vida só de passagem, nada nos impede de passar desfilando e, no meu caso, divando. Estamos aqui para isso. A boca de Théo se abriu em um sorriso e o senhor babaca estava de volta.

Que surpresa!

— Nossa, Stephanne, como você é maldosa. — Théo disse, me puxando ainda mais para ele e eu tratei logo de me afastar, para meu corpo traidor não cair em tentação.

Já disse para quietar o facho, periquita carente!

— Foda-se! Você por um acaso está defendendo ela? — Perguntei, irritada, e ele me deu aquele seu sorriso lindo e irritantemente sedutor.

— Não, mas adorei vê-la com ciúmes! — Falou, sorrindo ainda mais.

Filho da puta!

— Foda-se! Eu não estava com ciúmes! — Respondi, tentando convencer a mim mesma disso.

— Sim, estava, e pare de responder com “foda-se”, por que isso não é resposta. — Sorri daquele jeito safado que eu amo. O que me deixou mais irritada.

— Foda-se é sim uma resposta pra tudo. — Retorqui.

— Não acho. — Rebateu.

— Foda-se o que você acha. É praticamente a resposta Universal para os problemas. — Bato com meu dedo em seu peito.

— Vamos, precisamos conversar. — Pega em meu braço, suavizando seu tom de voz.

— Obrigada, mas dispenso. Com o gelo que você me deu, estou tomando bons drinks. — Falei em tom desafiador, e ele bufou, irritado.

— Por favor... Abaixе suas armas por um minuto, pelo menos até eu te contar o que aconteceu. Que horas você pretende ir para casa? — Perguntou, visivelmente

tentando se controlar.

— Hum... Eu vou às “vai para o inferno em ponto”. — Respondi, me virando para sair de perto, e ele voltou a me puxar para ele.

— Não mesmo. Vamos embora agora. — Disse, puxando minha mão para a saída e, mesmo irritada, andei em silêncio para não criar um espetáculo na frente de todos.

Enquanto passávamos pela saída, os Paparazzis que sobraram ali enlouqueceram com nossa aparição. Coloquei um sorriso no rosto, enquanto internamente xingava Théo, porque sairmos de mãos dadas significava todas as confirmações para as especulações sobre nosso “relacionamento”. Alguns seguranças nos cercaram, impedindo a aproximação deles, e eu dei graças a Deus pelo estacionamento ser fechado, o que fez com que os Paparazzis ficassem do lado de fora. O estacionamento estava vazio, porque obviamente a festa estava só começando. Théo pegou sua chave com o manobrista e quando chegamos ao lado do seu *Audi*, eu me soltei, porque eu não estava indo com ele. Não mesmo.

— Vamos, entre no carro. — Abriu a porta do carona para mim.

— Não mesmo. Estava muito bem antes de você chegar. — Retruquei, cruzando os braços sob meus seios.

— Vamos agora para minha casa! — Falou, entre os dentes.

— Não estou fodendo com você! — Disse, irritada.

— Nossa! Eu sempre fico impressionado como a Princesa fala tão bonito! — Falou com sarcasmo.

— Você ainda não viu nada, imbecil! — Apontei o dedo para ele.

— Steph, escute aqui. Nós vamos sair daqui e resolver essa merda toda agora. Chega de criancice. Cansei dessas suas infantilidades. Encare seus problemas. Aprenda a assumir suas porras! — Falou, cada vez mais irritado.

— Nossa! Você é um grosso! — Retorqui, embasbacada.

— Cala a boca e vamos. Não fique me elogiando, porque fico sem jeito! — Volta a me puxar, e eu tirei minha mão da sua novamente.

— Tô nem aí para você... — Comecei, antes dele me

carregar nos ombros. — Me solta seu idiota! Isso é agressão física, vou ligar para o meu advogado! — Gritei, em vão.

— Ótimo. Coloque cárcere privado e abuso sexual na sua lista de acusações contra mim, porque pretendo abusar de você e fazê-la gritar de prazer a noite inteira na minha cama. E você só vai sair de lá quando admitir que é tão louca por mim, quanto sou por você. — Falou, me fazendo estremecer e minha calcinha alagar.

Oh meu Deus... Apenas Uau. Isso é jogo baixo. Baixíssimo!

Pronto. Fiquei quietinha. Fiquei sentada quietinha quando ele me colocou no banco do carro. *Adeus resistência!* Nesse preciso momento, meu cérebro parou de funcionar, parou de pensar e até mesmo de tentar pensar, porque nada mais importava além das promessas que ele fez. Não tive mais reação nenhuma de falar nada, pois as palavras não saiam mais da minha boca e eu queria mesmo era que ele fizesse cumprir tudinho que prometeu. Devo ser considerada caso de internação por estar excitada?

Que seja, porque a verdade é que eu to doida para que ele me faça admitir que sou realmente louca por ele!



O caminho até o apartamento de Théo foi feito em um silêncio quase sepulcral. O idiota estava visivelmente tenso, irritado, e eu não digo apenas pela sua carinha linda irritada, mas também pelos nós dos seus dedos que estavam quase brancos de tanto que ele apertava o volante. Como se ele tivesse direito de estar irritado assim. Quem tem o direito de estar chateada aqui nessa bagaça sou eu, que não recebeu nem uma rapidinha antes dele ir para sabe-se Deus onde, com sabe-se Deus quem. Com a velocidade alta em que ele conduziu, não me surpreendi que tivéssemos chegado tão rápido. Pelo visto ele estava com pressa. Com pressa e irritada estava eu, para dar na cara dele e depois abusar desse corpinho delicioso que Deus tão bondosamente lhe concedeu para que eu me esbaldasse. Théo estacionou seu carro na garagem do subsolo, e ainda em silêncio pegamos o elevador para nos levar até seu andar.

Por um segundo deixei meus pensamentos pervertidos correrem soltos e me vi pensando nas safadezas que poderíamos fazer por ali. Sinto muito, mas é mais forte do que eu. Não controlo meus pensamentos e não mereço ser julgada por pensar em safadeza nesse momento, porque qualquer uma em meu lugar teria pensamentos pervertidos perto desse homem todo em minha frente. Até uma freira. E como de longe não sou nada pura, a perversão rola mesmo solta em meu tico e teco. Dei graças a Deus por meus pensamentos não poderem ser lidos, já pensou? Deus me livre! Eu seria internada por ser considerada um caso sério de ninfomania. Posso até ver a primeira página dos jornais do mundo todo:

“Princesa pervertida é internada depois de ser considerada uma Ninfomaníaca, em caso grave. Seu pai, o Rei Edward, está inconsolável, pois sua filha só pensa ‘naquilo!’.”

É... Eu precisava procurar ajuda mental!

Comecei a rir internamente, porque não queria dar

ousadia a Théo. Eu mesma ficava surpresa como minha mente podia ser tão “fértil” e, principalmente, pervertida. Mas apesar de não ser um fato comprovado que alguém pudesse ler o que o outro pensava, pelo visto Théo era exceção. Aparentemente além de nobre, lindo, gostoso e delicioso – coisa que eu posso atestar, mas só não faço carta de recomendação -, ele também poderia começar a incluir no seu currículo “leitor de mentes”, porque aquele sorriso cafajeste e o olhar de quem sabia exatamente as safadezas que eu estava pensando me deixaria com vergonha, se eu ao menos tivesse um pingão de vergonha na cara, mas como não tinha, decidi enfrentá-lo:

— O que foi? — perguntei, como quem não quer nada, e ele ri, me deixando ainda mais irritada.

— Nada, não. O que eu não posso dizer de você, porque essa sua cara de quem está pensando em safadeza te entrega. — Falou, rindo maliciosamente.

Não disse? Filho de uma mãe!

— E quem disse que estou pensando em safadeza? — Perguntei, tentando me fazer de desentendida, mas o bastardo volta a rir, sabendo exatamente o que estou

fazendo.

— A primeira coisa que te pergunto é: Quando é que você não está pensando em safadeza? — Pergunta retoricamente e eu o ignoro, apesar de ser verdade. — E segundo, o brilho no seu olhar e a mordidinha de quem está pensando no que poderíamos fazer aqui, não nega. Além de conhecer sua cara de quem quer aprontar de longe, dona Stephanie Alessandra. — Murmurou.

Era irritante como essa criatura poderia me conhecer tão bem!

Estou pronta para contestar e dizer umas poucas e boas, quando vejo-o vindo em minha direção e o elevador apertado, parece ainda mais claustrofóbico do que antes e continua:

— Fora que daqui posso sentir o cheiro da sua excitação. E isso me deixa ainda mais louco por você, Princesa. — sussurra, com a voz perigosamente rouca.

Uau! Se eu já estava molhada antes, agora minha calcinha está se afogando!

Já estava quase mandando Théo me jogar na parede e me chamar de lagartixa, mas antes dele me prender com

esse corpo todo delicioso nesse cubículo de metal, o elevador apita, avisando que já chegamos ao seu andar.

Maldita hora para que esse negócio decide funcionar ao invés de quebrar! Menos manutenção, por favor!

Com todo esse maldito autocontrole admirável que ele tem, Théo se afasta para me dar passagem, com aquele sorriso de menino travesso, que me deixa do avesso.

Merda de sorriso safado! Merda de covinhas deliciosas!

Respiro fundo, tentando me recompor. Tentando me lembrar que ele é um “sumidor” de uma figa e que eu não posso simplesmente dar abertura para ele facilmente. Nem no sentido pervertido da palavra. *Não vou dar abertura para ele em nenhum sentido. Sim, Stephanne. Muito bem.* Ele vai ter é que trabalhar duro – bem duro, literalmente – para que a barra dele fique um pouco mais limpa comigo. Já disse que quem dá as cartas aqui sou eu, e apesar de eu ter dado bastante ousadia para que ele pensasse ao contrário, ele tem que entender que quem pode ou não dar satisfações a ele sou eu. Afinal, a hierarquia existe e tem que prevalecer, como sempre prevaleceu comigo. Não é

porque ele tem o “pau dos paus”, a “pica das galáxias”, que as coisas vão funcionar de modo diferente.

Isso mesmo, Stephanie. Mostre para ele quem manda aqui! E se lembre que não é o que ele tem no meio das pernas!

Théo abre a porta do seu apartamento e, como nobre educado, mais uma vez me dá passagem para que eu entre. Entro, olhando ao redor do apartamento extenso, confortável e moderno que ele tem. Seu ap é realmente bonito, organizado e a cara dele. Tudo parece ter seu lugar certo e nada parece estar fora do lugar. A primeira coisa fora do lugar que eu vejo é uma pequena mala próxima ao seu confortável sofá de couro.

É. Pelo visto ele acabou de chegar. Pelo menos ele realmente viajou e não se escondeu!

— Sente-se! — Ordena atrás de mim, assim que fecha a porta e eu viro meu olhar irritado para ele.

— Quem disse que vou me sentar? — Pergunto, e ele ri.

— Vai se sentar no sofá, sim. Eu estou dizendo isso. E depois que terminarmos essa conversa, não é no sofá que

você vai se sentar. — Sua voz era rouca, cheia de promessas, e ele ri maliciosamente, sabendo a reação que me causou. — Aproveite que estou mais calmo e se sente, porque como eu disse, nós vamos resolver essa merda do jeito fácil ou do jeito difícil, mas vamos resolver. E aí você escolhe. Qual vai ser?

Put a que pariu! Alagou! Seria errado se eu dissesse que prefiro do jeito difícil? Não. Se controla, Stephanie! Abaixa o fogo dessa periquita! Mostra o autocontrole que você não tem!

— Tudo bem. Meus pés estão doloridos mesmo. — Suspiro e começo a me encaminhar para sentar no sofá, quando ele fala:

— Amanhã de manhã é outra coisa que vai estar dolorida! — Murmura perigosamente.

Bastardo delicioso! Desse jeito daqui a pouco minha periquita tá batendo palmas, de tanto vibrar!

— Muito bem, boa menina. — Ele diz, sentando-se no sofá em frente à poltrona que sentei. Achei mais seguro sentar em um lugar sozinha. Tenho que manter a compostura, né?

Hahaha! A quem eu quero enganar? Que postura mesmo, Stephanie?

— Acho bom você não abusar da sorte, Theodore Caravaggio. — Bradei.

— Meu amor, abusar é a única coisa que eu consigo pensar sobre você nesse momento. — O bastardo arrogante disse.

Ok! Está ficando difícil bancar a forte com tantas promessas assim. Afinal, eu não sou de ferro, oras!

— Vamos logo com isso. Desembucha. — Falei, quase em um fio de controle e ele suspirou, agora visivelmente sério.

— Primeiro, quero me desculpar por ter sumido esses dias. Juro que não era essa a minha intenção. — Começou, e eu fiz questão de cortá-lo.

— Não? Sério, Théo, você deve me achar realmente uma idiota. Porque eu entendi muito bem o fato de eu não ter recebido nenhuma mísera mensagem. Afinal, eu já fiz isso mais vezes do que posso contar. — Falei, irritada.

— Desculpe, você está certa. Sei que de uma forma ou de outra foi essa a impressão que eu passei, mas eu saí da

Campavia tão fora de mim, que acabei deixando meu celular em casa. — Explicou.

Hum?

— Mesmo? E o que poderia ser tão importante assim ao ponto de você ter esquecido suas obrigações para comigo? — Perguntei, cada vez mais irritada.

— Uma emergência. — Simplesmente disse.

Oi? É só isso que ele vai me dizer?

— Uma emergência de boceta pelo visto. — Falei com amargura, já me pondo de pé. Pronta para dar o fora dali.

Théo parece anteceder o que eu faria, pois se pôs de pé também e segurou meu braço.

— Não, Stephanie. Não há outra mulher. Foi por causa de uma emergência de família. — Falou com a voz meio quebrada.

— Engraçado você dizer isso, pois eu estive com sua irmã durante várias vezes na semana, e em nenhum momento ela cogitou que algo tivesse acontecido. Muito pelo contrário. — Falei com a voz desgostosa.

— Claro que ela não disse. Como Anabella poderia dizer algo se ela simplesmente não tem ideia e muito

menos noção do que nossa família esconde? — Perguntou.

Oh God! Como assim?

— O que? — Perguntei, um fio de voz.

Théo apertou os lábios em uma linha fina e só agora eu notei o quanto ele parecia cansado. Seus olhos azuis estão mais profundos e, olhando de mais perto, até com olheiras ele estava. Ele olhou para mim de uma forma triste, e antes mesmo de saber do que esse “segredo” se tratava eu sabia que não era algo fácil para ele. Ele voltou a sentar no sofá, e me puxou para sentar ao seu lado, dessa vez não neguei.

— Eu, honestamente, preferia contar essa história em outro momento, mas como te conheço e sei que você não vai facilitar em nada nossa vida se eu não te contar pelo menos por alto do que se trata, vou resumir: Há muitos anos, quando eu ainda era praticamente um bebê, minha tia sofreu um acidente de carro e não se recuperou totalmente desde então. — Contou.

— Como assim? O que houve com ela? — Perguntei.

— Olha, tudo isso que estou te dizendo é um segredo da família Caravaggio. No entanto, Anabella nem sabe,

pois ela não tinha nascido quando aconteceu, e quando ela ficou maior meus pais acharam melhor que ela não soubesse. Fora nossa família, apenas seu pai sabe. Enfim... — Suspirou. — No dia da sua aparição na sacada, eu vi você conversando com Taddeo. — Eu ia interrompê-lo, para explicar que não era nada disso que ele estava pensando, mas ele me cortou, parecendo saber o que eu diria. — Não. Eu sei que você não estava dando bola para o idiota do meu irmão, não foi por isso que fui embora.

— Então porque você foi? — perguntei, sem entender.

— Fui embora porque recebi uma ligação. Era da clínica que minha tia está internada. Depois de meu pai, eu sou o contato de emergência da família. Então... Ela aparentemente teve uma crise pesada. Um surto, melhor dizendo, e a família foi chamada em caráter de urgência para comparecer. Por isso saí sem dizer nada. Estava tão atordoado que acabei esquecendo meu telefone aqui e peguei o jatinho da família para Londres. Sei que não justifica minha ausência, mas eu estive enfiado na clínica durante toda a semana e quando chegava ao hotel tomava

banho, relatava o dia no hospital para meu pai e depois estava tão cansado que caía em um sono profundo. Foi uma semana tensa — concluiu, passando as mãos no cabelo.

Oh meu Deus!

O ar deixou o quarto e eu achava impossível respirar. Eu não conseguia achar algo para falar, nada que eu dissesse significaria algo.

— Este é o momento que você diz alguma coisa — ele fala, quebrando o silêncio.

— Eu sinto muito, Théo. Eu não sei o que dizer, então eu não queria dizer nada estúpido. Eu estava tentando pensar em alguma coisa que não fosse tão estúpida para se dizer sobre essa situação. Pelo jeito, eu falhei até em pensar, porque eu nem sei o que dizer ainda — digo, sem jeito.

Para minha surpresa, ele riu.

— Não se preocupe com isso, Steph. Você não tem filtros. Essa é uma das coisas que eu gosto sobre você. Não comece a tê-los agora. Diga e pergunte o que você quiser, será ótimo para eu ouvir e responder. — Falou,

com um sorriso fraco.

Eu ainda estava chocada, para não dizer espantada, com tanta informação. Apesar da chateação inicial, entendo completamente o motivo da sua ausência. Não sou criança. Théo estava cuidando da sua tia doente e não estava copulando por aí e muito menos tinha outra boceta envolvida. Estendi minha mão e logo me vi fazendo carinho em seus cabelos sedosos. Ele inicialmente se assusta com meu gesto, mas logo parece derreter com meu carinho.

— O que acontece com ela? — Perguntei, sem saber direito como fazer essa pergunta.

— Eu não sei direito. Mas parece que durante a juventude, ela teve um baque emocional e precisava usar remédios para conter alguns dos seus surtos. Apesar da sua restrição, com os remédios ela conseguia ter uma vida normal. Alguns anos após sua primeira crise, ela teve esse acidente de carro, apesar dela não ter nenhum dano físico, fez com que ela não voltasse mais ao seu “normal”, nem com seus remédios. Antigamente, talvez por eu não entender direito da sua necessidade, achava que o

internamento dela era desnecessário, mas quando fui estudar em Londres eu a visitava semanalmente e comecei a entender que era realmente necessário para ela. Ela precisa de cuidados médicos vinte e quatro horas por dia. Tenho certeza que apesar de toda boa vontade e amor que nossa família tem, ela não teria os cuidados necessários estando em casa. — Explicou, e eu assenti.

— E o médico tem alguma ideia do motivo dela ter tido essa crise? — Perguntei.

— Esse é o problema. Há muitos anos ela ficava quietinha. Não falava nada, nem com ninguém. Comia, tomava os seus comprimidos quando lhe davam e, quando estava cansada, dormia. Fora isso, ela apenas desenhava. Depois de alguns dias de internação, ela nunca mais teve um surto sequer. E isso tem mais de vinte anos. Mas aconteceu no domingo, e posteriormente, após passar o efeito dos sedativos. E ninguém sabe realmente o porquê essa crise foi desencadeada. — Ele disse, agora segurando minha mão, acariciando seu próprio rosto com ela.

— Isso não é estranho? — Perguntei, sem poder me

conter.

— Sim. Eu também acho. Enquanto estávamos lá tentando entender o motivo, resolvi sondar o local, pois eu não estava satisfeito com o argumento do médico de que talvez os efeitos dos remédios para controlar seus surtos tenham saturado. Lá, conversei com uma faxineira que me disse que tinha quase certeza de ter visto uma pessoa desconhecida próxima ao corredor, assim que a primeira crise de tia Alisson no domingo aconteceu. Ela disse que era um homem um pouco mais velho, cerca de cinquenta anos, moreno, cabelos e bigodes escuros. Usava óculos e uma roupa de médico de residência do campus. Mas sabemos que podia ser um disfarce. Ainda assim, com base nessa informação, tentamos investigar pelas câmeras, mas nada encontramos até agora. — Explica.

— Então você acha que alguém entrou lá para perturbá-la? — Perguntei.

— Acho não, tenho certeza. Uma pessoa que não tem crise há mais de vinte anos, simplesmente surta sem motivos? Não. Tenho certeza de que o motivo foi esse homem. — Fala com firmeza.

— Alguém do passado dela? — Perguntei, e ele assentiu. — Um namorado, talvez?

Théo parou para pensar por um momento e voltou seu olhar para o meu, parecendo refletir o que dizer para mim.

— Não precisa dizer o que você não vai se sentir confortável em dizer, Théo. — Digo, sem jeito.

— Não é isso, amor. Apenas não sei ao certo. Não quero dizer para você algo que eu não tenho certeza, entende? — Assenti. — Mas agora que já comecei, acho melhor dizer. — Suspirou. — Uma vez, quando eu tinha cerca de oito anos, eu ouvi algo que me chamou atenção. — Falou, receoso.

— O que? — Meu coração pulando em meu peito.

— Eu estava passando pelo corredor do castelo, quando ouvi o Rei conversando com meu pai. Eles falavam com outro homem, que eu não reconheci a voz. Mas eu ouvi claramente quando o homem falou sobre o carro de Andrew. Eu não conhecia nenhum Andrew, mas então eu o ouvi dizendo que precisavam tentar falar com minha tia. Eu não entendia o que eles estavam conversando, mas quando eu fiquei mais velho eu

investiguei e fui juntando os fatos...

Oh meu Deus... Não pode ser!

— Você está querendo dizer que o acidente de carro que deixou sua tia nesse estado, foi o mesmo acidente de carro que matou o meu tio? — Perguntei chocada e ele assentiu.

Putá merda! A tia de Théo era a ex-noiva do meu tio!

Capítulo 22

Théo

Eu cresci indo visitar minha tia naquele hospital. Tenho que dizer que não é um lugar muito apropriado para uma criança conviver. Não é muito legal mesmo. Afinal, estamos falando de um hospital psiquiátrico e não de um Spa. A realidade lá é muito diferente do que a gente imagina. É bem triste mesmo. Eu não entendia muito bem o que acontecia, apenas que minha tia me parecia normal demais em relação aos outros pacientes para estar ali, só que eu fui crescendo e vi que não era bem assim. Ela realmente precisava de cuidados, cuidados os quais a família, apesar da boa vontade, não poderia lhe oferecer. E quando eu finalmente entendi a complexidade do seu problema, não foi difícil eu juntar as peças.

Modéstia à parte, eu sou um cara inteligente, e depois do que eu ouvi no escritório do Rei, entendi o que tinha acontecido. Andrew di Montalcino e minha tia estavam no

carro juntos durante o acidente, exatamente por esse motivo o policial queria conversar com ela, provavelmente para entender o que aconteceu com os dois. Mas como ela poderia ajudar, sendo que ela nem lembra seu próprio nome? Quanto mais se lembrar do que houve. Lembrar do seu namorado/noivo que morreu em sua frente.

É tensa a história. Quase uma novela mexicana.

Sempre que eu pensava sobre isso, mil e uma coisas pairavam sobre minha cabeça. Meu cérebro fervilhava sobre toda essa história, que parecia cada vez mais complexa. Eu sempre me perguntava: Quanto mais nós ainda não sabíamos?

— Meu Deus! Nem sei o que dizer. — Steph murmurou, depois de alguns minutos. Ela ainda estava obviamente chocada com todas essas informações.

E agora me diga, quem não ficaria? Até eu que sei disso tudo, ainda me sinto chocado. Confuso.

— É estranho, né?— Perguntei, e ela assentiu. — Eu não tenho muitas lembranças dela em seu estado ‘normal’, as poucas que tenho são dela sorrindo. Brincando. Passei

a minha infância indo visitá-la. Mesmo que eu fosse pequeno, me dava uma vontade de cuidar dela, sabe? Taddeo sempre foi esse idiota que é hoje e desde cedo batia o pé para não ir visitá-la, meus pais achavam melhor não forçar a barra pelo estado de saúde da minha tia, que eles não queriam que piorasse. Minha avó se mudou definitivamente para a Inglaterra desde que ela foi internada, ela queria estar próxima à sua filha. Eu a entendo. — Expliquei, e ela mais uma vez alisou meu rosto de forma doce.

Amei a forma com que ela parecia preocupada e parecendo ter essa necessidade de me tocar, como se soubesse que isso me acalmasse. E era verdade. Seu toque era como um bálsamo, em meio a toda essa história fodida.

— Você chegou a questionar seu pai e sua mãe sobre isso? — Perguntou.

— Claro. Como eu disse, quando juntei todas as peças, fui perguntar a ele sobre o ocorrido. Ele ficou bastante abalado e nervoso, querendo saber como eu descobri tudo. Ele pediu que eu esquecesse o assunto. Que deixasse

isso para lá. Que levantar problemas do passado não iria ajudar em nada a saúde da minha tia, muito pelo contrário, abrir velhas feridas poderia fazer com que seu estado, já ruim, piorasse ainda mais e fora que a família sofreria mais. Eu sei que meu pai até hoje sofre com isso, pois ele era o irmão mais velho, ajudou vovó a criá-la e cuidar dos negócios da família. Acho que, de certa forma, ele se sente responsável pelo ocorrido. — Confidencieiei.

— Nossa! Eu ainda estou meio sem saber o que pensar, sabe? Eu sempre soube que tio Andrew tinha uma noiva, mas como ela nunca apareceu, eu meio que passei a acreditar que ela não o amava tanto quanto meu pai dizia que ele a amava. Porque na minha cabeça, se ela o amasse mesmo, teria vindo dividir um pouco das saudades que ela sentia dele com a nossa família. Mas qual a minha surpresa quando descubro que ela na verdade não pode fazer isso e que não faz por vontade própria? — Falou, e acenei em concordância, pois eu entendi exatamente o que ela queria dizer.

Era isso que eu não entendia nessa história. Tudo bem que todos esses acontecimentos foram dolorosos, mas

porque nunca vi nada sobre os dois juntos? Procurei diversas vezes por algo nos jornais da época, mas não encontrei. Tentei acreditar que o motivo do relacionamento de ambos não ser de conhecimento público é porque minha tia era cerca de quatro anos mais velha do que o Príncipe Andrew, que ainda era menor de idade quando veio a falecer. Talvez viesse a ser um escândalo para a sociedade que preza pelo “convencional”. Se hoje em dia ainda é um assunto polêmico, imagine há mais de vinte anos? Talvez seja esse o motivo, mas isso são apenas suposições da minha cabeça. Mas talvez não seja por isso e sim porque minha tia já não estivesse em seu estado “normal”. A ideia de que talvez o Rei Edward fosse contra o relacionamento do príncipe com uma mulher mentalmente incapaz possa ter sido o motivo me deixa confuso. Claro que para o principado não seria o ideal, afinal eu estou todos os dias mostrando a importância que essa posição tem para Stephanie, mas como eles poderiam ir contra o amor?

Sinceramente? É tudo tão confuso, que às vezes parece que meu cérebro vai dar nó. Mas, se for por esse motivo,

como se explica o fato do Rei ainda assim ser o melhor amigo de meu pai? Protetor como meu pai é com a irmã, ele com certeza não teria o relacionamento que ele tem hoje com o Rei se fosse o caso. Sem contar que o Rei pareceu genuinamente preocupado quando perguntou sobre ela hoje à noite. Então para mim essa hipótese ainda está descartada. Como eu disse, uma novela mexicana. Muitas perguntas sem respostas e eu fico cada vez mais confuso quando penso em tudo isso. Se fosse para ser sincero, eu diria que há muito mais por trás de toda essa história. Sei que sou nobre de nascença, mas não posso ignorar certos acontecimentos na história. Sabe quando dizem “a burguesia fede?” Então. Muitas águas rolaram e com certeza ainda rolarão por aí. Eu não quero preocupar Stephanie com minhas ideias ou conjecturas. Mas uma coisa eu digo: Eu vou descobrir a verdade.

Sei que estou abrindo a história da minha família para Stephanie, mesmo que a família dela também tenha a ver com essa história. Mas a verdade é que eu nunca falei com ninguém sobre isso, além de Igor, afinal, ele é meu melhor amigo e eu precisava me abrir. Fora que eu não tinha

como esconder dele tantas saídas sem explicações quando eu ia visitá-la, foi inevitável não contar essa história para ele. E contar à Stephanne toda a verdade, curiosamente me fez sentir mais leve, mais próximo a ela. Afinal, como poderia querer que ela tivesse alguma coisa comigo, se não fosse completamente sincero com ela? Se ela faria parte da minha vida, teria que saber sobre ela, certo? E eu não abriria mão de tê-la comigo.

Nem mão, nem pé e muito menos Alexandre. Não mesmo.

Desvio meus pensamentos pervertidos, porque já se sabe que *Alexandre* tem cabeça e vontade própria, mas essa não é a hora disso. Mesmo que isso seja foddidamente difícil, tenho que provar para Stephanne que o que temos não é apenas sexo de pirar o cabeção (ou os “cabeções” de cima e de baixo). Não disse? Lá vai meu pau rebelde me desviando do lado racional do relacionamento e querendo começar a “desbravar os territórios” da minha Princesa. Mais uma vez penso na imagem da Vovó Caravaggio vestindo biquíni, para tentar controlar a situação de *Alexandre*, que já monopolizou meus países

baixos.

Ele é quase um tirano!

Subitamente me distraio e acabo pensando no motivo de minha tia ter sucumbido ao silêncio, se isolando em seu mundinho e logo me vejo voltando ao assunto e falando:

— Deve ter sido doloroso demais para ela ver o amor da sua vida morrer.

Porque é. Se alguns dias sem Stephanne fez com que meus dias ruins fossem ainda mais difíceis, imaginar por um segundo estar sem ela pelo resto da vida faz com que eu tenha certeza de que eu só poderia ter um resto de vida infeliz. É. Ok. O fato de me sentir assim assusta, claro, como não me assustaria com a dimensão dos meus sentimentos, que parecem maiores a cada segundo? Me sinto um bobo apaixonado com esse tipo de idealização, mas a verdade é que me assusta mais ainda a probabilidade de ficar sem ela. Parece inaceitável. É quase inadmissível para eu aceitar isso.

Não disse? Bobo apaixonado.

Ela, essa boceta venenosa e toda ela, que me enfeitiçou completamente. Pode dizer, eu acho, acho não, tenho

certeza de que eu realmente estou perdido.

— Sim. O amor às vezes é meio injusto. — Ela falou, ainda parecendo pensativa.

Virei meu olhar para ela. Meu corpo em uma postura visivelmente tensa e incomodada pelas suas palavras. Tenho que concordar que de certa forma ela está certa, porque nem tudo é realmente justo no amor. Mas como poderia acusar o amor de ser injusto, quando ele trouxe Stephanie de volta para mim, revirando a minha vida e me deixando louco e apaixonado desse jeito? Não, eu não poderia. Olhei para seu rosto lindo, de traços perfeitos e delicados. Seus olhos azuis prenderam nos meus, daquela forma magnetizante, que acontecia quando nossos olhos se encontravam e nada mais parecia existir além de nós dois. Os sentimentos que eu sabia que sentia por ela, pareciam ter ultrapassado naquele momento em que olhava para seus olhos azuis cálidos. Não consegui identificar o que seus olhos queriam dizer, mas algo dentro de mim dizia que esse olhar tinha mais significados do que eu queria admitir. Na verdade, eu sabia que tinha muito mais para admitir do que gostaria.

— Vem aqui, amor. — Chamei.

Amor? É, eu disse isso.

Sério. Só agora eu realmente me dei conta de que no calor da emoção, estava chamando-a assim nos últimos minutos. Saiu tão facilmente, que eu nem havia reparado. Que coisa não? E acho que somente nessa última vez Stephanie também pareceu notar como eu a chamava. Ela parece meio chocada. E eu? Como eu me sinto sobre isso? Se eu dissesse que não estou me cagando de medo da sua reação por ter me expressado dessa maneira abertamente, estaria mentindo. Porque ela é Stephanie, e já se sabe que Stephanie é imprevisível. Eu espero realmente que não tenha a assustado, porque, caso contrário, terei que usar o Plano B e amarrá-la na cama. Não que eu esteja me opondo a essa ideia, claro. Muito pelo contrário, *Alexandre* já deu até seu parecer favorável sobre o assunto. E, apesar de tentador, tenho que me lembrar que não se trata apenas disso e deixar essa coisa de amarrar para uma outra oportunidade. Sim, teremos outras oportunidades. E eu estou mais do que ansioso para isso. O que eu quero essa noite, é que Stephanie entenda que a

quero para mim, para ser minha. Apenas minha. Minha namorada. E daqui a algum tempo, para ser minha futura mulher. É isso mesmo que disse. *Casamento*. Pode até ser loucura da minha cabeça, mas o que mais posso querer depois de achar a mulher que amo?

Sei que parece repentino, afinal nem estamos realmente juntos ainda, mas estou prestes a mudar isso. Stephanne é louca, irresponsável, um pouco imatura, mas isso não importa realmente. E eu vou adorar colocar minha “cabrita” nos eixos. *Alexandre* anseia por isso, na verdade. Mas falando sério, a forma como me sinto por ela responde a todas as dúvidas que eu possa ter ao pensar em um futuro ao lado dela. Sempre fui um cara decidido, determinado. Porque seria diferente agora? Posso estar apaixonado, mas não deixo de saber o que quero por causa disso. Muito pelo contrário, já estou bem certo do que eu quero para mim e não estou disposto a mudar de opinião.

Sabe aquela coisa de saber que seu mundo hoje depende de uma mulher? Então. Isso me assusta para caralho, mas é a verdade mais do que verdadeira. E só me

resta aceitar.

Estendi minha mão para Steph, que mesmo parecendo um pouco sem jeito, coisa rara para ela, devo ressaltar, ainda assim veio sentar no meu colo como eu pedi. Com uma mão segurei sua cintura e com a outra acariciei esse rosto lindo de menina/mulher que minha Princesa tem. Seu cheiro doce, delicioso e tão “dela” me invadiu, arrancando de mim todas as vontades egoístas e primitivas de tê-la grudada a mim. Nossos olhares presos um no outro. De onde estava eu podia sentir a batida rápida e incessante do seu coração, sua respiração mais difícil e foi nesse exato momento que perdi o medo do que sentia por ela, por que vendo a mesma insegurança que eu sentia em seu olhar, tive a certeza de que ela sentia o mesmo por mim. *Não dava mais para negar. Eu não queria. Não deixaria.*

Não aguentando mais de saudades, toquei seus lábios suavemente com os meus, em um beijo doce.

— Me perdoa por ter sumido e não ter te dado satisfação. — falei baixinho, meus lábios quase sem conseguir se afastar dos seus.

Eu sei que eu tenho uma justificativa por tudo que aconteceu, mas, porra... Eu sei o quanto Stephanie devia estar chateada comigo - e ainda está -, não queria que ela tivesse se sentido dessa maneira por minha causa, ainda mais porque o que mais queria durante todos esses dias que passei longe era tê-la em meus braços. Se ela soubesse o quanto a queria comigo e o quanto queria ter feito de tudo para que ela tivesse ido até mim, não estaríamos nesse impasse agora. Mas Deus sabe o que faz, estamos aqui agora, mas não iremos mais adiar o fato de que precisamos resolver finalmente nossa situação. Está na hora de assumir que não há possibilidade de continuar como estamos. Não existe mais apenas Theodore ou Stephanie. Existe nós dois.

— Você deveria ter ido dar pelo menos uma rapidinha para se despedir. — Murmurou, com sarcasmo, e um biquinho lindo que me deu vontade de morder, o que eu fiz, antes de rir com vontade.

— Você é muito safada! — Falei, com a voz rouca, enquanto descia meus lábios pelo seu pescoço.

Sua pele alva e macia. Seu cheiro enlouquecedor. Tudo

me deixando a ponto de bala para ela. Todo mundo tem um ponto fraco e Stephanne sem dúvidas é o meu. Só ela para me fazer perder completamente o controle. E, convenhamos, eu amava me perder com ela. *Alexandre* então, era definitivamente um caso perdido.

— Nunca disse o contrário. Mas acho que você precisa fazer algo a respeito. — Murmurou, esfregando-se desavergonhadamente em *Alexandre*, que estava mais do que duro e aprovou que deveria sim ser feita alguma coisa.

Acho que podemos deixar a conversa para depois, né? Claro que sim! *Alexandre* encontra-se impaciente nesse momento! Não posso contrariá-lo. Jamais.

— Sim. Eu com certeza preciso fazer algo. Urgente. — Respondi, me pondo de pé com ela em meu colo, que prontamente enrolou suas pernas ao redor da minha cintura, enquanto eu andava até o corredor.

Sim. Eu queria-a urgentemente, mas isso não seria aqui no sofá. Eu iria amá-la e venerá-la na minha cama, da forma como nós dois merecíamos. Ainda me assusto com a intensidade do que sinto por ela. Porque para um cara

que nunca se apaixonou realmente por alguém, isso é algo inesperado. Eu nunca senti algo tão forte por alguém antes. Por mais que eu não entenda como esse sentimento inesperado ganhou proporções tão gigantescas, tudo o que eu sei é que eu a queria. Era mais forte do que eu. Eu precisava senti-la e tê-la em minha vida. Enquanto andávamos, nos beijávamos como dois esfomeados. E eu não tenho dúvidas de que era exatamente isso que sentíamos um pelo outro. Eu realmente tinha fome da minha Princesa. Meu coração estava acelerado e meu corpo doía por ela. Meu quarto nunca pareceu tão longe para chegar. Quando enfim chegamos, sentei-a suavemente na cama, e sem desviar meus olhos dos seus, levantei sua vestido e o tirei. Ela estava quase nua, com exceção de uma mínima calcinha de renda preta. Ela era uma *Bad Girl* descarada. Uma bandida safada, que parecia arquitetar minha morte lenta, com esse corpinho delicioso e essas lingerie sexies de meninas más, que tem como único propósito me enlouquecer.

Posso arrancar essa porra? Sim. Claro. Pois é, eu já o fiz.

O grito assustado, misturado com o gemido de Stephanie quando rasguei sua calcinha, só me deixou ainda mais duro por ela. Sorri de lado pela sua reação e comecei a tirar a minha camisa, depois desabotoei minha calça, ficando só de boxer, sem tirar os olhos dela, olhando-a com reverência, pois além dela ser essa mulher incrível, Stephanie era gostosa em cada curva e pedacinho de pele que Deus lhe deu e que bondosamente me presenteou para que eu me esbaldasse. Era impossível tirar meus olhos dela, até porque seus seios fartos me chamavam e seus olhos diziam exatamente o que eu queria fazer e precisava saber dela: “*Me foda!*”

Depois de me despir, com cuidado a deitei na cama e voltei a beijá-la com paixão. Nossas línguas dançavam juntas, em uma sincronia perfeita, como tudo que fazíamos juntos. Eu segurei delicadamente os lados de seu rosto com as mãos, descí meus lábios da sua boca e comecei a traçar a linha da sua mandíbula com a minha língua, antes de deslizá-la para sua orelha, onde mordisquei.

— Estava louco de saudades. — sussurrei em seu ouvido, e ela voltou a gemer. — Você também estava, não

é? — Perguntei em sua boca.

Aqui está uma coisa sobre Stephanie, ela não dá o braço a torcer. Eu sei que ela estava com saudades, até você sabe, mas ela vai escolher esse maldito momento para tentar manter o controle, que nós dois sabemos que não temos quando estamos juntos. Acho que ela faz de propósito, pois sabe que eu sei ser bem impiedoso quando eu quero. E acho que é exatamente isso que ela quer de mim. Não que eu esteja reclamando, mas vamos ver quem é que ganha esse jogo.

— Diga, Stephanie. — Ordenei, chupando seus seios, e ela arfou.

Um gemido me escapou enquanto eu chupava cada mamilo rosado, duro e intumescido de desejo. Deslizei minha língua lentamente, antes de chupá-los com avidez. Dando atenção necessária para esses círculos perfeitos do seu corpo pecaminoso. Ela pressionou seus quadris contra mim, deixando-me saber que ela queria mais. Nós dois queríamos mais e *Alexandre* está aqui doido para provar isso. Mas eu tinha que ir devagar, porque do jeito que eu estava era bem capaz de eu devorá-la.

— Cala a boca e me beija, Théo. — Falou, com a voz entrecortada.

Eu não disse? Cabeça dura do caralho!

Eu a conhecia. Ela não queria confessar que estava com saudades. A verdade é que Stephanne não queria confessar não apenas que estava com saudades, mas sim não queria admitir o que sentia por mim. Mas se ela não vai facilitar para nós dois, não sou eu que vou facilitar para ela.

— Diga. — Repeti, me afastando dela.

— Não. — Conseguiu dizer.

— Stephanne, chega de jogos. Nós dois sabemos que o que temos é mais do que isso. Então diga. Agora. — Ordenei, segurando seu rosto com minha mão e seu olhar com o meu.

— Por favor, Théo. — Suplicou, quase sem voz.

— Stephanne, Porra! — Gemi quando ela deslizou a mão em *Alexandre*, que estava duro, faminto, babando por ela.

— Eu preciso disso. Agora. Eu preciso de você dentro de mim. — Ela disse.

Merda! Como resistir quando você precisa exatamente da mesma coisa?

— Não até você dizer. — Falei, puxando seus braços acima da sua cabeça. Tentando ganhar o controle que eu perdia quando estava com ela e o que eu sabia que precisava ter para que Stephanie se abrisse para mim. Em todos os sentidos e não apenas no sentido literal.

Enquanto mantinha suas mãos sob sua cabeça com minha mão, a outra deslizou pelo seu corpo. Logo meus dedos encontraram o caminho para o seu clitóris inchado e dolorido. Sua respiração ficou mais rápida e ela jogou a cabeça para trás, gemendo baixinho, e disse:

— Théo...

— Diga que você sentiu saudades de mim. Diga que sentiu saudades da minha mão em seu corpo. Diga que sentiu saudades do meu pau todo enfiado em você. — Exigi, enquanto meus dedos circulavam em torno do seu ponto sensível e logo depois inseri-os suavemente para dentro do seu canal apertado e molhado.

— Oh, Deus! — Xingou, movimentando seu quadril junto com meus dedos.

— Sim. Diga que você sentiu saudades de ficar molhadinha e louca de tesão assim para mim. Diga que você passou todos esses dias só pensando no momento em que eu chegaria para fodê-la, até perder os sentidos. Diga.

— Murmurei, voltando a unir nossos lábios.

Stephanne gemeu enlouquecidamente em minha boca, enquanto eu intensificava as investidas dos meus dedos dentro dela. Ela estava pronta para vir, eu podia senti-la querendo explodir, apesar de eu amar vê-la gozar para mim, eu não ia deixar até que ela dissesse exatamente o que eu queria ouvir. Então quando sua boceta começou a apertar meus dedos, eu os tirei, levando-os à minha boca, provando seu gosto doce, a tempo de vê-la ofegar pelo orgasmo frustrado.

Eu não precisei fazer mais nada, porque quando eu menos esperei ela disse:

— Sim, porra! Eu estava com saudades, seu ogro idiota! — Gritou.

Assim que ela disse isso, minha boca soltou um barulho gutural e desesperado, e quando eu menos esperei, já estava com meu corpo sob o dela novamente,

beijando-a como nunca beijei antes, enquanto deslizava meus dedos em seu calor úmido. Desci minha boca para seus seios, ao mesmo tempo em que Stephanie começou a gritar meu nome, enquanto eu arremetia meus dedos em seu canal e suavemente circulava seu clitóris com meu polegar, liberando toda a sua doce e irresistível paixão para mim. Quando seus espasmos pararam, tentei refrear o desejo alucinado que eu sentia por ela, voltando a beijá-la. Prendendo seus lábios nos meus, apertei e belisquei seus seios e ela miou baixinho como uma gatinha, o que me deixou ainda mais sedento por ela.

— Linda. Minha — Sussurrei, enquanto eu corria minha mão em seu corpo perfeito.

Meu coração estava disparado e meu corpo doía por ela, para tocá-la, e estar dentro dela. Mas eu tinha que ir devagar. Eu não queria apenas o seu prazer ou sua submissão. Não. Isso estava muito além disso. Eu queria que Stephanie sentisse o amor que eu estava dando a ela.

— Agora que você já gozou com meus dedos. Você vai gozar na minha boca. Tô doido para provar do meu doce favorito no mundo. — Falei, antes de deslizar para o meio

de suas pernas, e ainda pude ouvir Stephanne gemer um palavrão.

Aquela bocetinha depilada era a minha perdição. Eu me sinto como um diabético babando em uma doceria. E ela, o meu doce favorito. Beije suas coxas e inalei o cheiro da sua excitação. Nada mais satisfatório para um homem do que saber que sua mulher está excitada e molhada por sua causa. Massageei lentamente seu ponto pulsante, antes de lambar seu clitóris. Stephanne gemeu, agarrando meu cabelo com força, como se isso pudesse me trazer para mais perto dela, ao mesmo tempo em que movia seus quadris contra minha boca. Enfiei um dedo em seu canal, enquanto minha língua continua a chupar e a lambar sua boceta com sofreguidão. Ela gemia e falava palavras incompreensíveis e não demorou muito para que eu a visse se sacudir em um orgasmo que eu tenho certeza que fez meu vizinho ter motivos suficientes para bater uma punheta, ou até tesão para comer sua esposa que tem no mínimo setenta anos. Stephanne ainda tremia do orgasmo quando me olhou, me provando que ela era tão impotente contra isso como eu era quando se tratava de nós dois.

Bebi todo seu gozo e levantei, tirando minha cueca, necessitando estar dentro dela. Eu sempre fui um cara responsável, antes de Stephanne eu nunca transei sem camisinha. E com ela eu não pensei em usar camisinha, porque além de eu não querer nenhuma barreira entre nós, na semana do baile, eu vi quando Stephanne foi refazer seus exames de rotina, para depois tomar sua dose de anticoncepcional. Perguntar se quero usar camisinha com Steph é a mesma coisa que perguntar se macaco não quer banana. Eu sei que é meio irresponsável, mas estamos limpos, e depois que eu experimentei o paraíso com ela, eu não serei capaz de fazer diferente. Me julguem por isso.

Com toda a força que ainda me restava, fui colocando *Alexandre* suavemente dentro dela. Independente do desejo feroz de entrar de uma vez só dentro dela, eu não queria machucá-la com meu tamanho, muito pelo contrário. A única coisa que eu queria era ter sempre o seu prazer. Então exatamente por isso que eu entrava com delicadeza em seu canal apertado. Prazer rasga através de mim quando seu calor me envolve. Bom demais para ser

verdade. Enlouquecido de desejo, eu pego seus seios, mamando-os com vontade. Quando finalmente entrei dentro dela novamente, eu entendi: Eu estava perdido para tudo e todas. Uma vez que *Alexandre* estava completamente dentro dela, meus movimentos tornaram-se mais rápidos. Ela arfava com cada impulso de nossos corpos. Suas mãos viajaram no meu traseiro, trazendo-a mais perto de mim e logo depois suas unhas cravaram em minhas costas, me excitando mais do que já estava.

Oh, merda! Ela estava me deixando cada vez mais louco e fora de mim.

Tudo se encaixava. É como se meu corpo tivesse sido feito para o seu. E o dela para o meu. Era como se o momento em que nos fundíamos um no outro fosse exatamente onde eu deveria estar. E a verdade é que eu queria que este momento entre nós dois durasse para sempre.

— Você é minha. Toda minha — Cochichei a centímetros da sua boca. — Essa boceta é minha. Seja com meus dedos, minha língua ou meu pau. Só eu posso te ter. Te beijar. Te tocar. Só eu posso te dar prazer. Apenas

eu. Porque você é minha. Sempre será.

Os olhos dela se dilataram ainda mais de desejo e Stephanie gritou quando eu intensifiquei minhas investidas. Meu corpo tinha vontade própria indo de encontro ao dela. Eu trouxe minha boca para seus seios, chupando e mordendo levemente cada mamilo, fazendo-a se contorcer mais embaixo de mim.

— Mais forte, Théo! — Pediu, fora de si.

Oh! Senhor! Essa safada era tão gostosa!

Ela pediu e eu dei. Eu podia sentir que ela estava próxima do seu orgasmo. O aperto de punho que sua boceta fazia em meu pau, só fazia meus rosnados se tornarem mais fortes e meus golpes em sua entrada estreita mais intensos, exigentes e deliciosos. Trouxe sua perna até meu ombro, fazendo com que a penetração fosse mais profunda e intensa, tornando o delicioso ainda mais prazeroso.

— Venha para mim, Stephanie. Venha toda para mim, amor. — Ordenei.

Sua respiração tornou-se feroz e ela obedeceu enquanto gozava enlouquecidamente gritando o meu nome.

Seu corpo tremendo em êxtase. Continuei investindo incessavelmente dentro dela e não demorou para que eu me pegasse gemendo seu nome, quando gozei como nunca ao preencher seu interior com meu gozo. Marcando-a como minha. Quando terminei de gozar eu tive a certeza de uma coisa: Eu não queria outra, senão ela. E ela não seria de mais ninguém, senão minha.

Eu juro, na minha vida, nada pode chegar perto disso. Nada chega perto da maneira como preciso dela. Como a quero. Como a amo.

Eu me apaixonei por Stephanie quando nós dois ainda éramos duas crianças e fingíamos que não sentíamos nada um pelo outro. Apesar da imaturidade, depois dela as outras foram apenas outras. E agora que nós nos reencontramos, eu me apaixonei por ela novamente. Qual a probabilidade de você se apaixonar duas vezes pela mesma pessoa? Talvez seja ínfima. E eu tive a sorte de acontecer comigo e não poderia estar mais agradecido.

Deitei exausto na cama e puxei-a para mais perto de mim, segurando-a firmemente, precisando do seu corpo colado ao meu. E eu não queria mais nada do que isso,

até começar a próxima rodada.



O dia amanheceu e apesar de ter dormido quase de manhã, eu me vi acordando cedo, como todos os dias. Espreguicei-me, sentindo que meu corpo ainda estava deliciosamente quebrado depois de tudo que fizemos a noite passada. Me vi sorrindo ao sentir o delicioso corpo nu da minha Princesa entrelaçado no meu. Eu poderia pedir alguma coisa mais? Não. Isso já era o suficiente para uma pessoa com poucos desejos como eu. Fiquei parado por não sei quanto tempo, admirando a beleza absurda que a minha safadinha tinha. Seus lábios rosados, que agora encontravam-se vermelhos dos nossos beijos ávidos, implorando para serem novamente tomados por mim. Como pode ser assim, tão linda, sexy, ardente e ao mesmo tempo tão menina? A verdade é que Stephanie era uma antítese deliciosa que eu estava mais do que disposto a desvendar.

Levantei com delicadeza, para não acordá-la. Minha Princesa estava cansada e precisava de descanso.

Alexandre que se acalmasse. Eu estava começando a achar que meu pau estava com algum problema, porque era só pensar em Steph que, mesmo depois da exaustão, parecia que ele ressuscitava e se recuperava para batalha. Nem eu sabia que uma pessoa podia ficar tão duro, por tantas vezes, repentinamente e repetidamente. Acho que devo ser um caso de estudo.

Oh, Deus! Meu pau era um tarado, ninfomaniaco do caralho!



Depois do banho – frio, diga-se se passagem, para tentar aliviar alguém que me mandava voltar para a cama e me perder na minha tentação - , fui para a cozinha preparar o nosso primeiro café da manhã juntos. O primeiro de muitos, assim eu espero. Caprichei no café, querendo compensar o último que não tivemos juntos, após nossa primeira noite. Coloquei tudo em uma bandeja e voltei para o quarto pra acordar a minha Princesa. Ainda tínhamos um dia pela frente, e eu fazia questão de passar com ela. Toquei suavemente seu rosto e deixei um

beijo delicado em sua boca. Ela gemeu baixinho, quase aquele miado de gatinha, que só ela sabia dar e fazia com que *Alexandre* ficasse a ponto de rasgar a minha cueca.

— Bom dia, Princesa. — Sussurrei em sua boca, e ela sorriu.

— Se você me deixar dormir até mais tarde, prometo lhe recompensar com um boquete bem gostoso. — Ronronou ainda de olhos fechados, me deixando estupidamente duro para ela.

Era uma feiticeira de paus essa safada!

— Assim fica difícil manter o romantismo. Apesar de saber o que essa boquinha pecaminosa é capaz de fazer, vou deixar sua oferta tentadora para depois do café. Venha, amor. Trouxe um café da manhã na cama para você. — Falei, ela abriu os olhos devagar e eu apontei para bandeja que se encontrava no criado mudo.

Stephanne se levantou e se espreguiçou, fazendo com que o lençol descesse e desnudasse seus seios tentadores.

Não. Foco. Café da manhã, Alexandre. Você vem depois, seu bastardo egoísta.

— Se você acha que me convence com comida saiba

que... Eu amo panquecas! — Ela disse, me fazendo rir.

Como eu sabia que seria muita tentação para mim e uma prova de fogo para *Alexandre*, entreguei uma camisa de malha para Stephanne vestir-se e tomássemos café sem segundas intenções. Coloquei Stephanne no meu colo, e assim tomamos café nos beijando e trocando carícias. Sei que falei sem segundas intenções, mas convenhamos, você já viu essa mulher? Pois é. Ninguém é de ferro também, né?

Quando terminamos de comer, coleí seu corpo ainda mais ao meu.

— Que horas são? — Perguntou, parecendo preocupada.

— Hm. Meu relógio está no criado mudo, pode pegar.
— Falei, pensando que provavelmente ela está preocupada com o horário, por causa de seu pai.

Sei que eu já tinha falado com o Rei sobre minhas intenções ontem à noite, mas hoje pretendo fazer tudo como manda o figurino e vou pedir a ele para namorar com Steph. Meio arcaico, mas sou um cara tradicional quando se trata das minhas escolhas para vida.

— Preocupada com seu pai? — Perguntei, acariciando seu cabelo.

— Não. — ela voltou seu olhar para o meu, largando o relógio em cima da cama. — Na verdade, olhei aqui no relógio e vi que está na hora da gente se pegar de novo. — Disse, com o sorriso safado.

Como posso negar sabendo que ela está mais do que certa? Para o inferno com a racionalidade e tradicionalidade! Alexandre estava prontinho para submeter a minha Princesa!



Depois de mais uma, duas... Não lembro, perdi a conta porque acabamos passando a manhã toda na cama, enfim... Resolvemos levantar para comer. Afinal, tanta energia gasta precisa ser repostada, tô errado? Como Stephanne disse que era péssima cozinheira, não quis pagar para ver e fomos para cozinha preparar um sanduíche. A companhia tocou e como eu estava concentrado no sanduíche, Steph se ofereceu para abrir a porta, o que eu prontamente aceitei. Devia ter estranhado o silêncio, porque quando

me virei para saber o que tinha acontecido, dei de cara com quem eu menos esperava na minha cozinha em um domingo pela manhã e muito menos ao lado de Stephanie, que nesse momento tinha uma cara nada amigável.

— Olá, Theodore. — Eva me saudou, com um sorriso quase perverso.

Por que será que eu sinto que dessa visita não vai sair nada de bom?

Capítulo 23

Steph

Você tem uma noite perfeita, regada a rodadas e mais rodadas de sexo fenomenal. Acorda mais quebrada do que quando resolve malhar depois de dois anos fugindo de qualquer exercício físico, mas não pode deixar de sorrir porque o homem lindo – e gostoso - por quem seu coração insiste em bater mais forte, lhe trouxe café da manhã na cama. Romântico, né? E delicioso para caralho, devo acrescentar. Uma geleia de uva nunca me pareceu tão deliciosa na vida.

Depois do café, mais orgasmos, afinal ninguém é de ferro, mas pelo visto eu e Théo devemos ser, porque já perdi as contas.

Sim, desculpe, mas eu tenho uma periquita volúvel. Me chame de ninfomaníaca então. Você não sabe o que é ter um homem desses, com o “pau dos paus” para tá aí me julgando!

Enfim. Foi tudo tão diferente entre nós. Nos entregamos sem reservas. Sem limites. Tudo magnífico. Perfeito. Maravilhoso. Nós sabíamos que a partir daquele momento seria diferente e eu estranhamente queria isso. Como não querer algo que parece não apenas nos completar, mas também nos acrescentar?

Um pequeno passo para o mundo, mas um grande passo para mim.

Para ficar ainda mais perfeito, só faltava eu colocar a cereja no meu objeto de desejo e lambuzá-lo com chantilly. Além de toda a verdade – e a falta de outras verdades –, que descobri sobre a história do meu tio Andrew, eu ainda estava com aqueles sentimentos conflitantes dentro de mim. Como eu posso continuar tentando me enganar? Era impossível continuar negando que eu era loucamente apaixonada por esse homem. Théo era o perfeito paradoxo. Um Ogro, bruto, em uma pele de Príncipe Encantado Romântico. Mas aqui para nós, assustada era pouco para como me sinto, mas Théo tem um “jeitinho” bem especial de me distrair. E lá vai eu falando de novo...

Que diabos estava acontecendo comigo? Sério. Eu estava esperando por alguma intervenção divina para oferecer uma explicação sobre nós dois e o que eu sinto por ele.

Só que alegria das “divas” dura pouco, porque quando vou abrir a porta, dou de cara com a lambisgoia ruiva. Como sempre faz quando me encontra, Eva me olha dos pés à cabeça. Parecendo um detector de metal de boate de quinta. Enquanto estou usando uma camisa de Théo, Eva veste um vestido curto floral, completamente colado ao seu corpo, um sapato vermelho de salto e uma bolsa amarela canário.

Uma breguice sem tamanho!

Entendo que algumas pessoas vistam algumas coisinhas erradas, tipo, umas roupinhas da última estação... Sinto calafrios, mas entendo... O caso é que tem gente que exagera! E parece que faz questão de parecer brega e usa tudo descombinado. Fora que ela tem “aquele” ângulo nos quadris. Ou seja. Vadia e invejosa. Ela continua a me olhar dos pés a cabeça e eu quase tenho vontade de dizer que eu não gosto da fruta. Mas infelizmente eu sei

exatamente da fruta que ela gosta e quer e eu não a julgo por querer, afinal eu quero mais é me lambuzar nela. Apesar de relaxada, não estou querendo perder meu tempo com ela que me olha com amargura.

Senhor! Mulher mal comida é a pior raça que existe.

Mas também, se eu fosse homem, eu com certeza brocharia com a visão dessa criatura.

— Princesa Stephanie? — Ela pergunta com a cara desgostosa.

Não. A Lady Day!

Veja bem, segundo minha ‘bíblia’, *A Princesinha* diz, “*Quando se é Princesa, você não tem ataques histéricos.*” Mas já se sabe que não sou uma Princesa comum e gente, ela está na casa do meu... Enfim, na casa de Théo, em pleno domingo de manhã. Então por que não agir diferente?

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, irritada.

— Eu deveria perguntar o mesmo a você — disse com um sorrisinho cínico.

Não disse? Ela está pedindo!

Sabe quando você conhece uma pessoa tão

insuportável que, às vezes se pega imaginando um ‘inocente’ empurrãozinho do topo da escada? Eu também.

— Amiga, cuida menos da minha vida e mais desse seu cabelo. O que você está fazendo aqui? — pergunto, cada vez mais fora de mim.

— Acho que vim pelo mesmo motivo que você. — Comentou, passando por mim pela porta.

Ok. Tudo bem que ela possa ter tido alguma coisa com Théo, no passado e até recentemente. Mas gente, decepção amorosa não justifica esse fogo no rabo não. *Vergonha na cara não é doença!*

— Se você veio aqui querendo ser comida, você veio para o *self service* errado. — Retruquei e ela pareceu abalada, antes de colocar um sorriso ainda mais cínico.

Qual o problema dessa vaca?

— Oh Princesa, já vi que eu subestimei o que você tinha com Théo. Mas só para avisar, Théo foi meu e será outra vez. Então quando isso acontecer, não se descontrole ou perca a paciência.

Paciência? O que é isso mesmo? Tenho quase certeza

que minha paciência ficou no útero da minha mãe. Quem ela pensa que é para falar assim comigo?

— Olha aqui, sua...

— Abaixе suas armas, Princesa. Eu vim aqui devolver o celular de Théo, que ele acabou deixando no meu quarto do Hotel em Londres. — Disse, mostrando o aparelho que se encontrava em sua mão.

Ela disse o que? Filho da puta!

Nem esperei que ela terminasse de falar mais nada. Ela podia merecer uns bons tapas, mas quem teve a cara de pau de mentir para mim foi ele. Saí marchando até sua cozinha, idealizando todos os tipos de tortura que eu poderia fazer com Théo, com a galinha no meu encalço. Eu achava bom ela recuar, porque para eu quebrar o pescoço dela estava fácil, fácil. A tortura que mais me ganhou, era depilar os ovos dele de pinça. Não que ele precisasse, mas eu ia procurar qualquer resquício de pelo e depilar mesmo assim.

Quando enfim ficamos em frente a ele, Theodore pareceu surpreso e confuso com a presença da Lambisgoia Ruiva. Surpreso ele deveria ficar com o que eu vou fazer

com ele.

— O que tá fazendo aqui, Eva? Quem deixou você subir? — Théo perguntou, nada satisfeito.

— Também quero saber a mesma coisa, Theodore — falei, séria.

— Eu não sei que diabos ela veio fazer aqui não, Steph — respondeu na defensiva, o que a fez sorrir ainda mais.

— Oh meu querido. Não se preocupe com a minha presença. Só vim lhe entregar isso. — Falou, estendendo o celular para ele que pegou imediatamente.

— Como no inferno meu celular foi parar na sua mão? — Perguntou parecendo confuso.

— Théo, Théo. Até parece que você não sabe. Você esqueceu em meu quarto quando estivemos juntos em Londres. Cinco belos dias, curtindo o clima londrino. — Confidenciou, fazendo-o ficar branco.

Filho de uma puta! Ela está falando a verdade!

Eu estava com raiva de Théo sim por ter mentido para mim. Mas nada se comparava a raiva que eu estava sentindo por me deixar levar pelo que diabos seja que nós dois temos. Eu estava passando por maus lençóis para

assumir que eu estava apaixonada por esse babaca e até disposta a “seguir” com o que tínhamos, coisa que eu nunca sequer pensei na possibilidade antes.

“Quando se é Princesa, você não tem ataques histéricos.”- Repetia, tentando me controlar. - Ah! Quer saber? Foda-se!

Minha raiva foi tanta, por pensar que além dele ter mentido, ele estava com ela, enquanto eu estava aqui fingindo que não me importava com seu sumiço, que meu parco controle esvaiu-se. Exatamente por isso, que peguei a primeira coisa que eu vi pela minha frente e rumei nele. O que no caso foi o liquidificador.

Desculpe, mas tenho que extravasar. Se você engole tudo o que sente... Cuidado, no final você pode morrer engasgado!

— Que merda é essa, Stephanie? Um liquidificador? Você quer partir minha cabeça, caralho? — Esbravejou, assim que conseguiu se desviar por um triz do eletrodoméstico.

Cachorro! Gostoso e ainda por cima com reflexos rápidos? Eu não deveria me surpreender depois de tudo

que já fizemos.

— Você quer me explicar que palhaçada é essa agora, ou vou ter que jogar tudo que tem nessa cozinha e depois arrancar os fios dessa lambisgoia, para você me contar a verdade? — Questionei, fora de mim, já pegando a garrafa térmica cheia de café.

— Pare com isso! Eu não sei do que essa louca tá falando! Eu te disse que deixei meu celular na Campavia. Eu estava com ele ontem na boate. Sei lá como ela conseguiu pegar ele! Ele só pode ter ido parar na mão dessa louca por meio de despacho! — Disparou nervoso e aproveitei para jogar a garrafa de café, que teve o mesmo destino do liquidificador, partindo-se e derramando o líquido escuro no chão.

Tá. Confesso. Tenho ciúme mesmo. Deus mandou dividir o pão e não as pessoas!

Eu já procurava outra coisa para jogar nesse infeliz, quando olhei e vi Eva sorrindo, balançando a cabeça, enquanto cantarolava algo que parecia mais com “*Pumba lá Pumba.*” A filha de uma rapariga estava se divertindo com a situação. O que me deixou ainda mais exasperada.

— “*Pumba lá pumba*” é o impacto da minha mão na cara de vagabunda! Você quer ouvir e sentir, sua lambisgoia? — Perguntei, apontando minha mão para cara dela.

— Calma, Princesa. Não mate o mensageiro. — Falou com a voz escorrendo sarcasmo, com suas mãos em rendição. — Não se preocupem comigo, continuem com o que estavam fazendo. Só vim entregar o celular mesmo. Já vou indo. Volto depois com mais calma. E quando tiver desocupado, Théo. — Disse com um sorriso e uma piscadinha, antes de virar as costas e sair rebolando.

Veja se eu ia deixar por barato essa visita! Não mesmo! Ela ia levar para casa, pelo menos a minha mão na sua cara!

Assim que eu avistei seu cabelo ruivo seboso, me vi puxando-a pelos cabelos até o chão, para arrancar fio por fio e quebrar com a cara dela. Às vezes é bom você se afastar de certas pessoas, porque na hora de dar uma voadora nela, você pega mais impulso. Mas acho que Théo de alguma maneira conseguiu ler minha mente, porque assim que estiquei minha mão para puxar essa

vagaba, ele me segurou pela cintura, impedindo-me de completar minha missão.

— Não. — Falou com altivez em meu ouvido e eu bufei, contrariada.

“Quando se é Princesa, você não tem ataques histéricos.”- eu entoava o trecho do livro para me acalmar.

Assim que ouvi o barulho da porta batendo, me desvencilhei de Théo e com toda delicadeza do mundo, despejei em sua cabeça o suco de morango que ele havia preparado para o nosso lanche. Se fosse em outra situação, eu acharia tentador o suco descendo pelo seu corpo delicioso e adoraria lamber cada centímetro quadrado dele. Senti até uma fisgada lá embaixo.

Foco, sua periquita volúvel! Ele é um mentiroso de uma figa!

Não. Mesmo que ele fosse gostoso até o último fio de cabelo, eu não ia dar esse prazer a ele – e a mim –, eu estava irritada e o que eu mais queria era acabar com a raça dele.

— Porra, Stephanie! Tá louca? — Bradou, limpando o

rosto.

— Você ainda não me viu louca, Theodore Caravaggio!

— Respondi na mesma altura.

— Imagine. Nem quero. Você vai mesmo acreditar na merda que Eva disse? — Perguntou incrédulo.

— Ela estava com a porra do seu celular na mão, Theodore. Você quer que eu acredite que seu celular foi abduzido? — Perguntei, jogando os sanduiches que ele já havia aprontado na cara dele e logo depois me virei para sair.

— Aonde você pensa que vai? Você não vai sair sem antes conversarmos sobre isso! — Perguntou gritando e eu ignorei, continuei a andar em direção a porta de saída, onde eu peguei meu celular e também peguei outra coisinha que se encontrava ali no aparador da sala. — Stephanie! Pare. Agora! Você não vai sair daqui! — Continuou em vão.

— Não tente mandar em mim. A menos que seja “beba essa vodka toda”, não me diga o que fazer. — Gritei.

— Pare, agora! Vamos conversar! — Gritou, já saindo do seu apartamento e eu já chamava o elevador.

— Não tenho o que conversar! — Falei, entrando no elevador que logo chegou e assim que ele fez menção de fechar, ele logo segurou a porta para não se fechar.

— Deixa de ser infantil. Você não vai sair descalça e vestindo apenas uma camiseta minha. — Argumentou e eu olhei em desafio para cara dele.

É. Ele não me conhece mesmo!

— Já saí em estados muito piores do que ele, acredite. Estou até muito bem vestida. Mas não se preocupe comigo, tenho meus meios de não chamar atenção. O que eu não posso dizer de você, que não vai me impedir estando tão exposto dessa maneira. — Sorri com ironia, apontando para sua cueca branca, que mostrava claramente o contorno do seu pau que agora estava melado de suco.

Hum...Tentador. Theozinho sabor morango... Chega! Foco, sua periquita traidora!

Théo deu um passo para trás de susto e eu aproveitei a chance e apertei o botão para que as portas se fechassem, que dessa vez ele não conseguiu segurar. Assim que o elevador parou na garagem, aumentei meus passos porque

eu sabia que não tinha muito tempo para fazer o que eu queria, antes que ele viesse atrás de mim.

Theodore Caravaggio, você vai me pagar por ter mexido comigo! Você não perde por esperar!



Nem sempre a mulher é ciumenta. Às vezes, é o homem que não sabe o limite da liberdade quando se está numa relação. Ou simplesmente não tem medo da morte. Se você está aí pensando que eu sou impulsiva, eu vos digo: Impulso é meu segundo nome. Hoje descobri o quão ciumenta sou e me assustei com isso. Então não vou negar mais que sou passional, impetuosa, inconsequente, cabeça dura e tantos outros adjetivos “bonitinhos” mesmo. Mas mais do que isso, sou a Princesa Stephanie e não admito de forma alguma que mintam para mim, porque pessoa mais sincera do que eu acho que jamais você vai conhecer. Então que mal há que eu espere que a sinceridade seja dada na mesma medida? Ele que arcasse com as consequências.

Acho que eu ainda estava confusa com o que estava

sentindo. O que convenhamos, é normal para uma pessoa que até então só tinha se apaixonado pelo seu guarda roupa. Então sim. Eu estava ferida, magoada e até decepcionada não apenas com Théo, mas comigo por ter me permitido sentir o que estou sentindo agora. Isso que dá confiar e se entregar para outra pessoa. Cadê a reciprocidade? Nada de príncipes fieis que desfilam em um cavalo branco, todos não passam de lobos em pelo de cordeiro, que só querem te comer e que a moral e os bons costumes que se danem, o que importa é o pau deles. *Lembra que eu disse que o amor é um sentimento egoísta? Pois então, agora venha me dizer se não tenho razão? O Amor é uma merda!*

Se você não for uma pessoa masoquista, siga meu conselho e faça um favor a você mesma: *Não se apaixone!*

É .Acho que preciso escrever um livro de autoajuda, porque eu sou um poço de conhecimento e sabedoria. Eu ensinaria as mulheres a serem felizes e realizadas, deixando os homens exatamente aonde eles deveriam ficar: aos nossos pés .Acho que com certeza seria um

Best-seller.

Como eu imaginei que aconteceria, não demorou quase nada para que Theodore me procurasse. Sorri com vontade e deixei meu celular tocar mais, com a simples intenção de deixá-lo ainda mais doido do que com certeza ele já estava nesse momento. Depois de tocar até cair na caixa postal umas duas vezes, resolvi atender porque eu não era tão sádica assim.

— Olá, benzinho. — Falei com sarcasmo.

— *Stephanne, porra! Benzinho é o caralho!* —

Bradou do outro lado da linha e eu comecei a rir.

— Nossa, quanta grosseria. Por que isso, meu amor? Desculpa a demora em atender, mas é que eu não queria atender mesmo. Fora que tenho que ter prudência no trânsito. — Comento, me controlando para não rir.

— *Grosseria você vai ver quando eu te encontrar, sua bandida! Quem mandou você sair com meu carro?* — Gritou fora de si e eu comecei a rir.

— Ai, adoro! Já te disse que adoro quando você deixa o Ogro sair. É tão excitante. Fico doidinha para você me pegar de jeito. — Falo com uma voz propositalmente

sexy. — Mas bem, respondendo sua pergunta, você há de concordar que eu precisava ir para casa. — Concluí, dando uma freada brusca proposital, fazendo com que o carro cantasse os pneus.

— *Sua louca! O que você pensa que está fazendo? Stephanie Alessandra, eu juro que se eu ver um único arranhão...* — acelerei propositalmente, fazendo o motor de seu carro rugir. — *Que diabos, Stephanie! Por que porra você pegou meu carro para sair? Onde você está? Vou até aí agora.* — Perguntou, parecendo desesperado e eu gargalhei.

— Eu precisava chegar em casa, concorda? Você achou mesmo que eu daria um show saindo seminua? O que há, Theodore? Não te entendo. Você não quer que eu suje minha imagem que você diz ser tão importante, né? Não seja tão ranzinza, só estou dando um pouco de emoção para o seu carro, coitado. Mas não se preocupe, deixarei seu bebê inteiro. Ou não. — Soltei outra gargalhada, antes de bater o telefone na sua cara.

Ele disse arranhões, né? Amassados não farão mal então.

Enquanto eu passava pela estrada de carvalho que levava ao castelo, pisei ainda mais no acelerador do carro e aumentei o som, que nesse momento parecia dizer exatamente o que eu sentia através da voz de Britney Spears em *Overprotected*, que eu acompanhava a plenos pulmões.

Chega a ser irônica o quanto essa porra fala por mim!

Parei exatamente no ponto em que eu marquei com Lou. Como eu sabia que seria, o lugar estava deserto, por já fazer parte das propriedades do castelo. O Sol estava bem forte, confirmando exatamente o que o relógio do meu celular dizia, já era mais de meio dia. O que só me deu ainda mais certeza do quanto eu e Théo nos prendemos na cama hoje e apesar de tudo ter sido perfeito, tentei provar para mim mesma que isso tudo foi apenas uma fraqueza da minha parte, que eu logo superaria. Voltei a ignorar uma ligação de Théo e outra de meu pai, pois ele deveria estar puto da vida por eu não ter dormido em casa e com certeza por eu não ter dado notícias durante toda a manhã. Eu lidaria com ele depois, pois não estava com cabeça

para isso no momento.

Lou estacionou sua “máquina” de *De Volta para o futuro*, com o olhar de quem realmente não estava entendendo nada e com a certeza de que eu iria provavelmente aprontar. E ia mesmo. O que posso dizer? Ela me conhecia.

— Três perguntas: Por que você está com apenas uma camisa? Outra, por que está com o carro de Théo? E por último, mas não menos importante, por que diabos você precisa de uma carona se você já está de carro? — ela perguntou sem entender, ao mesmo tempo que saltava do carro.

— Você vai já entender. — Falei, entrando dentro do carro.

— Stephanie... O que você vai fazer? — Perguntou, receosa.

— Nada demais. Vou apenas dar um lembrete a Théo, do que sou capaz.

— Steph... — Ignorei-a.

Calmamente coloquei o cinto de segurança e balançando a cabeça com a música *heavy metal* que

explodia no autofalante, que combinava exatamente com meu estado de espírito, liguei o carro. Lou me observava de fora enquanto eu manobrava o carro, balançando a cabeça em sinal de negativo, provavelmente tendo sacado exatamente o que eu faria a seguir. Se você está pensando: *Não acredito que ela vai fazer isso!* Acredite. Vou sim. Nunca duvide de mim, querida, porque não se mexe com uma mulher extremista como eu.

Então foi exatamente assim que choquei a frente do carro de Théo na árvore. Sim, naquele mesmo local que paramos na última vez. Mas dessa vez existe realmente uma justificativa para que o carro esteja parado e não é gasolina. Me livro do *airbag*, que abriu no momento da colisão, solto meu cinto e desço calmamente do carro de Théo para analisar o estrago. Não foi tão mal assim, pois a batida não foi tão forte para acabar com a frente do carro ou com a minha cara no percurso. O “bebê” de Théo ainda vai sobreviver.

Desculpa, mas eu estudei física e não, não é vingança, é a Lei de Newton: “Para toda ação existe uma reação”.

— Você é louca mesmo, Stephanne. Théo vai perder o juízo. E seu pai vai matar você. Você sabe, né? — Lourdes fala irritada.

É. Para toda ação, existe uma reação.

— Nada que eu não possa lidar. — Falei, dando de ombros.

Adiós, mesada! Os próximos meses serão tenebrosos!

— O que diabos aconteceu, hein? Você não passaria a noite fora e jogaria o carro de Théo em uma árvore por nada. A noite foi tão ruim assim? — Perguntou.

— Não. Foi boa até demais para o meu gosto. Esse é exatamente o problema. — Confessei, irritada, antes de lhe relatar tudo o que aconteceu entre nós dois, até a chegada da Lambisgoia Ruiva.

Meu telefone voltou a tocar exatamente na hora que terminei de falar tudo a Lou, que segurou o que iria dizer quando vimos que era Théo. Resolvi atender para acabar logo com essa putaria.

— Stepha...

— Vamos poupar nossas palavras, Théo. Seu carro está exatamente no mesmo lugar que paramos outro dia. A

chave está no contato... Mas...

— *Mas o que, Stephanie?* — Perguntou, nervoso, e eu previ que ele teria um ataque cardíaco a qualquer momento.

— Mas se eu fosse você viria com um guincho, você com certeza vai precisar. — Informei, antes de bater o telefone na cara dele.

Bastardo arrogante! Vai lá, socorrer seu bebê!

— Você sabe que você pode estar errada, não é? — Lou perguntou, desviando um pouco seu olhar da pista, para encontrar com o meu.

— Errada? Qual a parte do “ela estava com a merda do celular dele” que você não entendeu? — Perguntei, irritada.

— Isso eu não sei. Mas ela com certeza foi lá para colocar ele contra você e você caiu. — Analisou e eu bufei, cada vez mais irritada com o rumo dos meus pensamentos.

— Se ele não mentiu para mim, como diabos o celular dele foi parar com ela? E por que ele não me disse que ela também estava em Londres? — Questionei, tentando

fazê-la entender que eu não estava errada.

— Como eu já disse, não sei sobre o celular. Mas o fato dela estar em Londres com certeza tem uma justificativa. — Tentou argumentar e eu revirei os olhos.

— Como é que dizem? Hum... Ah sim! “Contra fatos, não há argumentos.” A porra do celular, que ele disse ter esquecido e esse ser o motivo por não entrar em contato comigo, estava na mão dela. Isso para mim já era prova suficiente de que ele mentiu para mim. — Defendi minha tese.

— Não é assim. Eu conheço Théo e você também. Apesar da fama de pegador, Théo nunca enganou nenhuma mulher, pois ele sempre deixava claro o que poderia oferecer para elas e desde que vocês se reencontraram, é meio que diferente para ele. Eu sei e você sabe.

Calei-me, porque de certa forma eu sentia que ela estava realmente certa, mas o que justificava o fato dele estar com ela e ter mentido para mim? Safadeza com certeza e isso não é justificativa.

— Não quero saber. Ok? Essa história entre nós dois já foi longe demais, não quero mais saber. — Falei tentando

parecer indiferente, antes de saltar do carro, assim que encostamos no castelo.

— Para com isso, Stephanne! Que mal há se apaixonar? O que você tem com Théo, é amor de infância. Tipo amor à primeira vista. Vocês se sentirem da forma que sentem um pelo outro depois de tantos anos, é apenas o destino cumprindo seu caminho. — Falou com um sorriso bobo e eu revirei os olhos.

Por que essas pessoas são tão inocentes?

— Se amor à primeira vista existisse, eu e Ian Somerhalder já estaríamos juntos desde “*Lost*”, então não me venha com balela de destino e blábláblá. — Respondi, antes de dar as costas para uma Lou que gargalhava.

Saí andando, uma dor de cabeça forte parece ter aparecido sem motivo. Em outros tempos, que não fossem os de ressaca, eu diria que era consciência pesada. Mas hoje não. Hoje vou me permitir pensar que eu sou uma rélis mortal, que está com dor de cabeça e está indisposta pelo resto do dia. Mas nunca, jamais arrependida de ter dado o troco naquele Ogro, que me tirou da minha *comfort zone*.

Entrei achando que poderia passar e subir despercebida até meu quarto, mas acho que minha cota de sorte diária se esgotou depois do terceiro orgasmo que tive, pois assim que coloquei meu pé no primeiro degrau, ouvi a voz mortal de meu pai reverberar pelo meu corpo:

— Stephanie. Aonde você pensa que vai? —
Perguntou duramente.

Opa! Fui pega!

— Uh. Hum. Er. Para o meu quarto. Eu acho. —
respondi, na maior inocência, olhando para uma cara nada amigável no rosto bonito do meu pai.

— E aonde a mocinha estava até agora, que não dormiu em casa, não deu notícias e ainda por cima me aparece vestida nesse estado? Ainda mais nua do que quando saiu.
— Bradou, irritado.

— Pai, sobre isso... Podemos conversar depois... —
Comecei a falar, realmente querendo fugir dali.

O que eu diria? Que passei a noite e essa manhã toda transando com Théo, como dois coelhos e que acabei de bater de propósito com seu carro em uma árvore com mais de cem anos?

É ...Acho que não.

— Stephanie. Só vou perguntar uma vez, o que aconteceu?

— Nada. Só estou com dor de cabeça. Se o senhor me der licença, preciso tomar um remédio e descansar. —
Falei, já voltando a me virar para subir.

— Stephanie Alessandra Valentino Lorenzon Bellini di Montalcino, que merda você aprontou agora?

Put a merda! Falou o nome todo, então fodeu para mim!

Capítulo 24

Steph

Há duas coisas na vida que eu evito mais do que usar roupa de liquidação: Uma é ter chamadas não atendidas do meu pai em meu celular. E a outra, é que eu tenha deixado ele estressado a ponto dele ter que me chamar pelo nome todo. Qual a possibilidade disso tudo acontecer ao mesmo tempo? *Pouca*. O quão fodida eu estou nesse momento? *Muito*. Não sei nem o que dizer. Dizer que estava até agora na casa de Théo só causaria um estrago maior. Deveria dizer a ele que apesar de ter passado a noite fora e não ter atendido suas ligações, ao menos cheguei em casa sozinha, sã e salva. Tudo bem que não estou com meu dinheiro, documentos e chaves. Mas ao menos estou com meu celular e só cheguei agora porque tive que garantir que tivesse minha dignidade de volta. Acho que ele não ficaria satisfeito em tudo, né? Ainda assim resolvi ser sincera. Afinal ele ia descobrir

tudo de qualquer maneira mesmo. Virei novamente meu corpo para olhar para meu pai. Quase desisti do que ia fazer, quando dei de cara com o olhar zangado e especulativo do Rei Edward. O que eu diria? Perante a lei quando confessamos um crime, nossa pena pode ser abrandada, era nisso que eu estava me apegando. Mas eu poderia alegar legítima defesa, né? Claro que sim. Afinal, Théo só confirmou tudo que Taddeo me alertou, quando disse que eu era apenas a garantia de um apoio do Rei para o futuro político do seu irmão. Que eu era apenas seu brinquedinho. Feriu meu ego e isso sim é um crime.

— Pai, não sei se o senhor vai gostar do que vou lhe dizer. — Comecei e ele fechou os olhos, apertando a ponta do nariz, coisa que ele faz quando está nervoso.

— Já sei que não vou gostar, Stephanie. Continue. Sem enrolações. — Falou descontente, voltando a abrir seus olhos, fitando-me severamente.

Oh merda! Isso ia ser mais difícil do que eu estava pensando.

— Pai, eu... — Gaguejei. — É que realmente aconteceu uma coisa...

No momento em que eu ia confessar o que eu havia feito, eis que as portas da frente do castelo se abrem e entra quem? Nada menos do que Theodore Caravaggio para completar o espetáculo que se forma.

Claro. Nada está tão ruim que não possa piorar. Afinal, desgraça pouca é bobagem!

Théo entrou com sua pose autoritária e dominante, digna do homem lindo, confiante e cheio de si, que por mais que eu esteja irritada, eu não posso deixar de negar e a criatura ainda por cima me tira do eixo. Ele estava vestindo calça jeans e uma camisa manga longa azul, que só fez realçar ainda mais seus olhos azuis, que nesse momento soltavam faíscas de raiva para mim.

Bom Deus! Eu estou literalmente em maus lençóis!

— Theodore? — Meu pai perguntou, surpreso, mas não tão surpreso quanto eu.

Como diabos ele chegou aqui tão rápido? Só pelo prazer de foder com a minha vida?

— Boa tarde, majestade. — Reverenciou-o, sério.

Com certeza, por ele ter chegado até aqui, Théo viu seu carro batido na árvore no caminho até o castelo. Está

claramente irritado. Mas tenho uma novidade para ele: eu também estou. Mas é assim mesmo, parece que quando você tá de mau humor, todo mundo e tudo ao seu redor conspira pra te irritar mais ainda.

— Boa tarde, eu acho. — Meu pai olhou de mim para Théo. — Vocês estavam juntos, devo presumir.

Não foi uma pergunta e sim uma afirmação. E não sei se o tom de sua voz está mais leve ou mais pesado diante essa informação. Não quero nem imaginar o que está passando pela cabeça de meu pai, porque tenho certeza de que mesmo que ele tenha a mente fértil e conheça a filha que tem, ainda assim não vai chegar nem perto de tudo que aconteceu. Era inevitável que eu não olhasse para Théo nesse momento. Seus olhos prenderam nos meus e apesar de tudo que passamos, apesar do meu orgulho, eu acabei tendo uma conversa silenciosa com ele, lhe pedindo para que não lhe dissesse. *Desculpe por ter medo da força, ok?* Comecei a pensar em todas as possibilidades do que poderia dar errado a partir de agora. Há tantas coisas que Théo pode fazer. Ele pode me ignorar e deixar que eu me explique, mas ele também pode contar toda a verdade a

meu pai. O que é de fato mais provável de acontecer, o que o tornaria definitivamente o “Cara Honrado com um grande futuro pela frente” para meu pai. Meu pai cortaria minha mesada. Quem sabe até me prenderia na torre como Rapunzel. Mas o meu maior medo é que ele conte realmente toda a verdade sobre mim, não somente de ontem a noite ou hoje, mas também sobre a boate, o acidente que ocasionou o machucado no meu pé, eu ter dormido com ele e transado com ele igual a uma ninfomaniaca, de ter batido seu carro, o fato de ter me passado por outra pessoa e ter uma identidade falsa para isso e o que com certeza esmagaria o resto de vida que eu ainda tenho.

— Sim, majestade. Nós estávamos juntos. Ontem à noite quando saímos da boate, levei a Princesa e minha irmã, Anabella, para minha casa. — Mentiu.

Hã? Por que ele está dizendo isso?

Théo talvez esteja perdendo a chance da sua vida dizendo essa mentira para me safar. Afinal, ele deve saber que eu já entendi que tudo que ele fez até agora não passava de uma tentativa de me ter em sua cama e ter meu

pai em suas mãos. Eu deveria saber, pois no fundo, eu sempre soube que as pessoas são interesseiras. Mesquinhas. Motivo pelo qual eu era feliz em não ser reconhecida como Princesa e dessa forma estar cercada de falsos e bajuladores. Mas eu permiti me abrir para ele. Me envolver. Esse foi meu erro. Eu sempre soube o quanto ter relacionamentos era uma burrice. Afinal, eu era a primeira a bater no peito e dizer que se apaixonar era coisa para idiotas, pois vivemos em uma sociedade egocêntrica, que só pensa em si mesma. Que não se importa com as necessidades dos outros, mas apenas com a sua própria. Não vou dizer que Théo não sente nada por mim, porque tesão de certa forma é alguma coisa. Um estado de espírito, de necessidade comum, natural e fisiológica para os homens, mas é. Mas fui tola por pensar que era algo mais. Deveria ter aproveitado da luxúria e me fartado do seu corpo feito para o pecado, antes de mandá-lo pastar. Deveria ter escutado minha própria razão, que me fez querer fugir várias e várias vezes dessa névoa de mentiras, que Théo me envolveu. Foi estúpida e permissiva com ele, cometendo outro erro ainda mais

estúpido ainda, me apaixonando pela primeira vez na minha vida.

O que mais eu poderia esperar? Théo é um cara centrado, com objetivos e ambições políticas na vida. Que foi preparado desde o seu nascimento para chegar o mais longe possível. E eu? Eu sou totalmente errada. Sou sarcástica, impulsiva, inconsequente, sem limites e todos aqueles adjetivos que vocês já conhecem e acho que não preciso repetir, mas que são indignos e inapropriados para uma pessoa da minha posição. Caras como Théo não vão atrás de mulheres como eu, sem ter um interesse maior por trás disso. Muito pelo contrário, eles querem uma esposa modelo para sorrir ao seu lado, fazendo o papel de esposa perfeita. Coisa que eu definitivamente não posso ser. Afinal, ele foi criado para casar com uma moça nobre, de boa família, ter filhos e viver felizes para sempre. Por mais que esse sempre tenha sido o propósito do meu pai, que eu encontrasse um homem como Théo, eu meio que repeli todos os ensinamentos e não acreditava que eu pudesse viver isso algum dia. Até agora. E agora, o que ele quer ganhar dizendo tudo isso? Ele quer que eu

ainda fique em suas mãos, obviamente. Não há outro motivo para que ele esteja agindo dessa maneira, a não ser que eu continue lhe beneficiando. Ok. Se esse era o preço que eu tinha que pagar para que não perca a mínima moral que conquistei de meu pai, depois de tantas confusões, eu pagaria. Mas isso não quer dizer que eu facilitaria as coisas para ele, não mesmo.

— Estávamos cansadas de tanto dançar. Théo nos ofereceu para ficar em seu quarto de hóspedes e eu também não queria pedir a Théo que me trouxesse em casa, pois como o senhor deve imaginar, ele estava muito cansado também da sua viagem. Que eu imagino o quanto deve ter sido desgastante. — Entrei em seu jogo, fazendo questão de lhe alfinetar.

Théo me lançou um olhar enigmático, pareceu desconfortável com meu comentário, mas ainda assim assentiu, com certeza não querendo perder a compostura na frente do Rei. Achei que meu pai fosse falar alguma coisa, mas qual a minha surpresa quando ele apenas disse:

— Tudo bem, também não acho que seria bom que vocês viessem tão tarde sozinhos. É perigoso. Mas na

próxima vez, não deixe de avisar, Stephanne.

Oi? Como assim meu pai simplesmente não se importou de eu dormir na casa de um homem? E um homem gostoso, devo ressaltar. E ainda por cima diz que pode haver uma próxima vez? É. Eu só posso estar ficando mais louca do que já sou.

Resolvi não abusar da minha sorte, achei melhor sair logo dali, antes que toda a verdade viesse à tona e a minha situação ficasse precária. Não queria ver meu pai despirocando por causa dos meus impulsos, já era muito grata por ele não ter nenhum problema grave de saúde, depois de tudo que eu já aprontei nesses anos todos longe de casa. Melhor prevenir do que remediar.

— Eu gostaria de falar com você em meu escritório, Théo. — Papai falou, dando um sorriso afetuoso para Théo.

Oh! Se ele soubesse o jogo que seu queridinho estava fazendo!

— Tudo bem. Também gostaria de conversar com vossa majestade. — Théo falou.

Ok. Meu cu piscou e não foi pouco não!

— Bom, já que os senhores tem o que conversar, vou me retirar. Preciso descansar. — Falei, lançando mais um olhar para Théo e virei, voltando a subir.

Tentei não pensar em mais nada até chegar à porta do meu quarto, mas foi meio impossível não pensar na forma que seu olhar magoado me fez sentir. Entrei em meu quarto e fui direto para o banheiro. Parei em frente a pia e me olhei no espelho. Eu ainda vestia a camisa de Théo. E apesar do cabelo meio bagunçado, da aparência cansada, a falta de maquiagem. Eu não pude deixar de exclamar:

— Olha, francamente, que espetáculo que sou!

Tirei sua camisa, jogando no sexto de roupa suja e entrei no box. Tomei um banho e lavei meu cabelo, fazendo com que eu me sentisse momentaneamente mais leve, apesar da cabeça ainda estar doendo e estar com uma sensação esquisita. Não gosto de me sentir assim. Me enxuguei e hidratei meu rosto e corpo, com meus creminhos maravilhosos, sem nenhuma pressa. Afinal, ninguém pode apressar a perfeição. O dia pareceu esfriar um pouco e eu estava com preguiça de secar meu cabelo, mesmo assim, após tirar um pouco da umidade com a

toalha, usei o secador para deixá-lo um pouco mais seco. Estava saindo do meu closet, com a toalha enrolada em meu corpo, levando comigo um vestido simples, uma calcinha e um sutiã. Estaquei, quando dei de cara com Theodore de braços cruzados em pé ao lado da minha cama, com uma cara nada amigável e toda aquela gostosura. Por que ele tinha que ficar ainda mais delicioso com essa cara de mau? Meu coração batendo acelerado. Meu corpo traidor reagindo a sua presença.

Mesmo depois de tudo, por que ele me afeta tão intensamente? Francamente, que periquita mais volúvel que tenho!

— O que houve com a sua educação? Você não sabe bater? — Perguntei, tentando recuperar meu controle.

— Não. Mas pelo visto você sabe. — Falou seco e eu sorri.

— Ah! Sobre isso? Hum... Foi sem querer. — Falei com um sorriso insolente e ele estreitou seus olhos para mim.

— Sem querer? Você bateu meu carro, por puro capricho seu. Por que, hein? — Indagou, aumentando seu

tom de voz.

— Desculpe, mas está na Constituição: “você tem o direito de não produzir provas contra si mesmo.” Então permaneço no meu direito de me manter calada — respondi petulante e ele riu com amargura.

— Tudo porque você simplesmente não quis acreditar em mim — disse com desgosto.

— Não quero saber. Se isso for tudo, você pode sair. Preciso trocar de roupa.

— Não vou sair daqui até você me ouvir — rebateu, furioso.

Desenrolei meu corpo da toalha e a joguei em cima da cama, afinal não tem nada aqui que ele ainda não tenha visto mesmo. Théo engoliu em seco e desceu seu olhar pelo meu corpo, me olhando descaradamente da cabeça aos pés. Ele deve ter lutado para controlar seu desejo, mas foi impossível mascarar o olhar cobiçoso e safado que ele me deu. Fora que o volume na sua calça não o deixava esconder. Théo não saiu do lugar onde estava, tão pouco se mexeu, parecia que estava hipnotizado pela visão da minha nudez em sua frente. Tentei não ficar

magoada pelo fato de saber que era só isso que ele sentia por mim, tesão, mas foi impossível. Repreendi-me, porque não gostava de saber que ele havia mudado o que sou. Tinha que ficar satisfeita, afinal saber que um homem lindo como Théo, não controlava o desejo que sentia por mim, é bom demais para aumentar nosso ego. Mas não era bem isso que estava acontecendo. Ainda assim, sem nenhuma pressa comecei a me vestir, primeiro a calcinha e depois o sutiã e por último coloquei o vestido, me cobrindo do seu olhar safado, que já estava me deixando quente.

Nasceu para me tirar do eixo esse Ogro. Só pode.

— Théo, não preciso ouvir mais nada vindo de você. Já saquei seu joguinho. Eu sou seu passe livre com o Rei. Nada mais do que isso — finalmente falei e não gostei do tom de voz magoado que me ouvi falando.

— Deixa de ser idiota, Stephanne. Você sabe que isso não tem nada a ver. Você deveria saber muito bem que Eva só queria desestabilizar a gente. E ela conseguiu — falou, seu tom parecendo não apenas magoado, mas decepcionado.

— Foda-se, Theo! Como você poderia me explicar tudo isso? — Bradei, meu controle esvaindo-se.

— Aqui. — Pegou uns papéis no colchão da minha cama, que até então não tinha visto.

— O que é isso? — Perguntei, pegando os papéis em minha mão.

— Veja você mesmo. — Falou, apontando para o que estava escrito.

Comecei a ler o que estava escrito e não entendi porque ele poderia querer que eu lesse o registro de históricos do seu telefone. Não sabia como isso desmentiria tudo que eu havia descoberto.

— Como você pode ver, Stephanie, aí estão todos os registros do meu telefone dos últimos oito dias. Se você olhar direito, você vai ver que a partir de domingo passado, consta apenas chamadas perdidas, pois não tem tempo de ligações entre elas. Bem como mensagens de texto recebidas e mensagens da caixa postal. Não há nenhum outro uso durante toda essa semana, além das mensagens de texto e de voz recebidas, pois uma hora a bateria do aparelho tem que acabar. — Ele pegou seu

telefone, desbloqueando sua tela. — Aqui você também pode ver quantas mensagens não lidas eu tenho do WhatsApp. Bem como os únicos números discados na noite de ontem. Seu número. Depois o de Igor. — Ele voltou a bloquear seu celular e lançou um olhar magoado para mim. — Eu fui para boate com meu celular, não sei em que momento eu o perdi e muito menos como ele foi parar nas mãos de Eva, mas o que ela te disse realmente não aconteceu. Mas claro, isso você saberia caso tivesse dado a chance de me deixar explicar. Coisa que você não fez. — Completou.

Putá merda!

Como eu pude ser tão idiota por me deixar cair no que aquela Lambisgoia Ruiva me falou? Tudo bem que ele ainda não explicou o fato dela também estar em Londres, quando ele me disse que estava lá apenas para cuidar da saúde da sua tia. Ainda assim, o fato dele ter desmentido quase tudo o que ela disse, já lhe tira quase toda a culpa, pois talvez, apenas talvez, ele realmente não tenha chegado a ir ao quarto dela e ela ter de fato inventado isso para nos desestabilizar. O que apesar do pouco que eu a

conheço, não duvido nada, nada que ela faria.

— Se isso tudo é mentira, o que Eva estava fazendo em Londres então? — Perguntei, tentando mostrar que eu ainda tinha razão, mesmo que eu já não soubesse mais.

— Você deve se lembrar que eu lhe disse que soube pela faxineira da clínica, que ela havia visto um homem vestido de médico, próximo ao corredor do quarto dela, né? — Concordei. — Então por esse motivo tive que contatar os advogados para que dessem prosseguimento a investigação. Verificar todos os vídeos das câmeras de segurança do local. Eva é advogada do escritório de advocacia que temos contrato. Eu não sabia que ela iria até lá, apenas pedi que enviassem alguns advogados para resolvermos essa situação o mais rápido possível. E ela foi, mas não era a única. Dentro de algumas horas estarei recebendo o relatório do hotel em que eu, ela e os outros dois advogados estavam hospedados. Não tenho como provar que nem ela e nem eu estive em seu quarto, sem que eu peça as câmeras de segurança. Mas eu espero que nesse ponto minha palavra já baste, porque eu não menti quando disse a você que não havia outra mulher. —

Concluiu e eu engoli em seco.

Merda! Mil vezes merda!

Chega a ser ridículo o quanto eu fui tão tola por me deixar acreditar em tudo que Eva fez. Eu estou realmente envergonhada pelo meu comportamento. Envergonhada por ter sido tão impulsiva e inconsequente por não permitir que ele se explicasse. Envergonhada por me permitir acreditar que Théo estivesse apenas me usando para seu interesse. Pela primeira vez na vida eu comecei a me questionar porque eu sou assim, pois até então eu nunca tinha visto meus defeitos desta maneira que estou vendo agora. Porque eu tinha que ter todos esses adjetivos defeituosos, que me fizeram fazer tudo que fiz, apenas por não tê-lo deixado se explicar? Théo me odeia e não o culpo. Me odeio também. O que odeio mais neste momento é essa parte de mim que me deixa vulnerável e é apaixonada por Théo. Essa parte minha, que tenta lutar pelo que sinto e pelo medo dessa vulnerabilidade, faz merda para tentar fugir do que está acontecendo entre nós dois. Ainda assim, mesmo sabendo de toda a injustiça que eu cometi com ele, Théo se arriscou por mim como

alguém que realmente se importa comigo, pois ele provavelmente sabia que eu estaria encrocada com meu pai caso ele soubesse de toda a verdade. E eu fiz o que além de trocar os pés pelas mãos? Eu sei que lhe devo desculpas pelo seu carro, por não ouvi-lo, pela minha inconsequência, por tudo isso que causei. Mas aí é que está, eu não sei pedir desculpas. Na verdade eu nunca pedi desculpas em toda a minha vida.

— Théo... — Falei, seu nome baixinho.

— Sabe, Stephanne. Eu achei que depois de ontem à noite, tudo seria diferente entre nós dois. Mas agora eu já não tenho mais tanta certeza. — Seu olhar triste e sua voz magoada, acabando de acabar comigo.

— Théo... — Tentei falar mais uma vez, me aproximando dele, as palavras novamente me faltando e ele negou com a cabeça.

— Não. Acabou.

Sabe quando alguém te fala alguma coisa e parece que você apenas “pensou” que essa pessoa realmente disse algo e tudo não se passa de algo do fruto da sua imaginação? Mas então, por que será que não é dessa

maneira que estou me sentindo nesse momento? Por que eu tenho a ligeira impressão de que realmente ouvi a palavra “*acabou*”? Eu ainda não esbocei nenhuma reação. Na verdade, ainda não consegui assimilar nada. Chocada era pouco, eu não estava realmente entendendo onde Théo queria chegar com essa conversa. Tudo bem que eu errei em julgá-lo precipitadamente, mas não é para tanto né?

— Hm. O que você quer dizer com isso?— Pergunto, incapaz de me segurar.

— Isso mesmo que você entendeu, Stephanne. Essa história, nós dois. Acabou. — Disse sério.

Como assim acabou? Nós malmente começamos! Não fizemos nem metade do que minha mente pervertida tem vontade de fazer com esse homem todo que está na minha frente.

— Você sabe que não acabou. — Falei, me aproximando dele.

Encostei minha mão em seu peitoral musculoso e fiquei feliz por ele não ter rejeitado meu toque. Seus olhos travando nos meus, naquela conexão forte, impossível de se negar. Ele respirou fundo, engolindo em seco.

Parecendo desesperadamente querendo manter o controle que ele sabia que perdia quando estava comigo. Mas era exatamente assim que eu o queria, descontrolado. Adorava saber que eu era o motivo para ele perder seu precioso controle. Adorava vê-lo fazendo de mim tudo que ele queria. Aproximei meu rosto do seu, seus lábios tocando levemente nos meus, antes de nossas bocas se encontrarem em um beijo esfomeado. Sua mão foi para meu cabelo, puxando-os levemente pela minha nuca, daquela forma bruta e deliciosa dele de ser. Sua outra mão desceu para minha cintura, apertando meu corpo junto ao seu, onde eu pude ter ainda mais certeza do quanto ele estava pronto, me querendo. Nós éramos assim, fogo e gasolina. Era só nos olharmos ou encostarmos um no outro que tudo explodia. Era uma mistura incendiária em que eu adorava me queimar. E a verdade é que eu queria me queimar cada vez mais. Quando eu estava colocando minha mão por baixo da sua camisa, sentindo o calor da sua pele, acariciando seu corpo musculoso, ele segura minha mão, se afastando, interrompendo completamente nosso contato.

— Não. Não, Stephanie. Você não vai me fazer mudar de opinião. — Diz, firme.

— Você não pode estar falando sério. — Brado, irritada.

— Sim, estou. Eu nem acredito que vou dizer isso, mas eu preciso que você entenda uma coisa: Eu sou apaixonado por você! — Recitou pausadamente, paralisando-me. — Mas o fato de eu estar apaixonado por você, não quer dizer que isso me torna um idiota. — Concluiu, com a postura visivelmente incomodada.

Put a que pariu! Ele apenas disse que é apaixonado por mim! Lide com isso Steph!

Tudo bem que nós meio que havíamos deixado “claro” que era mais do que tesão que sentíamos pelo outro, mas ainda assim é um baque ouvir isso em voz alta. Tudo dentro de mim está em conflito. Uma felicidade sem tamanho me domina, fazendo com que a insegurança até então desconhecida por mim, se esvaísse. A sensação de saber que se é correspondida é tão boa, que mais uma vez só comprova de que somos egoístas quando amamos, porque sim, queremos ser correspondidos. Reciprocidade

é a palavra de ordem para quem ama. Apesar do alívio, não posso negar o quanto ainda estou apavorada com toda essa história de se estar apaixonada. Medo de me entregar completamente e por causa disso me magoar pela primeira vez na vida. Uma parte de mim diz que para tudo se tem uma primeira vez, mas a outra parte, a narcisista, diz que uma pessoa tão maravilhosa como eu, não precisa se fixar com ninguém. Lembrei até de uma música que minha amiga brasileira ouvia em altos volumes, que dizia mais ou menos assim: *“Não sou de ninguém, eu sou de todo mundo e todo mundo é meu também...”* Por que ter sentimentos por alguém é tão complicado? Seria mais fácil tomar posse e reivindicar do que é seu e todo mundo ser feliz acatando sua escolha. Seria tão mais fácil eu ter continuado quietinha, sendo eu e agora não ter o “peso” que esse sentimento coloca sobre mim. Ainda assim, tudo isso, o que sentimos um pelo outro, apenas me parece tão certo.

— Você não é idiota. — Foi a única coisa que eu consegui dizer.

Ótimo! Que maravilha! O cara só diz que é

apaixonado por mim e eu digo que ele não é idiota!

Entenda. Se para mim já foi um baque ouvir ele dizendo que era apaixonado por mim, imagine o quanto é difícil para que eu confesse que o sentimento é recíproco? Se eu não sei pedir desculpas para ele, imagine dizer simplesmente que eu também sou apaixonada? Mais fácil usar roupa de brechó.

— Mas você deve achar que sou, Stephanie. — eu nego com a cabeça, mas ele me ignora. — Desde que você chegou, você tem fugido, negado e até mesmo me julgado. Eu estava vindo para cá mais uma vez atrás de você, mesmo que eu tivesse na minha razão. Mas eu não queria deixar que nada atrapalhasse nós dois. Sempre sou eu que corro atrás. Você já parou para pensar que desde o início sou eu quem é a pessoa madura da nossa “relação”? — Frisou a última palavra com aspas.

— Théo, não é as...

— Não, me deixe falar. — Corta-me grosseiramente. — Você tem noção de como eu me senti quando você saiu de lá, sem nem me dar o direito de defesa? Tem noção do que eu senti quando estava vindo para cá, para tentar mais

uma vez fazer com que você enxergue a verdade dos fatos e encontro meu carro batido em uma árvore? Não pelo carro em si, mas sim porque o que você fez só me provou que você não se importa nenhum pouco com outra pessoa, que não seja você. Que você não se importa com mais nada, além do seu ego ferido.

— Isso não é verdade! — Retruquei, me sentindo magoada por ele pensar dessa maneira.

— Eu sempre soube que você era uma menina mimada, afinal nós dois crescemos juntos e mesmo distantes, eu sabia o que você fazia. — Continuou, como se eu não o tivesse interrompido. — Eu sempre soube o quão inconsequente você poderia ser. Você chegou e sim, eu não pedi por isso, não escolhi, mas eu me apaixonei. Mas eu também não posso simplesmente passar as mãos na sua cabeça pelos seus atos impulsivos e fingir que não preciso me importar comigo. Somos adultos. Você não é mais uma criança, Stephanne. Se antes de tudo, eu já achava suas atitudes inconsequentes, agora, eu acho que elas são absurdas. Você tem noção da proporção que tomaria caso fosse divulgado o que você fez? Você é a única herdeira

desse País! Você tem noção da importância do seu título? Acho que não, porque se você tivesse não agiria da forma como você age. Você não é mais criança! Você tem que crescer! Você não pode simplesmente fazer o que der na telha, não apenas porque você é uma pessoa pública, mas sim porque você tem que pesar que suas atitudes têm consequências, antes de qualquer coisa. Uma coisa que eu sempre fui e me orgulho de dizer é que sou íntegro. Sou íntegro. Sincero. Não sou falso moralista, nem hipócrita de dizer que sou perfeito, assumo meus erros, mas também não dou motivos para que ninguém duvide da minha palavra.

— Théo, se coloque no meu lugar. O que você faria?

— Perguntei, tentando fazer com que ele entendesse meu lado.

— Eu te ouviria, porra! — Falou um pouco mais alto do que pretendia, mas logo voltou a baixar o tom quando continuou. — Mas a Princesinha não podia fazer isso comigo, né? — Sua voz escorrendo sarcasmo. — Uma pessoa que ela conhece há 22 anos apenas. Em nenhum momento você me deu o benefício da dúvida. Muito pelo

contrário. Você já veio me acusando. Acreditando nas palavras de uma pessoa qualquer. Eu acho que eu mereço mais do que isso.

— Eu sou assim tá? Sou impulsiva, inconsequente, cabeça dura mesmo! O que você quer que eu faça? — Perguntei, sem saber mais o que falar.

— Nada. — Ele ri com amargura. — Nada, Stephanie. Eu não quero que você faça nada.

— Entendi. Psicologia reversa. Desculpe, mas isso não vai funcionar.

— Não, Stephanie. Não é nada disso. Estou apenas sendo sincero. Eu lavo minhas mãos.

Merda! O que eu faço?

Por que esse medo de perdê-lo agora me parece tão sufocante? Por que esse medo de me perder, não permite que eu confesse para ele tudo que eu sinto? Ele sabe que sou apaixonada por ele, não sabe? Mas eu posso continuar com isso?

— Eu fiquei com ciúmes, ok? Por um momento me deixei levar por tudo que Eva me disse, que você estava mentindo para mim e acreditei que talvez... — Não

consegui completar meu pensamento.

— Talvez o que? Que eu pudesse estar com você apenas por interesse? — Perguntou, deduzindo aonde eu queria chegar. — É, Stephanie? — sua voz grave, só demonstrava o quão magoado ele estava agora por eu ter pensado assim. — Eu achei sinceramente que eu fosse mais para você, mas eu acho que eu estava completamente enganado.

— Não é isso. Porra! Eu estou confusa! Sei que errei, que lhe devo desculpas, mas as coisas não estão fáceis para mim. — Confessei.

— Nem para mim. Exatamente por esse motivo que acho que precisamos acabar com isso. — Falou.

— Você vai me castigar? É isso? Vai fugir do que temos? — Perguntei, indignada.

— Não, Stephanie. Quem está se castigando é você. Também não estou fugindo de nada. Quem sempre fugiu aqui foi você. Eu estou fazendo apenas o que acho certo. Amadureça e quem sabe depois disso a gente conversa. — Ele foi dando as costas para mim.

— Aonde você vai?

— Estou te esperando na Biblioteca. Temos um trabalho a cumprir. Serei profissional e espero que você também seja.

— Théo...

— Não faça as coisas mais difíceis do que já são. —
Falou sem se virar para mim, antes de sair e bater a porta.
Eu não o segui.



Depois que Théo saiu do meu quarto, ainda fiquei vários minutos me remoendo deitada na cama. Nervosa. Agoniada. Angustiada. Com aquela sensação de perda sufocante. Aquela sensação de culpa, que só não era pior de saber que ele me achava imatura e egoísta, por isso deu um basta no que tínhamos. Estava me sentindo ferida. Chateada comigo, com Théo. Pois apesar de ter ouvido tantas vezes antes o quanto eu era imatura e inconsequente, estranhamente ouvir Théo dizer isso me magoou mais do que eu poderia imaginar. Tentei ignorar o que estava sentindo. Tentei não sentir receio, por pensar que talvez ele pensasse em ficar com outra pessoa, mas não

conseguia. Me remexia na cama cada vez mais inquieta, incomodada. Uma parte de mim sabendo que ele tinha razão, mas eu era assim, sei que tenho que amadurecer um pouco, afinal, eu ainda tinha muita coisa para aprender, mas também me sentia furiosa por tudo. Por começar a duvidar das minhas escolhas. Começar a me arrepender pelas minhas atitudes. Eu achava inadmissível da minha parte me arrepender dos meus erros, porque não era apenas pelos meus acertos que eu me tornei quem sou. Afinal, errar também não faz parte da maturidade? Por que eu não tinha o direito de errar? Ou esse direito me foi tirado apenas porque me tornei oficialmente uma Princesa?

Comecei a pensar que foi errado me envolver com Théo e me apaixonar. Tudo bem que o que tínhamos era intenso demais para começar a enumerar e nunca tinha sentido isso por ninguém. Talvez eu tenha confundido e idealizado algo que não podemos ter. Ele foi o primeiro cara que eu beijei, isso deve valer realmente alguma coisa, né? Talvez estivéssemos carentes e tivéssemos misturado o que sentimos. Vai que é apenas tesão e

carência? Talvez ele estivesse certo, talvez eu devesse mesmo era seguir em frente.

Afinal, Deus mandou amar o próximo. Então...
Próximo, por favor!

Na hora que eu resolvi levantar da cama para descer, uma das empregadas do castelo bateu no meu quarto dizendo que Théo estava solicitando a minha presença com urgência. Resolvi encará-lo logo e saber o que ele queria, porque eu sabia o quão persuasivo ele podia ser. Sabia até demais. Entrei na biblioteca e o encontrei sentado à mesa, concentrado, fazendo algumas anotações em um caderno. Ele estava sério, tenso, concentrado no papel, usando um óculos de grau quadrado em cor escura, quase preta, ressaltando a beleza máscula que ele emanava. Ele levantou seu olhar do que estava fazendo, quando me ouviu fechar a porta. Sua postura endurecendo visivelmente, mostrando o quanto ficou ainda mais tenso com a minha chegada. Ainda assim foi impossível não sentir aquele bombeamento de emoções pelo meu corpo. Aquela vontade louca de estar e ser dele mais uma vez. Eu só tinha que aprender a ignorar isso.

Periquita se compreenda! Eles dois – ele e o pau -, não terão vez!

— Sente-se, Stephanie. — falou friamente, apontando para a cadeira em frente à mesa.

Sua indiferença não passando despercebido por mim. Deixando-me ainda mais irritada por me sentir dessa forma. Por ter me permitido a achar que nós pudéssemos ter algo real.

— Você queria falar comigo. — Perguntei, olhando para ele.

— Como você deve imaginar, a mídia está louca por uma exclusiva. Todos querem saber um pouco sobre a Princesa da Campavia. Em comum acordo com seu pai, decidi que selecionaremos uma emissora pela qual você cederá uma entrevista.

— Você decidiu? — Perguntei.

— Sim, Stephanie. Conversei com seu pai sobre isso. Discutimos sobre os prós e contras dessa entrevista e decidimos que será bom para sua imagem e da coroa. — Contou.

— Só acho que antes de vocês decidirem as coisas,

deveriam perguntar a mim antes. — falei, como sempre não controlando minha língua.

— Stephanie, você bem sabe qual meu trabalho aqui, não dificulte. — Falou, fitando-me severamente.

— Não estou dificultando, Theodore. Estou apenas falando que eu acho que esse tipo de decisão, também deve levar em consideração o que eu acho. — Apontei.

— Ok. Enfim, antes de continuar, quero te comunicar sobre as notícias do dia. Como você deve ter imaginado, foi divulgado na internet nossa saída da boate ontem à noite e eles deram essa saída como confirmação sobre nosso relacionamento. Mas pode ficar sossegada, que já fiz uma nota de imprensa negando qualquer coisa entre nós. — Explicou, me deixando chocada.

— Como?

— Enviei uma nota de imprensa, dizendo que somos apenas amigos. Que era apenas um equívoco. Que não temos nada. E o que viram ontem à noite e em outros dias, foram apenas dois amigos se divertindo juntos. — Falou, calmamente, voltando a me ignorar escrevendo em seu papel.

Filho da puta! Quer dizer que o que temos foi um equívoco?

Frustrada. Magoada. Chateada. Irada. É pouco para que eu estou sentindo agora. A minha vontade era de pegá-lo a força, para ele ver quem é o equívoco. Mas não sou eu que darei o braço a torcer. Não mesmo.

— As perguntas que serão realizadas, serão aprovadas anteriormente. Não queremos surpresas. Apenas responda algumas perguntas que lhe farei, para estudarmos detalhadamente quais serão suas respostas. — Continuou.

— Ok. Se você puder adiantar agradeço, tenho horário no salão. — Falei, pois havia marcado antes de descer. Aprendi em Legalmente Loira, que fazer unha é uma terapia.

— Pratica alguma atividade física? — Começou a perguntar.

— Sim. Ando nua no meu quarto, enquanto espero me secar. Sério, Théo. Que tipo de perguntas são essas? Isso vai ser uma entrevista para televisão ou para arranjar um pretendente?

— Qual seu prato preferido de comida? — Ignorou-me

deliberadamente.

— Lagosta com molho de alho.

— Sobremesa?

— Torta de Chocolate com frutas vermelhas.

— O que você gosta de ler?

— Sei lá. Revista de fofoca, *Vogue*, *Cosmopolitan*, *People*, essas coisas.

— Você sabe o que é um livro? — Perguntou, levantando seu olhar do papel.

— Sei. Mas se tiver filme, melhor. — Respondi petulante.

— Você quer dizer que não lê um livro sequer? Só essas revistas estúpidas de mulher? — Perguntou incrédulo.

— Ei... Não insulte minhas fontes de informação. Não há nada de errado com a *Vogue*. Ela é como uma bíblia para mim. — Falei ofendida, com a mão sobre o coração.

— Relacionamentos? — Perguntou, como se não soubesse nada.

Ele é idiota? Como assim? Ele quer jogar? Vamos jogar.

— Não. Eu não tenho relacionamentos.

— Não tem... Por quê?

Sim. Ele tá merecendo uma resposta à altura de Stephanie.

— Tenho minhas regras. Não sou criança, não acredito em conto de fadas. Também não nasci para ser subjulgada. Eu não sei se acho possível encontrar um amor real nesta vida. As pessoas ao meu redor estão me provando isso a cada dia. Por que eu deveria me preocupar em buscar algo que eu não sei se acredito? — Perguntei, minha voz amarga pelas minhas próprias palavras.

— Porque talvez exista alguém que realmente vale a pena por aí — disse simplesmente, seus olhos mais uma vez se prendendo nos seus.

— Para que? Porque mergulhar no sofrimento, sendo que só nos traz dor de cabeça e um desgaste óbvio. Ninguém está disposto a tudo por um amor. A menos que você encontre alguém por quem você deve morrer. E, sinceramente? Eu não acho que existe esse alguém para mim. Todos estão muito preocupados com seu próprio umbigo, vivendo em seu mundinho egocêntrico. Acusando

os outros de se chafurdar em egoísmo, quando são tão egoístas quanto, senão piores. Mas eu tenho momentos muito bons encontrando o homem certo para o agora. O futuro a Deus pertence!

Sim. Toma essa, idiota!

Théo não desviou seus olhos dos meus enquanto eu falava. Mas ele pareceu recuperar a compostura assim que terminei de falar. Voltou a escrever mais algumas coisas, sua mão agora parecendo ainda mais pesada pelo que ele escrevia.

— Vou solicitar as perguntas da emissora e quando recebê-las, lhe entrego para você responder e estudarmos juntos o que vai dizer. Quando eu precisar, falo com você. Pode ir agora. — Dispensou-me, sem desviar o olhar do papel, onde continuava escrevendo.

Espero que seja seu testamento. Porque não duvido que eu vá matá-lo em breve!

Capítulo 25

Steph

Os próximos dois dias foram de tratamentos secos à pequenas discussões entre nós dois. Eu não era mais acordada diariamente pelo Ogro, pois ele fazia questão de enviar Lou, porque todos os outros empregados tinham medo da minha reação. Eu ainda não fazia ideia de quem ia me entrevistar, para que programa, emissora, nada. Théo recebeu as perguntas da diretora do programa e me repassou. Claro que quando eu lhe entreguei minhas respostas, ele não gostou nada, nada delas. Lou precisou interferir, porque eu estava a ponto de fazê-lo engolir suas bolas.

Idiota. Arrogante.

Mas independentemente de tudo, comecei realmente a refletir em tudo que Théo me disse. Na verdade, fiquei remoendo. Suas palavras, seu tratamento, tudo em mim me trazendo para a realidade. Agora eu sei o quanto eu errei.

Errei não apenas em julgá-lo, mas errei em agir com minha impulsão de sempre. Antes era fácil para eu fingir que eu não me importava com nada. Que eu não me preocupava com o que diriam sobre mim. Ou que depois de aprontar algo, receberia o carão de meu pai, mas logo depois ele passaria a mão na minha cabeça, como sempre. Mas por que agora tudo isso me aparece tão errado sendo que sempre foi?

Sabe aquela velha história que a gente só percebe que faz merda quando já é tarde demais? Então...

Talvez seja porque agora eu realmente me importo com o que pensam. Com o que Théo pensa sobre mim. Quando eu não era conhecida, quando eu não sentia por ele o que hoje sei que sinto, era fácil seguir em frente. Mas agora não é. É como se eu precisasse da sua aprovação. Sua compreensão. Seu perdão. Não que eu quisesse mudar quem eu sou, até porque acho impossível uma pessoa mudar assim, mas agora me parece mais necessário do que nunca que eu comece a rever meus valores e ações. Comecei a pensar sobre minhas atitudes nos últimos anos, fazendo uma análise minuciosa sobre elas, quase

terapêuticas e percebi que tudo que fiz foi tentando me provar. Tentando provar que eu poderia ser quem eu quisesse, fazer o que eu quisesse, sentisse o que eu quisesse. Como se isso fosse o suficiente para mim.

Eu sempre fiquei presa no castelo. Desde pequena. Quando finalmente saí, longe de tudo que a minha coroa representava, acho que me senti livre pela primeira vez na minha vida. Passei anos pensando que se agisse assim, da maneira que eu agia, recompensaria tudo que eu não poderia ter. Perdi minha mãe tão cedo, que nem me lembro dela. Têta foi a figura materna que tive. Se antes já valorizava o que Henriquetta representava para mim, voltando a pensar no quanto ela se dedicou em prol da minha criação, tenho que agradecer por ter tido dela o que minha mãe que por ter morrido tão jovem, não foi capaz de me dar. Tantas foram as vezes que achei que usava a desculpa de que precisava viver tudo que minha mãe não teve a oportunidade de viver, para agora entender que fiz isso tudo isso por puro egoísmo, buscando a felicidade que achava que teria caso me provasse a cada dia.

Então depois que voltei, tudo mudou para mim. Dizer

que Theodore Caravaggio foi de fundamental importância para isso, chega a ser redundante. Mesmo de forma torta, Théo me fez abrir os olhos para a vida que eu tinha. Mesmo que tenha falhado em conter meu gênio infernal, meus impulsos, não tenho como negar que sou outra pessoa por causa dele. Uma parte de mim ainda tenta se rebelar, gritar que isso é besteira, mas besteira é considerar isso, pois simplesmente não posso mais. Fui uma idiota mesmo, cabeça dura, extremista demais. Eu sou assim, ou oito ou oitenta. Só que meu erro começou quando me permitir fraquejar. Eu deveria ter confiado mais nele, em mim, no que nós dois tínhamos, porque se tivesse sido sensata por um mísero segundo sequer, jamais teria acreditado naquela mentira da *Lambisgoia Ruiva*. O que só me fez trocar os pés pelas mãos. Só que o medo de ter me permitido viver e sentir isso com Théo, não me deixou ter sensatez suficiente que deveria ter tido, para discernir que estava sendo estúpida ao ponto de arriscar nosso “relacionamento”.

Théo ainda estava obviamente magoado comigo e com razão. Também teria ficado em seu lugar. Na verdade

estou magoada comigo mesma, por tudo que fiz. Magoada pelo que por um momento, fui capaz de cogitar que fosse realmente verdade. E pior ainda, por ter duvidado por um segundo – ou vários – não apenas do que ele sentia por mim, mas também pelo que eu sentia por Théo era menos do que paixão e ainda por cima ter posto à prova tudo que tínhamos. Ainda não estava sendo nada fácil lidar comigo mesma e todo esse vórtice de sentimentos que tomava conta de mim a cada dia. Principalmente porque estávamos sempre um perto do outro e isso não ajudava em nada. Muito pelo contrário. Não era fácil lidar com essa sua aproximação, porque mais uma vez a vida estava me mostrando o quanto fui errada e o mundo realmente dá voltas, pois um simples olhar seu ou o toque mais inocente em mim, deixava-me ciente de que eu sentia por ele era tão forte, ao ponto de me dominar por completo. Estar tão perto dele sem que nos tocássemos como antes, era desesperador de uma forma que nunca foi antes, só me dando certeza de que o que sentia por ele era verdadeiro.

Mas então, por que eu não era capaz de me desculpar? De tentar me redimir? Desculpar-me por ter duvidado

dele, de nós. Desculpar-me não apenas pelo estrago no seu carro, mas pelo estrago que eu fiz a nós dois. Eu sei que como sempre, Théo estava certo ao dizer que era ele que sempre corria atrás de mim, por nós e que ele merecia mais. Que eu era imatura e inconsequente. Suas palavras me doendo cada vez mais quando penso nelas. Enchendo-me de vergonha e culpa. Ainda assim nada se compara ao que sinto com a indiferença fria pela qual ele vem me tratando desde então. Eu não sabia que poderia doer tanto, mas dói. É como se não fosse mais uma pessoa importante para ele, como ele sempre me fazia sentir antes. Exatamente por esse motivo que resolvi dar um pequeno tempo para nós dois colocarmos a cabeça no lugar, para então correr atrás do prejuízo que eu mesma causei.

Fomos mais alguns dias para o Hospital, ficar com as crianças e um desses dias infelizmente fomos seguidos, o que fez com que a frente do hospital ficasse abarrotada de jornalistas. Ainda assim brinquei com as crianças durante quase todo o dia e era literalmente o único momento que eu tinha com Théo em que parecíamos estar bem um com outro. Nós realmente nos divertimos muito. Era como se

na *Ala das Crianças* fosse realmente o único momento em que via Théo no modo desarmado, desde que ele vestiu sua armadura. Ele brincava com as crianças, sorrindo como se ouvir a risada delas fosse a melhor hora do seu dia. E era, ao menos para mim. Adorava aquelas crianças de uma forma que eu não sabia explicar. Elas eram tão pequenas e tão fortes. Sorriam, brincavam e não tinham a mínima noção de que enquanto faziam isso estavam lutando pela sua vida. Cada segundo ali era precioso e fazia questão de compartilhar com elas, pois elas preenchiam meu coração de coisas boas. Além de toda a alegria que elas me transmitiam, ainda tinha de bônus Théo dessa maneira, fazendo-me sentir quase completa pela primeira vez em toda a minha vida. Faltava-me apenas deixar meus medos e receios de lado, assumir meus erros, pedir desculpas e ser essa pessoa que eu gosto, mas tenho medo de ser com Théo ao meu lado. Acho que preciso de um pouco da determinação dessas crianças.



No dia da entrevista, acordei cedo, pois tinha que fazer maquiagem e cabelo para finalmente dar a tão esperada exclusiva, pois não poderia fazer feio em uma situação dessas. A entrevista aconteceria em uma das salas de espera mais aconchegantes do castelo e posteriormente em uma mesa recheada de guloseimas, dando-nos a impressão de que teríamos um chá da tarde e uma conversa amigável. Estava terminando de retocar meu batom, quando Théo me chamou para a sala, onde toda a equipe de filmagem já estava reunida. Ajeitei meu vestido branco, acinturado e sua saia rodada ficava no meio das minhas coxas. Olhei-me mais uma vez para o meu reflexo, me deliciando com a visão da minha própria imagem e pisquei para mim. Assim que entrei na sala, fez-se um silêncio descomunal. Todos ali certamente impressionados em me conhecer. Não era todo dia que eles tinham a oportunidade de conhecerem a Princesa da Campavia. Aproximei-me do sofá, onde Théo se encontrava ao lado de uma moça loira muito bem vestida, que ostentava um enorme sorriso e não tive dúvidas de que ela era a repórter. Até porque eu já tinha visto uma ou duas entrevistas dela, que normalmente

fazia exclusivas apenas com os famosos mais badalados de Hollywood. Mas eu não gostei nada, nada da forma que ela conversava, praticamente se oferecendo e ele respondia, enquanto lhe dava um sorriso encantador. Olhei para os dois que ainda pareciam entretidos em sua conversa e me aproximei, não me contendo. O ciúmes veio com força. Afinal eu estava a tantos dias evitando uma aproximação maior com Théo, não querendo brigar, discutir e ainda assim depois de tudo, dele confessar que era apaixonado por mim, ele estava mesmo dando bola para essa *Mosca Loira*? Será que ela não tinha visto todas as notícias que voltaram a bombar na mídia sobre nós dois?

Ou isso, ou ela era uma desavergonhada mesmo!

— Interrompo algo? — Perguntei, incapaz de me conter, forçando meu sorriso.

Théo desviou seu olhar do dela, para encontrar o meu e acho que ele percebeu que eu não gostei nada do que vi, pois levantou suas sobrancelhas como quem diz com o olhar “Nem pense!” Pois é. Prefiro não pensar mesmo. Espero que ele não subestime meu autocontrole.

— É um prazer e uma honra finalmente conhecê-la, Princesa Stephanie.

Sério. Eu já não a odeio de algum lugar?

— O prazer é todo meu. — Menti e estendi minha mão para cumprimentá-la. — Seu nome? — Perguntei, quando ela aceitou meu gesto, cumprimentando-me.

— Renê Gerrara. Do *Super Stars*. — Apresentou-se, como se fosse uma pessoa realmente importante.

— Hm. Renê. — Virei-me para Théo. — Você ofereceu alguma coisa para nossa convidada beber, amor. — Frisei a última palavra e seus olhos se arregalaram minimamente, pois ele com certeza foi pego de surpresa.

Aproveitei a deixa e cheguei bem próxima a ele, lhe puxando pela gravata para um beijo calmo nos lábios, que apesar de ter sido surpreendido, não se afastou e retribuiu. Nosso beijo foi delicioso e com certeza foi recheado de Saudades, infelizmente não durou muito, mesmo que minha vontade fosse de lhe dar um beijão daqueles cinematográficos. Mas isso eu faria depois, agora eu estava apenas fazendo meu ponto e mostrando para essa *Mosca Loira*, que ele não estava disponível. Se ela não

entender, parto para agressão sem problemas. E espero que ele tenha entendido muito bem o recado, de que não estou recuando. Muito pelo contrário, estou pronta para guerra se for preciso.

— Então. Podemos começar? — Falei, indicando o sofá para ela, que me olhava toda sem jeito.

Ela aceitou e logo tentou parecer animada, quando rapidamente me explicou como funcionaria a entrevista. Um assessor seu, ajudou-me a colocar o microfone e um ponto no ouvido. Cumprimentei sua diretora e Théo trocou algumas palavras a mais com ele. Assim que a diretora falou “Ação!”, Renê começou a falar para câmera:

— Olá, meus queridos telespectadores, o programa *Super Stars* de hoje é mais do que especial. O *Super Stars* está no Palácio de Bellini, fazendo a entrevista mais esperada do momento, com ninguém menos do que a Princesa da Campavia, Stephanie di Montalcino. — Ela virou seu olhar da câmera para mim e continuou. — Olá, Princesa. Estou muito feliz de ser recebida em sua casa.

— Olá, Renê. Olá, todo mundo. É um prazer recebê-los aqui também. — Respondi, tentando soar o mais simpática

possível.

— Ficamos tão animados por estarmos aqui. O mundo todo está pedindo para saber mais sobre a Princesa. Toda a mídia só fala sobre você. Como você está reagindo em relação a isso?

— Bom. Vivi anos da minha vida no escuro, sem ter contato nenhum com a mídia. Então para mim ainda é uma surpresa ver notícias minhas espalhadas por aí. Mas tenho recebido carinho de muita gente. Então não tenho do que reclamar. — Respondi.

— Nossa. Eu imagino. — Sua voz aumentou um tom. — E sobre seu anonimato. Você pode nos dizer sobre isso? Como foi viver anos sendo Princesa, sem “reinar”, vivendo longe dos holofotes.

— Meu pai, o Rei Edward, achou que seria melhor para mim que eu tivesse uma vida um pouco afastada da mídia. Ele achava importante que eu vivesse minha infância e juventude, sem precisar carregar o estereótipo que a coroa de Princesa me daria. Eu costumo pensar que eu aproveitei os dois lados, pois mesmo vivendo como uma pessoa “normal”, ainda assim eu vivia uma vida de

Princesa.

— Isso só me lembrou de uma coisa. Você quer dizer que você viveu o melhor dos dois mundos? — Perguntou e eu tive vontade de revirar os olhos.

— Nossa! Isso é tão Hanna Montanna, mas sim. Eu tive um pouquinho dos dois mundos. — Respondo, tentando sorrir.

— E isso não atrapalhou nos seus relacionamentos? — Perguntou interessada.

— Não. Na verdade acho que talvez tenha ajudado. Não é fácil se envolver com alguém, ainda mais alguém que tenha a minha posição e exposição social.

— Você tem vinte e dois anos e em menos de um mês, você se viu estampada em jornais, revistas. Ouviu comparações sobre Princesas de outros reinos, mas ainda assim você tem sido citada como fonte referencial de mulheres e crianças do mundo todo. O que você pensa sobre isso?

— Como eu disse, ainda é tudo muito novo. Eu passei anos da minha vida sabendo que chegaria o momento em que eu iria me confrontar com isso, com a realidade de ser

Princesa, ainda assim é assustador saber que as meninas estão pedindo meu corte de cabelo. Outras comprando roupas que eu uso. Parece meio surreal ainda.

— Pelo que eu já soube e pelo que estou vendo. Você é uma mulher muito vaidosa, Princesa. O que você faz para se cuidar? Tem algum segredo de beleza?



A próxima meia hora, foram feitas perguntas e mais perguntas. A maioria foram as que eu já tinha recebido anteriormente e estudei, outras foram novas, mas ainda dentro do contexto e das perguntas previamente permitidas a serem realizadas. A última parte da entrevista era o chá, onde nós falaríamos amenidades, durante o lanche. Mas enquanto a maquiadora retocava minha maquiagem, vi mais uma vez a *Mosca Loira* atacando Théo. É, acho que era hora de mostrar para ela quem eu realmente era. Mostrar que eu não era uma Princesa bobinha como ela pensava.

Ser vadia é a nova tendência, né? Tem muita gente seguindo essa moda já!

Enquanto ela retocava sua maquiagem, sentei-me à mesa e esperei por ela, enquanto bebia uma garrafa de água. Quando ela acomodou-se ao meu lado e sorriu, virei-me para ela, dirigindo meu sorriso falso.

— Então, Renê, enquanto a entrevista não recomeça, me responda: Quantos anos você tem?

— Olhando pra mim, o que você acha?

— Acho que precisa emagrecer, mas qual sua idade?

— Insisti petulante, enquanto bebericava minha água, apreciando sua cara chocada.

— É... Tenho trinta e três. — Respondeu, sem jeito.

— Hm. A idade de Cristo. Deve ter muita experiência na vida, né? Sabe que Théo tem vinte e quatro, não é? — Perguntei, meu tom carregado de sarcasmo.

— Er... Hm... Sei sim. — Respondeu, seu rosto vermelho como um pimentão.

— Então você deve saber também, que ele tem uma dona. E lhe garanto que a dona dele não leva desaforo para casa. Sabe. Ela não tem o juízo muito perfeito. — Comentei, como quem não quer nada.

— Er... Eu tinha achado que vocês não estavam juntos.

Teve aquela nota de imprensa e tudo mais. — Tentou explicar sua descaração.

— Eu sei aonde você quer chegar com essa conversa. Antes de ficar perguntando “ain por que vocês lançaram aquela nota de imprensa, se não terminaram? Ou por que vocês dizem que não estão juntos?” Reflita da seguinte forma: Será que eu tenho alguma coisa a ver com isso?

— Sinto muito, não era a minha intenção dar em cima dele. — Tentou mais uma vez, em vão.

Oh! Comigo não, queridinha!

— A quem você quer enganar? Daqui eu vejo seu bigode! Não querida, sabemos que era sim essa sua intenção. Não apenas dar em cima dele, mas utilizar muitas outras maneiras o verbo “dar”. Mas te garanto que a única ação que você terá com o verbo, é quando eu der com minha mão na sua cara. Então abaixe seu fogo e pare de dar em cima do meu homem. Como você já deve ter percebido, não sou uma pessoa que você gostaria de ter como inimiga. — Falei, minha voz ameaçadora, apontando discretamente o dedo para ela, que me olhava visivelmente chocada com meu temperamento.

Era bom mesmo ela saber quem reinava aqui!
Piranha!

— Podemos recomeçar? — A diretora chamou nossa atenção.



A entrevista seguiu e eu dei graças a Deus quando terminamos e todos foram embora, inclusive a vadia com o rabinho entre as pernas. Bem. O recado foi dado. Eu tinha ido para meu quarto, precisando desesperadamente de um banho e depois de um cochilo. Mas meus planos foram completamente frustrados quando a porta do meu quarto se abriu e Théo entrou. Meu coração bateu daquele jeito, que mais parecia que eu estava tendo um ataque cardíaco. Tentei ficar na minha, mas foi impossível não me perder naqueles olhos azuis que me tinham derretendo por ele.

— Sabe. Você deveria desligar seu microfone quando pensar em ameaçar alguém. Isso pode ser usado como prova contra você. — Falou, me deixando chocada.

Oh Merda! Ele ouviu minha ameaça velada a Mosca

Loira!

— Você ouviu. — Afirmar o óbvio.

— Sim, ouvi. E confesso que gostei muito do que ouvi.

Um sorriso lindo levantou os cantos da boca de Théo, tornando difícil para eu desviar o olhar. Deveria ser contra lei ele sorrir assim. Mas fazer o que? Ele apenas exercia o direito de ser sexy e me deixar bamba, ansiando por ele.

— Sabe qual foi a vontade que eu tive, quando você me chamou de “seu homem”? — Continuou, sua voz rouca, se aproximando perigosamente de mim.

— O que? — Perguntei, engolindo em seco.

Seu corpo encontrou o meu, ao mesmo tempo em que sua mão circulou em minha cintura, me mantendo cativa dele. Fiquei sem reação. Adorando aquele toque, que há tantos dias eu queria sentir dele. Desejando, pedindo mais e mais.

— Você me deixou tão duro. Que eu só queria me enterrar em você e te possuir até você se render e se entregar completamente a mim. — Murmurou ao meu ouvido e mordiscou minha orelha, antes de descer seus

lábios pela pele do meu pescoço, ao mesmo tempo em que esfregava desavergonhadamente seu membro duro em mim. Me fazendo gemer.

Santa Mãe dos homens deliciosos, por favor! Se ele continuasse com aquilo, eu ir ia começar a implorar.

— E por que não faz? — Perguntei, minha voz misturando-se com meu gemido.

— Oh! Princesa! Não brinque com fogo se você não quer se queimar. — Sussurrou, antes de se afastar com um sorriso convencido no rosto. — Até amanhã, Stephanie. Venho te pegar às sete. — Disse, antes de sair, me deixando mole, necessitada por ele.

Filho da puta! Espero que ele me pegue mesmo!

Mesmo ele tendo me deixado necessitada, ansiando por ele, não pude deixar de ostentar um enorme sorriso enquanto tomava banho. Afinal, Théo pode negar o que for, mas apesar de ainda estar magoado, ele não deixou de sentir o que sente por mim e me quer, eu sei. Afinal, quem em sã consciência resistiria a alguém como eu? Em termos comparativos, é como se perguntasse se alguém resistiria a um *Petit Gateau* delicioso, quentinho, com uma bola de

sorvete? Ninguém, né? Pois é. E antes que digam que eu sou convencida, me desculpo por ter que dizer que não sou, estou sendo modesta. Vocês sabem que é verdade. Hoje era dia do *Ganso*, meu vibrador, mas a partir de amanhã Théo não perde por esperar. A impiedosa serei eu.



No período de Setembro, eram realizadas as comemorações do descobrimento da Campavia. A história relata que o meu antepassado, o Rei Paul Henry Bellini Campavia, um ex-comandante do exército italiano, após a conquista de uma batalha, resolveu desbravar novos territórios através das rotas marítimas. E foi assim que juntamente com ele, outros companheiros de ofício fizeram essa viagem. Eles não demoraram a encontrar a beleza costeira do nosso país. E assim surgiu a Campavia. O Rei Richard tornou-se o Rei, pois além de ser o comandante da expedição, também era o militar com mais patentes, além de ser o que mais tinha dinheiro e os outros foram beneficiados com os títulos da nobreza, bem como

parte do território campaviano.

Todos os anos essa data é extremamente comemorada pelo nosso país. Festas são realizadas para os populares, com shows, inaugurações de novos empreendimentos para população, dentre outras coisas. Mas tem uma comemoração em particular, que é realizada exclusivamente para a nobreza: Viagem da rota do descobrimento. A viagem é feita apenas pela costa do descobrimento, onde os descendentes das famílias nobres que desbravaram nossas terras, participam de uma festa em auto mar. Um iate nos leva para conhecer as praias e ilhas que cercam nossa região. Eu nunca havia participado dessa comemoração antes, por motivos óbvios e agora eu estava realmente entusiasmada com isso. Mas ontem, enquanto eu deitava em minha cama, pensando sobre que biquíni eu usaria para divar nesse passeio, me veio uma ideia que eu tinha achado particularmente esplêndida, eu estava muito animada sobre ela, agora só faltava dividi-la.

— Quem é? — O mau humorado resmungou, quando bati na porta do seu escritório, de manhã, alguns dias

antes da festa.

— Jesus Cristo! — Respondi quando entrei, me deparando com tudo aquilo.

Merda! Por que ele tem que ser tão lindo assim?

Seus cabelos estavam como sempre, penteados para trás, fazendo com que seu rosto desenhado de destacasse. Vestia-se impecavelmente com um de seus ternos feitos sob medida. Aquela sua postura firme. Sua expressão controlada, sendo traída apenas pelos seus olhos azuis, que brilharam ainda mais quando olharam para mim, analisando-me de cima a baixo. Deixando-me quente. Necessitada. Nunca passei tanto tempo sem dormir com alguém. Sêrio. A coisa estava bem feia pro meu lado, porque minha carência ultrapassou limites jamais atingidos na minha história de vida.

— Nossa! Eu pensava que Jesus usava barba e bigode, uma túnica e sandália de couro. Acho que terei que avisar ao Papa que devemos trocar as imagens e os vitrais das igrejas. Será um verdadeiro escândalo. O mundo ficará chocado ao saber que a imagem que tínhamos de Jesus não corresponde à verdadeira. Loira e Petulante. — Gracejou,

tentando recuperar sua postura.

Acho que já vi isso em um filme!

— Sêrio. Preciso da sua ajuda. — Falei, como quem não quer nada, sentando a cadeira em frente à mesa.

— E eu preciso de uma massagem e uma noite com a Beyoncé, mas nem sempre a gente tem o que quer. — Respondeu com sarcasmo.

Idiota!

É exatamente isso que vocês estão vendo, *Theodore Ogro Caravaggio*, não facilitou em nada minha vida nos dias que se seguiram a entrevista com a *Mosca Loira*. Apesar dela ter deixado escapar “acidentalmente” em seu programa, que nós dois realmente estávamos juntos e toda a mídia internacional só falar sobre nosso “relacionamento”, eu pensei que de alguma forma ele cederia, mas ledor engano, estava enganada. De novo. Ele ainda tem feito muito pior, tem atizado e me deixado lá aguardo por ele. *Ganso*, coitado, que está pagando esse pato. Mas não por muito tempo. Eu sei que ele está me punindo e eu de certa forma mereço por tudo que nos aconteceu, mas isso não vai demorar a mudar. Assim eu

espero.

— Vou ignorar seu comentário. Enfim... Estive pensando, já que todo ano juntamos todos os nobres nesse passeio, para beberem champanhe e comerem caviar, não que eu esteja diminuindo a importância do aniversário da Campavia, mas por que não fazemos isso em prol de algo maior do que apenas essa comemoração, como a caridade, por exemplo? — Perguntei.

— Estou ouvindo. — Incentivou que eu continuasse, parecendo atento ao que eu dizia.

— Apesar de eu estar entusiasmada para fazer o passeio, por que não fazemos com que arrotar caviar não seja o único resultado dele? Podemos sei lá... A nobreza campaviana é bastante abastada, não apenas na arrogância, mas também no quesito dinheiro. Há tantas festas da alta sociedade que são beneficentes. Por que não cobrar deles e sei lá... Investir o dinheiro ganho na Ala das Crianças ou no Orfanato. — Sugeri.

Estive no orfanato alguns dias atrás e me encantei com todas aquelas crianças, que apesar de não terem pais que lhes dão o que elas precisavam, como carinho, amor e

atenção, estavam lá cheias de sorrisos e amor para dar. Minha experiência com crianças eram quase nulas, mas eu me vi brincando e até dançando com elas. Estava adorando compartilhar a minha vida com as crianças do orfanato e do hospital. E isso não tinha nada a ver com o fato de fazerem comparações comigo e com a Princesa Diana, chamando-me da “Nova Princesa do Povo”. Mas sim porque eu me sentia feliz ao lado delas.

Théo ainda não me respondeu. Muito pelo contrário, ele continua olhando para mim como se tivesse surgido um terceiro olho na minha testa.

— O que foi? Minha maquiagem está borrada? — Perguntei, ao mesmo tempo em que eu limpava ao redor do meu olho.

— Boa ideia. Não. Ótima ideia, mas me responda: Quem é você? E o que você fez com a Princesa Mimada e egoísta? — Perguntou, com aquele sorriso safado.

Revirei os olhos e fui andando em direção à porta, quando estava prestes a sair me lembrei de uma frase de Crepúsculo. Aí me virei para ele e disse:

— E então o leão se apaixonou pelo cordeiro...

Não esperei para ver sua reação, não tinha coragem de olhar para ele, então bati a porta e saí, sem acreditar que eu realmente tinha dito isso em voz alta. Um pequeno passo para o mundo, mas um grande passo para mim. Eu só disse que eu era apaixonada por ele. Nada mais.



Meu pai me parabenizou pela minha iniciativa, que foi colocada logo em prática. No dia do evento, como ele duraria o dia todo, voltaríamos apenas à noite, acordei cedo e após o café da manhã reforçado, comecei a me arrumar. Vesti um vestido branco de tecido leve por cima do meu biquíni, sandália plataforma da mesma cor e óculos escuros. Encontrei com meu pai, Lourdes e Têta na entrada e saímos todos juntos, com o carro sendo seguido por mais dois carros e motos da segurança real. Não demoramos muito a chegar ao cais, onde um grande número de espectadores estava reunido no local. Flashes disparavam em nossas direções. Meu pai e eu paramos para tirar algumas fotos, antes de finalmente entrarmos no enorme iate que navegaria com a gente pela região

costeira da Campavia. Como era de se esperar, o barco era extremamente luxuoso. Alguns convidados e toda a nobreza campaviana estavam quase toda ali reunida. O que me deixava mais confortável era saber que eu não aturaria todos aqueles sorrisos falsos em vão, porque todos ali pagaram para estar participando desse evento. Então ser simpática era um pequeno preço a se pagar.

Eu e meu pai cumprimentamos algumas pessoas, até que um rapaz chegou até nós. Ele era alto e tinha uma postura séria, mas levemente divertida. Seus cabelos eram castanhos, mas seus olhos eram incrivelmente azuis em um rosto muito bonito, que tinha uma barba rala, por fazer. Meu pai o recebeu com entusiasmo, enquanto eu recebia uma taça de champanhe de um dos garçons que nos serviam, precisando beber para me perguntar por que eu não conseguia me interessar por um cara incrivelmente atraente, como eu pude ver que ele era.

— Como vai, Aaron? — Meu pai perguntou.

— Muito bem, majestade. Entusiasmado com o passeio. — Falou sorrindo.

— Você vai adorar conhecer nossa costa. É

indiscutivelmente uma das mais bonitas do mundo. — Meu pai disse, animado.

— Não tenho dúvidas. — Os olhos de Aaron dispararam em cima de mim, não me deixando dúvidas de que ele não estava falando de nossas praias.

— Claro. — Meu pai falou, como se lembrasse que precisava nos apresentar. — Aaron, gostaria que você conhecesse a Princesa Stephanie, minha filha. Filha, esse é Aaron Cianci. Filho de um grande amigo meu, um duque italiano. — Apresentou-nos.

— Uma honra conhecê-la, Princesa. — Cumprimentou, com um tom galanteador, ao beijar minha mão.

— Prazer conhecê-lo também, Aaron. — Sorri e os dois continuaram a conversar por um tempo, até meu pai e eu sairmos para falar com outras pessoas.

Como a tradição mandava, meu pai buzinou na cabine do marinheiro, fazendo toda a população campaviana que se reunia ali, comemorar ao zarparmos. Agora a praia receberia grandes nomes da música para o festejo ali. Quando começamos a navegar, fiquei conversando com Lou e Anabella. Elas me chamaram para tomar banho de

piscina, mas eu disse que iria mais tarde. Estava comendo um salgado que o garçom me ofereceu, quando vejo Aaron parando ao meu lado.

— Sozinha? — Perguntou, sedutor.

— Agora não mais. — Sorri.

— Tudo bem?

— Sim e você? — Respondi, ao mesmo tempo em que reparei Lou me olhando com uma cara estranha.

O que houve?

— Melhor agora. — Respondeu e eu segurei a vontade de revirar os olhos.

Sério. Homens, nunca usem essa cantada, ela é muito tosca!

— Então. O que você faz da vida, Aaron? — Perguntei, tentando soar educada, não querendo ser grossa.

— Sou vice-presidente de uma rede internacional de restaurantes italianos da minha família. — Explicou.

É oficial. Ele está tentando me impressionar.

— Hm. Que bom. — Falei, sem saber o que responder.

— Então. O que você e o filho do Primeiro-Ministro tem, é realmente verdade?

Oi?

— Por quê? — Perguntei, olhando intrigada para ele.

— Apenas porque eu gostaria de saber se você está namorando ou está solteira. — Sorriu e eu olhei bem para o seu rosto bonito, antes de responder.

— Apenas digo que eu talvez esteja com uns projetos aí.

Merda! Desde quando deixo passar um homem gostoso?

— Então é sério? — Sua voz soou meio desanimada.

— Tão sério, que precisará de uma intervenção cirúrgica quando seu nariz quebrar depois que eu acertá-lo. — A voz de Théo disse, parando ao meu lado e me puxando para ele pela cintura.

Ai meu pai!

Capítulo 26

Théo

Muitas pessoas usam os ensinamentos de Sun Tzu, na área administrativa, jurídica e etc. Por que eu não poderia utilizá-lo na minha vida? Um trecho da Arte da Guerra diz assim: *“Em qualquer combate, pode utilizar-se o método direto para dar início à batalha, mas para garantir a vitória serão necessários métodos indiretos”*.

Entenda uma coisa, muitas das grandes batalhas da história foram memoráveis não pela coragem excepcional do lado vitorioso ou pelos seus grandes números, mas porque fizeram o impensável, o original, o ousado, e assim alcançaram a vitória. E era exatamente isso que eu faria para conquistar e prender Steph definitivamente em minha vida. Afinal, no amor e na guerra vale tudo, não é mesmo?

Eu lutei durante todas essas semanas. *Inferno!* A verdade é que eu lutei desde que nós éramos pequenos,

pelo que eu sentia por ela. Mas não adianta, pois o coração é um órgão meio burro e não escolhemos quem amamos. Eu sei que Stephanne merece um bom castigo depois de tudo que nos aconteceu. Sua desconfiança. Seu descontrole. Sei tudo que ela fez e estou mais do que ciente de todos os defeitos que ela tem, dentre eles está sua impetuosidade, que de certo ela precisa controlar. Mas um dos quais eu citei, acabou vindo bater na minha cara esses dias: o egoísmo. Como eu pude acusá-la de ser egoísta, sendo que eu estava acompanhando a cada dia o quanto ela indiscutivelmente se doava para as crianças do hospital e do orfanato? Foi mais uma vez o destino dando na minha cara, me mostrando que seu coração sobrepujava todos seus defeitos.

Essas últimas semanas foram definitivamente tortuosas. Sabe o que é você estar próximo ao que você mais deseja e não poder nem chegar perto, pois você mesmo se impôs isso? Meu autocontrole, já não tão controlado assim, estava no limite. Não estava nem mais conseguindo dormir direito, porque não conseguia achar uma posição boa, até que percebi que a melhor posição é estar com ela

ao meu lado. Fora a vontade louca de ter minha Princesa nos meus braços novamente, ainda teve o fato de ter que controlar meu pau, que me fazia querer esquecer a merda do meu orgulho e partir para cima dela. Por mais maricas que isso possa parecer, tenho que ter meu amor próprio, né?

Mas não, Alexandre só pensava nele! Meu pau é um egoísta do caralho!

Eu não queria ser apenas mais um e muito menos que ela fosse mais uma. Muito pelo contrário, eu queria o “para sempre” e não algo passageiro. Acredito em atração a primeira vista, paixão, tesão, admiração, ódio... Mas amor não. Amor é algo que se constrói e prédios sem estruturas caem. E é exatamente por não querer que isso aconteça, que venho agindo como estou agindo com ela esses dias, frio, indiferente. Não posso me sentir culpado por tudo que eu lhe disse, pela maneira que eu agi com ela, pois eu sei que era exatamente isso que ela precisava ouvir depois do que aconteceu. Por mais que eu também tenha saído tão machucado quanto, senão mais, ao lhe dizer tudo que estava engasgado, mas era necessário, caso

contrário ela nunca iria amadurecer e encarar que o que temos é real e verdadeiro.

Steph poderia ser louca, desajuizada e um tanto irresponsável, mas o que eu sentia por ela não dava mais para fugir. Era forte demais. Era tão forte, que me dava um medo irracional de perdê-la. E a última coisa que eu queria era isso. Eu nunca na vida cheguei a sentir nada parecido. Nada chegava aos pés dessa necessidade intensa de querer cuidar e protegê-la com a minha vida. De querer estar ao seu lado em todos os momentos. É com ela que eu quero ter uma família e é com ela que eu ter certeza de que quero passar o resto da minha vida.

Jesus! Estou completamente fodido! Meu pau e meu coração estão perdidos!

Sério. Apesar de eu já ter assumido até para Steph que eu era apaixonado por ela, ainda era muito insano para mim assimilar isso tudo. Como não? Afinal, embora eu a ame loucamente, eu tinha feito uma promessa a mim mesmo que não me prenderia a mulher nenhuma e em nenhum relacionamento com expectativa de um futuro, em no mínimo dez anos. Mas aí esse *Tornado Loiro* chegou

levando tudo de mim para ela. Não tive chances.

Aquele turbilhão de emoções loucas apoderou-se do meu corpo quando eu a vi. Todas as terminações nervosas do meu corpo, sentindo e implorando pela sua presença. Era só eu olhar para essa criatura, que parecia que tudo de mim era dominado por ela. Tão linda. Seu rosto de menina. Seu corpo de mulher. Deliciosa. Dona de um sorriso perfeito e de covinhas adoráveis, que esbanjava simpatia e beleza. Assim que tentei controlar minhas emoções, eu sabia que tinha que pedir ajuda a todos os Deuses, porque além da carência está demais, os homens cairiam matando em cima dela, ainda mais de biquíni.

As próximas horas serão de chacina!

Tentei me manter quieto, entretido em conversas chatas, mas nada me ajudava em não procurá-la com meus olhos. Não tinha jeito, aonde ela ia, meus olhos a seguiam como um falcão. E era exatamente esse fato que me deixou irritado, porque eu já estava fazendo papel de bobo perante outras pessoas. E acho que era exatamente isso que eu estava me tornando mesmo, porque nem controle dos meus sentimentos eu tinha mais. Ela dominou tudo de

mim.

Juntei-me ao meu pai, ao Rei e mais alguns políticos e parlamentares, que decidiram que conversar sobre a política do nosso país era realmente algo que combinava com esse passeio. Me distraí trocando meu copo de uísque com o garçom, quando falaram algo que me chamou atenção:

— Quem é aquele que conversa com a Princesa? — Um deles disse, me fazendo seguir o olhar de todos e meu sangue ferveu com a cena que vi.

O cara era moreno claro, boa pinta e jeito de playboyzinho engomado.

Sim. Quem é esse filho da puta?

— Ah! Claro! É o filho de um grande amigo meu, um Duque italiano. — O Rei respondeu sorrindo.

— Sim. Aaron é um cara muito inteligente, que coordena praticamente todas as cadeias de restaurantes do seu pai sozinho. Um dos melhores partidos de toda Europa. — Meu pai reiterou.

Até tu, pai? Bom partido é o caralho! Quero ver ele me superar em todos os quesitos!

— Quando eu os apresentei mais cedo, foi nítido o interesse dele pela minha filha. Inclusive, veio depois me perguntar sobre ela, ele com certeza está com a intenção de cortejá-la. — O Rei continuou com um sorrisinho de lado, fazendo minha mão se enrolar em punhos.

Que merda é essa? Cortejar? Ele vai ver o cortejo que farei dele se ousar!

— Eu também não o culpo, vossa majestade, pois com sua permissão eu digo, sua filha é realmente linda, seria uma honra cortejá-la. — O filho do Vice-Primeiro-Ministro, Rick, falou.

Putá que pariu! Isso é um complô do caralho!

— Não, você não tem permissão de porra nenhuma! Acho bom você respeitar a mulher dos outros antes de falar, Rick. Você pode não ter suas bolas para atestar sua masculinidade, depois que falar da minha mulher novamente. Espero não ouvir você falar assim da Princesa Stephanie outra vez, porque agora você já sabe o que vai acontecer. — Ameacei, deixando todos chocados, antes de virar as costas e ir acabar com essa pouca vergonha.

Ouvi meu pai chamando meu nome e ignorei-o. Depois

eu lidaria com ele, não queria saber se ele achava errada a forma que me portei ao dizer o que estava sentindo, porque só se eu fosse idiota para ficar ouvindo o que ouvi calado. Estava chegando próximo aos dois, quando meu caminho foi interceptado por duas muralhas tão altas quanto eu. Igor e Victor.

— Aonde pensa que você vai? — Igor perguntou.

— Aonde eu penso não, eu estou indo fazer aquela futura *Duquesa*, comer suas próprias bolas. — Respondi, tentando passar mais uma vez por eles.

— Você vai fazer merda. — Agora foi a vez de Victor dizer.

— De novo. — Igor complementou.

— Realmente, vou deixar esse cara na merda, caso ele não saia de perto da minha mulher!

— Já ouviu falar naquele ditado? “Deixe ir, se não voltar é porque nunca foi seu”? — Igor perguntou.

— Deixar ir é o caralho, ela vai ficar comigo sem querer mesmo! Quem manda nessa porra sou eu! — Bradei, antes de passar por eles, indo em direção a “*Duquesa*”.

Apesar de toda a névoa de ciúmes que eu estava rodeado, tinha que admitir que Stephanne estava com a postura séria e parecia não estar sendo nada mais do que educada com ele. Ponto para ela. Porque eu me veria mais descontrolado do que já estou, se ela estivesse agindo como agia antes. Ainda assim eu não era obrigado a ver a *Duquesa* dando em cima da minha mulher, né?

Afinal, apesar de eu ser um homem apaixonado, ainda tenho bolas nesse caralho!

— Então é serio? — A voz do Mariquinha perguntou, e apesar de eu ter gostado por ela ter respondido sobre nós, ia mostrar para ele com quem ele tava mexendo.

— Tão sério, que precisará de uma intervenção cirúrgica quando seu nariz quebrar depois que eu acertá-lo.

Parando ao lado dos dois, eu tratei logo de puxar Steph pela cintura trazendo-a para mim, marcando mesmo o território que era meu. Cansei desse joguinho com Stephanne, o que ela tiver que aprender, agora vai aprender comigo. Na cama se preciso for. Não vou dar mais brecha para nada.

Chega! Estava tomando conta do que era meu!

— Théo... — Stephanie começou.

— Está tudo bem, amor. Não vou fazer nada. A não ser que ele queira exatamente isso que eu lhe prometi. —
Falei, voltando meu olhar ameaçador para ele.

— Não, cara. Stephanie...

— Princesa Stephanie. A Hierarquia ainda existe e conserva os dentes! — Meu tom ainda cortante.

É melhor esse filho da puta não pensar que sou inofensivo, porque eu poderia quebrá-lo em dois neste momento!

— Sim, claro. — Ele deu um risinho que eu não gostei para ela.

Ok. Eu estava muito puto agora. Por que mesmo eu não posso quebrar a cara dele e os dentes?

— Então, como eu ia dizendo, a Princesa Stephanie estava apenas me confirmando sobre vocês. Então, começaram a namorar há muitos anos? — Perguntou, parecendo genuinamente interessado.

— Na verdade... — Steph começou mais uma vez e eu voltei a cortá-la.

— Sim. Só uns doze anos. — Menti, mas não também não era de todo mentira, né?

Não dei tempo dela retrucar, porque logo tratei de puxá-la para os meus braços, capturando seus lábios com os meus, em um beijo rápido e delicioso. Mostrando para esse paspalho que ela era minha e lhe dizendo com meu ato que acabou nosso jogo de empurra. Eu estava aqui para fazê-la definitivamente minha. E todos ao nosso redor estavam cientes disse agora.

Merda! Que Saudades que eu estava dessa boca esperta!

— Nossa! Há muito tempo. — Comentou impressionado, ao mesmo tempo que Steph me olhava com a cara de “Mas que diabos!” — Imagino que então não devem demorar de se casar, não é mesmo?

— Sim. — Respondi, ao mesmo tempo em que Steph disse:

— Não. — Olhando para mim com um olhar quase assassino.

Sim. Ok. Eu meio que exagerei. Mas isso vai acontecer mesmo, né?

— Em breve, ela não tem mais para onde correr. —
Reiterei.

Quando Steph olhou para mim, eu vi faíscas saindo dos seus lindos olhos azuis. Ela estava claramente puta da vida. Pela primeira vez na minha vida eu tive medo da minha integridade física. Sei que soou meio arrogante, mas bem, não vou mentir que acho que foi exatamente essa a minha intenção. Ela precisa entender que agora não havia mais brechas para ela fugir. Ela seria minha e eu não ia deixá-la mais fugir, nem que eu tivesse que cumprir minha promessa de amarrá-la na minha cama.

— Sei. — Ele riu. — Vocês formam um belo casal. —
Comentou, tomando mais um gole da sua bebida.



Acabou que a *Duquesa*, apesar de ter dado em cima de Steph, não era tão ruim quanto parecia. Ele foi muito simpático e respeitoso com nós dois, então eu acabei relaxando mais. Nós estávamos quase em frente a uma das ilhas em que pararíamos durante o passeio, nos preparando para soltarmos do iate em uma das lanchas

que nos levariam a areia. Eu já estava imaginando levar Stephanie em um lugar para ficarmos um pouco a sós e conversarmos. Tudo bem, não só conversarmos, porque *Alexandre* também não é de ferro e eu estava virando um monge já. *Se é que monges batem punheta*. Mas enfim... Como tudo que é bom dura pouco, tinha que acontecer algo ou melhor, tinha que aparecer alguém para estragar.

— Olá. — Eva, disse com um enorme sorriso no rosto, fazendo Stephanie ficar tensa em meus braços.

Ela usava um vestido rosa, que dava um contraste forte com seus cabelos ruivos, que estavam presos em um coque meio desarrumado. Em sua mão, ela carregava um copo. Como no nosso último encontro, tive a ligeira impressão que nada que prestasse iria sair da sua boca.

— Olá. — Aaron se apresentou, alheio a tensão que se formou com a chegada dela.

— Prazer, meu nome é Eva Carrara. — Estendeu sua mão se apresentando e ele a aceitou beijando-a.

— Aaron Cianci. — Disse simpaticamente e ela sorriu descaradamente, me fazendo revirar os olhos.

Eva não tinha noção mesmo do que estava fazendo.

Apesar de ainda ser cedo, ela já estava visivelmente alta com a bebida. Também estava em uma nítida vontade de tentar me provocar ciúmes. Mas o que ela não sabia, era que além da raiva que eu sentia por ter perdido o controle e me deixado me envolver novamente com ela, e por ela ser a culpada da discórdia entre mim e Steph, era que eu não sentia nada além de uma vontade imensa de rir. Por mim ela podia dar para Campavia toda, que eu estava pouco me lixando. Ia até ficar feliz, se isso fizesse ela me esquecer.

— Princesa Stephanie. Théo. — Nos cumprimentou, com um falso sorriso.

— Theodore para você. Não quero saber de liberdades com meu homem. — Steph falou e meu sorriso só cresceu.

Putá merda! Preciso me enterrar nessa mulher urgente!

Posso nem dimensionar o quão bom é ouvir ela me chamando de “meu homem”. Deixou-me ainda mais duro por ela.

— Você deve saber que eu tive muitas liberdades com Théo. — Eva respondeu, provocativamente.

Carvalho! Ela vai mesmo querer enfrentar Steph?

— Esqueça, Eva, se desiluda! Ele não vai procurar você hoje, nem amanhã de manhã, mas garanto que a ressaca vai. E esse é meu último aviso, meu próximo aviso será físico e não tenho certeza se você gostará dos danos que eu causarei nessa sua cara de vagabunda. — Ameaçou e eu apertei-a mais junto a mim, porque não queria que ela se preocupasse com isso.

Ainda assim, meu sorriso só ficava maior, por ver que ela estava com as garras afiadas, marcando seu território.

— Isso tudo é medo da concorrência? — Eva sorriu ainda mais.

Merda! Ela não tinha medo do perigo?

— Eva, me esquece! Eu sou linda demais para me preocupar com gente mal amada como você! — Steph disse, eu percebi que isso foi um aviso. Ela estava por um triz.

— Vai embora, Eva. — Pedi, tentando evitar que mais alguma coisa acontecesse, mas Steph desvencilhou-se dos meus braços.

— Também acho melhor. — Aaron, que até então

estava calado, assustado com o que estava acontecendo, aconselhou.

— Ir embora? Por que eu iria? — Perguntou, na maior cara de pau.

— Se eu fosse você eu vazava cara de cavalo! — Bella disse ao se aproximar de nós, me surpreendendo, pois eu nunca havia visto ela ser grossa com ninguém.

— Até você, cunhadinha? Senão o que? O que a Princesa que não se garante faria para me fazer sair daqui? — Perguntou, levantando as mãos para cima com um sorriso cínico no rosto.

Então em um piscar de olhos, Stephanie estava em sua frente lhe dizendo com uma voz nada amigável:

— Já que você quer tanto saber. Pergunta para os peixes, sua mocréia!

E a próxima coisa que se ouviu foi o barulho da água fazendo “*Tchibum*”.

Ficamos um segundo meio pasmos, não acreditando que Steph foi capaz de fazer isso mesmo. Mas não deveríamos ter nos surpreendido, né? Afinal, Stephanie é capaz de tudo. Ainda mais quando se pisa no calo dela. E

bem, eu adorei saber que no caso, eu era o ponto fraco dela, assim como ela era o meu. Eu, Aaron, Bella, Steph — que mantinha um sorriso orgulhoso no rosto — nos debruçamos para ver melhor a cena. Quando eu vi que Eva subiu para superfície, recuperou seu fôlego e começou a bater as mãos e pernas, fiz algo que depois do alívio por saber que Steph não carregava um crime nas costas, tive vontade de fazer: comecei a gargalhar. Não demorou muito para que Steph, Bella e até Aaron me acompanhassem na risada. Eva começou a murmurar maldições, o que só nos fez rir mais ainda. A sorte de Eva era que o iate já estava atracado, caso contrário a sua situação já complicada, com certeza seria preocupante. Outras pessoas que estavam ao nosso redor começaram a rir baixinho com a cena.

Como não rir? A desgramada estava merecendo mesmo!

— Será que não devemos jogar alguma coisa para ela não afundar? — Bella perguntou, tentando soar séria, mas logo via-se que ela estava se divertindo.

— Já viu merda afundar? Vaso ruim não quebra fácil.

Ou melhor, merda ruim não afunda fácil. — Steph falou as gargalhadas.

— Não se preocupem. Se ela afundar mais de dez vezes, a gente se preocupa em jogar um salva-vidas para ela. — Taddeo comentou achando graça, quando parou ao nosso lado. — A propósito. Bela jogada, Princesa. Fiquei admirado. — Comentou rindo.

— Obrigada! Eu me esforço para sempre dar o meu melhor em tudo! — Gracejou.

— Você é louca! — A ruiva gritou lá de baixo.

— Nossa, amiga, desculpa se você molhou sua chapinha! — Ironizou. — Pelo menos abaixou o fogo no rabo né? Vamos marcar um dia pra você parar de ser ridícula, porque estou sem paciência com vossa safadeza. Último aviso que lhe dou: Se você continuar atirada para cima do meu homem, vou te apresentar ao meu amigo, o nome dele é penhasco. Quero ver você se atirar nele.

Putá merda! Que mulher possessiva é essa? Posso me enterrar nela agora?

— Stephanie, você me paga! — Eva gritou, fazendo-a rir ainda mais.

— Desculpe, não entendi o que você falou. Não entendo “piranhês”! — Gritou de volta, fazendo uma nova onda de risada nos atingir.

Mais aí a danada da Stephanie tinha que fazer o ponto dela, né? Como sempre surpreendente, chegou mais próxima à grade, apontou para Eva que observava a cena e começou a cantar e dançar Beyoncé e Nicki Minaj – *Flawless*, que já tocava nos auto falantes do iate.

“... Me respeitem! Curvem-se vadias! ...

Meu homem faz com que me sinta gostosa pra caramba (Sou perfeita!)

Você acorda, perfeita ...

Sai, perfeita

Anda por aí, perfeita...

Eu acordei assim, acordei assim...

Acordei linda desse jeito

E não mudaria nada, nem se pudesse

(Se pudesse, se, se pudesse)

E você pode dizer o que quiser

Eu sou a melhor (o que quiser, eu sou a melhor)

Sou a melhor, sou a melhor, sou a melhor...”

Caralho!

A filha da mãe com certeza conhecia a coreografia, porque todos os seus movimentos pareciam ensaiados como no clipe da música. Para mim não restavam dúvidas de que Steph estava dizendo pela canção, o que ela queria dizer para Eva. Apesar do ciúme que eu sentia por Steph ser o centro das atenções, ela estava dando um show e muitos pareciam que já haviam esquecido que a outra tinha voado daqui de cima, pois estavam apreciando o espetáculo de Steph. Comecei a sorrir como um bobo. Orgulhoso. Porque do jeito torto dela, ela estava marcando seu território.

— Socorro! Alguém me ajude! — Eva gritou lá de baixo, chamando a atenção que não estava mais nela, para sua situação.

— O que está acontecendo? — O Rei nos perguntou, se aproximando da pequena multidão que se formava ao nosso redor.

Putá que pariu! Agora fodeu!

— Só uma piranha que achou que podia voar, na certa deve ter tomado *Red Bull*. Mas não se preocupe,

majestade, ela está em seu *habitat* natural. — Taddeo respondeu por nós.

Oi?

— Ai meu Deus! Minha filha! Alguém salve minha filha! — Laís, mãe de Eva, gritou desesperada.

Repare só a merda!



Depois de um “resgate” desnecessário de Eva. Choro de sua parte, pois ela estava agindo como se fosse sobrevivente do Titanic, foi prontamente consolada pela sua mãe. Por um momento achei que Eva gritaria em alto e bom som que Stephanne a empurrou, mas isso não aconteceu. Não quero nem pensar o motivo dela ter recuado. Prefiro acreditar que ela tenha pensado melhor e percebeu que arrumar uma briga com Steph não era uma coisa muito inteligente a se fazer. Ela e sua mãe foram levadas em outra lancha de volta para Campavia. Pelo menos estávamos livres dos disparates de Eva por hoje, porque não duvido nada que na próxima provocação, Steph parta para cima dela, exatamente como havia

prometido. E algo me dizia que isso não ia demorar muito de acontecer. Estávamos eu, Steph, Taddeo, Bella e Aaron, em círculo, parecendo estar esperando o carão que viria do professor malvado que nos olhava com uma carranca nada amigável. Trouxe o corpo de Steph até o meu, precisando tocá-la e passar algum conforto, pois eu sabia que o Rei não seria nada fácil.

— Como essa menina foi parar lá? — O Rei perguntou, com um olhar de acusação sobre Stephanne.

— Por que o senhor está me olhando, pai? — Steph se fez de ofendida.

— E eu não deveria, Stephanne? Agora me responda. Você jogou essa menina lá embaixo? — Perguntou irritado.

Eu travei. Pensei em uma resposta rápida para dar, mas nada saiu. Tudo que me veio à mente só poderia complicar ainda mais a situação já complicada de Steph. E por que não a minha também? Minha moral com o Rei era muito importante para mim. Mas não era com isso que eu estava preocupado agora e sim com o “castigo” que ele daria para Steph. Eu sabia que não seria nada fácil

convencê-lo que Steph era inocente, porque de inocente ela não tinha nada. Fora que ele conhecia a filha que tinha. Até que eu ouvi uma resposta de quem eu menos esperava.

— Eva estava um pouco bêbada, majestade. Tropeçou em seus próprios pés. Até tentei ajudá-la, mas ela caiu. A Princesa Stephanie nada tem a ver com essa história. — Taddeo veio ao nosso socorro.

Que diabos Taddeo está fazendo nos defendendo?

Olho para ele incrédulo, sem acreditar que ele está mesmo salvando o pescoço de Stephanie e até o meu. Em todos esses anos, Taddeo nunca veio ao meu socorro. Muito pelo contrário, ele ajudava a piorar ainda mais a minha situação. E por que isso agora?

— Foi isso mesmo? — O Rei perguntou, olhando atento para todos nós, que não pudemos fazer nada além de concordar.

Quem era eu para discordar nesse momento? Jamais discordaria, não posso perder a moral com meu sogrão!

— O senhor acha mesmo que eu teria coragem de jogar a vadia... Ops... Essa moça daqui de cima? Que tipo de pessoa o senhor acha que sou? — Steph perguntou, com

um olhar incrédulo, ainda se fazendo de ofendida.

Putá merda! Era muito dissimulada!

Eu tive que me segurar para não rir. Porque ela já estava forçando a natureza se fazendo de inocente. Com minha visão periférica, percebi que não era o único que estava me segurando. Bella estava mais vermelha do que tomate. Taddeo começou a fingir uma tosse para disfarçar seu riso. Aaron, bem, Aaron estava altamente chocado com tamanha cara de pau da minha Princesa. Quem conhecia Steph, sabia que seu humor era ácido e que ela não tinha nenhuma trava na língua, fazia e falava o que pensava e queria, não se importando com a reação de ninguém, o que surpreendia qualquer pessoa que a conhecesse, pois esse não era o tipo de comportamento condecoroso que uma Princesa deveria ter. E uma pessoa como Aaron, que certamente estava acostumado a conviver com a mais alta nobreza italiana, com certeza não imaginaria que uma Princesa Herdeira agisse como Steph. A carinha de anjo engana muita gente.

Bem, quem não conhecesse Steph que a compre!

— Não estou dizendo nada sobre o tipo de pessoa que

você é. Mas apenas sei que você tem coragem e impulso de sobra para fazer o que quer e lhe der na telha. Conheço a filha que tenho. Não é mesmo, Stephanie? — Perguntou, com um olhar desafiador.

— Nossa, pai! Assim você me ofende! — Exclamou teatralmente, com a mão sobre o coração.

— Calma, amor. Seu pai não está dúvidando de você. Ele apenas está perguntando. — Falei e ela abaixou a cabeça, como se tivesse magoada com o pai, enquanto o Rei nos olhava com atenção.

Put a que pariu! O que ele vai fazer agora?

— Está tudo bem por aqui? — Minha mãe perguntou, parecendo preocupada.

— Sim, mãe. — Consegui finalmente dizer alguma coisa.

— Está sim, Sarah. Apenas conversando com as crianças. Agora vou ter um particular com minha querida filha. Vamos, Stephanie? — Chamou, com um olhar que não deixava brecha para contestação.

— Tem que ser agora? Sabe o que é, pai, Théo acabou de me dizer que queria me apresentar a uns amigos. — Ela

tentou.

— Stephan...

— Majestade, nós podemos conversar um instante? —

Taddeo se adiantou, nos surpreendendo mais uma vez.

— Agora? — O Rei perguntou, olhando de Steph para ele, que lhe deu um olhar enigmático.

— Sim. O senhor poderia me acompanhar até um lugar mais reservado? — Voltou a perguntar.

Que merda está acontecendo aqui?

— Tudo bem. Vamos. — Cedeu e se virou para Steph.

— E a senhorita, não saia daqui. Quero conversar com você quando terminar. — Avisou, antes de se virar para sair, acompanhado de Taddeo.

Olhei para meu irmão e pude ler em seus lábios claramente quando ele disse: “*Você me deve essa! Dá logo o fora daqui!*” e se virou novamente para acompanhar o Rei. Fiquei atônito. Apesar da minha desconfiança dele estar fazendo isso por nós, agora eu tive mais do que certeza de que era realmente essa sua intenção. Até outro dia ele queria furar meu olho com Stephanie e agora isso? Há alguns dias eu já tinha notado

que Taddeo estava diferente. Não havia mais provocações e nem ironias da parte dele quando estávamos no mesmo ambiente. Muito pelo contrário, ele estava realmente se esforçando para ser simpático comigo. Coisa que ele nunca fez questão de ser. Eu não vou dizer que não gostei da mudança, porque afinal ele é meu irmão e por mais que eu não queira admitir, de certa forma eu sempre senti falta disso. Mas ainda era estranha a forma como as coisas estavam acontecendo.

Que bicho mordeu meu irmão? E o que era aquele olhar que ele trocou com o Rei?

— O que houve, meu filho? — Minha mãe perguntou, acariciando meu rosto.

— Nada, mãe. Agora precisamos ir. — Falei, puxando Steph mais perto de mim.

— Aonde vocês vão? O Rei pediu para que Stephanne não saísse daqui. — Minha mãe exclamou, preocupada.

— Não se preocupe, sogrinha, daqui a pouco estamos de volta! — Steph respondeu, antes de me acompanhar.

Sogra? Sim! Eu estava com Alexandre louco para mostrar a ela que seria oficial em breve!



Com a adrenalina nas alturas, por estar descumprindo uma ordem do próprio Rei e saber que meu irmão nos ajudou a escapar dele, desembarcamos na Ilha de Spartus. Na ilha existia um Resort luxuoso e privativo, onde várias celebridades costumavam frequentar para se esconderem do mundo. A Ilha era linda e repleta de atrações para quem queria relaxar e curtir a natureza. Olhei para todos os lados e fiquei irritado, pois não vi nenhuma embarcação e me lembrei que a lancha que veio acompanhando o iate, foi levar Eva e sua mãe para Campavia e sem ela, não tínhamos como chegar aonde eu queria e precisava levar Stephanie.

— Aonde vamos? — Steph perguntou, enquanto eu olhava ao meu redor em busca de solução.

— Na Ilha do Ouro. — Falei.

— Mas para chegar lá não precisa ir de barco? — Ela voltou a perguntar e a minha irritação por não saber o que fazer, só fez aumentar.

Caralho! Como vamos dar o pé daqui?

— Tive uma ideia. — Ela disse e começou a caminhar.

— Nunca sei se devo ficar com medo ou não das suas ideias. — Falei, seguindo-a.

— Quando é que eu não tenho boas ideias? — Perguntou e quando eu abri a boca para responder, ela me cortou. — Nossa! Você e Lou não sabem o que é uma pergunta retórica. — Resmungou e eu tive que rir.

Ela parou e analisou ao redor. Quando seus olhos avistaram seus seguranças, seu sorriso cresceu.

— Me carrega. — Sussurrou.

— O que? — Perguntei sem entender.

— Cala boca e não faça perguntas! Apenas me carregue, caralho! — Bradou. *Tão delicada!*

Eu com medo da fera, tratei de obedecer.

Do jeito que eu estava, se isso ia levar a gente aonde eu queria e ela me pedisse para latir, eu latiria com prazer!

Quando eu a peguei no colo, ela me mandou andar até onde seus seguranças estavam à postos. Obedeci, porque eu tinha juízo. Quando estávamos chegando próximo a eles, Stephanie segurou seu pé, fazendo uma careta enquanto gemia de dor.

Que merda ela está fazendo?

— Aiiii... — Seu grito doeu meu tímpano.

— Algum problema, Princesa? — O segurança que se chamava Carl, perguntou.

— Siiim, *Timão*. Eu estava andando com Théo, quando tropecei em uma pedra. Acho que torci meu pé de novo. — Ela falou e em seguida gemeu, dando mais ênfase para a dor que ela não sentia.

Ah! Bandida!

— Vou providenciar agora mesmo um helicóptero para levá-la até Bellini, alteza. Volto em um minuto. — Carl afirmou e logo tratou de providenciar o que disse.

Stephanne riu baixinho antes de soltar outro gemido e fuzilar o outro segurança com o olhar.

— O que você está fazendo aí parado, *Pumba*? Trate de conseguir um saco de gelo para colocar no meu pé, para amenizar essa dor que me consome. — Bradou em meio a gemidos.

Jesus! Hollywood estava perdendo essa mulher!

Me segurei para não rir, não apenas da situação, mas porque eu não me acostumava com o fato dela chamar os

seguranças dela de *Timão e Pumba*. E o pior, era eles atenderam pelo apelido quando ela os chamava.

— Sim, Senhora. Vou agora mesmo conseguir isso. —
Falou, virando-se para sair.

— Ei, *Pumba!* — Ela o segurou pelo cotovelo. —
Aproveita e trás uma vodka também, não podemos desperdiçar o gelo. — Falou simplesmente, deixando-o atônito, mas logo seguiu seu caminho.

Eu ia perguntar o que ela queria fazendo essa cena, mas ela tratou de sair do meu colo e foi em direção à escada do cais, que levava a área inferior. Segui-a sem argumentar e quando chegamos ao andar inferior, olhei ao redor e entendi o motivo de tudo isso, quando ela estendeu a chave para mim.

— Você dirige. — Falou, antes de montar no Jet Ski.

Eu já disse que amo essa mulher?



A viagem até a Ilha do Ouro foi tranquila e demorou cerca de vinte minutos. Escolhi levá-la lá, porque além de ser um lugar lindo, também era um local praticamente

inexplorado e pertencia a minha família. Queria passar um tempo a sós com ela e sabia que se continuássemos aonde estávamos, não teríamos tempo e muito menos privacidade para nós. Também queria matar as saudades e para que lugar melhor do que uma ilha deserta para isso? Passei o caminho todo pensando no que enfrentaríamos quando voltássemos. Mas não me importava, contanto que eu a tivesse comigo, passaria por qualquer coisa. *Sei que foi loucura fugirmos e roubarmos o Jet Ski dos seus seguranças, mas que mal há fazermos algo que não faríamos normalmente? Que mal há fazermos besteira por amor? Stephanie estava sempre me fazendo sair da linha, que mal há em me perder um pouco com ela?*

Desliguei o motor do Jet Ski e virei meu corpo para olhar para Steph, que me olhava ansiosa.

— Thé...

Não deixei Steph terminar de falar, pois puxei seu corpo contra o meu, antes de tomar sua boca com a minha em um beijo cheio de necessidade. Seus dedos rapidamente se enrolaram em meu cabelo, puxando-o, enquanto gemíamos e eu brincava e chupava sua língua,

como se minha vida dependesse disso e nesse momento eu não duvidei que minha vida realmente dependesse dela. Quebrei o beijo antes de pular na água, que batia em meu joelho e ela me acompanhou. Empurrei o Jet Ski até a areia, antes de sair puxando ela pela mão, até encontrarmos um lugar mais afastado da areia. Paramos no meio de umas árvores e minhas mãos que já coçavam, encontraram as alças do seu vestido, que deslizou pelo seu corpo até o chão, revelando um mínimo biquíni com estampa de tigresa, que combinava perfeitamente com seu jeito e seu corpinho delicioso. Rosnei. A danada era linda demais!

Putá merda! Parece que é só ela olhar para mim, que Alexandre fica prontinho para ela!

— Théo... — Sua voz necessitada, ao mesmo tempo que me tocava, parecendo precisar me tocar, tanto quanto eu precisava dela. Ela deslizou a mão pelo meu abdômen, causando-me arrepios por onde sua mão tocava. — Me desculpa por ter duvidado de você. — Concluiu, com pesar em sua voz.

Acenei com a cabeça, porque não importava mais. Eu

sabia que apesar de merecer ouvir isso dela, isso estava sendo difícil para ela admitir. Steph estava acostumada a ter tudo exatamente do jeito que ela queria. Não apenas para mim foi difícil sair da minha zona de conforto, mas para ela também foi um grande passo. Desde pequena ela tinha mania de atacar para se defender e por mais que eu não tenha gostado de como as coisas aconteceram, hoje eu entendo que ela fez tudo como sua forma de defesa. Nós já entendemos isso. Passamos essas semanas sofrendo longe um do outro por causa de orgulho e dos nossos próprios erros. Agora eu só tinha que mostrar para ela que ela precisava não ter mais medo de mim. De nós. Com as mãos em sua cintura, a puxei contra mim, precisando estar com meu corpo no seu. Tínhamos muito o que aprender, o que amadurecer, mas eu não queria mais espaço entre nós dois. Podíamos passar pelo que tivéssemos que passar juntos. Sorri quando seu corpo encostou no meu, seus mamilos já rijos de excitação roçando a minha pele, esfreguei *Alexandre* ainda coberto, sob seu tecido fino do biquíni e Steph tremeu com o contato. Tanto minha arrogância, quanto minha excitação subindo ao extremo,

ao ter mais uma vez a constatação do quanto era louca a forma que nós mexíamos um com o outro.

— Eu sei que sente. Eu te conheço. Apesar de ter sido difícil, acho que nós dois precisávamos desse tempo para colocarmos nossa cabeça no lugar. Mas esse tempo acabou, eu não vou mais deixar você ir. — Murmurei, olhando profundamente dentro dos seus olhos.

— Nós vamos mesmo fazer isso? — Sussurrou e eu vi a vulnerabilidade em seus olhos.

— Sim, amor. Nós vamos. — Apertei ainda mais ela contra mim e olhei profundamente dentro dos seus olhos. — Mas agora eu vou te foder tão duro, mas tão duro, que você nunca mais vai duvidar do que temos. Nunca mais.

Steph arfou, visivelmente excitada com minha promessa e eu aproximei sua boca na minha, mordisquei seu lábio superior antes de beijá-la. Chupei sua língua e ela fez o mesmo comigo. Fiz sexo com sua boca, dando tudo de mim no beijo mais delicioso e excitante que já tive em toda a minha vida. Da forma mais delicada que consegui, empurrei-a até o tronco mais próximo. Não podendo mais esperar para estar dentro dela. Subi minhas

mãos pela sua pele, deslizando-a por sua pele macia, antes de desfazer o laço do seu biquíni. Com um rugido quase animalesco, apreciei seu corpo descoberto, exposto, sua boceta brilhando de excitação, tudo isso esperando por mim. Steph também parecia não poder esperar, pois sua mão encontrou com a minha, em uma tentativa desesperada de tirar minha bermuda jeans, que logo encontrou o caminho para o chão, junto com a minha *boxer*. *Alexandre* saltou duro, babando com a necessidade de estar dentro dela urgentemente. E eu não podia negar isso. Jamais.

Não consegui pensar em mais nada, apenas segurei ela com as pernas abertas e entrei de uma só vez dentro da sua bocetinha apertada. Rugi e Stephanne gritou com o choque do prazer de nossos corpos. Estar dentro dela era a melhor sensação que já experimentei na vida. Esperei um segundo para que ela se adaptasse com *Alexandre* e aproveitei para respirar fundo para manter um resquício do meu controle, pois seu calor latejante era bom demais para ser verdade e eu não queria gozar como um adolescente, sem desfrutar do jeito que eu queria.

Stephanne se mexeu, precisando de mais e eu não podia deixar de atendê-la, pois ela precisava disso tanto quanto eu. Ela envolveu suas pernas em minha cintura, subindo e descendo, rebolando em meu pau do jeito que só ela sabia fazer, enquanto eu metia duro dentro do seu canal. O barulho das estocadas, se misturando com nossos gemidos de prazer, tornando um estímulo ainda maior para o prazer já tão intenso.

— Caralho! Não quero mais outra. — Rosnei, aumentando o ritmo em seu canal apertado.

— Acho bom, porque eu não hesitaria em cortar seu pau e usá-lo apenas a meu bel prazer. — Falou ofegante e eu tive que rir, mas a risada não durou muito, pois ela se misturou com meus gemidos, enquanto eu arremetia nela com fervor.

Filha da puta! Nunca pensei que uma mulher, e principalmente uma mulher como Steph, fosse fazer isso comigo.

Eu conhecia tanto meu corpo quanto o dela, sabia que estávamos no limite. Mas era assim que eu a queria, sem limites. Sem reservas. Apenas minha. Minha mão

encontrou seu seio, beliscando seu mamilo através do tecido do biquine. Minha boca que havia voltado a beijá-la, soltou a sua para encontrar o bico dos seus seios. Onde eu chupei, lambi e mordi de forma feroz, enquanto ela gemia cada vez mais. Sabendo exatamente do que minha Princesa precisava, pressionei seu clitóris com meu dedão, fazendo os movimentos exatos para fazê-la se perder. Steph gemeu ensandecida, ao mesmo tempo em que apertava meu pau com seu canal apertado, atingindo seu clímax. Não suportando mais a intensidade que me consumia, eu estoquei com mais vontade e estremei, jogando minha cabeça para trás, encontrando minha tão esperada libertação. O clímax foi tão foda e intenso, que antes que eu desse por mim eu me ouvi gritando:

— Puta que pariu! Casa comigo, mulher?

Capítulo 27

Théo

Há ditados populares que eu acho que são apenas bobagens para encher linguiça. Outros nos dão uma lição de vida ou dica de como seguir sobre determinada situação do nosso cotidiano. Mas há outros que parecem tão certos, mas tão certos, que chegam a serem assustadores. Tipo o que condiz com esse meu momento perturbador: *O peixe morre pela boca*. No meu caso, pelo pau.

Caralho! Quem manda essa mulher ser gostosa desse jeito também!

Sabe aquele estranho momento em que você está tão envolvido com o que sente, com o sexo delicioso, que começa a discutir com você mesmo na sua cabeça e de repente escapa uma palavra em voz alta? Então. Foi isso que aconteceu. Eu não posso nem acreditar que eu fui capaz de pedir Stephanie em casamento em meu momento

de libertação. Tipo, gozando com meu pau enterrado nela. Isso é tão surreal que eu ria se não fosse comigo. Entenda, não é que eu não queira isso, pois já deixei mais do que claro que quero fazer Stephanie minha em todos os sentidos. Mas querer não é poder e não acho que esse é o momento para isso acontecer. Não quando nem colocamos todos os pingos nos “is” e resolvemos nossa já tão enrolada situação. Bem que dizem que para que se consiga alguma coisa do homem, peça na hora do sexo. Preciso me lembrar de não acatar nada que ela me pedir na hora do prazer. Vai saber o que a doida é capaz de me propor.

Olho para Stephanie e a encontro com a boca aberta e os olhos arregalados. Nitidamente assustada e eu só tive ainda mais certeza de que foi uma puta besteira o que eu acabei de fazer. Parece aqueles memes da internet. Mas isso não é hora de pensar em besteira, porque eu definitivamente estou com problemas aqui, afinal só eu sei o quanto Stephanie lutou pelo que sentia por mim, o quanto foi difícil fazê-la entender que o que temos não era uma aventura qualquer. E esse pedido precipitado pode com certeza colocar tudo a perder.

Obrigado, Alexandre, por me fazer perder meu discernimento!

Stephanne recupera a pose e faz cara de paisagem, antes de se afastar e começar a catar sua roupa que está pelo chão, como se estivesse com pressa. E pelo visto está. Logo começa a vestir-se, como se nada tivesse acontecido e eu não tivesse acabado de falar o que falei. O que era uma merda. Só agora noto que ela estava praticamente nua e minha nudez era da cintura para baixo. Sem tirar os olhos dela faço o mesmo, vestindo minha boxer e abotoando minha bermuda, que estava embolada em minhas pernas. A última coisa que eu preciso é ter uma conversa com Stephanne de calça arreada, porque se já me sinto vulnerável com ela estando vestido, imagine nu? *Alexandre* já não facilita minha vida coberto, imagine livre, leve e solto? Não ia dar no que prestasse.

Enquanto ficamos em silêncio, procuro meios de me distrair desse poço de insegurança que acabou me cercando. Verifico em meus bolsos se nossos celulares ainda estão lá e encontro os mesmos, que colocamos quando subimos no Jet Ski, já que Stephanne não tinha

uma bolsa para colocá-los e não queríamos correr o risco de molhá-los na viagem até aqui. Olho ao redor atrás de nossos calçados e me recordo que deixamos eles na ponta na Ilha de Spartus. *É... Estou enrolando a mim mesmo, eu sei.* Tudo para não pensar no que vem a seguir. Mas ainda assim é impossível não pensar. Ainda assim é inevitável não pensar sobre o que aconteceu. Na verdade eu começo a entrar em pânico com a possibilidade dela se afastar e sei que isso é minha culpa, por eu ter falado as coisas precipitadamente. Eu obviamente não estava pensando quando abri a boca para falar o que foi dito, pois tenho certeza de que se eu tivesse filtrado por um segundo sequer o que estava prestes a dizer, não teria nem aberto a boca. Sua reação sobre o assunto enquanto eu demarcava território com Aaron, foi o suficiente para que eu já tivesse noção de que ela não reagiria bem a essa proposta absurda. Geniosa e arisca do jeito que Stephanie é temo que ela use isso como justificativa para fugir de nós dois. Não posso nem começar a citar o quão frustrado estou comigo mesmo, por lhe dar munição para fazer exatamente o que eu não quero que ela faça: se afastar de mim.

— Fala alguma coisa. — Finalmente falo, quando ela termina de colocar seu vestido.

— Falar o que? O que você quer que eu fale? — Perguntou irritada e eu engulo em seco.

— Você precisa dizer alguma coisa. — Falo preocupado.

— Não. Eu não preciso. Você... — Ela parou de falar e negou com a cabeça, como se tivesse tentando se controlar.

— Vamos fingir que nada aconteceu? — Pergunto, irritando-me pela forma como ela está agindo.

— É o que pretendo. Pela minha sanidade vou fingir que você não acabou de dizer o que você disse. — Resmungou, indo em direção à praia e eu a segui.

Merda! Por que eu tinha que ter aberto minha boca?

— Stephanie... — Chamei, mas foi em vão.

Alcancei o seu braço e a virei para mim. Ela abaixou seu olhar, desviando seus olhos dos meus e por um momento me senti perdido. Ela estava se afastando. De novo.

Putá que pariu! Eu não podia deixar que isso

acontecesse!

— Não faz isso. — Pedi, segurando seu queixo.

— Não faz isso o que? — Perguntou, ainda sem olhar para mim.

— Não se afasta de mim. Não agora. Não depois de tudo. — Pedi, mais uma vez, e ela enfim olhou para mim.

— Por que você fez isso? Primeiro no iate, agora isso? — Perguntou sua voz quase sumindo.

— Não sei. — E era verdade.

Não posso simplesmente dizer que eu exteriorizei o que eu estava sentindo. Que eu coloquei para fora meu desejo mais profundo. Apesar de ser a verdade em tudo, sei que se eu fizer isso, ela vai sair correndo e isso é a última coisa que eu quero no momento.

— O que eu sou para você, Theodore? — Perguntou, recuperando a compostura.

Apesar de tudo que nós passamos e de tudo que eu sei que sinto por ela, sua pergunta me pegou de surpresa. Eu quero lhe dizer tudo que ela significa para mim. Dizer-lhe que eu quero sim tê-la em minha vida, não apenas agora, mas sempre. Que eu a amo como um louco. Mas sei que

dizer-lhe tudo agora é dar um tiro em meu próprio pé. E eu de repente me sinto amedrontado em respondê-la. Não sei, talvez eu não esperasse ter essa conversa no contexto que estamos tendo agora. Seria tão mais fácil lhe responder, se eu não tivesse aberto minha boca para dizer isso nessa hora tão improvável.

— Você sabe. — Covardemente respondi isso e ela riu sem humor.

— Você acha que se eu soubesse eu estaria perguntando? Você é um idiota! Falou tanto dos meus defeitos e tá aí fugindo de uma pergunta mais do que óbvia. Fica fazendo xixi em torno de mim, mas agora não responde uma simples pergunta? Vá à merda! Pelo visto você não sabe com quem está lidando. Eu corria de relacionamentos como o diabo foge da cruz. Ainda nem sei o que nós dois somos e você simplesmente joga isso no meu colo? Sim, você acabou de fazer com que eu desejasse correr de você!

Merda! Merda! Ela não pode fazer isso!

— O que você quer que eu lhe diga? — Bradei.

— Assuma! Assuma o que sou para você! — Gritou de

volta.

— Quer que eu diga o que? Que sou apaixonado por você? Que quero que seja a única mulher da minha vida? Porque isso você já sabe! — Continuei gritando, apontando o óbvio.

— Quero ir embora. Agora. — Gritou, nitidamente querendo fugir.

— Vamos conversar... — Pedi meu tom se aliviando, com receio de mais uma vez voltarmos à estaca zero.

Puxei ela para meus braços, apertando seu corpo contra o meu, saboreando a sensação de tê-la comigo. Eu amava Stephanne e não queria que nada interferisse nisso. Tenho plena certeza de que nós temos muito o que aprender e amadurecer. Nós dois temos nossos defeitos. Tínhamos muito o que trabalhar nesse sentido. Só que faríamos isso juntos. Pois minha certeza maior ainda, era que o seu lugar era ao meu lado e independentemente de qualquer coisa, eu faria de tudo para que ela não saísse de perto de mim. *Não podia. Não queria. Nem que eu continuasse lutando com ela.* Beijei o topo da sua cabeça e respirei fundo o cheiro de flores que emanava do seu

cabelo, enquanto afagava suas costas. Stephanne não recuou, muito pelo contrário, me abraçou também. O que acalmou um pouco o receio e o medo que ainda tinha dentro de mim. Não sei quanto tempo ficamos assim, abraçados. Apenas não queria que esse momento de calma acabasse e recomeçassemos nossas brigas todas novamente. Agora eu só queria sentir essa paz que eu sentia com ela em meus braços. Depois de um tempo curtindo seu calor no meu, Stephanne se afastou e eu recuei, com medo do que ela diria a seguir.

— Por favor. Só me dá um tempo. — Pediu, seu tom baixo, mas nitidamente sem dar brecha para contestação, antes de virar e ir andando até a areia, onde o Jet Ski estava parado.

Fechei os olhos, sentindo meu medo retornar ao ouvir suas palavras. Quando eu acho que nós estamos indo em frente, acontece uma coisa dessas. Tudo mais uma vez estava dando errado. É como se nós déssemos sempre um passo à frente e dois para trás. Estamos sempre presos em nossos próprios erros.

Droga! Será que nós não vamos nos entender?

Passei a mão na cabeça e respirei fundo, antes de expirar novamente, tentando controlar minhas emoções. Eu sei o quão determinado e persistente posso ser. Poderia com isso fazê-la entender de uma vez por todas de que eu não iria a lugar nenhum, fazendo tudo isso do modo difícil como já tinha prometido e isso nos parece tão tentador ao pensar em amarrá-la e fazer tudo que eu e *Alexandre* queremos, até dizer chega. Mas também sei que agora eu tenho que pensar de forma racional. Tenho que ser cauteloso. E para que eu pensasse dessa forma, mais um conselho popular me veio à mente: Você já viu alguém querendo atrair e pegar a galinha espantando a mesma, gritando “xo,xo, xoo”? Não que eu esteja comparando Stephanie com a ave. Pelo amor de Deus! Sei que minha mulher não é santa, mas jamais faria juízo dela dessa forma. Ainda assim, não entendo porque mulher fácil é associada à galinha. Já tentou pegar uma galinha? É difícil pra caralho! Enfim... Tenho que tentar me controlar, pisar em ovos em nosso relacionamento e prestar atenção se não estou dizendo “xoo”, para aquilo que desejo conquistar. Paciência pode não ser meu forte, mas eu tinha

que aprender a ter caso queira seguir em frente com essa teimosa. Não posso permitir que a intensidade do que eu sinto por ela atrapalhe o que nós podemos construir. Não posso me precipitar. Tenho que ganhar terreno aos poucos. Ganhando a bandida em doses homeopáticas. Domando a fera e conquistando o nosso espaço futuro de forma ardilosa e quando ela menos esperar, estaremos casados. Como diz o ditado: Água mole e pedra dura, tanto bate até que fura.

Ok. Theodore! Menos sabedoria popular. Nada de deixar Alexandre ser a cabeça pensante. E foco!

Resolvi fazer exatamente o que ela pediu. Daria um tempo para ela assimilar tudo e nós conversaríamos. A viagem daqui até a Ilha Spartus será o tempo que eu darei a ela. Nós nos juntaríamos a todos e se ela não quisesse trocar uma palavra comigo, que não trocasse, mas eu não sairia do lado dela. Os dias estando perto dela e ao mesmo tempo longe, foram horríveis. Honestamente odeio passar o dia sem falar direito com ela, sem tocá-la, beijá-la, me dá uma sensação de dia não completo. Como se sempre tivesse faltando alguma coisa. E falta. Distância

emocional é a pior merda que existe, sério. Não vou deixar isso perdurar. Stephanne que não pensasse que eu recuaria dessa vez, porque eu não daria mais brecha para ficarmos afastados. Não mesmo. Chegando à Belline, vamos direto para o meu apartamento e de lá só sairemos depois de tudo esclarecido.

Sem dizer uma palavra, andei até onde o Jet Ski estava parado e fui empurrando da areia até a água. Frustrado. Foi impossível não pensar que meus planos de trazê-la aqui para nos entender deu errado. Achei que o que precisávamos era estar a sós, conversarmos e matarmos essas saudades que estava nos matando. Como um sexo de tremer a terra acaba desse jeito?

Foda ao cubo!

Ainda em silêncio, nós dois nos acomodamos, preparados para sair. Como agora ela estava querendo se manter distante, ignorei sua tentativa e peguei sua mão para rodear minha cintura, exatamente como fizemos na ida. Essa era uma forma silenciosa de que ela soubesse que eu definitivamente não estava me afastando. Virei a chave na ignição do Jet Ski, mas nada aconteceu.

Desliguei e girei a chave em uma tentativa de ligar novamente. Nada. Estranho essa merda não funcionar. Eu virei novamente a chave. Nada. Acabei fazendo isso mais quatro vezes e o resultado foi o mesmo das outras vezes. Agora Steph estava sentada, toda empertigada atrás de mim, seus olhos queimando sob a ignição, como se desejando que ligasse.

— Ah não! Não! Théo, me diga que a merda desse Jet Ski vai funcionar! — Steph gritou.

— Ok, essa merda desse Jet Ski vai funcionar! — Repeti e tentei novamente.

Ele não ligou.

É, fodeu! Agora é oficial, estamos presos aqui!

Steph me lançou um olhar irritado, como se eu fosse o único culpado por essa merda não estar funcionando. Ok. Talvez eu seja culpado de nos trazer para cá. Mas eu lá tenho culpa por essa joça não funcionar? Até porque quem arranhou nosso veículo de “fuga” foi ela e não eu. Então ela não pode reclamar, né?

— Faça alguma coisa! Faça alguma coisa! — gritou, enquanto pulava para água, o que acabou molhando todo

seu vestido.

— Caralho, Steph! Pare de gritar! Eu estou fazendo! Não está vendo que eu estou tentando ligar essa merda?

— Perguntei, irritado.

— Meu Deus! E se isso não funcionar? Como vamos sair daqui? — Se desesperou.

— Se acalme! Uma vez que perceberem que nós não voltamos para o iate e muito menos para Bellini, eles virão atrás de nós.

Stephanne acabou tirando seu vestido, estendendo-o em uma árvore pequena e não acho que isso ajudou a minha situação. Enquanto eu observava Steph indo e vindo com esse retalho de biquíni, com esse corpo feito para o pecado de fora, tentei me concentrar em ligar essa merda, mas meus pensamentos não eram nada inocentes, tanto que tive que ajustar *Alexandre* na sunga, antes que ela reparasse o que sua visão tentadora estava fazendo comigo.

Merda de pau sem discernimento! Merda de Jet Ski!

Tentei novamente e nada dessa merda funcionar. Como as coisas só poderiam piorar, nossos celulares

obviamente não tinham sinal algum. Com a ociosidade, acabei pegando novamente meu telefone para ver a hora e ao contrário do que achei tinham se passado cerca de trinta minutos, o que indica que a essa hora todos estavam no iate à caminho de outra ilha da costa Campaviana. O que me deixava mais tranquilo era o fato que se notarem que não voltamos de Spartus, certamente virão atrás de nós. Claro que viriam, né? Bem. Era isso que eu repetia para mim mesmo.

Depois de mais de meia hora, eu desisti de tentar fazer essa merda funcionar e me sentei na areia ao lado de Steph, que estava sentada, parecendo que estava se bronzeando. Mas lógico que a louca não ficaria quieta, porque logo voltou a se levantar da areia, puxou seu telefone do meu bolso e resmungando, recomeçou a andar de um lado ao outro, segurando o *iPhone* dela para o alto.

Que diabos ela estava fazendo?

— Steph, que merda você está fazendo? — Perguntei impaciente.

— Bem, enquanto você está aí sentado, esperando a vida passar, eu vou tentar conseguir um sinal para virem

nos salvar.

— Nos salvar? — Perguntei e me acabei de rir.

— Sim, idiota! Nos salvar! Por mais que seja tentador te deixar mofar nessa maldita ilha, eu não seria capaz de te deixar aqui. Está anoitecendo. Como vamos continuar aqui? Oh meu Deus! E se ficarmos presos nessa maldita ilha como Tom Hanks, em *O Naufrágo*? Seremos eu, você e uma bola. — Ela gritou apavorada e eu não aguentei e comecei a rir, rolando na areia.

Ela não podia estar falando sério, né?

— Não seja por isso, podemos começar a procriar para termos companhia. — Provoquei, recebendo o dedo do meio como resposta, me fazendo rir mais ainda.

Oh minha Princesa Louca era uma piada!

Minha gargalhada morreu, quando eu a vi tentando trepar em uma árvore, como se ela fizesse isso todos os dias. A árvore não era tão alta, mas ainda assim uma queda ali poderia gerar um problema sério e nesse momento já tínhamos problemas suficientes para nos preocupar. Saí correndo até lá, porque independentemente dos nossos problemas, eu era apaixonado por ela e tinha

esse sentimento meio louco de ter vontade de cuidar dela e eu não ia deixar essa louca se machucar.

— Jesus Cristo, Steph! Pare de tentar escalar a merda dessa árvore. — Gritei.

— Estou tentando conseguir uma barrinha de sinal. — Respondeu, ignorando meu apelo.

— Você vai cair e se machucar! Aí sim teremos problemas. — Bradei.

— Vai se foder, idiota! Eu não vou ficar parada esperando a morte!

— Deixa de ser cabeça dura, me escute e me obedeça uma vez na vida. Desça daí agora! — Ralhei.

— Pare de me encher. Porque com pau eu me entendo. — Falou com a nítida intenção de me pirraçar.

Filha de uma puta!

— Você vai ver o que vai entender, com meu pau enterrado em você. — Ameacei puto da vida.

— Promessas, promessas. — Ironizou.

— Promessas um caralho! Você sabe muito bem que eu cumprio o que prometo. Desça daí para você ver se eu não faço exatamente isso.

— Estou conseguindo, achei...

Sabe quando as coisas parecem se passar em câmera lenta? Ao mesmo tempo em que tudo parece passar lento, parece que um segundo passa rápido demais. Foi assim que aconteceu quando eu a vi pisar em falso no galho, meu coração disparou, eu gritei e saí como um louco para tentar pegá-la embaixo. Parecia aquelas cenas de filme de super herói, mas eu não fui tão eficiente, pois seu pé ainda recebeu parte do impacto.

— Aiiii... — Ela gemeu.

— Merda, Stephanne! Eu sabia que ia acontecer alguma coisa. Por que você nunca me escuta?

— Aiii... Acho que machuquei meu pé novamente. — Lamentou e eu logo vi que seu pé tava realmente machucado.

— Droga! Com certeza você torceu novamente seu pé já lesionado. Vem aqui. — Falei, carregando-a antes de sentá-la sobre a areia.

Estiquei seu pé e aproveitei para tirar minha camisa, para tentar remediar a situação. Posso não ser perito em primeiros socorros, mas sei que o melhor a se fazer até ter

o atendimento adequado, é imobilizar o local de alguma forma. Ao som do gemido de dor de Steph, amarrei firmemente minha camisa em seu pé.

— Tenta não mexer o pé. Vou tentar encontrar algum ponto da Ilha que tenha sinal. Não saia daqui. — Murmurei, beijando seu cabelo e ainda pude ouvir ela resmungando:

— Só se fosse levantar para chutar sua bunda. Mas para que? Se eu cairia de bunda no chão também? — Resmungou e eu ri.

— Já volto, nervosinha.



Andei pela Ilha durante um tempo e não encontrei nenhum risco de sinal para pedir que viessem nos buscar. *Merda! O Rei vai nos matar!* Enquanto penso na merda federal que vai ser o nosso sumiço, me deparo com o esqueleto da construção de uma casa que nunca foi terminada e toda vez que venho aqui eu me indago o por que. Eu não sei exatamente o porquê, afinal a Ilha é linda e ter uma casa aqui para veranear ou passar um final de

semana seria maravilhoso. Em minhas divagações, acabo me deparando com uma árvore e nela eu vejo algo que nunca tinha visto antes, mesmo que já tenha vindo aqui tantas vezes. Marcado em seu tronco vejo claramente um coração e dentro dele está escrito:

E & A

Para Sempre.

Eternamente.

De quem será que se trata? Quem é E & A? Será que essa casa seria deles?

O que houve com eles? Será que aconteceu algo com eles para que não terminassem de construir essa casa? Será que eles ainda estão vivos? Mas como? Eu deveria saber, afinal a Ilha pertence à família Caravaggio. A construção abandonada não parece ter muito mais do que vinte anos. Então se trata de um passado relativamente recente. Por que será que a cada dia que passa tenho mais certeza da imensidão de segredos que cercam a minha família? Por que tantos segredos? Odeio sentir que fico no escuro quando se trata do passado da minha família, é

como se eu mesmo carregasse o peso de segredos que não faço a mínima ideia do que sejam. Resolvo deixar meus questionamentos para depois, afinal nesse momento tenho algo mais importante para fazer, que é nos tirar daqui ou arranjar um local seguro para que a gente possa pelo menos passar a noite. Fora que deixar aquela louca sozinha é a última coisa que posso fazer.

Quando estava próximo ao poço da construção, encontrei ali uma garrafa de refrigerante vazia. Eu sabia que a água era limpa. Aproveitei para matar a minha sede e levar um pouco de água para Steph, que provavelmente estava com sede, depois de ter falado tanto. Eu preferia levar álcool para domar a fera, mas como não tem escolha, vai água mesmo.

Depois de dar mais uma conferida na área, vi que o Sol estava se despedindo e achei melhor voltar logo antes que escurecesse. Voltei até a praia e a encontrei falando sozinha no mesmo local que eu a deixei.

— Bateria Fraca. Não, bateria, você não é fraca! Você é forte! *Stay Strong!* Você é uma guerreira! Recarregue-se e continue a vida com energia! — falava sozinha, olhando

para tela do celular.

Putá merda! Era louca!

Segurei o riso, quando fui me aproximando na surdina e gritei cutucando sua barriga:

— Buuuu!

— Aiiiii, me solta! Não se aproxime de mim que eu tenho uma concha e posso te machucar com ela! — Esperneou, se debatendo ao mesmo tempo em que realmente me ameaçava com uma concha, me fazendo chorar de tanto rir.

— Falando sozinha, louca? — Perguntei, ainda rindo.

— Porra, Théo! — Reclamou, jogando areia na minha cara. — Quer me matar do coração, cacete? — Colocou a mão do lado esquerdo do peito, com a respiração visivelmente acelerada pelo susto.

— Só de for de exaustão, amor. — Brinquei, piscando os olhos para ela, que revirou os olhos.

— Tá bom, palhaço. E aí, conseguiu alguma coisa? — Perguntou, esperançosa.

— Água. — Falei, estendendo a garrafa cheia com a água do poço.

— Isso é água mineral? Aonde você conseguiu essa garrafa? Ela foi higienizada? — Tagarelou, me fazendo revirar os olhos.

— Não acho que você esteja em posição de escolher a procedência da água. Mas te garanto que ela é limpa. Para de frescura e bebe logo. Não sei por que mulher é cheia de frescura. — Disse, me sentando ao seu lado.

— Faça depilação à cera, sinta cólica e dê a luz. Depois venha discutir se mulher é cheia de frescuras. — Falou, irritada.

— Ok. Não está mais aqui quem falou. — Falei, com os braços em rendição, virando meu olhar para o mar azul que nos rodeava.

— Não conseguiu falar com ninguém? — Perguntou, depois que tomou mais da metade da garrafa.

— Infelizmente não. — Confessei e me senti mal por isso, pois ver seu rostinho triste me matava aos poucos.

— Ah. Meu. Deus! O que vamos fazer? — Perguntou desesperada. — Eu não posso acreditar que estamos presos aqui! Ninguém veio ainda e já se passaram horas! E se ninguém perceber que não voltamos? Nós vamos

passar o resto de nossas vidas presos nessa maldita Ilha! Será como o filme da *Lagoa Azul*. Vamos viver aqui e nossos filhos nos enterrarão, porque vamos morrer de pneumonia! — Falou, fora de si.

Era difícil não rir quando ela falava essas besteiras. Stephanie parece achar que caímos em um filme e eu não tinha como achar graça de suas loucuras.

— De dois em dois dias, aparecem pescadores aqui na Ilha. Caso ninguém venha a nossa procura até mais tarde, tem uma cabana de madeira, onde ficam os materiais dos pescadores, podemos passar a noite lá. Não é como se fôssemos ficar presos aqui por dias. — Tentei tranquilizá-la.

É. Pensando por esse lado, mesmo contra nossa vontade, teremos tempo suficiente para resolver nossas merdas. E bem, não posso negar meu pensamento egoísta, de que por um lado, isso que nos aconteceu foi bom. Afinal, o que poderemos fazer em uma ilha deserta?

E sim... Alexandre está adorando essa história toda! Eu e ela, sozinhos, em uma ilha deserta! Só pode acabar da melhor forma.

— Nós vamos morrer de sede e de fome. Oh Jesus! Eu preciso dos meus cremes, vou morrer enrugada... —
Continuou matracando.

Dei-me paciência, Senhor!

— Talvez fosse mais fácil se você simplesmente calasse a porra da boca.

E foi exatamente isso que eu fiz: *calei sua boca com a minha.*

Capítulo 28

Théo

Beijei-a com tudo de mim. Beijei-a querendo transmitir em nosso beijo, tudo que eu sentia por ela. Eu tinha medo de me afastar e mais ainda, eu tinha medo que ela me afastasse. Mas Steph abriu sua boca deliciosa ainda mais, me dando permissão para continuar o beijo e ainda deu um pequeno gemido delicioso, quando minha língua começou a explorar sua boca loucamente. Ela retribuiu, aprofundando o beijo, agarrando o meu cabelo e me puxando para mais perto.

Putá merda! Não vou aguentar!

Com cuidado para não machucar ainda mais seu pé, pego-a em meus braços, sentando-a em meu colo e Steph geme ao sentir o quanto *Alexandre* está duro, esperando por ela. Sua língua contorna meus lábios, enquanto suas mãos exploram meu corpo, arranhando a minha pele, antes de puxar meus cabelos com vontade. Logo ela está nua em

cima de mim e eu tiro meu pau para fora. Passo minha mão pelos seus seios, seguindo até sua bocetinha molhada. Pronta para mim.

— Hm... Molhadinha, amor. — Murmuro, em seus lábios.

— Para você, sempre. — responde, esfregando-se desavergonhadamente em cima de mim.

Merda! Essa mulher ainda me mata!

Provoco-a, brincando com seu clitóris, antes de colocar dois dedos em seu canalzinho apertado. Steph geme gostoso, subindo e descendo em minha mão, enquanto eu fodo-a com meus dedos. Sabendo exatamente do que ela precisa, ou melhor, do que precisávamos, tiro meus dedos da sua bocetinha e chupo-os com vontade de sentir seu gosto delicioso. Seu olhar esfomeado, me pedindo aquilo que mais quero dar a ela e darei. Volto a massagear seu clitóris, antes de levantar sua bunda com a minha mão. Logo vou abaixando-a sobre mim, substituindo meus dedos pelo meu pau, que entra devagarzinho em sua boceta molhadinha, que parece que está pegando fogo. Gememos juntos, o prazer de sentir-me

inteiramente dentro dela é único e sei que a sensação é recíproca. *Foda!*

— Agora você vai cavalgar no meu pau. Bem gostoso. Mas depois eu que vou fazer o que quiser de você. Vou te foder até você não aguentar mais. — Aviso, antes de meter ainda mais fundo em seu canal.

Stephanne grita alto, enquanto meus olhos se fecham de puro prazer. Espero um pouco para que não apenas ela se adapte a *Alexandre*, mas para que eu mesmo possa me controlar, pois a sensação é boa para caralho e se eu não recuperar meu parco controle, é bem capaz de eu me envergonhar chegando lá. Com suas mãos apoiadas em meus ombros e as minhas em sua cintura, ajudando-a a se mexer. Steph começa a se movimentar, subindo e descendo em cima do meu pau, me deixando louco, do jeito que só ela sabe fazer. Eu tento ser delicado, mas ela parece desesperada, necessitada, porque se movimenta com maestria, sem parar. Rebolando gostoso em meu pau. Deixando-nos descontrolados de prazer. Cada vez mais fora de nós.

— Ah merda! Como eu amo essa bocetinha! Cavalga

gostoso no meu pau! — Rosnei, aumentado nosso ritmo.

Logo estamos suando. Seguro com força em sua cintura e meto bem fundo, quase de forma bruta, ditando um ritmo gostoso e punitivo. Nossas bocas se devorando, bebendo nossos próprios gemidos.

— Ai que delícia. Não para, Théo! — Pede, ensandecida.

— Nem que você pedisse, meu amor.

Dou uma palmada em sua bunda e isso parece estimulá-la a ir com ainda mais sede ao pote. Cavalgando-me de uma forma foda. O que eu não posso reclamar de maneira nenhuma. Jamais. A minha menina gosta de sexo bruto e eu amo-a ainda mais por isso. Ela está perto e eu posso sentir. Aumento o ritmo das estocadas, fazendo-a gritar ainda mais de prazer, enquanto mamoo gostoso em seus seios deliciosos. Então ela goza, apertando ainda mais meu pau, subindo e descendo incansavelmente, convulsionando em cima de mim. Prazer rasga através de mim com o choque de êxtase, que somente ela é capaz de me proporcionar e eu explodo logo em seguida. Enchendo-a com minha porra, com a sensação

maravilhosa de dever cumprido, de que sou eu quem proporciona esse prazer a ela. Apenas eu.

— Caralho, Steph! Tão perfeito! — Grunho sem fôlego, antes de voltar a beijá-la.

Caímos na areia, ainda nos beijando. Exaustos. Nossas respirações alteradas. Nossos corações batendo acelerados. Mas isso não é o suficiente para nos parar, porque parece que sempre queremos mais um do outro. Não querendo sair de dentro dela, para não perder o seu calor, continuo comendo-a devagarzinho, sem tirar *Alexandre*, que é tão bastardo, que já está ficando duro novamente. Quando estamos quase sem ar, separamos nossas bocas para respirar.

— Minha. — Ronronei, lhe dando pequenos beijos.

— Meu. — Murmurou ofegante, fazendo-me beijá-la novamente.



Depois de um tempo deitados ali, tiro o restante da minha roupa e carrego Steph, que já estava deliciosamente nua, até a água, onde tomamos um banho de mar para tirar

toda a areia. E claro, nos amamos mais uma vez. Decidimos ir logo para a casa dos pescadores, pois a noite praticamente já estava chegando. Fomos andando devagarzinho, com Steph apoiando-se em mim por causa do pé machucado. Devido ao tempo que gastamos para andar até lá, quando chegamos à casa, já havia escurecido. Stephanie não pareceu muito satisfeita com nossas acomodações para noite, mas é definitivamente o melhor que poderemos ter. O casebre é bem simples. Não há luxo nenhum. Muito menos luz. Assim que entramos, logo tratei de acender uma lanterna a óleo que achei ali. O lugar é bem pequeno, meio bagunçado e por ali há vários equipamentos de pesca. De móveis, há apenas uma mesa e duas cadeiras, um armário velho de cozinha, um fogão enferrujado, uma pia, um guarda roupa caindo aos pedaços e uma cama de madeira simples, que fez Stephanie entortar o nariz. O banheiro era ainda mais simples. Mas pelo menos tinha um vaso sanitário e um chuveiro onde podemos tirar o sal da água do mar e vestir nossas roupas, que achamos melhor tirar quando decidimos entrar no mar. Eu fui o primeiro a tomar banho,

pois Stephanne estava muito desconfiada. Peguei uma toalha que encontrei no armário e parecia realmente limpa. A água estava bem fria, mas pelo menos meu corpo não ficaria grudado de sal. Depois que saí do banho, estava procurando algo para comer nos armários, que não fosse os biscoitos de “água e sal”, mas não obtive muito sucesso além de pó de café. Coloquei a água no fogo para fazer café, então foi aí que eu ouvi um grito vindo do banheiro. Imediatamente saí correndo até lá e me deparei com uma Stephanne pulando, de um pé só, embaixo da água.

— O que houve? — Perguntei, preocupado.

— A água está estupidamente gelada! — Gritou.

— Porra! Quer me matar de susto, mulher? — Ralhei, com o coração acelerado.

— Você me faz entrar nessa água gelada e ainda me pergunta se quero te matar de susto? Você que quer fazer com que eu vire um maracujá! — Respondeu petulante.

— Adoro maracujá. Azedinho, mas gostoso para caralho! — Brinquei, piscando e ela jogou água em cima de mim. — Você jogou água em mim? — Perguntei,

tentando soar sério e ela concordou receosa. — Princesa, Princesa. Agora eu vou te pegar de jeito.

Porque tudo era uma desculpa para eu me ver enterrado nela.



Mesmo resmungando, Steph se contentou com o café e os biscoitos. Melhor do que passar fome obviamente. Depois de comermos, resolvemos nos deitar, já que não tínhamos mais nada para fazer. Na verdade tínhamos e *Alexandre* estava de prontidão esperando por isso, mas eu queria que Stephanne sentisse que o que tínhamos não se baseava apenas em sexo. Então tive que engolir a dor nas minhas bolas.

Não sabia que ser nobre poderia doer tanto nas minhas bolas!

Steph tem um senso de humor perverso, que eu amo, não tem papas na língua, diz o que quer, o que a torna exatamente quem ela é. Conversamos amenidades. Relembramos nossa infância. Rimos de coisas que aprontamos. Mas eu também fiz cara feia e fiquei

extremamente irritado, quando ela falava em certas ocasiões sobre o seu passado. Sei que não devia sentir ciúmes, afinal eu também tive um passado, mas é inevitável. Me deu uma vontade enorme de gritar: *Diz para o teu passado que teu futuro é comigo!* Mas controlei meu instinto de homem das cavernas, dizendo para mim mesmo que não importava seu passado e sim o futuro que construiríamos juntos de agora em diante. Depois de um tempo conversando, ficamos assim, abraçados em um silêncio gostoso. Sendo os únicos sons preenchendo o ambiente, os das nossas respirações e o barulho do mar lá fora. Se antes do que nos aconteceu eu estava certo do que eu queria, agora eu não tinha dúvidas. Eu tinha mais do que certeza de quem eu queria ficar. Stephanie era minha e disso eu não abriria mão. Jamais. Sem sombra de dúvidas eu sabia que eu tinha acabado de ser arruinado para outras mulheres. Definitivamente.

— Diga que é mentira, que você está fazendo comigo apenas o que Amanda Bynes fez com aquele cara em *S.O.S do Amor*. — Ela perguntou chorosa, deitada sobre meu peitoral.

— O que? — Perguntei confuso.

— É um filme, Amanda Bynes achou que tinha ido parar em uma Ilha deserta com o astro do rock por quem ela era apaixonada, mas a verdade é que eles estavam no fundo da Ilha onde ficava o hotel em que estavam hospedados. Quando ela descobriu, ela tentou fazer com que ele se apaixonasse por ela, antes que eles saíssem de lá. Se for isso, pode parar a brincadeira, pois você não precisa disso.

Eu entendi e comecei a rir. Logo em seguida dei-me conta do que ela disse. Pela segunda vez ela disse que é apaixonada por mim e como da primeira vez que ouvi, o calor gostoso que sinto é difícil de definir. Eu sei o quanto é difícil para ela lidar com o que sente por mim, mas cada vez mais eu vejo o quanto ela está se esforçando para que isso dê certo.

— Eu achava que apenas minha presença já era o suficiente para você. — Brinquei.

— Não. Ainda preciso dos meus cremes. Eles são mais importantes. — Disse rindo e eu dei um tapa na bunda dela. — Ai. — Ela gemeu e fez um bico, acariciando o

local onde eu bati.

— Você é linda. Linda demais. — Sussurrei em seu ouvido e acariciei seu rosto com carinho, antes de beijar seu ombro e inspirar fundo seu cheiro único.

E era verdade. Steph era linda demais. Linda, sexy e provocante até não acabar mais. Mas algo nos seus olhos azuis profundos me dizia que ela era muito mais do que só o corpinho delicioso que ela tem. Quando ela me permitia que eu olhasse diretamente nos seus olhos, eu enxergava mais do que o desejo entre nós. Eu enxergava uma mulher com o desejo profundo de ser amada. E era isso que eu faria com ela. Vi quando seu lindo rosto ficou corado e ela sorriu sem jeito. Era raro Steph ficar assim. Afinal, ela sempre era dona de si e estava acostumada a receber elogios. Mas como agora, me fascinava saber que o que tínhamos era tão forte a ponto de um elogio meu mexer com ela dessa forma.

— Você é linda, mas é insuportável. — Provoquei, querendo vê-la reagir e deu certo.

— Eu sei. — Respondeu, rindo. — Mas você me ama mesmo assim. — Falou e eu concordei, o que fez com que

nós dois paralisássemos ao nos darmos conta do que acabamos de confirmar.

Tentei controlar minhas próprias batidas do coração. Pois depois da história do casamento, fiquei com medo dela surtar outra vez. Mas eu também não podia negar o que era verdade. Eu a amava. Só que dessa vez ela não tentou fugir. Muito pelo contrário. Ela engoliu em seco e me encarou tentando parecer decidida.

— Théo... Eu preciso te contar uma coisa. — Começou receosa. — Mas eu não sei como. — Acenei, esperando que ela continuasse.

Ela fechou os olhos, como se tivesse buscando forças para dizer o que queria falar. Era como se ela não tivesse certeza do próximo passo agora. Agora eu sabia que nós já não estávamos mais jogando. Era muito mais do que isso. Era sobre nós. Eu sabia o que ela queria me dizer, então eu apenas disse por nós dois:

— Eu sei. Eu também amo você. — Eu sussurrei.

Os segundos que se seguiram da minha declaração nos fizeram ouvir os grilos que cantavam lá fora. Quase me arrependi de ter confessado meu amor por ela, mas eu não

podia mais negar o óbvio. Fora que de uma forma estranha, eu sentia que era exatamente isso que ela me diria. Não me pergunte por quê, mas eu sabia que eu não estava enganado quanto a isso. Apesar do medo que eu via em seus olhos, eu também pude ver o quanto ela estava surpresa e também emocionada com a minha declaração. Era oficial, eu não ia mais negar nada. Não iria mais perder um só segundo da minha vida sem ela ao meu lado. Eu a amava e não iria esconder meus sentimentos com medo dela surtar. Não, o que sentíamos era mais forte do que qualquer medo. Era mais forte do que qualquer coisa.

— Você disse que... Me ama? — Perguntou, com os olhos arregalados.

— Não. Eu amo o álcool. — Brinquei.

— Seu idiota... — Segurei o braço que iria me bater, interrompendo-a.

— Eu disse que amo você. Não me ouviu dizendo que te amo? Ok. Porque posso dizer de novo! — Ri, tentando quebrar o gelo.

— E-eu... E-eu... — Gaguejou. — Como voc...

— Como eu sabia que você me diria isso? —

Perguntei, colocando uma mexa do seu cabelo atrás da orelha. — Eu apenas sei. E eu digo e repito: Eu amo você, Stephanie di Montalcino.

— Ohhhh... eu também amo você. — Falou como uma menininha animada com seu brinquedo novo.

O sorriso sem jeito, as bochechas coradas e seu jeito de menina, me provavam que debaixo da mulher provocante, espevitada e sem papas na língua, existia uma menina doce que merecia ser amada. E era isso que eu faria a cada dia. Seus olhos se arregalaram quando ela se deu conta de que finalmente confessou seu amor. Meu coração disparou com a emoção por enfim ouvi-la dizer que também me amava. Fui engolfado pela emoção ao ter certeza de que não podíamos mais fugir do amor que sentíamos. Era bom demais sentir que ela era tão apaixonada por mim, quanto eu era por ela. Ouvir isso me deu uma emoção que eu não podia nominar. Mas eu não pude pensar muito, porque em seguida sua boca estava de volta na minha. Desta vez acordados e determinados do que sentíamos um pelo outro. Agora não tinha mais volta. Eu queria tudo dela. Não havia nenhuma dúvida em minha

mente. E eu não deixaria que ela tivesse nenhuma também. Suas mãos estavam em todos os lugares e eu me senti trêmulo de emoção. Antes que eu pudesse perceber e pudesse nos parar, estava deitado em cima dela no velho colchão, enquanto nossas mãos exploraram nossos corpos, com a necessidade inexplicável que tínhamos um pelo outro. Eu sabia que Steph tinha um corpo perfeito, mas observar seu corpo nu sobre a luz do luar, estava sem dúvidas em um patamar acima das Sete Maravilhas do mundo. Sob a Lua e as estrelas como testemunhas, sem nenhuma barreira entre nós, nós nos amamos mais uma vez.



Como normalmente faço todos os dias, acordei bem cedo. O Sol estava nascendo ainda, mas a única diferença é que eu não tinha a mínima vontade de sair de onde eu estava e o motivo era uma linda loira de 1,60 que estava deliciosamente enrolada em mim. Eu não conseguia explicar o quanto eu estava feliz por tê-la assim comigo. Como da primeira vez que acordei com ela em meus

braços, não pude deixar de admirar o espetáculo de mulher que eu tinha. Seus cabelos loiros estavam uma bagunça sexy sobre mim. Seu rosto amassado em meu peito, sem maquiagem alguma, mostrando sua beleza real e ainda assim perfeita. Ela estava linda. Eu me pergunto se ela acordava todas as manhãs tão malditamente linda desse jeito.

Passei minha mão em seu rosto, em um carinho sutil, mas que não passou despercebido por ela. Steph era muito sensível e era mais uma das muitas coisas que eu adorava nela e mesmo que inconscientemente, ela ronronou baixinho. Deixando minha ereção matinal ainda mais dolorida do que já estava. Mas mais forte do que minha dor nos ovos, era a minha vontade de acordar todos os dias assim.

Porra! Eu estou tão perdido por ela!

— Bom dia, meu amor. — Falei, incapaz de me manter longe, levando meus lábios até os seus. E ela gemeu mais uma vez.

— Amor... Deixa eu dormir mais um pouquinho. — Ronronou, enrolando-se mais ainda em meu corpo.

Caralho de mulher!

Preciso dizer que estou com um sorriso estúpido por ela ter me chamado de amor? Não, né? Ainda assim estou feliz demais por que estamos finalmente entrando nos eixos.

— E por que você não quer sair desta cama mesmo? — perguntei, provocante.

— Porque eu acho que estar assim deitada com você, mesmo que nesse colchão velho, é muito mais confortável do que na minha deliciosa cama *king size* e eu meio que não quero sair. — Murmurou sonolenta e eu ri.

Eu realmente não queria que ela saísse dos meus braços. Aquilo era como o céu para mim. Adorava esse turbilhão de emoções que ela provocava em mim. Suspirei em contentamento, apertando-a ainda mais contra mim. Sentindo tudo que ela me proporcionava. Seu corpo gostoso enrolado no meu. Seu cheiro delicioso. Meu amor por ela parecia transbordar pelos meus poros. Fechei meus olhos absorvendo sua proximidade, como se ela fosse o meu próprio Sol. E era. *Stephanne era tudo para mim. E eu não queria perder isso. Jamais.*

— Eu também não queria que você saísse de meus braços. Queria poder ficar o dia todo assim com você, mas não podemos. Precisamos dar um jeito de sair daqui, amor. — Apontei, trazendo-a para mais perto de mim e beijando seu cabelo.

— Eu sei. — suspirou e levantou seus olhos para mim. — Eu nem acredito que estou tão tranquila, mesmo estando presa nesse lugar. Eu deveria estar surtando, mas você tem uma maneira bem sutil de me fazer esquecer nossos problemas. — Sorriu de modo safado e eu não tive como não sorrir de volta.

— É? — perguntei e ela assentiu, mordendo os lábios. — E será que temos um problema para resolver agora?

— Ah! Sim. Com certeza nós temos. — Ela disse entrando no jogo, com seus lindos olhos azuis ardentes, me desarmando. *Então ela me beijou e mais uma vez tudo se resumiu a ela.*



Depois de ficarmos algum tempo enrolando na cama, agarrados um ao outro, apenas curtindo-nos, tomamos um

banho frio naquele banheiro apertado. Não que eu esteja reclamando, porque isso foi providencial e finalmente tomamos nosso farto café da manhã: bolacha de água e sal e café preto. Decidimos ir até a praia, pois poderíamos ver se alguma embarcação passava por perto e poderia nos socorrer. Não estou tão preocupado ainda, pois sei que provavelmente amanhã alguns pescadores estarão por aqui, seguindo sua rotina de trabalho e poderão nos ajudar. Ficamos um tempo sentados na areia namorando. Mas por insistência de Steph, resolvo colocar mais uma vez o Jet Ski na água para ver se ele de alguma forma funciona. Mesmo não acreditando que ele vá funcionar, coloco-o na água para não criar problemas com minha Princesa Problema quando estamos tão bem. Logo monto para testá-lo e qual a minha surpresa quando ele realmente liga?

Sim. Essa merda realmente funcionou!

— Puta merda! Funcionou! — Gritei aliviado, ainda sem acreditar.

Stephanne gritou e começou a pular de felicidade, fazendo uma dancinha engraçada de comemoração, que me

fez rir com seu jeito de menina.

— Ai meu Deus! Não acredito! — Comemorou, animada. Mas ela simplesmente fechou seu semblante e parou, olhando diretamente para mim, seu olhar parecendo perdido.

— O que foi? — Perguntei sem entender sua reação.

— Não sei se estou preparada psicologicamente pra voltar à rotina. — Confessou.

Merda! Eu também não sabia se estava!

Sem desligar o *Jet Ski*, com medo dele não voltar a funcionar, deixo-o em ponto morto e desço, caminhando até ela. Agarro-a em um abraço, tentando demonstrar a ela que eu estou aqui e que voltarmos para Campavia não vai mudar nada entre nós. Afastei-me o suficiente para segurar seu queixo e olhá-la em seus olhos.

— Entenda uma coisa: Ao sairmos daqui, vamos apenas viver tudo que há para nós dois vivermos. Eu não sairei do seu lado. Mesmo que você surte e haja como uma louca, que eu sei que você é. Que você esteja de TPM. Que você queira me bater. Ou que eu seja um ogro com você. Sei lá... Que tanto eu, quanto você erremos,

vamos passar por cima disso. Sabe por quê? Porque eu amo você. Não importa onde estejamos, ou o que aconteça, isso não vai mudar. Entendeu?

— Eu também te amo, meu ogro idiota. — Sorriu, visivelmente emocionada com minhas palavras.

— Eu sei. — Sorri torto e beijei seus lábios com vontade.

— Só um aviso. — Ela disse quando nos afastamos do beijo e bateu em meu peito. — Meu coração não é um cabaré pra você ficar fazendo putaria nele. Ou seja, se você não andar na linha, corto seu pau fora. — Ameaçou e eu gargalhei com vontade.

— Eu vou fazer putaria com outra parte do seu corpo e sabemos que você adora. — Afirmei, mordendo seus lábios. — Mas deixe *Alexandre* quieto, meu pau não merece este triste fim. Pense que você seria a que mais sofreria com a falta dele. — Afirmei e seus olhos arregalaram antes dela cair na gargalhada.

Putá merda! Eu apenas disse para ela como chamo meu pau!

— Você chama seu pau de *Alexandre*? — Perguntou

rindo.

— Sim. — Falei, carrancudo.

— Porra! Já ouvi “*Juninho*”, diminutivo do próprio nome, mas o nome de outro, nunca. Por que diabos você o chama de *Alexandre*? — Continuou gargalhando.

— Já ouviu falar de *Alexandre, o Grande*? Então. Acho que não preciso dizer a importância que meu pau tem para a vida das pessoas que o conheceram — afirmei com orgulho. Steph ainda ria, mas parou e olhou para o meio das minhas pernas, antes de concordar.

— É. É ridículo, mas você não deixa de ter razão. Mas... — Foi se aproximando como quem não quer nada e esmagando-os, fazendo-me gritar de dor. — Acho bom você manter *Alexandre* quietinho dentro das calças, porque meu filho, se vocês não se comportarem, darei uma de Rainha de Copas e estarei cortando cabeças! — ameaçou-me. *Putá que pariu!*

— Aiiii — gemi, quando ela finalmente largou meu pau. — Caralho, mulher! Isso dói! — murmurei, massageando meu guerreiro ferido.

— É para doer mesmo. Como é que você mesmo me

disse? Ah! Sim. Para deixar o lembrete penetrar bem fundo na sua cabeça — falou com sarcasmo e mesmo com dor, eu tive que rir.

— Entenda uma coisa. — Comecei, puxando-a para mim. — Apesar de *Alexandre* já ter conquistado muitos territórios, consegui conquistar o império mais importante para mim, sua *Macedônia* e seu duro coração — eu disse e nós dois começamos a rir.

— Meu Deus! Você é ridículo! — Gargalhou. — Chamar minha periquita de Macedônia foi o cúmulo da bizarrice. — Rimos. — Mas, apesar de absurdo, achei fofo. — Piscou para mim. — Acho que nós quatro seremos muito felizes.

— Nós quatro? — perguntei, sem entender.

— Sim. Eu, você, *Alexandre* e *Macedônia*. — Riu safada.

Jesus! Eu estava definitivamente fodido com essa mulher! E o melhor é que eu amava isso.



Demoramos quase uma hora para chegarmos à cidade

de Bellini. Quando chegamos ao cais, achei que poderia ter algum amontoado de jornalistas querendo notícias sobre o sumiço da Princesa, mas para minha surpresa o lugar estava do jeito habitual de sempre. Saltamos no deck e eu pedi para o profissional deixar o Jet Ski junto com as outras embarcações da família real e este confirmou que seguiria minha ordem.

Andamos de mãos dadas pela rua, onde algumas pessoas que passavam nos olhavam curiosas, outras saudavam Steph como manda a etiqueta, que sorria cumprimentando-os com simpatia e eu me senti verdadeiramente feliz, porque estávamos dando início a nossa relação com pé direito. Pegamos meu carro, que estava no estacionamento do porto como havia deixado no dia anterior, e fomos conversando durante todo caminho ao som de *First Time* de Lifehouse, me dando certeza do que quero para nós dois.

*“... Nós dois estamos procurando por algo
Que nós estamos com medo de encontrar
É mais fácil estar mal
É mais fácil se esconder*

Olhando pra você

Segurando meu fôlego

Pela primeira vez na vida, estou muito assustado

Estou dando uma chance

Deixando você entrar

Estou me sentindo vivo de novo...”

A música dizendo tudo sobre como me sinto. Com medo. Assustado. Mas acima de tudo, me sentindo vivo como nunca me senti na vida. Nunca pensei que uma mulher e principalmente uma mulher com Steph, fosse fazer isso comigo. Fazer com que eu me sentisse dessa maneira, rendido. Entregue. Também fazia com que eu me sentisse o mais sortudo entre os homens por ter essa mulher incrível, doida, mas incrível ao meu lado. Stephanie definitivamente era única e perfeita para mim, independentemente de suas imperfeições. Era assim que eu me sentia diante dela, mas eu estava cansado de tentar entender esse amor louco e desmedido que eu sentia. Não quero temer o futuro. Quero ansiar por ele. Eu iria apenas aproveitar a oportunidade que Deus nos deu, de verdadeiramente viver o que começamos há tantos anos.

Com minha mão direita sempre em sua coxa, eu dividia meu olhar entre a estrada e ela, que parecia tão feliz quanto eu. Peguei sua mão que encontrou a minha e levei aos meus lábios, beijando-a, fazendo com que ela me desse aquele seu lindo sorriso perfeito, que me fazia querer fazer tudo por ela. E ela nem parecia ter noção disso.

Muito mais rápido do que eu quisesse e pudesse perceber, chegamos ao castelo. Eu não queria me afastar dela depois de tudo. Não nesse momento que eu só queria curtir nós dois. Mas primeiramente tínhamos que assumir as consequências por termos desacatado a ordem de seu pai e por causa disso, termos ficado presos na Ilha. Eu podia ver em seus olhos o quanto estava nervosa quando paramos no castelo e eu não queria que se sentisse dessa maneira. Muito pelo contrário, queria que ela soubesse que de agora em diante eu estaria sempre ao seu lado.

— Ei. Você confia em mim? — Perguntei, trazendo-a para meu colo.

— Claro que sim. — Respondeu.

— Então nós dois vamos lá dentro e explicaremos tudo

que aconteceu ao seu pai, ok? — Ela assentiu. — Eu não seria um bom namorado se deixasse você enfrentar a fúria do Rei sozinha. Estamos nisso juntos, entendeu? — Perguntei e ela sorriu.

— Namorado é? — Perguntou provocante.

— Claro. Precisamos nomear o que temos. — Brinquei, mordendo seu pescoço e ela gemeu.

— Hm.. Eu gosto disso. — Murmurou.

— Gosta é? — Perguntei, apertando-a ainda mais em cima de mim.

— Muito. — Provocou-me, se esfregando deliberadamente sobre meu colo.

Sim. Deus! Isso é demais, até para um homem controlado como eu!

— Você não cansa, mulher? Não que eu esteja reclamando, claro. — Brinquei, beijando seu pescoço, descendo para seu colo.

— Olha quem fala, meu querido *Alexandre* está prontinho. Nunca me decepçiona.

Eu já ia mostrar para ela que *Alexandre* não a decepçionaria mesmo, quando alguém simplesmente bateu

na minha janela.

Que diabos! Nunca nos veremos livres desses empata foda?

— O que você quer, Igor? — Perguntei, abaixando o vidro da janela, com Steph ainda em meu colo.

— Oi para vocês também. — Falou com sarcasmo. — O que eu quero? Onde diabos vocês estavam? Nós estávamos preocupados com o sumiço de vocês dois! — Bradou irritado.

— Ok. Já chegamos. Estávamos presos... — Steph começou e Igor interrompeu-a.

— O Rei ficou fulo da vida quando viu que Steph tinha desobedecido suas ordens de não sair dali. Eu, Victor, Lou e Bella procuramos vocês por toda maldita Ilha. O que... Como assim presos? — Perguntou, parecendo que apenas agora entendeu o que Steph estava querendo dizer.

— Nós pegamos o Jet Ski e fomos para Ilha do Ouro. Não muito tempo depois tentamos voltar, mas o Jet Ski simplesmente não quis ligar. Passamos a noite na casa de apoio que os pescadores mantêm lá e hoje quando tentamos ligar, o Jet Ski simplesmente resolveu funcionar.

— Expliquei.

— Que estranho! Como assim ele não funcionou e do nada resolveu funcionar? — Perguntou-nos.

Eu também pensei que era estranho, mas não quis compartilhar minhas suposições com Steph. Coincidências demais estavam acontecendo ao nosso redor ultimamente. Mas agora o que eu menos estou me preocupando é com esse mistério e todas essas coincidências. O que me preocupa de fato, é a reação que o Rei terá com nosso sumiço. E eu pretendo resolver isso o quanto antes.

— Nós precisamos ir, amor. — Falei, beijando seus lábios e ela concordou.

— Amor? Que bonitinho! Já vi que agora que vocês finalmente se entenderam, tenho que começar a andar com adoçante perto de vocês. Senão é bem capaz de eu pegar diabetes. — Gracejou e eu lhe dei dedo.

— Vamos. — Chamei e abri a porta.

Steph saltou do carro, ajeitando seu vestido amassado e eu também me levantei. Ainda estávamos descalços, com os pés cheios de areia, mas não me importei.

— Bem. Já que vocês estão entregues, vou indo.

Depois eu ligo para saber se vocês estão bem ou então se, se comeram vivos. — Brincou.

— Invejoso. — Afirmei.

— Inveja? Não, meu querido melhor amigo. Inveja é um pecado capital que eu não compartilho. Sou uma pessoa extremamente solidária e contra o desperdício. Na verdade, eu não me importaria de compartilhar essa mulher linda aqui. — Provocou-me ainda mais piscando os olhos para minha namorada.

Filho da puta!

— Vai se foder, Igor! Arranje uma mulher para você, caralho! Não quero você com essa ousadia para cima da minha namorada, porque eu juro que eu faço você engolir suas bolas! — Ameacei rabugento, antes de sair puxando Steph pela mão, que ainda ria do meu descontrole, bem como aquele bastardo.

Ah! Foda-se! Brinque com minha comida, mas não mexa com minha mulher! Pior do que mexer com minhas bolas!

Se antes de nos acertarmos eu já tinha um ciúmes desmedido dela, imagine agora? Agora eu era

definitivamente um ogro irracional. Mexer com ela é querer fazer com que eu me tornasse um atentado terrorista ambulante.

— Vai continuar rindo? — Perguntei irritado quando entramos nos castelo.

— Théo, para com isso. Igor só falou aquilo porque sabe que iria mexer com você. — Falou, colocando os braços ao redor do meu pescoço, que mesmo a contra gosto, rodeei sua cintura com minhas mãos. — Além do mais, não precisa se preocupar. Porque eu amo esse Ogro lindo aqui. — Disse, beijando-me.

Deus! Como eu amava ouvi-la dizer isso! Eu nunca iria cansar de ouvir!

— Ama é? — Perguntei, com um sorriso bobo no rosto.

— Humhum. — Murmurou e quando nossos lábios se encontraram, ouvimos alguém limpando a garganta.

Sim. Tudo muda, menos os empata foda da vida!

— Oi, Têta. — Stephanie saudou a governanta, que mantinha um sorriso enorme no rosto.

— Oi, meus meninos. Como eu fico feliz de ver vocês

dois juntos. — Falou, feliz da vida. Eu e Steph nos entreolhamos e não tivemos como não sorrir.

Henriquetta era uma mulher maravilhosa. Desde pequenos nos tratava com um carinho enorme, nos mimando de tudo quanto era jeito. Mas eu não podia esperar nada mais dessa mulher que tinha um coração sem tamanho. Ela definitivamente fez o papel de mãe na vida de Stephanne e eu sei que ela não seria quem é hoje, se ela não tivesse tido Henriquetta em sua vida.

— Meu pai está por aqui, Têta? — Steph perguntou.

— Sim. Ele está no escritório. Pediu para que você fosse até ele assim que chegasse. — Disse, agora parecendo preocupada.

— Ok. Estamos indo lá. — Steph afirmou, mandando um beijo para governanta, antes de sair me puxando em direção ao corredor que levava ao escritório.

Chegamos em frente à porta e sabe aquela sensação de que alguma coisa vai acontecer? Pois é. Foi exatamente essa sensação que eu tive. Mas vai que é porque eu sei que o Rei não deve estar nada satisfeito com nós dois, né? Eu ia falar para batermos, mas antes que eu sequer abrisse

a boca para dizer, Steph já estava abrindo a porta da sala. E minhas suspeitas antigas foram definitivamente confirmadas. Eu deveria dar mais crédito aos meus instintos, pois diante de nós estava a confirmação de que algo aconteceria quando atravessássemos essa porta. Com certeza aconteceria, afinal o Rei Edward estava no maior amasso, com ninguém menos do que Lourdes.

Capítulo 29

Steph

Confusa. Chocada. Assustada. Pasma. Assombrada. Era definitivamente o turbilhão de emoções que eu me definia nesse momento. Afinal, eu entro nessa sala com medo do que meu pai vai dizer quando me vir e dou de cara com ele e minha melhor amiga se agarrando? Isso é a merda de um pesadelo ou uma pegadinha? Eu só poderia estar vendo coisas, né?

— Que merda é essa? — Bradei, fazendo os dois se separarem e se levantarem em um pulo de onde estavam deitados na maior pegação.

— Stephanie. — Meu pai murmurou, sem emitir som algum.

Os dois me olhavam definitivamente assustados. Mas posso garantir que não mais assustados do que eu estou nesse momento. E eu achando que chegaria aqui e levaria a maior bronca, olha só com o que eu me deparo. O que

afinal estava acontecendo aqui?

— Vocês podem me explicar o que foi isso que eu vi e não gostaria de ter visto? — perguntei, irritada com o silêncio e a cara de culpa dos dois.

— Filha... — meu pai começou, limpando a garganta. — O que você viu é exatamente isso que você está pensando. — Afirmou, tentando firmar sua voz.

Oi?

— O que? O que o senhor está querendo dizer com isso? O que eu vi aqui foi meu pai de sem vergonhice com a minha melhor amiga, que tem idade para ser sua filha! — Gritei.

— Stephanie Alessandra! — Meu pai repreendeu-me, enquanto Lou abaixou a cabeça envergonhada.

Acho bom ela ter mesmo. Onde estava essa vergonha toda enquanto ela estava de agarramento nesse sofá? Sim. Essa sonsa não me convenceu!

— O que você queria que eu achasse ao me deparar com essa cena? Que eu achasse normal ver você se pegando com a menina que você viu crescer, que é mais de vinte anos mais nova que você? Desde quando isso

vem acontecendo? — Perguntei, fora de mim.

— Steph... — Théo tentou me acalmar.

Olhei para o meu agora namorado e não vi surpresa em seu olhar, apenas a preocupação genuína que ele tinha comigo. Ele estava preocupado em como eu me sentia, eu poderia ver isso.

Então quer dizer que ele sabia? Ele também escondeu de mim?

— Você sabia? — Perguntei para ele.

— Não... Quer dizer... Eu desconfiava do interesse que um tinha pelo outro, mas juro que eu não sabia de mais nada. — Defendeu-se rapidamente, pois ele provavelmente sabia como eu reagiria se soubesse que ele me escondeu uma coisa dessas. E eu não posso negar o quanto eu fiquei aliviada por isso.

Mas gente! Como assim ele percebeu algo e eu não?

— Desde quando isso vem acontecendo? — Perguntei, voltando meu olhar para os dois ratinhos assustados a minha frente.

— Calma, minha filha. Nós vamos explicar tudo. Mas primeiro eu te peço que não se exalte. Lourdes Maria não

pode se estressar. — Pediu.

Mas o que?

— Eu me deparo com vocês dois se agarrando e você simplesmente está preocupado em que eu não estresse Lourdes? Desculpe, papai querido, mas essa é a última preocupação que eu tenho nesse momento em relação a minha melhor amiga traíra! — Bradei.

— Ela está grávida! — Gritou, acabando de me chocar completamente.

Puta que pariu! Ele só pode estar de brincadeira, né?

Eu olho para os dois, com a intenção que um deles negue esse disparate, mas ninguém o faz. Lourdes volta a se sentar no sofá e enfia o rosto em suas mãos, chorando. Mas eu não me importo. Por que eu deveria me importar se eles não se importaram comigo?

Fora os músculos que uso para mover meu maxilar, que se encontra lá embaixo, eu ainda não movi nenhum músculo sequer. Ainda estou tentando voltar a respirar, para meu cérebro finalmente ser oxigenado e eu enfim conseguir pensar sobre essa bomba que explodiu na minha cara. Mas eu ainda estou muito chocada para esboçar

qualquer reação.

— Há um bom tempo eu vinha negando o quanto Lourdes mexia comigo, por todos esses motivos óbvios que você deve imaginar. Eu sou muito mais velho do que ela. Eu a vi crescer e ela viveu comigo, como se fosse da nossa família. Mas eu não podia mais continuar negando o quanto nós nos amamos. — Meu pai começou a explicar.

Jesus! Eles se amam?

Eu acho que eu ainda estava com esperanças disso ter sido um caso accidental, que simplesmente aconteceu e eles não puderam evitar. É compreensível até. Afinal, tesão é tesão e negar fogo é algo que eu definitivamente nunca fiz. Então não sou hipócrita por pensar que eles deveriam fazer também. Mas saber que existe sentimento entre eles e ainda por cima tem um filho envolvido nessa história toda, é mais complicado ainda para que eu possa assimilar.

— Cerca de um mês atrás aconteceu de ficarmos juntos pela primeira vez. Eu não soube lidar com meus sentimentos e achei melhor me afastar para o bem de todos. O que foi um erro, pois eu não consegui mais

esconder o amor que eu sentia por ela. Você conhece parte dessa história, acho que não preciso repetir. Lourdes estava magoada e com razão pela minha atitude covarde, decidiu que seguiria sua vida sem mim e foi aí que eu entendi que eu não podia mais viver longe dela. Eu decidi que lutaria pelo amor dela. Eu venho tentando correr atrás do prejuízo, mas ela não facilitou para o meu lado. Só que agora nós finalmente nos acertamos.

Meu Deus! Onde eu estava com a cabeça quando não percebi o que estava acontecendo na minha cara?

Claro! Minha cabeça estava irremediavelmente perdida pelo moreno que agora estava atrás de mim, apertando meus ombros, como se tivesse me dando forças. E eu aprecio seu gesto, porque sei que estaria irremediavelmente mais fora de mim caso ele não tivesse aqui comigo. Eu andei por tanto tempo preocupada com meus problemas com Théo, achando que Lourdes estava bem com Victor, que havia esquecido o *Frustreco*. Afinal eu achava que depois daquele Deus moreno, ele era página virada. Mal sabendo eu o quanto estava errada. Não, na verdade eu estava estupidamente enganada e não

fui capaz de perceber o óbvio.

— Hoje quando acordei, o segurança que mantenho fazendo sua segurança me informou que Lourdes estava em um hospital. — Meu pai continuou alheio a como eu estava me sentindo. — Fiquei preocupado e imediatamente saí em busca dela. Quando cheguei ao local onde o segurança me informou que ela estava, encontrei-a chorando com um papel na mão. Fiquei desesperado com o que pudesse ter ali naquele papel, pensei que pudesse ser uma doença, talvez. Mas Deus foi tão generoso comigo, que me surpreendeu me dando um presente ainda maior: outro filho.

Nesse momento eu não podia mais controlar as lágrimas que desciam insensivelmente dos meus olhos. Chorei. Chorei pela minha burrice. Pela minha inocência. Por ter sido tão cega. Tudo agora fazia sentido para mim. A mudança de ambos. O clima ruim que tem reinado sobre nossas cabeças quando estamos todos juntos. O quanto Lourdes tem sido esquiva. Tudo não passava de uma tentativa dos dois de mentirem para mim e para todos, sobre o que realmente acontecia embaixo do meu próprio

nariz.

Eu ainda estava muito confusa, mas eu estava acima de tudo magoada e me sentindo traída pelos dois. Pelas mentiras e omissões. Lourdes era minha melhor amiga. Eu sempre estive ali para ela quando precisou, disposta a tudo pela felicidade da minha melhor amiga e pensei que o sentimento era recíproco, mas pelo visto eu estava enganada, porque quem é amigo não engana ou mente para o outro. E é o que ela tem feito desde então. Quando ela estava ali chorando por causa do que o *Frustreco* lhe fez, ela tinha tido a oportunidade de me dizer toda a verdade, mas ela não fez isso. Muito pelo contrário, me fez acreditar que o homem por quem ela estava apaixonada era outra pessoa, enquanto eu estava ali esculhambando meu próprio pai, sem ter a mínima ideia do que estava realmente acontecendo.

Meu Deus! Como eu pude ser tão idiota? Se as indiretas atingissem orgasmos, meu pai estaria gritando de prazer cada vez que eu dava uma indireta para ele!

— Nós vamos nos casar. — Meu pai terminou de soltar a bomba.

Put a que pariu!

Eu não achava que pudesse me sentir ainda mais traída do que estou me sentindo agora. Mas estava redondamente enganada. Sempre quis que meu pai encontrasse uma mulher que o amasse, que cuidasse dele e o fizesse feliz como ele merecia, mas eu definitivamente não esperava estar nessa posição que estou agora. Entre ele e minha melhor amiga. Duas pessoas que esconderam de mim a verdade. Eu sei que meu pai tem o direito de ser feliz, jamais negaria isso a ele, mas dentro de mim a mágoa ainda era grande para que pudesse sentir algo além de como me sentia. Traída por quem eu deveria ter apenas a verdade: minha melhor amiga e meu próprio pai.

Eles queriam o que? Que eu estivesse comemorando?
Acho que não.

— Bom, eu acho que vocês esperam que eu lhe dê os parabéns, né? Onde está minha boa educação que me deixou esquecer isso? — Falei com sarcasmo, enxugando as lágrimas que insistiam em cair.

— Steph, por favor. — Lou murmurou, pela primeira vez.

Sua voz e sua expressão dizendo o quanto ela estava mal. Mas eu me dei o direito de ser egoísta, afinal eles não pensaram em mim quando deveriam ter pensado. Por que eu deveria pensar neles agora?

— Você não pediu “por favor” quando abriu as pernas para dar para o meu pai. Então não venha querer pedir “por favor” agora! — Bradei, magoada, e ela encolheu-se, assustada com minhas palavras.

Sim. Eu sei que estou sendo uma vaca, mas eles não têm o direito de me julgar. Se eu dissesse que me senti bem ao ver o quanto ela ficou magoada com minhas palavras, eu estaria mentindo, mas eu não consigo guardar como estou me sentindo.

— Stephanie, respeite Lourdes! Ela será minha mulher! Sua madrasta! — Ralhou e eu ri sem humor.

— Claro. Respeito. Aquele que vocês não tiveram quando esperavam que eu lhes desse as costas para ficarem de sem vergonhice. Pensassem nisso antes! — Continuei gritando.

— Não fale assim, minha filha. — Meu pai pediu.

— Eu realmente adorei a novidade de vocês. Quando

você disse que tinha um presente para mim em breve, eu logo pensei: Nossa! Tomara que seja uma madrasta e de bônus um irmão! — Falei com sarcasmo.

— Eu sinto muito. — Lou falou aos prantos e meu pai embalou-a em seus braços.

Vendo a forma como ele estava tratando-a, eu não tive dúvidas: ele a amava. Mas eu não ia ser capaz de continuar vendo essa cena. Não podia.

— Não, você não sente, Lourdes. Porque se você tivesse tido a sensatez de me dizer a verdade, aí sim eu diria que você não queria que essa cena lamentável tivesse acontecido. Eu não precisaria estar me sentindo dessa forma e muito menos dizendo coisas que estão magoando não só a você, mas a nós todos. Mas não se preocupem comigo. Eu desejo toda felicidade do mundo para vocês. — Falei, antes de dar as costas para eles e seguir até a porta.

— Aonde você vai? — Meu pai perguntou com a voz derrotada.

— Para longe daqui. — Afirmei, empurrando o bolo que eu sentia na garganta, antes de sair dali, acompanhada

por Théo.

Assim que a porta do escritório bateu, eu estava aos prantos e Théo me abraçou, murmurando palavras de carinho e apoio que eu tinha certeza de que eu encontraria nele. Chorei por tudo. Pela minha amizade com Lourdes. Pela mentira que ambos tentavam esconder. Mas também chorei por mim. Chorei pela menina que agora eu me sentia. Por definitivamente não saber lidar com o que estava acontecendo. Não importa o motivo, decepção sempre machuca. Se a vida fosse um videogame, esse seria aquele momento de dar o controle pra alguém e pedir pra passar de fase pra mim. Mas não era tão fácil assim. Meu pai se casaria com a minha melhor amiga. Minha melhor amiga seria minha madrasta. O quão bizarro isso poderia ser? E mais, eu teria um irmão. Eu, Stephanie, teria um irmão nessa altura da minha vida, que tecnicamente seria o momento que eu deveria dar um neto para meu pai. Não ao contrário. Mas não, ele teria outro filho.

Meu Deus! Isso é tão louco!

— Preciso sair daqui. — Peço, fungando, tentando

controlar meu choro.

— Tudo bem, amor. Talvez seja melhor você dar um tempo mesmo. Vamos ao seu quarto, você pega algumas peças de roupas e você pode ficar o tempo que precisar na minha casa. Ok? — Ele perguntou, com um sorriso compreensivo no rosto.

— Tem certeza? — Perguntei sem jeito.

De repente eu estava me sentindo verdadeiramente tímida com o fato dele oferecer para que eu invadisse seu espaço, quando começamos a namorar apenas agora. Não pensei realmente para onde eu iria quando disse que precisava sair daqui. Pensei que talvez eu pudesse ficar em um hotel, até que eu arranjasse um lugar para ficar. Às vezes ficar vinte e quatro horas por dia juntos pode não ser bom para o casal. Eu não sabia se seria bom para nós dois, quando estamos tão bem. E de qualquer maneira apesar de ser tentador estar ao seu lado, não quero que ele se sinta na obrigação de fazer isso.

— Claro que sim. — Deu-me um beijo salgado pelas minhas lágrimas. — Não vai ser sacrifício nenhum ter a minha namorada ao meu lado. Muito pelo contrário. Vou

adorar mimá-la. — Murmurou, com um sorriso genuinamente amoroso.

— Sua namorada está realmente precisando ser mimada. — Falei, sentindo-me um pouco melhor pelo seu cuidado comigo.

— Eu sei que sim. Ela se faz de durona, mas na verdade ela é muito sensível. Uma gatinha manhosa. Minha gatinha. — Beijou-me levemente.

Como sempre Théo tem razão. Ele realmente sabe como sou. Sou teimosa, ciumenta, confusa, estressada e grossa. E ainda assim, consigo ser a pessoa mais sensível do mundo. É tão bom saber e sentir que ele me conhece tão bem e ainda assim me ama apesar de tudo.

— Ela é? — Perguntei, tentando me animar com seu carinho.

— É. Mas não se preocupe. Eu sei exatamente do que ela precisa. Eu vou cuidar direitinho da minha mulher. — Afirmou, trazendo-me para seus braços mais uma vez.

Sim. Eu sabia que ele iria.



Subimos para o meu quarto, onde eu fiz uma pequena bolsa com algumas peças de roupas, sapatos e meus produtos de higiene pessoal e os de fundamental importância para minha vida, cremes, depilador e etc. Eu queria tomar um banho, mas achei melhor não abusar da sorte, pois meu pai poderia aparecer a qualquer momento e eu não queria ter esse confronto agora. Théo ficou brincando, fazendo comentários a respeito das minhas calcinhas, camisolas e até gracejou, dizendo que achava que eu não deveria esquecer meu vibrador. Pois ele queria me provar que ele não chegava nem aos pés de *Alexandre*. Mal sabendo ele que eu realmente tinha um e ele estava coberto de razão, porque *Alexandre* era infinitamente melhor do que *Ganso*. Eu sabia que ele estava fazendo isso para que eu me sentisse melhor e estava funcionando, pois eu me peguei rindo das besteiras que ele falava.

Não demoramos muito para sair. Théo juntou a minha mão na sua e com a outra carregou minha bolsa. Felizmente não encontramos com Têta no caminho. Eu sabia que ela perguntaria onde eu estava indo e o porquê de eu estar com essa minha cara de quem obviamente

andou chorando, mas eu também não estava preparada para esse encontro. Na verdade eu ainda estava preocupada com a reação que Têta teria ao saber de toda verdade, mas não seria por mim que ela ouviria. Eu achava justo que sua filha tivesse ao menos algum pingo de decência para lhes contar tudo e não que ela descobrisse da pior forma, como eu descobri.

Eu esperava sinceramente que eles não esperassem muito tempo para lhes contar toda a verdade, porque obviamente não vai demorar para que a barriga de Lourdes cresça. Mas também não me surpreenderia que eles esperassem os nove meses para lhes contar toda verdade. E gritassem para todos: *Surpresa!*

Jesus! Isso é tão foda!

Saí do castelo e assim que entramos no carro de Théo e nos acomodamos, eu me senti infinitamente mais leve. Não que eu já tivesse esquecido o que houve, mas quando ele segurou minha mão, levando-a aos seus lábios, beijou-a e sorriu para mim, eu tive a certeza de que eu estava fazendo a coisa certa. Ele puxou-me para mais perto dele e colocou seus lábios contra os meus antes de sussurrar:

— Eu amo você, Stephanne. Mais do que qualquer coisa. — Disse-me, me deixando estupidamente emocionada.

— Eu te amo, Théo.

Dei-lhe outro beijo, sabendo que eu ficaria bem, pois Théo estaria ao meu lado. Como deveria ser. Isso era o suficiente para mim. Pois ele era definitivamente o que eu precisava para me ajudar a enfrentar qualquer coisa.



Chegamos ao apartamento de Théo, ele deixou minha malinha no closet e fomos direto tomar um banho. O banho foi literalmente relaxante. Estava realmente precisando. Claro que me aproveitei do meu namorado um pouquinho. Afinal eu estou triste, decepcionada, mas não estou morta. Aqui nesse meu corpinho lindo ainda habita uma quase ninfomaníaca. E aqui para nós, vocês já viram meu namorado? Então, eu seria louca se não sentisse a necessidade de inspecionar cada centímetro quadrado desse corpo maravilhoso que ele tinha. É como eu sempre digo: *Nada como um orgasmo após o outro.*

Depois do banho, fomos para cozinha comer algo que não fosse bolacha de água e sal, depois de quase vinte e quatro horas comendo apenas isso. Traumatizei. Juro que nunca mais comerei uma bolacha na minha vida. Na fome que eu me encontrava, acho que eu comeria um boi inteiro. Mas, no entanto nosso cardápio foi outro. Comemos um macarrão à carbonara que Théo preparou e não era apenas a minha fome que me fez achar isso, mas estava realmente delicioso. Théo como sempre parecia saber do que eu precisava, pois quando terminamos de comer nos levou para cama e ficamos agarradinhos ali, em um silêncio que dizia mais do que mil palavras. Eu sabia que ele estava esperando e respeitando meu tempo, que não queria forçar a barra para conversar comigo sobre o que aconteceu e eu verdadeiramente apreciava isso. Pois ainda não sei como me sinto sobre tudo, apenas que eu ainda estou muito magoada e não estou preparada para tocar nesse assunto quando ainda estou me sentindo dessa maneira. Acabo de amá-lo ainda mais por isso. Era o que eu precisava. Estar ali em seus braços, para tentar esquecer o mundo.



A semana passou voando e continuamos a cumprir minha agenda como deveria ser. Eu ainda tinha minhas obrigações e não ia parar minha vida por causa dos meus problemas e muito menos por causa de problemas que não eram meus. Começamos a organizar a reforma da área de lazer do orfanato que faríamos com o dinheiro que arrecadamos da Nobreza Campaviana com a Viagem da Rota do Descobrimento.

Eu ainda estava na casa de Théo, o que acabou gerando especulações na mídia de que estávamos morando juntos e tantas outras especulações absurdas, que me deixaram meio assustadas. Não tínhamos como negar isso, afinal os Paparazzis nos viam entrando e saindo do apartamento dele e nem nos demos ao trabalho de desmentir, pois de certa forma não deixava de ser verdade. Nós agora estávamos verdadeiramente assumidos e Théo parecia não querer fazer questão alguma de esconder nossa relação, muito pelo contrário. Nós andávamos sempre de mãos dadas, agarradinhos e ele parecia querer estar o tempo todo me tocando de alguma forma. Não que eu achasse ruim, é claro. Mas isso só aumentou ainda mais as notícias

sobre nós dois. Qualquer revista ou jornal estavam com fotos nossas estampadas na capa.

Se por um lado minha vida estava perfeita, vivendo minha lua de mel com meu Príncipe Ogro, por outro eu ainda estava vivendo meu próprio dilema interno. Eu ainda não havia falado com meu pai ou Lourdes desde o episódio lamentável que tivemos. Na verdade eu tinha ignorado suas ligações deliberadamente. Não estava preparada ainda para falar com eles. A ferida ainda era muito recente e acho que eu ainda precisava de tempo para que ela cicatrizasse. Mas ainda assim, eu sei que Théo tem falado com meu pai religiosamente. Eu sei por que ele não faz questão de esconder isso de mim e eu não o condeno por dar notícias sobre mim. Na verdade eu até agradeço, afinal ele não deixou de ser meu pai por conta das suas escolhas. Não sou tão imatura ao ponto de misturar as coisas desse jeito.

Antes que eu sequer pudesse pensar sobre o assunto, Théo me contou que no dia que ficamos presos na Ilha, meu pai havia mandado toda a guarda real atrás de nós dois, mesmo achando que eu tinha sumido de propósito.

Mas ao contrário do que sequer cogitei, Théo disse que os seguranças haviam nos encontrado naquela manhã, mas que por ordem do meu pai, apenas consertaram o Jet Ski que estava quebrado para que déssemos um jeito de sair dali como chegamos. Fiquei surpresa, mas também não tanto, pois de certa forma meu pai estava querendo me punir por ter desobedecido a uma ordem sua. Só não esperava que a minha surpresa ao encontrá-lo fosse tanta.

Durante a semana, além de ter Théo ao meu lado me mimando o tempo todo, eu tive a presença constante de três pessoas: Igor, Anabella e Victor. Ao contrário do que eu pensei, Victor estava bem com toda essa história com meu pai e Lourdes. Muito melhor do que eu poderia imaginar. Para falar a verdade, ele estava realmente feliz. Mas o que me deixou um pouco chocada realmente foi a verdade por trás de tudo que ele me contou. Isso explica ainda mais as coisas. Eu não fiquei chateada com ele, afinal não era Victor que deveria fidelidade a mim. Lourdes sim que era minha amiga. Ele de certa forma tentou interceder por ela e mais uma vez eu me indaguei sobre o quanto eu fui cega diante das circunstâncias.

Ainda assim eu tinha certeza que só entenderia realmente no dia que nos desse a chance de conversarmos e colocar tudo em pratos limpos.

Felizmente meu pé estava bem, apesar da leve torção. Igor brigou comigo e eu me senti uma menina envergonhada por ter desobedecido às ordens médicas. Ainda assim ele voltou a me examinar e pediu que não calçasse salto por alguns dias e usasse uma tornozeleira de compressão por uma semana. Além de fazer compressa de gelo todas as noites antes de dormir. Pelo menos eu não teria que voltar a usar aquela bota horrorosa.

Uma ligação que me surpreendeu na terça-feira, foi a de Henriquetta. Felizmente os dois tiveram a sensatez de lhe contar toda a verdade. Ela confessou a mim que ainda estava um pouco chocada, afinal quem esperaria que os dois fossem se envolver? Pois é, eu também não. Mas disse que de qualquer maneira estava feliz por Lourdes e por meu pai, apesar de estar preocupada comigo, pois soube da minha reação diante a notícia. Bem, eles não esperavam que eu fosse soltar confetes logo de cara, né? Eu entendo Henriquetta, ela seria avó e ela é mãe,

obviamente queria a felicidade da sua filha. Eu não julgo ninguém por querer o melhor para o outro, principalmente para um filho. Então estou bem com a forma que Têta está lidando com a situação. Dentro de mim eu sabia que em um determinado momento eu teria que encará-los e que um dia eu iria aceitar suas escolhas, mas para mim ainda não era a hora.

Mas como nem tudo é como a gente quer, no sábado, quase uma semana depois do acontecido, tínhamos mais um evento pelo qual eu não poderia faltar de forma alguma: o aniversário do meu pai. No primeiro momento obviamente pensei em não ir, mas Théo foi taxativo em dizer que não pegaria bem para imagem da coroa, se eu não aparecesse no aniversário do meu próprio pai. Então eu nada mais poderia fazer, além de ir e cumprir com a minha obrigação tanto de filha, quanto de Princesa. E uma coisa estava certa para mim, eu não poderia fugir para sempre.

Depois de ter saído com Bella para escolhermos nossos vestidos, chamei meu cabeleireiro e maquiador para que eu tivesse digna e diva para a festa.

Independentemente do meu estado de espírito, estamos nessa vida só de passagem, ainda assim nada nos impede de passar desfilando. Eu tenho uma imagem a zelar, de diva, diga-se de passagem, então só me restava atender a contento o que me é esperado.

A comemoração do aniversário do Rei era realizada todo ano com um Baile de Máscaras, conforme a tradição realizada pelos antecessores do trono. Meu vestido era um longo de seda vermelho, estilo sereia com calda, tomara que caia com decote profundo em “v” de renda e detalhe de tule. Ele era muito lindo, marcava meu corpo nos lugares certos e o decote evidenciava e desenhava meus seios perfeitamente. Assim que terminei de calçar minha sandália e vestir minhas luvas negras, peguei minha máscara e a que eu tinha comprado para Théo, antes de ir em direção à sala encontrar meu amor.

Théo já estava à minha espera ouvindo uma música suave, enquanto bebia um copo de uísque, parecendo pensativo. Ele já estava vestindo um smoking impecável e uma capa negra, que lhe deixava ainda mais sexy e misterioso. Estava lindo e gostoso demais para mim.

Assim que ele me viu, seu sorriso me saudou juntamente com seu olhar pecaminoso, que me pegava daquela forma arrebatadora e inexplicável.

Deus do céu! Ele é muito lindo. A verdadeira perfeição masculina. Como posso amá-lo tanto assim e ainda por cima ser amada com tanta intensidade?

Ele colocou o copo com sua bebida sobre o aparador e estendeu a mão para mim, em um convite claro para que eu fosse até ele. O que eu prontamente atendi, desejando desesperadamente seu toque, sua aproximação. Era como se a cada dia que passava, eu tivesse mais certeza de que eu precisava dele em minha vida e sem ele eu não pudesse respirar. Ele pegou a minha mão, juntando nossos corpos e começamos a balançar suavemente ao som da música que tocava *Find me* na voz de Boyce Avenue.

*“... Me encontre, aqui em seus braços
Agora eu estou perguntando onde você sempre esteve
Cegamente, eu vim a você
Sabendo que você sopraria uma nova vida pra dentro de
mim*

Não me canso de você

Eu quero estar onde você está

Em tempos de necessidade eu só quero que você fique...”

Dançamos enquanto ele repetia em meu ouvido o que a música dizia. Também falava o quanto amava tudo em mim. Desde meu cheiro à minha pior imperfeição. E eu sorria emocionada, lhe dizendo o mesmo. Eu não era lá muito religiosa, mas agradei a Deus por ter aberto meus olhos e por estar me agraciando com um namorado Ogro e ainda assim um Príncipe Perfeito, tem se tornado algo constante para mim nesses últimos dias.

Apesar de tudo que está acontecendo, essa semana ao seu lado tem sido maravilhosa. Nós nos conhecemos ainda mais e chegamos àquele ponto em que mantivemos aquela intimidade gostosa no relacionamento, sabe? Lógico que temos nossas desavenças, afinal eu sou o extremo oposto de Théo. Sou extremista demais e ela é calculista, sempre pondera as coisas antes de fazer. Sou uma bagunceira assumida e ele é tão organizado que às vezes dá agonia. Tantas diferenças que às vezes chego a me questionar

como nós não nos matamos ainda. Além do mais somos declaradamente ciumentos e possessivos, mas de uma forma louca, esse ciúmes descompensado que temos um pelo outro é o que nos mantém ainda mais apaixonados. Eu não sei em que momento eu virei uma boba sentimental, mas eu não me importava. Eu não precisava me questionar nada. Eu amava me sentir amada em seus braços e isso era o suficiente para mim.

— Eu te amo, minha Princesa. — Murmurou após beijar-me, quando a música acabou.

— Eu também te amo, meu Príncipe Ogro. — Ele riu, mas eu via escrito em seus olhos a emoção que ele sentia quando eu dizia que o amava. Eu amava ver o amor e a emoção refletidos em seus olhos.

É nessas horas que eu não me perdoo por ter perdido tanto tempo sem me permitir viver isso com Théo. É inevitável não pensar que eu levei tanto tempo tentando negar a mim mesma o quanto eu estava apaixonada por ele. Negando que o que nós tínhamos sempre foi muito maior do que qualquer desejo que sentíamos um pelo outro. Mas ainda assim, acho que o que passamos foi de

certa forma importante para nosso amadurecimento e principalmente para que aprendêssemos a lidar com o que sentíamos um pelo outro. Ainda assim eu estava ciente que tínhamos muito o que aprender ainda.

— Pediram para eu lhe entregar uma coisa. — Ele diz, parecendo um pouco nervoso agora.

— O que? — Pergunto curiosa.

Théo me dá um selinho e vai até o aparador, onde havia uma caixa dourada que ainda não tinha visto até então, mas imediatamente reconheci. Quando ele me entregou, não precisava abrir para saber do que se tratava, mas ainda assim abri e lá encontrei a minha coroa. Eu olhei aquele objeto de ouro cravejado de diamantes, que aprendi a amar em tão pouco tempo, não apenas pelo objeto, mas sim pelo que ela significava e por um momento não sabia o que fazer. Eu honestamente havia esquecido que deveria usá-la e agora que ela estava em minhas mãos, ela me pareceu tão pesada e de certa forma comecei a me sentir um pouco fora de mim.

— Amor, ela é sua. Você precisa usar. — Théo disse, mais uma vez entendendo a confusão interna que eu me

encontrava.

— Eu sei. — Afirmei sem jeito. — Você coloca para mim, por favor? — Pedi, sentindo que nesse momento só ele poderia me ajudar com o peso dela.

— Claro. — Sorriu suavemente.

Fomos para frente do espelho e ele colocou a joia que pertencia à minha família sobre a minha cabeça. Enquanto eu via a minha própria imagem refletida no espelho, pensei na importância que esse objeto representava e mais uma vez me indaguei se eu era digna de usar esse símbolo. Sei que eu tenho tantos defeitos, ainda preciso mudar muita coisa em mim, mas desde que a coloquei pela primeira vez, sinto-me de certa forma ‘outra’. E novamente percebi que somos peões do destino, ainda assim cabe a nós fazermos a diferença e sermos dignos dos que nos é oferecido, o que nos é traçado. Não podemos ser apenas telespectadores de nossas próprias vidas. E era essa a minha intenção sobre o que eu representava: fazer a diferença.

— Linda. Minha Princesa. — Théo sussurrou em meu ouvido, colocando meus cabelos ondulados para o lado,

antes de deixar um beijo molhado em meu pescoço, fazendo-me arrepiar pelo seu toque em minha pele.

— Obrigada. Você também está lindo, meu amor. — Elogiei, me virando de frente para ele e colocando meus braços em seu pescoço.

— Eu sei. — Piscou para mim.

— Convencido. — Disse rindo e ele me acompanhou.

— Culpe minha namorada. Ela faz com que eu me sinta assim. — Rimos novamente. — Vamos. Nós temos que ir. — Beijou-me docemente, antes de pegarmos nossas máscaras e irmos em direção à porta.

Que seja o que Deus quiser!



Eu estava usando uma magnífica Máscara genuína italiana, *Veneziana Barletta*, que tinha um design magnífico, uma semi joia em metal recortada a laser, vazada - na cor dourada e cravejada em Swarovskis originais, que era amarrada confortavelmente em meu rosto por fitas de cetim. Théo usava uma máscara estilo *O Fantasma da Ópera*, que cobria apenas um lado de seu

belo rosto, dando um destaque ainda maior aos seus olhos azuis, também na cor dourada.

Não vou dizer que não foi estranho entrar pela porta da frente do castelo, como se eu fosse apenas uma mera convidada qualquer, por que foi meio bizarro para mim. Enganei-me ao pensar que nossa chegada não seria notada, principalmente por estarmos mascarados, mas a impressão que eu tive é que estavam apenas nos esperando chegar, pois assim que colocamos nossos pés no grande salão de festas, todos os olhos estavam em nós dois, parecia que havíamos sido anunciados pelo trompete. O que vergonhosamente aconteceu logo em seguida.

— Com vocês, vossa alteza Real, a Princesa Stephanie e o Lord Theodore Caravaggio. — Anunciou o porta-voz da festa.

Merda! Eu só queria uma garrafa de tequila para me esconder e depois me afogar!

Théo apertou meu braço, dando-me forças e acenou brevemente para as pessoas que estavam próximas, enquanto começou a nos levar em direção à mesa. Eu

ainda estava envergonhada pela recepção, mas eu também sabia que havia chegado a hora do confronto e tive vontade de recuar. Essa timidez e o medo atípico faz com que eu comece a me questionar aonde eu deixei toda a coragem e determinação que sempre esteve presente em mim.

Enquanto nos dirigíamos à mesa, parei para reparar a decoração da festa. Dando mais sofisticação e luxo a decoração do grande salão de festas do castelo, tudo era completamente branco. Máscaras, flores combinadas com vasos e candelabros transparentes, toalhas, plumas e muitas velas enfeitavam o salão. O *total White* tornou o ambiente ainda mais lindo, suntuoso, vintage e o resultado ficou realmente incrível.

Finalmente chegamos até a mesa central, onde toda nossa família – minha e de Théo – se encontravam. Minha sogrinha foi a primeira a se levantar para nos cumprimentar, seguida de Anabella, Henriquetta, Alano, até Taddeo, que curiosamente está muito simpático essa noite. Olho para Théo que mantém a mesma expressão de desconfiança que eu devo ter em meu rosto. Mas isso nós

certamente conversaremos mais tarde. Não me surpreendo ao ver Igor nos cumprimentar, ele também se encontrava sentado em nossa mesa, visto que ele é praticamente da família Caravaggio.

Como não poderia deixar de ser, os dois são os últimos integrantes da mesa a virem falar conosco. Eu engulo em seco quando vejo meu pai vindo de braços dados com Lourdes até nós. Apesar de já ter dado um certo tempo para que eu me acostumassem com a ideia, ainda é um pouco estranho essa imagem a minha frente. Meu pai está elegante em um smoking sob medida e sua coroa. Lourdes está linda em um vestido sereia na cor amarela e uma máscara dourada, mas ainda assim parece incerta e tímida, como se ela não tivesse acostumada com esse tipo de evento. O que sabemos que é uma mentira. Sei que ela está desse jeito porque assim como eu, ainda não tem cara para me encarar depois de tudo que dissemos uns para os outros.

— Theodore. — Meu pai aperta a mão de Théo.

— Alteza. Parabéns. — Théo retribui o cumprimento, mesmo sem soltar o meu braço que ainda está preso no

seu.

— Obrigado, Théo. Mas vamos deixar a formalidade de lado. Afinal você é namorado da minha filha, não temos porquê preservarmos a hierarquia quando estamos em família. — Falou com a voz visivelmente orgulhosa e Théo sorriu de volta para ele, parecendo feliz com o que lhe foi dito.

Não era de me espantar que o Rei Edward tivesse essa postura com meu namorado, além de meu pai ser um homem simples apesar do seu título, ele também considerava Théo demais para que uma mera formalidade continuasse agora que estamos oficialmente juntos. Fora que mesmo que eu não tenha necessariamente procurado, Théo é exatamente o tipo de homem que meu pai esperava que eu me relacionasse. Um homem inteligente, de família nobre, com um grande futuro pela frente. Um homem que ele possivelmente considera o ideal para ser o futuro Rei da Campavia e reinar ao meu lado. No entanto, eu também sei que independentemente disso, meu pai está feliz pela minha escolha. Por mim e não pela Princesa da Campavia.

— Olá, filha. Que bom que você veio. — Sua voz

emocionada me fez engolir o nó que se formava em minha garganta.

Sério? Ele realmente achava que eu não viria?

— Parabéns, Pai. — Falei suavemente, ignorando seu comentário.

— Eu posso te dar um abraço? — Perguntou e o nó em minha garganta só aumentou.

— Pai... — Comecei, mas ele me cortou.

— Por favor. É o único presente de aniversário que eu queria hoje. — Admitiu e foi nítida a forma como sua voz ficou mais grossa pela emoção.

Eu não pude negar. Na verdade a menina do papai que habitava em mim também queria isso. Queria muito. E mesmo morando longe por tantos anos e com todas as confusões que eu me meti, nós nunca deixamos de nos falar um dia sequer. Então eu rapidamente me vi em seus braços e as lágrimas que há alguns dias eu não derramava, acharam convenientes de serem derramadas agora. Eu não me importei onde estávamos, porque eu acho que eu de certa forma precisava disso. Tentei controlar ainda mais o choro quando ele sussurrou em meu ouvido:

— Filha, você não sabe o quanto está me matando saber que nós te machucamos. Se eu pudesse garantir que você não derrubasse uma lágrima sequer, tenha certeza que eu faria. Mas como uma mulher apaixonada, tente entender o nosso lado. Como diz aquela famosa frase: “O amor tem razões que a própria razão desconhece”. Eu sei que você entende, só preciso que você perdoe-nos pela nossa omissão. — Pediu e eu assenti, antes de me afastar.

Meu Deus! Eu precisava ficar um pouco sozinha.

— Acho que preciso ir ao banheiro, retocar minha maquiagem. — Afirmei, enxugando discretamente as lágrimas que eu derramei, com o lenço que Théo me estendeu.

— Você quer companhia? — Lou perguntou sem jeito e eu realmente olhei para ela.

Vi que ela também estava emocionada e enxugava através da máscara as próprias lágrimas com o lenço que provavelmente meu pai havia lhe dado. Novamente perceber que meu pai cuidava dela, exatamente da mesma forma que Théo cuidava de mim, fez-me sentir um pouco abalada. Eu não sabia se era uma hora boa para

conversarmos, mas em respeito a tudo que Lourdes representava na minha vida como amiga, irmã e agora representaria para minha família, eu concordei com um leve aceno. Ela ficou nitidamente aliviada com meu aceite, pois me deu um sorriso singelo.

— Tudo bem? — Meu namorado protetor mais uma vez veio ao meu socorro. E eu novamente acenei, sem querer falar nada agora. Ele segurou meu queixo e disse: — Eu estou aqui, ok? — Afirmou olhando em meus olhos e eu sorri.

Eu sabia que ele estaria e sempre cuidaria de mim.

Capítulo 30

Steph

Enquanto andávamos em silêncio em direção à sala íntima que era mantida para família real, eu e Lourdes acenávamos discretamente para algumas pessoas que nos cumprimentavam durante o caminho. Eu não sabia se era uma boa ideia fazermos isso agora, mas algo me dizia que precisávamos fazer isso, caso contrário a noite seria mais do que tensa. Felizmente as pessoas ao nosso redor pareciam alheias ao que se passava entre nós. Eu tentei não demonstrar o quanto eu estava me sentindo meio abalada por esse confronto, mas me senti um pouco mais confortável por saber que eu não era a única que me sentia dessa maneira. Lourdes também não estava bem, eu a conhecia. Isso tudo só mexia ainda mais comigo.

Quando a porta se fechou atrás de nós, eu encarei o ambiente ao meu redor, tentando me distrair um pouco da tensão que nos rodeava. A sala tinha uma belíssima e

confortável *chaise longue* dourada, com estofado de camurça vermelha, que combinava com o conjunto de estofados do mesmo material. Uma penteadeira e uma banqueta do mesmo estilo dos móveis, continha alguns cosméticos. Um bar e um frigobar ricamente abastecido. E uma porta nos levava para um lavabo espaçoso. O espaço era acolhedor e confortável, o lugar ideal para fugir de um evento estressante da realeza.

Depois do que me pareceram horas sem dizer nada, me senti mais incomodada com a situação, pois nunca em tantos anos de amizade, eu e Lourdes ficamos dessa maneira. Ainda em silêncio, nos sentamos cada uma em um sofá e continuamos sem falar nada. Foi inevitável não pensar em tudo que passamos juntas. Lembrar desde os tempos em que nós brincávamos de boneca aqui no castelo, aos tempos em que nós fugíamos do internato na Suíça, para ir para balada. Vivemos muito para chegarmos até aqui. E agora ficarmos assim me parece tão fora de lugar.

— Eu tinha quatorze anos quando descobri que era apaixonada por Edward. — Ela começou, com a voz

parecendo cansada, me fazendo olhar para ela. — Eu sempre o admirei como homem, como governante e achei que talvez não passasse de uma paixão de adolescente, mas estava enganada. Acredito que seu pai percebeu que o que eu sentia por ele era muito mais do que admiração, respeito e gratidão, pois ele logo tratou de me enviar para Suíça. Juro que eu tentei esquecê-lo. Tentei arrancar de mim o que eu sentia por ele, nunca fui santa e você sabe muito bem disso. Mas teve um dia que chegou a hora de acabar com a vida desregrada que nós tínhamos e eu decidi voltar para casa, pois eu queria pensar no meu futuro. Não pensei duas vezes quanto a minha decisão.

— Você voltou por ele? — Consegui perguntar.

— Não. Eu voltei, porque eu sabia que de alguma forma se eu fosse com você para Nova Iorque, eu iria me perder. Não quero culpá-la por me influenciar. Sempre fiz tudo porque queria. Ainda assim nunca fui forte como você. Decidida. Determinada. Sempre fui fraca e omissa. Você sabe, desde pequena quando eu, você e Théo aprontávamos, eu recuava com medo de sobrar para mim. Afinal quem eu era? A filha da empregada apenas.

— Eu nunca te tratei dessa maneira. Você e Henriquetta sempre foram como uma família para mim. — Afirmei magoada por ela cogitar esse absurdo e ela limpou uma lágrima que escorria, acenando para mim.

— Eu sei, vocês sempre me trataram como se eu fosse parte de vocês. Como se fôssemos todos da mesma família. Mas entenda, eu era uma criança, Steph. Como você achava que eu me sentia? Eu era a filha da empregada, enquanto Théo é um nobre filho de político e você uma Princesa. Eu tinha medo que a corda arrebentasse para o meu lado quando as coisas complicavam. De certa forma acho que quando eu me toquei das besteiras que fazíamos quando adolescente, me senti da mesma maneira. Nós aprontávamos demais Steph. Eu não tenho imunidade diplomática como você e muito menos um pai poderoso para me livrar das minhas próprias enrascadas. Eu era apenas uma pessoa que teve a oportunidade de ter os melhores estudos por causa da bondade do seu pai. Continuar como estávamos não iria me levar para lugar nenhum. Eu tinha que trilhar meu futuro e só tinha uma oportunidade para isso. Além da

saudade descomunal que eu sentia da minha mãe, foi exatamente por esse motivo que resolvi voltar para Campavia. — Explicou.

Eu nunca soube que ela se sentia assim e de certa forma agora me sinto culpada. Todos sabem como sempre fui inconsequente e mesmo que eu nunca tenha obrigado ela a fazer nada, eu a influenciava de qualquer maneira.

— Mas e você e meu pai? Envolveram-se desde essa época? — Perguntei, limpando minhas próprias lágrimas.

— Não. Jamais. Apesar de meu sentimento por ele não ter mudado, aliás, ter apenas aumentado com o tempo, por mais difícil que fosse eu me concentrei apenas nos meus estudos e foquei em buscar o melhor para o meu futuro. Quando seu pai me chamou para ser Assessora da Família Real, juro que por um instante eu recuei, mas aonde no mundo eu conseguiria melhor emprego do que esse? E ainda por cima sem sair do lado da minha mãe? — Perguntou retoricamente. — Seu pai nunca havia me olhado de maneira diferente. Tratávamos-nos de maneira profissional. Mas do ano passado para cá, acabei percebendo que ele começou a me olhar de forma

diferente. Eu não sabia o porquê, talvez ele apenas admirasse meu esforço profissional. Não sei. Eu tinha meus pés no chão e procurava não me agarrar a nenhum fio de esperança. Ainda que ele me olhasse diferente, nada mudou entre nós.

— E quando isso mudou? — Perguntei enfim.

— No dia seguinte a sua chegada. Na noite do jantar para falar a verdade. Após a refeição, eu fui até o escritório do seu pai arrumar algumas coisas e acabei deixando cair algo embaixo da sua mesa. Abaixei-me para pegar e foi nessa hora que seu pai e o Primeiro-Ministro entraram no escritório. Eles não notaram minha presença e eu também fiquei sem graça de levantar e avisar que eu estava ali. Na verdade nem consegui me mexer. Sei que foi errado, mas eu acabei escutando uma conversa. — Confidenciou com o cenho franzido.

— Que conversa? — Mais uma vez minha curiosidade falou mais alto e ela deu um suspiro descontente.

— Edward estava falando com Alano sobre ele e Lauren. Apesar de saber que seu pai tinha lá seus casinhos, foi um baque o ouvir falar sobre isso. Acabei

chorando em silêncio e depois dele trocar algumas palavras a mais com o Primeiro-Ministro, eles saíram. Quando eu enfim levantei, dei de cara com seu pai. Ele perguntou o que eu tinha escutado e eu disse que apenas o suficiente para entender que eu era idiota. Saí dali e fui para meu quarto. Estava cansada de me sentir dessa maneira por ele. Chorei tudo o que podia enquanto tomava meu banho e quando estava prestes a me deitar, seu pai entrou...

Argh!

— Por favor, poupe-me dos detalhes. Eu não preciso de uma imagem mental sobre isso. — Comentei, fazendo uma careta.

— Desculpe. — Disse sem graça.

— Apenas continue. — Pedi e ela soltou outro longo suspiro.

— Você conhece essa parte da história. Eu acordei com um bilhete dele e fim. — Concordei. — Eu fiquei mal. Porque se antes já era difícil para administrar o que eu sentia por ele, depois que ficamos juntos e ele me deixou daquele jeito, foi mil vezes pior. Tentei agir da melhor

maneira possível, pensei até em procurar outro emprego, não sabia o que fazer. Você me conhece e viu como eu estava. Não estava sendo fácil para mim.

— E por que você não me contou quando eu te perguntei? — indaguei me sentindo magoada.

— Stephanie, o que você achou que eu poderia fazer? Chegar simplesmente e te dizer que eu era apaixonada pelo seu pai? Como você reagiria? — Sua voz subindo um tom, enquanto chora.

— Eu não sei, tá legal? Ficaria surpresa, é claro! Mas com certeza minha reação seria melhor do que a que eu tive quando vi vocês dois ali naquele escritório. — O sarcasmo e a mágoa escorrendo em minha voz.

— O que você queria que eu fizesse? Também não queria que mesmo que você me entendesse, ficasse chateada com seu pai. Eu estava me sentindo arrasada como nunca me senti antes em minha vida. Meu coração aos pedaços. Sentindo-me abandonada. Desiludida. Eu não tinha mais esperanças de que ele voltasse atrás no que disse. Para mim eu tinha perdido ele ali. Mesmo que na verdade ele nunca tenha sido realmente meu. Mas então

apareceu Victor e...

— Eu sei. — Afirmei, sem desviar meu olhar do seu chocado.

— O que-que... Você sabe? — Gaguejou.

— Que você e Victor na verdade nunca tiveram nada. E tudo não passou de uma encenação? Sim, eu sei de tudo.

— Informei com convicção.

— Victor te contou, né? — Indagou-me, com seu olhar ainda mais envergonhado e eu confirmei. — Eu realmente fui me desculpar pela cena lamentável que ele presenciou e agradecer por ter me ajudado, mesmo tendo dito tudo que eu disse, como eu havia te dito. Nós sentamos para conversar e ele me contou que em meu estado alcoólico eu havia lhe confidenciado tudo sobre meu amor pelo seu pai. Victor tinha certeza que Edward realmente sentia algo por mim, mas tinha medo. Ele me aconselhou a lutar pelo que eu queria para mim. Foi realmente um amigo. Eu não sabia se Edward realmente sentia algo por mim. Ainda mais depois do que ele havia feito comigo. — Deu de ombros. — Victor estava com problemas com a mãe, que queria que ele arranjasse uma namorada, lhe cobrando

isso o tempo todo. Então foi aí que ele me propôs que fingíssemos que estávamos juntos e uníssemos o útil ao agradável. Tanto para sua mãe largar do seu pé, como para tentar ver a reação de seu pai. — Confidenciou-me.

— E a gravidez? — Perguntei engolindo em seco. Esse era um ponto que ainda me deixava ainda mais abalada nessa história toda.

— Juro por tudo que é mais sagrado que eu não planejei nada disso. Tudo foi tão... Intenso... naquela noite, que acho que nenhum de nós dois pensamos direito. Camisinha nem passou pela nossa cabeça. — Disse envergonhada. — Você sabe o quanto eu me sentia mal com remédios, há anos não usava anticoncepcional. Sei que foi além de irresponsável da minha parte. Ainda assim, eu na minha inocência jamais imaginei que aconteceria algo do tipo. — Confessou.

— E como você...

— Como eu descobri? — Concordei. — No dia do passeio, eu passei realmente mal. Cheguei a achar que era porque eu, Igor, Bella e Victor havíamos andado durante muito tempo atrás de vocês. E também teve todo o Sol que

tomamos durante o dia. Mas quando eu cheguei em casa, ainda estava mal. Colocando tudo para fora. Enjoada. Foi então que eu me toquei que minha menstruação não havia descido. Resolvi tirar a prova. No dia seguinte acordei cedinho e fui fazer o exame.

— E então meu pai foi atrás de você? — Perguntei.

— Sim. Nem consegui sair do laboratório esperando o exame. Eu estava nervosa demais. Mas quando eu peguei o resultado, me desesperei. Indaguei a Deus e a todos os santos do por que aquilo estava acontecendo comigo. Perguntava-me o que faria. Cogitei inclusive usar o dinheiro que eu tinha de reserva para ir embora. Criar meu filho sozinha. Sei lá... Fiquei completamente perdida. Foi aí que seu pai apareceu. Nós conversamos. Tivemos a conversa que não tínhamos tido nesse mês que passou. Fomos sinceros um com o outro. Nos entendemos. E enfim, você sabe — concluiu chorosa.

Eu ainda estava muito confusa com tudo. Sei que eu tinha tido praticamente uma semana para pensar, mas ainda assim as coisas não são tão fáceis de assimilar. Era muita novidade ao mesmo tempo. Não é apenas aceitar

que meu pai e minha melhor amiga vão se casar e ter um filho. Era tentar enxergar que apesar deles terem mentido para mim, eles se amam e o amor deles está acima de qualquer preconceito, não apenas meu, mas da sociedade como o todo. Eu só precisava de tempo para me acostumar com isso. Aceitar suas escolhas.

— Hoje, eu peço perdão a Deus e ao filho que carrego em meu ventre, por ter desejado que eu não estivesse grávida. Foi tudo um choque para mim. Eu já estava realmente no ponto de desistir do meu plano com Victor. Pois apesar de estar fugindo do seu pai, para mim era apenas orgulho ferido por eu tecnicamente estar com outro. Que eu não seria mais nada do que mais uma em sua cama. — Explicou.

— Eu nem sei o que dizer. — Confessei, ainda em lágrimas.

— Steph. — sua voz chorosa. — Eu nunca quis mentir para você. Sei que chega a ser ridículo dizer isso, sendo que eu tive tantas oportunidades para lhe contar, mas é verdade. Você não imagina o quanto eu queria te contar. Falar toda verdade. Te contar como eu me sentia. Como eu

sofria por amar o proibido. Mas eu tinha medo. Tinha medo de ser julgada. Medo que você esfregasse isso na minha cara. Como eu podia simplesmente lhe contar que eu amava seu pai? — Ela limpou as lágrimas que derramava.

— Como eu te disse, eu ficaria assustada, sim. Mas jamais te julgaria. Não sou nenhum exemplo de perfeição. Muito menos estou em posição de julgar alguém com um histórico como o meu. Sempre fui absurda mesmo. Mas você é minha amiga. Minha irmã. Por mais que fosse difícil ouvir você dizendo que era apaixonada pelo meu pai, eu tentaria te entender. Ninguém manda no coração. Eu sei disso. Eu também já lutei contra ele, mas assim como você não pude mais fugir. Ainda assim eu quero que você me entenda. Que se coloque em meu lugar. Eu tenho todos os defeitos do mundo, apronto horrores, sou na maioria das vezes inconsequente e irresponsável, mas eu sempre fui sincera, honesta com você. Eu poderia estar mentindo, encobrindo as besteiras que fazia para meu pai, para o mundo todo, mas com você sempre fui um livro aberto. Sempre. O amor e a amizade são uma via de mão

dupla. Eu obviamente esperava o mesmo de você. Senti-me traída sim. Pelos dois. O que mais me magoou em tudo isso, não foi o fato de meu pai estar se relacionando com minha melhor amiga, que é vinte anos mais nova do que ele, isso para mim é o de menos e sim que vocês não foram sinceros comigo. Principalmente você. — Externei tudo que eu sentia, fazendo-a chorar mais ainda.

— Eu sei. Eu assumo meus erros, eu não fui uma boa amiga. Menti para você. Poderia sim ter sido sincera, ter evitado tudo isso. Mas como sempre, me senti aquela menininha acuada. Fraca. Se ponha no meu lugar também. Eu tenho noção da sorte que eu e minha mãe temos por termos sido acolhidas por vocês, como se fôssemos da família. Ainda assim, sempre tive poucas coisas boas na vida. Você tem esse seu jeito, às vezes sem juízo, inconsequente, mas é uma das melhores coisas que a vida me deu, Steph. Eu tinha medo de perder sua amizade. Tinha medo de perder você. — E foi aí que eu me levantei e fui até ela, buscando o abraço da minha melhor amiga.

“Oh, você é tão sortuda, você é uma Princesa, vive num castelo sendo servida o tempo todo.” Ledo engano!

Eu tive sim muita coisa sendo Princesa, mas também deixei de ter muitas outras. Eu não tive minha mãe ao meu lado. Não tive a chance de ir à escola e viver como todas as crianças. Não tive as mesmas oportunidades e experiências que as meninas na minha idade tiveram na adolescência. Vivi minha vida basicamente escondida atrás dos muros desse castelo, depois dos muros do internato e também por trás de quem eu era em Nova Iorque, que foi aonde fui ao meu extremo. Mas hoje sei quem sou e principalmente por causa de quem sou assim. Valorizo quem esteve sempre ao meu lado. E isso se dá pelas pessoas que eu tenho a sorte de ter em minha vida.

Assim como ela disse, eu também me sinto da mesma forma: ela é uma das melhores coisas que a vida me deu. Meu pai e Lourdes são duas das pessoas mais importantes da minha vida. Sempre quis e sempre vou querer o melhor para eles. Eles merecem serem felizes, independentemente de qualquer coisa. Independentemente do que julgamos ser o melhor para eles. Independentemente de suas escolhas. A escolha é e sempre será deles. E se essa felicidade significa que os dois tenham que ficar juntos, quem sou eu

para julgar? Quem sou eu para achar ruim?

Eu entendia. Acho que desde que descobri toda a verdade entendi. Mas a surpresa pela descoberta, a mágoa pela mentira e omissão, o complexo de traição, o choque com tanta novidade, fez com que eu não quisesse enxergar que no fundo eu aceitava. Que os perdoava. Entendia. Eu precisei me afastar. Dar um tempo para acalmar meus nervos. E principalmente precisava dessa conversa agora.

Mesmo que eu não admita em voz alta e nem para mim mesma, eu sempre quis ter uma família. Agora, mesmo que tardio eu terei um irmão ou uma irmã. O que posso fazer além de agradecer a Deus por isso estar acontecendo? Mesmo magoada, já amei esse bebê assim que soube. Desejei sempre que meu pai tivesse uma esposa para cuidar e amá-lo como ele sempre mereceu. Ninguém é feliz sozinho. E agora só nos resta aceitar que independentemente de qualquer coisa, Deus sabe o que faz.

— Você me perdoa, Steph? — Pergunta, ainda chorando em meus braços e eu prendo a respiração.

— Eu... Eu... Eu só preciso de um tempo. — Afirmei,

me afastando um pouco.

Era verdade. Eu ainda estava magoada apesar de tudo. Uma coisa é aceitar, outra completamente diferente é perdoar e seguir em frente como se nada tivesse acontecido. Eu não estava lá ainda.

— Eu sei. Eu te entendo. Mas volta para casa. Você não tem noção do quanto seu pai está mal por você não estar aqui. Minha mãe também está sofrendo tanto com sua ausência. — Pede e eu suspiro.

— Pensei em alugar um apartamento para mim. Não sei. — Confessei.

— Não faz isso. Você passou tantos anos morando longe, seu pai vai ficar arrasado caso isso aconteça. Pensa bem. Por favor. — Suplicou.

Merda! Pior que é verdade! Independentemente do que houve, eu não sei se estou preparada para sair do castelo!

— Ok. Você tem razão. Eu vou voltar. Só que... Ainda preciso de um tempo.

Era verdade. Eu ainda tinha que dar um tempo para mim. Dar um tempo para colocar minha cabeça no lugar,

antes de encarar de frente as mudanças que teríamos pela frente. Estou mais do que ciente de que o mundo não gira ao meu redor. Que todos têm a chance de errar. Mas existem os dois lados e acho que ainda estou no meu direito de sentir como me senti e ainda estou me sentindo. Eles realmente me machucaram pelas mentiras e omissões. Por me esconderem uma coisa tão importante assim. Além do mais, ainda tem um irmão, vulgo “Surpresa”, vindo aí.

Tudo explodiu na minha cara e não pode ser apenas *“Foda-se! Está tudo lindo e maravilhoso!”* Não posso apenas fechar os olhos e voltar para casa. Não é fácil para mim. Não seria fácil para quem quer que fosse assimilar uma história dessas. Apesar de eu querer perdoar logo de cara, é um sentimento que nós não controlamos. Mas isso não quer dizer que vou deixar de ter contato com Lourdes ou até com meu pai. Tudo a seu tempo. E eu acho que ainda estou no meu.



Ficamos conversando mais um pouco e eu agradeci aos

céus por ter maquiagem para retocar a minha que estava pra lá de borrada. Estávamos saindo da sala, quando demos de cara com as três pessoas que definitivamente seriam as últimas que eu queria ver nesse momento. Lourdes ficou visivelmente tensa ao meu lado ao avistar quem nos encarava.

Paciência, Senhor! Porque se tu me deres forças, eu enforco essa família de Ruivas dos Infernos!

— Olá, Lourdes. Olá, Princesa — Eva nos cumprimentou com sua voz irritante e a cara deslavada. Como diva que sou, eu sorri falsamente para Eva, Lauren e Laís.

Afinal, de putas e loucas todas nós temos um pouco!

— Olá, vadias! — cumprimentei de volta.

Tinha que confessar que elas estavam bonitas e elegantes com seus vestidos longos de grife. Mas do que adianta a beleza exterior, quando a pessoa não presta? A beleza da pessoa some quando você percebe que a personalidade é um lixo. As três me encaram com ódio mais do que expressivo em seus rostos. Sabe aquelas mulheres que te encaram tanto, que você não sabe se elas

te odeiam ou estão impressionadas com tanta beleza? Ou ambos. Então, é exatamente assim que elas me olham agora. Não posso culpá-las. Sou linda, gostosa, poderosa e causo inveja por onde passo. Só lamento por elas. Sei que sou meio arrogante, mas bem, não vou mentir que acho que foi exatamente essa a minha intenção.

— Você não acha que teria algo a me falar depois do que você me fez naquele maldito passeio? — Eva pergunta e eu faço cara de desentendida.

— Cuidado? — Ironizei, fazendo Lourdes rir ao meu lado.

— Você acha mesmo que vai ficar com ele? — Eva voltou a perguntar com um sorriso irônico.

— Acho não. Tenho certeza. Afinal quem dorme todas as noites na cama dele e principalmente o ouve confessar seu amor, sou eu. Ele já te esqueceu, sua mocréia, se é que existia algo para que ele esquecesse. E você aí achando que é orgulho. Se oriente. Você nem precisa de academia de tanto que corre atrás do meu macho. Mas não tem problema. Se você precisa de outro aviso, você sabe que eu não hesitarei em lhe dar. Mas não tenha tanta certeza

que da próxima vez você estará no raso para se salvar. — Ameacei, fazendo Lou gargalhar.

— Quer dizer que você realmente conseguiu fisgar o Rei, né, sua songa monga? Na certa deu o antigo golpe da barriga e agora o Rei está se comprometendo por causa do bastardinho! — Lauren falou diretamente para Lou e eu ignorei Eva.

Que puta! Será que ela não aprendeu que não deve mexer com ninguém da minha família?

Olhei para Lourdes ao meu lado, que nesse momento estava meio verde. Tive medo que ela passasse mal. Não queria que ela se estressasse. Isso definitivamente não seria bom para o bebê. Mas eu não deixaria isso barato, não mesmo. Se anteriormente eu não deixei que ela humilhasse Lou, agora mesmo que eu não deixaria.

— Meça sua cara de piranha antes de vim falar qualquer coisa! Não precisa ser gênio da matemática pra descobrir que a vida do meu pai e da minha família não é da sua conta. Eu achei que tinha deixado bem claro isso para você no nosso último encontro. É um saco quando você manda uma indireta bem direta e a pessoa não é

inteligente o suficiente para entender o que lhe foi dito. Mas como a alma bondosa que sou, vou desenhar para você: Puta não tem vez! Meu pai nunca perderia mais do que o tempo de uma foda com você. Inclusive eu não duvido que ele tenha se arrependido de ter ido para cama com seu tipinho. Afinal puta é sempre puta! Ao contrário de muitas, Lourdes teve a competência de despertar outros sentimentos em meu pai, além do tesão. Se contente com isso ou morra engasgada com sua inveja e seu veneno. Admito que sua morte só faria um bem para sociedade. — Respondi petulante e vi a mãe de Eva impedindo-a de avançar até mim.

Meu Deus! Eu mereço! Uma bebida, por favor! Pois já vi que preciso de álcool para continuar nesse circo! Será que toda festa será assim?

— Você é louca! — Lauren afirmou irritada.

— Me conte uma novidade, querida. Isso eu sei e todo mundo sabe. E quem não sabe, deveria aceitar logo isso de vez, porque eu não me importo de dar uma de louca quando preciso.

— Mas é uma louca recalcada! — Eva voltou a dizer.

— Qual o nome daquela doença que faz com que acreditem que sua crítica é recalque? — Perguntei a Lou retoricamente e virei para Eva. — Ah claro! Falta de senso. Se toca, Eva. Que até meus cílios estão maior que a sua moral! — Rebati, fazendo Lourdes rir baixinho.

— Théo e você nunca darão certo. Ele vai cansar de você! — Ela continuou e eu ri de tão ridícula que ela era.

— Eva, entenda uma coisa definitivamente: Eu me preocupo mais com a minha vontade de espirrar quando estou passando meu rímel, do que com sua opinião. O que eu disse para sua tia serve para você também. — Falei sem hesitar.

— Você não perde por esperar. — Ameaçou e eu sorri.
Deus do céu! Como ela era ridícula!

— Sabe, não gosto de esperar, mas espero sinceramente que você se foda! — Me virei para as três e continuei. — Se a vadia filha, a vadia tia e a vadia mãe me derem licença, já perdi demais meu precioso tempo com vocês. Sério, cansei de vocês! Estão cansando a minha beleza e eu acho desnecessário dividir oxigênio com algumas pessoas. — Avisei, dando um passo para

frente.

— Como ousa me chamar de vadia? — A mãe de Eva se irrita, se pondo a minha frente.

Não sei se a Laís Carrara tinha tomado muitas taças de champanhe, ou se ela é assim mesmo. Independentemente disso, eu era uma profissional em detectar merdas, eu conheço pessoas sem escrúpulos quando vejo uma. Esse era um dos meus talentos escondidos. Mas também não interessa, a última coisa que eu queria nesse momento, era perder meu tempo com essa família de *Ruivas dos Infernos*.

— Querida, com a criação que você deu a sua filha, não duvido nada sobre seu caráter. — Rebato a olhando com desdém.

— Você se acha muito esperta não é, Princesa? — Pergunta bufando de raiva.

— Eu não me acho. Eu sou. — Afirmei com convicção.

— Acho bom você tomar cuidado para não cair do cavalo. Sou uma mulher importante na sociedade. Você não vai querer mexer comigo e nem com a minha família. — Me ameaça e eu começo a rir.

Oh Deus! Vamos dar risada para não dar tiro!

É muito audácia e autoconfiança. Essa mulher definitivamente não me conhece e não sabe onde está metendo as patinhas.

— Nossa! Que medo! Quem era Osama Bin Laden perto de você, hein? — provoqueei-a. — Acho bom você procurar o seu lugar e não vir me provocar, porque eu que lhes digo: Tomem cuidado comigo, porque de besta e inocente, eu não tenho é nada! — aviso-as com meu tom cortante e quando elas vão retrucar, escuto uma voz grossa perguntar:

— Mas o que está acontecendo aqui?

Viro meu olhar para a voz e vejo um homem que parece ter menos de cinquenta anos, cabelos loiros escuros, levemente grisalhos, com os olhos fortemente azuis. Ele usa um conjunto de smoking completamente negro, desde a camisa à gravata. Apesar da aparência elegante, arrogante e fria, ele é realmente bonito. Não demoro dois segundos para juntar os pontos e sei que se trata do pai de Eva. Seus olhos gélidos me estudam atentamente e eu não sei se gosto dessa sua atenção dirigida a mim. Na verdade, não

sei se gosto dele.

— Eu estava aqui quietinha, sendo linda sozinha, quando essas três chegaram até mim. Mas não se preocupe, estava apenas colocando os pingos nos “is”. Não tenho mais nada a dizer. E muito menos, tempo a perder. — Afirmei com uma falsa calma.

De repente, Théo se materializou ao meu lado, como se fosse capaz de farejar sempre que Eva vinha me provocar. Ele deu-me um olhar penetrante, perguntando com apenas um olhar se estava tudo bem comigo. Apenas sorri e lhe dei uma piscadinha, mostrando para ele que não precisava se preocupar.

— Algum problema aqui? — Perguntou de forma firme, olhando na direção dos *Carrara* que eu não gostava.

— Não, Theodore. Já estamos de saída. — Evan se virou para as vadias. — Vamos as três. — Ele ordenou, sem deixar brecha para contestação.

As três não contestaram, muito pelo contrário, obedeceram, abaixando suas cabeças para o que lhes foi ordenado, como três cachorrinhas que eu tive mais do que

certeza que elas eram. Evan definitivamente era a voz de comando dessa família e elas certamente faziam o que ele mandava sem se oporem. Ele acenou friamente para nós e sem dizer uma palavra virou-se, indo embora. Ao contrário das outras que seguiram seu caminho com os rabinhos entre as pernas, Eva deu três passos para frente e se virou para meu namorado dizendo:

— Você ainda vai se arrepender do que está fazendo, Théo. — Falou com amargura.

— Já me arrependi de muitas coisas que fiz na minha vida, Eva. Mas certamente não me arrependo e muito menos me arrependerei de fazer as melhores escolhas para mim. — Disse sincero, puxando-me pela cintura.

— Não, Théo. Um dia, você vai me olhar e falar: Olha o que eu perdi!

Oh coitada!

— Aí que você se engana, Eva. Eu vou te olhar e falar: Olha o que eu me livre! — Rebateu sem dó e nem piedade.

Putá merda! Engole essa lambisgoia ruiva!

O sorriso bobo no meu rosto era inevitável. Não posso

nem dizer o quanto eu me senti orgulhosa por sua resposta. Eu a vi engolir em seco e segurar as lágrimas que se formaram em seus olhos verdes. Por um segundo senti pena por ela, mas durou só um segundo mesmo. Minha cota de compaixão acabou no momento em que eu me lembrei de o que ela já fez. A mentira sobre a “traição” de Théo. Suas provocações e etc.

— Está tudo bem? — Théo perguntou, quando a ruiva sumiu de nossas vistas.

— Está sim. — Virei-me para Lou. — E você, Lou? Está sentindo alguma coisa? — Perguntei preocupada.

— Não. Está tudo bem. Obrigada por vir em minha defesa. Eu não sei se mereci o que você fez. — Agradeceu sem jeito.

— Não diga besteiras. Independentemente da forma como as coisas aconteceram, eu jamais permitiria que alguém, quem quer que fosse, falasse com você desta maneira. Jamais deixaria que lhe chamassem de golpista e chamasse meu irmão de bastardo. — Falei, irritada ao me lembrar das palavras de Lauren.

— Elas disseram o que? — Théo perguntou chocado.

— A vadia da Lauren disse que para Lou estar com meu pai, ela provavelmente deu o antigo golpe da barriga e agora ele provavelmente só estava com ela por causa do “bastardinho”. — Lhe contei, fervendo de ódio e Lou engoliu em seco.

— Mas é uma vadia mesmo! Quando o Rei souber de uma coisa dessas, ele...

— Não, não. — Lou lhe interrompeu. — Não digam nada a Edward. Ele já tem problemas suficientes para lidar, para agora ter que se preocupar com o que me dizem. Além do mais, ela não vai ser a primeira e nem muito menos a última a dizer isso. A maioria das pessoas vai achar que eu fiz exatamente isso. — Afirmou, sua voz derrotada.

Merda! O pior é que ela tem razão!

A sociedade é hipócrita e preconceituosa, infelizmente vai pensar exatamente assim. Não apenas se tratando da diferença de idade entre eles, mas principalmente pelo fato de meu pai ser um homem importante. Com certeza vão dizer que ela está com ele por interesse e que deu o golpe do baú para subir na vida. Lamentável.

— Você não tem que dar ouvidos a essas pessoas hipócritas. O importante é que vocês se amam e esse bebê que você carrega também será muito amado. Isso basta. — Afirmiei com convicção.

Lou me olhou emocionada por minhas palavras. Mas eu não disse nada que não seja verdade. Não importa o que pensem, o que digam ou até o fato de eu ainda estar magoada apesar de tudo, nós conhecemos a índole de Lourdes Maria, e eu tenho mais do que certeza que meu pai amará seu filho. E eu amarei também. Afinal é meu irmão ou irmã que vem ao mundo. E mesmo que não fosse, que fosse o filho de Lourdes com outro homem, eu o amaria de qualquer maneira, porque seria uma parte dela.

— Obrigada. — sussurrou, limpando suas lágrimas e eu assenti. — Eu acho melhor eu ir, daqui a pouco seu pai fica preocupado. — Sorrimos uma para outra.

Assim que Lourdes desceu as escadas, nos deixando por ali sozinhos, Théo se virou para mim e levantou meu queixo para olhar diretamente em meus olhos.

— Você tem certeza de que está bem? Elas disseram mais alguma coisa? — Perguntou preocupado.

— Nada que o valha. Mas você me conhece. Eu não levo desaforo para casa. — Me gabei e ele soltou uma gargalhada gostosa.

— E como sei! Mas sua língua afiada e sua petulância não são o bastante para que eu desista de você. Muito pelo contrário, isso só me deixa mais louco por você, Princesa. — Afirmou me fazendo sorrir, antes de me puxar para os seus braços e capturar meus lábios com os dele.

Nos beijamos intensamente, enquanto ele me aperta ainda mais em seu corpo, deslizando suas mãos pelos meus ombros, até parar em meus quadris, onde ele agarra com gosto, forçando sua ereção em mim. Meu coração estava batendo a mil por hora. Querendo. Precisando de mais dele. Eu me perguntava se seria sempre assim, cheio de tanta paixão. Porque a impressão que eu tenho, é que as coisas entre nós tornam-se cada vez mais intensas. Parecemos esquecer onde estamos e a minha vontade é empurrá-lo para dentro, para darmos uma rapidinha. Mas nos conhecendo como eu conheço, uma rapidinha nunca é o suficiente para nós. Então me afasto a contra gosto. Enquanto recuperamos o fôlego, Théo morde meu queixo,

antes de beijar a ponta do meu nariz.

— Temos que voltar para festa, amor. — Falou relutante e eu suspirei, quando ele me apertou em seus braços.

— Eu sei. Não vejo a hora de esta festa acabar. O que faremos mais tarde? — perguntei, ajeitando sua gravata borboleta, enquanto ele ainda mantinha seus braços em minha cintura.

— Quero ficar na cama com você em meus braços, depois de amá-la de todas as maneiras e te deixar moída de tanto gozar! — afirmou com um sorriso safado.

Nossa Senhora das Ninfomaniacas! Dei-me um sossega periquita, para eu não pular em cima do meu namorado!

Juro que a minha vontade é de pular em cima de Théo e estuprá-lo cada vez que ele me olha com essa carinha de safado. Mas estamos em público e eu não sou tão assim. Tudo bem, talvez eu seja só um pouco. Mordo meu lábio superior, mostrando para ele que é exatamente isso que eu quero e que estou esperando ansiosamente para que ele cumpra sua promessa.



Voltamos para a mesa a tempo de ver meu pai se dirigir para o palco, onde uma banda toca nesse momento. Fiquei feliz pelo prestativo garçom vir me socorrer e aproveito para pegar logo duas taças de champanhe. Afinal, já que não posso ficar mantendo minha boca na de Théo, preciso pensar em não deixar minha boca seca. A conversa no salão cessa assim que meu pai pega o microfone e todos os convidados viram sua atenção para ele.

— Boa noite senhores e senhoras! — Cumprimenta. — Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a presença de todos aqui. Comemorar um aniversário não é fácil, principalmente depois que passamos dos trinta. — Graceja, fazendo todos rirem. — Mas posso afirmar com convicção que estou feliz por estar comemorando meus 44 anos essa noite. A Princesa Steph, minha filha. — apontou para mim. — Sugeriu em outra ocasião que usássemos um evento para arrecadar dinheiro para as crianças que ela participa do voluntariado. Por esse exemplo, resolvi reverter os presentes que eu ganharia essa noite a essas mesmas crianças, então eu agradeço a todos que fizeram

suas doações a elas. — Uma salva de palmas ecoa no ambiente.

Oh Deus! Meu pai está falando sério?

Olho para Théo surpresa, ele apenas sorri e pisca para mim. *Claro que o danado sabia!* Emocionada, beijo seus lábios antes de voltar minha atenção para meu pai.

— Tenho muito que comemorar por ter chegado até aqui. Uma filha linda com um coração de ouro. Uma noiva maravilhosa, que me presenteou com outro filho que chegará em breve. — Os burburinhos são notáveis ao nosso redor, mas meu pai não parece se importar. — E também ótimos amigos. Mas nem tudo foram as mil maravilhas sempre. Afinal a vida é feita de erros e acertos. Mas também é feita de perdas e ganhos. E infelizmente eu perdi muito nessa vida.

Meu pai faz uma pausa e limpa a garganta, visivelmente emocionado. Eu imagino sobre o que ele falará e sei o quanto dói falar sobre isso. Théo enxuga as lágrimas que escorrem em meu rosto.

— Tive muitas perdas dolorosas, mas todos sabem que há muitos anos eu tive uma perda que não fui e nem nunca

serei capaz de superar. Meu irmão, meu melhor amigo, Andrew, perdeu a vida em um acidente de carro. A dor pela sua partida, jamais será reparada em nossa família. Andrew deixou um vazio grandioso não apenas nesse castelo, mas em todos que tiveram a chance de lhe conhecer. As saudades são grandes, ainda dói lembrar-me dele e saber que um menino apaixonado, cheio de vida pela frente, com um futuro repleto de sonhos e planos, morreu aos dezessete anos e não teve sequer a chance de ver o futuro lindo que lhe esperava. Esse fato me fez questionar tantas vezes se isso era justo. Se a vida era justa. — ele faz uma pausa e olha fixamente para nossa mesa, mas seu olhar não é para mim, nem para Lourdes. — Ele não pôde cumprir as promessas que ele fez para quem amava. Porque se tinha uma coisa que poderíamos dizer, é que apesar da sua pouca idade, Andrew era um homem íntegro, de palavra e de um coração sem tamanho. Foi querendo o melhor para os outros que aconteceu esse lamentável acidente. E eu, Edward, amadureci como eu preferia não ter amadurecido quando eu vi o último suspiro do meu irmão e prometi que mesmo em sua morte,

eu faria tudo que ele prometeu em vida e me pediu para fazer antes de descansar. — Ele faz outra pausa.

Eu estou em lágrimas, as pessoas ao nosso redor parecem surpresas quanto as declarações de meu pai, afinal ele é muito discreto em se tratando da família Real. Principalmente quando o assunto é a morte de meu tio. Mas muitas estão emocionadas com a profundidade do que ele fala. E seu discurso não parece ser apenas um desabafo. Não, parece que ele quer dizer alguma coisa e eu estou ainda mais nervosa sobre isso.

— Nem tudo é como queremos, eu sei. — Continuou. — Mas também sei que acontecimentos como esse, nos fazem mais fortes. Andrew me fez mais forte em vida, mas me fez muito mais forte em sua morte. Como disse um sábio uma vez: *“Só existem dois dias no ano que nada pode ser feito. Um se chama ontem e o outro se chama amanhã, portanto hoje é o dia certo para amar, acreditar, fazer e principalmente viver.”* E eu prometo diante dos meus amigos, da minha família e de todos vocês, que eu darei sempre o melhor de mim. Que o resto de vida que me é reservado, darei o meu melhor. Não

apenas como Rei, mas como pai, como marido e como amigo. Não irei passar por essa vida sem lutar. Aproveitem o jantar. Obrigado.

As palmas ecoam pelo salão, mas eu não tenho tempo para processar suas palavras e também não ouço o que Théo fala ao meu lado, porque a minha atenção está em duas pessoas que saem do salão apressadas: Sarah Caravaggio e Henriquetta. Eu não hesito em me levantar e segui-las, ignorando mais uma vez a voz de Théo, que chama meu nome. Algo me diz que eu sei do que se trata, mas ainda assim eu me recuso a somar dois mais dois sem que eu ouça da boca dela.

Eu não demoro a achá-las. A cena que eu vejo me faz paralisar. Henriqueta chora nos braços de Sarah, esta que também derruba lágrimas silenciosas, na tentativa de consolá-la. Meu coração doeu por ela.

— Por que ainda dói tanto? — Têta indagou aos soluços.

— Eu queria poder te dizer que isso vai deixar de doer um dia, mas infelizmente não posso mentir. Dói porque você o amava e ainda o ama, minha querida amiga.

Quando o amor é verdadeiro como era o de vocês, a saudade e a dor pela perda nunca acabam. Mas eu sei que onde quer que Andrew esteja, ele está olhando por você e sofre com sua ausência, como você sofre com a dele. — Consolou-a, me deixando em choque.

Oh meu Deus! Oh meu Deus!

— Foi isso mesmo que eu ouvi? Diga-me, Têta. Então era você a noiva de tio Andrew? — perguntei, sem conseguir me conter.

Capítulo 31

Steph

Antes, tudo que eu sabia era que meu tio Andrew era noivo de uma mulher por quem ele era completamente apaixonado, porém ele morreu em um acidente de carro ainda muito novo, com cerca de dezessete anos, antes mesmo de consumir o casamento. Depois eu e Théo achamos que ele era na verdade noivo da sua tia, pois ela estava com ele no acidente de carro, que segundo ele passou por um trauma no passado e por causa desse mesmo acidente está internada em uma clínica psiquiátrica. Quase uma novela mexicana.

Tudo bem que eram apenas suposições minhas e de Théo. Mas fazia sentido pensar que Alisson Caravaggio era a noiva dele, né? Afinal, ela estava no mesmo carro que ele quando aconteceu o acidente. Lembro-me que antes de nossas suspeitas sobre Alisson, cheguei a achar que sua verdadeira noiva não amava meu tio de verdade,

pois pensei que nunca tinha nos procurado. Agora eu simplesmente descubro que ela sempre esteve aqui ao nosso lado? Por que nunca me disseram que ela era a verdadeira noiva dele? Por que algo tão simples foi escondido de mim dessa maneira? Mil e uma coisas pairavam sobre minha cabeça. Meu cérebro fervilhava sobre toda essa história que parecia cada vez mais complexa.

Quanto mais nós ainda não sabíamos?

— Então, Têta. Estou esperando. — Falei, minha voz um pouco mais dura.

— Acho melhor deixar vocês sozinhas. — Minha sogra falou, levantando-se e sorriu preocupada para Têta, antes de vir até mim e dizer: — Sei que foi um baque para você descobrir, mas tente compreendê-la. Henriquetta sofreu e como você pode ver, ainda sofre pelo Andrew. — Disse simplesmente e se despediu.

— Senta aqui, minha menina. — Têta pediu, batendo ao lado de onde ela sentava no estofado e eu fiz isso.

Eu estava tensa. Não sei explicar muito bem o porquê, mas algo dentro de mim dizia que tudo que eu ouvisse

agora seria importante para mim.

— Como você sabe, minha mãe trabalhava na casa da sua avó, dona Agnes. Apesar das nossas diferenças sociais, cresci junto com Cibelle. Eu continuei a trabalhar lá mesmo após a morte de minha mãe, que morreu quando eu tinha quatorze anos. Apesar ter assumido algumas funções da casa, ainda assim, sua avó fazia questão que eu estudasse. Tanto que eu trabalhava apenas um turno em sua casa. Na época em que Cibelle foi para faculdade, conheci o Pai de Lourdes. Eu me apaixonei por ele e você sabe que mesmo com dezessete anos nós nos casamos. Eu estava deslumbrada. Saí da casa de sua avó e fui morar com ele. No início tudo foram flores. Mas como você sabe, só no início mesmo. Olavo saía quase todas as noites para beber e jogar. Muitas vezes ele nem voltava para casa. Pensei em largá-lo, porque eu tinha ciência que não precisava me sujeitar a isso. Cibelle havia casado com Edward há alguns meses. Mas ainda assim disse que eu não passaria por um divórcio sozinha, que eu poderia contar com ela e que eu teria um trabalho aqui no castelo. Quando pensei que eu estaria livre do casamento, me

enganei, me vi grávida daquele traste. Eu só não me arrependo de ter casado com ele, porque ele me deu Lourdes Maria. Porque se não, eu teria me arrependido desde o terceiro mês de casamento. — Relembra.

Sim. Olavo como pai já é horroroso, imagine como marido? Imagino o quanto Têta sofria.

— Continue — pedi, acariciando sua mão, que ela brincava em seu colo, visivelmente tentando controlar a tensão.

— Então ele apareceu. — Ela sorriu, apertando minha mão.

— Tio Andrew? — perguntei e ela assentiu.

— Sim. Um dia Cibelle foi até a minha casa, querendo me levar embora. Eu disse que não poderia ir, pois estava grávida e que no meu estado não poderia deixar meu marido. Que eu magoaria meu filho. Que separada eu tinha medo de fracassar como mãe. Foi nesse momento que ele entrou em minha casa e disse ainda da porta: “As únicas pessoas que nunca fracassam, são as que nunca tentam.” — Seus olhos brilharam com mais lágrimas, enquanto ela sorria emocionada com a lembrança, o que não foi

diferente de mim. — Sabe aquele momento em que tudo ao seu redor para? Que parece não existir mais ninguém ao seu redor? — Perguntou retoricamente e eu lembrei-me do meu Ogro. — Então. Foi exatamente assim que aconteceu com nós dois. — Relembra, fazendo-me sorrir ainda mais.

— Foi amor à primeira vista, então? — Perguntei.

— Sim. E eu sei que também foi recíproco. Andrew me olhou de uma forma que abalou todas as minhas estruturas. Aqueceu-me de uma forma que eu não achava ser possível. Nunca tinha sentido nada do que senti naquele momento em que ele me olhava daquela forma penetrante. Fazendo meu coração bater de forma descontrolada. — Sorri e eu acompanho. — Mesmo com seus dezesseis anos, ele era um garoto lindo e maduro para sua idade. Cabelos loiros um pouco compridos, olhos fortemente azuis e tinha um rosto perfeito e másculo, com um furinho no queixo que eu adorava. Ele era alto. Forte. Intimidador. Mas ainda assim você via que ele era um doce de pessoa. Extremamente simpático e brincalhão. Era um verdadeiro príncipe. — Elogia.

— Então vocês...

— Se você está querendo saber se começamos a nos relacionar nessa época, a resposta é não. — afirma. — Apesar da insistência de Cibelle e Drew, eu decidi que seria melhor continuar como estava. Eu pensei em contar a Olavo sobre a gravidez e ver se ele mudaria. O que sabemos que não aconteceu. — Suspira. — Durante toda a minha gravidez de Lourdes, Cibelle e Andrew iam me visitar com frequência. Eu fui ficando cada dia mais próxima e apaixonada por Drew. Não tinha como não se apaixonar pelo garoto maravilhoso, carinhoso e atencioso que ele era. Por algum tempo eu cheguei a achar que minha paixão era platônica, afinal, ele era um príncipe e poderia ter a garota que quisesse. Por que ele iria olhar para Gata Borracheira? Mas com o tempo Drew apesar de respeitador, se mostrava cada vez mais interessado em mim. Até que uma vez, eu estava nas últimas semanas de gravidez, ele não aguentou e disse que era apaixonado por mim.

— E como foi? — Pergunto curiosa e ela solta um longo suspiro.

— Lógico que meu coração se encheu de emoção por

saber que meu sentimento era recíproco, por saber que eu era amada por ele, mas eu também sabia que isso era errado. Eu ainda era casada. Estava grávida. Apesar de eu não ser muito mais velha, ele era um menino, tinha dezesseis anos apenas. Eu disse isso a ele, ele não ficou satisfeito. Ficou chateado, disse que maturidade não tinha nada a ver com a idade. Eu sabia que ele tinha razão, mas Andrew era um príncipe, Steph, eu não podia atrapalhar os planos de vida dele. Ele era tão inteligente. Altruísta. Tinha um enorme coração. Obviamente merecia algo melhor do que o que eu tinha para oferecer a ele. Então ele foi embora e disse que não podia mais ficar ao meu lado sem poder me ter em sua vida. Foi o segundo pior dia da minha vida. — Lamentou chorosa e eu acariciei seu rosto.

Ela nem precisa dizer qual foi o primeiro. Não havia dúvidas de que foi o dia em que ele se foi.

— Quando foi que vocês fizeram as pazes? — Indaguei.

— Na madrugada seguinte. — Riu e eu ri também, mesmo sem saber o porquê ela estava rindo.

— Não aguentaram ficar muito tempo longe, né? —

Brinquei.

— Na verdade, nessa mesma madrugada, digamos que tivemos uma forcinha. — voltou a rir.

— De quem?

— Maria. — Respondeu simplesmente.

— Maria sua vizinha? A que você colocou o nome em Lourdes em sua homenagem? — Perguntei confusa.

— Ela mesma. Não foi apenas por ter me ajudado a ir ao hospital que ela foi homenageada, mas porque ela além de ter me ajudado com isso, de certa forma também nos ajudou. Andrew pediu sem que eu soubesse, para que ela ficasse de olho e o avisasse caso acontecesse alguma coisa. Ela foi até minha casa, justamente porque ele pressentiu que alguma coisa estava acontecendo e não deu outra, minha bolsa tinha acabado de estourar. Enquanto entramos no carro do seu marido, ela ligou para Andrew e lhe contou o que estava acontecendo. — Sorriu ainda em lágrimas.

— Então Maria e Lourdes foram seus cupidos — graciei, para tentar aliviar a tensão.

— Sim. — Ela ri, concordando. — Andrew quase chega

primeiro que nós ao hospital, de tão desesperado que ficou quando soube que eu estava em trabalho de parto. Ele ficou tenso, preocupado comigo e Lourdes, mas não saiu do meu lado durante todo o parto e em momento algum enquanto permaneci internada. Foi um verdadeiro amor com nós duas. — Relembra, emocionada.

— Mas se vocês fizeram as pazes ali, por que então eu soube que você ainda voltou para casa? — indaguei.

— Porque eu voltei. — Limpa suas lágrimas. — Andrew não ficou nada contente, mas eu ainda estava casada e não podia simplesmente sumir de lá com uma filha recém-nascida. Olavo só apareceu dois dias depois do nascimento de Lourdes. Cibelle e Andrew ficaram possessos com a irresponsabilidade do meu então marido. Olavo tentou se redimir, mas eu estava convicta que não tínhamos mais volta. Afinal, além de tudo o que aconteceu, eu amava outro homem e mesmo que eu e Drew não tivéssemos tido nada ainda e nem sabia se teríamos, eu estava decidida a colocar um fim ao meu fracassado casamento. — Suspirou tristemente.

— E foi isso que a senhora fez, né, Têta? — Perguntei,

cada vez mais curiosa.

— Sim e não. — Disse, deixando-me confusa.

— Não?

— Na verdade, Andrew fez. — Ela riu. — Uns dois meses depois do nascimento de Lou, Olavo cansou de “brincar de casinha” e voltou para sua vida boemia de sempre. Como se tivesse sentido que eu estava sozinha, Drew pediu para Cibelle me ligar, para não correr o risco de Olavo atender ao telefone caso ele ligasse. Não deu nem dez minutos que desliguei, Andrew estava na minha porta. Abri a porta confusa e sem que eu esperasse, ele tascou um beijo cinematográfico em mim. Ali, na porta da minha casa, tivemos nosso primeiro beijo. Retribuí, mostrando todo o meu amor de volta. Foi o beijo que esperamos quase um ano para darmos. Quando nos separamos, eu estava sem ar e ele disse sem dar brecha para contestação: “Vim aqui para reivindicar o que é meu por direito. Arrume suas coisas e as de Lourdes, vim buscar vocês. A partir de agora vocês serão minha responsabilidade.” E assim foi. — Relembrou saudosa, voltando a chorar emocionada. Se eu estava, imagine ela.

*É. Meu tio pelo visto não brincava em serviço.
Príncipe Ogro tipo meu namorado !*

— Putz! Mandão não! — Comentei rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Sim. Mas ele também era um amor. Cuidava de Lourdes com tanto carinho e amor, que nem parecia que ela não era sua filha de sangue. Tanto que não me surpreendeu que a primeira palavra dela tivesse sido *Papá*, para ele alguns meses depois. — Disse, fazendo-me sorrir.

— Ele era maravilhoso, né? — Ela concorda.

— Ele era sim. Edward se assustou quando ele contou que estávamos juntos. Simplesmente nos avisou que iríamos nos casar, assim que saísse meu divórcio. Olavo surtou quando percebeu que eu havia ido embora e lhe deixado com apenas uma carta. Disse-me atrocidades. Chegou inclusive a duvidar da paternidade de Lourdes Maria, o que lhe deu um nariz quebrado por Andrew. Ele não queria aceitar o divórcio, partimos então para o litigioso. Edward sugeriu que fôssemos discretos quanto o nosso relacionamento, pois de qualquer forma era um

escândalo para a realeza se ver envolvida com uma situação quanto a minha. Plebeia desquitada, com uma filha a tiracolo e noiva de um Príncipe ainda por cima. Fora que ele também era menor de idade, Edward nos pediu para esperar. Mesmo contrariado, Andrew acatou a ordem do seu irmão. Então fomos adiando o anúncio do nosso noivado, esperando que a situação com Olavo se resolvesse, bem como ele alcançasse a maioridade. Apesar de não termos nos casado, posso dizer com toda certeza do mundo que eu nunca fui tão feliz no curto espaço de tempo que o tive ao meu lado. — Lágrimas caem de nossos olhos enquanto ela conta. — No dia do acidente, ele estava agitado, inquieto. Disse-me que precisava resolver uma situação urgente. Pedi para ir com ele, mas ele pediu que eu ficasse. E eu fiquei aqui, com o coração apertado. Com aquela sensação de que iria acontecer uma coisa ruim. Nós tínhamos isso com a gente. Parece que sentíamos quando algo ia acontecer com o outro. E aconteceu. Fiquei agoniada depois que ele saiu. Quando tivemos a notícia do acidente, foi como se eu tivesse perdido meus próprios pés. — Volta a chorar

fervorosamente e eu a puxo para mim.

Chorei com ela. Escutei tantas vezes como ele havia morrido, tinha ouvido tantas vezes sobre as qualidades dele como homem, mas nunca da boca da mulher que era loucamente apaixonada por ele e era obviamente retribuída. Lembrei-me da conversa que tive com Théo quando ele contou-me sobre a história de sua tia e ele comentou que deve ser horrível ver o amor de sua vida morrer. E novamente o que eu disse me vem à mente: *O amor às vezes é tão injusto.*

E era. Me compadeci por ela. Nunca é fácil perder alguém. Mas também não deve ser fácil passar por uma perda dessas. Digo isso com a convicção de uma mulher que ama um homem. Eu não sei mais o que seria de mim caso eu viesse a terminar com Théo. Mas perdê-lo de vez é algo que eu peço à Deus para que não aconteça jamais. Tenho certeza de que eu não aguentaria. Por mais que minha vontade de viver seja grande hoje, não tenho dúvidas de que caso isso acontecesse, eu sucumbiria. Meu avô morreu porque se deixou definhar pela perda da sua amada esposa. Meu pai também ficou viúvo cedo e talvez

por esse motivo tenha se mantido longe de relacionamentos. Têta perdeu tio Andrew. Eu não gostaria de pensar dessa forma, nem sentir o medo que me espezinha agora, mas parece-me que a sina dessa família é sofrer por amor.

— Eu não sabia quem estava pior, eu ou Edward. Edward ficou arrasado demais. — Continuou, ao se afastar do meu abraço. — Como você sabe, Andrew era seu melhor amigo, tudo para ele. A cumplicidade que eles tinham era invejável. Mas ainda assim, com todas as perdas que Edward teve, ele guardava sua dor para me consolar. Ele foi mais do que um ombro para mim. Mais do que um amigo. Um consolo. Edward foi um irmão para mim. Ele foi durante todos esses anos e ainda é. Ele cuidou tão bem de nós, que eu não poderia ser contra ele se casar com Lourdes Maria, porque eu tenho certeza de que ele irá amá-la e cuidar não só dela, mas também do meu neto. — Falou ainda chorando.

Eu assenti. Apesar de todo o susto com o que houve, nunca tive dúvidas que meu pai faria isso.

— Sabe, Têta. Eu não tenho nenhuma lembrança dele,

afinal, eu ainda era recém-nascida quando tio Andrew faleceu. Não sei explicar, mas apesar disso sinto a presença dele tão forte em minha vida, que é como se ele estivesse aqui. — Disse emocionada e agora foi à vez dela me acarinhar.

— Eu sei por quê. Ele te amava tanto minha menina. Você não tem noção do quanto. E como Sarah disse, aonde quer que ele esteja, ele está olhando por nós. — Não apenas suas palavras, mas seu olhar em lágrimas surpreendeu-me com a emoção ali descrita.

Sim. Eu de certa forma me sentia amada por ele.

— Eu fico feliz em saber disso. Acho que ele seria o melhor tio do mundo. — Comentei.

— Sim. Ele seria muito mais do que isso, menina. — Seus olhos brilharam ainda mais em lágrimas, ele respirou fundo antes de continuar. — Ele seria seu amigo e companheiro nas travessuras. — rapidamente completou e eu concordei.

Senti-me uma menina, pois eu estava precisando do seu colo. O colo que me sustentou durante a minha vida. Então foi o que fiz. Sem me importar com a ocasião que nos

encontrávamos, estirei minha perna no estofado e deitei com a cabeça em seu colo. Têta não se fez de rogada e logo acariciou meu cabelo com carinho, enquanto curtíamos o silêncio ao nosso redor. Ao longe eu podia ouvir a música que ainda tocava no salão. A festa continuava alheia ao que se passava agora. Fiquei quieta durante um tempo, sem saber direito se tocava no assunto ou não, mas então a minha curiosidade venceu o meu medo de tocar nesse assunto.

— Têta? — Chamei-a, receosa.

— Oi, minha menina. — Falou com carinho.

— Eu ainda não entendi uma coisa. — Perguntei, virando meu olhar para ela, que agora estava com o cenho franzido, mas eu entendi que era uma deixa para que eu continuasse. — Se Andrew era apaixonado por você, o que ele estava fazendo no carro com Alisson Caravaggio? Ele por um acaso estava te traindo? — Perguntei sem jeito.

Suas carícias pararam e eu encontrei seu olhar chocado para mim.

Merda! Eu apenas perguntei a ela, que estava sofrendo pelo seu amor, se ele a traía! Mil vezes idiota!

Levantei-me rapidamente, sem saber o que fazer. Queria engolir o que eu havia perguntado. Me desculpar pela minha indiscrição.

Onde diabos estava meu bom senso que vez ou outra impedia minha língua de falar besteira na hora errada?

— Desculpe, Têta. Eu não deveria ter perguntado isso. Como eu sou idiota e insensível. Claro que a traição te magoaria. Como não? — Tagarelei.

— Steph... — Ela começou cada vez mais pálida.

— Me desculpa. Desculpa-me por ter perguntado a você sobre ele e a Alisson. Eu só... Droga! Eu só fiquei curiosa, porque eu achava que a Alisson que era a noiva dele, então como acabei descobrindo que você era a noiva, supus que Andrew estivesse sozinho com ela, pois te traía. — Continuei, cada vez mais preocupada com sua expressão de dor.

E então quando eu achei que nada mais me surpreenderia, a voz de meu pai ecoou no ambiente:

— Andrew não traía Henriquetta, Stephanie. Ele a amava. Jamais faria isso com ela. Ele não estava sozinho com Alisson na hora do acidente. — Disse, fazendo-me

virar para ele.

— Não? Mas o jornal da época da morte dele, disse que haviam duas pessoas no carro. Então quem estava no carro com eles? — Comentei, vendo a expressão cada vez mais nervosa de meu pai.

— A notícia da terceira pessoa foi abafada para imprensa, porque quem estava no carro... — Gaguejou, parecendo cada vez mais nervoso, passou a mão no cabelo agoniado. — Quem estava no carro com os dois, era a Rainha Cibelle.

Oh Puta merda! Minha mãe? Por essa eu não esperava!

Olho para meu pai, na espera que ele continue, mas ele parece cada vez mais desconfortável com a situação. Não me importo. Preciso saber. Pelo visto perdi meu posto e não sou mais eu quem surpreende as pessoas, elas quem tem me surpreendido.

— Cibelle não morreu como você pensava. — Ele finalmente quebrou o silêncio, deixando-me ainda mais chocada.

Que porra era essa? Hoje era o dia de “vamos

surpreender a Stephanne?”.

Quando eu era mais nova, Têta me dizia que minha mãe havia ficado muito doente e por esse motivo “Papai do céu” havia levado-a para que pudesse cuidar dela e ela não pôde continuar ao meu lado. Eu fui crescendo e como eu já entendia um pouco melhor as coisas, questionei a meu pai sobre a morte prematura da minha mãe. Ele disse que ela havia morrido de câncer, exatamente como havia acontecido com sua madrasta, a mãe de tio Andrew. Apesar de ouvir apenas isso, o que me diziam ainda era muito vago. Por esse motivo, voltei a perguntar a Têta mais tarde sobre ela e esta me respondeu que independentemente de como fosse, temos que aceitar as decisões de Deus. Complementou apenas dizendo que era a hora dela e infelizmente não podíamos mudar isso. Com o tempo parei de me questionar e principalmente a eles. Afinal não iria mudar nada né?

Mas por que afinal esconderam-me a verdade sobre a morte dela?

— Você quer dizer então que minha mãe morreu nesse acidente? No mesmo acidente que matou tio Andrew? Ela

não tinha morrido de câncer? — perguntei, chocada.

— Não para as três respostas — ele respondeu simplesmente, terminando de se aproximar de nós duas.

— Como não? É o que vocês me disseram durante todos esses anos. É o que a história do nosso país conta — rebati.

— Você vai aprender com o tempo, que nem tudo que é dito ou dado como certo, é verdadeiro. Nem tudo que você ouve é verdade. Especialmente isso. Cibelle não perdeu a vida para o câncer.

— Pai, pare de enrolar. O que diabos aconteceu com a minha mãe? — Perguntei irritada e vi-o trocando um olhar cúmplice com Têta.

— A razão por não termos revelado que Cibelle também estava naquele carro, é que ela ficou muito ferida após o acidente. Ela teve vários traumas, inclusive um traumatismo craniano gravíssimo, o que a deixou em coma durante meses. Como ela estava muito machucada, apenas com o passar do tempo e a diminuição dos sedativos que não interferissem nos testes poderíamos ter certeza do seu estado. Sete meses se passaram quando foi constatada sua

morte cerebral. — Contou e eu rapidamente me sentei para tentar aguentar o que ele havia me dito.

— Por que vocês não me contaram? Por que mentiram?
— Perguntei nervosa.

— Contar a verdade sobre a morte de Cibelle, acarretaria te dizer outras verdades que não sei se você está preparada para entender no momento — murmurou de forma seca.

— Como? Você quer dizer que existem mais verdades que eu não faço ideia? — questionei chocada.

— Sim — respondeu sem jeito.

— Então me diga! Quero saber de tudo! — inquiri, voltando a me reerguer.

— Não é o momento para falarmos disso. Estamos em uma festa. Não é hora e nem lugar para isso. — Passou as mãos no cabelo nervoso.

— Você só joga a bomba em cima de mim e vem me dizer que não é o momento? — Indaguei incrédula.

— Eu não posso. Não agora. Tá legal? — Bradou, fazendo com que eu me encolhesse um pouco, mas eu não iria recuar.

— Não. Você não tem o direito de esconder o que quer que seja de mim! — Gritei de volta. — Eu quero saber o que houve. Por que minha mãe estava no carro com tio Andrew e Alisson Caravaggio? — perguntei, porque isso ainda não fazia sentido para mim.

— Eu já disse, Stephanne. Não agora. — Virou-se, dando as costas para mim, em uma nítida tentativa de fugir.

— Escute seu pai, minha menina. Depois vocês conversam — Têta falou, tentando acalmar a situação como sempre e eu notei o quanto ela parecia nervosa com essa cena. Mas eu não podia recuar.

— Me desculpe, Têta. Mas eu tenho o direito de saber! — gritei, mais para ele do que para ela.

Não percebi o que estava acontecendo, até ver meu pai vir furioso para cima de mim. Segurou-me pelos ombros e apesar da fúria que emanava nele, pude ver o quanto ele estava angustiado.

— É a verdade que você quer? Então, ok. Eu nunca disse a verdade, porque o acidente que houve foi intencional. — Arregalei meus olhos. — Sim. Tentaram

matar os três naquele carro! Por que você acha que Alisson foi parar em um hospício? Acha mesmo que um simples acidente de carro a transformaria na pessoa que ela virou hoje? Não, você não tem noção de como Alisson era. Ela era uma mulher vibrante e cheia de vida, mas então ela viveu um verdadeiro inferno por anos. Passou por mais coisas que qualquer um de nós poderia suportar. Sofreu de um jeito que você não pode sequer imaginar. Andrew e Cibelle estavam lhe tirando desse inferno. Então aconteceu o acidente. Os dois morreram tentando ajudá-la, mas não apenas a ela. Por que você acha que a mantive escondida todo esse tempo? Nossa família esteve e está ameaçada. Sofremos ameaças por anos e agora que você assumiu sua coroa, só aumentou ainda mais nosso inferno. Mas como você se acha no direito de saber de tudo, então deixe eu te avisar: Seu caminho e o de Théo não será fácil. Vamos parar de brincar de conto de fadas, então fique preparada para ameaças veladas. Satisfeita agora? — perguntou, antes de me soltar-me bruscamente e sair batendo a porta da sala em que nos encontrávamos.

Eu não respirei por um tempo. Ainda estava tentando

processar as informações. Quando eu dei por mim, estava sentada novamente, Têta me entregava um copo d'água e Théo passava pela porta da sala como um raio.

— Amor? O que houve? — Perguntou, ajoelhado a minha frente.

Não consegui responder. Era muita informação para processar. Eu não sabia se me sentia melhor por saber a verdade por trás do acidente, ou me sentia pior por sabê-la. Sério. Nada me preparou para ouvir o que me foi dito. O que mais há por trás de tudo? Só sei que deve ser muito pior, senão ele já teria despejado sem dó nem piedade em cima de mim. Ficou tudo claro para mim. Entendi os motivos que fez com que meu pai me mantivesse afastada de tudo e principalmente que por trás dessa triste verdade, há muitas outras verdades, que já não tenho tanta certeza se quero ou estou preparada para saber.

— Amor...

— Acho que ela está em choque, Théo. Minha menina, por favor, bebe um pouco dessa água. — Seu tom preocupado.

— Stephanie... — Chamou-me novamente e eu ainda não

conseguia responder. — Henriquetta, o que diabos aconteceu? O que foi que meu sogro disse a ela para que ela ficasse dessa maneira? — Perguntou.

— Ele disse a verdade sobre a morte de Andrew... O acidente em que Alisson e Cibelle também estavam. — Explicou.

— A Rainha Cibelle? — Perguntou confuso.

— Sim. — Finalmente consegui responder, virei meu olhar para ele que estava ajoelhado em minha frente.

— Eu acho melhor eu deixar vocês sozinhos. — Têta disse e rapidamente saiu.

Eu não tinha dúvidas de que ela não queria se comprometer com mais nada. Ela também sabia. Mas não era ela que me devia satisfação, né? A história não era dela. Ao menos é o que eu acho. Na verdade não sei de mais nada, porque quanto mais eu pensava, mais confusa eu ficava.

Meu Deus! Quanto mais ainda existe por trás disso? Tinha até medo de pensar sobre isso.

— Estávamos errados, amor. Sua tia não era a noiva do meu tio. Têta que era sua noiva. Então eu achei que ele

tinha um caso com sua tia, mas não. Minha mãe também estava com eles. — Expliquei e uma lágrima traiçoeira caiu.

Comecei a lhe contar tudo que meu pai havia me dito e Théo escutou em silêncio. Eu sabia que assim como eu, ele estava chocado e não tinha dúvidas de que sua cabeça fervilhava de ideias nesse momento. Também pudera, era muita informação para uma noite só.

— Meu Deus! Que doidera! — Disse chocado, quando eu finalmente terminei de falar.

— Nem me fale. Estou aqui sem conseguir raciocinar direito ainda. — Suspirei e ele beijou minha testa.

— Eu imagino. — Ele suspirou, passando a mão sobre seu cabelo. — Por que será que eu acho que o “inferno” pelo qual seu pai te disse, tem a ver com o episódio que deixou minha tia vulnerável? — ele perguntou e eu concordei. Para mim não havia dúvidas quanto a isso.

— Mas o que, Théo? O que houve? E por que agora eu estou com medo de saber a verdade por trás de tudo? — comentei, puxando ele mais próximo a mim. Eu precisava do seu conforto e ele me deu.

— Também não sei se gosto. Mas o que me preocupa mesmo é saber que você não está segura. Alguém pode querer te fazer mal — murmurou, afagando minhas costas.

— Nunca mais vou brincar com *Timão e Pumba* — brinquei, mas não era de todo mentira.

Agora eu me sentia um pouco culpada de todas as travessuras que já fiz para me livrar dos seguranças que meu pai colocava em meu encalço. Apesar de eu achar um exagero, sempre foi pensando realmente na minha segurança. Afinal mesmo que não me conhecessem, o perigo iminente estava ali.

Como pude ser tão irresponsável?

— Sim, sem gracinhas. Não quero a senhorita se arriscando. — Disse sério e beijou-me docemente.

— Meu pai disse que nosso relacionamento também não está seguro. — Murmurei temerosa minha maior preocupação, abaixando meu rosto, envergonhada.

Eu não conseguia mais me ver longe dele. E essa dependência em relação a Théo me acalmava, mas também me assustava um pouco. Era tudo muito intenso, mesmo sendo tão recente. Ainda assim saber que nosso

relacionamento poderia ser algo de alguma maldade me deixava em pânico.

— Stephanie, olhe para mim. — Pediu segurando meu queixo e eu fiz o que me pediu. — Não se preocupe quanto a isso, amor. Já prometi que eu iria cuidar de você e eu vou. Haja o que houver. Se o seu temperamento louco não foi o suficiente para me afastar, não vai ser a merda de um lunático que vai nos atrapalhar. — Gracejou, tentando me fazer sentir melhor. — Eu amo você. Não importa o que aconteça, não importa o que tentem fazer contra nós dois, isso não vai mudar. Eu não vou permitir que nada de mal lhe aconteça, afinal eu não posso viver pela metade, porque você é a minha metade, minha vida e eu não vivo sem você. — Fala antes de selar essa promessa com um beijo delicioso, enquanto lágrimas de emoção deslizavam em meus olhos.

E eu me entrego ao beijo, pois eu acredito e confio nele. Com um só toque, uma só palavra, um só olhar Théo é capaz de fazer com que eu me sinta a mais sortuda entre as mulheres. Saber que estou em seus braços faz com que eu me sinta amada, me mantém segura, é como se ele fosse

a minha âncora. Minha fortaleza. A cada dia que passa sinto-me mais apaixonada por ele e a cada vez que ele me beija, que me olha com paixão e declara seu amor por mim, é como se fosse uma promessa de que irá cuidar de mim e que nunca me deixará ir. E eu peço a Deus que isso seja verdade. De má vontade, ponho espaço entre nós.

— Vamos para casa. — Ele diz com um olhar malicioso e eu fico impressionada como me sinto à vontade por ouvi-lo falar dessa maneira. *Casa...*

— Você me dizendo essas coisas, só me faz querer te sentar, subir em cima de você e te beijar sem sentido. — Brinco, tentando ser um pouco mais “eu”, passando a mão em seu peitoral.

— Por favor, fique à vontade. Eu não vou te parar. — Diz safado.

— Eu sei que você não pararia. Mas prefiro estar a sós com meu namorado. Só nós dois e vários orgasmos incríveis. Tenho muita coisa em mente essa noite. — Sussurro a última parte, fazendo seu sorriso malicioso só aumentar.

Lindo! Não tem loiro de olho azul quando o assunto é

um moreno com esse sorriso maravilhoso.

— O que estamos esperando então? — Brincou, puxando-me para sair dali.

Ok. Pode dizer que eu nasci com a bunda virada para Lua. Sou sortuda para caralho!



Théo achou melhor dançarmos uma música, antes de irmos nos despedir da festa e marcar um pouco a minha presença, que não foi muito longa essa noite. Como se eu não tivesse ouvido tantas coisas que derrubaram o que eu achava ser verdadeiro, fui para pista de dança com um sorriso que eu não podia fingir que era verdadeiro, pois eu estava nos braços do homem que eu amava. Não precisávamos dizer nada enquanto dançávamos, a música, *Real Love*, dizia por nós com palavras o que falávamos com nossos olhares.

“...É o jeito que você olha, é o que jeito como você ama

E posso ver que isso é real

É o jeito que você fala, é o jeito que você toca

E eu posso ver

Isso é real,real, real, real amor

Você me dá essa sensação, você me dá essa sensação

Você me dá esse, você me dá esse amor real

Você me dá essa sensação, você me dá essa sensação

Você me dá esse, você me dá esse amor real...”



Meu pai cumprimentou-me secamente quando fomos nos despedir. Por mais que ele estivesse chateado por eu tê-lo pressionado, ele não tinha razão de me tratar dessa maneira, porque o único que me enganou ali foi ele. *De novo*. Não me importei, pois minha única preocupação nesse momento, é que eu e Théo consigamos sair desse maldito elevador com nossas roupas intactas, coisa que está sendo difícil de acontecer com o *polvo* do meu namorado. Assim que o elevador apita, Théo me carrega em seus braços.

— Porra, Théo! Para que isso? — Perguntei, assustada com seu rompante.

— Estou com pressa, chegaremos mais rápido com você em meus braços. Preciso estar dentro de você! — Disse, chegando até a porta.

Então tá, né? Quem sou eu para discordar?

Felizmente a fechadura do seu apartamento também abre com sua digital, então logo estávamos dentro. No modo *Ogro* dele de ser, Théo me jogou no sofá da sua sala, antes de cobrir meu corpo com o seu. Ainda vestido, nos agarramos com dois animais no cio. A necessidade crua que tínhamos um do outro chegava a ser absurda.

Ele levantou-se, jogando seu smoking e camisa ao chão rapidamente, antes de me pôr de pé e eu dei graças a Deus pelo meu vestido ser de amarrar, porque do jeito que ele estava me despindo, fiquei surpresa pelo meu vestido deslizar inteiro pelas minhas pernas. Mas minha lingerie não teve a mesma sorte. Ouvi primeiro o barulho do tecido rasgando, antes de senti-lo em pedaços caindo pelo meu corpo.

— Ah! — arfei assustada.

— Desculpe, amor, mas o ‘amorzinho’ fica para depois, agora preciso foder você!

Tudo bem. Modo Ogro ativado com Sucesso!

Sem um aviso, Théo jogou-me de volta no sofá e antes que eu pudesse reclamar, ele empurrava *Alexandre* que já estava livre da boxer para dentro de mim, que já me encontrava encharcada a sua espera. *É, a porra do apelido pegou até comigo!* Eu gritei, enquanto, agarrava-me ainda mais a ele, arrastando minhas unhas em sua pele musculosa, enquanto ele arremetia incessantemente seu comprimento em mim. Sua respiração ofegante como a minha, meu gemido misturado com o seu, em um vai e vem profundo e delicioso, que me deixou a beira do êxtase. Seus lábios tomaram os meus, sua língua enroscando na minha, fazendo amor com a minha boca, provocando-me, me levando a loucura.

Ele levantou-se, puxando minhas coxas para sua cintura, aumentando o ritmo de movimento dos nossos corpos. Sua mandíbula apertada, seu azul mais escuro enquanto dividia seu olhar entre nossos membros em movimento, meus seios e minha reação. Não demorei a me aproximar do meu clímax, pois suas arremetidas, sua reação diante de nós, o cheiro inebriante do sexo ao nosso

redor, tudo deixando-me fora de controle enquanto nos movimentávamos em buscar do nosso prazer. E quando Théo rosnou meu nome, visivelmente não aguentando mais controlar seu gozo, eu não aguentei e fechei meus olhos deleitando-me com a sensação do orgasmo que explodiu por todo meu corpo.

Meus músculos apertaram o membro poderoso de Théo dentro de mim, pulsando de prazer ao redor do seu pau, que não cessava seus movimentos duros em meu canal. Sua boca esmagou a minha novamente, ao mesmo tempo em que levava minhas mãos à cima da minha cabeça, enquanto arremetia sem dó, levando-me novamente para a onda de um novo orgasmo. Théo conhecia tanto meu corpo, que parecia sempre saber o que eu precisava para chegar lá, pois logo tratou de soltar minha mão e deslizar uma mão entre nós, pressionando meu clitóris no lugar exato que eu necessitava. Não demorou mais do que três segundos para que meu grito de prazer ecoasse no apartamento, enquanto eu gozava de forma surpreendentemente mais forte do que da primeira vez.

Uau. Isso foi foda!

— Caralho, Stephanie! — Théo urrou, acompanhando-me em seguida, seu gozo alagando-me completamente.

Logo em seguida ele caiu sobre mim. Nossas respirações ofegantes, enquanto ele encaixava seu rosto em meu pescoço, onde ele logo tratou de dar beijos doces por ali. Sem nos desencaixar, ficamos assim por vários segundos trocando carícias, seu membro ainda dentro de mim, contraindo-se ao meu redor, fazendo-me apreciar a sensação de prazer prolongado quando estávamos dessa forma.

Depois de algum tempo, ele apoiou o peso no seu cotovelo e olhou para mim daquela forma saciada e languida que eu tanto amava.

— Você é maravilhosa. — Disse baixinho e eu sorri, em meu estado *quase-defunta*.

— É, eu sei. E você é inteligente. Porque só sendo inteligente para dizer que sou maravilhosa. — Brinquei e ele riu, antes de voltar a me beijar.

Eu o amava. Estar vivendo isso com Théo era diferente de tudo, até do que pudesse ter acontecido nos meus sonhos. Era bom demais para ser verdade. Mas eu devo

ter feito uma coisa boa para merecer um homem como ele né Deus? Só isso explica.

— Você é insaciável né? — Comentei ao sentir seu membro começando a ficar ainda mais duro dentro de mim.

— Com você, sempre. — Piscou para mim.

— Então vamos fazer assim. Que tal tomarmos um banho e depois brincarmos de suor? — Perguntei provocantemente.

— Brincar de suor? — Perguntou confuso.

— Sim, amor. Brincar de suor e correr por todo meu corpo, seu lindo! — Sorri perversa.

Então sua boca tomou a minha e antes mesmo do banho nós entramos na brincadeira!

Capítulo 32

Théo

Os dias que se seguiram à festa reveladora do Rei foram tranquilos apesar de tudo. Apesar de obviamente ter ficado surpreso com o que descobrimos naquele dia, eu não posso deixar de me sentir chateado pela forma pelo qual o Rei conduziu as coisas. Tudo bem que esse era um assunto delicado e que obviamente mexia com ele, afinal sua esposa e seu irmão haviam morrido por causa dessa tentativa de assassinato, mas ele não precisava assustar Stephanie dessa maneira. Para falar a verdade, eu fiquei meio puto, ele perdeu um pouco do meu respeito ao descontar suas frustrações em cima de quem não tem nada a ver.

No dia seguinte, ele e Steph conversaram rapidamente, ele pediu desculpas e ela me disse que apesar de estar magoada pelas mentiras, não ia ficar cultivando mágoas por isso. O que me fez sentir orgulho pela forma madura

que ela vem conduzindo as coisas. Ela também não parecia temer pelo perigo iminente. Meu amor é uma mulher forte e determinada, não se deixou abater pelas mentiras e muito menos por uma possível ameaça a sua vida. Muito pelo contrário, parece ainda mais determinada a viver. O Rei aumentou a segurança de Steph e eu aumentei mais um pouco. *Exagerado? Não, cuidadoso. Eu cuido e preservo muito bem o que é meu.* Para mim o que realmente importa é sua segurança. Ainda assim não tenho saído do seu lado. Evito ao máximo ficar longe de Steph. Quando ela sai com Bella ou Lourdes, ligo a cada cinco minutos. *Controlador? Não, apenas preocupado.* Não sossego enquanto não a vejo chegar ao meu lado e deliciosamente inteira.

Steph estava definitivamente engajada nas causas das crianças. Todos os dias, nos revezávamos entre o hospital e o orfanato. As crianças eram loucas por ela e ela era completamente apaixonada por elas, não tinha como negar. Todo dinheiro arrecadado no passeio da nobreza e do aniversário do Rei estavam sendo empregados na reforma e ampliação de ambos os lugares. Era muito bom saber

que estávamos trabalhando em algo para o benefício dessas crianças que precisavam tanto.

Esses dias fomos para a área em que as crianças estavam no orfanato. Quando chegamos foi aquela festa. Era sempre assim quando chegávamos. Depois de cumprimentar todas, Stephanne se sentou entre duas meninas que tagarelavam sobre como ela parecia com a atriz loira de *Pretty Little Liars*, enquanto eu fiquei ali as observando.

— Tia, suas unhas são lindas. Eu queria que as minhas unhas fossem assim também. Mas eu não consigo deixar de roer minhas unhas. — Confessou uma delas de forma triste.

— Rachel, posso te contar um segredo? Eu também roía unhas, sabia? — Steph disse baixinho.

— Sério? — As meninas perguntam surpresas.

— Seríssimo! Mas resolvi parar de fazer isso quando soube que existem milhões de bactérias. Mais de dois bilhões para falar a verdade...

Steph continuou explicando as meninas o quanto era anti-higiênico roer as unhas e como a mão era um “cartão

de visitas” da garota, *blá blá blá...* Coisas de meninas, mas elas prestavam atenção em tudo que ela falava, como se fosse uma dica de fundamental importância.

Meu celular tocou e eu me afastei um pouco para atender. Era a assessoria da família real da Inglaterra, querendo marcar um jantar particular com Stephanne. Eu não estava surpreso. Pois Steph estava fazendo um sucesso estrondoso na mídia internacional. Ela era a nova sensação, obviamente que a família real britânica iria querer se fazer presente na vida da Princesa. Nesse meio, tudo era um jogo de estratégias de marketing e também curiosidade para conhecer minha namorada. Eu não os julgo, afinal Steph era uma pessoa única e que já tinha encantado o mundo com sua beleza e graciosidade. Mas também devo admitir que esse encontro seria uma coisa boa para o seu currículo. Aceitei o convite e voltei minha atenção para Steph, no mesmo momento em que ela olhou por cima do ombro e nossos olhos se encontraram. Ela sorriu para mim lindamente, daquela forma que me fazia sentir um bobo apaixonado e me julgue por amá-la loucamente e me sentir dessa maneira.

Tem algo especial em Stephanne, eu não sei o que é, mas não me importo, pois cada momento ao seu lado me tira o fôlego e me deixa ainda mais apaixonado por ela. Ela é uma incógnita. Uma incógnita linda, completamente louca, desmiolada, sem juízo, mas um mistério. O que há nesses olhos azuis que me prendem quando olham diretamente para mim? O que há comigo quando sinto que gosto de ouvir tudo que essa língua afiada diz?

Ficamos assim por um tempo, até que uma ajudante do orfanato lhe entregava um vidro de esmalte. A olhei sem entender o que ela faria, Steph piscou para mim e se virou para as crianças, logo entendi quando a vi pintando a unha das meninas que lhe rodeavam, uma por uma.

Caralho! Que mulher foda essa minha!

Tive uma ideia enquanto olhava a cena e chamei o segurança, lhe instruindo para comprar mais esmaltes e outros materiais para fazer a unha que existissem. Ele não demorou a chegar e foi aquela festa quando as meninas viram. Sem que Steph percebesse, tirei algumas fotos e tratei de mandar para um conhecido meu da *Tribuna Campaviana*. Como eu imaginei as imagens logo

ganharam grandes proporções na internet e Steph ficou ainda mais conhecida como a *Princesa das Crianças*. Como eu disse, tudo é uma questão de marketing e estratégias. Eu sou muito bom no que faço.



Hoje eu e Steph estávamos de viagem marcada para Londres. Apesar das milhões de roupas que agora ocupavam meu closet, na hora de arrumar as malas, Steph decidiu que não tinha roupas e simplesmente achou que precisava de roupas novas para encontrar com a família real britânica. Quando eu disse que isso era um exagero da parte dela, tive medo de ser trucidado só com seu olhar, porque ela disse que queria que Kate Minddleton babasse no *look* dela.

Quem sou eu para contrariar? Tenho amor as minhas bolas!

Então exatamente por esse motivo eu estava em casa, esperando que ela voltasse das compras com Anabella, para que enfim pegássemos o jatinho que nos esperava. Ela e minha irmã estavam cada vez mais amigas, ainda

não sei se devo amar ou temer por isso. Fico obviamente contente que minha namorada se dê bem com minha irmã, mas por outro lado, conheço Stephanne, sei que quando ela é amiga, ela é leal e fiel, mas também temo por colocar minha irmã a perder. *Sim, amo minha namorada como um louco, mas Steph é um trem desgovernado.* Um perigo real. Não quero nem pensar nos conselhos que ela daria para minha irmãzinha. Receio que não aguentaria ver minha irmã meiga, doce, inocente, se transformando em outra Steph em minha vida. Medo do que seria de mim e do mundo.

Tinha acabado de responder alguns e-mails de problemas que estávamos tendo no Parlamento, quando o interfone da minha casa tocou.

— *Bom dia, Senhor Caravaggio.* — O porteiro me saudou do outro lado assim que atendi.

— Bom dia, Frank. — Cumprimentei-o.

— Gostaria de saber se posso liberar a entrada do seu irmão? O senhor Taddeo. — Perguntou e eu franzi o cenho.

— Hm. Ok. Pode liberar. — Autorizei-o, antes de

desligar o interfone.

Depois do incidente com Eva e os muitos desaforos que eu falei por terem liberado sua entrada sem a minha autorização, eles praticamente me interfonam até para dizer como está o tempo. Afinal, quem “tem”, tem medo. Se é que me entendem.

Caminhei de volta para sala, pensando sobre a visita surpresa do meu irmão. A mudança em Taddeo tem sido nítida nesses últimos tempos. Ele vem me tratado com respeito, sem fazer gracinhas e muito menos provocações. Eu tenho pensado muito sobre isso ultimamente, apesar dessa mudança ter me surpreendido, eu gostei porque afinal ele é meu irmão e por mais que eu não queira admitir, eu meio que sempre desejei que tivéssemos essa cumplicidade que irmãos têm um com o outro, e que eu só encontrava com meu melhor amigo. A campanha tocou e eu abri a porta para meu irmão. Taddeo Caravaggio estava com a postura baixa, como se estivesse rendido, sem jeito. Não parecia o Taddeo pomposo, que adorava provocar-me. E não é para menos, nós nunca realmente tivemos uma convivência sadia de irmãos. Talvez tivéssemos tido

quando éramos bem pequenos, mas se tivemos, não lembro. Fora que essa é realmente a primeira vez que ele visita a minha casa, o que de fato eu entendo, pois como não tínhamos uma convivência harmoniosa, nunca visitamos a casa um do outro. Não precisávamos ser hipócritas a esse ponto.

— Oi. — Falou de forma surpreendentemente tímida.

— Oi, Taddeo. Entre.

Abri espaço para que ele entrasse e como um território desconhecido para ele, Taddeo olhou ao redor da minha sala. Não vou negar que era estranho para eu tê-lo embaixo do meu teto. Indiquei o sofá para que ele sentasse e sentei no estofado em frente a ele. Eu não sabia o motivo que o tinha levado até ali, mas estava visivelmente tão desconfortável quanto ele com essa visita.

— Aceita uma água, um suco... — Quis ser educado.

— Um uísque, talvez? — Disse, com um risinho sem jeito, como se realmente precisasse de uma bebida forte para dizer o porquê estava ali.

É .Ok. Estou começando a ficar com medo dessa visita!
Me julguem por isso.

Levantei-me, seguindo até o bar, que eu mantinha abastecido com as melhores bebidas e servi uma dose para ele e outra para mim, não apenas para ser educado e lhe acompanhar, mas porque qualquer que fosse a intenção dele com essa visita, acho que eu também precisaria de uma dose de álcool no meu sangue. A tensão no ar já estava densa. Voltei até onde estávamos sentados e lhe entreguei o copo. O silêncio que se estendeu enquanto bebíamos nossa bebida, só nos dava ainda mais certeza do quanto essa situação é estranha e constrangedora para ambos.

— Eu não sei nem por onde começar. — Taddeo finalmente quebrou o silêncio.

— Comece falando. Sinceramente, Taddeo, eu estou curioso para saber o que você poderia querer falar comigo. — Não consegui deixar de ser seco e ele soltou um longo suspiro.

— Eu sempre tive ciúmes de você, irmão. Sempre foi algo natural em relação a você. Nós temos uma diferença tão pequena de idade, parece meio idiota e irracional da minha parte, mas lembro-me que desde pequeno eu achava

um absurdo o fato de não ter a atenção exclusiva, pois nossos pais dividiam entre nós dois. Fomos crescendo e isso só foi se intensificando. Você se destacava em tudo, desde sendo o melhor aluno da classe, como melhor esportista, melhor com as garotas, favorito dos professores, melhor em tudo. Eu tinha raiva, não apenas de você, mas de mim por não conseguir competir com você. — Confidenciou-me.

Merda fodida!

— Nunca quis competir com você, Taddeo. Nunca quis ser melhor do que ninguém. Sempre dei e dou o melhor de mim em tudo que faço, porque sempre achei que eu deveria buscar o melhor para mim. Eu sempre fui muito determinado e metódico em relação as minhas escolhas. Queria vencer pelos meus próprios esforços, não porque eu era o filho do meio do grande Alano Caravaggio. Não queria viver uma vida de mentiras, sobre as sombras do nome da nossa família, eu queria me provar. — Fiz questão de explicar.

— Não te julgo por isso, muito pelo contrário, sempre invejei a sua determinação e essa vontade de se superar.

Mas na minha cabeça você estava querendo ser melhor do que eu. E eu me via sendo passado para trás em tudo e ao invés de aceitar ou me orgulhar pelo irmão batalhador que eu tinha, achava que lhe culpando seria uma forma de me fazer sentir melhor. Você sempre foi o queridinho do papai. Foi obviamente natural você seguir os passos dele, mas eu só enxergava você querendo tomar meu lugar de direito. — Continuou.

Putá que pariu!

— Isso não existe, Taddeo. Eu não sou o queridinho do Papai, mas eu sempre procurei estar ao lado dele, porque como eu disse antes, eu já era muito focado desde criança, sabia o que eu queria. Sabia que eu aprenderia estando ao lado dele. Nunca foi puxa-saquismo da minha parte, mas sim admiração e busca pelo aprendizado. É injusto você querer dizer que nossos pais têm preferência diante de nós, sendo que sempre nos trataram da mesma maneira. Nunca existiu tratamento diferenciado em relação a nós três.

— Eu sei. Hoje eu sei disso. — Suspirou longamente. — Isso eram desculpas que eu usava para

munir a mim mesmo da verdade. Não sei dizer precisamente quando começou esse meu ciúmes desmedido, acho que desde pequeno, mas lembro-me perfeitamente que uma vez estávamos com cinco, seis anos e senti ciúmes de uma pessoa em especial. — Olhei confuso, incentivando que continuasse. — Da Princesa Stephanie.

Hum?

— Você pode não lembrar-se, mas eu lembro que podíamos estar fazendo o que fosse, você fazia birra, mas não perdia tempo em ir brincar com ela. Não precisam te chamar duas vezes. Senti-me trocado por uma garotinha, pois para mim era nítido o fato de você preferir brincar com ela ao invés de com seu próprio irmão. Foi aí que fui me afastando. — Recordou-se.

Putz!

— Taddeo, mesmo brigando como cão e gato, eu e Steph sempre nos entendemos. Eu e você sempre tivemos uma relação complicada. No início eu ia sim contrariado ficar com ela, mas as coisas foram mudando e você sempre foi esquivo em relação a uma aproximação. Eu

não vou ser hipócrita em lhe dizer que eu não gostava de ficar com ela ou que eu não sentia falta de ter meu irmão ao meu lado, porque eu estaria mentindo, mas acabei deixando de lado, porque como você mesmo disse, foi se afastando cada vez mais de mim. Nossa relação que já era complicada ficou ainda mais distante, fria. Parecíamos dois desconhecidos vivendo sob o mesmo teto. Como você queria que eu reagisse? Que eu ficasse atrás de você a cada vez que você soltava alguma piadinha para cima de mim?

— Eu não disse isso. — Falou, abaixando a cabeça sem jeito. — Eu me sentia trocado por uma pirralha três anos mais nova que eu. E também tinha Lourdes. Eram duas meninas e você as preferia a mim. Tudo foi virando uma bola de neve dentro de mim. Ficamos mais velhos, aconteceu de eu me apaixonar por uma menina e quando ficávamos eu descobri que ela havia de aproximado de mim, apenas com a intenção de chegar mais perto de você, o que inevitavelmente aconteceu pouco tempo depois. Para mim foi à gota d'água. Não estou dizendo que estava certo em me sentir assim, que era certo culpá-lo por algo

que você não tinha culpa, eu estou apenas tentando fazer com que você entenda como eu me sentia. A forma que eu lidava com isso, era te atacando. Na minha cabeça, te atacar, te criticar, tentar sentir raiva de você, era minha forma de defesa. — Levantou-se e começou a andar de um lado ao outro.

— Nós éramos irmãos, apesar de não termos intimidade, tínhamos liberdade para que você fosse sincero comigo. Eu não sei sobre que garota você se refere, mas te garanto que eu jamais teria ficado com ela ou quem quer que fosse, caso eu soubesse do seu mínimo interesse por ela. Como eu disse, nossas brigas nunca foram um jogo para mim. Assim como eu jamais faria isso com Igor, te garanto que jamais faria com você. Eu não estou dizendo isso da boca para fora, porque independente de como somos um com o outro, você conhece a minha índole. — Proferi, levantando-me também e ficando de frente para ele.

E é verdade. Eu posso ter tido uma vida um pouco promiscua, mas eu jamais pegaria a mulher do meu irmão!

— Sim, irmão. E é por isso que estou aqui. A verdade é que eu projetei meus ciúmes, direcionando de forma errônea. Vim aqui para me desculpar, por tê-lo culpado por coisas que eram alheias a nossa vontade. Por transferir minhas frustrações para cima de você. Por ter sido um escroto, um canalha. Poderíamos ter vivido tantas coisas juntos que por causa do meu ciúme irracional, nunca chegarão a acontecer. Vim aqui te pedir desculpas não apenas pela forma que eu agi com você ao longo dos anos, mas principalmente por não ter sido o irmão e o amigo que você merecia. Você me perdoa? — Pediu, olhando-me profundamente.

Oh caralho! Por essa eu não esperava!

Fiquei um minuto em silêncio, tentando digerir tudo que ele me disse. Sei que ele está certo sim no que disse, mas também errei em deixar nossa relação em segundo plano, quando ele resolveu que assim seria. Assim como fez questão de se afastar por suas razões, não fiz nada para que a situação mudasse. Poderia ter sido sim diferente, mas não podemos voltar atrás agora. O que podemos fazer é seguir em frente. Talvez nunca

recuperemos o tempo perdido, mas agora podemos seguir em frente e não perder mais nada. Podemos construir a relação de amizade e companheirismo, que deveríamos ter tido desde sempre. E eu sinceramente, esperava que isso acontecesse.

— Você não tem que se desculpar, irmão. Mas se é preciso disso para que possamos seguir em frente e construir algo daqui para frente, peço desculpas pela minha parte. Afinal, quando um não quer, dois não brigam. E no que depender de mim agora, você pode contar comigo. Sempre. — Falei com um sorriso e apertei seu ombro, fazendo-o sorrir aliviado.

— Obrigado, irmão. Chame-me de viadinho ou o que for, mas no fundo eu sempre desejei que tivéssemos isso. — Proclamou emocionado.

— Eu também, irmão. Eu também. — Confessei e sua expressão de repente ficou tensa. — O que houve? — Indaguei, preocupado.

— Já que estamos deixando o passado para trás, quero te pedir desculpas por tudo que lhe disse em relação à Stephanie. Eu vejo, mesmo que de longe, como vocês são

bons juntos. O quanto vocês se gostam. Vocês sempre tiveram essa coisa especial entre vocês. Como você havia me avisado, ela é realmente uma pessoa diferente de todas as outras. Não se importa mesmo em se arriscar, em ser ela mesma, hein? — Perguntou-me e eu sorri orgulhoso, concordando.

Sim essa era minha mulher!

— Não. Stephanie é o que é. Não se importa com convenções ou que vão achar ruim como ela é ou deixa de ser. Ou até mesmo o que fala. Ela é sincera e determinada até o último fio do cabelo. Meio desajuizada, às vezes, mas uma pessoa única. Sem igual. — Falei sorrindo como o bobo apaixonado que sou.

Taddeo concordou sem jeito e eu fiquei tenso, sabia que ele queria me dizer algo mais. Stephanie não precisou me dizer que ele deu em cima dela, porque eu sei que ele fez exatamente isso. Não sou cego. Não gosto, de pensar sobre isso, mas relevo. Será que ele iria confessar que era apaixonado pela minha Princesa? Eu espero sinceramente que não, não sei como eu me sentiria quanto a isso agora que finalmente estamos nos entendendo.

— O que você quer falar, Taddeo? — Perguntei, sem conseguir me conter.

— Na verdade quero te pedir desculpas mais uma vez. — Suspirou frustrado.

— Por quê? — Voltei a perguntar, cada vez mais nervoso.

Taddeo levantou seu olhar para encontrar o meu e eu tive certeza de que eu não gostaria do que ele me diria. Ele parecia acuado, envergonhado.

— Você sabe que eu dei em cima dela. Ela foi enfática em me dar um fora. Era eu quem sempre despachava as garotas. E essa foi à segunda vez que me aconteceu e justamente por sua causa. Em uma tentativa desesperada, tentando recuperar meu orgulho ferido, disse a ela algo que me arrependo profundamente. — Murmurou envergonhado.

— O que Taddeo? O que você disse a ela? — Perguntei sem controle.

— No dia do baile, quando dançamos a segunda vez, eu disse a Princesa que ela era um apoio do Rei para o seu futuro político. Que ela seria apenas seu brinquedinho. —

Confessou envergonhado.

Eu não pensei antes de fazer o que fiz. Mas eu fiz: Dei um murro na cara do meu irmão, o que lhe fez cair de mau jeito no sofá. Durante toda minha vida eu nunca quis realmente lhe machucar, como eu fiz agora. Ele não reagiu. Afinal, ele tinha absoluta certeza de que merecia isso ou até que eu quebrasse sua cara. Só que eu não faria isso. Respirei fundo. Tudo fazia sentido para mim agora. Eu tinha entendido sim que ela tinha fugido do que sentia na nossa primeira noite juntos, mas eu achei que o fato dela tentar me expulsar no dia seguinte, era apenas medo do que tínhamos, só que agora eu sabia que era mais do que isso. Assim como foi mais do que isso, quando Eva mentiu sobre eu ter ficado com ela em Londres. Stephanne não tinha apenas medo dos seus sentimentos, ela tinha medo de ser enganada e traída não apenas pelo que sentia, mas por mim também.

Putá merda! Sinto-me culpado agora por não ter pensado que poderia ser algo mais do que isso!

Saí da sala sem dizer uma palavra e ele permaneceu onde estava. Assim que voltei, entreguei-lhe um pano para

limpar o nariz ensanguentado e um saco de gelo. Ele olhou-me surpreso pela minha atitude e eu podia ver a culpa em seus olhos. Ele provavelmente achava que eu faria mais do que isso.

— Eu sei que eu mereci isso. Mas eu realmente sinto muito pela merda que eu falei. Juro que me arrependi assim que abri minha boca, mas já era tarde demais. Desculpe por ter dito isso e também por não ter me desculpado com ela. Eu me senti envergonhado pelo meu mau-caratismo. No dia seguinte eu tentei falar com ela, tentei convidá-la para jantar para poder conversar com ela. Mas bem... Você sabe como ela é, e não aceitou bem a minha abordagem. — disse sincero.

— Você tem noção do que essa merda fez para gente?
— Indaguei, minha voz mais calma do que eu esperava que estivesse.

— Não tenho, mas imagino. Stephanie não parece o tipo de pessoa fácil de lidar.

— E não é mesmo! Já estava difícil para ela admitir o que nós tínhamos, o que você disse a ela só complicou ainda mais nossa situação. Se eu não tivesse sido

persistente depois de tudo que passamos, nós dois não estaríamos juntos hoje. — Falei, sentindo uma dor no coração ao pensar nessa mera possibilidade.

Eu não sabia mais viver sem a minha Princesa. Chame-me de louco, obsessivo, o que for. Mas a verdade é que Stephanne era tudo para mim!

— Sinto muito, cara. Se você deixar, prometo me desculpar pelos danos que causei na relação de vocês. E se preferir, afasto-me de vocês. Sinceramente, não é o que quero, mas a última coisa que quero em minha vida é atrapalhar o relacionamento dos dois. — Pediu com os olhos lamuriosos.

Merda! Eu iria querer isso?

Depois de tantos anos de uma relação de merda. Depois de tantos anos sem ter algo que nós dois sabemos que queríamos, mas não admitíamos, eu iria perder a chance de finalmente tê-lo em minha vida? O perdão é algo difícil de se conseguir, mas o arrependimento é algo com que convivemos pelo resto de nossas vidas. Eu vejo em seus olhos que ele está arrependido e pedir desculpas não é se humilhar, é crescer. É aprender com os próprios

erros. Quanto a mim, lembro-me perfeitamente de uma frase de Gandhi, que diz assim: “*O fraco jamais perdoa: o perdão é uma das características do forte.*” Eu não sou o tipo de pessoa que se sente bem em guardar mágoas, ressentimentos. Sou aquele que prefere a sinceridade à mentira. Exatamente por esse motivo que aceito que as pessoas errem e tenham a chance de se arrepender.

Por que não perdoar? A vida nos dá a chance, cabe a nós não desperdiçá-las.

— Se você se desculpar e mantiver uma distância de pelo menos um metro da minha mulher, farei o sacrifício de permitir que você permaneça em nossas vidas. Afinal, um dia desses meu filho vai precisar de um pai e um tio que ensine tudo que ele precisa saber sobre conquistar garotas. — Retorqui com um sorriso contido e ele sorriu, um sorriso verdadeiro, que há anos eu não via no rosto do meu irmão.

É. Chegou a hora de recomeçar!



Ficamos conversando durante um bom tempo,

bebericando as próximas doses de uísque que seguiram a primeira. Foi muito bom aproveitar esse momento com ele. Quando Stephanie chegou, abriu a porta do apartamento com tantas sacolas de grifes, que não duvido que o dinheiro que foi gasto ali, sustentariam muitas famílias de classe média por um bom tempo e assim que avistou-nos sentados no sofá, empacou. Sorri, pois eu sabia que ela estava surpresa com a cena. Stephanie sabia como minha relação com Taddeo era no passado. Apesar dela manter essa pose de durona, não me passava despercebido que ela sempre ficava um pouco tensa quando encontrava meu irmão. E agora eu sabia exatamente o por que.

— Chegou cedo, amor. O banco surtou e resolveu cancelar seu cartão quando viu o tamanho do rombo que você estava dando? — Brinquei, aproximando-me dela e roubando um beijo. — Deixe-me ajudá-la. — Falei, recolhendo as sacolas da sua mão.

— Hm... Não. Resolvi acabar logo com as compras, porque Bella teve algo para resolver na faculdade e não estava mais tão divertido comprar sozinha. — Olhou para

Taddeo. — Olá, Taddeo. — Cumprimentou-o, ainda desconfiada.

— Olá, Princesa. — Levantou-se e cumprimentou-a ainda sem jeito.

— Ok. Vou deixar essas sacolas aqui no quarto e já volto. — Falei e saí em direção ao quarto, deixando-os propositalmente sozinhos.

Coloquei as sacolas no closet e decidi tomar um banho rápido, não apenas para dar tempo deles conversarem, mas também para tirar um pouco do álcool, antes de voltar para sala e seguirmos viagem. Quando eu retornei, ainda peguei o final da conversa entre os dois.

— Eu sei que fiz bobagem e falei merda. Théo perdoou-me e agora peço desculpas a você pelo que falei. — Taddeo falou e Steph o analisou durante um tempo, antes de responder:

— Ok. Não sou Deus para perdoar ninguém. Mas... — Levantou o dedo ameaçadoramente. — Juro que se você fizer bobagem novamente, vou fazer uma bobagem com a sua cara! Fui clara? — Perguntou séria e eu tive que me segurar para não rir.

— Como água, cunhadinha. — Taddeo respondeu, visivelmente se esforçando para não rir da sua ameaça velada.

— Cuidado, irmão. Minha mulher pode ser bem perversa quando quer. Uma ameaça dela tem que levada muito a sério. Ela não gira muito bem sabe? Mas o que posso fazer? Eu amo minha louca mesmo assim. — Falei, beijando-lhe os lábios e ela sorriu.

— Que bom que você acha assim, meu amor. Pois se você nunca foi chamada de maluca por um homem, então é sinal que você não está exercendo seu papel de mulher corretamente. — Soltou, fazendo-nos cair na gargalhada.

Sim. Ela era linda, louca, mas perfeita para mim!



A viagem até Londres foi rápida. Fomos recepcionados por quase toda comitiva da família real britânica. A mídia estava lá em peso. Tiramos algumas fotos e conversamos brevemente com eles, antes de irmos em direção ao nosso hotel. Bufei irritado quando vi a quantidade exorbitante de Paparazzis nos seguindo e posteriormente nos aguardando

em frente ao hotel. Com a ajuda da segurança, conseguimos passar pela entrada e quando estávamos fazendo o *checking* na recepção do hotel, o gerente veio nos dar às boas vindas.

— Vossa alteza real, Princesa
Stephanne. — Reverenciou-a. — Lorde Theodore
Caravaggio. Estamos honrados em tê-los em nosso hotel.
Estamos à vossa disposição para lhes atender durante a
sua estadia conosco. — Disse gentilmente.

— Obrigada. — Stephanne agradeceu simpaticamente.

— Obrigado. No momento não precisamos de nada, mas
daqui a pouco uma pessoa chegará e você pode liberar a
sua entrada em nossa suíte? — Indaguei.

— Oh claro! Como eu poderia ter-me esquecido. A Sra.
Antonella pediu para avisar que está lhes aguardando no
bar do hotel. — Informa rapidamente.

Eu deveria ter imaginado!

De mãos dadas com Stephanne, fomos até ao bar que
nos foi indicado. O local estava relativamente vazio para
o horário e uma música ambiente pairava no ar. Não
demorei para encontrá-la, pois descrição não era algo que

ela compartilhava. Apontei-a para Stephanie e fomos andando em sua direção no balcão do bar. Antonella tagarelava alguma coisa com o garçom, não parecendo ter notado nossa chegada. Então finalmente chamei-a:

— Olá Vovó.

Antonella Caravaggio no alto dos seus mais de quarenta anos de idade — O máximo permitido para que possamos dizer sobre sua aparência — e elegância, rapidamente virou em minha direção e se seu olhar disparasse laser, eu estaria em maus bocados nesse momento.

— Theodore Alano Caravaggio, como ousa? — Disparou irritada.

Ops. Eu disse que ela odeia ser chamada de Vovó em público? Pois é. Olha o que eu tenho que lidar!

— Hm. — Tossi forçadamente. — Sinto muito, troquei os nomes. Estava pensando na minha querida e adorável vovó, que está quase para bater as botas, *titia*. — Completei ironicamente, chamando-a como éramos orientados a chamá-la em público.

Posso com isso? Ter que chamar minha avó de tia? Só

dona Antonella mesmo.

— Tomara que minha querida *tia*, sua avó, fique para semente. Nunca conheci ser tão maravilhoso quanto ela. Você deveria agradecer a Deus pela sorte de tê-la como avó. — A cara de pau continuou dizendo, com os olhos estreitos para mim e eu revirei os meus.

— Acho que o vovô terá uma conversinha nada amigável com ela, quando aquela velha safada bater as botas, pois ele tem se revirado no seu túmulo desde que ela ficou viúva. — Continuei provocando-a.

— Aquele velho rabugento deveria agradecer por eu ser uma mulher feliz e cheia de vida! — Não aguentou e se entregou reclamando e eu e Stephanie desatamos a ir.

Dona Antonella era uma coroa inteiraça, cheia de vida e mais bonita que muita mulher no auge da sua maturidade. Como ela mesma diz, uma loba. Vaidosa ao extremo, não permite nem que meu pai a chame de mãe, porque diz que ele já tem cabelo branco demais para ela passar por mãe dele. Que está mais para irmã. Podemos com uma criatura dessas? Brincadeiras, provocações e exageros à parte, minha avó é uma mulher maravilhosa, batalhadora, um ser

humano realmente incrível, que apesar dos tropeços que a vida lhe deu, continuou a vida com alegria. Ficou viúva quando meu pai ainda era adolescente e mesmo sem nunca ter lavado uma panela na vida, tomou a frente dos negócios da família, até que meu pai pudesse assumir seu posto quando chegasse à maioridade. O que fez brilhantemente bem devo ressaltar. Nunca se casou novamente, pois apesar de seus casinhos e de sempre brincar sobre meu avô ser rabugento, diz que nunca conheceu e nem conhecerá um homem como Gerard Caravaggio. Por isso só “come” fora de casa.

Sim, é exatamente assim que ela nos diz. Poderia nos poupar desses detalhes sórdidos né? Infelizmente ela não pensa da mesma maneira.

Mas fora dessa imagem de mulher madura e moderna que ela aparenta, por trás das roupas de grife, joias e plásticas, existe uma mãe profundamente ferida pelo que houve com sua filha. Quando aconteceu o acidente com a tia Alisson, ela fez questão de sair da Campavia e vir morar em Londres, para acompanhar de perto o tratamento da filha. Todos os dias ela vai visitá-la na clínica. Mesmo

que minha tia não diga uma só palavra, ela está lá, conversando, contando as novidades da nossa família, lendo seus livros favoritos, penteando seus cabelos. É uma coisa linda de se ver o cuidado, o amor incondicional e a esperança de que sua filha sairá dessa, que ela demonstra todos os dias, durante todos esses anos.

— Quantos drinks você já bebeu, dona Antonella?

— Dois... — Me olhou de forma irônica. — Ok. Menos do que sete. — Confessou um tanto irritada.

Oh merda! Isso não era bom!

— Vovó, gostaria que você conhecesse minha namorada, Stephanie. — Apresentei Steph, que sorria lindamente para minha avó, que sorria com ternura.

— E quem não conhece a Princesinha? — Beijou-a com carinho e voltou a olhá-la com atenção. — Fico muito feliz que vocês se entenderam e estão bem. É o casal mais quente do momento. E para prender um homem gostoso como meu neto, tem que ser muito boa e competente no que faz. — Piscou descaradamente para Steph.

É...Começou!

Pela primeira vez na vida eu vi Stephanie

completamente sem graça e ainda por cima vermelha. Isso era tão inédito, que eu não conseguir deixar de rir pela sua reação. Se existia uma pessoa nessa vida capaz de fazer Stephanie se sentir envergonhada, pelo visto essa pessoa era minha avó, que era exatamente como ela, não tinha papas na língua e muito menos vergonha de falar o que queria e pensava. Tenho certeza de que se elas fossem parentes, não seriam tão parecidas.

— Dona Antonella, você conseguiu a proeza de fazer a pessoa mais despudorada que conheço, corar. Por favor, não faça minha namorada sair correndo com suas franquezas. Eu trabalhei duro para tê-la. — Brinquei e minha avó riu.

— Ah querido! Eu imagino o quão duro você trabalhou. — Ela deu um apertão na minha bochecha nada carinhoso e gargalhou. — Ela vai entrar na família, tem que se acostumar com a minha modesta sinceridade. — Minha avó disse simplesmente.

— Er... Bem... Desculpe Dona Antonella. Não costumo ser tão tímida assim. Para falar a verdade timidez é algo que não combina muito bem comigo. Sou franca e sincera

como a senhora, mas é que eu realmente não esperava que a avó do meu namorado fosse tão moderna e para frente. — Stephanie tentou se explicar, fazendo-me rir.

— Ah minha querida, sou para frente, para trás, todas as posições que o *Kama Sutra* e meu corpo maduro permitem que eu faça...

— Vovó! — Repreendi chocado que ela continue falando dessa maneira.

— Ah Theodore! Não seja puritano. Lembro-me perfeitamente que eu lhe dei um exemplar do *Kama Sutrano* seu aniversário de dez anos. Não é vergonhoso confessarmos que temos uma vida sexual bastante ativa e que seguimos os conselhos do livro, como se fossem os mandamentos da Bíblia. — Disse simplesmente e se virou para Stephanie que agora ostentava um sorriso perfeito. — Só pelo amor de Deus, não me chame de Vovó, Dona e nem de Senhora! Sinto-me como uma velha com mais de sessenta anos. — Falou.

— E a senhora já passou dessa idade faz tempo... — Pensei em voz alta.

— O que você disse, Theodore? — Levantou a voz,

fazendo-me estremecer.

Cobri logo *Alexandre* com minhas duas mãos, porque da última vez que caí na besteira de dizer algo parecido, dona Antonella apertou meus ovos até eu dizer que ela era mais gostosa que a Demi Moore em *As Panteras Detonando*.

— Sua sorte é que ainda quero que nossa família se perpetue, Theodore. Caso contrário, ia apertar suas bolas, até fazer com que elas saíssem pela sua garganta e depois ainda faria um *strip-teasenense* bar, até você chorar pedindo misericórdia. — Ameaçou, fazendo-me engolir em seco.

Não disse? Vovó louca! Pavor me define!

— Por favor, Antonella, não faça uma coisa dessas com Théo. A mais prejudicada dessa história seria eu, amo suas bolas, elas fariam uma falta enorme no nosso quarteto. — Stephanie comentou simplesmente, como se não tivesse conversando sobre as minhas bolas com minha avó.

— Hm... Quarteto? Interessante. Conte-me sobre isso. Entendo sua superproteção com as bolas do meu neto, o

avô dele também tinha uma dupla e tanto no meio das pernas. Essa fartura toda é genética, os homens da nossa família são muito bem dotados. Se é que me entende. — piscou. — Ai que Saudades do Gerard! — Dona Antonella suspirou com a lembrança nada inocente do meu avô, antes de puxar Steph para a mesa mais próxima.

— Vó. A senhora está brincando né? Que absurdo conversar sobre minhas “coisas” com minha namorada e ainda por cima falar sobre o pau do meu avô. — Afirmiei chocado.

— Cala a boca, garoto! Conheço suas bolas melhor do que muita rapariga, afinal passei muito talco ai embaixo. E não venha querer me dar pudor nessa altura da vida, porque é impossível. Também não vamos bancar os inocentes, pois sabemos que Alano e Alisson não vieram da cegonha. Então não corte nossa brincadeira, estou extremamente interessada sobre o que Stephanne vai me dizer. — Disse, fazendo Steph rir baixinho do meu constrangimento.

Eu mereço!

— Garçom, mais uma rodada para mim e para Princesa. Para esse rapaz aqui, traga um leite bem forte. Ele precisa se fortalecer para fortificar os espermatozoides dele.

É...Essa é minha avó. Que Deus me ajude!



Como eu tinha certeza que aconteceria, minha avó e Stephanie se deram muito bem. Até demais para o meu gosto. Duas pervertidas conversando sobre assuntos que eu preferia nunca ter ouvido, quase fez com que eu me arrependesse de apresentá-las. Sério. E eu achava que meu maior problema era domar minha namorada, na minha ingenuidade não pensei que esse encontro poderia ocasionar tantas imagens que não sei se vou esquecer-me tão cedo. O que eu quero dizer é este encontro da minha avó com Steph teve e ainda terá proporções épicas em minha vida. Mas quando o assunto avançou, para minha avó falando sobre o pompoarismo, eu achei que era a hora de sair dali e pedir perdão a Deus pelos meus pecados. Já tinha aguentado demais.

— Stephanie do céu! Você não tem noção dos milagres

que o pompoarismo podem fazer para o corpo de uma mulher. Sério! Você precisa experimentar. Eles transformam a vida de um casal. Eu por exemplo, conheci meu corpo ainda mais depois que... — Falou simplesmente, como se estivesse falando sobre o tempo.

Putá que pariu! É demais para mim!

— Pelo amor de Deus, vó! Vamos mudar de assunto! Não quero ter mais pesadelos essa noite. Já não são suficientes as imagens que já tenho para isso? — Interrompi-a.

— Larga de ser puritano, Theodore. É quase uma dica de amiga. Estou falando isso em benefício de vocês. Já pensou em prolongar o prazer de vocês na hora “h”? O orgasmo será ainda mais prazeroso... — Continuou alheia a minha vontade de me matar.

— Acho melhor irmos, Steph. Já vi que dona Antonella está a fim de me enlouquecer hoje. — Disse, chamando o garçom para acertar a conta.

— É... Eu tenho que ir mesmo. As horas passaram que eu nem percebi. Tenho um compromisso com Dylan. — Falou, olhando a hora em seu relógio.

— Quem é Dylan, vó? Semana passada minha mãe disse que seu namorado se chamava Paul. — comentei confuso, pois segundo dona Sarah, ele tinha quarenta e dois anos de idade, com um apetite de vinte, palavras de minha avó.

— E é. — Parou de falar enquanto retocava o batom dos seus lábios. — Dylan é meu professor de sexo oral, tenho aula daqui à uma hora.

Caralho! Tortura seria mais prazerosa do que a ouvir falar isso! Já vi que essa noite não consigo dormir com medo de fechar os olhos...



Nas primeiras horas da manhã, fomos visitar algumas ONGs que a família real britânica ajudava. A mídia estava feito urubu em cima da gente, mas conseguimos levar os compromissos sem muitos problemas. Steph e Kate se deram muito bem. Conversaram amigavelmente sobre tudo e foi bom ver minha namorada em seu papel de representante da coroa do nosso país, distraída sobre os problemas que nos rondavam. Combinamos um jantar com a Rainha para a noite seguinte e partimos para o nosso

segundo compromisso do dia.

Eu não sei por que eu resolvi trazer Steph aqui. Eu nunca trouxe ninguém aqui antes, nenhum amigo, nem Igor e muito menos Eva. Mas com Stephanne era diferente, eu apenas queria que ela conhecesse minha tia. Às vezes eu não entendo porque eu tenho essa necessidade de que Steph conheça todos os aspectos da minha vida, mas eu apenas faço. E por mais que minha tia seja “debilitada” ou considerada louca para muitos, ela significa muito para mim do seu modo. Quando chegamos, ela estava na mesma posição de sempre, sentada em um banquinho de frente para janela, com vista para o jardim. Esse era o ritual dela todas as manhãs. Ela levanta da sua cama e senta-se de frente a essa janela. Só saía de frente desse local, quando lhe trazem comida e seus remédios ou ela volta a dormir. As minhas visitas periódicas, parecem ser as únicas em que ela reage de alguma forma, porque ela presta atenção em tudo que falo, sorri algumas vezes, faz carinho no meu rosto e às vezes desenha para mim, como uma criança.

Eu era muito pequeno, mas eu ainda me lembro

brevemente do quanto ela era cheia de vida. Tenho alguns flashes dela brincando comigo. Fora que em todas as fotos que temos no álbum da família, mostram a mulher linda e alegre que Alisson Caravaggio era. Sempre sorridente e com um brilho intenso no olhar. Minha mãe sempre me contava histórias sobre ela. O quanto ela era uma pessoa intensa e que gostava de viver a vida sem pensar no amanhã. Vovó relembra com orgulho a mulher que ela era e ainda tem esperanças de que será um dia. Meu pai não fala sobre sua irmã e para mim é compreensivo, porque ele a criou desde pequena, amava demais minha tia. Deve ser muito difícil e triste para ele ver sua irmã nesse estado.

Como eu disse, tinha minhas suposições, mas depois do que eu e Stephanie descobrimos sobre o acidente, hoje já não sei muito bem o que aconteceu direito. O pouco que ainda sei, é que algo que lhe aconteceu desencadeou suas crises e ela começou a viver em seu mundinho, precisando de remédios para controlar suas emoções e cuidados intensos. Eu não sei o que houve, mas hoje tenho mais do que certeza de que deve ser algo realmente ruim para que

ela viva dessa maneira. Mas isso não muda o fato de que apesar de tudo, eu a amo e a quero bem. Apesar de ser quase impossível que isso aconteça no ponto de vista médico, desejo de todo coração que ela volte a ser a mulher que todos admiravam, sentem saudades e ainda guardo um fio de esperança de que eu vá conhecer um dia.

— Oi, tia Alisson. — Falei, assim que entrei e apesar dela não ter se virado, percebi em sua postura que minha voz mudou algo nela.

Ela sempre agia assim. Pouco reagia as coisas a sua volta. Vovó beijou-a carinhosamente na testa e foi arrumar as coisas que trouxe para ela. Alguns livros e uma cesta recheada de frutas. Segurei a mão de Stephanie e caminhamos até onde minha tia estava sentada. Ajoelhei-me aos seus pés. Com seus longos cabelos escuros, ela virou-se para mim e pousou seus olhos sobre meu rosto e eu falei com carinho:

— Tudo bom tia? Hoje eu trouxe uma pessoa muito especial para senhora conhecer. — Falei, puxando a mão de Steph, que se ajoelhou ao meu lado com um sorriso genuinamente doce. — Tia, essa é Stephanie, minha

namorada. — falei e minha tia tirou seu olhar do meu para pôr em Steph.

Tia Alisson olhou-a profundamente, como eu nunca havia visto fazer antes com outra pessoa. Apesar dela não ter mais nenhuma reação, seu olhar demorou bastante sobre Steph, como se forçasse um conhecimento.

— Olhos... Olhos dele. — Murmurou rouca, deixando-nos chocados.

Vovó deixou cair à cesta cheia de frutas no chão e rapidamente chegou até nós. Eu apenas fiquei ali chocado, sem palavras. Isso nunca tinha acontecido antes. Em mais de vinte anos de internação, minha tia nunca havia se comunicado de alguma maneira antes. Nunca havia dito uma palavra sequer.

— O que você disse minha filha? — Vovó perguntou emocionada, mas minha tia simplesmente virou para o outro lado como se não tivesse dito nada e voltou a se perder em seu mundinho.



Comunicamos ao médico o ocorrido e ele ficou tão

surpreso quanto nós. Afinal foram vinte anos sem apresentar uma mísera melhora. E agora isso. Foram feitos alguns exames e tudo ainda estava como antes. Tentamos fazer com que ela falasse novamente, mas isso não aconteceu. Mas lá no fundo, aquele fio de esperança brilhou um pouquinho mais forte.

E foi impossível não me indagar: *Os olhos dele? De quem?*



Passamos mais dois dias em Londres e logo voltamos. Chegamos à noite e depois de pedirmos algo para comer, acabamos pegando no sono. No dia seguinte a nossa chegada, eu havia passado o dia propositalmente fora, me certificando que tudo estaria exatamente como eu havia planejado. Stephanie havia passado um tempo no orfanato pela manhã e a tarde participou de um chá beneficente para mulheres da nobreza, que era organizado pela minha mãe. Dona Sarah, como primeira-dama do nosso país, sempre esteve engajada com esse tipo de projeto e costuma fazer esse tipo de chá pelo menos duas, três vezes ao ano. Cada evento que ela organiza é em prol de algum

lugar, esse era para angariar fundos para os povoados desabrigados pelas inundações da Malásia.

Pelo telefone eu a convidei para jantar mais cedo e como ultimamente temos saído bastante, ela não desconfiou do meu convite. Steph nesse momento revirava o closet atrás do que vestir para poder finalmente sair. Acredite, mesmo depois de todas as roupas que ela comprou para ir para Londres e não usou nem um terço delas, ela insistia em dizer que nada estava bom e que precisava de roupas novas. Além de louca, estava possivelmente querendo fazer com que eu repensasse na minha decisão ao pensar na fatura de cartão de crédito conjunto. Mas então eu respirei fundo e me lembrei dos motivos que fizeram com que eu decidisse fazer o que eu estava prestes a fazer essa noite.

Estando juntos sob o mesmo teto, tem nos feito ficar cada vez mais próximos. E sinceramente? Eu amo isso. Amo saber que apesar de tudo que ela sempre está ao meu lado. Amo saber que eu durmo e acordo com ela em meus braços. Amo saber que os produtos de beleza dela tomaram todo o espaço da bancada do meu banheiro, bem

como suas roupas tomaram conta do meu closet. Eu queria que isso não mudasse e uma fatura astronômica de cartões, me pareceu um pequeno preço a pagar todo mês, comparado com a certeza de que eu quero tê-la para sempre em minha vida.

Eu estava obviamente nervoso pela ocasião, pelo que eu teria que fazer, o que falar, com medo da reação de Steph e essa espera estava me deixando ainda mais nervoso e me matando aos poucos. Levantei-me com a intenção de chamá-la, quando ela finalmente apareceu tirando meu fôlego. Sorri com meu coração batendo forte em meu peito, enquanto eu admirava sua produção. Ela vestia um vestido branco, com um cinto e a barra pretos, um pouco a cima dos joelhos. Seus cabelos loiros estavam soltos e meios ondulados e ela usava um batom vermelho, que deixava sua boca ainda mais tentadora. Apesar das recomendações contrárias de Igor, Steph calçava um par de saltos vermelhos, que faziam suas pernas ficarem ainda mais deliciosas. Estava como sempre linda, mas algo sobre essa noite estava fazendo-a ainda mais bonita sob a luz dos meus olhos apaixonados.

— Linda! — Elogiei-a, puxando-a para mim, antes de rodopiá-la para apreciar a bela mulher que eu tinha. — E o melhor de tudo: minha! — Disse possessivo, antes de beijar singelamente seus lábios vermelhos.

— Considere-se sortudo por isso. — Gracejou, limpando algum resquício do seu batom em meus lábios com os dedos, que eu mordi brincando.

— Muito. — Voltei a beijá-la. — Podemos? — Sorri, oferecendo-lhe meu braço a ela.

— Hm... Hoje não estamos em *modo Ogro*, estamos em *modo Príncipe*. Bom saber. — Ronronou, antes de me dar um sorriso sapeca e segurar meu braço, saindo do meu apartamento.

Chegamos à garagem e andamos em direção ao meu carro, onde respirei fundo, tentando me acalmar, pois a primeira parte do meu plano começava agora. Sentei no banco do motorista, enquanto esperava Stephanie terminar de se ajeitar no banco ao meu lado. Fiquei olhando-a, até que ela sentiu meu olhar sobre ela e perguntou encucada:

— Tá certo! O que está acontecendo? Você está estranho o dia todo, amor.

Merda! Respira Theodore!

— Amor, você confia em mim? — Perguntei, segurando seu queixo.

— Que merda de pergunta é essa Theodore? Claro que confio! — Afirmou insultada.

— Era isso que eu precisava saber. Já que você confia em mim, vou fazer uma coisa agora com você e te peço para que não faça perguntas e muito menos questione o que estamos fazendo. Apenas confie e aguarde. — Pedi e ela me olhou cada vez mais intrigada.

— Théo... — Começou e eu a cortei.

— Ou você confia ou não confia, amor. — Afirmei, fazendo minha melhor cara de cachorro sem dono.

— Ok. Eu confio. Faça o que quiser comigo. — Cedeu e eu sorri com sua afirmação, pois *Alexandre* adorou o duplo sentido de sua frase.

Hora errada, garoto! Mais tarde você comemora. Bem... É o que eu espero...

Tirei a venda do bolso e ela me olhou intrigada, mas não disse nada.

— Vou vender você e lhe levar em um lugar especial

para mim, que eu espero que seja para você também. Até chegarmos lá, não vale espiar. Estou confiando que você não fará isso também, viu?

— Tá bom. Vamos logo com isso, Theodore! — Bufou, mas apesar de tentar demonstrar impaciência, percebi a expectativa em sua voz.



A chegada ao nosso destino não demorou, afinal eu conhecia o caminho com a palma da minha mão e o fazia desde que me entendo por gente. Falar em mão, durante a viagem Stephanne estava parecendo mais inquieta a cada segundo, brincando com suas unhas, remexendo as mãos nervosamente sobre seu colo.

— Chegamos? — Perguntou atenta, assim que desliguei o motor do carro.

— Sim amor, chegamos. Mas você ainda não está autorizada a tirar a venda. Espere um minuto que vou te ajudar a sair do carro e te guiar até o ponto certo. — Falei, tentando controlar o nervosismo em minha voz.

— Théo? — Chamou-me quando eu estava com a mão na

maçaneta.

— Oi amor.

— Estou nervosa. — Confessou e eu queria lhe dizer que também estava, mas isso não ajudaria em nada agora. Muito pelo contrário, só a deixaria mais impressionada do que já estava.

— Não precisa ficar nervosa. Espera só um pouco mais, nós estamos quase lá. — Garanti, acariciando seu rosto, antes de lhe dar um selinho.

Fiz a volta no carro e abri a porta para ela, ajudei-a a levantar e percebi ainda mais o quanto ela estava nervosa. Sua pele sempre quente e macia, estava fria e ela tremia suavemente. Respirei fundo, buscando forças no que sentia por ela para me acalmar, com a certeza de que eu estava fazendo a coisa certa. Chegamos ao local exato, onde eu queria e ao meu sinal o violinista começou a tocar *Heaven* de Bryan Addams, ao mesmo tempo eu que eu tirava a venda dela.

Steph abriu os olhos e paralisou, olhando tudo ao redor. Estamos no jardim do Castelo, onde fica a estufa de flores e o chafariz, local onde havíamos dado nosso

primeiro beijo anos atrás. Ela olhou ao nosso redor surpresa, vendo o paredão de rosas que nos cercava, a estufa de flores à nossa frente iluminada por milhares de velas e paralisou quando nos viu no centro de um coração, feito com velas e pétalas de rosas. E quando seu olhar voltou até o meu, ela colocou a mão sobre a boca, no momento exato em que eu escolhi para me ajoelhar diante dela e abri a caixinha que eu havia tirado do meu bolso, ao mesmo tempo em que umas dezenas de fogos chamuscavam a nossa volta.

Respirei fundo mais uma vez, controlando as batidas incessantes do meu coração, antes de começar o discurso da minha vida.

— Há muitos anos atrás, nesse exato lugar onde estamos agora, nós demos nosso primeiro beijo. Na verdade, eu o roubei e você me empurrou, fazendo com que eu caísse dentro da água do chafariz, o que me rendeu uma puta de uma gripe, que me deixou uma semana sem vê-la e essa para mim foi a pior parte de estar doente, ficar sem te ver. — Ri, nervoso. — Eu me apaixonei por você Stephanne, quando nós dois ainda éramos duas crianças e fingíamos

que não sentíamos nada um pelo outro, que nos odiávamos e depois brincávamos de nos pegar em todos os cantos desse castelo. Você pode tentar negar, mas eu sei que é verdade. Você também sabe. Nós já nos amávamos desde então. Então o destino nos afastou e depois de tantos anos sem nos ver, o que aconteceu? Nos apaixonamos novamente. Qual a probabilidade de você se apaixonar duas vezes pela mesma pessoa? Talvez seja ínfima, mas tivemos a sorte de acontecer conosco e não poderia estar mais agradecido por isso. — Nesse momento ela já estava em lágrimas. — Posso afirmar com toda certeza do mundo que sou mais feliz desde que ficamos finalmente juntos. Mesmo que você ocupe todos os espaços da casa com suas coisas. Que você tenha ataques histéricos dizendo que não tem roupa. Mesmo que você seja impulsiva e louca a maioria das vezes. Mesmo que você não arrume a cama quando se levanta, ou que não saiba cozinhar e odeie lavar os pratos, para não ter que estragar as unhas. Que você bata meu carro mais uma vez... Por favor, não faça isso! — Ela ri entre lágrimas. — Mesmo que você seja tão perigosa, possessiva e loucamente ciumenta, como eu.

Que você tenha tomado o controle não apenas da televisão, mas também o controle da minha vida, do meu coração. Que você tenha voltado como um furacão em minha vida. Não me importo de você bagunçar a minha casa, a minha vida, a mim, pois com você dormindo e acordando em meus braços, eu descobri que o avesso é o meu lado certo. Sempre soube que existia algo que lhe fazia diferente de todas as outras e hoje eu sei que era apenas a certeza de que me sentia assim, porque no fundo eu já sabia que era para você ser a mulher da minha vida. Para a minha vida toda. “até que a morte nos separe” ainda é muito pouco pra mim. Preciso de você por mais de uma vida, duas, três... O para sempre é apenas o começo para nós dois. Eu amo você. Você é tudo para mim, Stephanie Alessandra Valentino Bellini di Montalcino e eu não posso continuar sem a certeza de que sempre será assim. É exatamente por esse motivo que eu não te pergunto, apenas te comunico, te aviso e intimo que você case comigo e passe o resto de “nossas vidas” ao meu lado.

Stephanie soluçou e fechou os olhos por alguns

segundos e quando os abriu ela ainda tinha lágrimas se derramando, mas mais do que isso, olhando no fundo dessas piscinas azuis, eu tive a certeza de que ela se sentia da mesma forma. Éramos nós dois. Para sempre. Ela se ajoelhou em minha frente e limpou as lágrimas que eu nem havia percebido que derramava.

— Sim, meu príncipe Ogro. Mesmo que você não tenha me dado direito de resposta, eu não poderia dizer que não diria exatamente isso: Sim! Eu quero me casar com você! Eu te amo e agradeço por me amar, mesmo que eu seja o seu avesso e que te enlouqueça um pouco a cada dia. Também não aceito menos do que o para sempre ao seu lado! — Respondeu, com a voz rouca e emocionada.

Mesmo que no fundo eu soubesse que ela iria querer a mesma coisa do que eu, suspirei aliviado e sorrimos um para o outro, cúmplices desse momento que confirmamos o que queremos para nossas vidas de agora em diante. Peguei o anel que pertencia a minha família, colocando em seu dedo e eu tive a certeza que dali só sairia quando fosse mudar de mão. Então nossos lábios se encontraram e selamos nosso compromisso com um beijo que prometia o

nosso para sempre.

Nosso beijo foi interrompido pelo som da comemoração da nossa família e amigos que estavam todos ali reunidos, à espreita, esperando e registrando o momento do pedido e agora vinham em nossa direção, animados e emocionados. Garçons já nos serviam com champanhes, quando meu pai me cumprimentou orgulhoso. Minha mãe chorava emocionada, assim como Lourdes, Henriquetta e Bella. Vovó Antonella, nos desejou felicidades e muitos orgasmos na vida. Taddeo e Igor brincaram, dizendo que tinha dado “game over” para mim, mas logo nos parabenizaram dizendo quanto estavam felizes pela gente. Mas mesmo que eu tenha lhe pedido a mão dela em casamento a ele, a minha maior surpresa, foi quando meu futuro sogro veio me cumprimentar.

— Parabéns, Théo. Você não sabe o quanto eu fico feliz por vocês, meu filho. Eu sabia que você seria o homem certo para ela. Sempre soube. E eu tenho certeza absoluta que você não será apenas o Rei ideal para comandar o nosso país, mas você será aquele que será responsável pela felicidade dela. E a felicidade de vocês, sempre foi à

razão de tudo. Sempre. — Falou enigmaticamente e saiu, me deixando sem entender nada.

— O que foi amor? — Steph perguntou, ao meu lado, quando eu fiquei parado sem reação.

— Hm... Nada. Só uma coisa que seu pai disse.

— O que? — Perguntou curiosa.

— Nada demais. Minha adrenalina está a mil, acho que não devo ter entendido direito. — Tentei disfarçar, beijei seus lábios e ela sorriu.

— Sim, deve ser isso. Você não deve ter entendido direito.

Mas então alguns meses depois, eu finalmente entendi.

Capítulo 33

Steph

6 meses depois...

Os últimos seis meses foram mais movimentados do que minha cama havia sido a vida toda. Sim, e isso definitivamente não é uma reclamação, muito pelo contrário, apenas uma constatação. O tempo passou tão rápido, e aconteceu tanta coisa, que tem horas que me assusto. Começando a ficar com medo das minhas futuras rugas. Pensando nisso, comecei a investir mais em mim. Não podemos deixar a peteca cair só porque o tempo está passando.

Afinal, uma vez diva, sempre diva, né?

Meu pai e Lourdes finalmente se casaram há alguns meses, em uma cerimônia linda, e alguns dias depois descobriram que estavam à espera de um menino, que se chamará Andrew, em homenagem ao meu tio. Apesar das coisas terem mudado entre nós, afinal hoje ela não é

apenas minha melhor amiga, ela é minha madrastra, eu e Lou ficamos bem. A mágoa que eu sentia já não existe mais, porque é impossível cultivar algo ruim quando eu vejo o brilho de felicidade tanto nos olhos dela quanto nos olhos de meu pai. Eles se amam, estão felizes, e é isso que realmente importa. Andrew está sendo mega esperado e parece ser a luz que faltava na nossa família. Lourdes já está com sete meses e um barrigão enorme. A irmã babona aqui não vê a hora de conhecer o príncipezinho.

Anabella decidiu fazer um intercâmbio em Londres, há uns quatro meses, e ficará quase um ano fora. Muitos podem não ter reparado, mas como ótima observadora que sou, percebi o quanto a ida de Bella mexeu com Igor. Mas ele é um idiota e não fez nada para que isso mudasse. Pelo contrário, nos últimos meses ele contribuiu, e muito, para que ela tomasse essa decisão. Eu não queria que ela fosse, sinto sua falta. Mas ela estava sofrendo por causa dele e tenho que admitir que, talvez, fazer o que ela fez tenha sido o melhor agora. Tenho a ligeira impressão que quando Bella voltar de Londres não será a mesma menina boba e apaixonada que era quando saiu da Campavia, e

tenho certeza de que no final Igor vai se arrepender de não ter assumido o que verdadeiramente sente por ela. Mas é aquela história de que só dá valor quando perde. Ela chegava hoje de lá e iria passar a semana ajudando a organizar as coisas do casamento. Mais uma que tira meu juízo.

Mas como eu sei que todas querem saber como Théo e eu estamos, posso dizer de boca cheia que estamos ótimos! O pedido de casamento do meu *Ogro em modo Príncipe* ainda está marcado em minha memória, e eu sei que jamais esquecerei aquele momento. Lembro-me perfeitamente do nervosismo que senti quando comecei a perceber que ele estava estranho, e então quando me pediu para confiar nele tremi nas bases. Mas, como era ele, fechei os olhos e deixei ele me guiar. Quando ele enfim tirou a venda, olhei ao meu redor e não pude acreditar no que ele havia feito ali. As velas, as flores, a música... *Tudo lindo! Mais do que perfeito!* Quando ele se ajoelhou em minha frente e começou a falar quase morri do coração, e eu só conseguia pensar:

Oh meu Deus! Ele não está fazendo isso, está?

Meus olhos se arregalaram. Meu coração batia loucamente em meu peito. Minha respiração ficou suspensa. Tudo ao nosso redor literalmente sumiu. Senti-me de uma maneira que eu nunca havia me sentido antes. Tenho que confessar que primeiramente a minha vontade foi de sair correndo dali. Não sabia se estava preparada para aquilo ainda. Casamento para mim era uma palavra proibida. Tipo tabu. Antes de Théo, estava fora dos meus sonhos e planos. Só de ouvir essa palavra me dava calafrios e uma vontade louca e incontrolável de correr. Se quisesse me fazer correr, era só falar sobre isso. Mas quando ele começou a falar, lembrando-me que ali foi o lugar do nosso primeiro beijo, dos amassos que dávamos quando adolescentes, de tudo... De nós. Lembrar de toda a nossa história fez-me entender que, sim, nós já estávamos apaixonados desde essa época e que realmente tivemos a sorte de nos apaixonar novamente depois de tantos anos. Então não tive mais medo. Théo disse todas as palavras certas. Tudo. Do nosso jeito torto, éramos perfeitos um para o outro. Ele era o homem certo para mim. Um Ogro. Um Príncipe. Mas meu. Na moral, eu sou uma pessoa

chata, insuportável, ciumenta, preguiçosa, briguenta, indecisa, confusa e no fundo sei que sou complicada demais pra conseguir me relacionar com alguém. Tem dias que nem eu mesmo me quero, mas ainda assim ele me ama. Do que eu posso reclamar? Théo era o “cara” para mim. Era aquele que eu amava e queria para sempre ao meu lado. Então o que mais eu poderia querer além de firmar perante a lei dos homens e a lei de Deus que nos amávamos e que queríamos passar “nossas vidas” juntos? Casar com Théo era, e sempre será, a coisa mais certa que farei em minha vida. O que farei mais precisamente em *Sete dias*.

Desde antes de assumirmos nosso namoro já ocorriam especulações sobre um iminente noivado, o que só aumentou quando fui morar com Théo e aparecemos oficialmente juntos. Sim, nós ainda moramos juntos. Ele não deixou e eu nem consegui sair do seu lado. Então unimos nossa carência e continuamos sob o mesmo teto. Enfim... Uma semana após Théo ter me pedido em casamento, um paparazzi conseguiu uma fotografia em que se via claramente o anel de compromisso que havia

pertencido à família Caravaggio e tinha sido utilizado pela Antonella. Foi um verdadeiro inferno, não nos davam sossego um minuto sequer. Triplicamos a segurança, pois sair com os seguranças que tínhamos antes era quase impraticável. Como não havíamos mais como negar, anunciamos oficialmente o noivado e cedemos uma entrevista para uma rede de televisão contando detalhes sobre nosso relacionamento. Após alguns dias, o porta-voz da família real anunciou nosso casamento para seis meses depois. E aqui estamos nós.

Suspirei. Estava sentada à mesa, enquanto minha sogra, Têta, Lou e a cerimonialista do casamento tagarelavam sobre os preparativos. Sério. Adoro uma festa, mas se eu soubesse que daria tanto trabalho fazer o casamento de acordo como mandava o figurino, teria chamado Théo para casarmos em Las Vegas. Na verdade eu fiz isso quando Caline, a cerimonialista, me deu o catálogo de flores para escolher, que mais parecia uma enciclopédia gigante. Sinceramente? Nem sabia que existiam tantas espécies e cores. Para mim eram apenas flores. Quando eu disse que não me importava minha sogra ficou chocada e a

organizadora olhava-me como se tivesse nascido mais três cabeças em mim. O quê? Quem se importa se teremos copos de leite, tulipas, gérberas ou a floricultura inteira? Importa é que estarei linda e diva a caminho do altar para selar o compromisso com o homem que amo.

Sério. Estou muito sentimental ultimamente, tenho que parar com essa viadagem!

Então foi aí que chamei Théo para irmos à Vegas. Primeiro ele riu, achando que eu estava brincando, mas quando viu que eu estava falando sério calmamente me explicou que não poderíamos fazer isso. De acordo com ele, o casamento de uma herdeira da coroa, como eu já sabia, primeiramente tem que ter a autorização do parlamento para que se prossiga. Ou seja, meu futuro marido tem que ser “digno” pelos olhos dos parlamentares. Com o poder do nome da família Caravaggio não tivemos problema algum quanto a isso. Mas ainda assim temos que seguir à risca a tradição e nos casar em solo campaviano, na catedral da cidade. Afinal, o casamento real é um evento esperado e comemorado por toda a população campaviana, pois é de grande

importância para o futuro do país, visto que o casal assumirá o trono futuramente. Já que minha ideia de Vegas foi para o chinelo, tive que aguentar esses longos meses de organizações. No início até foi legal escolher vestido, cabelo, maquiagem, coroa... Mas agora eu só quero que esse bendito casamento chegue logo, não apenas porque eu desejo loucamente ser a Sra. Di Montalcino Caravaggio, mas porque não suporto mais discutir sobre o cardápio da comida ou o mapa de assentos dos convidados. Todo mundo só me liga para falar sobre esses assuntos. Tem dias que preciso me arrastar da cama para sair, pois se eu pudesse ficava lá até o dia da cerimônia. Quero ir logo para minha Lua de Mel, para poder descontar na cama as frustrações da chatice que foi organizar isso.

— Você concorda, Steph? — Minha sogra chamou minha atenção.

Uh? Sobre o que mesmo elas estavam falando?

— Oh... er... — E meu celular começou a tocar justamente nessa hora.

Oh caralho! Salva pelo gongo!

— Hm... Desculpe, mas eu tenho que atender. — Me desculpei, saindo em direção ao outro cômodo, mas querendo desesperadamente dar o fora dali. — Obrigada por me salvar, amor.— Atendi, com um suspiro de alívio, e ele riu do outro lado.

—*Então quer dizer que minha querida noiva está desatenta novamente?*— Brincou, e eu bufei, pois ele sabia que eu estava doida para fugir disso.

— Se você tivesse que passar por essa tortura que tenho passado nos últimos seis meses, entenderia como estou me sentindo. — Falei, cansada.

— Eu sei, amor. Você tem trabalhado duro desde que ficamos noivos, se dividindo entre o orfanato, o hospital e os preparativos do casamento. Mas pense pelo lado bom, está acabando e daqui a sete dias você será Sua Alteza Real, a Princesa Stephanie, minha esposa. — Brincou, fazendo-me rir.

— Estou ansiosa por isso. — Confessei.

— Eu também. Eu te amo, Princesa.

Nos despedimos e, contrariando minha vontade, retornei para a mesa onde as mulheres se encontravam.

— O que você acha de adicionarmos mais alguma entrada antes do almoço e o jantar, Princesa? — Caline perguntou.

— Ah não! Entrada de novo não! Se formos falar sobre as entradas, estou literalmente de saída. — Reclamei.

— Você é noiva, está nervosa, é normal. Acho que vou fazer um chá para você se acalmar. — Caline disse, se retirando, e eu bufei.

Só se for chá-mate!



— Hm... Eu vou querer uma costelinha de porco, farofa, pirão de aipim, couve refogada e uma porção de baião. Ah! E uma salada. — Lou terminou de fazer seu pedido, fechando o cardápio.

— Nossa! Achei que você havia dito que cuidaria da sua alimentação semana passada. Como foi mesmo que você disse? Ah sim! Estou parecendo uma porca! — Comentei ironicamente.

— Culpe seu irmão por isso. Se com sete meses estou assim, serei a *Mamãe Pig* até o final dessa gravidez. —

Bufou irritada, fazendo com que eu e Bella ríssemos.

— Um peito de frango grelhado e uma salada caesar, por favor. — Bella pediu para o garçom do *Panela's*, que esperava pacientemente que fizéssemos nosso pedido.

Ultimamente eu tenho frequentado ainda mais o *Panela's*, não apenas por que o restaurante é do Victor, mas porque além de eu amar as comidas tipicamente brasileiras ainda é um dos poucos lugares que confio e fico confortável em frequentar. A mídia está nos cercando ainda mais sobre os últimos preparativos do casamento, e não nos dá sossego nem quando estamos comendo. Victor sempre se disponibiliza a aumentar a segurança quando a gente vem pra cá e, mesmo que do lado de fora haja repórteres, isso me deixa mais tranquila.

— O mesmo para mim. — Decidi, fechando meu cardápio.

— Isso não é justo. Vocês vão comer que nem pintos, e enquanto comerei o restaurante todo. — Lou reclamou.

— Não sei se você lembra, Lourdes Maria, mas preciso entrar em um *Versace* em seis dias. — Comentei, referindo-me ao meu lindo vestido de casamento.

— Se sei. O que eu ainda não sei é como você conseguiu escolher seu vestido, entre todos os inúmeros vestidos que os estilistas te enviaram. — Lou disse, lembrando-se dos modelos que recebi.

O que posso fazer? Todas queriam ver a Princesa casando com sua marca!

— Nunca passei por isso, mas eu tenho a impressão que deve ser um momento que a gente fica indecisa. Mas, quando batemos o olho, sabemos que é o certo. — Bella comentou.

— Acho que é por aí. Eu vesti e sabia que era ele. Mas confesso que quando eu vi a facilidade com que eu seria despida dele sabia que tinha achado o vestido certo. Não quero panos atrapalhando meus planos na noite de núpcias. — Confessei, fazendo-as rir. Por um momento lembrei-me de hoje de manhã, quando estava na cama com Théo e ele disse que teria uma surpresa para nossa lua de mel. Sorri.

Oh Jesus! Não vejo a hora dela chegar.

— Tudo bem que você vai se casar, mas não precisa ficar sorrindo o tempo todo. Sério, chega a ser ofensivo.

— Lou disse, fazendo-me rir.

— Estava pensando na minha lua de mel. — Confessei, meu sorriso ainda maior ao pensar em tudo que faríamos.

— Claro! Você só pensa *naquilo!* — Continuou, bicuda.

— Desculpe se sou uma pessoa ativa. Mas como não ser? Você já viu meu noivo? Théo é uma tentação em pernas! Além do que tem um pa...

— Por favor! Pare com isso! Para mim meu irmão é assexuado. Deixe-me continuar pensando da mesma maneira. — Bella cortou-me, fazendo gargalhar.

— Cunhadinha, de assexuado seu irmão não tem nada. Muito pelo contrário. Somos sexuais até demais. A *dupla* dele acaba com a minha *dupla*. Resumindo: Somos um *Quarteto Fantástico*. — Disse, sonhadora.

— Que quarteto, criatura? — Lou perguntou, intrigada.

— Eu, Théo, seu deliciosíssimo pau e a minha...

— Imagine se eu tivesse pedido detalhes. Sairia dessa mesa traumatizada. — Bella disse com uma cara horrorizada.

— Ok. Vamos parar de falar da minha *família* com Théo. — Peço, rindo.

— Acho isso ótimo. Porque senão eu começarei a contar detalhes sobre o que eu e seu pai fazemos na cama e te garanto que dormir é o que menos fazemos. — Lou disse, e eu fiz uma careta com sua ameaça. Ela riu, percebendo que tinha ganhado.

— Já que mudamos de assunto... Vocês já deram um “oi” para *Eva* hoje? — Perguntei para as duas, me referindo ao meu lindo diamante, e elas reviraram os olhos. — Olá, *Eva*. Boa tarde. — Cumprimentei meu anel com entusiasmo.

— Sabe, até hoje não entendi porque você chama seu anel pelo nome da ex do seu noivo. Isso é meio bizarro — Bella disse com uma careta.

— Bizarro nada. *Eva* dizia que meu relacionamento com Théo não ia para frente. Esfrego minha felicidade todo dia na cara dela. Invejosa. — Falei para o diamante.

— Cada doido com sua mania. — Lou disse, antes de se virar para Bella. — Então, Bella, falando em Carrara, como foi ontem com Dr. Igor? — Lou perguntou, provavelmente pensando na carona que ela pegou após o jantar no castelo, e Bella bufou irritada novamente.

— Acreditam que ele teve a ousadia de dizer na minha cara que tinha um encontro? — Nos perguntou, inconformada.

— Não! — Eu e Lou dissemos ao mesmo tempo.

— Que idiota. — Lou disse.

— Babaca. — Completei.

— Pois é. Como se eu precisasse de um lembrete que ele tem uma mulher em sua cama a cada noite. — sua voz soando triste.

— Sinto muito por isso. — Lou tentando confortá-la.

Sério. Nessas horas eu tenho vontade de amarrar o pau do Igor para ver se o sangue que parece só circular ali suba para o cérebro, para que ele perceba o quanto é idiota por não enxergar as merdas que está fazendo, e por fazer com que uma menina tão linda e maravilhosa como Anabella sofra. Ele gosta dela, e ela idem. Porque é tão difícil deixar de ser burro? Mas eu sabia do que ela precisava. Veja bem, minha turma na Faculdade só tinha homem, eram apenas duas mulheres, eu e uma noviça, que se vestia como se tivesse indo para os encontros dominicais na igreja. Acho que não eram muitas mulheres

que se interessavam por um curso como o de Relações Internacionais. Erro delas. Bom para mim, que pude aproveitar os quarenta e oito caras que tinham. *Calma aí! Não me julgue, não peguei todos. Não sou tão vadia assim.* Acho que só uns dez e transei com uns três. Entendam a lógica da coisa. A premissa do curso não é a condução das relações entre povos, nações e empresas? Então. Fiz meu trabalho direitinho.

— Anabella Caravaggio, não se lamente por Igor ser um idiota e não perceber a mulher que está perdendo. Siga sua vida. Você está na faculdade. A melhor época da vida! Aproveite. Curta. Não continue virgem! — Incentivei.

— Meu Deus, Stephanie! Olha o absurdo que você está dizendo! Pare de dar esses péssimos conselhos! Você mesma acabou de dizer: A menina é virgem! — Lou ralhou, irritada.

— Relaxa Lou, eu sei o que estou fazendo. Eu já passei por isso. — Comentei, dando de ombros.

— Ah é! E passou e passou, e passou... — Ironizou, recebendo um olhar frio em resposta.

— Sim, rodei muito. Mas hoje só rodo em um pa...

— Stephanie! — As duas gritaram meu nome irritadas, e eu comecei a rir.



Antes do nosso almoço chegar, Théo e Taddeo, que haviam ido resolver uns problemas de uma carga do vinhedo, chegaram para nos acompanhar e, para infelicidade de Anabella, Igor veio com eles. Igor não estava tão sociável quanto de costume, estava mais na dele, sem seu costumeiro sorriso convencido no rosto, sem fazer muitas gracinhas, e eu sabia que o motivo disso era a loirinha que estava sentada em frente a ele. O almoço chegou e nós almoçamos conversando besteiras. Depois de ter nos pedido desculpas, Taddeo tem estado muito mais ao nosso lado. Ele já não era aquele cara insuportável que eu achava que era meses atrás. Ele era divertido e muito mais tranquilo e relaxado do que Théo. Ele rapidamente aprendeu que o ponto fraco de Théo era pirraçá-lo mexendo comigo, o que ele e Igor faziam com frequência. Os dois têm se dado muito bem, como irmãos deveriam ser, e eu fico feliz por eles, pois esse fato tem

feito muito bem para ambos.

O garçom estava saindo após anotar nosso pedido de bebidas, quando uma morena de parar o trânsito encostou na nossa mesa. Ela usava um short extremamente curto para o clima um pouco frio que fazia agora no mês de março. Sabe-se que não sou uma pessoa crítica, porque para mim short curto não faz nenhuma menina ser vadia, como também ir à igreja não faz ninguém de santa. Mas o problema estava no conjunto todo. *Cara de vadia? OK. Voz insuportável? OK.* Só dei mais uma olhada e vi o que os outros fatores não negavam: ela tinha os tais“ ângulos” dos quadris.

Traduzindo: Vagabunda de Quinta!

— Olha se não são os caras mais bonitos da Campavia. Igor, Taddeo, Théo. — A vadia falou, miando como uma gatinha.

Não disse? Vadia.

— Verena. — Taddeo e Igor a saudaram, felizes demais para o meu gosto.

Argh! Homens são tão previsíveis!

Olhei para Théo, esperando para ver o que ele faria e,

para sorte dele, apenas a cumprimentou com um aceno de cabeça. Eu gosto assim, inteligente e temeroso. Ele conhece a mulher que tem, sabe muito bem que não levo desaforo para casa e muito menos que ele dê ousadia para esse tipo de gente.

— Olá, Theodore Caravaggio, como vai? — A vadia falou olhando diretamente para ele, ignorando-me ao seu lado.

— Noivo. — Respondi por ele, fazendo com que a vadia olhasse de volta para mim.

— Hm... Prazer, Verena. — Disse sem jeito, estendendo a mão para se apresentar.

Olhei para sua mão e voltei a fixar meu olhar sobre ela, ignorando sua mão que continuava estendida. Sim, ela já dormiu com meu homem. Sou grossa? Sou mesmo, mas gostaria que me dessem um bom motivo para que eu não deixasse a vadia no vácuo. Não nasci para agradar senhor ninguém.

— Prazer você tem com outro. O que interessa você saber é que eu sou a noiva, aquela que tem prazer com ele. — Simplesmente disse, fazendo com que Taddeo e Igor,

que até então seguravam sua risada, comessem a rir.

— Desculpe, não estou entendendo. Estou apenas cumprimentando velhos amigos. Você não me conhece. — Tentou defender-se, e eu revirei os olhos.

— Você é uma puta, aponta pesquisas feitas por mim! E amigos é a última coisa que eu sei que eles eram para você. — Falei, sem remorso.

— O quê? — Disse chocada.

— Acho melhor irmos, Verena. Minha cunhada não é uma pessoa para ser contrariada. Faço questão de te acompanhar. — Taddeo disse, e me deu uma piscadela safada, antes de sair rebocando a vadia dali.

Não disse que era uma vadia mesmo? A vagaba já saiu com um sorriso no rosto, sem reclamar pelas verdades que lhe disse e muito menos por ter tido que trocar de irmão. *Odeio essas.*

— Precisava mesmo disso, Stephanie? — Théo perguntou, irritado.

— Vai defender agora? Tá com pena, querido? Vai atrás. Ainda dá tempo de você fazer uma caridade para vadia antes que Taddeo a pegue. Ou até melhor, os dois

podem fazer essa caridade para ela. Podem abrir a *Casa Beneficente dos Irmãos Caravaggio*. Já sei até o lema: *Fazendo uma dupla penetração e mudando sua vida!* — Falei petulante e morrendo de raiva.

Isso mesmo! Não tenho paciência com essas mulheres com fogo no rabo e que ciscam na minha área!

Théo bufou, antes de começar a rir. Coisa que Igor e Lou já faziam. Apenas Bella estava com aquela cara de que não precisa ouvir o que eu disse.

Tadinha. Ainda tão inocente a minha cunhada!

— Deixe de besteira, ela não é ninguém. — Garantiu, beijando-me nos lábios.

— Aposto que vocês três fizeram muita “besteira” com ela hein? — Perguntei, me referindo não apenas a Théo, mas também a Igor e Taddeo.

— Isso realmente importa? — Perguntou, com a sobancelha erguida.

Não.

— É você a mulher que eu amo, é com você que eu vou casar em alguns dias e é com você que eu vou passar o resto de “nossas vidas”! — Afirmou, me segurando pelo

queixo, e eu sorri timidamente.

— Como vocês são doces. Estou tendo um ataque de hiperglicemia agora. — Igor nos provocou.

— E é em você que eu vou me enterrar quando chegar em casa! — Sussurrou essa parte em meu ouvido, antes de morder minha orelha, fazendo-me arrepiar até o fiozinho de pelo que tenho no meio das pernas.

Bastardo delicioso!

Meu desejo chega com toda força me empurrando para cima dele, mas eu não vou ceder, só pra mostrar quem é que manda.

— Acho melhor pedirmos a conta. — Digo simplesmente, e Théo riu ao meu lado, conhecedor das minhas necessidades urgentes.

Para nossa surpresa, quem veio trazer a conta foi Victor. Ele havia falado com a gente rapidamente quando chegamos, mas estava bastante ocupado durante o almoço.

— Desculpem não ter ficado com vocês hoje, mas um dos cozinheiros pegou uma gripe e eu o dispensei. Tive que assumir seu lugar. — Desculpou-se.

— Sem problemas, cara. Essas semanas têm estado

corridas para todos nós. — Théo disse.

— Verdade, essa semana tenho que ir para Londres, tratar de alguns assuntos do restaurante que vamos inaugurar. Só voltarei na noite anterior ao casamento de vocês, mas depois volto para lá de novo. — Victor confidenciou, parecendo cansado.

— Não sabia que você estavam abrindo uma filial lá. — Comentei.

— Pois é. Meu irmão estudou bastante o mercado londrino e deu a ideia. Mas como ele só entende da parte administrativa, estou indo resolver as questões que envolvem a cozinha. Acho que devo ficar em Londres nos primeiros meses de abertura do restaurante, para treinar os funcionários e manter o padrão de qualidade do *Panela's*. — Explicou-se.

— Onde vai ser o restaurante lá, Victor? — Bella perguntou.

— Na *Sloane Ave*, no *Chelsea*. — Respondeu.

— Sério? Moro ali perto. No *South Kensington*. — Disse, rindo, e ele a olhou.

Vejam só. Quando eu disse que ele a olhou é porque

ele realmente, literalmente, a olhou. Sabe aquele olhar tão profundo que te faz tremer na base? Então, foi exatamente esse olhar que ele deu a Bella. Não sei por que motivo, mas eu acho que Victor começou a enxergar ela de uma maneira completamente diferente agora. E acho que isso é bom. Não, na verdade acho que isso é ótimo.

— Meu tempo estará corrido, mas podemos marcar de nos ver lá. — Victor continuou, e Théo ergueu a sobrancelha, olhando a interatividade dos dois.

Igor? Oh! Esse estava fingindo não se importar com a conversa, mas ele se traiu pela maneira que estava apertando o celular entre os dedos, com tanta força que eu fiquei surpresa do aparelho ainda não ter quebrado em milhões de pedacinhos. Senti até pena... *Só que não!*

— Uh... Er... Bem... Claro. Podemos fazer isso sim. — Bella gaguejou ao respondê-lo e tentou esconder sua timidez.

— Ótimo. Eu te ligo. — Piscou para ela e se virou para nós. — Eu gostaria de ficar um pouco mais, mas tenho que pegar alguns documentos para o contador em casa. — Victor disse.

— Ei, você! Você mora perto da Catedral, não é mesmo? — Anabella perguntou, e ele concordou. — Estou indo para o lado de lá encontrar com umas amigas. Você pode me dar uma carona? — Perguntou.

Uou. O que foi isso cunhadinha? Boa menina!

— Claro! Só vou deixar isso lá dentro e podemos ir. Te encontro na porta? — Victor respondeu animado e ela sorriu sem jeito, acenando em concordância.

Logo depois ele saiu ao se despedir de nós.

— Você vai aonde, Anabella? — Théo perguntou, interessado.

— Já não disse? Vou encontrar com umas amigas em um loja de tortas ali perto da casa dele .— Respondeu.

— Aproveitar e comer um pãozinho hein? — Brinquei, lembrando-me da brincadeira que eu fazia com Victor, e ela ficou ainda mais vermelha.

Ops! Escapou! Foi mais forte do que eu!

— Como é, Stephanne? — Théo perguntou, irritado com a minha simples observação.

— Nada, Théo, até parece que você não conhece sua noiva. — Anabella disse, dando-me um olhar de

repreensão.

— Hm. Acho bom. — Théo resmungou.

— Eu posso te levar. — Igor se ofereceu.

— E porque você levaria? — Bella perguntou, desconfiada.

— Porque você precisa de uma carona. — Respondeu sem jeito.

—Não, obrigada. Tenho certeza que você tem compromisso com alguma vagabunda em sua cama. De qualquer forma, Victor está indo para o lado de lá mesmo. Não vai ser incômodo nenhum. Tchau. Vejo vocês depois. — Falou simplesmente, colocando a alça de sua bolsa sobre o ombro, antes de ir em direção a Victor, que lhe esperava próximo à porta.

E não é que a danada da minha cunhada usou o truque que lhe ensinei? *Rebolar, passar as mãos nos cabelos, olhar para ele por cima do ombro e sorrir.* Fiquei ali surpresa. Tentando controlar a minha imensa vontade de rir, mas me segurei. Principalmente porque vi que surgiu efeito. Igor não desviou o olhar dela um segundo sequer, até que ela saiu pela porta conversando animadamente

com Victor. Então ele se virou para gente com cara de poucos amigos.

— Você acha mesmo uma boa ideia deixar Victor dar uma carona para Anabella, Théo? — Igor perguntou, desconfortável.

Oh Jesus! Chama o motorista porque tem gente passando do ponto!

— Não entendi o porquê da pergunta, Igor .— Théo falou.

— Nem eu. Explique-se, por favor. — Pedi, olhando para ele interessada.

— Er... Que bem... Victor é solteiro, talvez não seja uma boa ideia eles ficarem sozinhos. — Respondeu, olhando para todos os lados, menos pra gente.

Uou rapaz, isso ia ser bom!

— Ah claro! Foi pelo que ela disse, né? Disse “Ei, você!” que significa, “Ei, vamos nos pegar!” — Ironizei.

— Não foi isso que eu quis dizer. — Remexeu-se em sua cadeira.

— O que você quis dizer então? — Continuei minha tentativa de lhe deixar em calças justas.

— Igor, Victor é meu amigo. Ele respeita Anabella acima de tudo. Duvido que ele faria algo de errado com minha irmã. — Théo rebateu.

— Uh... Mas ele é homem... Anabella ainda é uma menina...

— Ah, pelo amor de Deus, Igor! Anabella tem quase dezenove anos, é dona do próprio nariz. Além do mais, eu acredito que homens e mulheres possam ser amigos. A amizade é um amor que não vai para cama... Ok... Às vezes vai! — Me corrija, pensativa.

— Anabella tem mais juízo do que todos nós juntos, Igor. Não tem o que se preocupar. Vou ao banheiro e já volto. — Théo encerrou o assunto, ignorando meu pequeno comentário, antes de se levantar da mesa.

Assim que Théo pediu licença da mesa para ir ao banheiro, aproveitei para atacar o Barão à minha frente. Já se sabe que sou uma pessoa que não dispensa oportunidades.

— Igor Carrara, você gosta dela? — Fui direta.

— O quê? Não! Da onde você tirou essa sandice, Stephanie? — Perguntou, incrédulo.

— Olha ela ali. — Menti.

— Cadê? — perguntou, entortando o pescoço, olhando ao redor, parecendo a *menina do Exorcista*. Sorri.

Sim! Esse idiota gosta dela!

— Vou te dar uma dica de amiga. Apenas uma. Depois não diga que eu não avisei. Se você quiser entrar na vida dela, a porta está aberta. Se você quiser sair da vida dela, a porta está aberta também. Mas só uma coisa: Não fique no meio da porta, pois está atrapalhando o tráfego! — Avisei, deixando-o com o queixo no colo e os olhos mais arregalados do que personagem de desenho animado.



Théo retornou e decidimos que já era hora de ir. Igor disse que tomaria mais um chope e nos despedimos. Na verdade, acho que ele iria era afogar as frustrações dele essa noite. Culpa inteiramente dele. Acompanhados de Lou, seguimos em direção à saída, onde nosso “esquadrão” de seguranças nos aguardava. Quando estávamos perto da porta, Lou simplesmente empacou.

— O que foi? — Perguntei, quando ela virou-se para

mim, lívida.

— Er... er...

Lourdes não conseguia emitir mais nenhum som, e simplesmente deu um passo para o lado. Então eu vi, sorrindo, com seus cabelos castanhos compridos, olhos azuis e barba por fazer, um metro e noventa de motivos que fizeram com que ela agisse dessa maneira.

Putá que pariu! Era um filme de terror chamado “meu ex-marido”!

Théo

Eu conheço esse cara em nossa frente. Ele é o vocalista daquela banda derock famosa, *Rock Lions*, e que costuma estampar as revistas de fofocas com as modelos com quem sai. Só não entendo o que ele está fazendo aqui na Campavia, sendo que tenho certeza de que não é nenhum show da banda, pois do jeito que a *Rock Lions* é famosa eu com certeza saberia. Fora que o bastardo está sorrindo para minha mulher. Porque ele está sorrindo? Eu até

gostava das músicas dele, mas agora não vou nem com a cara dele.

— O que você está fazendo aqui, Kaio? — Steph perguntou, mais branca do que papel.

Uh?

— Olá, esposinha. — Cumprimenta sorrindo.

Oi? Que merda é essa?

— O que? — Perguntei, olhando de um para o outro.

— Kaio, o que veio fazer na Campavia? — Steph perguntou, ignorando-me deliberadamente.

— Do que esse *pulha* te chamou? — Perguntei, irritado.

— De esposa. Ué. Ela não te contou? — Ele perguntou, falsamente surpreso. — Prazer, Kaio Clark, vocalista da banda *Rock Lions* e marido da Primeira-Dama do Rock, também conhecida como Princesa Stephanie.

Que porra estava acontecendo aqui?

— Que merda é essa, Stephanie? Como assim marido? — Perguntei, aumentando meu tom.

— Calma, Théo. Abaixei meu tom, que eu lhe explico tudo. Mas já estamos chamando atenção, então acho melhor todos nos sentarmos para conversar. — Ela pede,

com a voz surpreendentemente firme e calma.

Eu estava nervoso. *Não. Eu Estava além de puto da vida e não sabia como controlar meu temperamento nesse momento.* Enquanto fomos andando em direção a uma mesa mais reservada, fiquei tentando pensar em coisas que pudessem me ajudar a controlar minha vontade de partir para cima desse idiota. Ainda de pé, Steph e Lourdes trocaram algumas palavras, enquanto aquele *pulha* continuava sorrindo com os braços sobre seu peitoral, que obviamente foi adquirido com o uso de anabolizantes.

Sansão Idiota!

—Precisa de uma ajuda aí, parceiro? — Igor perguntou, parando ao meu lado, com certeza percebendo a aura de homicídios que pairava sobre nós.

— Só se for para enterrar um corpo! — Respondi, sem remorso, fazendo questão de que o idiota escutasse.

— Eu acho melhor eu ir, vou deixar vocês conversarem.
— Lou informou, nos olhando preocupada.

Acho melhor mesmo! Melhor eu não matar esse miserável na frente de uma mulher grávida! Porque juro

que não vou ter compaixão desse filho da puta!

— Josh vai te levar, não é? — Steph perguntou, se referindo ao motorista de Lourdes.

— Sim, sim. Nos falamos mais tarde. — Ela disse, se despedindo rapidamente, mas eu fiz uma leitura labial dela dizendo: *—Sabia que essa história um dia ia dar merda! Depois me ligue!*

Que porra aconteceu aqui? Ela sabia? Claro que sim! Porra! Todos sabiam, menos o idiota aqui!

— Vamos nos sentar. — Steph disse, e eu fiz a contragosto.

— Então... — Olhei para ela, exigindo que continuasse.

— Kaio não disse nenhuma mentira. Ele é meu marido. Na verdade, ex-marido.

Putá que pariu! Adeus controle!

— Que porra é essa, Stephanie? — Perguntei, fora de mim.

— Calma. Foi algo que aconteceu há alguns anos. Eu conheci Kaio em uma festa, em uma das muitas viagens que fiz para Vegas. Foi aquela coisa, bebemos, nos pegamos. Acho que queria fazer alguma coisa diferente

aquela noite, pois quando eu acordei no dia seguinte estava no hospital, e descobri que estávamos casados. — Deu de ombros, indiferente, enquanto minha vontade era de quebrar a cara do idiota em minha frente. — Quem nunca bebeu e casou em Vegas? — A cara de pau teve a coragem de perguntar isso.

— Hm... Deixa eu pensar... Eu! — Respondi, ironicamente. — Não me interessa que você e esse... esse... Enfim... O que eu quero saber é porque porra você nunca me disse isso antes? — questionei.

— Ah claro! Eu ia dizer o que? Amor, não sei se já te disse, mas fui casada antes. Só que eu não me lembro como isso aconteceu. — Ironizou, e o idiota do outro lado riu.

Vontade de quebrar a cara dele e raspar o cabelo dessa Dalila!

— A conversa ainda não chegou aí, cabeludo! — Bradei, apontando o dedo para ele.

— Fale baixo, Théo. Está chamando a atenção das pessoas! — Steph me repreendeu.

É, Theodore, você deve ter perdido uma das bolas e

nem percebeu!

— Ok. Continue a história. — Pedi, contrariado, após suspirar longamente me acalmando.

— Então. Como eu ia dizendo, acordei no hospital casada com Kaio e com meu pai furioso ao meu lado. Nós dois fizemos a anulação e, para que a história não vazasse, meu pai pagou uma pequena fortuna para Kaio ficar de bico fechado e investisse na sua banda, que estava começando a fazer sucesso. Isso aconteceu há dois anos e não nos vimos há um bom tempo. — Explicou, e eu fechei os olhos para controlar a raiva que sentia.

— Quanto? — Perguntei.

— Quanto o que?

— Quanto tempo tem que você e o cabeludo não se veem? — Questionei, prevendo a facada.

— Uns... Ahh! Théo, isso é mesmo necessário? — Perguntou, e ali ela se entregou.

— Quanto tempo, Stephanie Alessandra? — Repeti a pergunta, e ela pareceu surpreendentemente tímida, o que já me deu a certeza de que eu não gostaria da resposta.

Ai meu Caralho!

— Alguns dias antes de eu voltar para Campavia. —
Confessou.

Puta que pariu! Ela continuou pegando o cabeludo?

— Então isso quer dizer que...

— Sim, noivinho. Quer dizer que a gente se pegava sempre. — O cabeludo respondeu a pergunta que eu nem havia terminado de fazer.

— Cala a porra da boca, Kaio! Porque hoje eu não estou boa! — Steph ralhou, e ele levantou as mãos em rendição.

Se ela não estava, imagine eu!

Sua atitude só fez com que eu tivesse a certeza de que ele conhece minha mulher, pois sua escolha de ficar calado só mostra que ele é inteligente em fazê-lo. E sinceramente? Isso me deixa ainda mais puto com a situação.

Sério! Isso era muito para mim!

— O cara tira uma bolada do seu pai para não falar a verdade sobre você, e você ainda pegava ele? — Perguntei, incrédulo.

— O que é? Eu não tinha um relacionamento com ele,

nos pegávamos periodicamente. Não tínhamos compromisso algum. Eu não tinha e não queria compromisso com ninguém. Mas quem é você para julgar? O cara que continuou levando a ex louca para cama! — Rebateu, irritada.

— É diferente. Eu era solteiro e Eva havia sido minha namorada. — Tentei me defender.

— Oh claro! Então eu lhe respondo: Eu era solteira e ele era meu ex-marido! — Rebateu, fazendo-me ferver de raiva.

Santo Deus! Dei-me paciência e culhões nessa porra!

— Meu Deus! O que o álcool dissolveu nessa sua cabeça? — Perguntei retoricamente.

— Dignidade e bom-senso. — Ela ainda teve a audácia de responder.

Putá que pariu! Era uma atrevida!

— Vai continuar apontando o dedo na minha cara pelo meu passado, Theodore? Porque eu nunca deixei de ser quem sou, ou fingi ser outra pessoa, para estar ao seu lado. Não foi apenas você que mudou para estar nesse relacionamento. E você mais do que ninguém sabe o

quanto foi difícil para eu mudar para isso. É isso, ou me ame ou me deixe. — Jogou para cima de mim.

Merda! O pior é que ela tem razão !

Um conselho de amigo e camarada: *Namore uma pessoa que tenha o dobro da sua paciência, porque dois estressados juntos vai ser um campo de guerra e não um namoro. Digo isso por experiência própria, porque quando eu e Stephanne brigamos, a coisa é feia. Mas depois resolvemos isso na cama. Sexo de reconciliação é sempre o melhor, pois estamos literalmente explosivos depois de nossas brigas.*

— Ok. Vocês dois. Vocês discutem isso quando chegarem em casa. — Igor tentou acalmar os ânimos. E ele tinha razão, precisava me livrar desse *pulha*. — O que queremos saber agora é o que o ex-marido quer aqui? — Igor encarou-o e nós dois fizemos o mesmo.

— O que você faz aqui, Kaio? — Steph reinterou a pergunta do meu amigo.

— Saudades. — Sorriu, desafiador.

Quebrando os braços e raspando a cabeça desse pulha em 3,2,1...

— Repete. — Comecei a me levantar e Steph segurou-me, impedindo que eu levantasse.

— Kaio, estou noiva, vou casar em menos de uma semana. O que tivemos ou deixamos de ter, acabou. Bateu saudade de mim? Pede uma pizza, vai ao cinema, come chocolate, dorme, come as vagabundas que você costuma comer... Ou sei lá o que você fará, e sinceramente não me interessa. Mas, por favor, não me procura! — Falou séria e eu olhei para o bastardo sorrindo.

Essa é minha Princesa!

— Olha só como estamos. A mulher que corria de relacionamentos, como o diabo foge da cruz, amarrada por um *almofadinha*. Nunca pensei que fosse estar vivo para presenciar essa cena. — Falou, ironicamente, e eu ouvi um rosnado saindo da minha garganta.

— Kaio. Sem rodeios. Qual foi o verdadeiro motivo que te fez vir atrás de mim? — Exigiu.

— Assim você me ofende, *baby*. Um homem não pode sentir saudades da esposinha? — Se fez de ofendido.

É muito para minha paciência!

— Escute aqui, seu *pulha*, se você chamar a minha

mulher mais uma vez de esposinha, vou fazer você virar moça em dois tempos. Vai pagar para ver? — Ameacei, e ele sorriu, tentando se fazer indiferente.

— Quem diria, o *almofadinha* tá querendo me fazer medo. — Desafiou-me.

— Querendo não, estou. Depois que eu te quebrar todinho e fazer sua bolas de peteca, não venha dizer que não avisei. — Falei, grosso.

— Calma, Théo. — Igor tentou acalmar-me.

— Igor tem razão, amor. Calma. Kaio está querendo te provocar. — Steph tentou colocar panos quentes, antes de voltar a virar para ele. — Kaio, estou perdendo um tempo precioso de minha vida, ao qual eu lhe garanto que estaria agora satisfeita e realizada na cama com meu futuro marido, e não estou com muita paciência, pois você está frustrando meus orgasmos. Então, querido, seja direto, antes que eu mesma coloque suas bolas em óleo quente. — Ameaçou, e Igor caiu na gargalhada.

— Ok. Ok. Princesa. Você venceu. A verdade é que eu vim aqui, pois estava organizando alguns contratos com o advogado da banda e ele descobriu que houve um erro na

nossa anulação, e ainda somos legalmente casados. —
Simplesmente disse.

Puta que pariu!

— O que? — Eu e Steph perguntamos ao mesmo tempo.

— Exatamente isso. Não sei dizer o que houve, mas me parece que o advogado não deu entrada na anulação no prazo certo e não nos informou, então você ainda é oficialmente a Sra. Clark. — Sorriu, sem medo do perigo.

— Quanto você quer? — Falei sem rodeios, porque estava cansado já de vê-lo sorrir e olhar para o decote de Steph.

— O que? — Se fez de desentendido.

— Quanto você quer para assinar logo a porra desses papéis, seu *pulha*. Não se faça de desentendido. — Fui grosso.

— Uouuu... Rapaz, calminha aí! Não é bem assim. — Tentou.

— Não é bem assim o caralho! Ou você assina essa merda, ou é comigo que você vai lidar. E te garanto que você não vai gostar nada nada da maneira que vou resolver. Porque quando eu tenho um problema, eu acabo

com ele. Nesse momento, você é um problema para mim. Então é a última vez que eu lhe pergunto: Quanto você quer para assinar esse maldito divórcio e sumir de nossas vidas para todo sempre amém? — Questionei, sem paciência.

— 20 milhões de dólares. — Finalmente disse.

Caralho de asas!

— Você tá maluco, Kaio? Meu pai pagou a você para que você não vazasse o que houve entre nós, não vamos pagar novamente! — Steph bradou, irritada.

— Desculpe, *baby*. Mas entenda meu lado. Tenho que compensar os milhões que não ganharei com o mundo sabendo que sou o Marido da Princesa da Campavia. Imagine se soubessem que a Princesinha se casou bêbada em Vegas? Ou pior: que ela é bígama? — Teve a audácia de perguntar.

— Eu pago. — Fui firme.

Stephanne e Igor me olharam chocados. Era muito dinheiro, mas não importava. Eu pagaria com gosto, para que esse infeliz sumisse de nossas vidas. Eu tinha um bom dinheiro guardado, não apenas do meu trabalho e dos

investimentos que eu fazia, mas Vovó Antonella é tão desapegada que fez questão de dividir entre os filhos e netos sua herança ainda em vida. Isso significava um bom rombo na minha parte da minha herança, mas dinheiro era a última coisa que me importava agora. Dinheiro eu ganhava depois.

— Cara, se você precisar eu posso lhe emprestar a grana. — Igor ofereceu, como eu tinha certeza que faria.

— Obrigado, amigo. Mas não precisa. Tenho tudo sob controle. — Agradei, e ele assentiu.

— Não, Théo. Eu vou falar com meu pai...

— Não. — Não a deixei terminar. — Nós vamos nos casar, não é porque vou casar com uma Princesa, que deixarei de arcar com as despesas, e nelas incluem as suas. Você será a minha mulher. Suas despesas, minha obrigação. E você sabe que isso não está em negociação. Não sou uns e outros.

Stephanne não contestou. Ela sabe que eu não daria brecha quanto a isso, pois desde que ficamos noivos fiz questão de bancar tudo que se referia a ela. Desde cartões de crédito, roupas a absorventes internos. No início ela e

o pai foram contra, até porque ele queria que ela voltasse para o castelo até nosso casamento, mas como nem eu e nem ela queríamos abrir mão disso, ela acabou aceitando. Quando lhe entreguei seus novos cartões de crédito, ela foi até bem moderada, acho que não queria me assustar. Mas depois de um tempo, voltou a ser ela mesma em relação às compras e eu pagava uma verdadeira fortuna a cada mês. Mas acredite se quiser, eu, um cara super controlado, centrado, organizado, pagava essas contas com um sorriso no rosto. Sim. Me julgue por isso.

— Meu advogado veio comigo. Podemos marcar um encontro amanhã... — O idiota começou.

— Hoje. Agora. Vamos resolver essa merda hoje, seu *pulha*. Na verdade não sairemos daqui antes de resolver tudo e eu me livrar de você. Então trate de chamá-lo aqui agora. É o tempo que eu ligo para o meu advogado e acabaremos logo com essa palhaçada. Não quero mais ter que olhar na tua cara! — Falei, sem dar margens para contestação.



Felizmente consegui contatar meu advogado e conseguimos fazer isso em pouco tempo. Depois dos papéis do divórcio assinados, bem como os novos termos de confidencialidade, fiz um cheque com o montante e o atirado a *Sansão* foi embora. Fiz questão de lhe ameaçar, caso ele pensasse em reaparecer, e ele apenas riu. Minha vontade era de acabar com a raça desse infeliz, mas depois de todos os esforços que fiz para que nosso casamento saísse e ele sumisse, não queria passar o resto da vida atrás das grades. Seu Kaio Clarck que pense que estou blefando. Irei me certificar em mantê-lo longe. Vou fazer questão inclusive de colocar um aviso de restrição no aeroporto, não quero essa criatura pisando em solo campaviano. *Porque se isso acontecer, esse Sansão vai virar Dalila!*

Chegamos em casa e fui direto para o quarto, eu sabia que Stephanie queria conversar, mas eu ainda estava muito nervoso, chateado. A minha vontade era de lhe dar uns belos tapas nessa bunda gostosa, porque ainda não sou capaz de acreditar que ela foi capaz de casar-se bêbada e em Vegas. *Quanta irresponsabilidade, meu Deus! Tudo*

bem que hoje em dia ela é outra pessoa, mas eu merecia que ela tivesse sido sincera sobre as merdas que fez no passado. O melhor para se fazer agora era ficar na minha.

— Precisamos conversar. — Murmurou, vindo atrás de mim.

— E vamos, mas não agora.

— Por quê?

— Por quê? Porque eu estou muito puto com a senhorita. Você simplesmente não me disse que havia feito a merda de casar com aquele *pulha!* Você poderia ter sido sincera comigo, mas preferiu esconder-me esse fato. Como você acha que me senti quando eu descobri que a minha noiva era uma mulher casada? Então. Você merece um castigo. — Falei, sério, e a safada logo se animou.

— Sério? Castigo? Devo dizer que isso me parece muito, mas muito interessante. — Veio de mansinho, colocando os braços em meu pescoço, se esfregando em mim.

Foco, Theodore! Se aprume, Alexandre!

— Acho que você não vai gostar. — Falei, tentando controlar-me.

— Hum... Já estou gostando, posso sentir seu castigo daqui. — Murmurou, safada, esfregando-se ainda mais em minha ereção, e eu tive que contar até três para não jogá-la nessa cama e mostrar a quem ela pertencia.

Alexandre, vamos mostrar quem é que manda!

— Exatamente. Esse é seu castigo. Nada de ser “castigada” por mim. — Consegui dizer.

— Você não pode estar falando sério! — Se afastou, chocada.

— Nunca falei tão sério em minha vida. — Lhe dei um sorriso amarelo e fui fazer o que tinha que fazer.

Quando Stephanie entrou no closet, parou chocada com a cena, pois logo viu que eu estava terminando de arrumar uma mala.

— O que é isso? — Perguntou, assustada.

— Isso, meu amor, sou eu arrumando uma mala. Nos veremos no casamento. — Informei.

— Você só pode estar brincando! Ainda faltam seis dias! Você vai me deixar sozinha aqui? — Questionou-me, incrédula.

— Amor, você nunca está sozinha. *Timão, Pumba e*

toda família do *Rei Leão* estarão por aqui. — Continuei, enquanto pegava meus produtos de higiene pessoal no banheiro.

— Isso é ridículo! Nunca em todos esses meses dormimos separados. Como você quer que eu durma aqui sozinha? — Bradou, magoada, enquanto me seguia.

Merda! Essa parte seria realmente difícil, mas Steph tinha que aprender que não era assim que a banda toca. Ela não podia esconder-me uma coisa séria dessas e achar que eu ficaria bem.

— Para onde você vai? — Perguntou, quando eu não respondi.

— Para casa dos meus pais. Eu te amo. Eu te vejo sábado. No altar. — Lhe dei um beijo rápido, e aproveitei que ela estava muito chocada para dar logo o fora dali.



No caminho até a casa dos meus pais tive que acalmar minha noiva, que estava uma fera falando comigo ao telefone. Mas por mais que eu sofresse tanto quanto ela com essa distância até o nosso casamento, eu estava

determinado a cumprir esse castigo. Seriam seis longos dias de bate-papo entre eu e *Alexandre*. Quando Steph percebeu que eu não iria dar o braço a torcer, começou a fazer chantagem, tentou me seduzir, o que quase deu certo, mas por fim, deu-se por vencida e disse que eu poderia voltar para casa, pois ela iria para o castelo então. Decidi manter o plano de ir para casa dos meus pais, pois, sem Stephanie lá em casa, seria definitivamente estranho passar os dias sem tê-la em meus braços. Engraçado como as coisas mudam em tão pouco tempo né? Há um pouco mais de setes meses eu não me sentia sozinho, e apreciava o silêncio do meu apartamento quando chegava. Hoje, quando Stephanie sai de casa para fazer alguma coisa sem mim, a sensação de vazio chega a ser incômoda. Por isso que acho que estou fazendo a coisa certa em ir para a casa dos meus pais. Tenho certeza de que minha mãe apreciará isso também.

Cheguei em frente a casa, e assim que abri a porta da sala estranhei o silêncio. Achei que encontraria meus pais e Taddeo na sala, pois o carro de Taddeo estava estacionado do lado de fora. Como era domingo à noite,

minha mãe provavelmente estava ajudando com o jantar e meu pai estava no escritório revendo sua agenda com seus compromissos para semana. Então segui nessa direção. Antes mesmo de chegar ao cômodo pude ouvir vozes exaltadas. Fiquei imediatamente atento, principalmente porque pude claramente discernir as vozes de meu pai e de Taddeo. A porta estava entreaberta, pensei em bater para avisar que estava ali e procurar saber o que estava acontecendo para resolvermos o que fosse, mas o que Taddeo disse fez com que eu paralisasse:

— Isso é ridículo! Vocês já mentiram para eles a vida toda. Eles têm o direito de saberem a verdade antes que esse casamento aconteça! — Bradou para meu pai, que estava vermelho de raiva.

— O que você quer? Acabar com tudo que construímos ao longo dos anos? Acha que foi fácil para mim, que foi fácil para todos nós sustentarmos essa mentira? Nós não tivemos escolha. Foi o melhor para eles. — Rebateu.

— O melhor? Foi o melhor para vocês! Vocês só mentiram e lhes negaram a verdade. Ficam aí fingindo que está tudo bem. Mas tenho uma novidade: Não está tudo

bem! Se o senhor, ou o Rei, não lhe disserem a verdade, quem vai lhes dizer sou! — Meu irmão voltou a lhe dizer.

— Dizer o quê? Estou aqui. Que tal começar a falar agora? Sou todo ouvidos. — Falei, fazendo a minha aparição, não me importando com a cara assustada que os dois tinham.

E foi então que eu ouvi a história. O sonho que tive ao longo dos anos fez sentido e tudo mudou para mim.

Capítulo 34

Steph

Na seca. Essa era minha atual situação nesse momento. Era a véspera do meu casamento com Théo e não nos víamos há quase seis dias. *É. Ele realmente estava cumprindo o que me prometeu, e me deixou assim, carente, precisando dele.* No começo achei que ele estivesse blefando, afinal em todos esses meses que estamos juntos nunca havíamos ficado uma noite sem dormir ao lado do outro, e que principalmente tivéssemos ficado sem fazer sexo.

Ok. Desculpe dizer que tenho uma vida sexual altamente ativa, mas não sou a única culpada aqui, culpem nossos hormônios desenfreados!

Enfim... Sei que fui errada em não lhe dizer a verdade sobre Kaio, mas além de Kaio não significar realmente nada além de uma ressaca épica, uma parte minha tinha medo de como Théo reagiria, e principalmente em como

me julgaria caso soubesse. Ensaiei lhe contar a verdade por diversas vezes, mas sempre havia algo que fazia com que eu voltasse atrás. Acho que, no fundo, apesar de eu ser bastante resolvida sobre meus sentimentos em relação a Théo e ter a certeza de que o amor que sinto é recíproco, ainda temia que o que ele sentia por mim não fosse o suficiente para perdoar o resultado de uma bebedeira inconsequente. Convenhamos, acho que nesse dia meu lado louca pegou pesado e eu passei do ponto.

Apesar de eu já estar acostumada com as crises de ciúmes do meu Ogro, nunca o vi agir com tamanha frieza e controle. Sério. Isso tanto me assustou, quanto me excitou. Vai me entender. Todo o tempo em que estávamos negociando meu divórcio com Kaio, vi o quanto ele estava se segurando para que não fizesse besteira. Por mais que tenha sido uma surpresa e que ele obviamente não tenha ficado feliz em saber que eu tinha um “ex-marido”, sei que a mágoa dele maior é por eu ter escondido esse fato. Eu realmente o entendo.

Mas a verdade é que eu preferia que ele tivesse gritado comigo, me dito o quão irresponsável e vadia eu havia

sido por casar com um desconhecido em Vegas, e depois que fizéssemos um sexo de reconciliação de tremer a terra. Para que melhor punição? No entanto estou aqui, na minha antiga cama, no meu antigo quarto do Castelo, carente do seu cheiro, do seu abraço, dos seus beijos e dele inteiramente para mim. Não sei em que momento da minha vida fiquei tão dependente de um homem, mas já me conformei e aceitei esse fato faz tempo. Suspirei. Só queria estar agarradinha com meu homem agora. Estava contando as horas para me tornar inteiramente sua.

— Oi. — Falei ao telefone, quando ele atende do outro lado.

— *Oi amor. Está tudo bem?* — Théo pergunta, preocupado, do outro lado da linha.

— Sim, só não consigo dormir. — Falo, irritada com essa minha dependência exacerbada dele.

— Eu também estou com saudades. — Suspira fortemente, e me deu uma saudade ainda maior de sentir aquela respiração em minha nuca. — Mas pense pelo lado bom, amanhã estaremos juntos, e depois teremos além de duas semanas de lua de mel, uma vida inteira para você

me enlouquecer. — Eu ri, mas era impossível não me emocionar quando ele dizia essas coisas.

É. Já disse que estou muito sentimental...

— *O que está fazendo?* — Ele pergunta, quando eu não disse nada.

— Lendo. — Respondi.

— *O que? Você lendo?* — Pergunta, chocado.

— Sim... Sim. Aquele livro que todo mundo fala e a gente foi no cinema assistir o filme. — Comento, como quem não quer nada.

— *Cinquenta tons de cinza?* — Ele pergunta, e eu pude sentir que ele queria rir.

— Esse mesmo. — Falo, simplesmente.

— *Só podia ser esse tipo de livro.* — Ri. — *E aprendeu o quê mesmo com o livro?* — Sua voz estava ficando mais rouca, e eu não precisava conhecê-lo para saber que ele estava excitado.

Ok. Ele quer brincar? Vamos brincar.

— Aprendi que preciso comprar pilhas melhores. — Lhe respondi, como quem não quer nada.

— *Pilhas?* — Pergunta, sem entender.

— Sim, amor. Pilhas para meu amante, *Ganso*, meu vibrador. Você sabe... As minhas pilhas não estão dando conta do trabalho. — Falo com a voz provocante, e ouvi-o grunhir.

— *Você... Ah... Não acredito que você está gozando sem mim!*

— Oh, amor, não posso ficar sem resolver meu problema. Já que eu não tenho o que quero, tenho que me contentar com *Ganso*. — Provoquei, pois eu estava adorando essa brincadeira.

— *E o que você quer?* — Sua voz cada vez mais grossa.

— Cinquenta tons de eu quero você na minha cama, me amando e me fodendo até virar uma poça de satisfação! — Confesso, já excitada ao pensar sobre nós dois juntos.

— *Putá que pariu!*



Depois de uma sessão de sexo por telefone com meu quase-marido, estava sem sono, tentando me concentrar nas palavras no livro em minha frente, mas era inevitável não pensar nele. Antes eu me considerava uma tarada.

Hoje acho que me encaixo mais na categoria ninfomaniaca. Mas culpem *Alexandre*, acho que o pau de Théo me enfeitiçou. Sério.

Então a porta do meu quarto se abriu.

— Ei, o que minha Princesa faz acordada a essa hora? Deveria estar dormindo. Amanhã é um grande dia. — Meu pai fala com um enorme sorriso, antes de vir até a cama e sentar ao meu lado.

— Estou sem sono, pai. Estava lendo.

— Você lendo? — Pergunta, incrédulo.

Sim... Porque isso é uma surpresa tão grande para as pessoas?

— Estou. Théo tem ficado muito no meu pé ultimamente. Dizendo que preciso ler mais e tal...

— Isso é bom... O que você está lendo? — Perguntou, pegando o livro em cima do meu edredom.

Ops... Não sei se isso será uma boa ideia.

— *Cinquenta tons de cinza?* — falou com uma voz interrogativa, enquanto folheava o livro e logo uma expressão horrorizada toma conta do seu rosto. *Oh merda!*
— Isso... Meu Deus! Não sei como ainda me surpreendo

com você. — Murmura.

— Ai, pai, deixa de caretice. O senhor esperava que eu tivesse lendo o quê? Ficção Científica? Romances históricos? Nem combina comigo, né? — Ele bufa. — Se tiver achando ruim, reclame com sua mulher, porque na verdade esse livro é de Lou. — Falo, com um bico.

— Hm... Não sei. — Desconversou. Aposto que dela ele não reclamaria. *Safadinho!* — Enfim... Porque você não descansa? Amanhã você tem que estar descansada. — Eu juro que vi meu pai corar.

— É estranho dormir sem estar nos braços de Théo. — Confessei, frustrada, e meu pai fez uma careta, antes de sorrir.

— Te entendo, filha. Mas pense pelo lado bom, amanhã a essa hora você será uma senhora casada. — Piscou para mim, e eu bufei frustrada.

Nossa! Chega a ser até estranho pensar em mim como uma “senhora!”! Quem diria hein?

— Nem me fale. Estou contando as horas, pai. Quando eu pegar Théo... — Paralisei quando percebi a cara nada amigável que meu pai fazia. — Ops... Desculpe.

Ok. Quase formulei para meu pai o que eu andei mentalizando esses dias em fazer com Théo... Nada legal!

— Obrigado por não continuar. Esse ainda é um tipo de coisa que eu não me acostumo: saber que minha menina está se mantendo nos braços de outro que não sou eu. — Disse, com uma careta.

Claro, ele tá me mantendo bem com os braços, a língua, o corpo, os dedos, Alexandre...

— Acho que passou da hora de se acostumar né, pai? Não sou nenhuma menina há um bom tempo. — Falei e comecei a rir, antes dele me acompanhar também.

— Não é mesmo. Acho que você finalmente cresceu. Abusou da fase da adolescência e deu mais trabalho do que toda nossa família deu. — Rimos.

— Também não exagera. — Falei, envergonhada.

— Não? Não sei como não tive um ataque cardíaco em todos esses anos. Mas fico feliz em saber que, apesar de um pouco maluquinha, de ser sincera e ter essa língua solta até demais, você se tornou essa mulher forte, decidida e com um coração enorme. Sei que você aprontou muito, mas eu fico muito feliz em saber que você

finalmente descobriu o que gosta de fazer. Saber o que você tem feito por todas aquelas crianças me dá um orgulho tão grande, que não consigo nem explicar. Quero te parabenizar não apenas pelo que você, com a ajuda de Théo, tem feito, mas também por esse passo que você está dando amanhã. Ter a certeza de que vocês estão buscando a felicidade de vocês me traz aquela sensação de dever cumprido de pai. E é apenas isso que quero para vocês. Que vocês sejam muito felizes. — Me disse emocionado, e eu não pude controlar minhas próprias lágrimas.

— Oh, pai, obrigada! — Agradei, me jogando em seus braços. — Desculpe por ter feito você arrancar os cabelos por todos esses anos, por ter sido tão mimada e irresponsável. Eu deveria ter sido uma melhor filha. — Engasguei em minhas próprias lágrimas.

— E você é. Mesmo com todas as besteiras que cometeu, você nunca deixou de ser essa filha doce e carinhosa. — Garantiu, acariciando minhas costas com um carinho gostoso, e eu sorri. — Eu não quero que você se desculpe pelos seus erros, pois foram eles que transformaram-na nessa mulher que você é hoje. Não

devemos nos arrepender de nossos erros, filha, porque é através deles que enxergamos o que é certo. Se lamentar ou se culpar pelo que passou jamais mudará qualquer coisa. A vida me ensinou, que independente do tropeço, devemos levantar e tentar de novo. Acredito veementemente que precisamos passar por certas coisas na vida, para que elas tomem o rumo certo. Nem sempre é como queremos, mas precisamos errar, para aprender a acertar. — Se afastou e olhou-me com seus olhos emocionados. — Eu também já errei muito nessa vida, mas te juro que sempre foi tentando acertar. Há um tempo atrás, eu disse a mim mesmo que não continuaria me culpando pelo que passou, pois eu tinha uma vida pela frente e ficar me remoendo não me ajudaria em nada, muito pelo contrário. Eu tinha o direito de deixar o passado para trás e seguir em frente.

— Você quer dizer que se culpa pela morte de meu tio Andrew, minha mãe e pelo que aconteceu com Alisson? — Perguntei, querendo entender o que ele queria dizer, e ele suspirou fortemente.

— O que aconteceu com eles foi uma fatalidade.

Demorei para entender isso, mas hoje entendo. Eu me culpava porque eu obviamente não queria que nenhum deles passasse pelo que passaram, mas me culpo principalmente por não ter estado lá. — Terminou, com uma voz torturada.

— Porque você diz isso, pai? Sei que eu me calei e não lhe fiz mais perguntas sobre o que aconteceu nesse acidente, mas eu queria entender. — Falei, sem saber o porquê isso tudo mexia comigo dessa forma tão forte.

— Eu deveria estar naquele carro, Stephanie, não eles... — Disse, em um fio de voz.

— O carro era seu? Você...Você estava sendo ameaçado? — Perguntei, temerosa, e ele bufou frustrado.

— Todos nós estávamos. Apesar de todos serem inocentes, Andrew e Cibelle não deveriam estar naquele carro. Por que...

— Por quê?

— Porque eles só foram porque eu não queria encontrar-me com Alisson. — Confessou.

— Alisson? Porque você deveria? — Perguntei, sem entender.

— Sim, Stephanie. Alisson Caravaggio, era a mulher quem eu amava.

Oi? Como assim?

— Vocês...

— Se você quer saber se eu traí Cibelle, a resposta é não. Apesar da falta de reciprocidade do que Cibelle sentia por mim, eu a respeitei desde o momento em que nos casamos. Como você deve saber, nossa família e a família Caravaggio sempre foram muito próximas. Era um príncipe ainda e era loucamente apaixonado por Alisson. Era recíproco. Pelo menos era o que ela me fazia acreditar na época. Como eu era príncipe, nós namorávamos escondidos, para que não fizessem um alvoroço no nosso relacionamento. No entanto, nós fazíamos planos para nos casar em breve, construirmos uma família e sermos felizes para sempre. — Meu pai suspira.

— O que aconteceu?

— Ela me traiu, ou era isso que eu achava que havia acontecido. Quando eu retornei dos Estados Unidos para minha coroação seu avô estava definhando em vida, por

isso tive que assumir o seu lugar. Estávamos terminando um curso lá, e por esse motivo Alisson não estava comigo. Ela ficaria alguns dias, depois voltaria, então assumiríamos nosso romance e marcaríamos o casamento. Foi aí que recebi uma carta sua, dizendo que ia embora, que não me amava mais, que não a procurasse, pois ela estava indo embora com outro homem. — Olho para meu pai, chocada.

Oh Deus! Coitado do meu pai!

— Sinto muito. — Eu digo sinceramente, pois senti sua dor ali.

— Eu também. Mais do que você possa imaginar. — Suspira, e fica pensativo por um tempo.

— Pai, desculpe. Mas não estou entendendo... E a mamãe? — Perguntei, cada vez mais confusa.

— Depois que Alisson foi embora eu passei meses mal, pensando que tinha sido uma armação dela, que ela nunca havia me amado, que tudo o que vivemos nunca passou de uma mentira. Até minha amizade com Alano ficou balançada, pois apesar dele não entender o porquê da sua irmã ter feito o que fez, ter ido embora assim, sem mais

nem menos, mas ainda era sua irmã. Sua mãe apareceu algum tempo depois que eu e Alisson tínhamos nos separado. Eu já era um Rei e precisava de uma esposa, uma Rainha ao meu lado. Cibelle era linda, da nobreza, a esposa ideal para alguém na minha posição. Eu ainda amava Alisson, mas me conformei que não tínhamos mais volta. Então assim eu e Cibelle nos casamos. Apesar de admirá-la como mulher e respeitá-la eu não a amava, e ela sabia disso, sabia que meu coração pertencia à outra. — Sua voz pesarosa.

Nossa... Isso é tão... Confuso!

— Mas se você ainda a amava e minha mãe sabia, o que ela e tio Andrew foram fazer com Alisson no dia do acidente? — Questionei, ainda sem entender.

— No dia do acidente, Alisson reapareceu depois de mais de dois anos. Suas notícias desde então eram raras, e ela pouco dizia para sua família. Apesar de Cibelle me amar como homem, ela sabia que eu não poderia amá-la da mesma maneira, pois meu coração pertencia à outra. Aquele dia Alisson ligou-me desesperada, querendo me encontrar, e eu com toda a mágoa e ressentimento que

sentia, não quis ir vê-la. Apesar da minha mágoa pelo que ela me fez, todo o amor que eu sentia por ela quando mais jovem ainda estava lá, e eu me odiava por isso. Então Andrew, preocupado com Alisson, decidiu ir em meu lugar, pois ele a conhecia o suficiente para saber que havia algo errado, mas eu estava cego pela minha mágoa, não quis enxergar. Cibelle sabia sobre tudo. Apesar dela ser minha esposa no papel, éramos muito mais amigos do que qualquer coisa. Ela era uma pessoa tão especial que não pensou duas vezes antes de acompanhá-lo, e a última coisa que ela me disse antes de ir embora foi que ela queria a minha felicidade, e se eu não era capaz de ser feliz ao lado dela, ela faria com que eu fosse. — Percebi o quanto ele ficou emocionado com a história, e apertei sua mão.

Gente! Que pessoa mais linda era minha mãe. Eu não seria capaz de abrir mão do homem que eu amo em prol de outra pessoa! Sou muito egoísta para isso!

— Você não tem culpa pelo que houve. — Tentei dizer, entendendo o que ele sentia.

— Hoje eu sei. Me culpei por muitos anos por não

querer ouvir Alisson, porque se eu não tivesse sido tão orgulhoso e ter me compadecido de sua dor quando ela me ligou, talvez todos estivessem vivos e bem hoje.

— Foi por causa da Alisson que você não teve mais ninguém todos esses anos? — Perguntei, e ele concordou.

— Alisson era uma mulher linda, vibrante, alegre e cheia de vida. Por onde ela passava, encantava a todos com sua beleza, ternura e simpatia. Ela foi todo o meu mundo desde que me apaixonei por ela. Nós havíamos planejado uma vida juntos. Tudo estava maravilhoso e caminhando para o que queríamos. E, em um piscar de olhos, tudo foi tirado de nós. Depois do acidente eu não consegui deixar de me sentir culpado. Não apenas por ele, mas pelo que eu não evitei que acontecesse com ela antes. Eu... Eu não achava justo que eu tivesse outra pessoa enquanto eu ainda a amasse, e sabendo que ela estava lá, naquele lugar, por conta das minhas escolhas e talvez nunca fosse voltar para mim. Por outro lado, apesar do que os médicos diziam, uma parte de mim se mantinha esperançosa sobre ela ficar bem. Eu não me conformava não apenas com a morte de Andrew e Cibelle, mas

também com o que sobrou dela. E por isso foi ainda mais difícil assumir que eu estava apaixonado por Lourdes Maria. Eu já havia amado uma vez e sofri, além de tê-la feito sofrer o que ninguém merecia passar. Mas não consegui mais fugir do que sentia por ela. Eu serei sincero com você, minha filha, independente do amor que sinto por Lourdes hoje, posso afirmar com toda certeza do mundo que uma parte minha nunca deixará de amar Alisson. — Afirmou, e eu limpei minhas lágrimas.

Putz! Que foda! Agora eu começo a compreender um pouco como meu pai se sentia...

Apesar de não querer pensar sobre esse assunto, eu o entendo. Acho que caso um dia eu e Théo viéssemos a nos separar, nunca deixaria de amá-lo de alguma maneira.

— Apesar de tudo, ela é uma mulher tão linda. — Fui incapaz de não lhe dizer a verdade. Porque Alisson, mesmo no estado que se encontra, ainda era uma mulher linda, apesar de tudo.

— Eu sei que sim. Eu não consigo visitá-la com tanta frequência quanto eu gostaria, porque além de não ter muito tempo para fazer isso, me dói muito vê-la assim.

Toda vez que eu a vejo, é inevitável não recordar-me daquela mulher linda, que com apenas um sorriso transformava todo o meu dia. É doloroso não ver mais aquele brilho no seu olhar. Aquele sorriso que só ela tinha. O que houve entre nós foi tão forte que é quase impossível que eu me mantenha longe. Mas a cada vez que eu a vejo sentada naquela janela, a cada vez que ela não me responde, é como se um pedaço meu fosse arrancado.

Oh Deus! Não sei nem o que dizer... Coitado do meu pai!

Se perder uma pessoa para a morte já deve ser doloroso, imagine perder uma pessoa que ainda está ali? Deve ser difícil demais mesmo perder a pessoa que era o seu mundo, e dela só ter sobrado o “casco” de quem ela foi um dia. É como se fosse uma morte, mesmo que ainda haja vida. Sinceramente? Não sei o que é pior.

— Lourdes sabe sobre ela? — Foi inevitável não perguntar.

— Sim, ela sabe. Depois de tudo, eu não podia casar-me com ela e dividir uma vida, construir uma família, sem que ela soubesse a minha história. Não seria justo com

nós dois. — Concordei, e ele suspirou. — Está bom por hoje. Acho que está na hora da senhorita dormir, não acha? — Sorriu para mim, tentando desfazer a tensão que agora nos rodeava.

— Tudo bem, pai. Boa noite. — Falei, ainda atônita.

— Boa noite, Princesa. — Meu pai beijou-me docemente na testa, antes de se levantar e ir em direção à porta.

— Pai... O que houve com Alisson? — Fiz a pergunta que mais temia, assim que ele alcançou a maçaneta.

Seu corpo tencionou-se visivelmente com a minha pergunta e, mesmo sem se virar, ele respondeu com uma voz visualmente controlada:

— Ela viveu o mesmo inferno que outra pessoa inocente teve a infelicidade de viver, e eu não desejaria nem para o meu pior inimigo. — Disse, apenas, e saiu pela porta, antes mesmo que eu lhe perguntasse de quem ele estava falando.

Hã? O que ele quis dizer com isso?



Depois de muito tempo pensando em tudo que meu pai me disse, acabei pegando no sono. Acordei cedo na manhã seguinte, afinal era o meu dia e eu tinha muito o que fazer, pois uma beleza como a minha não era em vão, dava muito trabalho para chegar à perfeição. Mas, ao contrário do que eu estava acostumada, não fui acordada pelo meu amor como em todas as manhãs, fui acordada por Lou e pela equipe que faria meu dia de noiva. Enquanto eu ainda tomava café, os trabalhos já começaram. Fui massageada, esfoliada, hidratada, depilada, em cada pedacinho disponível de pele. Só faltava agora colocar uma etiqueta após me embalar à vácuo.

Meu almoço foi algo leve e ainda assim comi com extrema dificuldade, pois estava mais nervosa a cada minuto que passava. Os jornais do mundo todo estavam acompanhando o que iria acontecer. À área perto da catedral da cidade havia sido isolada por causa da cerimônia, mas seu entorno estava lotado com Paparazzis e civis à espera do que diziam ser um dos casamentos mais esperados da história.

Oh! Não os julgo! Afinal, não era todo dia que uma

Princesa Diva como eu casava, né?

Falando em nervosismo, Théo também não me ajudava. A cada meia hora ou me ligava ou me mandava mensagem. Parecia até que eu iria fugir. Eu entendo que ele esteja nervoso, afinal eu também estou, pois é nosso casamento, mas eu juro que se ele me ligar mais uma vez não atenderei e ainda me atrasarei mais para chegar à igreja só de pirraça, e aí sim ele vai enlouquecer. Meu maquiador estava terminando a maquiagem, quando Lourdes entrou em meu quarto, parecendo nervosa. Imediatamente levantei-me, preocupada. Vai que ela está passando mal?

— O que houve? Está tudo bem? — perguntei, preocupada.

— Majestade, a senhora está sentindo alguma coisa? — Uma das meninas da equipe perguntou a ela.

— Não. Está tudo bem comigo, vocês não precisam se preocupar. Vocês podem me dar um minuto com a Princesa? — Ela perguntou ao pessoal, que concordou e rapidamente se retirou dali.

— O que houve de tão importante, Lou? Vou começar a

fazer meu cabelo agora, em uma hora e meia no máximo tenho que estar na igreja. — Falei, assim que a porta do meu quarto se fechou.

— Isso pode esperar. Você tem visita e eu acho que você vai querer ouvi-la. — Disse, com cautela.

Eu olhei para Lourdes e não gostei do que vi em sua expressão. Algo me dizia que eu não iria gostar nada nada de quem quer que tivesse vindo me visitar. *E foi exatamente isso que aconteceu.*

Théo

A cena que se seguiu ao flagrante do domingo, foi com Alano chamando Edward ainda naquela noite, para que eu soubesse de toda história. Tudo me chocou de tal maneira, que eu ainda nem consigo acreditar que tudo isso é realmente verdade. Às vezes eu me pego mentalizando que isso é apenas um pesadelo, mas então eu recordo-me das palavras deles e vejo que eu realmente não estou

sonhando com isso. É realmente um pesadelo real. Depois do choque, fui tomado pela revolta. Revolta em saber que tudo não havia passado de mentiras e jogos. Revolta por ter nos escondido o que era nosso direito saber. O sentimento amargo da traição por aqueles que deveriam me amar incondicionalmente era real. E mesmo que a minha vontade fosse de mandar todos à merda e manter-me longe de tudo, era inevitável e impossível nesse momento, afinal eu e Stephanie estávamos nos casando e, mesmo depois de tudo, eu queria que fosse perfeito para ela.

Eu sabia que precisava fazer a coisa certa e contar toda a verdade a ela. Mesmo que tudo isso ainda me enfurecesse, me doesse ao extremo, a minha preocupação maior era realmente em como Stephanie iria lidar com isso. Depois que eu descobri toda a verdade, eu só conseguia lembrar-me do seu sorriso com os preparativos do nosso casamento, ou com nossos planos para o futuro, e toda vez que eu pensava nisso, imaginava tudo isso escorrendo entre meus dedos. Por esse motivo eu já não estava mais tão inclinado a fazer o que era certo. *A*

verdade é que eu estava com tanto medo de perdê-la e magoá-la, que eu queria mandar essa merda de princípios para o inferno! O pior é que, para complicar ainda mais, dei minha palavra a Alano e Edward de que não diria nada a Stephanne, enquanto não descobríssemos o que ainda não sabíamos dessa história. E eu cumpro com minha palavra. Sempre.

Não quis ouvir mais nada, cansei de todas as desculpas e mentiras que nos foram ditas, e não quis mais ficar um segundo naquele lugar que um dia eu chamei de casa e, erroneamente, chamei de lar. Depois que eu saí daquela casa, pensei em voltar para o meu apartamento, mas mais uma vez pensar em ficar sem Steph não me deixava querer voltar. Depois pensei em ir para um hotel por esses dias, então aceitei o convite do meu irmão, e desde então tenho dormido na sua casa. A minha semana foi literalmente de cão .Estava fora de mim com tudo. E não ter minha Princesa ao meu lado fazia-me sentir ainda pior. Tudo poderia ser resolvido, e toda essa merda que se passa em minha cabeça poderia ser dissolvida caso eu estivesse com a minha Princesa. Porque ela era tudo que eu

precisava para deixar de me sentir miserável. Mas fui um covarde até para isso. Eu não me importava mais com o que houve sobre ela me esconder sobre seu casamento com Kaio. Não, isso não era nada comparado com a vida de mentiras que vivemos todos esses anos. O que me importava agora era apenas o que seria de nós dois daqui por diante.

Por mais que a saudade de Steph fosse grande, e a minha vontade fosse de ir até lá e reivindicá-la como minha, fossem mais fortes do que eu, eu estava sendo um covarde e meu medo era maior do que tudo nesse momento. Medo de não aguentar o que o peso dessa verdade poderia trazer para nosso casamento. Medo de principalmente perder o amor, carinho, respeito e tudo que construímos ao longo da nossa existência. E o pior de tudo, era o fato de não saber se teria coragem de olhá-la nos olhos e mentir que estava tudo bem, sendo que obviamente não estava.

Não sei em que momento tornei-me esse cara inseguro e covarde, mas quando se tratava da minha Princesa eu não era o mesmo Theodore Caravaggio de sempre. Eu era

um homem completamente dependente de uma mulher, pela qual eu não saberia viver sem. Eu sabia que não era culpado, que éramos os inocentes nessa história louca. Mas ainda assim esse era meu maior medo, lhe contar toda a verdade e conseqüentemente lhe perder de vez. Eu estava em conflito com a minha nobreza e a razão do meu viver. E, acredite, não era apenas no sentido figurado da palavra.

Deus! Eu só preciso de forças para passarmos por isso!



Como Stephanie era tecnicamente a única herdeira ao trono, e não há mais nenhum herdeiro aparente, segundo a tradição do trono campaviano, os noivos recebem um título de nobreza na manhã de seu casamento, para transmitir aos seus descendentes. Cabe ao monarca escolher o título. Por ser nobre, após o casamento usarei o título de Príncipe, mas também recebi essa manhã um título menor, o de *Duque de Carrick*, e agora ostentava um broche com o brasão no meu smoking formal.

Como se já não bastasse ter ficado seis dias sem ver a minha Princesa, eu estava mais nervoso do que nunca. As horas estavam literalmente se arrastando, e o fato de estarmos em uma igreja com mais de mil convidados para a cerimônia religiosa, sendo eles nossos familiares, amigos, membros de famílias reais estrangeiras, autoridades campavianas e de outros países, diplomatas, líderes de instituições e até alguns famosos, não estava ajudando em nada. Se não bastasse isso, Stephanie também não atendia mais seu maldito celular. Ela já estava a uma hora atrasada.

Nervoso era eufemismo. Eu estava pirando!

— Ainda dá tempo de desistir. — Meu irmão gracejou ao meu lado, e eu lhe dei um olhar que lhe prometia a morte. — Ok! Só estava brincando. Não está mais aqui quem falou! — Rapidamente completou, com os braços em rendição.

Merda! Agora estou me sentindo culpado!

— Eu sei, me desculpe, não apenas por agora, mas pelo meu mau humor nos últimos dias. Mas você entende o quanto estou nervoso com tudo, né? Porque além de toda

merda que descobri, também não é todo dia que a gente se casa. E garanto a você, desistir é a última coisa que desejo nesse momento. Apenas quero que ela chegue logo e se torne definitivamente minha. — Falei, e ele assentiu.

— Irmão, não se preocupe. Eu entendo sua mágoa. Também nunca passei por isso, mas eu sei o quanto você está nervoso. Além do mais, é normal que todo noivo se sinta dessa maneira. Pense pelo lado bom, você está prestes a se casar com a mulher que você ama. Mas você ficar assim não vai ajudar em nada, muito pelo contrário. Só relaxa, respira e tenta se acalmar. Sua Princesa deve estar chegando. — Ajudou-me, apertando meu ombro.

Eu ia lhe agradecer, mas a porta da sacristia se abriu, revelando a cerimonalista.

Ok. Minha breve calma já se foi!

— Vocês estão prontos? A entrada do noivo e dos seus padrinhos será em cinco minutos. — Avisou, e eu assenti.

— Estou sempre pronto para você, belezura. Entro a hora que você desejar. — O cara de pau do meu irmão paquerou-a descaradamente.

A moça ficou mais vermelha do que tomate, e eu

revirei os olhos para meu irmão. Nem acredito que, até uns meses atrás, eu usava esse tipo de cantada tosca para pegar mulher. Não me vejo mais fazendo isso e muito menos tenho vontade de estar com outra mulher que não seja a minha. Minha devassa me pegou de jeito. Literalmente. Mas apesar do seu jeito todo marrento de ser, eu espero sinceramente que meu irmão tenha isso também.

Saber que Taddeo realmente deixou para trás tudo que passou entre nós, e estava realmente lutando com nosso pai para que ele nos dissesse a verdade, foi a única coisa boa que resultou de tudo. Tudo bem que nos últimos meses estivemos mais juntos do que jamais havíamos estado, mas ali, vendo-o lutar pelo meu direito sobre isso, deu-me provas suficientes não apenas da sua lealdade, mas da sua irmandade perante a mim. E por isso eu sou mais do que grato.

— Deixe a mulher quieta, homem! — Repreendi, e ele ri.

—Só depois que acabar com ela em minha cama .— Disse, de forma arrogante, e eu revirei meus olhos

novamente.

— Taddeo? — Chamei-o, quando ele estava indo atrás da mulher.

— Oi? — girou seu corpo novamente para mim, e deve ter visto algo em meu semblante que o deixou preocupado, pois logo perguntou: — O que foi, irmão?

— Só... Só estou com medo. — Admiti.

— Medo do casamento? Mas você a ama... — Cortei-o.

— Não. Não é isso. Eu amo Stephanie. Ela é a mulher com que eu quero passar o resto da minha vida. Disso eu não tenho dúvidas. Mas meu medo não é esse. Meu medo é que essas malditas mentiras estraguem o que temos. — Confessei, e suspirei frustrado.

Sendo sincero comigo mesmo, a verdade ainda me incomodava e me doía... E muito. Mas o medo de perdê-la ainda ganhava dessa merda toda. Eu não poderia perdê-la!

— Escute uma coisa que eu vou lhe dizer, irmão. Passei a vida toda me enganando. Perdi todo o tempo que eu poderia ter tido com meu irmão por causa se sentimentos que só me cegaram. Sei que não se compara com o que você está passando, mas não deixe que a mágoa que lhes

infringiram e o medo de perder a mulher que você ama, o cegue também. — Ele colocou a mão em meu coração. — Não negue a felicidade a vocês. Acredite nisso aqui e seja sincero com ela. Assim como você, ela também merece toda verdade. — Disse-me.

Ele estava certo. Engoli em seco com a verdade em suas palavras. Eu precisava lhe contar. Mas, e se ela colocar à prova meu amor? Esse, definitivamente, era meu maior medo.

— Mas, se ela não acreditar em mim? Se achar que menti também? — Perguntei-lhe.

— Como eu disse, confie nisso aqui. — Voltou a tocar do lado esquerdo do meu peito. — Vocês se amam. Quando ela souber a verdade, lógico que ela surtará. Afinal, até você que é mais sensato e são, surtou. Imagine ela. Sabemos que ela não é nem um pouco normal. — Tentou amenizar, e foi impossível não rir. — Mas depois, irmão, ela vai te entender. Vai entender que você é tão vítima nessa história quanto ela. — Afirmou, com uma convicção que deixou-me um pouco mais confiante.

— Se ela não entender? — Perguntei, receoso, e ele me

deu um sorriso malicioso.

Lá vem...

— Se ela não entender, tenho certeza de que você fará com que ela entenda. Afinal, você é um Caravaggio, e em duas semanas sozinhos em lua de mel você fará um estrago. E depois disso, vocês tem a vida pela frente. Tenho certeza de que você saberá ser bem persuasivo. — Piscou para mim, tranquilizando-me.

É. Não me incomodo de ser impiedoso com minha mulher quando precisa! Na verdade adoro!

— Obrigado, irmão. — Agradei, puxando-lhe para um abraço que ele logo correspondeu.

— Não tem o que agradecer. Eu te disse que independentemente dessa merda toda você é meu irmão, e poderia contar comigo para tudo que precisasse. — Repetiu o que me disse desde que descobri, e mais uma vez emocionou-me com suas palavras.

— Eu sei. — Assenti.

— Meu Deus! Que gays vocês! — Igor exclamou, ao deparar-se com nossa cena.

— O que é? Nunca viu um noivo nervoso? — Perguntei

ao meu amigo, sorrindo.

— Gay! — Repetiu.

— Já sei qual o problema dele, irmão. Igor está com ciúmes. — Taddeo brincou, e Igor fez uma careta.

— Eu não disse? Gay! — Insistiu.

— Vou te mostrar quem é o gay, sua baronesa. — Brinquei, e Taddeo caiu na gargalhada, quando lhe dei um soco no braço.

Quando íamos continuar nossa conversa muita matura, fomos interrompidos. Olhei para ele, e meu bom humor e a segurança de segundos atrás se foram.

— Taddeo, Igor, estão chamando os padrinhos para organizarem a entrada. — Alano disse, e eles logo seguiram para fora. — Théo? — Ele chamou, ao mesmo tempo em que segurou meu braço, fazendo com que eu voltasse a olhar para ele. — Não faça isso conosco, filho. Hoje é um dia feliz para todos nós! — Complementou, com sua voz magoada, e eu retesei meu corpo pelo que disse.

— Não me chame de filho! — Puxei meu braço do seu, e ele se encolheu com meu tom. — Claro que o poderoso Alano e o fodão do Rei Edward estão felizes, afinal,

todos os planos de vocês estão se concretizando. Não é mesmo? — Afirmo, com amargura.

— Théo, não fale assim..

— Não se preocupe. Não precisam se preocupar com o fato de estragar a “festa” de vocês. Não vou falar nada não. Ao menos não hoje. Hoje fingiremos que agora somos todos uma família unida e feliz. Fingiremos que não existem mentiras infelizes e podridão no nosso meio. — Falo, ignorando a dor da traição que eu sentia, antes de virar as costas e ir em direção aonde eu deveria estar.

— Você precisa entender que fizemos isso para preservação e segurança de vocês. — Ele disse, fazendo-me parar na porta.

— Não. Vocês fizeram isso para preservar o que acham mais importante: o sobrenome de vocês! — Falei, sem me virar, antes de seguir meu caminho para minha verdadeira felicidade.



Depois do que me pareceu uma eternidade, enfim as grandes portas da catedral se abriram, e ao som da marcha

nupcial tocada pela Orquestra de Ópera da Campavia, tudo que eu pude ver era ela. Como tudo em minha vida, desde que ela havia retornado, tudo se resumia apenas a Stephanie. Ela estava linda demais. Perfeita. Sem palavras. Stephanie era sem dúvidas a noiva mais linda que eu já vi em toda minha vida. Quiçá, da história.

Steph estava vestida com um vestido de casamento branco tomara que caia, com um decote transparente no busto revestido por pedras, seu vestido com vários metros de comprimento, bem como o véu que ainda era muitos metros mais comprido. Depois de muitas especulações sobre o vestido e a coroa que ela usaria, eu não sabia nem de onde vinha e muito menos de que tecido era feito, o que importava para mim que ela estava perfeita, e que agora vinha até mim. Os cabelos dourados estavam com cachos suaves e soltos, e Steph usava a mesma tiara com que a Rainha Rachel, mãe do Rei Edward, se casou anos antes, que como se trata de uma joia de família simboliza a aprovação da família real para nossa união.

Enquanto ela entrava de braços dados com o Edward, carregando seu buquê e caminhava pelo tapete vermelho

que a trazia até o altar, seus olhos encontraram os meus e mil emoções ali descritas me engolfaram. Recordei-me tudo que vivemos até ali. Desde nossos momentos quando crianças, quando brigávamos por tudo. Nossa adolescência, em que descobrimos entre nós a nossa primeira e eterna paixão. Até a vida imperfeita que criamos juntos, mas perfeita ao nosso modo. Não pude me ajudar e foi difícil segurar minhas próprias lágrimas, e não me importei de derramá-las por tamanha emoção que eu sentia nesse momento, e ela parecia se sentir da mesma forma. Eu amava aquela mulher. Ela era um tanto louca e desajuizada, mas eu a amava de uma forma incondicional. E agora ela estava vindo até mim, para ser definitivamente, oficialmente, minha. O quão foda e perfeito era isso? A minha vontade era acabar com o protocolo e ir até ela, tomá-la logo em meus braços e fazê-la sempre minha, mas me contive. Queria que tudo fosse perfeito e que essa data fosse inesquecível para ela.

Quando eles finalmente chegaram até o altar e o Rei Edward começou a cumprir o cronograma do casamento real, o ressentimento por tudo que nos fizeram era mínimo

ao lado da emoção por receber a mão da minha mulher.

— Theodore, hoje eu te entrego Stephanne, para que vocês se tornem um casal, não apenas para os homens, mas também perante a Deus. Que essa união de vocês seja abençoada e próspera, não apenas aos olhos do povo, mas para nossa família. Desejo, não só como Rei da Campavia, mas como Pai, — Sua voz tremeu visivelmente. — Que vocês cumpram com seu destino e sejam muito felizes juntos. — Disse, emocionado e eu engoli em seco com suas palavras, mas ainda assim retribui o abraço quando ele o fez.

— Obrigado. — Fui incapaz de não lhe agradecer por Steph, porque independente das mágoas, ele estava entregando a mulher que eu amava para mim.

Virei-me para Steph, cada vez mais nervoso, com o coração descompassado, e quando a olhei, vi que eu não era o único, pois ela também estava nervosa e emocionada. Eu não podia me ajudar, pois só de vê-la assim tão perto de mim, depois de seis longos dias longe, e tendo a certeza que independentemente de todas as merdas isso não era um sonho e que sim, era real, e nosso

casamento realmente estava acontecendo, deixava-me parecendo um maricas. Mas eu não me importava.

— Você está linda demais. A mais linda de todas. — Elogiei quando beijei sua testa, porque era a mais pura verdade e ela precisava saber o quanto eu admirava e a amava.

— Obrigada. Você também está lindo. — Seu sorriso não me convenceu, mas sua voz nervosa e sua mão trêmula tocaram meu rosto em um carinho bem vindo, enquanto nos olhávamos e nos dávamos um pouco de coragem com o ato.

Alguém tossiu, e nós finalmente despertamos da bolha em que nos encontrávamos.

— Podemos começar? — O bispo perguntou, achando graça, e nós assentimos.

Segurei as mãos de Stephanie e seguimos para frente do altar, onde deveríamos ficar. Stephanie entregou seu buquê para Lourdes, e viramos de frente para o bispo, que começou a cerimônia.

— Estamos aqui reunidos para selarmos a união de Theodore Alano Storn Caravaggio e Stephanie

Alessandra Valentino Lorenzon Bellini di Montalcino...

A cerimônia seguiu com aquelas baboseiras de sempre e tudo o que é dito em um casamento normal. Enquanto o bispo falava, eu fiquei perdido olhando a minha Princesa, que parecia cada vez mais nervosa e emocionada. Pensei em tudo que viria pela frente, o nosso futuro, mas também sobre as verdades que eu tinha que lhe contar e pedi forças para que pudéssemos superar o que estava por vir. Tentei dissipar esses pensamentos, pois não era a hora para pensar nisso. Amanhã era outro dia e teríamos tempo para pensar nisso.

— Theodore e Stephanie vieram aqui para celebrar o vosso Matrimônio. É de vossa livre vontade e de todo o coração que pretendeis fazê-lo? — O bispo perguntou.

— Sim. — Respondi, convicto.

— Sim. — A voz de Stephanie um sussurro, um pouco hesitante.

— Vós que seguis o caminho do Matrimônio, estais decididos a amar-vos e a respeitar-vos, ao longo de toda a vossa vida?

— Sim. — Respondemos, em uníssono.

— Estais dispostos a receber amorosamente os filhos como dom de Deus e a educá-los segundo a lei de Cristo e da sua Igreja?

— Sim. — Confirmamos novamente, e ele se virou para mim.

Confesso que fiquei realmente grato por não ter mais aquela pergunta cabulosa: *“Se tem alguém que tenha algo contra esta união, que cale agora ou se cale para sempre...”* Não que eu ache que alguém poderia entrar na igreja gritando algo contra, mas na minha atual situação era um alívio pularmos essa parte.

— Theodore, promete e jura solenemente governar o país e povo da Campavia, junto com sua esposa, a Princesa Stephanne, de acordo com suas respectivas leis e costumes? — Perguntou, conforme a tradição da coroação pelo casamento pedia.

— Eu, Theodore, companheiro da herdeira do trono campaviano, perante a Deus, ao Rei e a população Campaviana, solenemente prometo fazer isso. Cuidarei do meu povo como quem cuida e ama um filho. Colocando sempre todas as suas necessidades em primeiro lugar. Até

o último dia da minha vida. — Prometi, como Stephanne fez alguns meses antes.

— Você vai usar seu poder para trazer a Lei e a Justiça, na Misericórdia, em todos os seus julgamentos? — Novamente perguntou.

— Sim. Eu vou. — Voltei a jurar.

— Uma vez que é vosso propósito contrair o santo Matrimônio, uni as mãos direitas e manifestai o vosso consentimento na presença de Deus e da sua Igreja.

Nós dois unimos nossas mãos direitas, ficando de frente para o outro e nos olhamos. Então eu começo a repetir as palavras do bispo:

— Eu, Theodore, recebo-te por minha esposa a ti, Stephanne, e prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias de “nossas vidas”. — Minha voz carregada de emoção, quando terminei corrigindo as últimas palavras, como costumávamos dizer.

Stephanne fungou, fechando os olhos, antes de abri-los ainda mais emocionada, suas lágrimas escorrendo.

— Eu, Stephanne, recebo-te por meu esposo a ti,

Theodore, e prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias de “nossas vidas”. — Repete nossos votos, com a voz embargada.

— Confirme o Senhor, benignamente, o consentimento que manifestastes perante a sua Igreja e se digne enriquecer-vos com a sua bênção. *‘Por esta razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne’*. Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, ninguém o separe.

Bella entrega ao bispo nosso par de nossas alianças, onde ele benzeu-as, e eu fui ungido com um óleo em minha testa antes de receber uma coroa dourada do principado.

— Abençoi e santificai, Senhor, o amor dos vossos servos Theodore e Stephanne, para que, entregando um ao outro estas alianças em sinal de fidelidade, recordem o seu compromisso de amor, e um dia governem esse país com sabedoria. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

— Amém. — A igreja respondeu.

Coloco no dedo anelar de Stephanne a aliança a ela destinada, dizendo:

— Stephanne, recebe esta aliança como sinal do meu amor e da minha fidelidade. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Termino de colocar a aliança em seu dedo anelar e a beijo, antes dela fazer seus votos, com a minha aliança repetindo:

— Theodore, recebe esta aliança como sinal do meu amor e da minha fidelidade. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

— Agora o noivo pode beijar a noiva. — E assim fizemos.

Em poucos dias, tudo que eu achava que era certo virou mentira, mas não isso aqui. Stephanne era minha única verdade. Meu suspiro de alegria. Minha força. Independentemente de tudo, de todas as merdas e mentiras que nos rodeavam, eu não sabia mencionar o tamanho da minha felicidade, pois o amor que eu sentia por ela era tão forte que a alegria de tê-la como minha causava-me emoções tão certas e intensas que eu jamais poderia

descrever. Apesar dos apesares, eu poderia afirmar com toda certeza do mundo que eu era privilegiado, não apenas por estar casando-me com a mulher que eu amava, mas também por saber que eu era amado na mesma intensidade.

Eu estava alguns minutos perdido nos lábios da minha agora esposa, quando o bispo chamou nossa atenção, fazendo com que todos os presentes rissem. Depois do beijo eu sussurrei que a amava, e ela nada respondeu, voltando-se para os demais, onde nós cumprimentamos nossa família, conforme a tradição. Abracei meio a contragosto o Rei e depois Henriquetta, que estava ali fazendo o papel de mãe de Steph e padrinhos dela em primeiro lugar, ou seja, Lourdes e Igor. Depois fiz o mesmo com os meus pais e padrinhos, que eram Anabella e Taddeo, e Steph fez o mesmo. Passados os cumprimentos, nós fomos para o altar e assinamos o livro de casamento. Nessa hora, pude ver que Stephanie ainda assina - e pela última vez - o seu nome de solteira. Chame-me de homem das cavernas, machista, o que for, mas eu estava orgulhoso para caralho disso. Depois da

minha assinatura, os padrinhos fizeram o mesmo.

O padre disse mais algumas palavras antes de terminar com a cerimônia, dizendo:

— Com a benção de Deus, dada com a autoridade a mim investida, eu vos declaro marido e mulher. E apresento, oficialmente, Theodore Alano Storn Caravaggio e Stephanie Alessandra Valentino Lorenzon Bellini di Montalcino Caravaggio, Príncipe e Princesa da Campavia. — Proclamou, e logo a multidão se abaixou, nos reverenciando.

Sob uma chuva de pétalas de rosas, nós dois andamos de braços dados pelo tapete vermelho do corredor central, passamos por debaixo de espadas cruzadas após sair da catedral. A carruagem dos noivos, bem como as outras carruagens que nossas famílias usariam para seguirmos em procissão pela cidade, conforme mandava a tradição, já estavam a nossa espera.

— Como você está se sentindo, sua Alteza Real, a Princesa Stephanie, minha esposa? — Brinquei, lhe beijando suavemente os lábios, e ela sorriu sem jeito.

Minha esposa... Era tão bom dizer isso!

— Estou bem. — disse, simplesmente, e alguma coisa me disse que havia acontecido algo.

Decidi ignorar por hora, e com o auxílio da cerimonialista ajudei-a a subir na carruagem. Colocamos aquele monte de tecido para dentro, para que ela se acomodasse melhor em seu banco. Não sei para que tanto tecido, mas ela estava linda, e o que me importa é que ele será apenas um amontoado de panos quando eu deixá-la nua mais tarde.

— Tem certeza? — Insisti.

— Sim.

— Sim. Tudo bem. Aqui está. — Digo, ao lhe entregar seu buquê.

— Obrigada.

— Você está feliz? — Fui incapaz de não perguntar, quando sentei-me ao seu lado e a carruagem começou a andar.

— Sim, muito. Agora acene para as pessoas. — Desconversou.

— Olha só quanta gente. — Falei, surpreso, e juntos fomos acenando.

Passamos por uma grande multidão de pessoas enquanto andávamos nas ruas da cidade, em direção ao Palácio Real da Campavia, dentre elas bandas militares que tocavam o hino do nosso país. Como a catedral ficava próxima, não demoramos de chegar. Quando chegamos ao Palácio não podemos deixar de notar que parecia haver muito mais gente ali à nossa espera. Juntamente com nossa família, que chegou atrás da gente com suas carruagens, nós entramos, para cumprir o restante da tradição, que era os noivos se beijarem na sacada do Palácio.

— Pronta? — Pergunto, com sua mão na minha, assim que ficamos de frente à porta que levava a sacada.

— Sim. — Confirmou, apertando ainda mais minha mão. Respirei fundo, e então finalmente saímos para a sacada.

— Oh, Nossa! Uau! — Fala, impressionada.

E, apesar de sabermos o que nos esperava, a multidão de pessoas e jornalistas lá embaixo realmente impressionava. Com a popularidade estrondosa que Stephanie tem tido desde que assumiu o principado, nosso casamento estava sendo apontado como o maior evento da

história, batendo inclusive o Casamento da Princesa Diana ou do seu filho que aconteceu alguns anos atrás. A população acenava e gritava pelos seus “príncipes”. Era surreal demais.

— É, tem muita gente lá embaixo. — Confessei, enquanto retribuía os acenos e sorria. — Ok? Olhe pra mim, me dá um beijo.

— Agora? — Steph perguntou, nervosa.

— Claro, amor. — Falei trazendo seu rosto para mim e colando sua boca na minha.

A multidão foi literalmente ao delírio enquanto nos beijávamos. E eu como sempre me perdia em seus lábios. Viciado pelo seu sabor. Seu toque. Relutantemente afastei-me, dando um selinho em seus lábios. Mesmo depois que nos afastamos, apesar de todo o barulho, ainda assim conseguíamos ouvir aqueles que ali estavam pedindo “bis”.

— Eles querem mais uma vez. — Novamente nossas bocas se encontraram, em um beijo nada tímido.

Alexandre, seu bastardo! Controle-se! Não queremos dar um vexame a nível mundial!

Já pensaram o escândalo que seria caso meu pau duro – Sim, por que eu já estava duro! – para o mundo todo ver? Já posso até ver as manchetes dos jornais:

“ O recém-casado Príncipe Theodore mostra todo seu ‘vigor’ enquanto cumprimentava a população após a cerimônia. Especialistas ficam chocados ao ver a ‘magnificência’ do novo ‘membro’ da família real ‘excitado’ com seu casamento. Podemos esperar um casamento muito feliz...”

Meu Deus! Como eu viajo com esses pensamentos sobre meu pau. Se alguém me dissesse que eu tenho um cérebro na minha cabeça de baixo, eu não ficaria surpreso!

Quando nos afastamos, vimos os aviões da Força Área Campaviana sobrevoando o Palácio em nossa homenagem. Após nos despedirmos da população lá embaixo, agradecendo o seu apoio e presença, tiramos as fotos oficiais do casamento com a família reunida, e depois fomos para o banquete real no Castelo de Bellini.

Uma festa de casamento da realeza era dividida em duas partes: o banquete real e a noite de gala, e costumava durar o dia todo. A festa contou com a presença de mais de seiscentos convidados. Flores rosas e brancas foram espalhadas sobre as decorações de mesa, que incluíam candelabros dourados. A mesa principal acomodou mais de cinquenta pessoas, nos lugares de honra estavam eu e Steph, o Rei Edward, a Rainha Lourdes, Henriquetta, minha família, Igor, Victor e outros monarcas e chefes de estado.

Depois do banquete, eu e Stephanie dançamos uma valsa clássica para a nossa primeira dança como marido e mulher. Em seguida, dançamos com passos perfeitos e precisos a música de nossa escolha, *I'll be* de Edwin McCain, enquanto dançávamos vi-me perdido na profundidade do amor que eu sentia por essa mulher que era sem sombra de dúvidas a minha vida.

*“...Eu serei um ombro para você chorar
Eu serei um suicida do amor
Eu serei melhor quando ficar mais velho*

Eu serei o maior fã de sua vida...”

Depois da nossa música, juntaram-se à dança os nossos pais. A noite de gala seguiu noite adentro com as comemorações. Em um dado momento da noite, tivemos os discursos do Rei e de Alano. Tentei não pensar em tudo que eu descobri enquanto eles falavam ali, mas era impossível não pensar, e mais do que isso, era inevitável não sofrer e se sentir traído com tantas mentiras. Tive vontade de levantar e dizer tudo que estava entalado em minha garganta, mas me segurei. Alheia ao que realmente acontecia comigo, as palavras dos dois emocionaram minha Princesa, que não conseguiu conter as lágrimas. Apesar de saber que era quase impossível que isso não acontecesse, pedi a Deus que Steph não sofra tanto quanto eu estou sofrendo com tudo isso. Estava chegando a hora da minha esposa saber de toda a verdade. E mais uma vez eu só pedia forças para que possamos passar por isso, para que tenhamos a chance de ser felizes.

Capítulo 35

Théo

Quando saímos do castelo rumo à nossa lua de mel, já era mais de meia noite. Por mim eu já teria saído há muito tempo, porque só o que me importava era ter minha Princesa e agora minha esposa, em meus braços. Mas nós tínhamos todo um protocolo a seguir e infelizmente não poderíamos deixar de cumprir nossas “obrigações” na festa. Apesar da minha felicidade notória, eu estava incomodado com a forma que Steph estava se portando. Apesar de sorrir e tratar bem a todos, ela estava calada, fechada, não parecia em nada a mulher por quem eu era apaixonado. A vontade de confrontá-la durante todo o dia foi grande, mas tentei me acalmar dizendo que era só o nervosismo, cansaço e o estresse do casamento, que era normal toda noiva ficar assim. Tentei me apegar a isso, mas sua distância não ajudava em nada. Antes de viajarmos para nossa lua de mel amanhã, eu tinha uma

surpresa para ela na noite de núpcias. Seria um presente de casamento para ela, mas no entanto é para nós dois. Dei-nos esse tempo até a chegada ao nosso destino para confrontá-la.

— Aonde nós vamos? — Ela finalmente pergunta, assim que nos viu diante de um helicóptero.

— Aonde vamos, é exatamente a surpresa que eu te prometi, amor. — Falo e segurei seu queixo, para olhá-la nos olhos. — Precisamos conversar. — Eu digo.

— Sim. Podemos ir? — Desconversa e se afasta, antes de ir em direção ao helicóptero que nos esperava juntamente com o piloto.

Merda!

Como sempre eu tinha que aprender a ouvir minhas intuições, porque agora tinha mais do que certeza que definitivamente tinha acontecido algo para Stephanne estar agindo dessa maneira. Apesar de ser louca, ela não era uma pessoa fria, muito pelo contrário. Quando algo a incomodava, ela fazia questão de dizer ou gritar isso. Suspirei. Já vi que nossa lua de mel não vai ser nada como pensei ou planejei. Não seria mesmo.



Alguns minutos depois que começamos a sobrevoar a Campavia, chegamos ao nosso destino. Desde que eu e Stephanie saímos da Ilha do Ouro, eu decidi que após nossa reconciliação lá, aquele seria o nosso refúgio como casal e em breve da nossa família. Então foi pensando exatamente nisso, que eu pedi autorização para Alano e finalmente terminei a construção da casa que um dia pertenceria a E&A. *Chega a ser irônico o quanto isso me deixou mais perto da verdade e eu não fui capaz de enxergar.*

Durante a semana eu pensei em não virmos mais para cá e desistir do que contruí diante as circunstâncias, mas decidi que nada atrapalharia meus planos com a minha esposa. Eu construí essa casa para nós dois e nada, muito menos algo que não temos culpa, faria com que eu deixasse de seguir meus planos de vida com Stephanie. Eu não deixaria que nada e muito menos ninguém atrapalhasse nossa felicidade. Estava convicto que não

abriria mão disso.

Agora estávamos diante a descomunal casa recém-construída e vendo a expressão de surpresa e até de felicidade de Stephanne por nos ver diante do nosso novo refúgio, eu sabia que tinha feito a coisa certa.

— Como... — Gagueja ainda em choque e eu abracei-a por trás enquanto lhe explicava.

— Quando saímos daqui naquele dia, eu decidi que queria voltar para cá com você sempre. Queria que nós tivéssemos um lugar, que depois da nossa casa, fosse o lugar que a gente precisa quando tudo estiver estressante, cansativo, possamos descansar e ter um tempo só nosso. Que aqui fosse o nosso refúgio. — Afirmo sinceramente e não me passou despercebido uma lágrima que Steph derramou, mas ela logo tratou de enxugar.

— Ficou linda. — Diz apenas, parecendo um pouco baqueada. — Er... Eu preciso tomar um banho. — Novamente senti que ela estava fugindo e não aguentei mais e perguntei:

— Stephanne, o que está acontecendo? Por favor. — Pergunto agoniado.

— Preciso de um banho e depois a gente conversa. — Fala, se afastando e indo em direção à entrada.

Mais uma vez eu tentei controlar meus próprios instintos e me acalmei, dizendo que nós já conversaríamos. Stephanie abriu a porta e antes que ela entrasse, eu a alcancei e peguei-a no meu colo, como manda o figurino.

— Ai que susto! Merda! — Reclama e eu ri da sua cara emburrada.

— Não poderia deixá-la entrar sozinha. Você sabe muito bem que a tradição manda que o noivo carregue a noiva para passar pela porta na noite de núpcias. — Tento descontraí-la e ela revirou os olhos.

— A tradição também manda que a noiva seja virgem, mas como sabemos, já pecamos muito antes desse casamento. — Graceja e eu fiz uma careta ao pensá-la com outros homens.

— Pois bem, agora não vivemos mais em pecado. Mas isso não quer dizer que não viveremos de luxúria. — Brinco e ela finalmente ri.

Adentramos a sala e Steph olhou impressionada para

todos os lados. Como a casa fica em uma ilha deserta, a construção é mais simples, porém fiz questão que tivéssemos tudo do bom e do melhor, para que não sentíssemos falta de nada quando estivéssemos aqui. Agora não teríamos mais problemas com sinal de celular, pois tínhamos uma antena particular, além de internet e TV a cabo, para não ficarmos tão desligados do mundo quando nos isolássemos. A sala era bem aconchegante, além do jogo de estofados e poltronas superconfortáveis, havia uma espaçosa mesa de jantar, uma estante com um televisor grande tela plana, que ocupava grande parte da parede e outros aparelhos eletrônicos de última geração. Mesmo com o sistema de ar e aquecimento instalado na casa, uma lareira dava um ar mais romântico e rústico ao ambiente. Apesar da hora, a sala era bastante iluminada pela claridade da lua, pois a casa era cercada por janelas de vidro, onde poderíamos observar o mar que nos rodeava a hora que fosse. O lugar estava incrível, fiz questão de não poupar em nada. Queria que tudo ficasse perfeito para nós dois. E futuramente para a família que construirmos.

— Nossa! — Exclama impressionada e eu fiquei satisfeito por seu olhar de apreciação.

— Você gostou? — Pergunto com ela ainda em meus braços.

— Sim. Ficou maravilhosa! — Afirmo, ainda olhando ao redor e eu fiquei feliz em saber.

— Como eu disse, fiz para a gente. Para ser nosso refúgio. Mas se você quiser modificar algo, fique à vontade. Afinal a casa é sua. — Falo, porque era a verdade.

— Não quero mudar nada. Está perfeito como está. — Diz olhando diretamente para mim e eu não sei se ela fala sobre a casa ou não.

— Só está perfeito porque você está aqui comigo. — Sou sincero e ela deslizou a mão pelo meu rosto e eu gemi, consciente dos meus sentimentos e desejos por ela depois de tantos dias.

— Me beije. — Pede, levantando-se dos meus braços.

Minha cabeça não sabe como, mas em uma manobra rápida, começamos a nos beijar e de alguma uma forma, conseguimos fazer com que ela cruzasse as pernas em

minha cintura. Encostei-a na parede, prensando-a com meu corpo, enquanto nossas mãos e bocas se devoravam. Nós tínhamos fome um do outro. Eu tinha necessidade de senti-la. De amá-la. Para ter certeza que estava tudo bem. Saber que independentemente de tudo, ela ainda era minha. Alguma coisa dentro de mim parecia implorar por ela, depois que aconteceu tanta coisa. Mas uma parte minha ainda se sentia culpado por estar omitindo a verdade dela. Sei que não era a hora mais propícia para isso, pois as saudades de tê-la estavam grandes e meu pau parecia que seria capaz de explodir se eu não a tivesse logo, mas me afastei de sua boca, tentando conter meu desejo. Nossas respirações ofegantes, nossos corpos querendo a mesma coisa.

— Por favor. — Clamou.

— Por favor o que? O que você quer que eu faça com a minha esposinha? — Instiguei ofegante.

— Me ame. — Suplicou e eu me afastei para ver seu rosto.

— Nós precisamos conversar. — Tento manter um pingão de racionalidade.

— Não. Depois conversamos. Eu só preciso de você. Eu preciso sentir. — Volta a pedir e eu solto um rosnado necessitado.

Caralho! Eu também preciso!

— Vamos para nosso quarto. Quero fazer do jeito certo, amar você da forma que você merece. — Afirmo, antes de voltar a carregá-la em meus braços, indo em direção ao nosso quarto, me esquecendo completamente sobre o que precisávamos conversar.

Nosso quarto foi o local que eu fiz questão que fosse o mais acolhedor possível. O ambiente era espaçoso e limpo. Uma cama de dossel, forrada com lençóis brancos e macios. Mais alguns móveis funcionais se faziam presentes ali também. Uma porta levava para uma varanda lá fora, que agora iluminava o quarto sob a luz da lua, que estava recheada de pétalas de rosas. No canto do quarto havia uma vasilha com morangos e chocolate e o balde de champanhe com gelo, que provavelmente ficariam para depois. Ainda nos beijando, coloquei-a em pé em minha frente, enquanto tirava seu vestido. Desfiz o laço que o prendia, enquanto agradecia a Deus pela praticidade de

tirá-lo e não ser cheio de botões. Ia empurrando o vestido tomara que caia para baixo, deixando-o cair em seus pés, formando uma piscina de seda, chiffon e qualquer que seja o inferno de tecido, mas o que importa é que esse vestido estava fora e eu a tinha toda para mim.

— Linda demais. Agora você é completamente minha. Toda minha, esposinha. Você não tem noção do quanto eu imaginei esse momento.

Soltei um grunhido, ao mesmo tempo em que mordia seu pescoço e voltei a apreciar seu corpo quase nu, que agora utilizava apenas uma lingerie branca e uma liga da mesma cor em suas coxas torneadas, continuei admirando-a enquanto despia-me de minhas próprias roupas rapidamente. Quando já estava nu, coleí meu corpo ao seu, envolvendo-a com a mão em sua cintura e enquanto beijava seu pescoço. Sua pele quente me incendiando, aumentando minha necessidade dela. Abri o botão do seu sutiã, jogando-o no chão junto ao vestido, brinquei com os bicos rijos dos seios cheios, empinados que ela tinha e que eu tanto amava. Stephanie ofegou quando fui me abaixando e deslizando minhas mãos pelo seu corpo, ao

mesmo tempo em que distribuía pequenos beijos em sua pele perfeita, arrepiando-a por inteiro.

Quando cheguei próximo à liga em sua coxa, virei seu corpo de frente para mim e olhando em seus olhos, Stephanie gemeu quando beijei, lambi e mordisquei sua coxa, antes de tirar aquele pedaço de renda com meus dentes. Refiz os mesmos movimentos, agora retirando sua calcinha mínima. Ela ficava linda de qualquer jeito, de lingerie então nem se fala, mas nua para mim sempre seria a visão mais linda e perfeita que poderia existir. De joelhos, sua bocetinha rosada e depilada estava bem nua em minha frente, tudo que eu precisava era me aproximar um pouquinho mais para minha boca estar nela. Senti seu cheiro e fechei meus olhos, apreciando aquele cheiro doce da sua excitação. Eu amava me enterrar em Stephanie, mas também amava sentir seu cheiro e amava ainda mais seu sabor. Era meu doce favorito. Então não demorei em me deliciar do gosto que senti tanta falta nesses últimos dias.

— Ah! — Steph arquejou surpresa com meu ataque repentino, pendendo a cabeça para trás, gemendo,

enquanto seu corpo estremecia pelo prazer que eu já lhe proporcionava.

— Jesus! Como eu amo chupar essa sua bocetinha que é só minha. Está gostoso, hein? — Pergunto, levando sua perna para cima do meu ombro, deixando-a toda aberta, exposta para mim, sua umidade escorrendo pelas pernas, deixando-me ainda mais sedento por ela.

Queria ela totalmente entregue. Entregue como jamais estive antes em sua vida. Meus dedos encontram seu clitóris, esfregando-o delicadamente, brincando com seu brotinho delicioso. Seu cheiro e seu sabor como sempre me deixando louco. Querendo mais. Querendo tudo dela. Por que eu sempre queria mais com ela. Enfie um dedo e depois outro em seu canal apertado, depois penetrei meu dedão por trás, trabalhando duplamente com avidez em busca do seu prazer. Steph gemeu ainda mais, trazendo-me ainda mais perto da sua bocetinha com suas mãos em meus cabelos, deixando-me cada vez mais louco e eu aumentei a velocidade das investidas dos meus dedos, que a fodiam como eu queria fazer.

Não demorou para que ela se convulsionasse em um

orgasmo, gritando fora de si, presenteando-me com seu mel de prazer, fazendo-me deliciar com o sabor mais gostoso que já provei em minha vida. Apoiou-se em mim, tonta, parecendo tão fora de si que foi impossível esconder o sorriso prepotente que abri. Adorava saber que era eu quem fazia isso com ela. E eu hoje tive apenas a confirmação que sempre seria apenas eu a lhe proporcionar tal prazer. Com cuidado, acomodei-a em nossa cama recheada de pétalas de rosas e subi em cima dela, acomodando-me entre suas pernas, enquanto beijava seu corpo com a reverência que ela merecia. Chupei e mordi seu mamilo, ao mesmo tempo em que brincava com o outro e ela gemeu, enfiando sua mão em meus cabelos, rebolando e se esfregando desavergonhadamente em mim. Seu olhar quente, cheio de volúpia, lascívia, tesão, dizendo-me o quanto queria e necessitava disso tanto quanto eu. Deixando-me cada vez mais louco.

— Meu corpo sente tanta a falta do seu. Necessita estar dentro de você! Agora! — Grunhi.

— Sim, Théo... Sim... Agora! — Pediu ensandecida.

Arranhou minhas costas, puxando-me mais para ela,

abrindo-se mais para que eu pudesse me encaixar logo nela. E eu fiz. Meu pau escorregou em seu canal tão molhado, quente e apertado, que foi impossível conter o rugido de satisfação que escapou da minha garganta. Steph gemeu, enfiando ainda mais as unhas em minhas costas, movendo junto comigo os quadris em um ritmo alucinante trazendo-nos cada vez mais perto da borda. Tentei conseguir manter um mínimo de controle, mas com ela era impossível. Antes de Steph, eu conseguia manter meu orgasmo por horas até. Às vezes as mulheres chegavam a achar que eu usava algum tipo de estimulante ou retardante sexual, mas tenho orgulho de dizer que nunca precisei usar nenhuma merda dessas. Sempre controlei tudo, até meu prazer. Mas com ela é impossível. Com ela eu me perco só com um olhar. Estar dentro dela é literalmente estar no paraíso. Quando ela voltou, ficamos naquele joguinho de quem mandava em quem. Mas quando finalmente nos entregamos, nenhum de nós saiu perdendo. Hoje eu estava ali em suas mãos e ela nas minhas. E eu era um homem casado. Sim. Eu era sim um homem completamente entregue, dominado por essa mulher e eu só agradecia por

isso.

— Porra como eu estava com saudades de você... Saudades do seu corpo, meu amor... Como eu amo me enterrar dentro dessa bocetinha que é só minha!

— Eu também... am... Mais rápido! Eu preciso!

Putaquepariu! Adeus controle!

Estoquei com vontade, indo com força até o fundo, deleitando-me do prazer que era estar dentro desse corpo apertado e macio. Nossos quadris se chocando no outro, os dois cada vez mais entregues. Rendidos pelo nosso próprio desejo. Dominados pelo prazer.

— Mais... — Pediu, abrindo-se mais, agarrando minha bunda, fazendo-me ir cada vez mais fundo.

— Porra! — Rosnei, fodendo-a cada vez mais duro e forte, cada vez mais enlouquecido pelo prazer e tesão que só ela era capaz de me proporcionar, dessa maneira tão enlouquecedora.

— Théo! — Gemeu meu nome enlouquecida.

— Sim, seu Théo. Seu homem! Seu marido! Todo seu! E você é minha mulher, minha esposa! Toda minha!

— Sim. Só meu. Meu marido. Sou toda sua... Só sua!

Ahhh... Théo! — Gritou fora de si, parecendo ébria, emocionada com suas palavras e para mim o prazer da sua admissão veio de forma alucinante.

Sua entrega desmedida, suas palavras confirmando aquilo que nossos corpos e coração já sabiam, deixando-me ainda mais fora de mim. Aumentei ainda mais o ritmo, enquanto pressionava seu clitóris como eu sabia que ela não resistiria e não resistiu. Ela gozou, apertando ainda mais meu pau em seu canal já apertado, gritando meu nome, trazendo o homem das cavernas que habita em mim, fazendo-me perder o controle de vez. O orgasmo veio de forma avassaladora. Arrebatadora. Rosnei fora de mim, cerrando meus dentes com a pressão do prazer que me golpeou, como se tudo de mim derramasse dentro dela. E de uma forma realmente foi.

Nosso orgasmo parece ter durado uma eternidade. Ainda podia sentir não só meu, mas o dela ondular com o prazer inegável que persistia em correr entre nós. Ainda vibrando, capturei sua boca em um beijo quente, cheio de paixão e entrega. Porque ela era minha e eu era dela, isso nós não poderíamos negar. O mundo e nossos problemas

esquecidos, porque nada mais importava quando tudo se resumia apenas a nós dois. Eu ainda estava enterrado nela, quando ela começou a acariciar minhas costas suadas, que agora ardiam um pouco pelas feridas ocasionadas por suas unhas. Mas eu não me importei. Mesmo depois de ter gozado litros dentro dela, apesar de meio dopado, fora de mim, ainda estava duro sentindo sua bocetinha ainda vibrando ao redor do meu pau, com os resquícios do orgasmo. Beijeí seu pescoço cheiroso, onde eu estava com a cabeça recostada, deliciando-me com seu maravilhoso cheiro, que era tão dela. Antes de levantar meu olhar para encontrar aqueles olhos languídos e cristalinos que eu tanto amava. Uma lágrima deslizou pelos seus olhos e seu corpo parece ter se enrijecido. Tensionado. Fiquei preocupado que eu tivesse de alguma forma machucado-a.

— O que foi, amor? Machuquei você? — Indaguei pois as lágrimas escorriam sem cessar agora.

— Não como você pensa. Agora pode sair. — Disse simplesmente e eu me afastei em choque pela sua reação.

Oi? Como assim? Por que será que eu estou sentindo

que isso é um déjà vu?

— O que? — Perguntei sem entender o que ela estava dizendo.

— Isso mesmo que você ouviu, Théo, pode sair de dentro de mim. Matamos nosso desejo. Nosso casamento já foi consumado. Tudo exatamente como você planejou.

— Fala com amargura.

— Como...

— Como eu sei? Não interessa como eu soube. Apenas quero que você saia agora desse quarto, pois quero dormir. Estou cansada. Boa noite, Theodore!

Putá que pariu! Eu não posso acreditar no que está acontecendo!

Steph

— *O que você veio fazer aqui? — perguntei com desgosto, ao descer do meu quarto e ver quem eu não imaginava e muito menos que tivesse a cara de pau de*

vir aqui.

— Eu precisava vir. Passei a semana toda sem saber o que fazer. Precisava te falar...

— Eva, não sei o porquê e muito menos o que você poderia querer falar comigo. Nós não somos amigas e nunca seremos. Eu vou me casar com Theodore e você não vai envenenar nossa relação. O que eu tenho a dizer para você é: Perdeu, playboy!

— Eu só peço cinco minutos do seu tempo...

O pior é que ela me parece sincera, mas eu não iria deixar ela estragar o meu dia.

— Lourdes Maria, eu nem acredito que você foi capaz de deixar essa mulher entrar. — Bradei irritada.

— Steph, ouça o que ela tem a te dizer. Como eu te disse lá em cima, você vai querer ouvir. — Lou intercedeu e eu mais uma vez não entendi nada.

Que diabos!

— Você tem três minutos. — Concordei impaciente.

— Sei que você tem todos os motivos para não querer ouvir e muito menos acreditar sobre o que sai da minha boca, mas acredite em mim quando eu digo que eu já

superei Théo. — Olhei desconfiada. — Olha... Não vai ser fácil dizer o que tenho para dizer, mas...

— Desembucha, mulher! — Exigi irritada.

— Ok. A verdade é que seu relacionamento com Théo foi uma armação de Alano com seu pai. — Falou de uma vez.

Hã?

— O que você está dizendo? Você só pode estar louca!

— Sinto muito ter de lhe dizer assim, mas não. Er... Eu tenho estado com Taddeo há algum tempo e domingo resolvi fazer uma surpresa, foi quando eu ouvi a conversa dos dois... Eu não achei justo e vim te falar...

— Eva, vá embora. Sinto muito pelo mau gosto do meu cunhado, mas eu não quero ouvir mais nada. Essa tentativa patética de fazer com que eu desista de casar com Théo quase na hora de subir ao altar, foi baixa e medíocre até para você. — Falei com desgosto e ela engoliu em seco.

Eu estava deixando-a ali, não queria mais ouvir, quando ela disse:

— Eu tenho como provar.

Não respondi. Fiquei parada exatamente onde eu estava, quando de repente a voz de Théo se fez ouvida e eu me virei de volta para ela, que estava com o celular ligado em uma gravação.

— Isso foi tudo armação. Eles queriam isso desde o começo. Eu e Stephanne juntos. Queriam que eu assumisse o trono.

Então outra voz que eu reconheci sendo a de Taddeo disse:

— Eu sei.

— Foi um plano, irmão... Sempre foi.

E a gravação acabou.

Abri os olhos da lembrança daquela conversa infeliz e limpei as lágrimas que nem havia reparado que derramava, mas depois de tanto tempo presas, eu não conseguia mais controlar a dor que emergia de dentro. Passei a cerimônia e a festa toda me segurando. Tentando tirar isso da minha cabeça, tentando acreditar que aquilo tudo não era nada e que ele não casou por interesse, afinal poderia ser invenção de Eva, mas a voz do homem que eu amava estava ali naquela gravação, provando que ela

estava certa. Errada estava eu em acreditar que o que tínhamos era real. Meu casamento dos sonhos estava se tornando um pesadelo e eu fiquei ali calada, morrendo por dentro, enquanto todos estavam felizes a minha volta.

Mas a verdade é que era tão difícil assimilar tudo. Ainda doía saber que Théo teve a coragem de compactuar com isso. Que ele teve a coragem de mentir sobre nós. Que nada disso foi real. Tudo foi exatamente como eu não queria que fosse: um plano. Depois de tudo, não passava realmente de uma manobra política. Ele brincou comigo por interesse, por causa de uma maldita coroa. E o pior disso tudo, é que ele teve apoio de meu pai. Isso tudo me enfurecia e me enojava. A minha vontade foi de fugir disso tudo. De não me casar mais. De ir embora. De fugir de tudo e de todos. De seguir sem rumo pelo mundo. Viver uma vida normal. Esquecer que um dia deixe-me acreditar que o conto de fadas poderia sim existir e que mesmo depois de fugir disso, eu havia encontrado o meu final feliz em Théo. Só que eu me enganei. Ou melhor, fui enganada. Mas eu já estava na merda mesmo, então agiria com a cabeça. Seria a Princesa que todos queriam que eu

fosse. Seria a esposa modelo. Continuaría com meus trabalhos ajudando as crianças, porque eu amava poder saber que eu podia dar o melhor de mim para alguém e eu era grata por tê-las em minha vida. Por mais que isso tudo me doesse, me enfurecesse, eu aceitaria o destino que me foi imposto e que por um momento cheguei a acreditar que o desejo de vivê-lo era recíproco.

O quão infeliz mais eu poderia ficar?

— O que você está falando, amor? — Théo tentou novamente, deixando-me cada vez mais irritada com seu cinismo.

— Pare de me chamar de amor! Chegar de mentir! Não tente me fazer de idiota novamente! Eu sei de tudo! Tudo não passou de uma armação de vocês! Você só casou comigo para assumir o trono! — Gritei, levantando-me da cama.

A fúria me golpeando com força total. Sentia-me fraca, derrotada por estar prestando esse papel nesse momento. Mas sempre foi isso, apenas um papel que eu deveria representar mesmo. Então era apenas isso que eu faria de agora em diante.

— Como você pode falar um absurdo desses? Eu amo você! Como você pode duvidar disso? Quantas provas mais do meu amor eu preciso te dar para que acredite? O que vivemos todos esses meses não foram suficientes? — Indagou magoado.

Olhando para os olhos arregalados de Théo, ele parece surpreso, assustado e até magoado com tudo. Mas então eu me lembro que a sinceridade derretendo nos seus olhos azuis não é real, nada com ele nunca foi real. Políticos são bons em fingir, são bons em mentir. E foi isso que ele fez e tem feito desde que ficamos juntos. As palavras ditas horas antes de me casar, me assombravam desde então. Pareciam “gritar” em meus ouvidos e se repetir fazendo com que eu não esquecesse da minha realidade. Ele me enganou.

— Eu ouvi. — Murmurei.

— Eu não sei o que você ouviu, sim, eu tenho algumas coisas para lhe contar, que eu estava esperando o momento certo para isso. Mas eu juro a você que a única verdade em todas essas merdas que tenho a dizer, é o meu amor por você. — Se aproximou segurando meu queixo.

— Eu já sei que foi uma armação. Já sei que você se juntou com nossos pais para que nós dois nos casássemos.

— Soltei de uma vez.

Théo se calou e eu entendi isso como uma confirmação. A dor novamente me dominou, só que dessa vez ela foi ainda mais forte com a constatação da verdade. Tirei forças não sei de onde, limpei minhas lágrimas e andei até a porta, abrindo-a e aponte para saída. Queria ficar sozinha, extravasar a dor que eu sentia. Não queria que ele presenciasse minha miséria.

— Pode ir agora. Não temos mais nada para dizer. Amanhã continuaremos fingindo que somos um casal feliz e seguiremos em lua de mel. Seremos o casal de príncipes modelo. Não se preocupe, quando eu tiver com tesão nós transaremos. Afinal, esse casamento tem que ser lucrativo para ambos. — Falei sentindo o gosto amargo da traição na minha boca.

— Hã? — Indagou parecendo se dar conta agora do que eu dizia.

— Não vou repetir, pode ir.

Em dois passos Theodore chegou até mim e me segurou

com força.

— Eu não vou sair. — Continuou com a voz firme, quando eu fiz a menção de falar: — Eu não queria falar com você dessa maneira, mas você está me obrigando a fazer exatamente isso. Uma vez você me negou o direito de defesa e agiu impulsivamente. Você não vai fazer isso novamente, porque eu não vou deixar. Nós dois vestiremos uma roupa e sentaremos para conversar. Você vai me ouvir calada e depois que eu disser tudo que sei, aí sim você poderá se manifestar. Fui claro?

Tive vontade de contrariar, de me rebelar, gritar com Théo por querer mandar em mim, principalmente depois de tudo, mas algo no seu tom de voz e na dor explícita em seus olhos fez com que eu recuasse e fizesse exatamente isso que ele pediu. Depois de colocar um vestido básico, que estava na mala que havia arrumado para lua de mel, eu e Théo nos sentamos na beira da cama. Nós dois parecíamos nervosos, agoniados e eu só queria acordar e ver que isso era apenas um pesadelo, que Théo me amava verdadeiramente, que tudo entre nós foi real. Mas o meu orgulho ainda me espezinhava, dando na minha cara o

quanto eu fui idiota por me deixar envolver e acreditar em toda essa farsa.

— Eu preciso começar dizendo que sinto muito. Lamento por tudo que vou lhe contar. E principalmente que me perdoe por não ter lhe dito antes. — Ele começou.

Eu também. Lamento o dia em que me abri para ele e me entreguei. Lamento que confiei nele. Lamento que me traiu. Lamento que pensei que poderia continuar com essa história de casamento armado, sem que meu coração palpitasse como se um estivesse cheio de pregos. Quero que essa dor desapareça. Quero que esse amor desapareça. Como posso perdoá-lo por dizer que me amava, por ter mentido para mim? Como posso perdoá-lo por me forçar a acreditar que um dia ele realmente quis casar comigo?

— Não precisa dizer mais nada. — Consegui dizer, tentando engolir o bolo que estava em minha garganta.

— Não, Stephanie. Eu nem comecei. Eu te disse que você iria me ouvir e agora vai ouvir tudo que eu tenho a dizer. Quando eu terminar de falar, espero que você entenda não apenas que eu fui tão vítima dessa história

quanto você, mas que você jamais duvide do meu amor novamente.

Engoli novamente a dor que eu sentia e assenti. Só esperava que fosse forte o suficiente para não sofrer mais do que estava sofrendo nesse momento. Só que mais uma vez me enganei.



— Eu sinto muito. — Ele repetiu a frase novamente.

Sabe quando tudo parece fora do lugar? Que você está tão em choque que tudo ao seu redor parece sumir? Então foi exatamente assim que eu me senti, quando Théo terminou de contar toda a história. Ouvi tudo quietinha. Eu não conseguiria dizer nada nem se eu quisesse. A dor me envolvia, me dominava. Tudo ao meu redor parecia rodar. Era como se uma faca tivesse sido cravada em meu peito, sem piedade alguma. Sabe aquele velho clichê, da dor que dizem quando se descobre algo de tamanha magnitude e tudo que você achou que fosse verdadeiro em sua vida, não passasse de mentiras? Então, é exatamente essa dor que estou sentindo agora. Dor por descobrir que na

verdade sua vida inteira não passava de mentiras atrás de mentiras. Era como se quem eu fui ou sou hoje, não existisse. Jamais existiu. E de certa forma era exatamente isso: *Eu era uma fraude. A Princesa Stephanie era uma farsa.*

Tudo o que as pessoas acham que conheceram ou acham que conhecem, não passa de uma imagem que não apenas eu achava ser verdade, mas todos. Não poderíamos ter sido mais enganados. A dor da traição de quem estava por trás de tudo, parecia querer me quebrar. Eu me sentia perdida. Abalada. Traída. Enganada. É como se eu não conseguisse mais me ver, me encontrar, saber quem sou, depois das revelações que Théo havia feito sobre nossa própria história. E essa constatação me deixou cada vez mais fora de mim.

Théo me embalou em seus braços, enquanto eu chorava compulsivamente. Soluçava com a dor impregnada em meu peito. Sentindo-me uma criança, que depois do que ouvi não poderia deixar de dar vazão a ela. Era como se eu tivesse regredido. Como se todas as minhas dores passadas viessem com força total. É como se a criança

órfã de mãe que eu fui um dia, se confrontasse com a mulher que sou hoje e ainda assim nenhuma das duas ganhasse essa luta. Todas as duas foram derrotas pelas mentiras.

Depois de vários minutos, horas assim, sem dizer uma só palavra ali nos braços do homem que eu amava, deixei meu egoísmo de lado e percebi que não era a única a estar sofrendo. Eu não poderia voltar a ser aquela mulher egoísta que já havia sido um dia. Não apenas porque mudei e hoje de certa forma me considero outra pessoa, mas porque não sou a única que havia vivido uma vida de mentiras. Pensei em tudo que ele deve ter sentido essa semana toda sozinho, sem ninguém para dividir essa mesma angústia que eu sentia agora e de certa forma me senti culpada por não estar lá por ele. Théo, meu marido lindo, que está agora me confortando, estava guardando sua dor no bolso para cuidar da minha, também havia sido enganado tanto quanto eu. Estava sofrendo tanto quanto eu.

No primeiro momento quis sentir raiva dele, por ter omitido de mim quando descobriu, por ter me negado a verdade que era tão dele quanto minha por tantos dias,

mas não podia. Mesmo com a acusação absurda que fiz, achando que ele seria capaz de compactuar com um absurdo desses, ele ainda que magoado, foi mais sensato do que eu e passou por cima do seu orgulho e dor para contar-me a verdade. Nós dois apenas descobrimos de uma hora para outra de que nada era como parecia, mas também que fomos brutalmente traídos por quem nós menos esperávamos que fossem capazes de tamanha traição. Pois se tratava de quem supostamente nos ensinou a importância da verdade e foram justamente aqueles que apenas mentiram para nós. Uma hipocrisia sem tamanho.

Obviamente eu ainda estava em choque com tudo, magoada, arrasada, triste, mas tinha que pensar que Théo também se sentia da mesma maneira. A minha dor era sua. A sua dor era minha. Nós casamos agora e independentemente do quanto isso estava sendo difícil no momento e que eu tinha certeza que ainda seria, nós tínhamos uma vida e mais do que isso, tínhamos o direito de sermos felizes. E eu lutaria por isso. Por mim. Por ele. Por nós. Lutaria pelos nossos sonhos, pelo que queremos ou por qualquer coisa que seja que um dia possamos

querer. Estou triste, magoada, decepcionada, assustada, sim. Mas cabe a nós mesmos mudarmos esse quadro e aprender com as dores a nos fortalecer e ir em frente. Ser vítima é uma questão de escolha e eu não seria mais a vítima dessa história. Era essa lição que eu tiraria disso.

Não irei ficar lamentando pelo que foi ou pelo que deixou de ser, muito menos pelo que nos foi negado. Não. Principalmente não permitirei que meu marido se sinta dessa maneira. Farei de tudo para que isso seja mais fácil para mim e para ele. Apesar de tudo havia amor entre nós. Nós nos amávamos e juntos eu acreditava que poderíamos nos apoiar, nos ajudar a passar por isso e por tudo mais que viesse pela frente. Seríamos nós dois contra o mundo. Era apenas isso que eu precisava, era isso que nós dois precisávamos, estarmos juntos independentemente de qualquer coisa. Eu tinha um marido lindo, maravilhoso e gostoso demais, que me amava tanto quanto eu o amava, que aceitava os meus defeitos, me tornava a cada dia uma pessoa melhor e que sem sombra de dúvidas, fazia com que eu me sentisse a mulher mais sortuda da face da Terra por tê-lo comigo. E eu era. Além do mais, eu era linda e

maravilhosa, uma diva. Não era um tombo desses que me derrubaria, muito pelo contrário, além de ter forças suficientes para me reerguer, eu tinha Théo e isso me bastava.

— Eu também sinto muito por tudo isso. Desculpe por ter duvidado de você. — Finalmente consegui dizer, sentindo-me culpada ao sentar em seu colo, enquanto colocava meus braços em seus ombros.

Théo por um momento pareceu surpreso com a minha atitude, mas logo se recuperou e enlaçou minha cintura, parecendo precisar disso tanto quanto eu. Seu olhar encontrou o meu e a dor que eu vi ali, só me deu ainda mais vontade de cuidar do meu marido, exatamente como ele merecia e fazê-lo esquecer isso que tanto nos machucava. Saber que ele estava sofrendo, chegava até a doer mais em mim do que minha própria dor.

— Como você mesmo disse, somos vítimas de nossa própria história. Apesar de terem mentido para nós, nos escondido o que era nosso direito saber, agradeço pelo empurrãozinho que nos deram, porque ainda assim eu não mudaria nada que nos aconteceu. Eu fiz muita besteira

nessa vida, mas a pior de todas foi sem dúvidas, tentar negar para mim mesma o que eu sentia por você, meu amor. — Acaricieei seu rosto lindo e ele olhou-me emocionado, uma menção de sorriso despontando em suas covinhas, quando então pegou minha mão dando um beijo na palma.

— Eu acho que a única coisa certa que eles fizeram foi tentar nos juntar. De certa forma, de uma forma meio torta por assim dizer, eles nos fizeram enxergar o que nossos corações nos diziam há tantos anos. Apesar da loucura e da mágoa pelas mentiras, eu tenho que lhes agradecer por me permitirem ver minha única verdade, que é você. Eu te amo, Steph. Sempre te amei. Isso nunca vai mudar. Você é a minha vida. A mulher que é aquela que não apenas comanda o meu coração, mas é a dona da minha felicidade. — Afirmou, emocionando-me ainda mais.

Não aguentando mais essa distância, minha boca encontra a sua, chorando, cada vez mais emocionada com suas palavras, com o amor que sinto por ele e sou correspondida da mesma maneira. Beijo seus lábios buscando minha segurança, meu conforto, meu porto

seguro. Tudo que eu tenho a sorte de encontrar apenas com ele. Nesse momento não importa o que aconteceu ou muito menos o que ainda irá acontecer, porque eu estou com ele, ele está comigo e eu só quero viver o resto de “nossas vidas” ao seu lado.



Na manhã seguinte, depois de uma madrugada atribulada, saímos do nosso “refúgio” na Ilha do Ouro, com a intenção de aproveitar esse tempo só para gente, esquecendo tudo e todos, seguindo para nossa lua de mel. A intenção era que fosse uma surpresa de Théo para mim, mas não foi bem isso que aconteceu e ele percebeu logo quando desembarcamos do nosso jatinho particular. A verdade é que quando descobri que Théo estava programando uma lua de mel meio clichê para as Ilhas Gregas, eu dei dicas, insinuações e fiz de tudo para que ele se tocasse que eu não queria ir para nenhum desses lugares que os recém-casados iam e percebesse que na verdade eu queria curtir uns dias na beleza brasileira das terras Baianas.

Mesmo com todas as dicas, Théo ao menos conseguiu me surpreender levando-me para conhecer Porto Seguro, município do Sul da Bahia, região onde o Brasil foi supostamente descoberto. *Porto* conta com um extenso litoral, com praias lindas, infraestrutura de nível internacional com hotéis e restaurantes de luxo, onde os turistas do mundo todo tem a honra de conhecer esse lugar incrível que é o berço desse país tão lindo que é o Brasil. *Trancoso, Arraial d'Ajuda... Nossa! Tudo lindo!*

Théo alugou uma casa na praia, que era praticamente particular. A casa era linda e nós passávamos os dias nos dividindo entre passeios, compras, festas, sexo e mais sexo. *Porque nós temos nossas necessidades vitais, né?* Meu marido praticamente surtou não apenas com os biquínis, que eram culpados de nossas brigas diárias, mas também quando soube que estávamos na época do *CarnaPorto*, festa de Carnaval que o município promove após as comemorações do Carnaval no resto do país. Lógico que eu não deixaria de curtir, né? Já se sabe que de besta eu não tenho nada. Fomos todos os dias e eu me esbaldei com as músicas baianas de axé. Subi no trio,

dancei, gritei, até meu corpo dizer chega e meu marido praticamente me carregar nos ombros de volta para casa. O único porém disso tudo, foi que por ter aparecido nas festas, a mídia finalmente descobriu onde seria nossa lua de mel, que até então eles não faziam ideia de onde era e agora éramos constantemente seguidos por Paparazzis onde quer que fôssemos. Ainda assim conseguimos aproveitar bem os dias que se seguiram. E apesar de tudo que tínhamos de enfrentar quando voltássemos para casa, nós nos permitimos viver sem nos preocupar com isso, sem tocarmos no assunto e eu posso afirmar com certeza que esses dias com ele estavam sendo os melhores dias da minha vida.



Já estávamos há doze dias no Brasil e no dia seguinte iríamos para Londres, onde passaríamos mais alguns dias, antes de voltarmos para Campavia. Depois de uma madrugada péssima acordei, o Sol já havia nascido e eu estava passando mal mais uma vez. Antes mesmo de eu colocar tudo o que eu não tinha no estômago para fora,

Théo já se levantou em uma velocidade impressionante e está atrás de mim segurando meu cabelo, enquanto vomito na privada. É uma cena lamentável, que eu com certeza preferia que meu marido não visse, mas cuidadoso do jeito que ele é, Théo tem estado como minha sombra desde que passei mal pela primeira vez.

Por mais que eu esteja grata pelo seu carinho e cuidado comigo, não consigo deixar de pensar no quanto deve ser broxante para ele me ver nessa situação. Quando melhorar, terei que rebolar muito para mudar essa imagem triste da sua cabeça. *Rebolar literalmente*. Acho que vou dar uma passada no *sexy shop* para incrementar as coisas e apagar essa cena. Não que a gente precise de ajuda quanto a isso, porque Deus sabe que não precisamos de muito para nos satisfazer e nesse sentido estamos mais do que satisfeitos. *Quer dizer... Realizados sim, satisfeitos nunca!* Mas que mal há em enlouquecer mais um pouquinho meu maridinho delicioso? Nenhum. Não vivemos mais em pecado mesmo. Ninguém pode nos culpar por termos esse tesão desenfreado e esse apetite sexual incrível. Se for culpar alguém, culpem ele, ninguém

manda Théo ser gostoso assim. Ele fica nu, com aquele pau todo delicioso e o corpo gostoso a minha mercê e ainda me dá aquele sorriso safado? Já disse que sou contra o desperdício, então não desperdiço nenhuma oportunidade de fazer a gente feliz.

Estou eu aqui vomitando e pensando sexo... Acho que vou para o inferno!

— Vamos ao médico. — Falou enquanto escovava meus dentes.

— Não vou mesmo. Já estou melhor. — Digo, mesmo que esteja sentindo o oposto.

— Foi isso que você me disse nas últimas dez vezes em que eu segurava seu cabelo. — Resmungou e eu bufei.

— Não vou sair daqui. Deve ser uma daquelas minhas crises de refluxo. Você lembra que eu não podia comer nada muito pesado, que passava mal quando criança? — ele assente. — Pois é, deve ser isso. Andei pegando pesado nas comidas do Brasil desde que chegamos. — falei dando de ombros, porque não deixa de ser verdade. Comi demais.

Estranhei que Théo não disse nada e simplesmente saiu

do banheiro. Terminei de escovar os dentes e enxugo meu rosto, antes de voltar para o quarto e encontrá-lo com o celular na mão.

— O que você está fazendo? — Pergunto em alerta.

— Você lembra o nome da medicação que você tomava quando tinha essas crises? — Responde-me com outra pergunta.

— Não. Não tenho crise de refluxo há anos. Malmente me lembro o que comi ontem, lá vou me lembrar de um remédio que não tomo há pelo menos dez anos? — Dei de ombros.

— Eu imaginei. Exatamente por esse motivo que vou falar com quem sabe. Se tem uma pessoa que sabe como devo te medicar, esse alguém é Henriquetta.

— Não! Não ligue para ela! Eu não quero falar com Henriqueta! — Rapidamente me desesperei.

Théo sabia que eu não queria falar com ela. Sabia que eu não queria falar com ninguém. Todos mentiram para mim. Todos mentiram para nós. Ele se aproximou de mim, ergueu meu queixo e olhou em meus olhos. Eu havia prometido não chorar mais sobre isso, mas ainda assim

forcei o bolo da minha garganta para que não pudesse acontecer.

— Você não precisa falar com ela, amor. Eu falo. — Sua voz cheia de compaixão.

— Não! Você pode ligar para Igor e perguntar. Ele é médico, com certeza vai saber o que devo tomar nesse caso. — Tentei fazê-lo mudar de ideia e ele beijou minha testa.

— Tenho certeza que sim. Na verdade, como médico, ele daria uma lista enorme de medicamentos que você poderia tomar nessa situação. Mas ele só saberia o adequado, caso te examinasse ou estudasse seu caso. Então irei direto à fonte. Você escolhe: Ou eu pergunto a Henriquetta qual medicação devo comprar na farmácia ou nós vamos para o médico agora mesmo. — Deu o ultimato.

Merda! Ele joga sujo!

Contrariada, me afastei dele e me joguei na cama com a cara emburrada e nada mais lhe disse. Théo tomou meu silêncio como resposta e logo tratou de discar o número de Henriquetta, antes de colocar o aparelho no seu ouvido.

— Oi, Henriquetta... Sim, desculpe o horário... Está tudo bem com nós dois sim... Só Steph que passou a madrugada e amanheceu o dia não muito bem... Sim, sim. Colocou tudo para fora e você sabe como ela é. Não quer ir para o hospital... Hum... Ela acha que é uma crise de refluxo, pois nos últimos dias tem comido muita coisa diferente do que estamos acostumados. — Théo arregala os olhos com algo que ela diz e olha diretamente para mim.

— O que foi? — Perguntei em um sussurro, curiosa para saber o que ele ouviu.

— Sim. — Ele diz e continua ouvindo, parecendo cada vez mais assustado, mas sem se dar ao trabalho de me responder. — Mas ela usa... — Parou de falar o que diria, seus olhos se arregalando ainda mais com o que Henriquetta disse.

— O que foi, porra? — Perguntei já sem paciência.

Théo novamente não me respondeu. Ele apenas apertou algo na tela e logo a voz conhecida de Henriquetta ecoou no quarto:

— *Não importa se ela usa remédio, Théo. O uso de*

anticoncepcional pode falhar. Pelo que você me falou e pelo que eu vi sobre minha menina esses dias, sei o que estou falando. Então eu sugiro que você a leve ao médico para que tenhamos certeza e ele provavelmente passará um remédio para enjoo. Estou tão feliz, meu menino. Tenho quase certeza que dentro de alguns meses teremos outro bebê para mimar... Meu coração diz que minha menina está esperando um príncipezinho ou uma princesinha...

Nem me lembro o final da frase, muito menos o que houve em seguida. Apenas sei que em um minuto eu estava em pé ouvindo o que Têta dizia e no instante seguinte tudo ficou preto.



O cheiro de álcool adentrou minhas narinas, me fazendo despertar. Abri os olhos, percebendo que eu estava deitada em uma cama e olhei ao redor, procurando saber onde eu estava e não demorei muito para reconhecer o quarto da casa onde estávamos hospedados em nossa lua de mel. Senti um pano umedecido com álcool próximo ao

meu rosto e um braço em minha cintura. O alívio me engolfou quando notei Théo deitado, parecendo pensativo ao meu lado. Tentei recordar-me do que aconteceu antes, lembrei do meu mal estar, do que Henriquetta havia dito ao telefone e constatei que deveria ter sido um sonho, pois eu me sentia bem. Théo deve ter sentindo meu olhar sobre ele, pois logo virou-se para o meu lado e agraciou-me com um sorriso fraco.

— Que bom que você acordou, amor. Estava preocupado. Já ia levá-la ao médico. — Beijou meus lábios com cuidado, deixando-me sem entender.

— Médico? Por quê? Eu não tenho nada. Estou ótima — afirmei confusa com que ele havia dito.

Théo apoiou-se na cama com os cotovelos, olhando-me mais de perto com uma feição preocupada.

— Como nada? Você quase colocou as tripas para fora de tanto vomitar, depois desmaia e ainda me pergunta por quê? Você me deixou louco aqui quando desmaiou.

Oh não! Não! Não pode ser! Realmente aconteceu?

— Théo diz que Henriquetta não falou o que eu ouvi. — Pedi lhe sacudindo.

— Você não lembra? — Perguntou cada vez mais confuso.

— Claro que lembro, seu idiota! Só que por um momento achei que estivesse... Sei lá... Sonhando!

— Amor... Você acha que tem alguma chance de Henriquetta estar certa e você estar realmente... err... você sabe... grávida? — Indagou incerto.

Tem?

Parei para pensar e neguei.

— Não. Eu faço exames e tomo injeção religiosamente a cada três meses. Tudo bem que a gente transa mais do que uma ninhada de coelhos juntos, mas isso não é possível, né? — Pedi que ele me confirmasse e ele me olhou em dúvida.

— Amor, quando foi sua última menstruação? Ela todo mês vem certinha e eu não lembro de você querer me matar esse mês. Você sabe que quando está chegando próximo à data, sempre encho a casa de chocolate e me mantenho longe de onde sua mão pode me alcançar, para você não dar na minha cara. — Comentou com ironia e eu congelei.

Put a que pariu!

Ainda mais aterrorizante do que saber que Théo acompanha o calendário da minha menstruação, é constatar que realmente minhas “regras” não vieram como sempre vêm certinhas a cada mês.

— Não pode ser! — Murmurei chocada.

— Vou entender isso como um sim. — Beijou-me docemente os lábios e levantou rapidamente da cama.

— Onde você vai? — Perguntei afoita, vendo-o colocar uma bermuda e uma camisa. — Estou aqui surtando com a possibilidade de estar grávida e você vai simplesmente me deixar sozinha? — Conclui ultrajada.

— Amor, eu vou justamente resolver isso. Irei até a farmácia para sanarmos essa dúvida. — Assenti um pouco mais aliviada. — Já volto. — Ele me deu um beijo rápido e pegou a chave do carro, antes de sair pela porta deixando-me mais apavorada do que nunca estive em minha vida.



Nunca vinte minutos demoraram tanto para passar. Quando Théo chegou, eu estava ainda mais apavorada

com a possibilidade de uma gravidez. Exatamente por esse motivo, não fiz nenhuma piadinha quando ele me entregou uma sacola da farmácia com nada menos do que dez testes de gravidez. Quando eu olhei confusa para ele, Théo simplesmente disse:

— Para não haver dúvidas. E um deles eu vou fazer para ver se essas porcarias dão certo mesmo.

Achei loucura demais, mas não contestei. Estava com a cabeça e o coração a mil com toda essa história.

Entramos no banheiro e do jeito que eu estava não me importei em ter que fazer xixi com Théo ali no banheiro. Sinceramente? Até agradei, porque eu estava em um estado de inércia horroroso. Quando os dez exames foram colocados em cima da bancada, para esperar os malditos três minutos que decidem sua vida passarem, comecei a pensar no que aconteceria se eu estivesse realmente grávida.

— Estou com medo — murmurei para Théo, quebrando o silêncio que nos rodeava.

— Vem cá, meu amor. — Me puxou até ele.

Théo se sentou na beirada da banheira e me colocou

em seu colo. Abracei o corpo dele, temendo não o passado como temi há alguns dias, mas sim o futuro. O futuro que teríamos caso os resultados fossem positivos.

— Você está com medo e eu também estou. — Começou, fazendo-me olhar para ele. — Eu sei que um filho não estava em nossos planos agora, mas confesso a você que mesmo com medo, eu vou ser o cara mais feliz do mundo se você estiver carregando um bebê nosso. Não temos o que temer. Estamos juntos nessa, lembra? Vamos errar, mas vamos aprender em seguida e tenho certeza que iremos dar o nosso melhor. Eu amo você, não esqueça disso ok? — Assenti e beijei seus lábios novamente. Não havia notado que eu estava chorando.

Não falei que eu estou muito sentimental? Agora eu já sei o motivo disso.

Enquanto nos beijamos, comecei a pensar se eu tiver realmente grávida e estranhamente fui preenchida com uma alegria inexplicável, que eu não soube explicar de onde veio. Pensei em um menininho ou uma menininha a cara de Théo e verdadeiramente desejei que a possibilidade de tornasse concreta. Pode parecer loucura

minha querer ter um filho agora, com nosso casamento apenas começando e com tantos problemas e situações mal resolvidas nos rodeando, mas pensar nisso é como ver “aquela luz brilhando no fim do túnel”. Eu queria dividir o que eu estava sentindo com Théo, mas o celular dele apitou, avisando que os três minutos haviam terminado e novamente eu temi pelo resultado.

— Vamos olhar? — Chamou-me e eu neguei.

— Não. Você olha e me diz. — Théo concordou.

Ele levantou-se junto comigo, antes de me colocar novamente sentada, me deu um beijo na testa e seguiu até a bancada, onde os resultados nos esperavam. Abracei minhas pernas, nervosa, ansiosa, agoniada. Querendo logo a resposta, mas ainda assim tensa com o resultado. Tentei decifrar no rosto de Théo alguma pista do que seria, mas nada vi. Seu semblante permaneceu inalterável, a não ser pelo simples levantar de sobrancelha que ele deu.

— E aí? — Perguntei sem conseguir me conter.

— Negativo. — Falou simplesmente e eu paralisei quando olhou para mim.

Oh Deus... Não...

— Oh... Er... Eu acho que isso é bom. — Foi o que consegui dizer.

Dei-me conta do quanto eu realmente queria isso e não sabia, ainda assim era como se eu perdesse uma parte de mim com o resultado. Eu sei que não programamos, que eu não estava tecnicamente preparada para ser mãe, mas a sensação de perder algo que eu nunca tive não me deixava. Muito pelo contrário, me cutucava, me agoniava.

— Era isso que você queria né? — Perguntou cauteloso.

— Hum... Sim. Quer dizer... Não sei! Estou confusa. — Passei a mão no rosto. — Era isso que eu queria não? Nos casamos agora, somos jovens, filhos não estavam nos nossos planos nos próximos anos. Mas por que eu me sinto assim? Porque mesmo estando assustada com a possibilidade de ser mãe, eu me sinto arrasada por saber que não estou carregando um filho seu? — Indaguei sem conseguir conter minhas lágrimas e Théo ficou me analisando com cuidado.

— Você está se sentindo assim porque você queria esse bebê tanto quanto eu e não sabia, não é mesmo? — indagou, se aproximando de mim e eu tive que concordar.

— Sim. Estava assustada sim, mas saber que uma parte nossa, um bebê fruto do nosso amor estava crescendo aqui, de alguma forma despertou o instinto materno que eu nem sabia que eu tinha — confessei e Théo me abraçou.

— Que bom, meu amor. Porque o resultado deu positivo — afirmou, fazendo-me paralisar.

— O que? Como assim? Você acabou de dizer que tinha dado negativo, não é possível... — digo confusa.

— Ei. — Segura meu queixo para olhar para ele. — Desculpa, meu amor. Eu disse isso porque eu queria ter certeza que você queria isso tanto quanto eu.

Putá merda! Era verdade!

— Mas que brincadeira mais sem graça! — Bati em seu peito rindo, contente como jamais havia me sentido e Théo pegou a mão que bateu nele, levando-a para beijar a palma. — Então realmente deu positivo? — Quis ter certeza, mas uma parte de mim já sabia que sim.

— Sim. Apenas um obviamente deu negativo, o que eu fiz. — Fez uma careta, me fazendo rir. — Duvido muito que nove testes possam errar. — Seu sorriso só aumentou e olhar emocionado que me deu, só deixou-me ainda mais

certa de que ele realmente estava feliz pela notícia e também ansiava pelo positivo.

Caralho! Eu ia ser mãe!

Não falei nada por um tempo e fiquei abraçada a Théo, agradecendo a Deus pela surpresa, pensando que daqui a alguns meses estaríamos com um bebê nosso no colo. Que teríamos nossa própria família. Só me dei conta que não estava mais abraçada com meu marido, quando o vi abaixado diante de mim, com uma expressão de amor e admiração para barriga plana, que eu ainda exibia.

— Oi, bebê, aqui é o papai. Estou muito feliz por saber que você está vindo. Ansioso para saber se será menino ou menina. Saber como será seu rostinho. Se você será parecido comigo ou com a sua mãe. Se for menina eu te aviso desde já que namoro só após os quarenta. — Ri em lágrimas. — E que você não puxe ao gênio e nem a beleza da sua mãe, porque senão não tenho certeza se chegarei até os trinta e cinco. Não tenho saúde para lidar com duas. Mas nada que um colégio de freira não resolva, não é? — voltei a rir, enquanto acariciava seu cabelo. — Se for um menino, vou te ensinar a conquistar mulheres e domá-las

como fiz com sua mãe... Ai. — Ele gemeu e riu quando dei um tapa em sua testa. — Então, todo dia eu venho te contar as novidades, mas por enquanto sossega aí dentro e cresce bastante, para quando chegar aqui fora, ser um bebê lindo e forte. Agora se você me der licença, estou indo fazer amor com sua mãe para comemorar. Tira a cabeça da frente e vira para o outro lado, não quero que você presencie essa cena. — Gracejou e beijou minha barriga, eu ainda que chorando, gargalhei.

— Ai. — Gritei, quando ele me pegou no colo.

— Hora de papai e mamãe comemorarem, meu amor. Vamos ter um bebê! — Gritou contente e eu ri, antes de puxar seu rosto para um beijo apaixonado.

Não que a gente precisasse de justificativas para fazer amor. Mas porra... Nós íamos ter um bebê e isso realmente merecia uma festa!

Capítulo 36

Steph

No dia seguinte à descoberta da minha gravidez, Théo e eu partimos para Londres, e com um gostinho de quero mais demos adeus à Bahia e ao Brasil, prometendo voltar em breve. Apesar de estarmos felizes e animados com a gravidez, ainda era meio surreal pensar que daqui a alguns meses teríamos um bebê. Eu estava tão ansiosa, quanto assustada, já que eu não era um exemplo em pessoa. Mal sabia cuidar de mim. Théo? Bem, estava ainda mais cuidadoso e babão do que de costume. Queria que eu fosse para o médico ainda no Brasil para ver se estava tudo bem, mas eu disse a ele que só abria as pernas para duas pessoas nesse mundo: Ele e meu ginecologista. Claro que ele não gostou disso. Na verdade, foi ali que ele descobriu que meu ginecologista era um homem e não uma mulher, como ele pensava. Lógico que ele surtou, senão não seria ele. Queria que eu mudasse de ginecologista,

que procurasse uma médica mulher. Fui curta e grossa, porque quem melhor para cuidar da nossa periquita do que o homem, que conhece perfeitamente como se usa e manuseia nosso bem precioso, que ele cuida e admira como tal? Nada contra as lésbicas, mas elas não dão conta do recado com uma periquita. Tô errada?

Enfim, tirando a parte em que Théo disse que seria minha sombra e me acompanharia em todas minhas consultas, era engraçado vê-lo conversando com minha barriga como se o bebê pudesse entendê-lo, ou ainda pior, respondê-lo. Eu ria quando ele fazia perguntas para o bebê, como por exemplo, se ele não achava absurdo a roupa que eu usaria ou até o que ele queria comer. Mas admito que era fofo e eu me apaixonava ainda mais por ele a cada vez que ele conversa com nosso *baby*. Estava feliz demais com esse nosso momento.

Tentei pensar sobre a minha preferência do sexo do bebê, mas percebi que não me importava se fosse menina ou menino, eu estava feliz com o que viesse. Só queria mesmo que ele fosse tão bonito, inteligente e sagaz como o pai. Como todo homem machista, Théo nitidamente tinha

preferência por menino. Penso logo em um mini Théo andando por aí atrás do pai como uma sombra. Mas ainda assim não duvido que ele irá babar da mesma maneira se for menina. Caso seja mesmo, desde já sinto muito pela minha filha, porque ela vai passar por maus bocados na mão do pai ciumento. Se bem que se ela tiver meu gênio, como Théo tanto teme, não haverá dúvidas de que realmente serei viúva cedo. Mas ainda está muito cedo para nos preocuparmos com isso. Infelizmente, agora temos problemas reais para enfrentar.

Chegamos em Londres à noite e fomos direto para o Hotel descansar. Eu malmente havia descoberto que estava grávida e vivia morrendo de sono. Na manhã seguinte fomos direto para a clínica onde Alisson estava internada. Théo tinha dado uma intimação para sua avó, para tirar uns dias para ela, e ela havia ido para Campavia, o que eu achava justo, pois Antonella estava todos os dias ali na clínica, acompanhando sua filha há anos. Meu marido não disse com palavras, mas eu via o quanto ele estava ansioso e tenso para esse encontro. Sei que ele injustamente meio que se culpava pela situação,

sendo que o verdadeiro culpado ninguém sabia realmente quem era.

Quando chegamos, ao invés de irmos para o seu quarto, Théo pediu para conversarmos em particular com o médico dela. Apesar da preocupação latente que o mesmo sempre teve por ela, depois que soubemos a verdade seu cuidado e preocupação se elevaram ainda mais. Isso tanto me alegrava, quanto me fazia temer por ele, pois tinha receio que Théo tivesse esperanças demais e acabasse se decepcionando. Quer dizer, se decepcionando ainda mais.

— Vossas Altezas, é uma honra recebê-los aqui. Queiram se sentar, por favor. — O médico nos aponta as cadeiras em frente à mesa do seu consultório e nós nos acomodamos. — Em que posso ajudá-los?

— Doutor, eu gostaria de saber sobre o quadro atual de Alisson Caravaggio.

— Príncipe Theodore... — Começou, e Théo o corrigiu:

— Só Theodore, por favor. Estamos em uma conversa informal.

— Tudo bem, Theodore. Bem... Como eu posso começar? Sabemos que o problema de Alisson é um

trauma psicológico.

— Doutor, eu já sei o que houve com ela, então não precisa poupar detalhes. — Novamente Théo o cortou, e o médico pareceu surpreso pelo fato dele saber.

— Bom... Já que é assim. A paciente obviamente tem um trauma, que acarretou a exacerbação do medo. O que é um caso muito comum em abusos e com isso a vergonha de falar, o sentimento de estar suja, de merecer tudo aquilo que foi dito e feito. Conviver com esse misto de sentimentos faz a pessoa muitas vezes se fechar nela assim, para evitar reviver os traumas do seu passado. — Explica.

Apesar de saber basicamente o que houve agora, aquele bolo em minha garganta não se desfaz, ao pensar em tudo que a pobre coitada da Alisson deve ter passado. Aquela angústia e vontade de chorar ainda prevalece.

— O Doutor acha que podemos ter esperança de melhora? — Théo perguntou, nervoso, e eu apertei sua mão, querendo lhe dizer que estava ali com ele.

— Olha Theodore, serei sincero com você. Se você me perguntasse há alguns meses atrás, lhe diria que não. Pois

a paciente apresentava quase nulas reações cognitivas. Ou seja, ela não manifestava atenção ou percepção do mundo ao seu redor. Mas felizmente temos visto pequenas melhoras. Como temos relatado desde o episódio que ela comentou sobre os olhos da Princesa, notamos melhoras significativas. Ela diz poucas palavras, mas já consegue se comunicar de alguma forma, coisa que sabíamos que ela não fazia desde antes dela vir para cá. São poucas ainda as melhoras, mas elas existem e não podemos ignorá-las, mas sim estimulá-las.

— Então isso quer dizer que ela está sim melhorando e que em breve poderá ir para casa? — Perguntei, feliz com a novidade.

— Veja bem, Sra. Caravaggio, as melhoras que ela tem apresentado não indicam que ela vai melhorar 100%. Ainda é muito genérico falarmos sobre sua cura completa. Como eu disse, seus avanços são significativos e temos esperança que com a intensificação da terapia e suporte medicamentoso, poderemos chegar lá.



Depois de conversarmos mais um pouco com o médico, finalmente fomos visitar Alisson. Quando entramos no quarto, ela estava em sua posição costumeira, sentada em frente à janela, que tinha vista para os belos jardins da clínica. Ao contrário das outras vezes que viemos visitá-la, ela olhou em nossa direção quando abrimos a porta, e mais do que isso: ela sorriu quando nos viu. Théo apertou minha mão, visivelmente tão surpreso quanto eu com sua reação. Seguimos andando até ela e repetindo os gestos que ele fazia a cada visita, Théo ajoelhou-se em frente a ela, que não tirava o sorriso do rosto e perguntou:

— Oi, como você está?

— Estou bem. Senti sua falta. — Ela disse, chocando-nos mais ainda.

Pude ver que meu marido estava ainda mais chocado, e engolindo a emoção continuou falando com ela, certamente lembrando-se do que o médico lhe disse há poucos minutos. Eu, no entanto, agora manteiga derretida assumida com os hormônios da gravidez, tentava enxugar minha próprias lágrimas.

— Também senti. Desculpe ter demorado a vir, mas eu e Stephanne estávamos viajando em lua de mel. — Théo conseguiu responder, com a voz visivelmente emocionada.

— Tudo bem. Fico muito feliz por vocês. O que importa é que vocês estão aqui agora. — Sua mão acariciou o rosto do meu marido, que fechou os olhos apreciando seu carinho, o que só ela poderia lhe dar.

Alisson virou para mim ainda com um sorriso terno no rosto. Aquela expressão vazia e os olhos desfocados não estavam mais presentes nesse momento. Não, eu via algo novo brilhando ao redor dela e isso tocou-me ainda mais. Eu não estava mentindo quando eu disse para meu pai que ela era linda, por que sim, Alisson Caravaggio era sem sombra de dúvidas umas das mulheres mais bonitas que já vi. Ela tinha longos cabelos negros e lisos, traços delicados e belos olhos azuis tão lindos quanto os do homem que eu amava. Alisson parecia ter sido uma mulher doce e ainda assim forte e determinada. E, olhando-a assim, eu não tive dúvidas do porque meu pai havia se apaixonado. Eu estava feliz por ela estar melhorando, mas por mais que eu soubesse que meu pai

houvesse desejado durante anos que ela ficasse bem, não sabia como ele lidaria com seu possível retorno.



— Ela pode voltar para casa? — Théo perguntou ao médico, quando deixamos o quarto de Alisson aquele dia.

Tínhamos passado um dia bem gostoso com ela. Em que Alisson perguntava sobre Théo, sobre nós, sobre sua família. Era como se ela estivesse voltando para casa depois de tantos anos. E, de certa forma, era exatamente isso.

— Calma, Theodore. A princípio tentaremos sua aproximação dela aqui na clínica e aos poucos. Vocês viram o quanto ela está bem, e te digo com certeza de que a visita de vocês hoje fez um bem enorme para ela. Veja bem, ainda que ela esteja melhor, vamos com calma. Por enquanto, nada de fortes emoções. Ou até mesmo impor toda sua família ao seu redor. Com a ajuda da terapia, tentaremos fazer com que ela se abra. Não é uma cura repentina, não será de uma hora para outra. Mas é um passo de cada vez. São passos de bebê, não passe de

mágica. Nesse momento a ajuda da família, paciência, perseverança são de fundamental importância.



Os dias que se seguiram, eu e Théo permanecemos em Londres acompanhando o tratamento de Alisson. Ela a cada dia que passava parecia voltar um pouco mais a si, perguntava sobre os acontecimentos ao nosso redor, o que havia se passado enquanto esteve ali. A impressão que eu tinha era que parecia que ela havia apertado um botão de pausa na sua vida durante os mais de vinte anos que se passaram. Ela não havia conversado com o terapeuta sobre seus traumas, sobre o que a levou a ficar naquele estado por tanto tempo, apenas falou como se sentia no presente e das poucas vezes que conseguiu demonstrar emoções ao longo dos anos. Por mais que nossa curiosidade fosse grande, nós também não tocamos no assunto, demos espaço para ela, para que se sentisse confortável, confiante e dissesse tudo quando estivesse se sentindo segura, exatamente como o médico nos havia recomendado.

A evolução, não apenas do seu tratamento, mas da relação de Alisson com Théo, me tocava profundamente. De uma certa forma, tanto eu quanto ele, sempre soubemos que os dois tinham uma ligação especial, tanto que era apenas com meu marido que ela tinha alguma reação enquanto esteve perdida em si. Mas agora o motivo para sua melhora parecia cada vez mais nítido e, o mais importante, mais forte, porque os dois pareciam apenas se fortalecer juntos. Isso era gostoso demais de se ver.

Embora eu sorrisse vendo-os juntos, que ela demonstrasse estar melhor a cada dia, que meu coração se enchesse de felicidade a cada vez que eu pensava sobre nosso filho crescendo em meu ventre, que ele me fizesse feliz como eu jamais pensei que fosse capaz de me sentir, uma parte de mim ainda era doída e sofria por tantas mentiras, omissões e privações. Eu sabia que a cada dia que se passava se aproximava mais a hora de voltar para casa, encarar a realidade, as mentiras, mas eu não sabia se estava preparada. Na verdade, eu não sabia se estava preparada para as verdades que eram nossas de direito, ainda que eu as desejasse mais que tudo. Era possível que

temesse o que eu mais precisava?

Como eu estava em Londres, acabei cumprindo alguns compromissos oficiais. Alguns com Théo, que agora como Príncipe tinha tanta importância quanto eu, outras com Bella, quando essa podia estar presente e outros sozinha mesmo. Em um desses eventos, havia participado de uma exposição em um museu, que expunha alguns objetos que pertenciam à família real britânica. Alguns desses objetos ainda eram utilizados pela nova geração, outros como alguns pertences da Princesa Diana, também estavam lá para apreciação. Conversando com Kate sobre o assunto, falei sobre meu trabalho com as crianças da Campavia, tanto as do hospital e quanto as do orfanato, e apesar dela já ter ficado sabendo sobre meu empenho na causa, ficou feliz e admirada enquanto eu relatava minhas ideias sobre projetos futuros que eu tinha para com elas.

Enquanto falava, olhei ao redor e tive uma ideia para ajudar a financiar alguns dos meus projetos. Quando eu contei a Théo sobre o que eu havia pensado em fazer, ele olhou-me entre surpreso, emocionado e muitas outras expressões que eu não pude decifrar. Mas por fim beijou-

me com loucura e disse o quanto me amava e me admirava mais a cada dia. Não preciso dizer que chorei um bocado, né? Culpem minha gravidez por isso, eu estava virando uma manteiga derretida.



Já faziam duas semanas que estávamos em solo britânico e no final de semana estaríamos voltando para casa. Antonella já havia retornado e estava cada dia mais orgulhosa e satisfeita com os progressos de sua filha. Théo também parecia a cada dia mais leve com tudo que estava nos acontecendo. Eu estava feliz por eles, mas a cada dia me sentia mais cansada. Por mais que Théo dissesse para mim que eu precisava descansar, que eu tinha que pensar no nosso bebê, eu não queria sair do seu lado, mas acho que meu desgaste emocional foi tão grande no último mês que ele já estava cobrando seu preço.

Naquela tarde estávamos fazendo um piquenique com Antonella, Alisson e Bella – que aos poucos conhecia a tia que nunca havia sido apresentada - nos jardins da casa da matriarca dos Caravaggio, comemorando a primeira

saída de Alisson da clínica. Estávamos todos animados com Théo, contando suas histórias de quando ele frequentava Cambridge. Antonella dizia os detalhes que Théo propositalmente esquecia, enquanto Alisson o olhava com carinho e admiração, tão atenta à suas palavras que seu amor parecia transbordar em cada poro.

Tentei me concentrar no que meu marido dizia, mas estava cada segundo mais difícil. Uma vertigem me pegou. Suas palavras começaram a ficar emboladas em meus ouvidos. Sua voz cada vez mais distante. Senti uma dor intensa no meu abdômen. E a última coisa que eu ouvi foi a voz de Théo, dizendo:

— *Amor... Stephanie! Fala comigo!*



Abri os olhos, e ao contrário da outra vez em que desmaiei e acordei em nosso quarto na Bahia, agora acordei em um quarto de hospital. Torci o nariz pelo cheiro característico do ambiente, que agora me enjoava. Senti uma mão na minha e virei-me para dar de cara com Théo, sentado em uma cadeira ao lado da maca onde eu

estava deitada. Embora sua expressão fosse de total cansaço, seu olhar se iluminou quando percebeu que eu havia acordado.

— Ei. Acordou a bela adormecida. — Brincou, presenteando-me com um belo sorriso nos lábios.

— O que aconteceu? — Perguntei, preocupada com o bebê e seu rosto tencionou-se.

— Em um minuto você estava em meus braços e no seguinte você desmaiou. Entrei em pânico, meu amor. Você não tem noção... — confessou, acariciando meu rosto, tentei me sentar, querendo respostas. Mas ele me impediu que eu prosseguisse. — Ei, vai ficar quietinha. O médico disse repouso.

— Théo...

— Está tudo bem. Vovó, Alisson e Bella também estão preocupadas com você. Elas estão no corredor. Tentei fazer com que elas fossem para casa, mas as três são teimosas e disseram que só sairiam quando você tivesse alta...

— Pare de me enrolar. O que aconteceu? — Voltei a perguntar, quando senti que ele desconversou.

A porta se abriu, e por ela entrou um homem vestido com jaleco, que analisava uma prancheta. O médico, notando que eu estava acordada, sorriu, mostrando suas marcas de expressões no rosto. Ele parecia ter cerca de cinquenta anos, mas ainda assim era um homem bonito e bem vivo.

— Princesa. Como está se sentindo? — Perguntou, ao lado da minha cama.

— Bem. Só quero saber o que houve. Mas meu digníssimo marido está me enrolando. — Comentei, rabugenta.

— Pelo que seu marido andou me dizendo, a senhora andou não se cuidando muito bem esses dias, né? — Não neguei. Eu sabia que andava cansada, ainda assim acabei deixando o que estava sentindo de lado. — Você chegou com um pequeno sangramento, e uma ultra de emergência localizou um pequeno hematoma, que é chamado deslocamento ovular. O deslocamento ovular é o acúmulo de sangue entre o útero e o saco gestacional no primeiro trimestre de gravidez, que pode ocorrer até à décima segunda semana de gestação. Na maior parte desses tipos

de caso, as mulheres não têm sangramento e não apresentam sintomas, e, por isso, o descolamento só é descoberto no exame de ultrassom, do primeiro trimestre de gravidez. Foi bom que seu marido a tenha trazido para cá, pois agora está tudo sob controle.

— Então não corro o risco de abortar? — Perguntei, temerosa.

— Sim, corre sim. O risco de aborto no primeiro trimestre é grande. Geralmente, o descolamento ovular não provoca sintomas como sangramento vaginal e é absorvido pelo organismo da grávida até ao 2º trimestre de gestação, acabando por desaparecer. Porém, quanto maior for, maior é o risco de abortamento espontâneo. — Explicou calmamente, e eu apertei a mão de Théo que eu ainda segurava, em pânico.

— E existe alguma causa específica para que isso tenha acontecido? — Meu marido perguntou.

— As causas do descolamento ovular na gravidez ainda não são totalmente conhecidas, mas sabe-se que não há nenhum comportamento da mulher que o possa provocar ou evitar. Então não posso afirmar com propriedade o

motivo que fez com que isso tenha acontecido.

— Então existe alguma coisa que a gente possa fazer para... evitar que isso aconteça? — Théo voltou a perguntar, parecendo tão nervoso quanto eu.

— Irei recomendar que ela tome um remédio à base de progesterona. Além disso, repouso e beber cerca de 2 litros de água por dia. Por enquanto sem contatos íntimos, para que o hematoma não aumente e haja menos risco de aborto espontâneo. Como sei que vocês não moram em Londres, recomendo que você procure seu ginecologista para uma consulta e acompanhamento quando estiver em casa. Agora vou pedir para uma enfermeira vir pegar vocês, para realizar um novo ultrassom, para que possa fazer o diagnóstico mais preciso e ver o tamanho e localização do hematoma, antes de te liberar, ok? — assenti, sem conseguir dizer uma palavra, ainda temerosa com tudo.



Uma enfermeira nos encaminhou até uma sala para realização do exame e Théo não saiu do meu lado um

segundo sequer. Fiquei com medo que o exame acusasse uma complicação e que por causa disso perdêssemos nosso bebê, que mesmo tendo pouco tempo que o descobrimos, já era tão amado por nós dois. Théo não disse nada, mas apesar de querer me passar força, eu sabia que ele estava tão nervoso quanto eu. O médico que estava tomando conta do meu caso retornou e se posicionou para fazer o exame.

— Vamos ver como está esse danadinho? — Brincou.

Sorri, porque por mais que eu estivesse temerosa sobre minha situação, também estava ansiosa para ver com meus próprios olhos meu bebê. Mesmo que eu soubesse que não passava de um pontinho, ainda assim eu queria poder ver e ter certeza que aquilo tudo era real. Ter certeza que em breve um pedacinho meu e de Théo estaria em meus braços.

— Apesar de ser indicado para sua idade gestacional a transvaginal, por causa do deslocamento, vou fazer uma ultra abdominal. — Informou, passando um gel gelado na minha barriga.

Enquanto ele usava aquele negócio em cima de mim, eu

e Théo acompanhamos o olhar do médico para a tela, olhando e ouvindo atentos a tudo que ele dizia. Ele foi explicando coisinha por coisinha que vimos, até que ele parou e falou:

— Mas, ora, vejam só! Eu estava errado.

— Errado? — Perguntamos juntos.

Oh meu Deus! Que esteja tudo bem com meu bebê!

— Sim. Não é um danadinho. — Indicou para gente um segundo ponto na tela. — Mas sim, danadinhos. Parabéns! São gêmeos.

Ai meu Jesus!

Olhei para Théo e ele parecia tão surpreso e chocado quanto eu. Esperei que ele virasse e me dissesse alguma coisa, mas seus olhos não saíram da tela, como se quisesse ter certeza que o médico estava mesmo certo.

Será que é agora que ele vai correr?

— Amor... Por favor, fala alguma coisa. — Pedi, temerosa. Ele se virou para mim com um sorriso imenso no rosto e os olhos brilhando como nunca havia visto.

— Cara! Eu sou foda! Dois de uma vez? Imagine se você não usasse remédio... — E gargalhou orgulhoso,

contagiando-me com sua alegria e orgulho, antes de vir me dar um beijo doce. — Obrigado! — Me agradeceu, beijando-me novamente.

— Olhem aqui, papais. — Apontou para os dois pontinhos pretos. — Aqui vocês podem ver que são gêmeos univitelinos. Ou seja, gêmeos idênticos. Pela ultrassom, você está com cerca de cinco a seis semanas. Então esses dois danadinhos terão muito o que crescer ainda.

— Porra! Já estou me vendo enorme e imensa. — Lamentei, embora essa realmente não fosse minha preocupação, pois eu sabia muito bem o que fazer para manter a minha forma. Tenho certeza que Théo também não vai achar ruim trabalhar *duro* comigo em relação a isso, muito pelo contrário.

— E já vejo você cada dia mais linda e gostosa. Se antes já tinha que dar conta de seu apetite sexual, imagine agora grávida de gêmeos. Meu pau vai ser esfolado! — Sussurrou a última parte, riu safado e eu acompanhei, antes do médico coçar a garganta chamando nossa atenção, nos fazendo lembrar que ele ainda estava ali.

— Lembra que eu falei? Por enquanto nada de relação sexual. O repouso agora é importante para recuperação. — Recordou-nos, e nós dois concordamos a contragosto.

Merda! Como vou ficar de jejum com aquele pau dos paus, me cutucando enquanto estamos na cama?

— Mas está tudo bem com os bebês né? — Théo voltou a perguntar, mais feliz do que nunca vi na vida.

Nem parece que vai ficar sem sexo!

— Sim. Está sim. Só seguir à risca minhas recomendações. Durante o tratamento com a medicação seu médico deverá realizar exames de ultrassom a cada semana, ou no máximo quinzenal, para verificar se o descolamento aumentou, já diminuiu ou desapareceu. — avisa, começando a limpar o gel da minha barriga com um papel toalha.

— Então podemos ir para casa? — Indaguei, doida para sair dali.

A verdade é que eu estava doida para comemorar na cama, mas como não podia fazer nada, acho que um boquete dava para o gasto!

— Sim. Mas como eu disse: Repouso absoluto, vossa

alteza. — Assenti.

— Doutor? — Chamei-o, quando Théo começou a ajudar-me a levantar da maca. — O senhor disse sem contatos íntimos, certo? — ele concordou, e Théo me deu um olhar cauteloso.

— Amor...

É ...Acho que ele conhece a esposa que tem!

— Sim. Até que o hematoma não aumente ou suma por completo, e para que os riscos de abortamento diminuam.

— Explicou, sem perder sua postura.

— Hum... Entendi. Mas então mãos e boca estão fora da proibição, né? Tipow... Posso usar as minhas sem problema? — Perguntei, e o médico ficou chocado com a minha ousadia.

— Stephanie! — Théo me repreendeu, sem jeito.

O que? Não sei por que essa surpresa! Meus hormônios têm necessidades gente!

Théo

É engraçado como algumas coisas acontecem e nos modificam. Nos fazem mais fortes. Mais fracos. Mais sensíveis. Mais inteligentes. Mais maduros. E foi exatamente assim e de muitas outras maneiras que eu me senti nas últimas semanas. Em um curto espaço de tempo passei no céu e no inferno, mas hoje não posso negar o quanto estou feliz. Casei-me com a mulher que amo, vivi uma lua de mel inesquecível, descobri que ia ser pai, a melhora cada vez mais nítida de Alisson... Tanta coisa boa nos aconteceu, que de certa forma acabou sobrepujando as coisas ruins que ainda nos rondavam.

O que era para ter sido uma tarde agradável, em comemoração da primeira saída da clínica de Alisson, parecia um pesadelo. Morri mil vidas hoje ao deparar-me com minha mulher desmaiando em meu colo. Corri como um louco com ela em meus braços, querendo desesperadamente levá-la para o hospital, para que ela ficasse bem e garantisse que nada acontecesse com ela ou meu filho. Com vovó, Alisson e Bella gritando ordens em meus ouvidos, ao mesmo tempo em que rezava para que estivesse tudo bem com meus amores, não sei como

consegui dirigir até o hospital mais próximo.

— Théo... Meu filho... Não quero te amedrontar, mas ande mais depressa, ignore a porra das leis do trânsito, porque sua mulher está sangrando! — Vovó gritou atrás de mim.

— Caralho! — Bradei, batendo no volante.

Ainda não havíamos contado para nossa família que Stephanne estava grávida, estávamos esperando voltarmos para Bellini para contar as boas novas, então além de nós dois, apenas as três pessoas que estavam no carro sabiam sobre isso e o quanto esse momento era preocupante para nós. Quando parei o carro na entrada, minha parte racional sabia que as pessoas estavam olhando. Sabia que não demoraria cinco minutos para que o circo estivesse armado em frente daquele hospital e que logo o mundo saberia que a Princesa da Campavia estava grávida e havia dado entrada na emergência em estado preocupante. Não me importei com nada além da mulher que eu amava e o meu filho que estava em seu ventre, e eu tinha a certeza de que eu daria a minha vida para garantir que eles ficassem bem. Dane-se tudo e todos, eu sabia que eu

precisava apenas deles e nada mais! Entrei como um louco desesperado que eu era na emergência do hospital, carregando minha mulher nos meus braços pedindo por socorro. Pedindo pela vida deles.

Rapidamente uma equipe médica recebeu Stephanie, colocando-a em uma maca e levando em direção à emergência. Tentei acompanhar, mas impediram que eu continuasse a segui-los. Bradei, tentando usar a minha autoridade para que eu entrasse, ainda assim não permitiram que eu seguisse. Garantiram para mim que fariam de tudo que pudessem para que minha mulher e meu filho ficassem bem, mas eu disse que isso não era o suficiente, queria que garantissem que minha Princesa saísse sorridente, que daqui a alguns meses eu pudesse carregar meu filho em meus braços, mas eu sabia que eles não poderiam dar a garantia que eu queria. Senti-me impotente. Fraco, mais uma vez. Com medo de perder tudo que eu amava, pois sabia que se algo acontecesse com eles, não seria capaz de me recuperar.

Como se não bastasse ter que ficar esperando por notícias, meu telefone não parava de tocar. Eu sabia que

provavelmente era nossa família querendo saber o que estava acontecendo, se as notícias eram reais, e com certeza queriam saber se ela estava bem e porque não contamos da gravidez. Em um determinado momento vovó se irritou e atendeu, dizendo a eles o que estava acontecendo. Eu fiquei ali em silêncio, ignorando tudo ao meu redor, esperando qualquer novidade com meu coração na mão. Só sosseguei quando me disseram que os dois passavam bem e o médico explicou-me rapidamente o que havia acontecido com minha esposa. Fiquei preocupado, pois eu sabia o quanto seria difícil para Stephanie ficar em repouso, não apenas pelo sexo – porque na verdade isso seria difícil para nós dois –, mas ela era uma pessoa enérgica e não ficaria sossegada. No entanto, para o seu bem estar, sou capaz de amarrá-la na cama para que garantisse que ela realmente cumpriria seu repouso, e com isso ela e nosso filho ficariam bem.

O médico autorizou apenas a entrada de uma pessoa em seu quarto e eu sabia que nem minha vó, nem Alisson, nem Bella se oporiam que eu fosse. Elas provavelmente sabiam da necessidade que eu tinha de estar ao lado da

minha mulher. Cheguei em seu quarto e sentei na poltrona que havia perto da sua maca, antes de dar um beijo suave em seu rosto sereno. Stephanie dormia tranquilamente, e vê-la em paz, descansando, trouxe-me a tranquilidade que eu precisava, mesmo que o médico tivesse dito que ela estava bem, eu precisava ver com meus próprios olhos. Segurei sua mão, que estava um pouco fria por causa do ar condicionado, levando-a aos meus lábios. Beije cada pedacinho da sua mão macia, como se estivesse beijando cada pedaço do seu corpo que eu tanto amava.

Agradei a Deus em silêncio por eles dois estarem bem, enquanto acariciava seu rosto com cuidado, não querendo que ela acordasse estando tão cansada e precisada de um descanso. A culpa me invadiu, pois desde que nos casamos ela não havia tido um pouco de paz.

Antes foram os preparativos do casamento. Após isso, nossa noite de núpcias, que terminou comigo lhe contando a verdade sobre nós. Depois todos os passeios, festas e tudo mais que fizemos durante nossa lua de mel no Brasil. Sei que era o que ela queria, que também não sabíamos

que ela estava grávida até a véspera de irmos para Londres, mas ainda assim abusamos. Depois que chegamos, Steph também não ficava muito tempo em um lugar. Quando não estávamos na clínica com Alisson, estávamos em algum compromisso oficial, e por mais que eu dissesse que ela precisava descansar mais, comer melhor, minha mulher dizia que estava tudo bem.

— Ei, meu pequeno, que susto que você nos deu hoje. — Falei, próximo à barriga de minha esposa, que fora os seios mais cheios, ainda não aparentava estar grávida. — Sei que eu tenho andado falando com você todo dia, embora eu não saiba se você possa realmente me ouvir, ainda assim eu espero que sim. Queria dizer o quanto eu fiquei assustado com a possibilidade de perder você e sua mãe hoje. É engraçado que nós nem esperávamos que você viesse agora, que eu nem te conheça ainda, mas eu já te amo tanto e tive esse medo absurdo de te perder. Por favor, nunca mais nos dê um susto desses. Eu não vejo a hora de você chegar, mas prometa para o papai que você vai ficar aí bem quietinho. Que vai ficar forte e crescer bastante antes de pensar em sair daí. Papai e mamãe te

amam muito. — Beijeí sua barriga, antes de beijar seus lábios novamente.

Depois que ela acordou, o médico explicou o que ela tinha, como deveria proceder sua recuperação, e nos levou para refazer a ultrassonografia. A surpresa maior, no entanto, não foi Stephanie perguntar ao médico se ela poderia usar sua boca durante o jejum sexual que nos foi imposto, apesar desse tipo de pergunta normalmente ser feita pelo marido, afinal ela é Stephanie e podemos esperar tudo dela, mas sim descobrirmos que teríamos gêmeos.

Assustador, sim, mas era amor vindo em dobro e eram muito bem-vindos. Não pensei que poderia ficar mais feliz do que já estava, mas ao ver aqueles dois pontinhos ali na tela da ultrassom, fez com que meu coração, que já era tão cheio de amor, crescesse ainda mais. Eu tinha três amores para amar para o resto da vida. Fora que meu lado ogro e homem das cavernas tava doido para bater no peito e urrar para o mundo que eu era foda, que tinha metido logo dois de vez. Que fui logo certo. Dois? Eu ainda não podia acreditar. Não poderia estar mais feliz por isso.

— Ai, graças a Deus! Como vocês estão? — Alisson perguntou, vindo ao nosso encontro, assim que nos viu adentrando o corredor, bem como vovó e Bella atrás dela.

— Está tudo bem, graças a Deus! Foi só um susto. — Stephanie garantiu, enquanto era abraçada, com um sorriso tão grande quanto o que eu tinha no meu rosto.

— Por que vocês dois estão sorrindo tanto? Andaram fazendo saliência por ai? Só pode! — Vovó, como sempre, levou logo para safadeza e eu revirei os olhos.

— Mãe! Que absurdo! Estamos em um hospital. — Alisson a repreendeu, corando com seu comentário.

— O que que tem? Não sei qual é o problema nas pessoas gozarem a vida com alegria. Hospital não impede ninguém a nada, né, Bella? Duvido que minha neta não aproveite desse ambiente hospitalar delicioso. Ela não seria uma Caravaggio se não fizesse isso. — perguntou à minha irmã, que empalideceu, mas não disse nada, até porque vovó continuou a falar. — Eu mesma, se não estivesse tão nervosa, já teria levado aquele médico gostosão para brincar de médico e fizesse um preventivo bem pervertido em mim. — Vovó deu de ombros como se

não fosse nada, fazendo sua filha e neta ficarem ainda mais envergonhadas, e Steph rir sem controle.

Até eu ri. Não pelo comentário nada necessário de minha avó, mas sim porque era bom ouvir minha mulher rindo, depois do dia tenso que tivemos. Até mesmo aturar as safadezas de minha avó eu faria com gosto hoje.

— Antes fosse, Antonella. Na verdade nada de brincar de médico. Isso vai ser a última coisa que poderemos fazer por um bom tempo. — Steph disse, ainda rindo, e minha avó a olhou como se tivesse dito algum absurdo.

— Então porque você está sorrindo garota? Você vai ficar sem sexo e ainda sorri? Não se passa por uma provação dessas na vida e ainda fica feliz para contar história. — Lamentou, balançando a cabeça. — O que pode fazer algum ser sorrir mesmo sabendo que não vai poder gozar? Isso é triste e frustrante. — Perguntou, confusa.

— Você conta ou eu conto? — Stephanie se virou para mim, rindo.

— Eu conto. — Beije rapidamente seus lábios e me virei para as três, que nos olhavam sem entender. — Vamos ter gêmeos! — Falei com alegria e orgulho

desmedido.

— Oh meu Deus! — Falaram juntas, e começamos a comemorar.

— Meu Deus! Dois? — Alisson falou, super emocionada.

— Sim, dois! Podem dizer que sou foda! Dois de vez! — Disse, feliz para caralho.

— Ai que lindo, irmão! Vou ter dois sobrinhos! — Bella falou, com os olhos cheios de lágrimas.

— Graças a Deus, meu leitinho fortaleceu esses espermas! Obrigada, Senhor! — Vovó agradeceu, levantando as mãos para o céu.

— Que porra de leitinho, Vovó! Meu leitinho que é forte para caralho! — Falei, emputecido.

— Não duvido. Tá no sangue. Você sabia que eu fazia tabelinha com seu avô para evitar gravidez? — Perguntou, retoricamente. — Tanto a gravidez de Alano, quanto a de Alisson, eu estava fazendo tabelinha para evitar e ainda por cima seu avô gozou fora. Imagine só se eu deixasse ele gozar lá dentro. Tinha dez filhos. — Comentou como se não fosse nada, e eu e Alisson fizemos uma careta.

— Ai, Vó! — Bella cobriu o rosto, envergonhada.

— Mãe, nos poupe desses pequenos detalhes.

— Querida, de pequeno seu pai não tinha nada. Era como escalar o Monte Everest! Ai que Saudades, Gerard!

— Lamentou.

Ai meu caralho!

— Vovó, hoje nem a senhora falando do pau do meu avô, vai me tirar essa alegria. Vou ser pai de dois! — Comemorei mais uma vez.

— Já pensou se forem duas meninas? Tenho tanto coisa para ensinar para minhas “sobrinhas”. — Vovó comentou, radiante, e eu paralisei.

Puta que pariu! Não tinha pensado por esse lado! Porra, como eu não pensei?

Não que eu não tenha pensado em ter uma menina, porque a ideia de ter uma princesinha me agrada e muito, mas o problema mora justamente aí: Um dia ela irá crescer e também irá agradar muito moleque. O que mais me assustava é que ela puxasse a mãe. Que seja linda e arisca como ela. Não sei se terei coração para aguentar uma outra Stephanie na minha vida. Uma já é o bastante.

Imagine três?

Jesus! Eu estava literalmente, irrevogavelmente, fodido!

Ainda por cima com uma bisavó devassa, que além de insistir que minhas filhas a chamem de “tia”, ainda vai ensinar safadeza para minhas princesinhas. Já vi até a cena dela dando para minhas filhas inocentes o livro do Kama Sutra, como aconteceu comigo quando tinha dez anos. Não. Não tenho coração, nem culhão e muito menos paciência para sobreviver a isso. Também não está nas prioridades da minha vida passar o resto dela na cadeia por matar algum moleque que se atrever andar no mesmo lado da rua que elas.

— Só faço filho macho! — Garanti rapidamente, e as três desataram a rir. — O que vocês estão achando engraçado? — Perguntei, puto da vida.

— Amor, por mais que eu saiba que se for menina minhas filhas sofrerão com o Ogro do pai delas, você tem que admitir que existe pelo menos 50% de chance de serem meninas. — falou, acariciando meu rosto com um riso contido, me deixando ainda mais puto.

— Já disse, são dois meninos. Não vai demorar muito para aparecer quatro aí. — Apontei para sua barriga lisa.

— Quatro? — Alisson perguntou sem entender, coisa que Steph e Vovó pareceram entender rapidamente, pois já estavam rindo.

— Lógico. Quatro. Puxarão ao pai. Meus dois filhos e seus “*Alexandrinhos*”. Vocês vão ver. O pau dos meus filhos vai ser tão grande que o médico vai confundir com o cordão umbilical. — Afirmei com certeza, fazendo-as gargalhar.



Conforme eu imaginei que aconteceria, a imprensa estava acampada em frente ao hospital quando saímos. Tivemos que contar com a ajuda dos seguranças do hospital, porque nossos seguranças, ou a “*Família Rei Leão*” como chamávamos, não dariam conta. Enquanto andávamos em direção ao nosso carro dentro de uma corrente humana feita pelos seguranças, flashes eram disparados, microfones foram colocados em nosso caminho, bem como perguntas eram feitas no meio

daquele caos. Aparentemente, havia vazado a informação da confirmação da gravidez de Stephanie e todos estavam sedentos por informações. No caminho para o hotel, decidimos voltar para a casa de minha avó, pois as informações que nos foram passadas era de que a situação lá não era melhor que a do hospital. Na casa de vovó tinham alguns repórteres na frente, que provavelmente haviam descoberto que viríamos para cá, mas conseguimos entrar sem problemas.

Dona Antonella fazia questão de morar em uma casa, mesmo que fosse sozinha. Ela dizia que apartamentos lhe davam a sensação que estava presa em uma caixa de fósforos. Sua mansão era segura, e como ela era mãe do Primeiro-Ministro da Campavia, Alano fazia questão que ela tivesse uma equipe fazendo sua segurança. Então quando os portões de ferro foram fechados, eu sabia que ficaríamos bem ali. Isso porque nós não sabíamos o que iríamos encontrar lá dentro. Entramos rindo, porque Bella estava comentando sobre um fotógrafo que a perseguiu alguns dias atrás, só para saber o que a “Primeira-Filha” comia. Todos nós paramos, mudos, sem ação, quando

entramos na sala que deveria estar vazia, mas que agora parecia tão cheia que parecia que iria me sufocar. Alano, Sarah, Edward, Lourdes, Henriquetta e Taddeo nos receberam sorrindo, mas então seus sorrisos foram substituídos por choque, ao darem de cara com a figura de Alisson ao nosso lado.

Todos deveriam estar surpresos com a presença dela, até porque não estávamos mantendo todos informados sobre o estado de saúde da caçula dos Caravaggio. Vovó queria ligar para todos, mas o médico foi bem claro que tínhamos que ir com calma, que como provavelmente todos iriam querer vê-la, era bem capaz dela se assustar, se retrair e isso atrapalhar seu processo de melhora. Então a cada vez que Alano ligava, Dona Antonella dizia que ela estava indo bem, sem criar muito alarde.

Merda! Depois do susto de hoje, não me toquei que algo do tipo pudesse acontecer. E a verdade é que não sei se estávamos preparados para isso...

— É... Isso foi inesperado. — Meu irmão foi o primeiro a dizer.

— Oh, meu Jesus! Alisson, minha cunhada, é você

mesmo? — Sarah disse emocionada, se dirigindo até onde estávamos.

— Eu mesma, Sarah. — Ela respondeu, também emocionada, antes de se abraçarem com carinho.

— Amorinha... — Alano sussurrou algo do tipo, visualmente abalado, antes de dar um abraço forte em sua irmã.

— Irmão...

Se eu dissesse que eu não me emocionei com a cena, eu estaria mentindo. Os dois irmãos permaneceram minutos assim, sussurrando coisas para ninguém mais além deles. Limpei minha garganta e vi que Steph também estava emocionada com o que víamos, bem como Vovó Antonella, que agora ia abraçar os seus dois filhos juntos.

— Como... Porque ninguém me avisou que você estava... — Indagou.

— Bem? Sim, irmão, estou bem. Ninguém avisou porque o médico preferiu que eu não tivesse minhas emoções muito forçadas. Que eu fosse “voltando” aos poucos — disse, acariciando seu rosto com um sorriso terno.

— É tão bom te ver assim. De volta para gente — sussurrou, e ela sorriu ainda mais.

— Sim, estou de volta, irmão. Senti saudades — garantiu, antes de lhe dar outro abraço apertado.

Foram minutos de emoções em família. Irmão, cunhada e mãe, em um momento só deles. Matando um pouco as saudades que tiveram por tantos anos. E nós ficamos apenas como telespectadores, assistindo a cena emocionante que se passava à nossa frente. Depois disso, Alisson, uma *lady* como eu já havia reparado que era, parou em frente ao homem que um dia ela amou e eu não me surpreenderia se ainda a amasse. Se já havia sido estranho contarmos a ela sobre a vida de Edward quando ela nos perguntou, agora vendo os dois se encararem com mil emoções descritas em seus olhos foi mil vezes pior. Definitivamente ninguém estava preparado para esse encontro ainda. Nenhum dos dois e nem nós.

— Olá, Edward. — Alisson falou tentando parecer firme, mas eu pude ver o quanto esse encontro a estava abalando. Mas não apenas ela, a ele também.

— Alisson. — Sua voz em resposta mais parecia um

sussurro.

— Quanto tempo, Ed. Théo e Stephanie me disseram que você vai ser pai novamente. Parabéns. — Sorriu e virou-se para Lourdes, que parecia desconfortável. — Você deve ser Lourdes. Prazer, Alisson Caravaggio. — Estendeu a mão para a atual do seu atual-ex-amor com um sorriso nos lábios.

— Er... Prazer, Alisson. Já ouvi muito sobre você. — Disse, assim que apertou sua mão, mas ainda assim pareceu insegura.

— Fico feliz por isso. E o bebê é para quando? — Perguntou, analisando sua barriga.

— Hum... Er... Para daqui a quatro semanas. — Respondeu, simplesmente.

— Posso? — Alisson pediu consentimento para tocar em sua barriga.

— Er... Claro. — Respondeu, incerta, e eu pude ver claramente Edward engolindo em seco.

— É um menino, não é?

— Sim. Andrew. — Lhe disse, e Alisson abriu um sorriso ainda maior.

— Uma bela homenagem, para uma pessoa muito especial. Que Deus abençoe vocês e esse menino lindo que vem aí. — Afirmou, sincera.

— Obrigada. — Lourdes agradeceu.

— O que vocês acham de jantarmos? Hoje foi um dia cheio e cansativo, tenho certeza de que todos devem estar com fome. — Vovó proferiu.

Todos concordaram e começaram a se dirigir para a sala de jantar. Stephanne, Bella e Lourdes se juntaram como sempre faziam quando estavam juntas. Alano, Sarah, Alisson e Vovó foram andando, enquanto conversavam amenidades. Não me passou despercebido que Edward parecia não apenas constrangido, com a presença inesperada de Alisson, mas também deslocado. Era como se ele não soubesse como agir. Depois de um tempo vendo-o parado, ele pareceu tomar um fôlego e seguiu em frente.

— Está tudo bem? — Taddeo perguntou, certamente estranhando minha tensão ao observar a todos.

— Sim, irmão. Está tudo ótimo. — Deu um tapa amigável em meu ombros e ia seguindo o caminho de

todos, quando lembrei-me do que Steph havia me contado sobre Eva. — Taddeo, eu preciso conversar com você depois.

— Sobre? — Perguntou, curioso, ao se voltar para mim.

— Eva Carrara. — Anunciei de uma vez, e a expressão de calma no rosto do meu irmão caiu.

De alguma forma, eu sabia que meu irmão não tinha nada a ver com a maldita gravação que Eva fez e mostrou para Stephanne. Eu ainda não sei qual foi a verdadeira intenção dela em fazê-la, mas por causa do seu histórico acredito que sua intenção foi para realmente fazer com que Steph desistisse do casamento. No entanto minha esposa acredita que não, de alguma maneira Steph acha que ela foi apenas sincera. Logo ela achar isso da minha ex é algo realmente a se pensar. Porém minha real preocupação nessa história não é o fato disso ter quase prejudicado nosso casamento, por que felizmente eu consegui contornar, mas sim que meu irmão não se machuque. Mais. Pois eu não precisava ser muito inteligente para saber que Eva era a menina por quem ele foi, ou ainda é, apaixonado. E, sinceramente? Agora tudo

faz mais sentido para mim.

Eu nunca soube que Taddeo tinha algo com Eva. Muito menos que ele tinha sentimentos por ela. Juro que, independentemente da nossa relação ser complicada na época, eu jamais teria chegado perto, se soubesse disso. Imagine namorá-la por tanto tempo. Sempre evitei esse tipo de coisa. Igor, por exemplo, que era a pessoa mais próxima a mim, quando se dizia estar a fim de alguma menina, fazia questão de listá-la fora da minha lista de interesse. Sempre fiz isso, por mais que a menina se mostrasse interessada em mim. Acredito que na vida existem coisas maiores do que pegar uma mulher, e valorizava minha amizade com Igor acima de tudo. Mesmo tendo meus problemas com ele, não faria jamais isso com meu irmão. E, de certa forma, agora me sinto culpado.

— Não sei o que você pode querer falar comigo sobre ela. — Falou, com desgosto.

— Era ela, não é? Foi ela a menina que ficou com você apenas para se aproximar de mim, não é? — Perguntei, apesar de já saber a resposta, e ele engoliu em seco.

— Sim. Mas não importa. — Resmungou.

— Claro que importa! Preciso te dizer mais uma vez que eu não sabia. Porque se eu imaginasse que você sentia algo por ela, jamais teria sucumbido às tentativas dela — garanti, e ele acenou com a cabeça.

— Eu sei. Deixa isso para lá... — desconversou.

— Não, Taddeo. Não vou deixar, pois apesar dela fazer parte do meu passado, ela ainda não é passado para você — afirmei com firmeza, e ele negou.

— Não. — Tentou.

— Irmão, eu sei que vocês estavam juntos esses tempos. Eva procurou Stephanne. — Não queria falar assim, mas acho que ele merecia minha sinceridade.

— Como? Como assim, Eva a procurou? O que ela queria? — perguntou, surpreso, e eu suspirei com a lembrança.

— No dia do nosso casamento, o atraso de Steph se deu por causa dela. Ela foi barrada, mas convenceu Lourdes a deixá-la entrar, lhe dizendo o motivo de estar ali.

— O que ela queria? — Questionou, sem entender.

— Ela tem passagem livre para o seu apartamento? —

perguntei.

— Sim... Er... Como estávamos nos vendo direto e não queria que vocês soubessem sobre isso, pois tinha vergonha, deixei uma chave do meu apartamento embaixo do tapete para que ela entrasse — confessou, envergonhado.

— Você não precisava ter feito isso. Muito menos ter vergonha pelo que você sentia e ainda sente por Eva, Taddeo. Nós jamais te julgáramos por isso. Eu queria que soubesse isso, mas também que você soubesse o motivo que a levou a falar com Steph. — Suspirei, porque era difícil falar isso. — Ela gravou uma conversa. Nós estávamos falando sobre a armação que Alano e Edward fizeram, para nós casarmos. Foi isso que ela foi mostrar a Steph. — Falei de uma vez.

— Filha da puta! — Rosnou, chutando a mesa de centro, e eu mais uma vez me senti culpado por estar lhe dizendo a verdade, mas eu não poderia esconder isso dele, ele precisava saber. — Aquela vagabunda me usou mais uma vez! — amaldiçoou-a.

— Irmão, segundo Stephanie, ela parecia sincera

quando disse que a intenção era apenas para que ela soubesse a verdade, que não era porque ela queria que Stephanie desistisse do casamento — tento dizer, mas ele ri com desdém.

— Não, Théo. Ela mais uma vez se aproximou de mim com um propósito. Como eu pude ser tão burro de ter permitido que ela chegasse perto novamente? Com toda aquela confusão, havia me esquecido que eu havia marcado com ela para que nos víssemos aquele dia. E aquela vagabunda teve a coragem de gravar nossa conversa! Ela queria o que? Acabar com o seu casamento? — indagou, incrédulo.

— Taddeo, vou ser sincero com você, não importa para mim qual a intenção que ela tinha ao fazer isso. O que me importa realmente é que eu não quero que ela o machuque mais uma vez. Antes eu não sabia que ela havia te usado, mas mesmo que eu não soubesse, eu jamais voltaria lá outra vez. — Garanti.

— Eu sei. — Suspirou. — Mas ela me paga. — Afirmou, com o semblante fechado.

— Irmão, não vá fazer besteira. — Falei, apreensivo.

— Não se preocupe. A pior besteira que eu poderia fazer eu já fiz, que foi me envolver com essa mulher não só uma, mas duas vezes.

— Taddeo, o que quer que seja que você esteja pensando, não vale a pena. — Fui categórico.

— Não se preocupe com isso. Sei exatamente o que fazer para aquela vadia pagar. Agora, vamos jantar. — Concordei, porque percebi que estava fugindo, mas conhecendo meu irmão, eu sei que ele precisa assimilar tudo isso. Depois eu volto a falar com ele sobre o assunto.

Chegamos na sala de jantar e todos estavam visivelmente à nossa espera. Começamos a comer, mas percebia-se que de certa forma o silêncio quebrado apenas pelos barulhos dos talheres incomodava a todos.

— O que houve com Stephanne? Vocês não vão nos dizer? Ou teremos que esperar as notícias dadas pela mídia, como descobrimos essa gravidez? — Edward rompeu o silêncio, e pareceu que todos seguraram à respiração.

— Andei aprendendo a esconder as coisas dos outros. Machuquei seus sentimentos, papai? — Stephanne

respondeu, com suas palavras escorrendo sarcasmo.

— Você disse para ela, Theodore? — Edward mais afirmou do que perguntou.

Não precisei responder, ele sabia a resposta.

— Vamos terminar de comer, as conversas ficam para depois. — Vovó disse, sem dar brechas para contestação.

Continuamos o jantar em um clima pesado e a culpa disso era inteiramente minha, pois deveríamos ter contado logo tudo. Eu também sabia que Steph tentava se controlar, mas é difícil. Não é todo mundo que está acostumado com a sua sinceridade, mas é que as vezes ela não consegue segurar tudo que se passa na sua cabeça. Mas é uma das coisas que eu mais admiro nela, ela não se importa com o que os outros vão achar a seu respeito.

— Cansei. — Edward disse, por fim, parecendo não aguentar mais o clima que nos cercou.

— Cansou? Que irônico. Quer saber? Eu que cansei de tantas mentiras! Eu que cansei de ser passada por idiota! Vocês são uma cambada de hipócritas, que acham que o mundo deve ser perfeito de acordo com o que vocês acham que é o certo. Mas quer saber? Que se fodam! —

Bradou.

Depois que Steph gritou isso, todo mundo se calou. O Rei parecia que ia ter um ataque cardíaco. Sarah colocou uma mão na testa, em um gesto teatral, como se fosse desmaiar. Alisson pareceu assustada com o rompante de Steph. Henriquetta chorava baixinho, provavelmente sabendo que ela havia descoberto tudo. Lourdes e Bella não estavam entendendo nada.

— Olha como você fala, menina. Você pode estar casada, mas eu ainda posso te dar uma boas palmadas. Então me respeite! — Edward falou, mais vermelho do que um pimentão.

Respeito? Ah! Agora chega! Cansei! Era a minha vez de falar!

— Respeito? Engraçado o senhor falar sobre respeito, sendo que nunca respeitou a verdade. Não é mesmo, Edward? Ou eu devo dizer *papai*?

Capítulo 37

Théo

Quando eu e Taddeo éramos pequenos, já se sabe que nós vivíamos brigando. Lembro que quando eu tinha uns quatro anos e Taddeo cinco, em uma dessas brigas, ele disse que eu era adotado, coisa que acredito que todos os irmãos dizem na hora da raiva. No momento que aconteceu, aquilo me magoou, fui falar com Sarah, que até então achava que era a minha mãe e ela ficou paralisada por um momento, antes de me contar a velha história da Cegonha. *Como fui tão tolo!* Não dei mais importância para aquilo e nunca, uma vez sequer, cogitei a possibilidade de não ser filho de sangue de Alano e Sarah Caravaggio. Mas bem, pura inocência minha. E eu me achava um cara inteligente.

Uma coisa é você saber que você é adotado, quando seus pais acham que você tem maturidade suficiente para saber entender isso, para finalmente descobrir sua

verdadeira origem. Outra completamente diferente, é você estar com quase vinte e cinco anos e descobrir da pior maneira, que sua vida não passou literalmente de uma mentira. Saber que o seu pai, aquele por quem você desejava seguir os passos, que passou a vida aprendendo com ele para no futuro realmente seguir aquela frase que toda criança diz: *“Quando eu crescer quero ser igual ao meu pai!”* O mais irônico disso tudo, é você constatar, que o outro cara pelo qual você admira, que de alguma forma sempre esteve presente em sua vida, é o seu verdadeiro pai. Era muito estranho. Doloroso. Revoltante. E a cada vez que eu pensava sobre isso, os mesmos sentimentos de revolta e traição me engolfavam.

Mas agora eu cansei dessa brincadeira. Cansei de ficar quieto. Calado. Depois de tudo, de todas essas mentiras, não deixaria que eles se achassem com a razão. Agora era um daqueles momentos que a gente nunca na minha vida acha que um dia pudesse viver. Aquela frase tão clichê para mim se encaixa perfeitamente: Seria cômico se não fosse trágica, a reação de todos à mesa. Acho que a verdade é que ninguém esperava que eu dissesse isso na

lata assim. Que a verdade tão necessária, viesse à tona dessa maneira. Principalmente Bella e Lourdes que estavam sem entender nada, já que estavam ainda mais as escuras do que nós, que soubemos há pouco. Ainda era estranho para assimilar isso, mesmo depois de um mês sabendo a verdade. Quanto mais para elas, que não tem noção da vida de mentiras que nos rodeiam.

Mas bem, foda-se! Tava na hora de deixarmos essas merdas todas às claras!

— O que você disse Théo? — Bella perguntou confusa.

— Isso mesmo que você ouviu, irmã. Eu não sou filho de Alano e Sarah. — Afirmei com pesar, ainda que eu não tirasse os olhos de Edward, que estava quieto. Mudo. Sem cor.

— Como assim? Eu não estou entendendo nada. Claro que você é. — Minha irmã continuou afirmando, parecendo cada vez mais confusa.

— Não, Bella. Eu sou filho de Edward e Alisson. — Falei sem pestanejar.

Lourdes colocou a mão na boca chocada. Anabella parecia ainda mais confusa, como se eu não fizesse

sentido algum. E sinceramente? Acho que eu não fazia mesmo. Alisson apenas me olhou com um olhar que claramente me pedia “desculpas”, bem como Sarah que parecia envergonhada. Mas eu sabia que elas, principalmente Alisson, que nem estava aqui para falar algo, tinham culpa. Quem inventou essa rede de mentiras, foi Edward e Alano. Eles são os únicos pelos quais eu guardo rancor.

— É. Está mais do que na hora de colocarmos a verdade à mesa não é mesmo? Vamos todos agora para a sala de estar. Essa não é uma conversa que será fácil e muito menos deve ser feita à mesa de jantar. — Vovó mais uma vez usou seu tom imperativo.

— Anabella, para o quarto! — Alano finalmente se pronunciou, muito brabo.

— Mas Pai... — Começou chorosa.

— Agora! — Ordenou, não dando brechas a contestação.

— Obedeça seu pai, querida. — Sarah falou com a voz fraca e ela obedeceu, apesar de ter saído batendo os pés.

Por mais que eu quisesse intervir pela minha irmã, eu não poderia fazer isso. Ela é filha de Alano e apesar de

ter começado com essa conversa, não sei se realmente gostaria que ela presenciasse certas verdades. Para mim ela ainda era minha irmã caçula, aquela menina que eu precisava proteger. Não quero que ela se magoe com essa conversa de “gente grande”.

Fizemos o caminho de volta para sala, em completo silêncio. Todos perdidos em suas dúvidas, incertezas, medos, apreensões. Stephanne me abraçou e mais uma vez me senti culpado por não estar protegendo ela e meus filhos como deveria. Não seria uma conversa fácil, mas eu sabia que ela precisava disso tanto quanto eu e depois de quase um mês segurando o que estava entalado em nossas gargantas, estava na hora de colocarmos tudo para fora. Quem sabe com isso não ficaríamos melhor? Era o meu desejo nesse momento. Esclarecermos tudo e seguir em frente. Acabar com o peso que carregávamos.

— Amor... Você sabe que precisa descansar não é? — Tentei, porque eu precisava lembrá-la disso, pois apesar do seu estado não ter nenhuma relação com isso tudo, ainda assim não queria que ela se expusesse. Depois do dia tenso que tivemos, a única coisa que ela precisava

fazer, era descansar e não passar por isso.

— Sei. Vou ficar bem. Depois que terminarmos essa conversa, juro que irei me comportar. — Garantiu para nós dois.

— Eu te amo. — Beijei seus lábios suavemente e ela sorriu, apesar da tensão.

— Nós três também te amamos. — Afirmou, fazendo meu coração se encher ainda mais de amor.

Porra! Isso era tudo que eu precisava saber... Eu tinha eles!

Nos sentamos na sala de estar. De um lado meu estava Steph, no outro Alisson, que também tinha Vóvó ao seu lado. Lourdes fez questão de sentar em uma poltrona, obviamente querendo se manter distante do marido, que estava sentado em outro sofá com Alano e Sarah. E sinceramente? Não me admirava em nada sua atitude, ela tinha todo direito de estar assim também. Afinal, ele também merecia a verdade para ela.

— Eu só queria saber por quê? — Stephanie quem começou, quebrando o silêncio que nos rodeava.

— É muito mais complicado do que vocês pensam. —

Edward respondeu pesaroso.

— Complicar é o que vocês tem feito para nós desde então. — Falei com amargura.

— Theodore! Não é hora de discutir. Primeiro vamos ouvir e aí sim diremos o que queremos dizer. — Vovó mais uma vez usou toda sua autoridade.

— Tudo bem. — Cedi. — Você não me contou tudo, não é mesmo, Edward? — Perguntei o que eu já sabia.

— Não. Na verdade algo me dizia que você faria exatamente isso: contar para Stephanne. Por esse motivo preferimos manter uma parte do segredo. — Confirmou.

— Para quem já guardou tantos segredos, mais alguns não fariam diferença não é mesmo? — Minha voz escorrendo sarcasmo.

— Théo! — Minha avó me repreendeu e eu apenas levantei a mão em rendição. — Edward, comece desde o começo. — Ele assentiu.

— Como vocês bem sabem, a Campavia foi fundada por um conjunto de ex-militares do exército italiano. Como os pelotões eram formados por ordem alfabética, vocês podem reparar que os sobrenomes da nobreza

Campaviana começam basicamente com as primeiras Letras do alfabeto A, B, C, D... *Alaric, Bellini, Carrara, Caravaggio, Di Palacci, Di Montalcino*... Como além de ser o comandante da expedição, também era o militar com mais patentes, além de ser o que mais tinha dinheiro, Paul Henry Belinni, foi nomeado como Rei do país que eles estavam fundando. Com o decorrer dos anos, algumas famílias foram se juntando, formando outras, algumas foram para longe, outros nobres se casando com nobres e muitos sobrenomes se perderam com essas uniões.

— Apesar de ter beneficiado os outros com os títulos da nobreza, bem como parte do território campaviano, sabemos que nem todos ficaram satisfeitos. Os séculos foram passando, nosso país crescia e enriquecia mais a cada ano, então começaram a ocorrer alguns conflitos entre os nobres. Alguns exigiam o fim da monarquia. Lutavam no Parlamento contra o Rei. Mas apesar de ter sido uma época tensa, não era nada que pudesse se preocupar realmente, já que diversos países passavam pela mesma crise. — Alano tomou a palavra.

— Até que há uns anos atrás, meu pai se apaixonou por

Lavínia, sua segunda esposa, mãe de Andrew, quando eles ainda eram bem jovens. Naquela época, eram os pais do rapaz que pediam aos pais da moça para que o filho a cortejasse e se casasse com ela. Dentre todas as mulheres da nobreza Campaviana, foi Lavínia Carrara quem ele escolheu. — Edward continuou.

— Carrara? — eu, Stephanie e Lourdes perguntamos ao mesmo tempo, inegavelmente surpresos.

A verdade é que eu realmente nunca soube que apesar de atualmente deterem o maior título nobiliárquico da Campavia, após a realeza, a família Carrara fazia parte da realeza. Muito menos que a Rainha Lavínia carregava esse sobrenome.

— Sim. — Edward suspirou. — Mesmo à contra gosto, por causa das pequenas rixas de família, meu avô foi pedir a benção dos Carrara's para que meu pai, o até então Príncipe, se casasse com ela. Foi aí que Joaquim sabendo da paixão de meu pai por sua filha, se aproveitou disso e impôs uma condição: Só haveria casamento, caso lhe fosse concedido o título de Duque. Como sabemos, o título do ducado, é um dos maiores títulos nobiliárquicos,

abaixo apenas do Rei, Príncipes e Princesas. Exatamente por esse motivo, esses títulos são concedidos apenas para as pessoas da família real. Seja por nascença, por casamento ou até por honraria. Pois caso ocorra uma fatalidade com os descendentes mais próximos ao trono, o próximo título da linha sucessória seria de quem pertence o título do ducado.

— Então meu bisavô aceitou? — Stephanie perguntou confusa.

— Não. Obviamente meu avô não aceitou. Exatamente por esse motivo, que meu pai casou-se com minha mãe, pois como descendente ao trono, ele precisava de uma esposa e na época a realeza tinha que manter a linhagem. Com tudo isso, a relação já abalada dos Bellini di Montalcino com os Carrara, acabou-se de vez. Viraram inimigos políticos. Um não permanecia no mesmo ambiente do que o outro. E quando acontecia no Parlamento, as brigas eram intermináveis. Ainda assim, mesmo que casado, meu pai e Lavínia continuaram amantes. Uma certa vez, os dois cansados de viverem dessa forma, decidiram fugir. Só que na ocasião eles

foram pegos. Minha mãe havia descoberto o caso deles e com raiva, tinha dado um jeito de avisar a Joaquim que sua filha iria fugir. Com isso, Lavínia, simplesmente sumiu. — Edward falou.

— Quando isso aconteceu, Joaquim tinha a cara de pau de dizer que sua filha tinha ido embora. Que se perdeu no mundo. Vivia colocando a boca no trombone, dizendo que a polícia não fazia nada para encontrá-la. — Vovó afirmou com uma voz raivosa que me surpreendeu.

— Se ela não conseguiu fugir? O que houve com ela então? — perguntei agoniado, uma sensação ruim me rondando.

— É aí que chega o ponto principal da questão e apenas anos depois foi descoberto. Apesar de amar meu pai, só depois de tudo o que houve que ela foi capaz de dizer que seu pai, a abusava desde os onze anos de idade. Mas com a tentativa de fuga a situação só piorou: Ela tinha dezesseis anos quando seu pai a drogou e a algemou no porão, onde a manteve presa por sete anos.

— Caralho! — xinguei.

— Oh meu Deus! — Steph levou a mão à boca chocada.

— Jesus! — Lourdes se abanou, também chocada.

— Filho da puta! — Taddeo não se aguentou.

— Mas como ele conseguiu mantê-la lá? Ninguém via?

A mãe? O pai de Igor? — perguntei inconformado.

Caralho! Isso era foda demais!

— A mansão dos Carrara, como todas as casas antigas da nobreza, tem cômodos e passagens secretas. No caso, ele a mantinha em um abrigo nuclear superprotegido. Apenas ele sabia da existência desse cômodo, bem como apenas ele conhecia a combinação da porta que a mantinha trancada. Heitor, pai de Igor, ainda era muito pequeno na época. Sua mãe acreditou que ela realmente tinha fugido, pois Lavínia havia deixado uma carta dizendo que tinha ido embora quando planejou fugir. Ainda assim, Joaquim era cauteloso e só aparecia à noite, levando comida para o abrigo, onde a mantinha algemada. Além de ser abusada sexualmente pelo próprio pai, ele a agredia físico e verbalmente, chamando-a de vagabunda. Dizendo que ela pediu por isso.

— Meu Deus! Que horror! — Steph gemeu ao meu lado.

— Era um monstro. — Minha vó disse enojada.

Eu também estava muito chocado e enojado por isso.

Quanto mais poderia piorar?

— Os primeiros meses, Lavínia ficou presa em correntes, pois tentava fugir com frequência, o que fazia com que ela fosse punida sempre. Depois Joaquim a liberou das correntes, para que não atrapalhasse na hora em que a abusava. Uns meses depois, Lavínia deu à luz a dois meninos, que seu pai acreditava serem dele. Só que o que ele não sabia, era que justamente por causa da gravidez que ela fugiria com meu pai. Só que devido à situação precária em que ela vivia naquele cômodo, Lavínia estava fraca, debilitada e as crianças nasceram muito fracas, vindo a falecer logo após o nascimento.

— Nem depois de ter feito isso com a própria filha e netos, ele foi capaz de parar. Ele ainda a manteve em cárcere. Lavínia me contou que engravidou mais três vezes, fora os abortos que ela teve que perdeu as contas. Na primeira a criança nasceu morta. Na segunda, uma menina chegou a nascer, mas morreu quando tinha menos de um ano de idade. A terceira gravidez foi a mais complicada. Acredito que deve ter sido o corpo abusado,

sofrido, lutando para sobreviver. Quando ela estava com cinco meses, seu pai teve que levá-la ao hospital, pois ela se encontrava em estado grave. Os médicos ficaram surpresos quando a viram quase morta, tão pálida, abatida, com sinais claros de abuso e violência. Ainda assim a examinaram e constataram que o quase “parto prematuro” estava sendo ocasionado por entre tantas coisas, o uso desmedido de drogas ilícitas que seu pai a obrigava a tomar, para mantê-la quieta. A polícia foi notificada de imediato e somente após os policiais garantirem que ela estava segura, que ela confessou o horror que viveu naquela prisão por tantos anos. E embora o motivo por ela ter ido parar no hospital tenha sido ruim, pelo menos fez com que desmascarasse aquele monstro.

— Vovó disse.

— Joaquim Carrara foi condenado por incesto, cárcere privado, coerção, estupro, ocultação de cadáver, entre outros crimes que ele cometeu. — Alano reiterou.

— Nesse caso eu seria a favor do *Código de Hamurabi*, com uma rigorosa reciprocidade do crime e da pena. Retaliação. Ou como prefiro dizer: *Olho por olho*,

dente por dente. — comentei sem pesar e várias cabeças concordaram comigo.

— Deixa eu ver se eu entendi uma coisa. Vovó Lavínia estava grávida né? E a criança? Sobreviveu? — Steph perguntou abalada e aqueles que estavam ali e sabiam a verdade, trocaram um olhar duvidoso, mas Edward respirou fundo e finalmente disse a verdade:

— Sim, Steph. O bebê sobreviveu. Na verdade, Lavínia estava grávida de Andrew. — confessou e Stephanie levou a mão a boca chocada.

Ai caralho! Puta merda!

Como assim? Andrew era filho do próprio avô? *Jesus!* Essa história só fica cada vez mais louca! Olhei para Steph preocupado com sua reação e ela parecia ainda chocada com tudo. Sem saber que rumo seus pensamentos tomarem. Eu não a julgo, pois eu estava da mesma maneira. Imagine ela. Afinal além de tudo ser macabro, até ontem pensávamos que nós dois éramos primos e agora isso.

Nossa! Estou cada vez mais confuso!

— Meu pai já era viúvo desde o meu nascimento,

porque como vocês sabem, minha mãe faleceu no parto. Dizem as más línguas que ela não era uma pessoa muito agradável. Não me admira que meu pai não tenha se apaixonado por ela. — Edward comentou com uma careta.

— As boas línguas, como a minha, também falam, Edward querido. — Vovó comentou sem remorso algum.

— Mamãe! — Alano a repreendeu.

— O que é Alano? Não estou falando nenhuma mentira! — Voltou a olhar para Edward. — Desculpe, mas sua mãe, que Deus a tenha, ou o que o Diabo a tenha, como eu acredito onde realmente está, era realmente intragável. — Deu de ombros.

— Não se preocupe Antonella, para mim, minha mãe foi Lavínia. Mesmo que ela só tenha aparecido na minha vida quando eu tinha quase seis anos de idade. — Parou parecendo emocionado com suas palavras. — Enfim... Quando ele soube do ocorrido, foi para o hospital. Eles se encontraram, se entenderam, ela contou todo o horror que viveu nas mãos do seu pai. Meu pai sofreu com ela, pediu desculpas por não ter estado lá por ela. Lamentaram não apenas os anos perdidos, mas os filhos que eles perderam.

Segundo o que sei, os gêmeos que ele teria com Lavínia, teriam a mesma idade que eu. Mesmo assim eles decidiram passar por cima de tudo isso e assim que ela recebeu alta, ele a levou para o castelo e alguns dias depois eles se casaram. Apesar de Joaquim ter sido preso, julgado, a história foi abafada para resguardar Lavínia e principalmente Andrew.

— A mãe dela, Rosy, quando soube tudo que o traste do marido havia feito com a filha, não suportou a culpa e tomou um frasco de comprimidos, morrendo de overdose.

— Vovó mais uma vez faz seu comentário.

— Mamãe, deixe Edward falar! Você está atrapalhando a história! — Alano novamente a repreendeu.

— O que é, Alano? Você é meu filho, já tenho meus netos, então você não precisa mais de suas bolas. Se vier me repreender novamente, farei omelete com esses ovos goros! — Virou-se para gente sem constrangimento e continuou. — Também tenho direito de falar. Afinal faço parte dessa história. Vocês ainda estavam nas fraldas, então não podem dizer nada, mas eu estava lá de camarote. Conhecia os bastidores. Estou contando

detalhes importantes da história. Continuando... Rosy ficou doida da vida com o que o porco do marido havia feito. Bem, já ele não aguentou e acabou se enforcando na prisão.

— Não me importo que a senhora fale, dona Antonella.

— Edward disse, recebendo um olhar de repreensão dela.

— Senhora é a sua mãe! Você me conhece muito bem, Edward, prefiro te ver de fio dental, a ouvi-lo me chamar de senhora! — Bufou e eu tive que rir.

Jesus! Mesmo depois de tudo, eu ainda conseguia me surpreender com minha Avó!

— Não está mais aqui quem falou. — Edward segurou o riso que queria dar, nitidamente pensando na gravidade da história.

— Continuem. — Incentivei.

— Apesar de tudo, Lavínia enfrentou tudo com uma garra invejável. Ela tentou manter contato com seus irmãos, Heitor e Evan, que na época tinha uns sete anos, mas Hector que já era um rapaz, não queria muitos vínculos com a irmã. Acho que o pai infernizou a cabeça daquele menino, fazendo-o acreditar que Lavínia de

alguma forma era culpada. O que acabou fazendo com que Lavínia rompesse com o resto da família, tirou o sobrenome do seu nome, carregando apenas seu sobrenome de casamento. Acho que ela de certa forma tentou esquecer que já fez parte daquela família um dia. — Vovó voltou a falar. — Enfim... Me surpreendia vê-la sorrindo tão facilmente, mesmo depois de tudo que ela havia passado com o crápula do pai dela. Como eu não sou nada discreta, um dia lhe perguntei como ela conseguia sorrir assim depois de tudo e ela virou para mim e respondeu: *“Tenho tudo que quero e amo, Antonella. Não preciso de mais nada para ser feliz. Apesar de doer-me pensar nos filhos que perdi, o que houve comigo deixei para trás. Deus me deu uma nova chance e eu não vou desperdiçá-la chorando pelas lágrimas que derramei. Quero ter a chance de derramar lágrimas de felicidade.”* — Vovó lembrou, com um olhar saudosos. — Nunca me esqueci de suas palavras. Essa determinação de viver que ela tinha, eu sabia que era diretamente proporcional à felicidade que ela tinha em casa, com Rubert, Edward e Andrew a caminho. Ela

sorria de um jeito, que quem a olhasse e não conhecesse sua história, não podia sequer imaginar que algum dia ela passou por tudo aquilo. O Amor que ela dava e recebia em troca, foi seu melhor remédio. — Olhou de relance para Edward, que parecia tocado com suas palavras.

— Ela era especial. — Edward afirmou, engolindo em seco.

— Sim, querido. Minha amiga era uma pessoa forte, admirável, que me lembra uma outra pessoa que eu conheço. — Vovó olhou de relance para Steph.

— Eu? — Ela perguntou surpresa.

— Sim, menina. Você tem a mesma garra e determinação que eu via nos olhos de sua avó. — Vovó comentou com um sorriso e Steph sorriu de volta, acanhada, ainda assim emocionada.

— Sempre percebi isso. — Edward comentou olhando para Steph, que nada disse.

Eu sabia que ela estava lutando para não lhe dizer nada. E uma pessoa com uma língua afiada como Steph tinha, se segurar para não dizer nada, sabia que ela estava desempenhando um trabalho árduo para tal.

— Bem. Continuando. — Vovó voltou a falar no momento exato que eu achei que Steph diria algo. — Os últimos meses de gravidez de Lavínia foram complicados. Apesar de todo repouso, cuidado, apareceram além da infecção urinária, inflamação e pressão alta. Por esse motivo quando ela entrou em trabalho de parto, optaram por uma cesariana de emergência. Andrew nasceu forte e saudável, mas o seu útero não contraiu e ela teve uma hemorragia muito grande, ocasionada pela pré-eclampsia. Para salvar a vida da minha amiga, tiveram que optar pela esterectomia. Lembro-me nitidamente que Rubert, após chorar com a notícia, respirou fundo e agradeceu o médico. Ficamos sem entender na hora, mas ele disse que mesmo sabendo que não poderiam ter mais filhos, para ele o que realmente importava era o fato da sua esposa estar viva, bem como seus dois filhos, Edward e Andrew, mesmo que este não fosse seu filho de sangue, ele considerava seu e para ele, eles eram a razão da sua vida. — Falou nitidamente emocionada e foi difícil até para mim não emocionar-me com a lembrança.

— Andrew era acompanhado assiduamente pelos

melhores médicos. Todos temiam por ele, ainda que nenhum exame acusasse doenças degenerativas, em consequência do incesto. Meu pai achava que ele poderia ter algum problema futuramente, mas felizmente isso não aconteceu. Ele era um menino especial, todos nós tratávamos ele com um cuidado excessivo. Eu tinha uma preocupação tamanha com ele. Era tão protetor, que por vezes minha mãe chamava minha atenção e dizia que ele não iria quebrar por qualquer coisa. Andrew sempre fez terapia, porque além de todos os temores, nossos pais decidiram que quando ele chegasse a uma certa idade, lhes contariam sobre sua paternidade. Porque ele merecia saber a verdade. — Edward continuou.

— Uma pena o senhor não ter herdado essa sensatez. — Steph disse com ironia.

Stephanne tinha razão. Ainda que minha vontade fosse de concordar com ela, fechei os olhos tentando me controlar, também achando que Edward rebateria a provocação de Stephanie, mas ele apenas continuou como se ela não tivesse dito nada.

— Lavínia decidiu contar-lhe tudo na época em que

descobriu que estava doente. Lembro-me que Andrew tinha cerca de treze anos na época, mas ele sempre foi maduro e inteligente para sua idade. Era diferente dos outros meninos, tinha uma cabeça centrada, voltada para o futuro. Andrew teve uma reação bastante tranquila, embora sua revolta maior fosse sobre tudo que ela havia enfrentado naqueles sete anos que esteve presa nas mãos daquele homem. Fui claro com ele, dizendo que o fato de não sermos irmãos de sangue, não mudava em nada o que sentia por ele, que ele sempre seria meu irmão. — Falou emocionado e eu lembrei-me das palavras que Taddeo repetiu para mim dias atrás.

O fato de Taddeo e Bella serem apenas meus primos, não mudou em nada o que sinto por eles. Para mim eles são e sempre serão meus irmãos.

— Acho que antes de seguirmos para esse caminho, devemos contar o outro lado da história. — Sarah disse, olhando diretamente para Edward e Alisson.

Tremi. Olhei para Alisson, que estava ao meu lado, e trouxe-a mais próxima a mim, querendo mostrar-lhe que estava ali para ela. Alisson pareceu entender e segurou

minha outra mão, fazendo carinho como se eu quem precisasse disso nesse momento e não ela por contar sua história sofrida.

— Concordo, querida. — Alano concordou.

— Ok. — Edward suspirou, parecendo cansado. — Vocês sabem e eu não preciso dizer da importância que a família Caravaggio tem para os Bellini di Montalcino. A história só mostra que desde sempre, nossas famílias sempre estiveram envolvidas de alguma maneira. E não foi diferente com a gente.

— Apesar de Edward ser quatro anos mais novo do que eu, eu não tinha outros amigos. Era sempre eu, ele e Alisson juntos. Sempre fomos amigos. Exatamente como vocês. — Alano apontou para mim, Stephanie e Lourdes. — Assim que terminei a escola, cumpri a tradição da família de ir para *Cambridge*, para que depois voltasse para assumir os negócios da família.

— Com a ida de Alano para Londres, eu e Alisson ficamos cada vez mais próximos. Nós nos apaixonamos e assim começamos a namorar. — Percebi que Lourdes se remexeu incomodada, mas nada disse. — Apesar de nossas

famílias saberem e apoiarem nosso relacionamento, mantivemos nosso namoro escondido da sociedade. Não queríamos nosso relacionamento exposto. Queríamos ter nossa privacidade, coisa que sabíamos que perderíamos quando o Príncipe Herdeiro da Campavia, assumisse um namoro em público. Passamos anos assim, namorando, fazendo planos para o futuro. Eu era dois anos mais velho que Alisson, pretendíamos nos casar assim que ela completasse dezoito anos. Só que não contávamos com a mudança que nossa vida teria. Eu estava em Londres começando minha faculdade, quando Lavínia, minha mãe, a mulher que me criou com tanto amor, carinho e dedicação, perdeu a luta contra o câncer e faleceu.

— Nunca vi Rubert tão arrasado como ficou. Parecia que haviam lhe arrancado o coração e era exatamente isso que ele repetia: *Lavínia levou seu coração, sua vontade de viver no dia que partiu.* — Vovó disse, com a voz chorosa.

— O mundo viu como Rei Rubert ficou desolado. — Sarah reiterou.

— Voltei para Campavia, pois meu pai estava

depressivo e fora o fato de eu ter que tomar a rédea do que ele não fazia mais como Rei, pois deixou tudo de lado. Também não achava justo que Andrew, que ainda era tão novo, carregasse além do fardo da morte da mãe, um pai depressivo. Foi um ano estressante. Mesmo que interinamente, assumi a coroa, cuidando de todas as responsabilidades que eram do meu pai. Cuidando de Andrew, mesmo que por diversas vezes eu achasse que era ele quem realmente cuidava de mim. Quando Alisson disse que faria um curso de três meses nos Estados Unidos, estava tão cansado de tudo, de sentir o peso da coroa, de sentir o peso de ver meu pai definhando, que fui egoísta e acabei acompanhando minha namorada.

— Tentei fazer com que ele mudasse de ideia, mas ele não mudou. Edward sempre foi cabeça dura. Quando colocava uma coisa na cabeça, não havia quem tirasse. — Alisson fala pela primeira vez, desde que começamos a colocar tudo em pratos limpos.

— Ainda bem que eu fui. Nunca me arrependi de nada naqueles meses, Alisson. — Edward falou olhando diretamente para minha mãe, os dois trocaram um olhar

cúmplice. — Me arrependo do depois, mas nunca do durante. Porque se não fosse isso...

— Eu sei. — Ela disse como se soubesse exatamente o que ele diria.

A conversa silenciosa que os dois tiveram depois de mais de vinte anos, não passou despercebida por ninguém ali. Até que Alisson, parecendo a mais sensata dos dois, desviou o olhar.

Uou. Não estou gostando nada disso!

— O que houve quando vocês foram embora? — Perguntei insatisfeito, tentando fazer com que Edward se lembrasse que estávamos todos ali, inclusive sua esposa, que carregava um filho seu.

— Er... — limpou a garganta, desconcertado. — Alisson tinha acabado de completar dezoito anos. Por causa de tudo que havia acontecido, decidimos esperar e adiar o anúncio do nosso relacionamento, noivado e a própria cerimônia, que planejávamos para ser a alguns meses.

— Para fugir da loucura da mídia, da perseguição de paparazzi, nós morávamos em uma cidadezinha pequena próxima a Las Vegas. Não chamávamos muita atenção.

Vivíamos meio que no anonimato.

— Em uma noite tomamos umas comemorando e acabamos...

— Deixe-me adivinhar... Casaram-se! — Stephanie o interrompeu, falando com desdém.

— Stephanie, mas é...

— O que? Ainda que você tenha jogado na minha cara tantas vezes, por ter feito besteira de casar em Vegas, você quer que eu não diga nada? — Perguntou indignada.

— É completamente diferente. Eu e Alisson nos conhecíamos a vida toda, namorávamos há anos, já estava em nossos planos nos casar. Acima de tudo, nos amávamos. Não foi uma atitude inconsequente ocasionada pelo álcool. A bebida só acabou acelerando o que era certo acontecer — Tentou se explicar e ela riu sem um pinga de humor.

— Não julgo por ter escolhido se casar com a pessoa que você amava, Edward — Ela fala seu nome com uma expressão de dor e eu vejo o quanto isso atingiu também. — Até porque eu fiz exatamente isso com Théo. Casei-me por amor e não porque achavam que eu tinha que fazer

isso. Eu no seu lugar teria feito a mesma coisa com Théo. Na verdade, eu até fiz essa proposta a ele. Mas a questão aqui, é que por mais que tenha sido uma atitude inconsequente, da qual eu quero que fique claro que eu me arrependo de ter feito, não pelo ato, mas pelo homem errado, você apontou dedo na minha cara dizendo o quão horrível e reprovável era minha atitude. Quando me defendia dizendo que acontece com todo mundo, o que era mesmo que você dizia? Nada disso aconteceu comigo e com alguém da nobreza Campaviana! E olha que interessante, mais uma mentira para seu currículo... “Papaizinho!” — Sua voz escorrendo sarcasmo.

— Seja razoável, filha. — Ele tentou falar.

— Razoável? A última coisa que eu sou nessa vida é razoável. E você deveria saber muito bem disso. Mas não, depois de tantas mentiras, mais uma não faria diferença, não é mesmo?

— Amor, se acalme. — Falei preocupado com ela e os bebês.

— Me acalmar? Théo, não era na sua cara que o senhor mentiroso jogava isso. Sendo que ele tinha seu próprio

teto de vidro. Já ouviu falar aquele ditado que diz, *quem não tem teto de vidro que atire a primeira pedra*? Olha que surpresa... Hipocrisia.

— Amor, eu te entendo. Não estou acusando você de estar errada, muito pelo contrário. Apesar de odiar saber que você se casou com aquele *pulha*, concordo em gênero, número e grau com você em relação, a não apenas essa acusação, mas a todas as outras. Minha preocupação nesse momento é com você e os bebês. — Lhe garanti e assentiu compreendendo, parecendo relaxar um pouco.

— Bebês? — Exclamaram todos praticamente juntos.

— Sim. Teremos gêmeos! — Sorri orgulhoso, olhando com amor para minha esposa, que também me olhava da mesma forma, esquecendo-nos brevemente da atenção que nos rodeava.

Sim. Amor em dobro, pelo menos uma coisa incrível no meio dessa merda toda!

— Oh meu Deus! — Henriquetta levantou emocionada, certamente querendo abraçar Steph pela notícia, espelhando a alegria de todos ali presentes.

— Você espera realmente que lhe abrace, Henriquetta?

— Sua voz era cortante, ainda assim era notável a dor em suas palavras. Bem como a de Henriquetta que se assustou com as palavras dela.

— Minha menina... — Ela começou mais uma vez.

— Minha menina? Onde você estava quando eu dizia que queria que minha mãe estivesse ali, viva? Ah, claro! Você estava ao meu lado, mentindo pra mim! — Bradou assustando a todos e Henriquetta recuou, chorando assustada.

— Amor... — Trouxe ela para meu colo e ela abraçou-me com força.

Merda! Eu não queria que ela estivesse passando por isso agora!

— Steph, se acalme, hoje já tivemos um susto. Vou pedir pra trazer água com açúcar pra você e pra todos. — Minha vó disse já levantando-se em direção a cozinha.

Lourdes que até então parecia estar em transe com toda confusão, pareceu começar a entender a profundidade da história que estava sendo contada e sentou-se no lugar que Steph estava sentada anteriormente. Acho que essa conversa estava pesada demais para duas mulheres

grávidas, uma delas prestes à dar a luz. No entanto, conheço muito bem as duas, sei que não arredarão o pé daqui enquanto essa conversa não acabar. Se antes da gravidez não era louco pra contrariar minha mulher, era cauteloso, agora com os hormônios da gravidez, que eu não contrario mesmo.

Longe de mim, tenho amor a minha vida e ao meu pau!

Acho que depois que Stephanne mostrou o quanto estava magoada, todos foram inteligentes o suficiente para não confrontá-la. O silêncio prosseguiu até minha vó retornar com a bandeja com copos de água com açúcar para todos. Quase pedi dois copos, um para beber e outro jogar em cima da minha calça, porque olha a hora que o bastardo do Alexandre resolveu se animar. Tudo bem que Steph está sentada no meu colo, isso por si só já é capaz de animá-lo, mas essa hora é a menos propícia para isso com certeza.

Sim, meu pau precisa aprender a ter discernimento!

— Lourdes... — Meu pai tentou se aproximar da esposa e a cara que ela fez, o fez recuar.

— Volte para o seu lugar, Edward. Continue a história, não quero ouvir nada que não seja toda verdade da sua boca e da boca de todos nesse momento. Estou farta de mentiras. — Falou com uma frieza que surpreendeu a todos e ele assentiu derrotado.

— Continuem. — Stephanie exigiu, sua voz imperativa, ainda assim magoada.

— Nós nos casamos e alguns dias antes de voltarmos, Andrew me ligou cada vez mais preocupado com meu pai e eu voltei para Campavia. Alisson continuou em Nevada, voltaria para cá assim que terminasse o curso. Decidimos que não esperaríamos mais, que mesmo com meu pai depressivo como estava, nós nos casaríamos. Foi então que alguns dias após minha chegada, recebi a carta de Alisson... — Sua voz foi morrendo, sofrida, dolorida.

— Eu estava saindo da faculdade quando aconteceu. Em um momento parei para verificar as horas e no instante seguinte eu apaguei. — Alisson começa a contar sua versão da história.

— Mãe...

A palavra sai da minha boca antes que eu me contenha

e a emoção nos rodeia quando eu a chamo pela primeira vez como deveria tê-la chamado desde sempre, envolvendo-nos de uma forma arrebatadora.

— Você não precisa falar sobre isso agora, só quando estiver pronta... — Tentei dizer e ela me olhou nitidamente comovida com a minha preocupação.

— Está tudo bem, filho. Acho que chegou a hora de falar o que realmente aconteceu comigo. Vamos acabar de vez com essa história.

Eu respirei fundo, preparando-me para o que eu ouviria a seguir. Finalmente, depois de tantos anos saberíamos o que aconteceu.

Chegou a hora de finalmente conhecer minha verdadeira história!

Alisson

Foram mais de vinte anos perdida em mim mesmo. Tudo que me aconteceu me transformou, fez com que eu sofresse de tal maneira, que a única coisa que meu

subconsciente permitiu que eu fizesse para amenizar minha dor, foi que eu esquecesse de tudo, até de mim. Era como se eu tivesse perdido minha memória, mas ao mesmo tempo em que meu cérebro não permitia que eu me lembrasse quem eu era, tudo havia sido devastador de tal maneira, que ainda assim eu via aquela mulher sofrer, como se fosse em uma terceira pessoa. Sentia suas dores, mas só que se tratava de mim mesma.

Por anos tentei abrir a boca e falar. Rasgar e colocar para fora aquela dor que eu sentia com as lembranças que eu tinha sobre essa “mulher”, mas era como se eu não conseguisse me expressar, colocar em palavras o que se passava comigo e eu simplesmente não conseguia. Parecia que eu não confiava em mim mesma para falar, para sentir o mundo ao meu redor. Não reagia. Era como se eu não pudesse comandar meu próprio corpo. Me perguntava se eu era uma estátua, pois estava sempre com uma postura dura, rígida, atos reflexivos quase nulos, olhos parados, mesmo que eu visse, era como se não enxergasse nada ao meu redor. Sentia-me morta. Perdida no meu próprio vazio. Uma prisioneira em minha própria casca.

Era como se durante esse tempo em que estive assim, houvesse uma lacuna em minha vida. Um dia eu estava lá, vivendo, fazendo planos, sendo feliz e no outro dia passei pelo que passei e pronto. Poucas eram as vezes que conseguia reagir. Sentir. E isso ocorria sempre que recebia a visita *dele*. Eu não sabia quem *ele* era realmente. Mas sabia que ele era especial para mim, pois a cada vez que *ele* estava ao meu lado, era como se me sentisse completa. Tentei tantas vezes falar como me sentia quando *ele* estava comigo. Como me sentia protegida. Amada. O quanto ficava feliz a cada vez que sorria para mim. Mesmo que no início era em meu colo que *ele* permanecia. A única coisa que eu conseguia fazer para que *ele* soubesse que era importante para mim, era acarinhar o seu rosto tão bonito. Sereno. Era como se pudesse provar que ainda sentia algo e era por *ele*. Por mais que de alguma forma não soubesse quem eu era ali, que me sentisse uma pessoa que vivia uma experiência extracorpórea, com *ele* ao meu lado, me sentia viva outra vez. Aquela voz grave, mas ainda assim carinhosa. Aquele olhar que me lembrava tanto alguém que eu achava que

conhecia, mas não fazia ideia de quem fosse.

E também tinha *ele*. A cada vez que *ele* me visitava, declamava tantas coisas lindas para mim, o quanto sentia minha falta, eu o olhava e tentava desvendar o porquê seus olhos me prendiam tanto. Dominavam-me. O porquê aquele toque familiar parecia trazer um calor ao meu corpo, ao meu coração? Por que estar com *eles* de alguma forma fazia com que eu me conectasse a Terra?

Eu não tinha noção do tempo, mas ainda assim vi que os anos foram passando e pude ver o bebê, depois o menino travesso, se transformar a cada dia em um homem lindo. Também vi aquele jovem, transformasse em um homem maduro, cada vez mais belo, que eu ainda não sabia explicar todas as emoções que me causavam. Eu silenciosamente ansiava pela visita dos dois. Era como se eu existisse um pouquinho no curto espaço de tempo em que eles iam me ver, transformando o grande vazio que existia em mim, em algo substancial. Em algo que me desse um sopro de vida. E era na presença daqueles dois homens, que eu entendi que o sentimento que dominava meu coração era chamado de amor. Eu realmente vivia e

apenas fazia isso porque eu os amava.

Tentei entender e desvendar o que eu era. Tentar sair da profundidade que parecia ter mergulhado. Via flashes de momentos felizes, apaixonados, misturados com outros momentos terríveis, infernais. Era como se eu vivesse em partes. Era um emaranhado de vida, que emergia e depois me afogava em dores. Partes felizes, mas também as quebradas, desconjuntadas e era como se já não conseguisse juntar os pedaços que deveria para me recompor. Dei-me conta que aquela pessoa quem eu presenciava o terror, na verdade se tratava de mim. Essa constatação, multiplicada as visões, o horror que ainda sentia ao pensar no que vivi, não aliviavam em nada a dor que sentia. Então não conseguia reagir, mostrar que eu ainda vivia ali. Eu tinha medo de acordar para vida e assumir quem eu era.

Então houve aquele dia, em que *aqueles olhos azuis-vermelhos*, que tanto aterrorizavam meus pesadelos em sonhos ou acordada, me olharam novamente. O grito que eu havia guardado dentro de mim por tanto tempo, se rompeu em meus lábios. Gritei. Gritei de medo. Medo

dele me tocar. Medo dele me ter em suas mãos como prisioneira mais uma vez. Medo de reviver aquelas dores, que há tanto tempo viviam dentro de mim. O pavor de ter a minha vida em suas mãos foi o suficiente para que eu exteriorizasse tudo que eu sentia.

— *Com saudades de mim, Alisson?* — Perguntou com aquele seu sorriso cínico, em um rosto claramente disfarçado.

— *Não.* — Consegui murmurar em desespero.

— *Eu te encontrei. E dessa vez você não vai mais fugir de mim.* — Gritei a plenos pulmões, desesperada para me ver longe dele. — *Em breve eu volto para te pegar.* — Então ele sorriu e se foi.

Foram dias horríveis. Tentei me calar novamente, mas eu não conseguia romper o grito que saía da minha garganta. Era como se tivesse revivendo tudo que vivi ao lado daquele monstro. Como se tivesse sentindo na pele mais uma vez a dor e o nojo que sentia a cada vez que ele tocava em mim. Como se tivesse que aguentar novamente a dor da distância de todos aqueles que eu amava. Era como se a cada segundo que passava, tudo voltasse com

força total.

Então *ela* apareceu. Eu nunca a tinha visto, mas quando eu olhei em seus olhos, lembrei de outros olhos azuis que eram tão brincalhões. Sinceros. Aqueles olhos azuis que me acolheram, me deram força e mais do que isso, me deram esperança. Olhando nos olhos de Stephanne eu voltei a ter esperança. Lembrei-me das últimas palavras de Andrew, antes de tudo perder o sentido:

— *Não se preocupe. Tudo vai ficar bem...* — falou com a voz fraca, antes de desfalecer em minha frente.

Então descobri o que me impedia de sair da prisão que vivia dentro de mim: eu mesma. Eu vivia a vida sem reagir, não apenas porque eu tinha medo e sofria pelo que tinha passado, mas por medo de mim mesma. Medo de enfrentar a realidade. Medo de enfrentar minha própria culpa. Medo de assumir que estava viva apesar de tudo que vivi. O sentimento de querer lutar comigo, de querer lutar a favor da minha vida, fez com que acordasse do estado letárgico que me encontrava e foi o que fiz: Acordei para vida.

Decidi ir devagar, voltar a viver aos poucos. Por mais

que o passado ainda me doesse, uma vontade enorme de viver me dominou e não pude mais me parar. O sopro de vida se transformou em vendaval, desde o dia em que Théo e Steph ficaram ao meu lado. Confiei a minha vida ali, a ele, meu filho, aquele por quem eu tinha mais amor do que minha própria vida. E desde então posso dizer com sinceridade que tenho vivido os melhores momentos da minha vida, pois me sinto amada, querida, acolhida, nos braços daquele homem que é um pedaço meu. Meu filho tão amado, que mesmo quando estava perdida em mim, era meu mundo. E ainda é.

Apesar de ter me doído não acompanhar de perto o crescimento do meu filho, uma nova luz brilhou para mim no momento que eu soube que seria avó. Era como se Deus tivesse me dando uma nova chance de ver meu filho crescer, através do meu neto e isso só me deu mais força, mais garra, para poder estar ao lado deles e lutar o resto da minha vida para que a minha família tenha a chance de ser feliz. E aí sim eu sei que estarei realizada. Serei feliz de verdade.

Fecho os olhos e respiro fundo, tentando manter-me sã,

diante de tudo de doloroso que irei contar agora. Todos meus médicos me disseram que um dia teria coragem de me abrir, de contar tudo o que aconteceu. E sinto que preciso disso para seguir em frente. Que preciso disso para libertar das dores do passado e ter a chance de ser verdadeiramente feliz. Eu devo isso à todos, mas principalmente à mim.

— Quando eu acordei, já haviam se passado dois dias. Eu estava acorrentada em um quarto desconhecido. Tentei me soltar, gritei, mas as correntes só fizeram me machucar. Eu tinha os tornozelos e os pulsos presos. Continuei a gritar por socorro e foi aí que uma moça finalmente apareceu.

Enquanto falava, lembrei-me nitidamente da moça de cabelos loiros, que nunca tinha visto antes. Lembro-me do seu olhar arrogante. A forma como ela me olhava com escárnio, dizendo-me gracinhas, enquanto perguntava o que queriam comigo e porque estava ali. Ela serviu um café da manhã. Tentei negar, mas minha recusa pela comida fez com que ela apenas dissesse que não se importava, que por ela eu morreria de fome.

— Comi porque sabia que precisava. Enquanto comia, a mulher avisou que eu deveria escrever uma carta. A princípio achei que era algum pedido de resgate ou algo do tipo, mas estava enganada. Quando ela falou o que eu teria que dizer na carta, fiquei ainda mais confusa. Ela queria que eu escrevesse a bendita carta em que dizia que havia deixado Edward, para ficar com outro homem. Ninguém de fora da nossa família sabia do meu relacionamento com ele, como ela saberia então?

— Porque éramos seguidos. — Edward constatou e eu concordei.

— Eu me recusei a fazer isso. Não faria jamais algo para machucar o homem que eu amava, mas foi então que ela ameaçou matar toda minha família. Eu não tive escolha a não ser fazer o que ela me pediu. — falei doída, enquanto olhava para o homem que eu amava, em um silencioso pedido de desculpas.

Isso ainda era realmente doloroso para nós dois. Posso afirmar com toda certeza do mundo, que isso foi uma das coisas mais difíceis e dolorosas que eu tive que fazer na minha vida. Mais doloroso do que muita coisa que passei

ali dentro. Doeui, porque eu amava Edward demais. Ele havia sido o meu amor desde sempre. Tínhamos uma vida inteira planejada. Nos conhecíamos mais do que qualquer pessoa e eu sabia o quanto ele iria sofrer quando lesse o que havia escrito. A cada palavra escrita, era como se cada poro do meu corpo lutasse contra. Era como se eu negasse cada vez que nos amamos. Como se negasse a cada sorriso que ele me deu. Como se eu negasse todo o amor que eu sentia por aquele homem, que me transbordava. Foi a segunda pior tortura que sofri ali dentro.

— Então você só escreveu a carta? — Théo perguntou certamente desconfortável pela cena e eu suspirei, sentindo-me mal por demonstrar a fraqueza que eu ainda tinha por aquele homem, que mesmo depois de tanto tempo e ele estando casado, ainda mexia comigo mais do que gostaria. Isso não poderia persistir.

— Sim. Durante os primeiros meses, eu via apenas a ela, embora ouvisse a voz de um homem em algum lugar na casa e sabia que a loira, que descobri logo depois se chamar Georgina, não estava sozinha nessa. Por muitas

vezes questioneei-a sobre os motivos que me fizeram estar ali presa naquele lugar, mas ela sempre ria e dizia que era muito maior do que eu poderia entender. Algumas vezes pensei na hipótese de ser algum inimigo político do meu pai, porque ele havia sido um político importante, mas havia morrido há tanto tempo, que eu achava essa probabilidade improvável. Também descartei a possibilidade de sequestro pra pedir dinheiro à família, pois caso tivessem feito isso, eu não duvido que Alano ou minha mãe pagariam quanto fosse.

— Com certeza, minha filha. — Minha mãe me garantiu, enquanto segurava a minha outra mão, que estava com ela.

— Demorou para que a outra pessoa aparecesse. A primeira vez em que o homem entrou, eu senti medo. Medo ainda maior do que eu sentia a cada amanhecer, sem saber o que seria de mim. Medo porque com apenas um olhar percebi que ele não estava para brincadeira. Pois ao contrário da mulher que se mostrava indiferente a aparecer para mim, ele usava um capuz que cobria seu rosto.

Eu não precisava nem fechar os olhos para vê-lo em

minha frente. Quando *ele* apareceu, a única coisa que eu podia ver eram seus olhos azuis, mas tão vermelhos, injetados de fúria e ódio. Mesmo depois de anos, tentava me lembrar de onde eu conhecia seus olhos, que embora parecessem tão familiares para mim, ao mesmo tempo eram tão diferentes de qualquer um que eu tenha visto.

— Por ele esconder seu rosto, cheguei à conclusão de que deveria conhecê-lo. Se ele quisesse me matar, não importaria para ele se eu visse o seu rosto ou não. Mas ele não queria matar, também não queria extorquir dinheiro da minha família. Por que ele escondia o rosto então? — Indaguei-me, como tantas outras vezes eu fiz.

— Ele sabia que te veria, caso um dia você saísse dali. — Alano concluiu o que obviamente todos pensavam.

Isso pareceu deixá-los ainda mais tensos. Preocupados. Pois afinal de contas, o verdadeiro culpado poderia estar mais próximo do que imaginamos.

— Exatamente. — Concordei e continuei. — Quando ele se aproximou de mim, não disse uma palavra sequer. Fiquei apavorada, porque de alguma forma eu sabia o que

viria ali e quando ele foi tocar-me, acabei colocando para fora a pouca comida que eu tinha no estômago.

Foi a primeira vez que ouvi sua voz, rouca, grave quando me xingou de vadia e em seguida deu-me um tapa no rosto. Também foi a primeira vez que ele me agrediu.

— Enquanto eu gemia de dor, — Continuei a contar-lhe o que houve. — Ele parecia dar-se conta de algo que nem eu mesmo havia: eu não via menstruação desde que eu cheguei ao cativeiro. Ele então mandou a mulher chamar uma enfermeira, que veio até mim para colher meu sangue e assim confirmar a gravidez. — Falei, tentando dominar minhas emoções.

Théo apertou minha mão, parecendo não se dar conta da força que ele usou para isso. Mas eu não reclamei, porque seu gesto de certa forma acalentou a dor que eu sentia pelo que passei e ainda iria passar depois que descobri que estava grávida dele.

— Você está bem, minha filha? Está sentindo alguma coisa? — Minha mãe perguntou preocupada e eu assenti, pois eu precisava passar por isso, precisava falar.

— Depois disso, ele não me tocou. Mas costumava

ficar me olhando de longe, ou quando eu fingia estar dormindo. Eu ficava com medo, mal dormia durante a noite, sempre alerta a qualquer movimento seu, mas felizmente ele não me tocou. Durante toda minha gravidez, a enfermeira fez meu acompanhamento. Ela sabia o que se passava comigo, mas assim como eu, também estava sendo ameaçada, bem como toda sua família, ainda assim se comprometeu a tentar me ajudar de alguma maneira. Nos primeiros meses ela não conseguiu fazer muita coisa, além de trazer comida escondida, pois os sequestradores a vigiavam 24 horas por dia, seus telefones foram bloqueados para que ela não pudesse contatar ninguém. Os meses foram passando e no dia que entrei em trabalho de parto, resolvemos agir. Ela havia escutado alguns dias antes, os dois combinando o que fariam com o meu bebê. Então não hesitei em fazer o que tive que fazer. O meu filho não teria um destino ainda pior que o meu. Eu não queria arriscar a vida do meu filho. — Virei-me para Théo e digo emocionada ao recordar-me do pior dia da minha vida. — Com muita dor no coração quando ele nasceu, eu dei de mamar, mas a enfermeira logo em

seguida lhe deu uma pequena dosagem de anestesia, antes de embrulhá-lo com cuidado em um pano, para que ele parece estar morto. — Nesse momento já não era a única que chorava ali, além de todas mulheres, Edward e Théo também não conseguiram evitar as próprias lágrimas com minha confissão.

Oh meu Deus. Ainda me dói tanto pensar sobre esse momento!

Sei que tenho que agradecer a Deus por ter-lhe tirado de lá, mas por mais que hoje meu filho esteja vivo, saudável e que a encenação que fizemos não passasse de uma mentira, a cena foi dolorida demais. Não me deixando esquecer, temendo para que não os pegassem e descobrissem que a morte do meu bebê era mentira. Só queria que ele saísse dali.

— Eu morri um pouco a cada segundo que passei longe do meu filho. Sem saber como ele estava, se ele estava bem, se ele estava com minha família. Era como se meu coração tivesse sido arrancado do meu peito, quando tiraram meu filho dos meus braços. Mas eu não poderia permitir que ele sofresse ainda tão pequeno, tão indefeso.

Por esse motivo eu preferia o meu sofrimento ao seu.

Senhor Deus!

Eu chorava muito, enquanto Théo me abraçava, tentando confortar-me, como se quisesse fazer com que eu entendesse que ele sabia o quanto isso tinha e ainda é difícil para mim, mesmo que também fosse pra ele ouvir toda sua história agora. Mas de alguma forma, eu me sentia culpada por não ter tido a chance de ter protegido meu filho. Quantas vezes me arrependi de não ter ido junto com Edward quando ele voltou para Campavia? Mas não, ignorei as ameaças que nossas famílias sofriam e achei que eu precisava continuar em Nevada, para que eu terminasse meu curso e fosse uma Rainha melhor. Mal sabia que todo esse meu esforço seria em vão.

Respirei fundo, novamente tentando controlar minhas emoções, mas era difícil pensar em tudo que passei. Era difícil mexer nessa ferida que mesmo que eu quisesse, era impossível de esquecer.

— Quase vinte dias depois do nascimento de Theo, um rapaz me ligou, pedindo para nos encontrar, dizendo que tinha informações de Alisson. Como todos os anos

recebemos pistas falsas do seu paradeiro, eu resolvi não ir. — Alano começou.

— Mas eu fui. — Sarah continuou. — Era como se algo me dissesse que eu precisava ir para aquele encontro. Alano foi contra, mas eu fui assim mesmo. Quando eu cheguei ao local, ele carregava um bebê no colo e disse-me que uma pessoa havia pedido que ele nos entregasse o bebê em nome de Alisson, que queria que cuidasse do filho dela para ela. A princípio fiquei sem entender, porque eu não imaginaria Alisson fazendo algo do tipo, mas também não imaginei que ela sumiria como sumiu. No entanto, ela sempre foi do tipo maternal, queria filhos, uma família e eu não via o porquê ela nos entregaria o filho dela para criar. Então eu comecei a duvidar que fosse verdade, mas ele disse que ela mandava um recado para Alano pedindo pra cuidar do filho da sua “Amorinha” e Edward. Que o filho deles precisava de nós.

— Amorinha? — Lourdes perguntou sem entender.

— Sim. *Amorinha* era a forma que eu a chamava. Desde pequena ela sempre foi louca por amoras e eu achava que

seus cabelos, mesmo sendo bem escuros, quando refletiam Sol, ficavam uma cor de amora. — Alano explicou e nós dois trocamos um sorriso terno.

Mais uma vez a nostalgia de um tempo feliz, sem preocupação e sofrimento me pegou. Quando meus pensamentos me traíam, querendo me levar de volta para dentro de mim, eu pensava nessas pequenas lembranças felizes.

— Quando o homem disse isso, eu sabia que era dela. Mas pra ela estar fazendo isso, tinha acontecido realmente alguma coisa muito grave. Tentei questionar o homem, mas tão logo peguei Théo em meu colo, ele foi embora, sem me dizer mais nada. Com ele em meus braços, ele abriu esses lindos olhos azuis e eu me apaixonei. Era como se um filho meu tivesse nascendo naquele momento e nasceu. Como Taddeo tinha poucos meses ainda, eu ainda o amamentava e por esse motivo, ele deve ter sentido o cheiro de leite, pois foi cheirando, esfregando o narizinho em minha blusa, como um bichinho atrás do seu alimento. Foi a coisa mais linda. No momento que ele mamou em meu peito, foi como se ele fosse mais um pouco meu. Foi

uma ligação instantânea, difícil de explicar. — Sarah comentou emocionada e eu levantei-me de onde estava sentada, abraçando-a, antes de murmurar em agradecimento:

— Obrigada por cuidar do meu filho, do meu bebê, do meu menino. Obrigado por ter cuidado dele, como você cuidou de seus filhos. Durante todos esses anos, você fez um trabalho maravilhoso e se meu filho é um homem incrível, isso eu devo a você. Não sei se teria sido uma mãe tão boa quanto você foi pra ele.

E era verdade. O que Sarah fez pelo meu filho, não há dinheiro que pague. Nunca poderei agradecer o suficiente pelo amor e dedicação que ela lhe deu todos esses anos. Serei eternamente grata por ela ter dado o que eu não pude dar ao meu filho: amor materno.

— Não precisa agradecer, cunhada. Como eu disse, Theo é um filho pra mim. Não foi sacrifício nenhum. Ele é um menino maravilhoso, sempre foi. Ele só nos deu alegria e orgulho. Sempre o amei da mesma forma que eu amo meus próprios filhos. Eu sei que por mais que agora ele esteja magoado com tudo isso, ainda assim eu o

entendo e não me importo, eu ainda vou continuar amando-o da mesma maneira. — confessou emocionada.

Eu sabia que ela estava sendo sincera. E esperava de coração que toda essa história não interferisse na relação deles. Sarah não merecia isso.

— Eu também, *Amorinha*. Théo sempre foi aquele menino, que por mais que já tivesse o destino dele traçado, seguia meus passos por vontade própria. Ele sempre esteve ali ao meu lado, querendo aprender, querendo fazer as coisas certas. Eu o amo como meu filho. Independentemente de qualquer coisa, para mim ele é e sempre será o meu filho. — Alano reiterou e ainda que eu estivesse longe, pude ver o quanto Théo apertou Steph em seu peito, parecendo cada vez mais tenso.

— Eu sei. — Afirmei sorrindo para o meu irmão.

Independentemente de concordar ou não com a decisão de Alano não ter contado a verdade a Théo sobre nós, ele estava sendo sincero. Ele amava meu filho como seu, isso eu jamais poderia negar.

— Mãe... — Théo chamou com a voz fraca e pela segunda vez naquela noite, meu coração parecia querer

explodir em meu peito por ouvir meu filho me chamando de mãe.

Fui até meu menino, que agora já não era aquele bebê pequeno que deixei que tirassem de mim, com medo do seu futuro, mas agora era um homem lindo e honrado. E era por ele e pelos meus netos que nasceriam, que preciso continuar a lhes relatar tudo. Tirar esse peso que me prendia, me sufocava. Volto até onde eu estava sentada, cercada pelo meu filho, nora e mãe. Puxei o ar dos meus pulmões, expirando lentamente, tentando controlar minhas emoções. Sinto-me mais forte e corajosa agora. Suspiro fundo e continuo a lhes relatar a última parte do meu calvário.

— Depois do meu parto, eu chorava muito. Na verdade eu chorava o dia todo. Não tinha forças e muito menos vontade de continuar a viver. Foi então que uma semana após o parto, sem esperar pelo meu resguardo, meu carrasco passou a violentar-me com frequência. — confessei envergonhada.

Eu senti aquele baque conhecido por dentro. A dor inenarrável que eu sentia a cada vez que ele me tocava. A

cada vez que eu era agredida e abusada tanto física quanto psicologicamente. Mesmo depois de tantos anos, eu ainda sentia em minha pele, em meu corpo, seu toque grosseiro. Vislumbres da violência que sofria, das dores acometidas eram claros para mim. Ainda podia ouvir seus rosnados animais. A gente nunca se acostuma com isso, mas chegou um tempo que eu já estava tão quebrada, cansada, saturada por viver aquilo, que comecei inconscientemente a isolar-me dentro de mim. Era a única maneira que eu conseguia para aguentar em silêncio os abusos sofridos.

Fechei os olhos, mas dessa vez não era com esse propósito, mas sim porque eu não queria ver a culpa e muito menos a pena estampada na cara de todos que estavam ali. E mais do que isso, não queria que de alguma forma achassem que eu tinha culpa por isso ter acontecido. Demorei, mas hoje eu sei que eu fui a vítima.

— Meses se passaram com essa tortura constante. Já estava praticamente desistindo de ter esperanças. Foi aí que a mulher decidiu me soltar. Não por piedade, porque eu via que não existia um pinga de bondade naquela mulher, mas sim porque ela estava com ciúme pelo que o

monstro fazia comigo. Como se isso fosse me tornar a mulher dele. — comentei irônica. — Enfim, em uma noite ela me tirou do cativeiro. Levou-me até a rodoviária na Holanda, me deu dinheiro suficiente para que eu fosse para algum lugar e disse para que eu sumisse. E foi embora.

Mais uma vez as imagens daquele dia aparecem em minha mente. Eu tinha uma roupa suja, velha, as pessoas me olharam com nojo, repúdio. Mas eu não me importei, pois eu estava livre. Livre depois de tanto tempo e era isso que me importava.

— Pensei em procurar imediatamente por Edward, pela minha família, mas temi que fosse o primeiro lugar que ele me procurasse. Foi então que eu vi no jornal uma reportagem de Ed com a Rainha Cibelle. Choquei-me com o fato dele ter seguido em frente, mas eu não esperava mais do que isso depois daquela maldita carta. Mas choquei-me ainda mais com o tempo que havia passado: quase três anos. Decidi ir embora para alguma cidade próxima a Campavia e depois de alguns dias procuraria por todos. E foi o que fiz, fui para o Porto e de lá peguei o

primeiro navio que saiu. Passei uns dias aqui em Londres, arranjei um trabalho como garçõete em um bar próximo ao porto. Depois que juntei o suficiente para voltar, fui embora. Estava aliviada por estar em casa, mas quando eu estava chegando próxima a minha casa, haviam seguranças e eu a vi. Eu havia prometido a mim mesma desde que eu vi aquele jornal, que deixaria Edward viver a vida dele. E eu seguiria a minha. Mas no desespero, por medo de ser pega novamente, eu liguei para ele pedindo ajuda.

Edward passa a mão no rosto e eu sei que ele também está se lembrando desse momento. E do jeito que eu o conheço, sei o quanto ele se sente culpado por tudo que veio a seguir. Mas eu não o culpo pelo que houve, mesmo que eu tenha escutado tantas palavras duras e que eu sabia que não merecia.

— Ele estava magoado, obviamente não quis me ouvir. Depois de tanto tempo eu ligo, claro que ele não reagiria da melhor maneira. Eu disse onde eu estava e pedi para que ele me encontrasse, mas ele se negou a ir até lá...

— Eu sinto muito. Só o desespero em sua voz deveria ser o suficiente para fazer com que eu fosse atrás de você,

mas meu orgulho foi maior que minha sensatez. — murmura com a voz fraca e eu sorrio fracamente.

— Você não tem do que se desculpar. Você reagiu da maneira que qualquer um agiria em seu lugar. — ele fica de pé e nega com a cabeça.

— Não... — continua a negar.

— Então para minha surpresa Andrew pegou o telefone e depois de perguntar onde eu estava, veio ao meu encontro. Ele não era mais aquele menino que eu conheci anos antes. Era um homem, apesar da pouca idade. Mas a surpresa maior mesmo, foi que ele não veio sozinho, Cibelle estava com ele. E mais do que isso, ela sabia quem eu era e o que eu tinha significado na vida do seu marido. Andrew me convenceu de irmos até a casa da minha família, lá eu aliviaria todos com a minha volta e eu veria Théo. Isso por si só já foi o suficiente para que me acalmasse, pois estava nervosa com a possibilidade de me pegarem novamente. Durante o caminho até a minha casa, Andrew e Cibelle foram me contando um pouco do meu filho. Contando-me o que perdi dele. Quando chegamos lá, vi que meu bebê tinha se tornado um menino

tão lindo, encantador. Enquanto me perguntavam o que houve, eu não conseguia fazer nada a não ser abraçar meu menino. Matar as saudades dele e me martirizar por ter perdido dois anos da sua vida. Não disse detalhes, apenas contei que estava presa, pois não estava pronta para contar a verdade. Andrew insistiu que fôssemos até o Castelo, que apesar da nossa casa ter seguranças, o Castelo seria o local mais seguro para que eu ficasse e Edward precisava saber o que havia acontecido.

Olho para meu filho que tem um olhar sofrido enquanto me abraça. Não queria que fosse assim, queria que fosse diferente, mas infelizmente ele tem que saber o que aconteceu.

— Eu não queria ter que me separar de Théo novamente, então eu o levei comigo. Percebemos que alguma coisa estava errada quando o carro que fazia a segurança de Andrew sumiu. Logo um carro negro, com vidros escuros apareceu e começou a atirar. Um desses tiros atingiu Andrew. Lembro-me que logo em seguida o carro bateu contra o nosso. Como Andrew estava ferido, o nosso carro derrapou. Estávamos na estrada que levava ao

Castelo, na curva da encosta que tem uma ribanceira. O outro carro percebendo isso, continuou a nos atingir continuamente. Enquanto eu segurava Théo com força contra mim, Cibelle tentou ajudar Andrew, que tinha o braço ferido, assumindo o controle do volante. Mas para isso, ela havia tirado seu cinto, mesmo sob as ordens de não fazer, dadas por Andrew. E com isso, na batida seguinte, ela foi arremessada para frente, batendo sua cabeça no para-brisas. Andrew tentou e conseguiu atingir o outro veículo, lançando-o na ribanceira. Mas nosso carro acabou perdendo o controle e capotando, girando por diversas vezes, antes de atingir as árvores de carvalho que tinham do lado esquerdo da pista.

Fecho os olhos mais uma vez, recordando-me do meu medo, do meu desespero em estarmos passando por isso e principalmente por meu filho estar ali naquele carro. Enquanto o carro girava, eu pude ver minha vida passando diante dos meus olhos. Minha infância doce e alegre. Lembrei de meu pai um pouco antes de morrer, brincando comigo de cavalinho em suas costas... Minha adolescência cheia de descobertas... Minha paixão, meu namoro com

Edward... O dia em que ele me pediu em namoro, casamento... O dia do nascimento de Théo. A emoção que eu senti por carregar o fruto do nosso amor... Mas também recordei-me dos momentos tristes, como a morte de meu pai. O quanto minha mãe ficou arrasada. Vi quando eu acordei naquela prisão... Quando eu tive que dizer adeus ao meu filho... Tudo em uma fração de segundos. E naquele momento acreditei que fosse meu fim, porque dizem que quando isso acontece, significa que você está morrendo. Mas quando essa constatação me pegou, pedi, implorei a Deus pela vida do meu filho. Que ele me levasse, mas que não permitisse que nada de mal acontecesse com meu bebê. Que ele tivesse a chance de ter a felicidade e o amor que me foi tirada.

— Quando o carro parou, estávamos feridos, mas estávamos vivos. Com exceção de Cibelle, que já estava desacordada desde que bateu a cabeça no para-brisas. Andrew perguntou se eu e Théo estávamos bem, apesar de perceber que ele não estava nada bem como queria mostrar. Estávamos presos ali dentro, sem conseguir fazer nada. Théo chorava muito, assustado. Eu temia por uma

explosão, pois o cheiro de gasolina era forte, bem como o cheiro de ferro e sangue. Um pouco antes de desmaiar, ele começou a falar sobre sua família, sobre suas meninas, tentando nos distrair e principalmente a si mesmo do que sentia. A última coisa que disse para mim foi: *Não se preocupe. Tudo vai ficar bem...* Logo depois ele desfaleceu em minha frente e mesmo tentando ser forte pelo meu filho, acabei desmaiando. E o resto, bem... Vocês sabem.

Henriquetta, quem eu sabia que era a mulher dele, chorava copiosamente, mas ninguém estava diferente. Meu filho me apertava em um abraço, ao mesmo tempo em que amparava minha nora. Minha mãe silenciosamente derramava sua dor em lágrimas. Edward parecia cada vez mais angustiado e isso me deixava ainda pior. Pois no fundo eu ainda o amava e sentia sua dor. Mas era isso, não havia mais nada a fazer para mudar o que aconteceu. A vida seguiu. E eu também tinha agora a minha chance de seguir com ela. Agora eu lutaria contra meus próprios medos, demônios. Não sucumbiria mais a dor, a culpa. Venceria qualquer obstáculo. Chegou a hora de ser forte.

Chegou a hora de lutar pela minha felicidade.

Steph

Chorei e tentei me controlar por diversas vezes. Coloquei-me não apenas no lugar delas, que indiscutivelmente sofreram tanto, mas também no lugar de suas mães, que mesmo que indiretamente, também tanto sofreram a dor de suas filhas. Sofreram por falta de notícias, por não saberem onde estavam, se estavam bem e mais do que isso, se sentiram impotentes por não poderem ajudá-las como obviamente desejariam. Acho que meu instinto maternal está cada dia mais a florado, pois não parei de pensar nelas enquanto ouvia a história de ambas. No mais, era tudo muito confuso.

O que mais me choca é como uma pessoa pode ser tão cruel e vil dessa maneira. Capaz de tamanha perversidade e barbaridade. O que eu percebo agora, é que não é apenas coincidência. O que houve com Alisson, foi

apenas uma recapitulação de alguém que certamente quis não apenas ameaçar e machucar a ela, mas sim de quem queria fazer com que ela sofresse da mesma maneira que Vovó Lavínia havia sofrido um dia. Como se Alisson, ou qualquer outra pessoa fossem culpados pela barbaridade que ocorreu no passado. Ou mais do que isso. Vai entender a cabeça desse louco!

Era tudo muito chocante para poder se assimilar. Por mais que eu e Théo soubéssemos boa parte das verdades, ainda havia mais e ouvir agora todas as atrocidades que aconteceram da boca das pessoas que mais sofreram, ainda era um pouco forte demais para mim. Na verdade, acho que forte para qualquer pessoa que tenha um coração. Saber que não apenas Alisson, a mãe do meu marido, havia sofrido esse inferno, mas também minha avó havia passado pela mesma situação e ainda por cima nas mãos do seu próprio pai, era horrível. Era tudo horrível demais. E depois ainda por cima o acidente, que tirou duas pessoas especiais de nós. Era revoltante e doloroso de se conformar. Eu entendia a dor deles.

— Eu não deveria ter acreditado naquela carta. Não

deveria duvidar por um minuto de você, do que tínhamos... — Edward divagava em voz alta, parecendo tão agoniado que eu senti pena dele por um momento.

De alguma forma eu entendo como ele se sente, afinal eu sei o que é se sentir culpado por duvidar da pessoa que amamos. E pelo visto nós dois passamos pela mesma situação.

— Ed... — Alisson tentou, pude sentir pelo seu tom de voz embargado o quanto isso era doloroso.

— Eu deveria saber. Como eu pude duvidar da história que tínhamos, Ali? Como eu fui capaz de...

— Não. — Ela pediu. Na verdade, implorou.

Eu não sei o que ele vai falar e sinto que talvez ela não queira que ele diga em voz alta. Mas depois de tudo que ela havia dito, acredito que não seja por ela, mas sim por Théo.

— Eu não poderia ter feito isso, me arrependo tanto de ter deixado Andrew e Cibelle irem atrás de você. Irem para morte. De ter duvidado...

— Não, por favor! — Suplica, fazendo com que Théo a abraçasse mais forte.

— Edward! — Alano pareceu adverti-lo.

— Deixe-o, Alano! — Antonella repreendeu o filho por querer se meter, ele apenas negou com a cabeça e isso não passou despercebido por Théo que logo perguntou:

— O que você está dizendo? — Théo pareceu não aguentar mais o suspense.

— Evitei e neguei a verdade que estava bem na minha cara. Fui um orgulhoso, que em apenas uma barreira, duvidei de toda a história que havíamos vivido até ali. — Respondeu, andando de um lado para o outro.

— O que você quer dizer com isso? — Perguntei.

— Alano me ligou avisando que eles estavam indo ao meu encontro e como eu não queria falar com Alisson, decidi sair para não encontrá-los. Mas acabei encontrando com eles no meio do caminho. Quando eu cheguei próximo ao local do acidente, eu ainda pude ver os últimos acontecimentos. Pude ver em câmera lenta, o carro de Andrew empurrando o outro carro e logo depois o carro dele girar e capotar várias vezes, antes de bater nas árvores e parar. Gritei horrorizado por presenciar aquela cena grotesca acontecendo em minha frente, sem

que eu pudesse fazer nada. Sem conseguir ajudá-los. Com a ajuda dos seguranças, fomos até a massa retorcida de ferro que se tornou o carro do meu irmão. Fiquei estático ao encontrar o corpo inerte de Andrew, Cibelle e Alisson. Rapidamente verifiquei a respiração deles e constatei que estavam respirando e isso me deixou aliviado, porém o estado de Cibelle não era muito bom, pois ela havia sido arremessada para fora do carro. Mas então algo me chamou a atenção: um chorinho baixinho. Cheguei mais perto e vi que Alisson cobria algo com seu corpo. Como só as mães sabem fazer, como se tivesse cobrindo-o, protegendo com suas asas. E lá estava Théo.

Nossa mãe do céu!

Engoli em seco ao imaginar a cena. Ao imaginar o que meu marido havia passado ainda tão pequeno e indefeso. Théo ao meu lado estava parecendo em transe, enquanto prestava atenção em suas palavras.

— Deus! Quando eu o tirei dos braços de Alisson, notei que você não tinha um arranhão sequer. — Olha diretamente para ele, que abaixa a cabeça. — Era um milagre isso ter acontecido depois de um acidente tão

grave quanto esse, mas você estava ali para provar não apenas o milagre de Deus, mas para dar na minha cara o quanto eu fui errado, covarde, orgulhoso. O quanto eu fui um idiota por ter duvidado um segundo sequer que você fosse meu. Ali em minha frente estava um sonho realizado. Meu filho. Meu herdeiro. — Bate no peito em lágrimas.

Ai, Deus! Não, não... Ele não disse isso!

— Eu chorava como um menino arrependido com meu filho em meus braços, enquanto a ambulância chegou para socorrer a todos. Quando Andrew foi colocado na maca, ele despertou por alguns segundos, me olhou com Théo em meus braços e disse que estava feliz que eu agora assumisse que estava errado. Que esperava que depois de tudo que Ali sofreu, nós pudéssemos ser felizes juntos. Que pudéssemos ter nossa família. — Chorou inconformado e por alguns minutos todos permaneceram em silêncio.

— Foi por isso que eu fiquei com meus tios, ao invés de com meu pai? Você não acreditava que eu fosse seu filho. — Théo constatou com a voz magoada.

— Não. — Falou com pesar. — Depois de tudo, mesmo

que eu dissesse que não precisava mais, Alano estava não apenas magoado, mas também abalado com tudo o que houve. Alisson parecia em transe depois do acidente, então exigiu um teste de DNA. Fizemos e como esperado, deu positivo.

— Mas isso não fez diferença nenhuma! — Théo acusou.

Suspirei. Ele tinha razão. Por mais que Edward tivesse reconhecido que ele era realmente seu filho, ele nunca fez como tal. Não importa qual o motivo, ele não assumiu o filho como deveria ter feito. Doía-me por ele.

— Lógico que fez! Decidimos manter você como filho de Alano e Sarah por sua segurança. Sabíamos que caso assumisse sua paternidade, não demorariam para ligar que você era aquele bebê, que na verdade nunca morreu. Você poderia estar em perigo, como sua mãe esteve. Não queríamos arriscar que alguma coisa acontecesse com você. Apesar de Alano ter feito questão de cuidar de seu sobrinho como se fosse seu filho, eu fiz questão de estar sempre presente. Por que você acha que sempre estive lá? Porque eu o queria o mais perto de mim que fosse possível. Me doía não tê-lo ao meu lado, crescendo,

sendo seu pai, sendo chamado como tal.

— Então o senhor achava que erroneamente mentir sobre nossa vida, seria a melhor escolha? — Perguntei com amargura ao ver a dor estampada na cara do meu marido.

Isso era um absurdo!

— Na verdade todos vocês achavam que mentir era o melhor para todos! — Olhei diretamente para *ela*.

— Minha menina... — Henriquetta começou pálida, novamente seu choro mexendo comigo.

— Eu não posso nem acreditar que isso seja verdade! — Lourdes disse chorando, parecendo tão decepcionada quanto eu.

Nem eu...

— O que é? Vai continuar mentindo? — Levantei-me irritada, encarando-a. — Continuar negando a verdade?

— Não. — Fungou, acenando com a cabeça em negativo. — Você sempre foi minha menina, minha filha...

Mais uma vez aquela dor da traição, tão conhecida por mim desde que descobri a verdade, me dominou. Aquele gosto amargo como fel da traição da minha própria mãe.

Mas dessa vez foi tudo ainda mais voraz, porque ali entre lágrimas, estava a minha mãe me confirmando tudo. Confessando as mentiras que ouvi minha vida toda. Provando-me que minha vida não passou de um punhado de mentiras. Apesar de ter certeza de que as coisas com Henriquetta não envolvem violência sexual, incesto, ou algo absurdo, eu sei que o que ela dirá a seguir também me abalará de alguma forma. Mas eu não quero mais viver uma vida de mentiras. Por mais que me doa, não quero que meus filhos nasçam em meio a tantas mentiras e inverdades. Chega de meias verdades. Vai doer, mas é como um *band-aid*, melhor tirar logo de uma vez, sofrer de uma vez só, do que tirar aos poucos.

— Você já sabe boa parte da nossa história, como nos apaixonamos e a forma como ele me levou para sua vida. Quando Andrew me levou para morar com ele no castelo, eu sabia que minha vida iria mudar de alguma maneira, mas não sabia que seria tanto. Primeiro eu e Cibelle descobrimos no testamento do seu avô Valentino, que eu na verdade era filha dele, que eu era fruto de um romance que minha mãe, a empregada da família, teve com o patrão

no passado. Agnes, mãe de Cibelle, também soube apenas na leitura do testamento, mas o carinho que ela sentia por mim não mudou, muito pelo contrário, passou a me tratar como se fosse da família. Mas por mais que ele fosse meu pai, resolvi não assumir o sobrenome Valentino.

Oh Jesus! Isso era sério? Eu realmente sou uma Valentino?

— Você e Cibelle são... Irmãs... — Pensei em voz alta e ela concordou.

É... Pelo menos alguma coisa na minha história é parte verdadeira...

— Acho que você realmente sabe o que senti quando descobri que minha melhor amiga, a irmã do meu coração, era também minha irmã biológica. Foi um momento especial para mim e Cibelle. — Assenti e olhei para Lourdes que me olhava emocionada. Isso realmente entendíamos. — Aconteceu tudo muito rápido, assim que descobri que era uma Valentino, em seguida por descuido, acabei engravidando logo de você. Fiquei desesperada, com medo de julgamentos, pois eu era tão nova, Andrew também e ele era um príncipe. Parecia que eu tinha dado o

“golpe da barriga”, mas eu juro que nunca foi minha pretensão. Eu amava e ainda amo Andrew de uma forma que não consigo dimensionar ou explicar. Fora que Lourdes ainda era recém-nascida quando me vi grávida novamente. Andrew ficou tão feliz, que a alegria dele me contagiou de tal maneira, que eu perdi o medo que tive ao saber que teria outro filho.

— Como você pôde, mãe? Você não mentiu apenas para minha irmã, você mentiu para mim! — Lourdes gritou indignada, fazendo com que o choro de nossa mãe aumentasse.

Merda! Era foda!

Apesar da dor da mentira, por mais que eu a considerasse como tal, ouvir em voz alta Lourdes dizer pela primeira vez que ela era minha irmã, de alguma forma acalentou-me um pouco. Era como se eu precisasse disso e nem soubesse realmente o quanto. Nós sempre tivemos uma ligação de irmãs e isso nunca foi em vão. A explicação estava aí.

— Lourdes, meu amor... — Edward tentou falar com a minha irmã, enquanto Henriquetta chorava.

— Meu amor? Você também é outro mentiroso! Como você pôde esconder isso de nós? Como pôde deixar que Théo e Stephanne vivessem uma vida de mentiras? — Ela bradou e eu temi pela sua saúde e do bebê.

— Vocês não entendem... — Ele tentou.

— Realmente. Não entendo como pude me casar com um homem tão mentiroso e covarde! — Falou sem pesar, chocando-nos.

Ai, Jesus!

— Estávamos em um período tenso. Alisson não dava notícias. Henriquette estava em processo litigioso de divórcio e para não ser um escândalo, escondemos a gravidez da sociedade. Ela e Cibelle também haviam perdido o pai. Cibelle não conseguia engravidar. — Continuou, tentando justificar o injustificável. — Nós brigávamos cada vez mais, porque além de não me dar o herdeiro que ela tanto queria, Cibelle achava que eu deveria assumir a paternidade de Théo. Fora que também sofríamos ameaças constantes dos inimigos. Quando você nasceu, Stephanne, você trouxe a luz para nossa casa. Eu, que era um cara tão amargurado pela desilusão que eu

acreditava ter vivido, voltei a sorrir nesse dia. — Confessou.

Eu chorei ainda mais, não querendo ouvir, mas sabendo que precisava fazer exatamente isso. Minhas lágrimas eram uma mistura de dor e raiva. Théo me puxou para ele, eu enterrei minha cabeça em seu pescoço. Querendo desesperadamente que tudo isso acabasse logo. Eu não sabia quem estava amparando quem, por que nós dois estávamos ali sofrendo.

— No dia do acidente, eu não quis ir até o encontro de Alisson, mas como sabem, ele foi. Andrew parecia pressentir o que aconteceria. Pois a última coisa que meu irmão me pediu antes de entrar naquela ambulância, foi que se algo acontecesse com ele, que eu cuidasse de Henriquetta, de Lourdes e de você. Fez-me jurar que eu protegesse vocês, como ele sabia que eu faria com Théo. E foi isso que fiz. — Continuou.

Eu não sabia mais o que pensar, a não ser na dor da traição que eu sentia. Dor por pensar que fui enganada pela minha mãe, por quem eu achava ser meu pai... Por todos. O sentimento de traição era tão grande e doloroso,

que eu não conseguia explicar o que eu sentia em palavras.

Nada do que vivi foi real... Isso me doía tanto!

— Theodore é tão príncipe, como Stephanne é princesa. Apesar de não ser minha filha de sangue, é legalmente filha da Rainha e é originalmente Campaviana, ou seja, é a herdeira legítima da linhagem. Mesmo que Théo fosse o primogênito, ele é o que muitos chamariam de filho bastardo, o direito a sucessão direta poderia ser comprometido. A monarquia poderia ser balançada. Poderiam contestar seu lugar de direito, dando a vez a Stephanne e só teria direito de assumir o trono, caso acontecesse algo com ela ou aos seus filhos. Ou seja, ele seria o terceiro na linha sucessória. E a verdade é que Théo nunca foi preparado para a política de fato, mas sim preparado para assumir o trono e governar a Campavia.

— Sempre foi por isso! Por causa de uma maldita coroa! Você nunca realmente fez questão de ser meu pai!

— Théo constatou com a voz alterada, parecendo estar sufocado com tudo isso, enquanto apontava o dedo para Edward.

Por mais que eu tivesse abalada, fui até ele. Eu sabia que precisava fazer isso. Nós precisávamos estar juntos.

— Não. Eu sempre te amei como meu filho. Sempre. Apesar de Alano ter feito questão de cuidar de você como filho, eu fiz questão de estar sempre presente, acompanhando de perto suas lutas e conquistas. Mas além de saber que era para o seu próprio bem, eu me sentia culpado por tudo que perdeu por causa da minha maldita coroa. Pelo meu orgulho. Você perdeu muito mais do que uma vida na realeza, não apenas a minha figura paterna, perdeu sua mãe ao seu lado. Isso eu nunca poderia lhe dar de volta. Eu tinha medo que me rejeitasse, por um dia ter duvidado que era realmente meu filho. Tinha medo que não quisesse ser meu filho, que não aceitasse o fato de tê-lo renegado em um momento de fraqueza. Tinha medo que me culpasse por tudo que eu já me culpava, que jogasse na minha cara meus próprios erros. Além do fato de poder ser chamado de “príncipe bastardo”. E principalmente... Tinha medo de que aqueles que lhe tentaram fazer mal soubessem quem você era, que você não havia morrido no parto e que por causa disso, sua segurança fosse

comprometida. E eu não podia permitir que algo mais acontecesse com você... Com vocês... Vocês dois são meus filhos e eu queria que desfrutassem da coroa integralmente.

— Carro sem gasolina, ficarmos sem sinal. Notícias sobre meu *affair* com uma nobre desconhecida. Ligação anônima para Stephanne dizendo que eu estava bêbado em um lugar. Nós dois presos na Ilha por causa do Jet ski quebrado, que misteriosamente funcionou no outro dia, foram tudo vocês? — Théo deduziu o óbvio e Edward e Alano abaixaram a cabeça envergonhados.

Putá merda! Como eu nunca havia pensado nisso?

Meu queixo estava no chão, óbvio que eles haviam armado tudo isso. Armado para nós dois ficarmos juntos. Como eles puderam ficar brincando com nossa vida de tal maneira?

— Meus Deus! Como eu ainda posso ficar surpresa pelas artimanhas de vocês, eu não sei. Então foi por isso que vocês armaram para que ficássemos juntos? Para que tivessem a garantia que a coroa estivesse em nossas mãos. Nossa! Como isso foi nobre! — Falei irônica.

— Não. Sempre foi por vocês! Nós somos os pais de vocês. Sabíamos o quanto são cabeça dura e se soubessem de toda a verdade, jamais aceitariam o que havíamos feito e muito menos que impuséssemos esse casamento. Eu me lembro de como vocês eram quando crianças, se pirraçavam e brigavam como um casal. Depois começaram a namorar às escondidas. Sempre soube que existia sentimento entre vocês. Por isso eu sugeri que tentássemos uma aproximação entre vocês, porque eu tinha quase certeza de que vocês iriam se apaixonar. E foi isso que aconteceu. Vocês se apaixonaram. Théo descobriu tudo no dia em que você voltou para o Castelo antes do casamento. Só contei uma parte da verdade, pois sabia que por mais que ele houvesse nos prometido, ele lhe diria, não por não ter palavra, mas por fidelidade a você. Por mais que no passado nós tivéssemos decidido o futuro de vocês, nós apenas interferimos indiretamente, o que existe entre vocês sempre foi Real. Sempre foi.

Ninguém disse nada. Até que Théo rompeu o silêncio:

— Por que Stephanne foi para o colégio interno anos atrás, Edward? Sem mais mentiras. — Mudou de assunto e

eu não entendi o motivo da sua pergunta.

Mais uma vez eu vi Edward engolindo em seco e trocando olhares com Alano e Henriquetta. Théo pareceu ver algo que eu ainda não tinha visto, mas agora eu realmente acredito que tenha algum motivo. Se não houvesse eles não teriam tido essa reação.

— Não foi planejado. Mas um dia antes de Stephanne ir embora, eu recebi uma encomenda. Por precaução, todas as correspondências são analisadas de algum potencial perigoso, alguma ameaça e etc. Mas esse dia algo horrível aconteceu e eu recebi algo que eu jamais imaginaria que veria na vida. Dentro da caixa, havia um bilhete que ameaça a vida de Stephanne, mas isso até então não era anormal, só que ali também havia algo enrolado com um pedaço de pano. — murmurou, quase sem voz.

— O que? — Foi a vez de Lourdes perguntar.

— Era um dedo. Mas mais do que isso: era um dedo anelar com um anel do Brasão da Família Campavia. O anel que pertencia a Andrew.

Ai meu Deus!

Todos ficamos obviamente chocados enquanto Edward explicava, que primeiramente ele achou que fosse uma brincadeira de mau gosto, mas além de ter constatado que o anel era o verdadeiro anel de Andrew, mandaram investigar seu túmulo e descobriram que o seu corpo havia sido roubado. Ou seja, no túmulo do meu pai biológico, não há nem o que restou do seu corpo. Mas apesar do horror disso, foi inevitável não sentir um fio de esperança nisso.

Será que... Não! Não é possível! Ele não pode estar... Pode?

— Se não acharam seu corpo, será que...

— Não, Stephanie. Infelizmente não. Por mais que nós tivéssemos visto Andrew em um caixão, na ocasião também pensamos o mesmo. Mas o legista constatou que o que foi enviado tinha cerca de doze anos que o dedo havia necrosado e cortado. Além disso, os peritos constataram que realmente o corpo de Andrew esteve naquele caixão. Roubar os restos mortais do meu irmão foi apenas mais uma brincadeira mórbida e de mal gosto de quem quer que seja, que nos fez e ainda quer nos fazer mal. Porque as

ameaças veladas nunca tiveram sôssego. — Lamentou.

— Então por ameaçarem Stephanne, você a enviou para o internato? — Théo voltou a perguntar.

— Sim. E as ameaças não sossegaram, muito pelo contrário, persistiram ao longo da vida. Eles deveriam ter algum informante dentro do castelo, porque depois de um tempo que souberam que ela tinha ido, passaram a ameaçar Lourdes Maria, por isso que nós resolvemos mandá-la para lá também.

Oh Deus!

Agora tudo faz sentido. Quando saí daqui, parece que eu fiz questão de esquecer muita coisa. Inclusive de Théo. Mas agora me lembro claramente da movimentação no dia, o nervosismo de Henriquetta ao dizer que o Rei queria falar comigo, o quanto Edward parecia arrasado antes de me dizer que eu iria para o colégio interno. Tudo parece se encaixar. Ainda assim por mais que as intenções deles fossem boas, isso não diminui em nada a dor da traição.

— Foi pensando na segurança e no bem estar de vocês que fizemos o que fizemos. — Ele engole em seco. — Não

vou dizer que foi uma decisão fácil, mas estávamos lutando contra um inimigo oculto. Não sabíamos o próximo passo dele, então fizemos de tudo para resguardá-los. — Ele se vira para mim e depois para Théo. — Não a culpe pela decisão que tivemos. Nem você culpe Sarah ou Antonella, Théo. Elas foram contra. Mas pensando no bem de vocês acataram o que achávamos melhor.

— Contra? Faz-me rir. Isso foi cômodo para ela — falei com amargura e eu vi o rosto de Henriquette empalidecer.

Sei que posso ter pegado pesado, mas foda-se! Estou no meu direito de dizer o que quiser. A ferida fui eu. Ela teve anos para finalmente me dizer a verdade, mas não fez. Não fez porque não quis.

— Não fale assim com ela. Ela é sua mãe .Sempre foi. Assim como eu fui seu pai. Independentemente de tudo, nós merecemos seu respeito — .Edward disse irritado.

— Que respeito? Vocês fizeram tudo conforme acharam que era o melhor para vocês. Nunca fizeram porra nenhuma pensando em nós realmente! Porque caso tivessem pensando por um segundo, teriam dito em algum

momento em nossa vida, mas não. Preferiram que nós descobríssemos da pior maneira possível. Não há razão que justifique isso. — Proferi.

— Stephanie, eu sei o quanto você deve estar magoada com toda essa situação, mas coloque-se em meu lugar. Nunca faria isso por um motivo maior que não fosse a segurança da minha filha. Por mais que no papel eu não fosse sua mãe, na prática eu sempre fui. Sempre estive ao seu lado, cuidando de você e amando-a como mãe. Você nunca deixou de ser minha filha, nunca te abandonei. Isso você deveria saber. — Henriquetta tentou se explicar.

— O que você quer que eu diga, Henriquetta? Que eu te dê os parabéns? Te parabenize por ter feito tudo isso, porque uma coisa que você não pode dizer é que fui ingrata com você, porque nunca fui. Muito pelo contrário, ainda assim sua escolha fez com que eu me sentisse órfã. Fez com que eu vivesse uma vida de mentiras — afirmo ironicamente.

— Você tinha acabado de nascer e eu ainda chorava pela morte do amor da minha vida e da minha irmã, que tinham morrido por causa desse louco que estava

atentando nossa família. Você queria que eu fizesse o que? Que colocasse a vida da minha filha em risco? Se eu tivesse feito isso teria sido considerada uma boa mãe para você? Seria digna do seu perdão? — perguntou alterada.

— Nunca disse que você não foi uma boa mãe. Como eu acabei de dizer, não sou ingrata, sei o quanto se dedicou a mim e a Lourdes, principalmente porque eu achava que não era sua obrigação fazer isso. Mas na verdade fazia por pura obrigação mesmo. Ou culpa, sei lá... Não me interessa realmente saber. Como eu disse, não justifica. Uma coisa é você mentir pela necessidade, mas persistir na mentira para mim é o pior disso tudo. Não digo apenas a você, me refiro a todos vocês, hipócritas de merda! Eu acho que eu e Théo merecíamos mais daqueles que dizem nos amar de tal maneira que se sacrificaram por nós. Mas não. Os sacrificados e privados fomos nós, que ficamos omissos e a mercê de vocês. Quando vocês achavam que seria a melhor hora de contar? Nunca? Íamos continuar vivendo essa vida de mentiras que vocês criaram para nós? Nós dois chegamos a acreditar que éramos primos, isso era estranho, mas até aí menos mal. Mas como vocês

acham que eu me senti quando, por um momento, eu pensei que Théo fosse meu irmão? — Perguntei retoricamente. — Vocês podem imaginar? Acho que não. Afinal de contas vocês só pensam no próprio umbigo e no próprio sobrenome ou no escândalo que uma história dessas acarretaria caso vazasse. Na reputação abalada que teriam. Na monarquia comprometida. Isso sempre foi mais importante do que qualquer coisa. Vocês acham que temos a agradecer por isso? Então obrigada por ter nos feito de fantoches! — Respondi com ironia.

— Pare de falar asneira, Stephanne! Pare de agir como essa menina mimada! Pior que eu nem posso te culpar, afinal o maior culpado fui eu. Era eu quem acobertava as besteiras que você fazia. — Comentou fazendo a minha raiva aumentar.

— Mas o que... — Fui interrompida por Théo, que puxou-me para trás para que evitasse que eu voasse no pescoço dele:

— Pare de falar asneira você, Edward! Não venha querer justificar suas besteiras e mentiras, colocando a culpa em cima da minha mulher! Independentemente ou

não de Stephanne ter aprontado, ela nunca mentiu, prejudicou ou passou por cima de alguém. Muito pelo contrário, sempre assumiu as merdas que fazia. E hoje, ela é outra pessoa, que se doa por outras. Completamente diferente de vocês! — Théo cuspiu, fora de si.

— Quem vocês querem culpar? O culpado das mentiras não foi quem fez mal a nossa família. Os únicos culpados foram vocês, que usaram essa justificativa para acobertar seus próprios erros! — Lourdes disse alterada, surpreendendo a todos, que rapidamente se calaram.

— Acho bom você descansar, irmã. — Fui até ela, que tremia. — Nós devemos. Temos que pensar em nossos filhos. — Tentei acalmar a ela, mas a mim também. Ela apenas acenou fracamente.

— Todos nós fomos condenados a uma vida de mentiras! — Alano falou.

— Sim, mas vocês fizeram por escolha, vocês deram vazão ao inimigo. Quanto a nós, não tivemos o mesmo direito. — Théo veio até mim. — Vamos embora daqui? — Perguntou e eu acenei.

Sim... Era melhor eu sair daqui, antes que perdesse

minha cabeça de vez!

— Por favor, me levem também. Não quero mais ficar aqui. — Lourdes pediu, chorosa e eu assenti. Não deixaria ela aqui com ela não querendo estar.

— Aonde vocês vão? Não terminamos essa conversa! — Edward bradou.

— Eu levo vocês. — Taddeo que se manteve calado desde o início da conversa, finalmente se pronunciou.

— Ninguém sai daqui enquanto não terminarmos essa conversa! — Edward repetiu.

Apesar da raiva extra que sentia, tive vontade de rir. Quem ele achava que era para querer mandar em nós nessa altura da vida e sem um pinga de moral para tal?

— Tente nos impedir! — Théo disse, me puxando em direção à saída.

— Filha... — Henriquetta tentou me alcançar e eu me afastei, como se seu toque me queimasse.

— Não me chame de filha! Eu não quero estar perto de vocês! Eu não posso estar perto de vocês! A única coisa que eu preciso é distância! Suas justificativas não amenizam em nada a consequência de tantas mentiras.

Fechei os olhos e respirei fundo. Eu não ia mais me descontrolar. Não ia permitir que eles me controlassem nunca mais. Não ia deixar que eles continuassem interferindo minha vida mais. Nunca mais. Eu tinha dois bebês para me preocupar e é a saúde dos meus filhos que realmente me importa. Continuei andando, ignorando os protestos deles, ignorando a minha vontade de jogar muito mais na cara deles, engolindo a vontade de dizer muito mais para magoá-los, mas isso só se refletiria em mim também e por hoje eu já havia escutado demais, não perderia mais tempo com eles. Eles não merecem.

Alisson se despediu da mãe e nos acompanhou. Théo a deixou na clínica, pois ela ainda precisava continuar dormindo lá até segunda ordem. Apesar do grande avanço no seu estado de saúde, o médico achou por bem ela continuar lá, até ter uma melhora mais significativa, para não mexermos de vez com a rotina que ela mantinha há tanto tempo, pois isso poderia de alguma forma prejudicá-la. Mas acredito que agora que ela finalmente se abriu depois de tanto tempo, as coisas serão mais fáceis. Antes de entrar, Alisson se desculpou mais uma vez por tudo e

Théo garantiu que sabia que ela era inocente nessa história e que ela sim, o entregou quando nasceu pelo seu bem e que ao contrário de Edward, ela não foi sua mãe porque não pôde.

Merda! Do que essa mulher está se desculpando? Por ter sido essa guerreira?

Não consigo nem dimensionar em palavras tudo que ela viveu. Ela não foi apenas mantida em cativeiro. Não foi apenas abusada, violentada. Ela foi impedida de ser a mãe do seu filho e ainda mais... Foi impedida de viver.

Não sei se eu seria tão forte como ela foi e é!

No caminho até o hotel, eu permaneci calada, preocupada com tudo. Taddeo, Théo e Lourdes também permaneceram quietos. Acompanhei Lou até uma suíte ao lado da nossa, que Théo havia conseguido para que ela passasse a noite. Eu sabia que ela estava magoada e precisava desse tempo para ela, por isso permiti que ela viesse com a gente. Caso contrário, jamais permitiria que ela estivesse ali com um estágio avançado de gravidez como o dela. Pensei em ficar com ela, mas eu não seria a melhor companhia no momento, muito pelo contrário. E

também sabia que Théo precisava de mim, tanto quanto eu precisava dele. Pedi que ela me avisasse e me ligasse caso sentisse algo ou precisasse de qualquer coisa. Ela me abraçou forte e se despediu de mim.

Depois de um banho, deitei na cama querendo desesperadamente que o sono me atingisse. Eu sabia que depois do dia que eu tive, eu precisava mais do que nunca dormir, descansar, pelo meu bem estar e dos bebês, mas ao invés de dormir, tudo que eu consegui foi ficar rolando na cama, tentando pregar o olho, até o dia amanhecer.

Sei que com Théo foi da mesma maneira, mas ele permaneceu quieto, sem dizer uma palavra. Cada um de nós perdidos em nossas dores e mágoas, pensando em tudo o que ouvimos. Acho que fizemos um voto silencioso de consentimento mútuo, que nos daríamos esse tempo para digerir tudo que foi dito. Parecia que carregávamos o peso do mundo em nossas costas e até respirar parecia ser difícil. Eu achei que depois que finalmente soubéssemos de toda a verdade, de alguma forma nos faria sentir melhor. Mas pelo visto eu estava enganada. Nada melhorava aquilo que eu sentia, muito pelo contrário, a

dor só parecia se alastrar e tomar cada vez mais conta de mim.

Mas a verdade é que eu queria tanto poder fingir que tudo isso não era verdade, que minha vida ainda era um “quase” conto de fadas, mas eu não conseguia. A verdade estava aí, dando na minha cara sobre tudo. Quando o dia finalmente terminou de nascer, fiz uma promessa de que eu iria ignorar o que me faz mal e viveria apenas pensando na felicidade dos meus filhos.

Capítulo 38

Steph

Os dias foram se passando e se eu cheguei a pensar por algum momento que as coisas seriam mais fáceis ou que seria simples ignorar a todos, eu estava completamente errada. A dor da mágoa, da traição, ainda eram persistentes, incômodas, ainda eram amargas. Eu sentia saudades e confesso que tinham horas em que queria deixar meu orgulho de lado, mas não me permitia fazer isso, pois havia perdoado mentiras e omissões demais durante muito tempo. Por mais que de certa forma suas intenções eram ditas como boas e mesmo que não tenham nos prejudicado de forma direta, ainda assim nós merecíamos que o jogo tivesse sido aberto para nós mais cedo. Merecíamos ter o direito de escolher o que queríamos e faríamos com nossas vidas e não sermos usados como meros peões em seus jogos. Essa para mim

era a pior de todas as mágoas, não nos foi dado o direito de escolha.

Ainda era estranho pensar que Théo era filho do meu pai, que na verdade não era meu pai e sim meu tio, que nem meu tio de sangue mesmo era, mas agora também era meu cunhado e sogro. Minha mãe nunca foi minha mãe e a minha mãe de verdade, esteve sempre ali ao meu lado e não morta como eu acreditava. Meu pai na verdade era seu pai e não seu sogro. A mãe de Théo era aquela que ele considerava sua tia. É... Confuso demais montar uma árvore genealógica. Quando eu e Théo brincávamos dizendo que a história de nossa família mais parecia uma novela mexicana, não tínhamos nem noção da gravidade real a história. Novela mexicana perdia feio.

Lourdes também estava tão chocada quanto eu. Minha irmã ainda estava chateada com Edward e com nossa mãe. Tentei conversar com ela sobre isso, interceder de alguma maneira, até porque por mais que eu não estivesse defendendo-os pelos seus atos, ela estava grávida e prestes a dar a luz para meu sobrinho-irmão-cunhado. É... Isso fica cada vez mais louco !Enfim, ela precisava da

família ao seu lado e eu não queria tirar isso de ninguém. Principalmente nesse momento.

De volta para casa, eu e Théo nos mudamos para mansão dos Valentino, conforme havíamos combinado antes do casamento. A casa era enorme e segura, agora com a gravidez acho que a mudança veio a calhar. Mesmo que tivesse uma manutenção frequente do local, decidimos fazer uma pequena reforma para colocar um toque mais pessoal, motivo pelo qual nós não havíamos nos mudado antes, pois a casa só havia ficado pronta alguns dias depois que nos casamos.

Eu estava organizando um leilão beneficente em prol das minhas crianças do hospital e do orfanato. Depois da exposição a que fui dos objetos que pertenciam à família real britânica, decidi que faria algo em relação a algumas coisas que eu tinha entocadas no meu closet. O que eram roupas usadas, outras até fora de moda e joias antigas, em comparação com o que poderíamos fazer por elas? Nada, né ?Essas coisas fúteis se tornam pequenas demais comparadas à saúde e o bem estar delas que era realmente importante.

Com a gravidez, resolvi organizar não apenas esse evento para ontem, mas também basicamente toda minha agenda. Além de eu estar com o maldito descolamento ovular, não que isso fosse realmente uma doença ,mas estava grávida de gêmeos e todo cuidado era pouco para o crescimento sadio dos meus pimpolhos. Então Théo e eu organizamos nossos compromissos para que fizéssemos tudo até o sexto mês de gestação, para podermos ter a chance de curtirmos a gravidez e o nascimento dos bebês com tranquilidade.

Já haviam se passado quase três semanas do fatídico Dia da Verdade ,como eu carinhosamente apelidei. Alguns dias antes do evento, estava ansiosa e estupidamente estressada. Vai entender esses meus picos de humor. Mas sabia que meu estresse tinha motivo: falta de sexo!

E quem nunca sofreu por isso que atire a primeira pedra!

Entendam. Eu tenho minhas necessidades. Minha libido normalmente já é elevada ao extremo, agora com os hormônios de uma gravidez de gêmeos, Théo dizia que eu estava com minha libido elevada à quinta potência.

Juntamente com o fato de você ter um homem estupidamente delicioso, com um corpo feito para pecar e um pau que te fez cair de quatro –Literalmente. – Era de pirar o cabeçaão!

É ,definitivamente não estava fácil para minha pessoa. E quem disse que meu digníssimo marido estava facilitando para mim está completamente errado!

A verdade era que Théo estava sendo incompreensivo com as minhas necessidades. Se negava tocar em mim, enquanto o médico não liberasse e acho que não me deixava fazer o mesmo em solidariedade a mim. Mas eu não queria que ele fosse solidário, queria era matar minha sede dele mesmo! Será que era tão difícil assim de entender? Daqui a pouco tá comendo na rua, porque não tem comida em casa...

Hahahahaha A quem eu quero enganar? Ele jamais trocaria tudo isso que ele tem em casa, por coisa meia boca na rua!

Enfim... Já se sabe que eu não sou santa e muito menos uma pessoa fácil. Só que quando tento avançar o sinal, sou frustrantemente barrada pelo meu marido. Como Théo

safado daquele jeito consegue se segurar e se manter controlado eu não sei. Afinal de contas, ele bem conhece o talento que eu tenho com as mãos e boca. E não ,isso não é convencimento ,é apenas um fato consumado.

Meus planos com camisolas e lingerie sexy, não têm sido muito bem sucedidos. Antes eu achava patética aquela cena do Crepúsculo em que Bella tenta seduzir Edward na lua de mel. Eu sempre pensava :Lógico que ele não te dá atenção! Vê se te enxerga sua songa-monga! Quem vai querer um ser sem sal e sem graça desse jeito? Mas bem, no“ dos ”outros é refresco, porque eu estou sentindo isso na pele e sabemos que eu sou temperada e gostosa até demais. Então ainda dói mais, porque eu sei que ele me quer, mas está sendo o forte na situação. Mas acho que alguém tem quer ser o sensato na relação, né ?E esse alguém infelizmente é meu marido, porque eu literalmente me rendi e abaixei a calcinha no segundo dia. Até me masturbar embaixo do edredom eu já fiz para pirraçá-lo e nem isso adiantou. Gozei, mas depois de Théo, gozar sem que seja pelas suas mãos, boca ou pau, não é a mesma coisa. Antes eu pensava que qualquer

homem era homem e que até um pau de borracha resolveria meus problemas, mas então eu conheci Théo e Alexandre. Os dois mudaram todos os meus conceitos relacionados a sexo e ficar sem, é algo melhor denominado como tortura. Quando a gente conhece o que é realmente bom, os outros sempre serão os outros.

Aprendam uma coisa: Um dos segredos do casamento é a mentira estratégica. Eu deveria dizer que invejo esse autocontrole dele, mas estaria mentindo, porque eu quero mais é que o controle se exploda, eu preciso que ele me faça gozar! Simples assim.

Então é pensando exatamente nisso que eu uso minhas cartas.

— Você pode fechar o zíper para mim, amor? Não consigo fechar — pergunto fazendo-me de inocente e vejo Théo engolindo em seco, ao olhar para minha pele nua.

Bingo! Ponto para mim! Agora vai...

Sem dizer uma palavra, Théo desliza sua mão pela pele das minhas costas, arrepiando-me por inteira. Delicadamente fecha o zíper do meu vestido. Sua respiração quente em minha pele, provoca-me sensações

que apenas ele é capaz de causar. Fiquei na expectativa do próximo passo, mas tão rápido quanto me provocou, Théo se afastou.

Ah filho da puta!

— Er... Estou te esperando na sala. — Rapidamente disse, antes de fugir do quarto.

— Theodore Caravaggio, você não perde por esperar! — Prometo em voz alta, mas a minha vontade mesmo é de gritar.



Depois de alguns minutos, estamos entrando de mãos dadas no Restaurante de Victor. Meu mau humor que já estava péssimo quando acordei, piorou ainda mais quando saltamos do carro e uma vagabunda ficou comendo meu marido com os olhos. Tive que perguntar a ela se por um acaso ela não tinha vergonha na cara, porque pelo visto, fogo no rabo e descaração tinha demais. Chegamos até a mesa em que nossos amigos estavam e conversavam animadamente.

— Os pombinhos finalmente chegaram! — Taddeo

gracejou.

— Boa tarde! — Lou disse e eu dei um beijo em seu rosto, ao mesmo tempo em que passava a mão na sua barriga.

— Boa tarde! — Igor repetiu.

— Boa tarde só se for para vocês que transam! Não é porque eu acordei onze da manhã que estaria de bom humor... — resmunguei fazendo-os rir.

É isso aí .Digo mesmo. Sofro de um probleminha chamado :“não sei disfarçar cara de cu quando algo está me incomodando!” E nesse momento a minha vontade de dar está me incomodando a níveis astronômicos!

— Stephanie! — Théo me repreendeu e eu o ignorei, para não fazer besteira.

É normal sentir raiva da pessoa e ao mesmo tempo querer dar uns pegas nela? Bem.. Não sei nos outros, mas no meu caso é!

— Disso eu realmente não posso reclamar — Taddeo disse.

— Nem eu. — Igor rapidamente completa.

— Calem a boca, seus imbecis! Estou ficando louca!

Preciso transar! — Resmungo antes de me virar para Théo

— E se eu estou assim é tudo por sua causa! — Acusei-o.

— Eu? Não fiz nada! — Rapidamente se defendeu.

— É exatamente aí é que mora o problema. Você não está fazendo nada. N.a.d.a. — Falei puta vida e meu cunhado e Igor riram do meu desespero.

— Ai. — Lourdes gemeu e nós olhamos diretamente para ela e fomos logo ao seu socorro.

— Está tudo bem? Sentiu alguma coisa? A bolsa estourou? — perguntei rapidamente.

— Não. Não. Está tudo bem. Foi só uma pontada. Andrew que parece estar fazendo minha barriga de bola. — Nos acalmou.

— Porque eu vou ser um jogador, né, Andrew lindo da tia? — perguntei acariciando sua barriga com carinho.

— Stephanie, como andam mesmo suas oscilações de humor? — Igor perguntou com um sorriso irritante.

— Oscilações? Não entendi. Continuo super normal — respondi.

— Oh claro! Como se você fosse normal. — Estreitei meus olhos para ele.

— Você é bipolar, cunhada — Taddeo gracejou.

— Eu não sou bipolar, o motivo da minha mudança de humor, são as pessoas — me defendi.

— Não? Ontem à noite, depois de me tacar um prato, porque eu peguei um tomate cereja do seu prato, você chorou por causa de uma propaganda do refrigerante! — Théo me acusou e eu abri a boca chocada.

— Ohhhhh... Como não? Primeiro eu fiquei irritada porque você comeu meu último tomatinho e não se faz isso com uma grávida. Depois foi emocionante a cena daquele rapaz chegando cansado do treino, abrindo a geladeira e pegando uma garrafa de refrigerante gelado — comentei fungando, voltando a me emocionar.

— Não acredito! — Taddeo falou antes de rir.

— Mentira que ela chorou por isso! — Igor não se aguentou gargalhando e até Lourdes ria.

— O que? O que há de tão engraçado nisso? — Perguntei irritada por eles não entenderem o quanto aquela cena foi linda.

É ...Acho que ele tem razão .Estou tão sensível ultimamente, que me sinto um clitóris gigante...



Fizemos nosso pedido e ficamos conversando. Como eu e Théo não compactuamos com mentiras, resolvemos contar toda a verdade para Igor assim que chegamos à Campavia. Ele obviamente ficou chocado com tudo, porque ele tem esse jeitão dele de ser, de querer mostrar que ele é o foda, mas Igor tem um coração enorme. Coração qual me recebeu de braços abertos, ao descobrir que fazemos parte da mesma família. Rapidamente quis dar entrada para repartilha da herança dos bens da família, mas eu fui clara com ele que independentemente de termos laços sanguíneos, eu não queria nada que um dia pertenceu àquele monstro que fez tão mal a todos.

A surpresa maior para mim não foi a reação de Igor em relação ao passado da família Carrara, ou o quão bem ele me recebeu - Apesar do porre épico que ele teve naquele dia! - Mas sim o fato de eu me dar conta que não apenas dele eu era prima, mas eu também era prima de Eva. É, o destino tava de sacanagem comigo! Mas ao contrário de Igor, que com a notícia sobre isso fez apenas nossos laços se estreitarem, eu não posso dizer que será da mesma

forma com ela. Vejam bem, por mais que eu diga que Eva me pareceu sincera ao levar para mim a conversa gravada de Théo e Taddeo, isso não quer dizer que vou ignorar tudo que ela já fez e que de agora em diante seremos melhores amigas, além de primas. Não, longe de mim. Sou uma pessoa que não costuma guardar realmente rancor, mas também não sou nenhuma idiota. Continuo achando que cada um no seu quadrado é o melhor para todos. O que também fez com que eu decidisse que não queria que ninguém além de Igor soubesse sobre isso. Nele eu confio, já no resto... Bem... Quem sabe? Prefiro ficar na minha!

— Bella ligou para mamãe mais cedo, ela vem no final de semana com Victor. — Taddeo disse dando um olhar enigmático para Théo, ganhando imediatamente a atenção de Igor.

— Não me olhe assim. — Théo tratou de dizer, mas também não pareceu muito satisfeito.

— Claro que olho. Ele é seu amigo e estamos falando da nossa princesinha. Não vou deixar um idiota qualquer ficar farejando ao redor da minha irmã. — Taddeo disse irritado e não me passou despercebido o fato de Igor

engolir em seco e baixar o olhar.

Opa... Perdi algo aqui?

— Também não estou gostando muito da aproximação desses dois. Terei uma conversa séria com Victor enquanto ele estiver aqui. — Théo prosseguiu, com o semblante sério.

— Sabe o que eu acho? Que vocês se esquecem que Bella não é mais criança. Vocês têm que se contentar com o fato que a menininha de vocês cresceu. Pelo amor de Deus! — Falei impaciente e Lourdes concordou.

— Concordo. Victor é um cara ótimo e vocês o conhecem. Mas independentemente deles se relacionaram ou não, vocês têm que se lembrar não apenas que Bella cresceu, mas que ela também é uma mulher inteligente e sensata, ela não se envolveria com um qualquer. — Lourdes complementou e agora foi a minha vez de concordar.

— Vocês dizem isso porque não é a irmã de vocês. — Taddeo disse irritado.

— Não, eu digo isso porque sou mulher e Bella precisa ter a chance de viver experiências na vida dela. Deixem o

machismo de lado e deixem-na ser feliz. Ela pegar Victor, ou qualquer outro cara, não vai torná-la uma pessoa diferente.

— Não quero você dando essas ideias para minha irmã, Stephanie. Anabella é uma menina estudiosa, centrada e o melhor de tudo: virgem. — Théo disse fazendo Igor se engasgar.

Hum? O que foi isso mesmo?

— E por mim ela continuará assim por um bom tempo. — Taddeo disse carrancudo.

— Você está bem? — Lou perguntou a Igor, que ainda tinha um crise de tosse, mas me olhou com uma pergunta em seus olhos. Acho que nós duas pensamos a mesma coisa.

Será que Bella estava omitindo alguma informação da gente?

— Por mim ela pode sossegar a periquita e se formar. Não quero que ela se aventure nessa vida como uma v... —

— Como uma o que? — Perguntei com os olhos estreitos.

— Como... Vocês entenderam! — Théo disse nervoso.

— Só acho que Victor não é o homem certo para Anabella. — Igor teve a audácia de dizer.

— Ah não? Por que você acha isso? — Perguntei, mas a minha vontade mesmo era de perguntar: O homem certo para Bella por um acaso é você?

— Er... Er.. Bem... Victor não tem relacionamentos. Ele gosta de se divertir. — explicou nervoso e eu dei um sorriso de quem sabia das coisas.

E eu sabia mesmo!

— Entendam uma coisa, homens. — Disse apontando para os três machistas da mesa. — Nós mulheres, também podemos querer vocês só por diversão. Ou porque estamos sem fazer nada ou até porque estamos carentes. Direitos iguais, queridos. — Falei sem dar brechas para contestação.

Toma priminho!

Sempre fui daquelas que buscava o que eu queria, por esse motivo não admito que as pessoas ajam de forma contrária. Eu não gosto de cobrar atitudes de ninguém, ou a pessoa tem ou ela não tem. E sinceramente, quando a pessoa quer mesmo, ela faz. Quando os dois realmente

querem, não tem puta, pais revoltados, religião, amigo paga pau, distância e o caralho a quatro que o impeça. O amor é mais forte do que qualquer coisa. Fim de papo. E Igor está me irritando com esse “não fode, mas também não sai de cima” dele. Ou ele age como um homem e toma uma atitude para assumir o que sente por Bella, ou a deixa ser feliz como e com quem ela bem entender.

— Minha irmã não vai sair se divertindo com qualquer um! — Taddeo disse bufando de raiva.

— Concordo. — Théo reinterou.

— Meu Deus! Como vocês são ridículos! Você trepava. — Apontei para Théo. — E você ainda trepa com tudo que anda. Por que Bella não pode fazer o mesmo? — Perguntei, mas a minha vontade foi de dar na cara deles. Antes que eles pudessem responder, Théo me pegou de surpresa e me beijou, fazendo com que eles rissem na mesa e eu esqueci completamente o que eu estava falando.

Sua boca capturou a minha de uma forma enlouquecedora. Sua língua acariciou minha boca, brincando com minha língua de uma forma confiante e exigente, que me deixou em suas mãos. A dor entre o meio

das minhas pernas se intensificou a tal ponto, que se tornou um pulsar exigente. Pedindo mais. Mas logo ele se afastava e me dava um sorrisinho sacana. Olhei ao redor e passado o momento de tensão sobre Bella, os três já haviam engatado uma conversa animada, como se nós não tivéssemos quase trepado ali na mesa.

— Você realmente tem que parar de fazer isso! — Protestei baixinho.

Desde que eu descobri que estava grávida, Théo estava com a mania de me agarrar quando começávamos a brigar. Apesar sua intenção ser boa, na verdade ótima, para que eu não me estressasse, ele me desconcentra e me distrai e eu odeio isso. Principalmente porque sei que não vamos terminar o que começamos.

— Beijar você? Pensou na sobremesa, amor? — Perguntou, desconversando e segurando o riso.

Olhem para ele, meu marido está tentando me recompensar com beijo, comida e covinhas. Ele não joga limpo!

— Não, me interromper. — Falei irritada.

— Me desculpe, mas eu não consegui evitar. Além da

sua boca ser muito gostosa, às vezes você fala demais, amor. — Respondeu petulante.

Filho da mãe! Posso dar na cara dele e depois praticar o outro sentido do verbo dar?

— Vou te mostrar quem é que fala demais! — Falei puta da vida.

— Vou fazer melhor. Mais tarde vou calar sua boca de outro jeito.

Oh homem! Se era como eu estava pensando, então tá! Esperarei. Bem quietinha.

Ainda bem que ninguém pode ler a minha mente. Porque um só beijo e suas promessas para mais tarde já fizeram minha mente viajar e imaginar mil coisas que eu quero fazer. Não sou cineasta, mas faço cada filme na minha cabeça que olha...



— Como assim uma parte da produção foi comprometida? — Taddeo berrou com alguém do outro lado da linha, quando terminávamos nosso almoço. — Nós temos um padrão de qualidade de mais de duzentos anos,

não é à toa! Nosso controle de qualidade é rigoroso. Isso começa desde a preparação da terra, plantação, até a colheita, separação, armazenamento e transporte. Não há espaços para erros no que diz respeito à produção dos Caravaggio! — Retorquiu e ouviu algo que alguém disse do outro lado da linha, que fez com que ele olhasse para Igor.

— O que foi? — Esse balbuciou.

— Ok. Vou agora mesmo conferir isso pessoalmente. — Taddeo voltou a dizer antes de desligar e suspirar forte.

— Que houve merda eu já sei. Só quero saber o que houve. — Théo falou.

— Aparentemente uma grande parte da produção das uvas que compramos do vinhedo dos Carrara avinagrou.

Hum? O que é isso mesmo?

— Droga! Isso representa quanto em porcentagem? — Théo perguntou, enquanto Igor parecia preocupado.

— Você sabe que com essa terceirização que fizemos, intercalamos a produção de vinhos. E as uvas dos Carrara são de uma espécie diferente das nossas. Então eu diria que 80%. — Explicou e ainda assim eu não entendi porra

nenhuma.

— Mas como? Você mesmo havia me passado que foi feito o teste antes da produção e que o material não estava fermentado. Que estava tudo ok. — Igor disse, sem entender nada.

— E não estava. Eu mesmo chequei antes de vir. — Taddeo disse exasperado, antes de se levantar rapidamente. — Preciso ir ver o que a gente pode resolver.

— Calma, irmão. O que você está pensando em fazer? — Théo perguntou.

— Nós tínhamos uma encomenda para entregar daqui a algumas semanas. O jeito será comprar matéria prima de outros produtores. — Resmungou, antes de se despedir rapidamente e sair pela porta.

— A merda nisso tudo, é que nem posso ajudá-lo. Terceirizo essas questões justamente porque como enólogo, eu sou um ótimo médico. — Igor gracejou, quebrando um pouco a tensão que nos rodeava.

— Também não entendo. Taddeo sabe que só pode contar comigo na área administrativa. Na produção, não

sirvo para nada. — Théo disse parecendo preocupado.

— Nesse momento estou temporariamente impossibilitada, mas conte comigo para degustação. Beber é comigo mesmo! — Brinquei.

— Graças a Deus estou livre de problemas nesse setor nos próximos meses. — Théo agradeceu levantando as mãos para o céu e eu lhe dei um olhar furioso.

— Esses meses passarão rápido, meu amor. E depois disso, não se preocupe, vou recuperar o tempo perdido. — Disse com um sorriso nada inocente.

— Tenho pena de você, cunhado. — Lou disse rindo.

— Estou fodido! — Théo disse, fazendo todos rirem.



Saindo de lá, fomos até o Instituto Rainha Lavínia di Montalcino, que estávamos reformando e ampliando. O Instituto ficava um pouco longe da cidade, na área mais Rural da Campavia, onde ficavam a maioria das fazendas e plantações das famílias nobres campavianas. A área era enorme e com os nossos projetos, ela só tendia a aumentar. Lá seria não apenas o local de moradia das

crianças do orfanato, mas também um centro de recreação, estudo e aprendizado das crianças menos favorecidas da Campavia. Bem como também haveriam oficinas de especialização para os pais. Com cursos que iam desde culinária, costura à informática. Depois de nossas descobertas, resolvemos fazer um setor especializado para vítimas de abuso e violência doméstica. Não apenas porque minha sogra e minha avó sofreram desse mal, mas sim porque sabemos da importância de um local que lide com esse tipo de situação, pois infelizmente o número de casos de abusos sobem a cada ano e sabemos que um acontecimento desse tipo marca a vida de uma pessoa de tal forma, que ela precisa de ajuda para conseguir conviver com os demônios do seu passado.

Passamos uma tarde bem agradável com as crianças. Brincamos, vimos o ensaio da apresentação musical que elas fariam no evento. Também aproveitei para conferir as reformas que estavam sendo realizadas com o dinheiro que vínhamos arrecadando nos últimos meses e a outra ala que começaríamos a construir em breve, com o dinheiro que arrecadássemos com o leilão. Igor doou boa parte do

terreno que íamos utilizar. Ele também era responsável pela construção da pequena clínica que estávamos construindo ali para emergências, mas também para atendimento rotineiro das crianças e pais para não precisarem se locomover para o hospital na cidade. Todos os sábados ele também fazia atendimento médico das crianças, durante todo o dia. Ele normalmente almoçava aqui, com exceção de hoje que ele não havia vindo pela manhã.

Estávamos nos preparando para sair, quando notei que Lourdes não parecia muito bem. Eu me senti mais uma vez culpada, pois ela estava nas últimas semanas de gravidez, podendo dar a luz a qualquer momento e acabava permitindo que ela me acompanhasse para os meus afazeres, porque eu sabia que ela não queria ficar muito no castelo, por ainda estar magoada com seu marido e nossa mãe.

— Você não está bem! — Não foi uma pergunta e sim uma afirmação. Senti que ela ainda iria negar, então tratei de prosseguir. — Não tente mentir para mim! Estou vendo isso na sua cara! — Lourdes fez uma careta e suspirou.

— Não vou mentir. Estou bem, apenas estou com uma dor incômoda nas costas. Mas isso é normal nesse estágio da gravidez. Já vai passar. — tentou convencer a si mesma.

— Ok, mocinha! Acho que por hoje já chega. Vou pedir para Théo para te levarmos para casa. — Falei.

— Não precisa. Posso voltar no carro dos meus seguranças. — Tentou e eu logo neguei.

— Não mesmo! Iremos levá-la para o Castelo. Não é, amor? — Perguntei a Théo que estava chegando.

— Claro, amor. — Afirmou antes de se virar para ela e perguntar: — Mas você tem certeza de que está bem? Podemos levá-la ao hospital, se preferir. — Théo disse solícito.

— Não. Eu estou ótima. Só preciso de um banho e da minha cama. — afirmou, parecendo cada vez mais cansada.

— Tudo bem. Só vou avisar a Igor que já estamos indo, pois ele veio com a gente no mesmo carro e vai ter que dar um jeito de ir. Depois que falar com ele podemos ir. — Assentimos e Théo me deu um selinho antes de ir atrás do meu primo.

Minutos depois, meu marido retornou e com ele estava Igor, que nos explicou rapidamente que também precisava ir embora, pois haviam ligado do hospital avisando que houve um acidente com alguns carros na cidade e estavam precisando de alguns médicos para ajudarem na emergência. Isso era uma das coisas que eu mais admirava no meu primo: sua dedicação e entrega pela profissão. Mesmo que não seja sua real obrigação, ele sendo diretor do hospital. Muito pelo contrário, Igor faz muito mais do que a maioria das pessoas e profissionais médicos fazem. Além do apoio financeiro – que não é pouco - Igor faz questão não apenas de dirigir aquele hospital com competência, mas também participar efetivamente do que acontece ali. Sem sombra de dúvidas Igor é definitivamente a alma daquele hospital e eu me orgulho muito disso.



Seguidos pelo nosso comboio de seguranças – um carro à frente, mais dois atrás e duas motos fazendo escolta - pegamos a estrada em direção à cidade. Como o

Instituto ficava alguns quilômetros distante de Bellini, deixaríamos primeiramente Igor e posteriormente Lourdes no castelo, que ficava no extremo oposto da área que estávamos e tínhamos que obrigatoriamente passar pela cidade. Eu conversava com Lou no banco de trás, fazendo planos para a chegada dos nossos filhos, enquanto Théo e Igor tinham uma discussão acalorada sobre futebol nos bancos da frente. Não notei que Théo reduzia a velocidade até que ele indagou alto:

— O que diabos está acontecendo?

Olhei para frente e notei que o carro que fazia a escolta em nossa dianteira, estava parado, bem como as motos e um pouco mais adiante, havia uma barreira com outros três carros pretos, impedindo a passagem.

Que porra era essa?

— O que aconteceu? Por que estamos parados, Carl? — Théo perguntou a Timão, no viva-voz do telefone.

— Vossa alteza, temo dizer que estamos cercados. — Sua voz soou no viva-voz.

— Puta que pariu! — disse ao mesmo tempo em que Lou disse:

— Ai meu Deus! — e Igor:

— Merda fodida!

Meu coração parece que vai parar em minha boca, batendo, e minha garganta se contrai com o pânico do que possa vir a acontecer.

Como assim? Cercados por quem?

— Como assim cercados? Vocês não confirmaram que nosso perímetro estava seguro nesse caralho? — Théobradou impaciente.

— Sim, senhor! Porém as informações que nos passaram estavam erradas. — Timão falou sem jeito.

— Caralho! Era só o que me faltava! Agora temos uma falha na nossa segurança! Algum traidor de merda! — Meu marido disse exasperado.

— Infelizmente sim, alteza. — Timão confirmou.

— Quero a cabeça desse ser infeliz, entendeu, Carl? — Bradou e respirou fundo, passando as mãos no cabelo em um gesto nervoso. — Chame o reforço aéreo. Qual a situação aí atrás?

— Apenas um carro, senhor! — Respondeu rapidamente.

— Ótimo. Você sabe o que fazer. Atire, exploda, o que

for... Não vou deixar minha mulher grávida e a Rainha prestes a dar à luz, no meio dessa zona de fogo. — Ordenou com a voz fria.

— Entendido, alteza. Criando uma distração em um minuto. Darei o sinal.

— No aguardo. — Théo disse, antes de desativar a ligação no painel do carro. — Igor, assuma o volante. Você sabe o que fazer. — Igor assentiu, antes de trocar de lugar com Théo.

Hum? Eu não estava entendendo mais nada!

— O que você vai fazer, Théo? — Pergunto nervosa, sem entender nada do que ele quer dizer, o pânico cada vez maior me atingindo.

— Proteger a minha vida. Ou seja, quem eu amo. — Afirmou, antes de tirar uma maleta embaixo do tapete e dentro dela, havia um colete à prova de balas e alguns revólveres, que ele logo escolheu um e tratou de engatilhar.

Que porra era essa? De onde surgiu isso? Desde quando Théo tem uma arma?

— Onde diabos você conseguiu isso?

— Amor, não é hora para perguntas difíceis. — Respondeu simplesmente.

— Como não, porra?! Estamos cercados provavelmente por um maníaco que persegue nossa família e meu marido simplesmente tira um arsenal de armas de um compartimento secreto no carro. Como assim você não quer que eu pergunte?! — Indaguei furiosa.

— Ok. Vou fazer um resumo rápido. A verdade é que eu e Igor fizemos um treinamento pesado de defesa pessoal e armamentos, desde os tempos em que morávamos em Londres. — Fala calmamente, enquanto veste o colete. — Não é todo dia que digo que estou indo para academia, que realmente estou fazendo isso. Pelo menos uma vez na semana, eu e Igor treinamos com um especialista. Quanto as armas... Depois de tanta ameaça e de tudo que nossa família passou, você não seria ingênua de achar que eu realmente andaria desarmado, não é? Para falar a verdade, nunca andei. — Explicou e apesar da raiva que eu senti, olhei para Lourdes apreensiva.

— Estamos cercados. — Lou pareceu realmente se dar conta do perigo que nos rodeava.

— Coloquem os cintos. — Igor ordenou, ao mesmo tempo em que ele e Théo fizeram. Não me fiz de rogada e logo eu e Lourdes tratamos de seguir a ordem.

— Não se preocupem. Vamos sair daqui. — Théo afirmou com uma certeza que me deixou um pouco mais calma, antes de entregar uma outra arma para Igor.

— Mas como? — Perguntei ainda em pânico.

— Caranguejo. — Igor disse simplesmente, no momento em que Carl deu um sinal de luz, que refletiu no retrovisor.

Oi?

— O caranguejo é um dos bichos mais inteligentes e perspicazes que existe. Porque eles não andam apenas para frente, para os lados, mas também para trás.

— Agora, porra! — Théo gritou a ordem e no mesmo instante Igor deu ré, pisando fundo no acelerador.

Seguimos com Igor dirigindo de ré em direção ao carro que fazia a nossa segurança, mas o carro logo recuou para o lado, saindo do nosso caminho e o outro seguiu na direção oposta, indo em direção à barreira da frente. O carro de segurança logo tratou de atirar, alvejando o carro

preto, que fazia a barreira para que não seguissemos de volta pela pista de onde viemos.

— Esses porras vieram preparados! — Igor disse a Théo, que nada falou, apenas assentiu.

Ele estava certo, pois apesar da enorme quantidade de tiros, o veículo estranho pareceu não se abalar. Ainda de ré, Igor jogou o carro no acostamento da pista, abrindo caminho para que nós passássemos. Logo em seguida deu um cavalo de pau, seguindo agora com o carro em alta velocidade. Foi nesse exato momento, que ouvimos e sentimos o impacto do primeiro tiro. Eu e Lourdes nos abraçamos e gritamos, porque numa situação tensa como essa, a gente acaba esquecendo que o carro é blindado e isso não parece ser tão relevante no momento. Eu pensei por um momento que não pudesse ficar mais assustada, mas eu me enganei, porque definitivamente eu não estava preparada para cena que eu vi a seguir: Théo se debruçando na janela, atirando no carro que nos seguia.

Jesus amado! Vou ficar viúva antes de poder dar de novo!

— Theodore Caravaggio, eu juro que se você morrer,

eu te mato! — Gritei com o coração na boca e ainda ouvi o desgraçado rindo.

— Não se preocupe, amor. — Disse voltando para o banco do passageiro, recarregando sua arma. — Para você me matar, só se for de prazer. — Afirmou com um sorriso safado no rosto, antes de voltar a sua posição e atirar no carro que apesar de já estar todo furado, ainda nos seguia.

Filho da puta!

— Qual a situação? — Igor perguntou, ativando o viva voz no carro.

— Os três carros que estava na frente já foram pegos, senhor. Um dos seguranças que fazia a ronda foi atingido, mas foi apenas de raspão. — Timão fala, no exato momento em que Théo volta a se sentar.

— E por que porra esse puto ainda está atrás de nós? Colado na traseira do meu carro? Nem minha mulher fica atrás do meu traseiro, quanto mais macho. Resolva logo esse caralho, Carl, porque você já viu que até as rodas dele são a prova de bala e com as armas que tenho aqui, não estou fazendo nem cosquinha nesses filhos da puta. Lembre-se de deixar minha bazuca no meu carro de agora

em diante.

Uou... É muito fora de hora para que eu me sinta excitada? Porque sério. Estou tendo um dilúvio nos meus países baixos... Oh carência! Posso dar pelo amor de Deus para o meu 0069, um orgasmo antes de morrer?

— Estamos nos aproximando do veículo, alteza. Uma moto também está chegando.

— Amor... Você tem uma bazuca? — Tive que perguntar, foi mais forte do que eu, mas mal pude reconhecer minha voz.

Théo olhou para trás e o olhar predador, acompanhado com aquele sorriso safado de quem queria aprontar, me fez perder o resto de ar que ainda tinha em meus pulmões. E ainda por cima conseguiu deixar minha calcinha, que já estava em uma situação crepitante, completamente destruída.

Deus do céu! Eu preciso dar para esse homem!

— Vou te mostrar minha bazuca mais tarde. — Disse com a voz cheia de promessas, deixando-me uma massa trêmula no banco e voltou a janela para atirar no carro que nos seguia.

Ai, Jesus! Aqui jaz Stephanne, morta de tanta excitação!

— Vocês deveriam parar de falar essas coisas, estou ficando excitado e não sei se isso é uma boa ideia no momento. — Igor disse e eu revirei os olhos, porque era a única coisa que eu conseguia fazer com que meu cérebro obedecesse.

— Estou ficando seriamente enjoada com essa conversa de vocês. — Lourdes afirmou torcendo a boca.

— Ei. Eu estou bem quietinha no meu lugar. Culpem Théo. — Prontamente me defendi.

— Pisa na porra do acelerador, Igor. Ele está encostando. Isso é um A8, não é um carro 1.0, seu idiota! E não vem me dizer que você fica excitado com a minha bazuca, porque isso não é legal. — Théo resmungou, voltando a se sentar.

Olhei para trás e realmente vi que o carro preto de aproximava. A sorte é que por estarmos distante da cidade, a estrada é bastante calma e por esse motivo Igor pode andar em alta velocidade em uma fração de segundos. E é exatamente isso que ele faz. Seu pé parece

ter afundado no acelerador, porque logo estamos voando na pista. Mas com o coração na boca, constato que infelizmente o carro também não demora a nos alcançar.

— Merda! — Igor disse um segundo antes de sentirmos o impacto.

Puta merda! Meu coração saltou mais uma vez para minha boca.

— Théo! — Gritei assustada.

— Se segura, amor. Igor vai tirar a gente daqui. — Théo garantiu e eu abracei Lourdes ainda mais.

O carro tentava nos atingir, mas Igor conseguia desviar com Théo latindo ordens no seu pé de ouvido. Tentei não pensar no pior, mas eu só conseguia pensar que há anos atrás, uma emboscada exatamente assim, matou meu pai e Cibelle, além de ter deixado Alisson ferida. Arfei de medo. Foi inevitável não ver a minha vida passando diante dos meus olhos. Mas eu não aceitava que saíssemos machucados dessa maneira. Não queria que uma nova tragédia assolasse nossa família e muita menos que alguma coisa acontecesse com qualquer um de nós.

Achei que a situação não poderia piorar, mas eu estava

enganada, porque logo ouvi um grito de dor de Lourdes. Todos nós ficamos assustados e olhamos diretamente para ela que ofegava, enquanto segurava sua barriga.

— O que houve? — Eu mal terminei de perguntar e logo vimos um líquido escorrendo em suas pernas.

Ai meu Jesus!

— Não me diga que é isso que eu tô pensando... — Théo começou ficando pálido.

— Aiiiii... — Lourdes gemeu novamente, suor escorrendo pelo seu rosto. — Gente, eu não sei se é uma boa hora de dizer isso, mas acho que ele está nascendo! — Falou ofegante.

Putá merda! E agora?

Estávamos longe do hospital e no meio de uma perseguição, era meio que inviável que conseguíssemos chegar a tempo.

— Igor, o que eu faço? — Perguntei desesperada, vendo-a respirar forte e fazer força.

— Lourdes, se acalme. Respire fundo. Coloque-a deitada no banco, Steph. Depois tire a calcinha dela. Vou dar um jeito de tirar esse babaca do nosso caminho de

vez. — Afirmou, olhando-nos pelo retrovisor.

Enquanto eu dava um jeito de acomodá-la melhor no banco, sem ter que tirar seu cinto para que ela não se machucasse caso sofrêssemos um novo impacto, parei para tentar entender o que Igor queria que eu fizesse.

— Stephanie, você já tirou a calcinha dela? — Igor voltou a perguntar e eu rapidamente fiz.

— Sim. — Respondi, ao mesmo tempo em que Lourdes dava um gemido alto e levava sua mão a boca, mordendo-a.

— Muito bem... Agora olhe por baixo e veja como está a situação.

Oi?

— Er... O que você quer dizer com...

— Olhe se já está nascendo, Stephanie! — Bradou e eu olhei para todos os lados ainda confusa.

Não... Não...

— Eu não vou olhar para periquita da minha irmã! Igor, eu não gosto de olhar nem para minha, quanto mais para dos outros. — Falei torcendo meu nariz horrorizada.

— Stephanie, porra! Todo mundo sabe o que você

gosta. Não estou pedindo para você cair de boca. Faça logo isso! Preciso ter noção de como a situação está, para que a gente veja o que temos que fazer. Então trate de olhar logo! — Ralhou e eu revirei os olhos, antes de levantar o vestido.

Putá que pariu!

— Ai meu Deus! Igor, porra! Está nascendo! — Gritei desesperada, sem saber o que fazer, porque assim que eu pus os olhos lá embaixo, a primeira coisa que eu vi foram os cabelinhos do meu sobrinho já aparecendo.

— Porra! — Igor berrou, batendo no volante. — Se segurem!

O carro mais uma vez veio para cima de nós e Igor ao invés de desviar, jogou o carro para cima deles e por não esperarem o ataque, acabaram perdendo o controle. O carro capotou duas vezes antes de cair em uma vala. Igor endireitou a direção, jogando o carro para o acostamento, antes de frear o carro de uma vez, jogando nosso corpo para frente, mas como estávamos presos no cinto foi apenas o movimento brusco.

Igor desligou o carro, abrindo logo a porta do

motorista e saindo, antes de dar a volta e abrir a porta do passageiro onde eu estava. Levanto, dando espaço para ele, que logo levanta o vestido de Lourdes. Não tive coragem de olhar novamente, mas pela reação de Igor, acho que não demoraria para Andrew vir ao mundo. Théo saltou do carro e berrava ordens no celular, antes de vir até o meu encontro, me abraçando forte e me dar um beijo de tirar o fôlego. Não demorou muito para que a moto e outro carro que faziam nossa segurança nos alcançasse e fossem até onde o carro que nos seguia havia caído.

— Você está bem? — Perguntou beijando minha testa, analisando-me por completo.

— Estou. — Na verdade eu estranhamente estava bem, tirando a minha preocupação do que aconteceria agora.

— Igor, o helicóptero está vindo. Vamos levar Lourdes para o hospital. — Théo avisou, depois de ter recebido a informação de Pumba.

— Hum... Temo dizer que não dará tempo. O bebê já está coroando, temos que fazer esse parto agora. Então preciso de ajuda aqui.

Fiquei sem saber o que fazer. Nunca na minha vida eu

imaginei que estaria em uma situação dessas. Na verdade estou mais apavorada nesse momento, do que os momentos anteriores em que estávamos com nossa vida em perigo. Vai entender.

— Vocês ouviram? Preciso de ajuda! — Igor novamente chamou nossa atenção.

— O que você precisa? — Théo perguntou parecendo mais nervoso do que queria parecer.

— Preciso de uma toalha limpa e algo para cortar o cordão. — disse e no mesmo momento Théo saiu para buscar um cobertor e a caixa de primeiros socorros que ele tinha na mala do carro. — Stephanne, preciso que você vá para o outro lado e por trás segure as pernas de Lourdes bem abertas, ajudando-a a não fechar. — Igor ordenou e eu logo rodeei o carro e abri a porta, antes de me posicionar atrás da minha irmã.

— Aqui. — Théo falou com os olhos fechados, enquanto entregava tudo que pediu para Igor.

— Alteza, o Rei está vindo. — Ouvi a voz de Timão dizendo para Théo, que depois de entregar o que foi pedido, ia em direção aos seguranças que resolviam

sobre nosso perseguidor.

— Tudo bem. Pronta? — Igor perguntou para uma Lou ofegante, que apenas assentiu. — Então vamos trazer esse menino ao mundo.

Lourdes não esperou ele terminar de falar e fez força. Apesar de não querer ver, pois para mim já tinha visto o suficiente para um dia, depois de olhar embaixo do seu vestido, acabei vendo que a cabecinha do bebê saiu toda. Igor rapidamente e com uma agilidade impressionante a pegou.

— Isso, Lou. Estamos quase lá. — Igor incentivou e eu já tinha lágrimas nos olhos.

Lourdes parecia estar acabada, mas ainda assim fez mais força. Mas tanta força, que as veias do seu pescoço e testa saltaram e pulsaram a olho nu. Apesar da força expressiva, ela travou os dentes, parecendo querer segurar o grito que ela queria dar. Eu mesma queria gritar, não sei como ela estava conseguindo se controlar. No exato momento em que ouvimos o barulho do helicóptero pousando, Lourdes pareceu ter um incentivo ainda maior, porque ela dessa vez gritou com a força que estava

fazendo.

— Mais uma vez, Lourdes... Só mais uma...

Senti um toque em meu ombro e olhei para trás para ver que era Edward que estava ali. Rapidamente saí, cedendo meu lugar a ele, pois eu sabia que ambos precisavam disso. Esse momento era deles. Foi inevitável não pensar no quanto esse momento era importante para ele, não apenas por estar ao lado da sua esposa, mas porque esse era um momento único, no qual ele não teve a chance de viver isso ao lado de Alisson, quando Théo nasceu. Edward disse alguma coisa para Lourdes, que acenou com a cabeça, antes de mais uma vez fazer força e no instante seguinte relaxar. Logo os gemidos de dor de Lou foram preenchidos pelo chorinho forte de Andrew.

Théo me abraçou, estávamos emocionados com a cena. Chorei baixinho com a emoção de saber que meu sobrinho tinha vindo ao mundo, com um pulmão poderoso. Edward cortou o cordão quando Igor ofereceu para que ele fizesse. Depois disso, Igor enrolou o bebê em uma manta que os paramédicos, que vieram no helicóptero lhe entregaram, antes de colocar Andrew nos braços de Lourdes, que

chorava emocionada. Era uma cena linda de se ver.

— Bem vindo ao mundo, meu pequeno Andrew. — Edward falou chorando, ao beijar a testa do seu filho e os lábios da minha irmã em seguida.

— Bem vindo, Andrew... — murmurei baixinho, com um sorriso enorme em meu rosto.



Após o nascimento do meu sobrinho, mesmo que Igor tivesse dito que estava tudo bem com ele, fomos todos para o hospital para examinarem os dois direitinho. Apesar do susto, graças a Deus estava tudo ótimo com eles. Mesmo tendo garantido a Théo que eu estava bem, ele insistiu para que um médico me examinasse e só sossegou depois que eu fiz isso. Henriquetta chegou morta de preocupação com nós duas e seus netos, mas rapidamente a acalmaram. Assim como eu fiz com Edward, eu fiz com ela, preferi permanecer distante, por mais que isso me doa e eu saiba que os magoe. Depois ainda ficamos um tempo babando o pequeno Andrew, que era uma coisa linda e tão gostoso, que dava vontade de

morder. Tinha os cabelinhos escuros e os olhos impressionantemente azuis, como os de Théo. Henriquetta disse que Andrew se parece muito com Théo quando era pequeno. Não é de se estranhar, afinal eles são irmãos.

Quando eram mais de nove da noite, finalmente demos o nosso dia por encerrado. Tantas perguntas rondavam minha cabeça. Sobre quem estava por trás desse atentado. Sobre Théo me esconder que ele era quase um agente secreto. Sobre o que descobriram a respeito das pessoas capturadas que estavam atrás de nós. Mas quando chegamos em casa, estávamos definitivamente exaustos e a última coisa que eu queria era pensar em todos esses problemas. Havia feito um lanche no hospital e não tinha fome. Estava louca por um banho, mas quando cheguei ao quarto para tirar minha roupa e me jogar embaixo de um chuveiro, não consegui abrir meu vestido.

— Você pode abrir o zíper para mim, amor? Não consigo abrir. — repeti quase o mesmo pedido de mais cedo, mas no caso eu realmente não estava conseguindo.

Théo riu baixinho, certamente acreditando que tenho segundas intenções. Na verdade até tenho, porque sempre

tenho não apenas segundas, mas também terceiras intenções. Só que nesse momento queria mais do que tudo era me livrar da minha roupa. Meu marido desliza a mão em minha pele, assim que abre o zíper do vestido, que nesse momento havia virado uma poça em meus pés. Logo sinto suas mãos sendo substituídas pelo toque dos seus lábios em minha pele, levando-me a ponto de ebulição. Arrepiada era pouco, meu corpo estava todo ouriçado, precisando e querendo desesperadamente muito mais do que apenas um toque. Era uma necessidade extrema de sentir suas mãos em mim, seus lábios em minha pele, seu corpo em mim. Tudo dele em mim. Chegava a ser desesperador a necessidade que eu tinha nesse momento. Era como se eu não o tivesse, não pudesse sobreviver.

— Tenho tantas saudades, amor. — Ele sussurrou em meu ouvido, mordendo meu lóbulo em seguida, fazendo-me gemer.

Ouvir sua voz rouca de desejo por mim, externando a mesma necessidade que eu sentia, fez um estrago ainda maior no meio das minhas pernas. Se minha calcinha se perdesse ali, não seria uma surpresa para mim de tão

molhada que eu estava. Estava cansada de esperar. Cansada de desejá-lo tanto quanto eu sabia que ele me desejava. Eu me sentia bem. Nossos filhos estavam bem. E por mais que nós dois não pudéssemos fazer sexo ainda, eu queria matar o desejo que eu tinha dele e provar que sua nobreza comigo poderia ser muito bem recompensada.

Virei de frente para ele e agarrei sua nuca, antes de tomar sua boca com um beijo. Sua língua encontrou a minha em uma dança erótica, que certamente era apenas um aperitivo do que estava por vir. Com sua ajuda, tirei sua camisa e fui descendo meus lábios pelo seu corpo. Beije seu peitoral e fui descendo pelo seu abdômen definido, enquanto com as mãos, eu tirava seu cinto e desabotoava sua calça. Abaixei-a até os tornozelos, descendo junto com a sua boxer. Seu maravilhoso pau saltou deliciosamente ereto e eu fiquei com tanta água na boca, que quase babei. Eu sei que aprontei muito nessa vida, mas acho que devo ter feito algo realmente bom para merecer tudo isso só para mim. Como uma pessoa pode ter um pau desse tamanho, grande, grosso, delicioso e ainda por cima lindo? Era algo que ninguém pode

explicar. Mas que me dá uma vontade louca de agradecer a Deus, dá. E foi exatamente isso que fiz.

— Obrigada, Deus!

— Pelo que? — Perguntou confuso.

— Por ter me agraciado com um pau magnífico desses!

— Falei o óbvio e ele desatou a rir.

Sua gargalhada morreu no exato momento em que eu deslizei minha mão na base do seu pau, antes de contornar a cabeça com a língua e abocanhá-lo até bater em minha garganta.

— Caralho, Stephanne! — Théo gemeu, escorando-se na parede da porta do banheiro.

Suas mãos firmaram em meu cabelo, mantendo-me em sua posse, porém ainda era eu quem comandava os movimentos. Ele me dava carta branca para que eu o enlouquecesse e eu sabia exatamente como fazê-lo. Olhando para ele com minha melhor cara de safada, diminuí o ritmo dos meus movimentos, alternando mão e boca, tirando seu pau de dentro da minha boca, provocando a cabeça rosada com minha língua, antes de deslizar a pelo seu comprimento, até chegar às suas bolas.

Ouvir seus gemidos de prazer e seus palavrões, me deixaram ainda mais excitada e necessitada por ele, fazendo-me chupá-lo com ainda mais vontade. Saber que eu poderia proporcionar esse prazer a ele, deixava-me com um tesão inexplicável.

Lambi e chupei suas bolas, voltando a deslizar minha língua de baixo para cima naquele pau magnífico. Théo se contorcia e gemia cada vez mais forte, aumentando o movimento dos seus quadris contra a minha boca. Eu sabia que ele estava cada vez mais perto e isso só foi confirmado com o que ele falou a seguir:

— Porra, amor! Assim eu não aguento! Eu disse que calaria sua boca mais tarde, mas desse jeito você acaba comigo! — Rugiu, sua voz mais parecida com um animal no cio, quando eu voltei a envolver seu pau com a minha boca, empurrando-o até o fundo, quase engasgando-me com aquilo tudo em minha boca.

Meu tesão chegou a tal ponto, que eu malmente havia percebido que eu estava me tocando com minha mão livre. Mas óbvio que ele reparou. Théo era muito observador, sempre ficava de olho nas minhas reações, nas reações

que meu corpo mostravam.

— Puta merda, amor! Você está se tocando! Que delícia, também quero! Quero sentir seu gosto. Me dê aqui seus dedos na minha boca, enquanto você me chupa.

Sua voz de comando e rouca de tesão, deixou-me ainda mais louca. Théo tinha um poder inexplicável em relação não apenas ao meu corpo, mas a mim. Logo me vi obedecendo, estendendo os dedos para ele chupar, que assim que provou meu gosto rosnou, enquanto eu ainda o chupava avidamente. Parecendo não se aguentar, Théo me levantou e segurando pela minha cintura, me levou até a cama.

— Vem comigo. Quero que você goze em minha boca, enquanto minha bazuca enche sua boca todinha de porra!
— Rosnou.

Sinceramente? Nesse momento ele poderia me chamar para ir para o Céu, a Lua ou para o Inferno, que eu iria para qualquer lugar!

Ele se deitou na cama, fazendo com que eu deitasse com meu corpo invertido em cima dele, nos colocando na posição meia nove. Sem nenhuma cerimônia, ele puxou

minha bunda para mais perto dele e rasgou minha calcinha, antes de me cheirar e apalpar minha carne pulsante. Levei seu pau duro até a minha boca, gemendo e tentando conter os espasmos que eu dei ao sentir sua língua deslizar na umidade da parte interna das minhas coxas, até chegar ao ponto em que eu ansiava por ele. Théo me lambia como se eu fosse um doce suculento, ao mesmo tempo em que brincava com meu clitóris. Isso me deixava doida. Sua língua fez companhia para um dedo, que agora entrava delicadamente em minha outra abertura. Sempre fui uma mulher sem muitos pudores, mas por incrível que pareça sexo anal era algo que eu realmente ainda não havia experimentado. Talvez porque eu ainda não tivesse tido um parceiro como Théo, que me deixava tão a vontade, com tanto tesão, que era difícil que eu recuasse. E eu adorava isso, adorava o jeito como ele fazia com que me sentisse. Eu o queria dentro de mim. Mas não sabia se estava preparada para isso. Afinal um dedo ou dois, ainda era muito menor do que um pau.

E eu não estou falando de qualquer pau, mas sim de Alexandre, o Grande. O que vai me arrombar na certa!

Estarmos assim nesse meia nove louco, mais parecia uma covardia de tão bom que era. Na verdade tudo com Théo era muito melhor do que já experimentei. Era como se fôssemos feitos um para o outro. E era mesmo o que eu sentia e acreditava. Simples assim. Eu gemia e estava tão próxima do ápice, mas não parava de chupá-lo. Comecei a acariciar suas bolas lentamente, enquanto o chupava com gula e rapidez. Acariciei o períneo, mas não avancei, com medo de interromper a brincadeira, pois Théo era machista demais para se deixar levar por algo mais “profundo”. Mas ainda que eu não tivesse feito mais do que provocar o local, Théo urrou em minha intimidade e eu estremei, aquela vibração gostosa do calor do murmúrio dos seus palavrões, me fazendo gritar de prazer. Ainda assim chupava e era chupada como se nossas vidas dependessem disso. Eu estava me segurando para não gozar e sabia que o orgasmo dele estava vindo e eu estava ansiando por isso.

— Que bocetinha gostosa... Que boca gostosa! Gostosa para caralho e toda minha! — Murmurou.

— Théo... — Implorei, sem conseguir dizer em palavras

o que eu realmente precisava.

— Eu sei o que você precisa e eu vou te dar. — disse ele, antes de me lambar do clitóris até meu buraquinho proibido.

Sua língua brincou com ele, antes de voltar para o meu clitóris e chupá-lo com vontade, enquanto voltava a enfiar seu dedo em mim. Logo senti Théo introduzindo um outro dedo, enquanto provocava meu clitóris com a língua. Então eu simplesmente não pude mais me conter e explodi em um orgasmo enlouquecedor. Era como se fogos de artifício estivessem estourando dentro de mim, fazendo vibrações intermináveis em meu corpo e gritei de prazer, tirando seu pau de minha boca, segurando-o com uma das mãos, chamando seu nome repetidas vezes, enquanto meu corpo tinha espasmos involuntários com o prazer absoluto que ele me causou. Mas ele não parou. Muito pelo contrário, Théo não teve dó de mim, seus movimentos se tornaram cada vez mais intensos.

Oh meu Deus!

— Théo, não... — ofeguei, olhando para ele por cima do meu ombro, enquanto ainda me contorcia em sua boca,

sentindo novos espasmos se formarem em meu corpo. Eu nem podia acreditar que eu estava prestes a ter um novo orgasmo.

— Nada de "não". Eu quero mais! — sussurrou, dando aquele sorriso safado que eu tanto amava. — Venha toda para mim! Quero gozar junto com você! — Ordenou.

Deus! E por um acaso eu consigo negar algo para ele?

Eu me curvei mais ainda para trás, gemendo com seu pau em minha boca, enquanto afundava seus dedos dentro de mim, ao mesmo tempo em que sua língua que me deixava tão repleta e eu sabia que logo atingiria o êxtase. E foi o que aconteceu. Não parei de chupá-lo, meu prazer sendo todo refletido naquela chupada e logo ele estava grunhindo, arrepiando-me da cabeça aos pés, seu pau ainda mais duro em minha boca quando o jato quente atingia o fundo da minha garganta.

— Porra, amor, isso foi foda! Mas eu não vejo a hora de estar dentro de você! — rosnou, antes de me puxar para seus braços e perdemos ainda mais o fôlego em um beijo feroz e possessivo.

Depois disso nos aconchegamos abraçados sob o

edredom. Théo parecia pensativo enquanto traçava círculos em minha pele. Apesar do dia tenso que tivemos, ele estava tão calmo e tranquilo, que eu também me surpreendi por não estar surtando depois da perseguição que sofremos. Acho que o nascimento de Andrew acabou com a tensão que nos rondava e agora pensar nisso estava me fazendo pensar em nossos filhos. Acabei rindo com meus pensamentos e Théo parou o movimento de sua mão antes de perguntar:

— O que foi?

— Acho que são meninas. — Admiti e ri de novo ao ver sua cara de chocado.

— Não... Não... Já disse que só faço filho macho. — Negou com a cabeça, mas logo virou para mim. — Você não está falando sério, né? — Perguntou nervoso.

— Não sei, eu apenas sinto. — Sorri e beijei seu peito, que agora batia ainda mais rápido.

— É uma coisa boa ter dois diplomas e imunidades diplomática e soberana. — Gracejou e eu ri mais uma vez.

— Se eu estiver certa, tenho pena das minhas filhas.

— Se você estiver certa, irei amá-las mais do que tudo,

porque na verdade eu já amo. Mas é bom saber que tenho porte de arma e saber manuseá-las. — Disse sério e eu gargalhei.

— Oh se sabe! — Brinquei, sorrindo com safadeza e ele mordeu seu lábio. — Eu te amo, seu Ogro. — Eu disse e ele me beijou novamente.

— Eu também te amo, minha Princesa Maluca. Agora vem. Vou te dar um banho gostoso. — Afirmou, antes de me carregar no colo.



Os dias novamente se passaram rapidamente, uma semana depois era o leilão que eu estava organizando. Usamos o salão de festas do Palácio Real da Campavia, onde geralmente utilizamos para grandes eventos e para a recepção de chefes de Estado estrangeiros. Como era de se imaginar, o local estava repleto de paparazzis. Antes de saltar da limusine que estávamos, Théo segurou minha mão e me olhou preocupado.

— Precisamos encontrar com Edward no início da exposição, porque como vamos leiloar algumas peças que

pertencem à família Real, precisamos registrar esse momento.

— Ok. — Falei engolindo em seco.

— Amor, você está realmente bem? Porque se não estiver, podemos inventar uma desculpa e ir embora.

Pensei por um momento em fazer exatamente isso, mas ir por esse caminho deixaria com que eu permitisse que a mágoa que eu sentia por Edward, movesse a minha vida e eu havia prometido que não deixaria que nada interferisse com o meu propósito e mais do que isso, com o meu destino. Além do mais, tudo que eu estou fazendo é por uma boa causa. Minhas crianças merecem qualquer esforço da minha parte.

— Não. Eu não vou embora. — Falei decidida e ele assentiu.

— Pronta? — Perguntou com um sorriso fraco.

— Pronta para que? Para fingir que temos uma família perfeita? Claro, vamos fazer esse sacrifício.

Saímos do carro sobre uma enxurrada de flashes. Andamos pelo “tapete vermelho”, preparado justamente para essa ocasião para fotografar as celebridades e

personalidades que estariam presentes no dia de hoje. Nessa noite eu usaria três vestidos, todos foram feitos por Charlie - irmã de Lourdes, que ministrava o curso de corte e costura - e suas alunas do IRL e a minha ideia era que além da exposição, os mesmos seriam leiloados ainda essa noite. O primeiro vestido que eu estava usando, era um de renda, sendo que um lado da perna, tinha uma enorme fenda plissada em cascata recolhidas. Era lindo e deslumbrante. E o maior diferencial dele é que as crianças haviam desenhado e escrito algumas mensagens de agradecimento pelo tecido da calda da peça. Queria que eles fizessem parte desse momento, porque isso era por eles. E esse vestido representava exatamente isso.

Os jornalistas começaram a perguntar sobre o vestido e eu orgulhosamente comecei a falar sobre o trabalho que estávamos fazendo. Mas sabe aquele momento em que você está tirando fotos e ela olha para você? Aí você fica momentaneamente sem reação. Só que ela sorri e você se vê desesperada querendo saber o que fazer. Daí começa a repetir: Por favor, Deus, que Eva não tenha simpatizado comigo. Não comigo. Que não queira ser minha amiga.

Porque aí gera conflito de interesses...

— Olá, Princesa. — Me reverenciou e de longe eu avistei sua tia, que me olhava com uma cara de quem tinha cheirado a própria bunda.

Vagabunda ruiva!

Felizmente ao contrário da sobrinha, ela sem nem ao menos nos cumprimentar seguiu seu rumo para o evento. O que eu esperava que Eva fizesse em breve. Depois do nosso casamento, eu não a tinha visto mais e agora não sabia o que esperar de um encontro.

— Olá, Eva. — respondi, pois não quis ser mal educada.

— Príncipe Theodore. — O saudou da mesma maneira e eu franzi a sobancelha, olhando-a sem acreditar em sua reação.

— Eva. — Théo respondeu meio seco.

— Boa sorte no evento, Princesa. — Sorriu para mim e seguiu o caminho para dentro do Palácio.

Não quis pensar muito sobre seu comportamento. Afinal ela havia deixado claro para mim que seguiu em frente, apesar de saber que Taddeo não estar mais com

ela, pois o mesmo fez questão de se desculpar comigo pelo ocorrido no dia do meu casamento e ainda por cima me garantiu que não tinha mais nada com ela. Que também fez questão de lhe dizer boas verdades. Não quis dizer a Théo, mas inconscientemente eu senti pena de Eva, porque para mim ela não passava de uma mulher vazia e carente.

— Espero que ela não me apronte. — Sussurrei para Théo, ainda sorrindo para as câmeras.

— Pare de ser louca, amor. Ela não é idiota para aprontar. — Falou e eu olhei para ele, esperando que nós não tivéssemos errados.

Voltei a me virar para os fotógrafos e no instante seguinte as luzes se apagaram. A rua ao nosso redor se tornou um breu. Théo segurou minha mão, mas senti algo atrás de mim e no instante seguinte um puxão e logo senti o ar tocar a minha pele. Havia rasgado meu vestido. As luzes logo voltaram a se acender antes que eu pudesse sequer reagir e os fotógrafos pareciam ainda mais assustados com o estado que agora me encontraram. Já ouviu aquele ditado: *Se a vida te dá limões, faça uma limonada?* Então ,nada melhor do que ser seguidora de

ditados práticos. Por isso que terminei de tirar o vestido, fiz pose e sorri lindamente, como a diva que sou, para os Paparazzis que enlouqueciam de tirar fotos, quase me cegando com tantos flashes.

Théo

Eu não falei que ela era louca? Só pode ser praga, porque assim que terminei de falar, as luzes se apagaram e alguém arrancou as roupas de Steph!

Qualquer pessoa normal ficaria constrangida caso acontecesse algo do tipo, afinal estar praticamente nua na frente das pessoas é algo constrangedor. Mas não minha mulher. Steph continuou sorrindo e fazendo pose normalmente, como se não tivessem milhares de fotógrafos tirando fotos suas apenas de calcinha e sutiã, que se espalhariam para milhões de pessoas verem. Passado o choque inicial, tudo que fiz foi tirar o paletó do meu smoking, colocando em seus ombros para cobri-la, antes de agarrá-la pelas mãos para sair dali, já que era inútil pedir para os fotógrafos pararem de tirar fotos ou

implorar que ela tivesse uma grama de juízo.

Com a ajuda dos seguranças, que nos cercaram, levei-a para o aposento fechado mais próximo que tinha no Palácio Real da Campavia. Eu nem sabia o que pensar sobre esse acontecimento. Minha raiva estava ao extremo, porque eu sei que o que houve foi uma tentativa de desmoralizar a imagem da minha mulher. Desde o Dia das Verdades, que venho ficado mais quieto, pensativo, atento, preocupado, mas desde o atentado que sofremos no dia do nascimento de Andrew, onde tivemos a primeira tentativa real de ataque de quem quer que seja que quer fazer mal a nossa família, eu estou mais apreensivo com toda a situação, afinal sentimentos na pele que a pessoa não está para brincadeira, por mais que felizmente não tenham conseguido fazer nada conosco.

Mesmo que eu não fosse inocente a ponto de acreditar que não sofreríamos ataques, nada nos prepara para quando acontece. Treinei durante muitos anos, mas naquele momento minha calma que já não é muito grande, foi para o espaço. Aprendi que nessas situações, é importante o menor uso da emotividade e maior uso

possível da racionalidade, algo que no momento do conflito é muito difícil de ser feito, principalmente se envolve pessoas que você ama. Eu só conseguia pensar que minha mulher, carregando meus filhos, minha cunhada e meu amigo-irmão estavam naquele carro e eu seria condenado caso alguma coisa de mal os acontecesse.

Felizmente depois do susto conseguimos sair ilesos. Minha cunhada dar a luz a Andrew, sobrepujou os momentos de tensão que vivemos minutos antes da chegada dele. Mas os dias que se passaram e o fato das pessoas que prendemos, não nos disseram quem foi o mandante, me levou a crer que a pessoa que articulou tudo isso é muito inteligente, pois não conseguiu deixar nem um rastro, mesmo que seus comparsas tenham sido presos. Tentamos um acordo, privilégios, mas nada fez com que os idiotas abrissem a boca. O que nos levou a crer que são muito bem recompensados pelo maldito e sabe-se lá mais o que.

A sensação constante de impotência e medo do desconhecido me corroíam. Logo eu que sempre fui centrado, controlado, dono de minhas próprias ações,

agora me vejo completamente vulnerável, pois hoje amo uma mulher mais que minha própria vida, mulher que por sinal carrega em seu ventre dois frutos do nosso amor e só de imaginar que alguém cogita fazer mal a eles, me mata aos poucos. Porque parece que eu não estou fazendo o suficiente para protegê-los. Há dias que eu não consigo mais dormir direito. Fico velando o sono de Steph, porque não consigo pregar o olho, pensando no próximo passo que o maldito está planejando. Eu preciso achar o culpado por ter feito minha mãe sofrer por tantos anos, o culpado por ter machucado e ter feito sofrer tanta gente inocente e eu farei o possível e o impossível para que ninguém chegue perto de nós. Não admitirei que ele respire o mesmo ar que nos rodeia. Se bem que se eu estiver realmente certo em minhas suposições, ele deve estar mais perto do que a gente acredita e sequer suspeitamos disso. E esse é sem duvidas o maior inimigo que poderemos ter, pois é aquele que nem sequer passa pela nossa cabeça. Ou como o ditado diz: lobo em pele de cordeiro.

Deixe eu encontrá-lo! Quebrar o pescoço desse

cordeiro maldito!

Deixo os seguranças do lado de fora e tranco a porta, antes que Stephanne fale qualquer coisa, eu a abraço com força. Quanto mais o tempo passa, mais próximo esse maldito parece chegar. Me sinto um incompetente, até de fazer a segurança da minha mulher em uma situação tão simples como essa.

— Não foi Eva. Foi ele. — Ela afirmou o que eu já sabia.

No primeiro momento, qualquer pessoa poderia cogitar a possibilidade de ser Eva quem fez isso. Porém, ela já tinha entrado pelo outro lado e não daria tempo para que ela voltasse apenas para tal ação. Quem rasgou o vestido de Steph, não fez isso apenas pelo simples prazer de expô-la ou desmoralizá-la diante das câmeras, mas sim fez isso de caso pensado. Afinal de contas as luzes da cidade todas se apagaram, o que me leva a crer que isso tudo não passou de uma armação. Só não sei ainda o motivo disso tudo. O que isso quer dizer. Talvez ele queira apenas dizer que está à espreita. E isso tudo só faz com que eu me torture ainda mais.

— Está tudo bem. — Afirmei, mais para mim do que para ela.

— Meu Deus, amor! Amanhã todos os jornais vão ter fotos minhas seminuas nas capas. — Ofegou e eu fechei os olhos só de imaginar milhões de homens babando por ela.

Porra! Isso seria foda!

— Não importa. O que importa é que eu não vou deixar com que cheguem perto de você. Eu prometo que vou proteger vocês. — Garanti e eu faria exatamente isso mesmo.



Depois de colocar sua segunda roupa, fomos para o salão de festas em que todos nos aguardavam. No início poderia ter sido forçado, mas a forma como Steph aderiu ao trabalho voluntário, era lindo de se ver. Quando ela disse há meses atrás que queria fazer um Mutirão da Beleza para o Orfanato, todos se surpreenderam. Mas a maior surpresa mesmo, foi o quão bem ela cuidava de tudo. A maneira como ela sorria quando ensinava as meninas a pintarem as unhas, cuidar dos cabelos ou as

ajudavam a se vestir, era a coisa mais linda. Todas as atividades que Stephanne desempenhava no Instituto, ela se entregava de coração e era uma coisa linda de se ver. As crianças do orfanato a adoravam. E a mídia enlouquecia com ela, que agora sempre estampava todos os lugares da imprensa internacional. Ela começou a ajudar a criar outras oficinas dentro da própria instituição e nos surpreendeu novamente com a ideia de fazer leilão com algumas das suas joias e roupas.

A mídia estava em um alvoroço, toda a elite estava louca para chegar o grande dia da festa, não se falava de outra coisa porque ela decidiu que doaria o colar que inspirou a joia do filme Titanic e tinha pertencido a sua – na verdade minha - tataravó Elisabeth, o “Coração de Elisabeth”, cuja pedra do diamante real tinha a cor dos seus olhos, azul metalizado e era lapidada em formato de coração, com armação de ouro branco e repleto de diamantes reais. O colar tem cerca de duzentos anos e foi dado a Elisabeth pelo seu marido e hoje é avaliado em cerca de 200 milhões dólares e é uma das joias mais caras de todo o mundo. Mas agora graças ao enorme coração de

Stephanne, o valor dela vai ser empenhado em função de um bem maior.

Fomos os anfitriões que deveríamos ser. Cumprimentamos os convidados, alguns membros de famílias reais estrangeiras, autoridades de outros países e até alguns famosos. Durante o jantar, sinto a mão de Steph me bolinando embaixo da mesa, apertando Alexandre por cima da calça social, que já estava todo alvoroçado pelo carinho nessa hora tão imprópria. Levo o copo do meu uísque até a boca, bebendo-o, querendo controlar a vontade de gemer pelo seu ato. Discretamente, olho para Stephanne que conversa com um casal de Condes Dinamarqueses, como se não tivesse fazendo nenhuma pouca vergonha embaixo da mesa. Fazendo aquela cara de paisagem, que quem a olha não imagina que essa mulher com cara de anjo, linda, está fazendo o que está fazendo comigo e é a maior safada que existe. E o melhor de tudo: minha.

Pois é! Sou sortudo para caralho mesmo!

Essas semanas têm sido complicadas para nós dois, não apenas pela tensão que nos rodeia, a adaptação de

uma nova vida, com uma realidade completamente nova para ambos, mas também pelo tesão infinito que não vai embora. Eu soube no momento que o médico recomendou repouso, que seria difícil seguir a recomendação médica de ficarmos sem sexo, mas não imaginava quer seria tão difícil como estava sendo. Eu sei que minha relação com Stephanie não se resume a sexo, mas nós temos aquela coisa de química e pele, que é difícil de ignorar. É fodidamente difícil não tocar e não beijar Stephanie o tempo inteiro. Nós dois somos naturalmente fogosos e fora que temos aquela coisa de apenas nos olhar e pronto, *Alexandre* fico pronto para guerra, pois ele certamente conhece sua dona. E Stephanie também não é diferente. Nunca acreditei que pudesse existir uma conexão tão forte assim entre duas pessoas, mas existe e é aquela história de encaixe perfeito, serve perfeitamente para nós.

— Estou com um problema sério aqui. — Murmurei discretamente em seu ouvido.

— Eu vejo isso. Na verdade sinto. Um grande problema o qual eu adoraria e teria o maior prazer em poder te ajudar a resolver. — Disse provocativa.

— Stephanie, sério. Já estou ficando com calor nessa merda de Smoking!

— Ainda bem que eu estou molhadinha! — Respondeu safada.

Ah Foda-se! Chega de nobreza, Theodore!

Depois de tanto tempo de provocações, eu estava me preparando para levá-la dali e deixar que ela fizesse exatamente o que prometeu, quando a chamaram para ir ao púlpito e fazer a abertura, iniciando assim o leilão. Stephanie começou a falar lindamente sobre o trabalho, mas algo me chamou a atenção. O chefe de seguranças da realeza, Greg, falava alguma coisa com meu pai, que estava em uma mesa um pouco afastada da nossa. Ele franziu a testa com algo que lhe foi dito e em seguida levantou-se, indo em direção ao que eu sabia ser o escritório do Rei, acompanhado do segurança. Do outro lado do salão, eu vi Alano fazer o mesmo, com mais um segurança em sua cola. Eu pensei em ir até eles, para saber o que estava acontecendo, porque certamente algo estava acontecendo, mas foi quando um outro segurança me abordou.

— Príncipe Theodore. — Ele disse com uma reverência e eu acenei em cumprimento.

Sério. Eu sabia que era a forma correta de cumprimentar alguém da realeza, mas eu ainda ficava meio sem jeito quando alguém me reverenciava. Ainda mais porque eu passei anos da minha vida fazendo o mesmo e hoje era eu quem era cumprimentado com tanto prumo.

— Charles, não é? — Perguntei, me referindo ao seu nome e ele acenou em concordância.

— Sim, alteza. Peço por gentileza que o senhor me acompanhe. Temos um problema. — Sua voz soou normal, mas esta discernia dos seus olhos, que pareciam apreensivos.

Não hesitei um só segundo em acompanhá-lo. Confirmando que algo realmente havia acontecido, o segui até o escritório do Rei, que ficava próximo ao que eu agora utilizava como meu. Chegando lá, abri a porta e encontrei Alano e Edward muito nervosos, berrando ordens para os seguranças que estavam ali.

— O que está acontecendo? — Perguntei e os dois

olharam em minha direção.

— Roubaram o “Coração de Elisabeth”. — Edward quem respondeu.

Como isso era possível?

— Merda! Como isso aconteceu? A joia esteve em exposição até pouco antes de Stephanie fazer a abertura do evento. — Falei nervoso.

— Assim como as outras peças que vão ser leiloadas e estavam expostas no salão, o “Coração de Elisabeth” foi pego para levar ao palco, para dar início as suas ofertas. O local em que ele estava armazenado, esperando a sua vez para entrar, estava fortemente vigiado por cinco seguranças. Não sabemos ainda direito o que houve, o que sabemos é que duas pessoas invadiram o local e atiraram em todos eles. Todos morreram, exceto um que nos relatou o que houve, mas agora está em estado grave. Não temos certeza de que ele vá sobreviver para nos dizer mais alguma coisa ou uma pista. — Alano falou com pesar e eu me sentei na cadeira que estava em frente à mesa.

Não tive nem tempo de lamentar, pois logo Edward complementou:

— E isso não é tudo. — Falou cabisbaixo.

— Não? — indaguei com os olhos arregalados.

— Infelizmente não. O desgraçado deixou um bilhete. —

Entregou-me um aparelho celular e eu constatee que haviam tirado uma foto. — O setor de criminalística está tentando ver se consegue encontrar alguma impressão digital no bilhete ou no local. — Edward disse, parecendo frustrado.

O BOM FILHO À CASA TORNA

E mais nada.

O que porra isso significa?

— Vocês sabem o que isso quer dizer? — Perguntei e os dois negaram. — Que esse infeliz volte para o inferno! — Resmunguei.

— Começou. Parece que estou voltando no tempo. — Alano suspirou.

— Todas as joias da realeza tem um rastreador anexado a elas. Inclusive as mais antigas, coisa que eu fiz questão

que acontecesse depois do que aconteceu com Alisson. Porque se seu anel de noivado tivesse rastreador na época, teríamos localizado-a rapidamente. E teríamos evitado... er... Tudo... — Engoliu em seco, afrouxando a gravata borboleta do seu smoking, que parecia estar sufocando-o. — Estamos esperando que a gente consiga pegar esse filho da puta!

— Meu Deus! Eles estão cada vez mais ousados. Três ataques em menos de um mês! — Falei irritado.

— Três? — Alano e Edward me olharam confusos e eu lhe relatei o que aconteceu hoje quando chegamos, apesar de que eles saberiam pela mídia de qualquer maneira.

— Deve ter sido nessa hora que eles se infiltraram no Palácio. Greg, verifique todas as câmeras em toda a redondeza do Palácio. Dentro e fora. Quem pegou a joia, certamente não está mais aqui, mas quero uma lista com o nome de todos os convidados que entraram e saíram desse Palácio essa noite. Incluindo todos os empregados, funcionários e colaboradores. — Edward ordenou e ele logo saiu.

— Se a queda de energia foi apenas uma distração, por

que diabos rasgaram a roupa de Stephanie? — Alano perguntou.

— Ou foi para criar outra distração. Ou coisa de mulher largada. — Edward olhou para mim e eu já sabia o que ele queria dizer com isso.

— Não foi Eva. Até Stephanie acha que não foi. Ela tinha ido para o lado contrário de onde estávamos, a queda de energia foi rápida, ela não teria tempo de voltar e desaparecer em seguida. — afirmei, mas mais uma vez me senti um inútil por isso tudo estar acontecendo debaixo dos nossos narizes. — Precisamos pegar esse desgraçado, acabar com essa agonia! — Proferi.

— Agora vamos dobrar a segurança. Não podemos dar bobeira outra vez. — Alano disse.

— Lourdes Maria e Andrew não saem do castelo até segundo ordem. Até o pediatra de Andrew, mandarei ir até lá para fazer suas consultas de rotina. Você deveria fazer o mesmo. — Afirmou, olhando para mim.

— Stephanie não sai mais sozinha. Só sai comigo ao seu lado. Resolvemos adiantar nossos compromissos oficiais, para ficarmos mais tranquilos e livres no final da gravidez.

No entanto, estamos saindo com pelo menos dez seguranças. Apesar de ficar emburrada, ela não reclama mais, porque sabe que é preciso. — Passei a mão no rosto.

— Vossa majestade, acabei de ser informado que o rastreador da joia foi desativado. — Carl informou, acabando com nossas esperanças de resolver tudo essa noite.

Essa noite está ficando cada vez melhor.

— Desgraçado! — Edward esmurrou a mesa em sua frente.

— Merda! O que vamos fazer? Suspender o evento? — Alano indagou e eu neguei com a cabeça.

— Não. Não faremos isso. Não vou dar essa ousadia para esse filho da puta! — Bradei.

— E o leilão da joia? — Alano voltou a perguntar.

— Daremos uma desculpa e diremos que depois faremos um outro evento para leiloar a peça. — Eu disse.

— E Stephanie? Você vai falar a ela o que houve? — Edward perguntou incerto.

— Vou. — Respondi o óbvio.

— Não acha melhor não lhe dizer? Você sabe... Evitar

esse estresse no estado dela... — Edward continuou e eu ri com desdém.

— O que você quer que eu faça? Minta para ela? Eu não sou assim, Edward! Nós dois não somos assim! Não somos como vocês! Apesar de não gostar de expô-la, não vou esconder nada da minha mulher. Ela precisa saber o que está acontecendo. Você mais do que ninguém deveria saber que nós não lidamos bem com mentiras. — Afirmei sem remorso e ele engoliu em seco.

— Tudo bem. Faça o que achar melhor. — A magoa foi nítida em sua voz, mas eu ignorei isso enquanto dava as ordens do que faríamos.

— Quero mais cinco seguranças com a Princesa. Eles serão a sua sombra essa noite. Se ela der na cara deles, ainda assim eles não saiam do seu calcanhar. Se Stephanne perguntar por mim, diga que estou resolvendo um problema com o Rei e o Primeiro-Ministro, mas não diga o que aconteceu. A joia seria a última peça a ser leiloada, até lá eu dou um jeito de falar com minha mulher sobre o ocorrido. — ele acenou. — Também mande mais alguns fazerem a segurança da Primeira-Dama e de Anabella.

Bem como do Barão e de Taddeo. Peça para reforçarem também a segurança na casa de Dona Antonella e na clínica de Alisson. Entendido? — Ordenei a Isaac, mais conhecido com Pumba, que concordou e logo foi cumprir minhas ordens.

Nós três nos servimos de doses de uísque, para tentar dissipar um pouco a tensão dos últimos acontecimentos.

— Como ela está reagindo ao tratamento do seu problema? — Edward mudou de assunto, se referindo ao deslocamento ovular.

Desde aquela noite em Londres, nós ainda não havíamos sentado para conversar. Eu estava evitando-os e eles sabiam disso. Poucas foram às oportunidades em que nos vimos, mas em todas elas nós nos mantivemos afastados. Pelo menos eles respeitavam isso. Não estava bem com tudo, ainda era amargo pensar em tudo, mas apesar do desconforto, hoje eu tinha problemas maiores para me preocupar. No entanto, apesar dos pesares, eu sei que sua preocupação com minha mulher é genuína.

— Está bem. Está usando um remédio à base de progesterona, fazendo acompanhamento médico

semanalmente. Apesar de ser genérico, ele disse que talvez daqui a umas duas semanas poderemos suspender a medicação. — contei e mais uma vez passei as mãos pelos cabelos, me sentindo nervoso. — Ela vai ficar arrasada quando souber o que aconteceu. — Constatei ao pensar em sua reação.

— Vamos resolver isso, filho. — Edward afirmou com convicção e apesar de tudo, naquele momento suas palavras surtiram efeito e eu concordei, esperando que ele tivesse razão.

Eu esperava que fosse ser difícil, mas foi muito mais do que imaginávamos.

Desconhecido

Não sei quanto tempo estou aqui. Só sei que faz muito, mas muito tempo mesmo. Simplesmente parei de contar um dia. Não sei qual foi, mas resolvi que não valia a pena perder meu tempo com isso. Afinal não mudaria muita coisa ou nada até. Acho que nesse dia desisti de certa forma. Morri mais um pouco e apenas aceitei meu destino. A outra parte de mim, era a parte que via o Sol nascer e acordava todos os dias com esperanças que o fim finalmente chegasse, que eu saísse daquele lugar que há tantos anos estava confinado. Ainda assim, a outra parte tentava sabotar o que ainda me restava de esperanças e me dizia que não restava mais nada, a não ser o fim.

O Fim... Era isso que restava?

Pensar em morrer era um sentir um alívio momentâneo. Momentâneo porque por mais que fosse bem-vindo o desejo de acabar com as surras físicas e psicológicas, esse desalento, pensar que nunca mais veria meus amores me deixava agoniado, desesperado de tal forma, que era

insuportável pensar nessa possibilidade e exatamente por isso que ainda preferia me sujeitar a tudo de ruim que passava. Então o alívio e a força que eu precisava ter para abrir os olhos ao amanhecer, ou até mesmo para continuar respirando, existia quando eu pensava em voltar para junto daqueles que eu amava. E digo com toda certeza do mundo, que foi exatamente por isso que me mantive firme desde então.

Pensar nelas me fazia forte!

Foram anos sonhando com aquele sorriso, aquele que me dominou desde o primeiro momento em que pus meus olhos nela. Anos sonhando com aquela gargalhada gostosa da minha pequena, quando eu beijava sua barriga. Ou então recordava-me aquele cheirinho de bebê que só a minha outra pequena tinha. Ou então lembrava-me daquele olhar de cumplicidade do meu irmão. Lembrava também das reuniões das famílias e amigos ao redor da mesa. Dos planos que um dia eu fiz e pretendia cumpri-los quando finalmente saísse desse buraco. Ao mesmo tempo em que pensar nisso me dava forças, também me agoniava, me enfurecia, porque eu não sabia se poderia cumprir minhas

próprias promessas ou ter pelo menos o prazer de vê-los pelo menos mais uma vez. Mais uma vez... Isso era o mínimo que eu pedia!

Eu que nunca fui um cara tão religioso, me vi não sei quantas vezes pedindo um sinal a Deus, para que dissesse que ficaria tudo bem. Um sinal que pelo menos me dissesse: “Ei, eu não esqueci de você!” Mas a cada dia que nascia, eu me tornava mais crédulo, me sentia mais esquecido, abandonado à própria sorte – ou no meu caso, desgraça mesmo. Ou ainda pior do que isso, nas mãos de outra pessoa que só nos fez mal. Perguntava a Deus o que eu havia feito para estar passando por essa provação, esse pesadelo interminável, se eu merecia viver dessa maneira e é óbvio que eu nunca fui respondido. Mas a resposta eu sabia: eu nasci. Fruto de um pecado, de uma monstruosidade, mas nasci. Era como se eu fosse culpado de vir ao mundo. De ter tido o amor de uma mãe, que mesmo tendo vivido um inferno nas mãos do doente, do monstro, que era o seu próprio pai, ainda assim conseguiu encontrar motivos para amar, viver e sorrir outra vez. Como se eu fosse culpado, de ter tido a benção de ser

agraciado por uma família amorosa e ter a honra de ter sido criado como filho de alguém que não se importava se eu tinha ou não seu sangue. Culpado por ter um irmão que estava além dos laços sanguíneos que não tínhamos, mas que era meu irmão de alma. Culpado principalmente, por esse ser achar que eu não merecia ter tido a vida que ele julgava não ser digna para mim e sim para o que ele achava que lhe foi negado. A única coisa que ele havia esquecido, é que o único culpado por tudo em nossas vidas já estava enterrado há anos e se Deus for justo, queimando nos mármore do inferno.

Acho que é inerente as pessoas que ficam presas pensarem em tudo. Algumas vezes eu idealizava como seria o mundo lá fora dessas paredes, depois de tanto tempo. Questionava para o nada se as meninas já estavam crescidas. Se Stephanie ainda tinha as crises de refluxo, que ela foi diagnosticada logo nas primeiras semanas de vida. Se Lourdes Maria ainda se escondia na hora de tomar uma bronca. Se elas foram boas alunas. Se já tinham namorados. Se hoje elas estavam ou não casadas, ou até se já tinham filhos. Ou até se Henriquetta havia arrumado

outra pessoa para assumir o meu lugar em sua vida.

Por mais que eu negasse, doía-me pensar em tudo isso. Sei que eram pensamentos meio egoístas, mas doía em mim saber que eu não estive lá nos melhores, piores e mais importantes momentos da vida delas. Que eu não vi os primeiros passos das duas, que não as vi falando as primeiras palavras, com exceção de Lou que me honrou com as suas quando me chamou de “Papa” pela primeira vez. Que eu não vi quando perderam o primeiro dente ou aprenderam a andar de bicicleta. Ou sofreram pela primeira vez por amor. Não posso nem enumerar tudo que perdi. Ainda assim eu daria tudo para vê-las apenas mais uma vez.

Era aquele desejo intrínseco, que vinha do meu âmago... Uma vez ao menos, para que depois então pudesse morrer em paz!

Trancado nesse quarto, uma caixa fechada, com cerca de quatro metros quadrados. Um banheiro que malmente consigo fazer as minhas necessidades e um colchão que quase não comporta meu corpo, que apesar de ter perdido muitos quilos e os músculos dos tempos em que eu

frequentava a academia anos atrás, ainda é pequeno para quando eu deito à noite. À única luz que entra é a do Sol, pela telha quebrada no canto do quarto ou à noite, quando a luz do luar vem pela mesma fresta. Mas o que é sempre certo é o cheiro do mar. Às vezes consigo ouvir o som dos pássaros durante o dia. Ou de outros animais durante a noite. Mas fora minha voz cantarolando uma ou outra canção que me vem à cabeça, o silêncio é meu maior companheiro.

Um dia ao questionar meu almoz, como tantas vezes havia feito, levei a maior surra de todos esses anos e foi naquele dia que ele me disse que usaria o dedo que havia arrancado de mim quando cheguei ali, para ameaçar a minha família. Nem imaginei a reação que eles teriam ao receber uma parte do meu corpo depois de tantos anos, sabia que na certa sofreriam e isso me torturava. Depois fui jogado em uma cela úmida, fria e fiquei sem comida por diversos dias.

Uma vez quando a comida foi posta por baixo da porta como de costume, o prato estava enrolado em uma página de jornal. Assustei-me ao me deparar o com a data, pois se

tratava da notícia sobre o casamento do Príncipe Willian, que eu havia conhecido quando ainda era pequeno e agora estava um homem, a data era de 29/04/11. Nas minhas contas eu estava há quase vinte anos ali, fraquejei um pouco ao constatar isso, pois eu duvidava que alguém me procuraria depois de tantos anos e ainda mais achando que eu estava morto, como meu algoz havia dito que ele havia esquematizado para que acreditassem. Procurei como um louco por alguma foto que indicasse que minha família estava ali e a única coisa que vi foi à menção do nome do meu irmão e apenas isso: um nome. Apesar de louco, apenas ver seu nome entre tantos convidados trouxe-me um imenso alívio, porque eu pude saber que ao menos Edward estava vivo e essa constatação fez-me chorar de emoção. E saber disso, também me trouxe a tranquilidade em saber que ele estava cuidando das minhas meninas.

Não havia mais nenhum nome e eu me perguntei por quê. Por que não mencionaram Alisson? Ou meu sobrinho? Tenho certeza que o Príncipe Theodore era certamente tão famoso e disputado quanto os príncipes da Inglaterra. Como eu costumava pensar em hipóteses, me perguntei se

eles dois se davam bem, se eles moravam juntos no castelo, se talvez eles não tivessem suas desavenças por Edward ter rejeitado a paternidade de Théo, achando que ele não era seu filho quando ele foi entregue para família Caravaggio. Se ele e Alisson estavam bem, se tinham se revolvido... E não saber de nada sobre minha família me angustiava.

Eu nunca tive dúvidas sobre Théo ser filho de Edward. Para muitos poderia ser inocência da minha parte pensar assim, mas eu convivi com Edward e Alisson a minha vida toda, sabia e via o quanto se adoravam, se amavam, o quanto eram loucos um pelo outro, para mim isso era o suficiente. Exatamente por esse motivo que estranhei e duvidei que era verdade quando meu irmão recebeu a carta de Alisson, dizendo que havia ido embora com outro homem. Óbvio que tinha algo de muito errado nessa história. Alisson simplesmente sumiu depois disso e meu irmão orgulhoso do jeito que era, também estava aprendendo a lidar com o peso da coroa e o fato de assumir o trono, por causa da entrega do nosso pai à morte e não foi capaz de enxergar o que estava bem diante dos

nossos olhos.

Lembro-me que Edward então achou que se casar resolveria seus problemas, mas não foi bem isso que aconteceu. Cibelle era uma mulher maravilhosa, tinha um coração enorme, amava meu irmão, cuidava dele com dedicação, era uma Rainha exemplar, mas não tinha o que mais desejava: o amor de seu marido. Eles sem dúvidas eram um casal excelente no papel, afinal ela era uma mulher de família nobre, bonita, educada, mas a realidade era completamente diferente. Principalmente depois que Cibelle descobriu que tinha problemas para engravidar. Ela começou a fazer tratamentos na tentativa de dar um herdeiro a ele, mas nenhuma tentativa foi eficaz.

Enquanto meu irmão fechava os olhos para a verdade, eu vi Théo crescendo, fiz questão de participar e estar sempre presente na vida do meu sobrinho, mesmo que Edward se negasse a fazer um maldito exame de DNA para comprovar sua paternidade. Cibelle, que até então se manteve neutra e distante disso, resolveu que também participaria da vida do seu enteado. Com o tempo a relação dos dois, que era calma, amigável, passou a ser

estressante, eles viviam brigando, pois ela assim como eu não admitia que ele se mantivesse distante do próprio filho. O que Edward tentava fugir, não tinha como negar, Théo era uma cópia perfeita de Edward quando criança.

Como eu obviamente não poderia fazer o exame de DNA como tio da criança, eu estava aguardando chegar a minha maioridade, para que eu entrasse com um pedido de exumação do corpo do nosso pai, para que o exame de DNA fosse feito. Mas eu sinceramente esperava que não precisasse chegar a tanto e meu irmão abrisse os olhos antes disso. A amizade entre Alano e Edward ficou estremecida por causa da desconfiança. Alano e Sarah assumiram Théo como próprio filho, mas eu fazia questão de cumprir com o meu papel de tio. Sabia que mais cedo ou mais tarde meu irmão se arrependeria de ter perdido tanto tempo na vida do seu filho e foi exatamente esse arrependimento que vi em seus olhos antes de ser trazido para cá.

Durante um pouco mais de um ano, eu era apenas o titio babão do Théo. Mas então eu conheci Henriquetta. Eu tinha dezesseis anos na época, mas já na primeira vez que eu a

vi, me apaixonei perdidamente e tive a certeza de que era amor para uma vida inteira. Sob tortura, passei meses apenas como seu amigo, acompanhando sua gravidez como expectador, vendo-a persistir em um casamento fadado ao fracasso. Seu marido nunca havia dado o valor que ela realmente merecia. Sendo que ao meu lado, eu daria tudo de melhor para ela, não apenas material, mas o meu amor e o melhor de mim. Eu daria o mundo para ela e aquela criança que ela carregava, que dentro de mim eu já tinha como minha.

E um dia eu realmente fiz isso. Cansado de ver sua situação com o marido, tirei-as da casa aonde viviam e reivindiquei-as para mim. Edward achou uma loucura, pois dizia que eu estava muito novo para criar uma família, mas felizmente a criação que meus pais haviam me dado, fez de mim um menino maduro para minha idade. Cibelle, que acompanhou tudo que passei por causa de sua irmã de perto, apoiou minha escolha, o que no fim fez com que meu irmão aceitasse. Íamos nos casar assim que saísse seu divórcio, mas como o idiota do Olavo não aceitou muito bem a separação, tivemos que partir para o litigioso.

No meio de tudo isso, houve o falecimento do pai de Cibelle, que no testamento acabou confessando ser o pai de Henriquetta, deixando a todos surpresos. Com isso, Edward pediu que esperássemos a poeira baixar, mas foi aí que fomos presenteados com a vinda inesperada de Stephanie. Henriquetta enlouqueceu quando descobriu que estava grávida novamente, afinal Lourdes não tinha nem quatro meses. Éramos tão jovens, mas fomos agraciados e eu só tinha a agradecer a Deus por saber que seria pai novamente. A gravidez da minha mulher foi ainda mais tranquila do que a de Lourdes Maria e eu a cada dia as amava mais. No primeiro momento, queria que viesse um menino, porque já tínhamos uma menina, mas fiquei igualmente feliz quando soube que teríamos mais uma princesinha.

A relação de Edward com Cibelle estava cada vez mais estranha. Meu irmão focou-se em suas funções, vivia fora cumprindo agendas oficiais intermináveis. Todos nós sabíamos que ele fazia isso para se manter ocupado, distante de tudo e de todos. Cibelle foi entrando em depressão, pois a cada dia que passava via seu casamento

se desmoronar e ela não podia fazer nada quanto a isso. Um pouco antes da minha princesinha nascer, ela mudou-se definitivamente para outro quarto. Acho que no fundo ela esperava uma reação de Edward, que ele a confrontasse sobre isso, mas ele não fez, apenas aceitou. E a relação já quebrada que os dois tinham, acabou-se de vez.

Quando Stephanie enfim nasceu, era como se tivesse iluminado nossa família. Não só porque era minha filha, mas ela de certa forma fez com que todos ficássemos juntos novamente. Cibelle, que já era apaixonada por Lourdes, também se apaixonou por Steph. Edward ficou tão encantado, que tantas vezes eu o pegava olhando para minha filha com aquele amor paternal que eu sabia que aflorava nele. Eu queria que ele tivesse isso também. Queria que ele olhasse para seu filho, com a mesma devoção e orgulho. Ele estava boicotando sua própria felicidade. Não queria mais ver meu irmão fazer besteira em relação a isso, se mantendo longe do filho. Sofrendo por Alisson e por tabela, fazendo com que Cibelle sofresse também. Nenhum deles merecia.

Foi então que naquela tarde tudo mudou. Seu telefone

tocou e quando ele atendeu parecia ter perdido toda a cor de seu rosto. De repente começou a gritar ofensas e injúrias, eu soube naquele momento que quem estava do outro lado da linha era Alisson. Quando ele fez menção em desligar o telefone, peguei-o de suas mãos e ouvi o choro da mulher que ele amava. Tentei falar com ela, mas ela estava nervosa e eu perguntei onde estava, pois eu iria ao seu encontro. O que eu queria era conversar com ela, descobrir o que havia acontecido para que ela sumisse daquela maneira e resolver de vez essa situação. Ainda sôfrega, ela explicou-me rapidamente onde estava e pediu para que eu tivesse cuidado, porque ela não poderia ser vista. Só com essa afirmação eu confirmei que havia alguma coisa de muito errada nessa história do seu sumiço. E estava decidido a desvendar isso.

— Onde você pensa que vai, Andrew? — perguntou quando me viu dar as costas para ele.

— Onde eu penso não, eu vou. Estou indo tirar essa história a limpo e é agora. — Falei com convicção.

— Você não vai fazer isso! Eu te proíbo! — Vociferou.

— Sinto muito, mas eu não vou obedecê-lo irmão. Como

você está careca de saber, sou emancipado desde os quinze anos de idade. Então eu não sou obrigado a acatar suas ordens. — Afirmei dando as costas a ele.

— Vai perder seu tempo! — Rebateu.

— A única pessoa que está perdendo tempo aqui é você, que não vai atrás da mulher que ama. Felizmente eu não sou tão covarde quanto você. — Falei, fazendo-a enrubescer.

Eu nunca havia realmente enfrentado meu irmão. Sempre fui uma pessoa centrada, sensata. Daquelas que fazem de tudo para não entrar em uma briga e faz muito mais para que não deixe que uma aconteça. Mas eu também não era uma pessoa omissa e muito menos covarde, por isso para mim era inadmissível aceitar que as pessoas agissem de forma contrária ao que realmente queriam. Mas eu não iria continuar vendo ele ser burro e orgulhoso dessa maneira.

— Como ousa...

— Cale-se, Edward! — Cibelle gritou vindo em minha defesa, fazendo com que nossa atenção se direcionasse a ela. — Só você não percebe o quanto está sendo insensato.

Mas eu não vou permitir que essa situação perca. Não aguento mais! Eu amo você, mas sabemos que o sentimento não é recíproco. Eu quero a sua felicidade e se eu não sou capaz de lhe oferecer isso, farei com que você seja feliz com quem você ama. — Com lágrimas nos olhos, virou-se para mim e disse com convicção: — Eu vou com você!

E fomos. Logo encontramos uma Alisson completamente diferente daquela que não via há mais de dois anos, ela estava pálida, com grandes olheiras abaixo de seus olhos, estava bem mais magra do que já era, parecia ferida, machucada. Quando ela me viu, jogou-se em meus braços e começou a chorar. Ela parecia tão quebrada, que sua dor chegou a se refletir em mim. Rapidamente ela nos disse o que havia acontecido com ela, mas eu sabia que ela ainda não tinha dito tudo. Tive vontade de levá-la até meu irmão imediatamente, mas eu achei melhor que ela fosse ver sua família e seu filho primeiro. Quando chegamos à mansão dos Caravaggio, foi difícil segurar a emoção ao vê-la segurando Théo em seus braços, depois de tudo que ela havia passado.

Com cautela consegui convencê-la a irmos até o

castelo, porque além de saber que ela e meu irmão precisavam desse encontro, depois do que ela havia passado, Alisson precisava ficar segura e lá ela teria isso. Achei que não haveria problemas que nós saíssemos dali, que não haveria ameaças durante o caminho, até porque com as ameaças que sofriamos, eu não saía sem um carro de seguranças me acompanhando. Mas esse sem dúvidas foi o meu pior erro.

Primeiro o carro dos seguranças desapareceu e depois foi tudo muito rápido. Um carro escuro nos seguiu e logo um tiro atingiu meu braço, para em seguida o carro bater contra o nosso. Com um braço ferido, eu não podia fazer muita coisa. Cibelle tirou o cinto, com a intenção de me ajudar a manter o controle do carro, mesmo que eu berrasse para que ela colocasse o seu cinto, pois eu sabia que ela estava menos segura ainda sem ele. E não deu outra, na batida seguinte ela foi arremessada para frente, batendo sua cabeça no para-brisa. Meu braço queimava, a dor era quase insuportável. Ouvindo o choro de Théo, temi por ele. Pelas minhas filhas e minha mulher que me esperavam em casa. Por nós. Pela nossa família. E ainda

que a dor fosse grande, pensando nas pessoas que amávamos, tirei forças não sei de onde e consegui atingir o veículo que nos seguia, lançando-o abaixo na ribanceira. Mas depois disso o controle que eu tinha, que já era escasso, se esvaiu e nosso carro acabou perdendo o controle, capotando, girando na pista, até finalmente parar.

Estávamos praticamente esmagados dentro daquele carro, que mais parecia uma lata de sardinha amassada. Tentei me mover, mas eu não conseguia, apesar de não ter nada perfurando meu corpo, estava preso. A dor do braço não era a única agora. Tudo em mim doía. Olhei para o lado e vi que Cibelle havia sido arremessada pelo para-brisa e permanecia desmaiada próxima ao carro, seu rosto machucado, cabeça e corpo ensanguentados e infelizmente eu sabia que a situação dela não era nada boa, porque só a pancada que ela havia levado antes de capotarmos já tinha sido feia, agora então era ainda mais preocupante. Ouvi o chorinho de Théo no fundo e meu desespero de nos livrar dessa situação que já era grande, foi ainda maior quando vi meu sobrinho passando por isso. Mais uma vez tentei me mexer e com muita dificuldade, consegui virar-me para

trás, apenas o suficiente para vê-los.

— Vocês estão bem? — Perguntei, ignorando a dor torturante que eu sentia até por respirar.

— Sim. Acho que estamos... — Respondeu em um fio de voz, mas eu percebi que ela estava em pânico. Théo não parava de chorar.

— Tem certeza que Théo está bem? Você consegue se mexer? — Voltei a perguntar e senti uma pontada forte no abdômen.

Merda! Espero que não esteja com alguma hemorragia interna!

— Não consigo, a porta está travada. — Respondeu, mas eu percebi pela sua voz o quanto ela parecia cada vez mais nervosa. E o fato de Théo continuar chorando não ajudava em nada.

— Também não consigo. — Respondi travando os dentes, porque senti mais uma queimação forte em meu braço e eu me sentia cada vez mais fraco. Respirei fundo, tentando dissipar a dor que queria me dominar, mas estava pior a cada segundo.

— Meu Deus, Drew! O que nós vamos fazer? Estou

sentindo cheiro de gasolina, não conseguimos nos mexer. E se esse carro explodir?

— Calma. Vamos dar um jeito. Não devem demorar muito a chegar aqui. — Tentei acreditar no que eu mesmo dizia.

— Drew... Meu filho... — Ela choramingou e eu mais uma vez respirei fundo.

Comecei a falar sobre Henriquetta, Lourdes, Stephanie, em uma tentativa de nos distrair. Buscava forças para permanecer acordado. Inevitavelmente recordei-me de algo que meu pai sempre repetia tão sabiamente para mim e meu irmão: O céu é o limite dos guerreiros. Lutem contra suas próprias limitações.

— Eu te falei que Théo é louco por Stephanie? — Não esperei a resposta e continuei. — Desde que ela nasceu, ele parecia encantado com ela quando a conheceu. A primeira vez que ele a viu em meus braços, pediu para carregá-la e disse: Minha. Acho que temos que ter uma conversa séria com ele, porque não sei o que acho do fato dele querer que minha princesinha pertença a ele. — Falei e ainda que eu estivesse ruim, percebi que eu estava sorrindo.

— Ele disse que ela era dele? — Ainda que soasse fraca, consegui sentir uma emoção em sua voz.

— Sim. — voltei a sorrir, mesmo que isso me causasse um pouco de dor ao fazê-lo. — É aquela velha história, Ali: quem puxa aos seus não degenera. Théo já é possessivo como o pai. — Uma tontura me dominou e forçando a respiração, continuei a falar: — Lembro-me de minha mãe dizendo que ele desde pequeno sabia que você pertencia a ele. Vocês foram crescendo e apenas confirmaram o que ela já havia previsto anos antes... — Minha voz foi sumindo, a tontura mais uma vez querendo me dominar, mas eu fiz questão de olhá-la com determinação nos olhos e dizer: — Edward te ama, Alisson... Sempre te amou. — Proferi com dificuldade. — Não se preocupe. Tudo vai ficar bem...

E a escuridão me ganhou.

Quando acordei, vi que estava deitado em uma maca, sendo levado até uma ambulância. Apesar de tudo em mim doer, olhei para o lado e vi meu irmão com Théo em seus braços. O alívio que senti naquele momento foi tão grande, que por segundo esqueci o que estava sentindo.

— Irmão... Agora você sabe... Estou feliz em ver que agora você saiba que estava errado... — minha voz saiu mais fraca do que eu previa.

— Perdão, irmão... — ele pedia chorando, com seu filho que parecia sossegado em seus braços.

— Eu não preciso que você me peça desculpas. Apenas faça o possível e o impossível para ser feliz. Depois de tudo que Ali sofreu, desejo que vocês possam superar isso e serem felizes juntos. Que possam ser uma família...

— Cibelle... Ela está tão mal, ela não merecia... E Alisson... Meu Deus! — Falou desolado.

— Eu sei... Vamos pedir a Deus que elas fique bem. Que todos nós fiquemos. — Engoli em seco, mas algo me dizia que eu precisava ouvir isso dele. — Irmão, por favor. Se algo acontecer comigo, me prometa que cuidará das minhas meninas, da minha mulher. — percebi que ele iria falar alguma coisa e não deixei. — Por favor. Jure que irá protegê-las, como eu sei que fará com Théo. Prometa que deixará minha família segura. — Ele hesitou, mas no fim concordou, dizendo que nem precisaria pedir, que ele faria exatamente isso.

Os médicos me levaram para dentro da ambulância e o olhar destruído do meu irmão foi uma das últimas coisas que eu vi, até acordar nesse lugar em que estou depois de tantos anos.



A noite estava chegando, pela fresta do telhado eu via que o Sol se pondo, iluminava o quarto, antes de se despedir de mais um dia. Escutei um barulho estranho para o horário, visto que eu costumava não ter nenhum som como companhia depois de um determinado horário, além do barulho que os animais faziam ao anoitecer. Ouvi passos se aproximando da porta do quarto onde eu estava e esperei mais uma vez o veredito do meu torturador. Quando a porta se abriu, primeiro entrou ele e aquela mulher vil, mas junto a eles, vieram mais dois seguranças, que trouxeram consigo mais duas outras mulheres e uma delas eu conhecia muito bem.

— Alisson! — estava indo até ela, mas meu caminho foi interrompido quando ele apontou uma arma em minha direção.

— Nem mais um passo, Andrew. Como você pode ver, lhe trouxemos companhia. Na verdade essa aqui você conhece muito bem. — Deu um sorriso frio e minhas mãos se fecharam em punho. — Sempre soube que um dia ela voltaria. Demorou muitos anos, mas agora ela vai voltar para o lugar dela: o de minha putinha.

Filho da puta!

Tive vontade de partir para cima dele, mas temi que ele fizesse alguma coisa com Alisson ou com a outra mulher, em forma de retaliação. E no meu estado debilitado, não conseguiria dar conta de nenhum dos seguranças. Por isso fiquei quieto, sabendo que a melhor maneira de poder ajudá-las, era fazendo exatamente isso. Era uma merda isso, mas era a verdade. Os seguranças saíram após deixarem as duas deitadas de qualquer jeito no colchão onde eu dormia.

— Não demoro. Quando as belas adormecidas acordarem, terei uma conversinha com vocês .— Com um sorriso cruel, ele saiu.

Depois que a porta se fechou, achei seguro me aproximar. Nem acredito que ele havia trazido Alisson

novamente para o seu cativoiro, sofri um pouco mais por ela, por Théo que deveria estar desesperado para encontrar sua mãe e até por meu irmão. Fora que eu tenho certeza que ele usaria Alisson para me torturar um pouco mais, sabendo da importância que ela tem em minha vida. E a outra moça eu não fazia ideia de quem era, mas quem quer que ela fosse, eu sentia pena e pedia misericórdia a Deus, porque eu sabia o inferno que era viver aqui e não desejava isso a ninguém.

Olhando para Alisson eu me dei conta de que os anos realmente haviam se passado, pois por mais que ela ainda fosse uma mulher linda, suas feições já eram de uma mulher madura e não de uma mulher jovem que eu havia visto há mais de vinte anos. Eu nem imaginava qual era minha aparência hoje. Apenas sabia que meus cabelos, que quando jovem já eram compridos, não viam tesoura a mais tempo do que posso contar e minha barba idem. Essa constatação de que a vida seguiu sem mim, me trazia sentimentos ambíguos, pois era bom saber que todos poderiam estar felizes apesar de tudo, mas também era triste e egoísta saber que eu não vivenciei nada com eles.

Com cuidado, ajeitei Alisson da melhor forma possível, de uma maneira que ela e a outra moça pudessem dividir a cama entre elas. Após tantos anos me sujeitando a tanta coisa, eu não me importava de passar a noite no chão. Com a outra moça ainda desacordada, tentei acomodá-la da forma mais confortável possível. Ao contrário de Alisson, que já passava dos quarenta e era morena, essa moça era loira, jovem e certamente ainda estava na casa dos vinte. Com pesar, constatei que ela estava grávida. Coitada! Grávida e tendo que passar por tudo aquilo! Se antes eu já estava determinado a ajudá-las, agora sabendo seu estado, eu faria o possível e o impossível para livrá-las desse calvário. Algo dentro de mim dizia que eu precisava fazer isso.

Apoiei seu pescoço com uma trouxa, que fiz com algumas roupas velhas que eu tinha, fazendo a vez de um travesseiro. Olhei o rosto bonito, delicado, angelical diante de mim e não consegui parar de olhá-la, era mais forte do que eu. Com a iluminação escassa, estudei seus detalhes minuciosamente e por alguns segundos sua beleza me prendeu. Era tão linda! Não soube dizer o porquê

fiquei intrigado e de certa forma em estado de encantamento com a presença e beleza daquela pequena mulher. Julguei-me por me sentir assim. Afinal ela estava grávida e provavelmente era casada, de acordo com a grande aliança que ela sustentava em sua mão esquerda. Fora que admirá-la, para mim era como se eu tivesse traindo a minha mulher, mesmo que o que eu tenha sentido por essa jovem tenha sido um sentimento completamente diferente do que eu senti e ainda sentia por Henriquetta, mesmo depois de tantos anos.

Repreendi-me por continuar admirando-a e estava indo me afastar dela, para sentar em algum lugar no chão, mas um brilho em seu pescoço me chamou a atenção. Antes mesmo que eu pudesse me deter, minha mão ia de encontro ao brilho que eu havia visto e pelo visto se tratava de um colar. Foi então que o tempo parou para mim, no exato momento em que meus olhos viram e eu reconheci o brasão daquele pingente. Aquele pingente que eu mesmo havia mandado fazer para uma pessoa em especial e agora provavelmente essa pessoa estava diante de mim. Sem que eu pudesse me controlar eu estava chorando.

Com o coração batendo desesperadamente em meu peito, eu sento no chão próximo onde ela está deitada. Chorando por poder ver minha filha depois de tantos anos. Chorando porque eu mal poderia acreditar que isso fosse real e que ela estivesse realmente aqui na minha frente, grávida. Parecia mentira que há pouco eu estava pensando em minha família e agora uma parte dela estava bem diante de mim. Mas também chorei porque minha menina estava aqui agora, presa nas mãos desse infeliz, que só trouxe desgraças para nossas vidas. Se já não desejava que ninguém estivesse no mesmo inferno do que eu, imagine agora vendo que minha filha estava prestes a se sujeitar a isso. A última coisa que um pai quer é que o filho sofra, independentemente do por que. Afinal, nós daríamos a nossa vida por ele. E agora eu me via diante da minha filha, mas com as mãos atadas.

Era um misto de emoções que me dominava, me prendia e me sufocava. Tive vontade de acordá-la, para que eu pudesse ver aqueles lindos olhos azuis, que eu nunca pude esquecer. Abraçá-la em um abraço que valha mais do que mil palavras, demonstrando em apenas um ato, as saudades

descomunais que eu senti. Tentar suprir a falta desse contato. Quero saber sobre ela, sobre Lourdes, minha Henriquetta, do bebê que me fará avô... Tudo. Tento me controlar, pois estou eufórico de tal forma, que preciso de alguma maneira controlar meu coração, que bate tão forte em meu peito que eu chego a temer pela minha saúde e eu não sobrevivi tantos anos para morrer agora. Tento controlar a revolução de sentimentos que me dominam e estão me deixando quase louco. Respiro fundo e aos poucos vou acalmando um pouco a tempestade que se formou dentro de mim.

Enquanto eu velava o sono da minha princesinha, pensando e pedindo a Deus proteção por tudo que sei que está por vir e eu não quero que minha filha passe, vi Alisson começar a se mexer. Seus olhos foram piscando lentamente e quando ela abriu os olhos, olhou ao redor e pareceu em pânico. Ela ainda não tinha me visto, mas eu entendia o sentimento de acordar em um lugar desconhecido e ela estava passando por isso pela segunda vez. Atordoada, ela levantou-se da cama rapidamente e foi então que focou seu olhar aterrorizado em mim, logo uma

expressão de incredulidade tomou conta de si e ela levou a mão à boca.

— Oh meu Deus! É... É você, Drew? — Perguntou chocada e eu me levantei ficando de frente a ela.

— Eu mesmo, Ali. — Consegui falar com a voz embargada de emoção.

— Mas como... Como... Não é possível! Todos viram você morto. Você foi enterrado. Você... — Seu olhar percorre o meu corpo, provavelmente percebendo meu estado deplorável. — Oh céus! Eu não posso acreditar! — Disse, se jogando em meus braços, sem se importar em como eu parecia.

Não sei quanto tempo nos abraçamos, mas eu não sei nem explicar a sensação de poder ver uma pessoa tão querida como ela, depois de tantos anos, onde minhas esperanças de sair ou até poder ver alguém outra vez, eram quase nulas.

— É ela, não é? Minha filha? Minha Stephanie?

Tive que perguntar apontando para minha princesa adormecida, pois por mais que no fundo do meu coração soubesse a verdade, eu precisava que ela confirmasse que

eu não estava sonhando. Alisson também chorava e apenas assentiu, ainda como eu sem acreditar no que estava acontecendo.

— Como estão todos? Como vocês vieram parar aqui? Como estão Lourdes e Henriquetta? — Perguntei de uma vez só.

Mas Alisson não teve tempo de responder, porque logo a porta voltou a se abrir. Ele havia voltado.

Capítulo 39

Théo

Mais cedo naquele dia...

O tempo foi passando, e eu comecei a pensar no quanto ele é sacana com a gente. Pois quando a gente mais precisa que ele demore, mais rápido ele passa. E vice e versa. Te dizem desde que você entra na escola, que o tempo é constante. Ele nunca muda. É uma daquelas coisas definidas na vida com que você sempre pode contar... Assim como a morte e os impostos. Era assim quando você queria que durasse, passava em um piscar de olhos. Mas quando você precisa que ele acelere, ele resolve te sacanear e passa mais devagar do que uma tartaruga. E o fato dele ser efêmero ou preguiçoso, não está ajudando em nada.

O tempo para aqueles que esperam é escroto para caralho!

E agora sentado nessa sala de esperas, eu estava

sentindo isso literalmente na pele.

— Pare de bater esse pé. — Stephanie resmungou pela milésima vez, enquanto lia uma revista de moda qualquer.

— Estão demorando. Vou falar com a secretária de novo. Você é uma Princesa, isso deveria servir para alguma coisa. — Falei me levantando irritado com a demora, mas Stephanie segurou-me pelo braço.

— Senta a sua bunda linda aí. Por Deus, Théo! Você está me irritando. Você já falou com a pobre mulher umas dez vezes. — Voltou a reclamar e eu revirei os olhos.

— Se nós tivéssemos ido para uma médica mulher, como eu falei, não teríamos que ficar aguardando a boa vontade daquele biltre do seu médico, que certamente está atrasado fazendo bronzamento artificial, e já teríamos sido atendidos. Essa espera está me matando. Não é a toa que chamam isso de sala de espera. Porque a gente espera, espera... — Parei no momento em que vi Stephanie largar a revista em cima do cesto e me olhar com sangue nos olhos. Tratei logo de cobrir meu precioso Alexandre.

Melhor prevenir do que remediar, né?

— Theodore Caravaggio, eu juro que se você abrir a

boca mais uma vez para falar do meu médico ou da demora, vou dormir sozinha na nossa cama com o *Ganso*, porque você vai ficar até o final da gravidez dormindo no quarto de hóspedes, sem me tocar. — Bradou e eu gelei.

— Você não ousaria... — Falei incrédulo.

— Paga para ver, marido. — Falou num tom ameaçador que me fez recuar.

— Ok. Ok... Não está mais aqui quem falou. Não sabe nem brincar... — Resmunguei voltando a me sentar.

— Muito bem. Adoro esse som que você faz quando cala a boca. É assim mesmo. Manda quem pode e obedece quem tem juízo. — falou com um sorriso vitorioso.

A filha da mãe sabia que eu não retrucaria depois de uma ameaça dessas. Ela vai me pagar mais tarde!

— Princesa Stephanie, a senhora é a próxima. — A enfermeira chamou da porta.

— Graças a Deus! Estava vendo a hora da minha mulher parir e não ser atendida. — Bradei.

— Theodore!

— Cala boca, mulher! Vamos logo ver meus filhos! Você reclama demais! — Falei, puxando-a em direção ao

consultório.

A barriga redonda de quase oito meses de Stephanie, estava enorme. Ela vivia reclamando do seu tamanho, que não tinha mais para onde crescer, mas para mim ela estava cada dia mais gostosa. Seus seios também haviam aumentado consideravelmente, bem como seus quadris. Além de linda, o bônus nisso tudo estava no fato de que o apetite sexual dela que já era alto, havia realmente aumentado de forma descomunal. Não que eu esteja reclamando, longe de mim. Mas depois das primeiras semanas que sofremos com a proibição do sexo, sair de uma reunião no Parlamento para resolver uma emergência sexual, era algo que eu fazia com prazer.

Bota prazer nisso. Afinal, era uma emergência! Não posso deixar minha esposa grávida sem cumprir seus desejos!

Se por um lado as coisas entre nós ficaram melhores, por outro as coisas ainda não haviam andado nada. Não havíamos tido mais ataques, nem ameaças e muito menos pistas do infeliz que nos rondava e estava à espreita para dar o bote. Isso que me agoniava, me fazia perder o sono,

pois saber que por mais que eu tivesse cercado de seguranças, eu ainda não me sentia seguro e isso era uma merda.

Como eu havia imaginado, Stephanie ficou arrasada com o acontecimento no leilão, mas como a mulher maravilhosa que é, não pensou duas vezes antes de mandar que buscasse outra joia de grande valor, para não deixar de cumprir com o que pretendia aquela noite. Nós havíamos dado uma pausa na nossa agenda no início do mês, então apesar da tensão que persistia, estávamos vivendo em um clima mais ameno. Nos curtindo. Curtindo nossa gravidez.

Nesse momento eu parei as minhas lembranças, pois eu tinha que segurar uma Stephanie muito puta, que olhava com vontade de partir para cima de uma das enfermeiras do seu médico. Tudo isso porque ela viu a coitada me olhando e me deu um sorriso desejando “bom dia” na última consulta.

— Eu não falei que não queria mais ver você perto do meu marido, no mínimo uns 2 km de distância? — Perguntou irritada com a mão na cintura.

— Desculpe, Princesa... Er.. Eu precisei vir pegar o

prontuário de uma paciente para uma cirurgia que o Dr. Vasquez fará mais tarde. — Tentou justificar.

— Stephanie! — Ralhei.

— Cala boca, Theodore! Já estou por aqui com você. — Afirma fazendo sinal com a mão. — E você ainda vem querer defender essa Maria Emergência?

— Maria Emergência? — Perguntei sem entender.

— É... Não tem Maria Chuteira que vai atrás de jogador de futebol? Então... Essa criatura é Maria Emergência, se aproveita da vulnerabilidade dos homens no hospital, para dar o bote. — Explicou e eu segurei a risada, mas ela pareceu se lembrar que a tal enfermeira ainda estava ali. — Mas comigo não, minha filha! Esse aqui é meu, patenteado, intitulado e registrado em cartório. — Passou a mão em meu peito. — E o que você tá fazendo ainda aqui? Por que ainda está respirando o mesmo ar que eu? Tá esperando chegar a minha mão na sua cara? — Ameaçou, dando um passo a frente e a mulher assustada, não demorou a dar o pé.

Stephanne sorriu e ajeitou suas madeixas loiras, antes de se virar para mim, que ainda estava atônito.

Sério! Tem horas que tenho medo dessa mulher!

— Me sinto bem melhor. — Sorriu ainda mais.

— Minha Maluca. — Gargalhei e lhe beijei os lábios.

— Vamos. Quero ver minhas filhas. — Falou, agora me puxando e eu fechei a cara, virando-a de frente para mim.

— Filhos. Filhos. Repita comigo: Machos. Dois meninos do pau grande, que nem o pai. — Falei pausadamente e ela riu.

— Veremos, meu amor. — Deu um tapinha nada carinhoso no meu rosto e eu a segui.

Ela vai ver mesmo! O doutor vai ficar com inveja até do tamanho do pau dos meus filhos! Vou mostrar quem é que faz filho macho direito aqui!

Eu não ia com a cara dele desde que o conheci, mas quando ele veio querer duvidar da minha masculinidade, ao dizer que como Stephanie está grávida de gêmeos univitelinos, quer dizer que se desenvolveram a partir de um mesmo óvulo fecundado por um espermatozóide, fiz questão de esfregar na cara dele que para isso acontecer, é porque meu espermatozóide era foda.

E era mesmo nesse caralho! Não faz nem um filho,

quero ver fazer dois!

Abrimos a porta, para acabar com meu humor. Nunca me acostumaria com o fato de saber que outro homem olha minha maior conquista: a Macedônia da minha mulher. Uma pena que existam poucas urologistas do sexo feminino, porque Stephanie iria sofrer o que sofro, a cada vez que ela abre as pernas para esse doutorzinho de meia tigela. Não que eu estivesse desejando que meu pau seja cuidado por outras mãos que não seja da minha esposa – E muito menos que eu esteja entusiasmado para um homem fazer o mesmo. Mas adoraria pagar na mesma moeda, para ela ver o que é bom.

O dito cujo era um espécime que não chegava aos meus pés, mas era agradável aos olhos. Loiro, olhos azuis, parece aqueles surfistas bronzeados. Na primeira vez que viemos nos consultar com ele, tive que pedir para ver seu diploma de medicina, porque não coloquei muita fé nele não. Afinal de contas, ele havia injetado anticoncepcional de um mês ao invés de três na minha esposa e por esse motivo ela havia engravidado. Mas o biltre culpou sua enfermeira, que preparou a injeção para que ele aplicasse.

Stephanne faltou morrer quando disse que não era mentira, que eu queria conferir seu diploma, mas eu a ignorei e meio a contra gosto o doutorzinho me entregou o mesmo. Pedi que Carl mandasse verificar a autenticidade do diploma e não demorou nem cinco minutos para que ele me ligasse de volta, dizendo que seu diploma era válido e que o doutorzinho ainda por cima havia se graduado com honrarias.

Grandes bostas...

Só depois disso deixei que seguisse com a consulta, com uma Stephanne muito puta ao meu lado. Igor como colega de trabalho do fofoqueiro, logo ficou sabendo e eu fui motivo de piada por semanas. Ignorei-os, porque todo cuidado é pouco, afinal é no meu playground que esse doutorzinho quer meter a mão e é dos meus amores que ele tá cuidando. Quero ver se fosse com eles. No “dos” outros é sempre refresco. Se Deus for justo, ainda verei isso um dia.

Quando nos viu, o biltre do médico da minha esposa, abriu um imenso sorriso. Dá vontade de mandar ele para o dentista, quebrando esses dentes brancos todinhos.

Era pedir demais que ele fosse feio ou... Sei lá... Velho, barrigudo e careca?

— Olha se não é minha paciente preferida. Desculpem a demora, mas eu tive que atender uma paciente de emergência. — Gracejou e eu rosnei.

Tô dizendo...

— Você não tem apego, não? — Perguntei, me segurando.

— Apego? Apego ao que? — Perguntou confuso com minha pergunta.

Babaca!

— Aos dentes. Já avisei, respeito é bom e conserva os dentes. Dá para tomar vergonha na cara e cumprimentar minha esposa com respeito? Já avisei que a hierarquia existe nessa porra. É o ultimo aviso. — Ameacei e o babaca riu.

— Théo. — Stephanie me repreendeu e virou de volta para o biltre que ainda ria. — Desculpe, Gabriel, mas acho que hormônios da gravidez são contagiosos, porque Théo hoje está impossível. — Se desculpou e o outro riu novamente.

Tinha algum palhaço aqui para ele ficar rindo? Rindo eu

vou ficar, na hora que quebrar esses dentes!

— Falou a mulher sensata, que colocou outra para correr por causa de um simples “bom dia”. — Rebatu.

— Não vou discutir. — Virou de volta para o médico que nos olhava com um enorme sorriso.

Sério. Acho que os músculos da face desse cara são distendidos. Só vive assim, com esses dentes abertos!

— Mas já que meu marido tocou nesse assunto, acho que o senhor deveria ser mais seletivo na hora de escolher suas enfermeiras. Porque aquela ruivinha lá... — Pareceu esquecer o que estava falando e se virou para mim. — Qual é o seu problema com as ruivas? — Indagou irritada e eu me assustei com a pergunta nada a ver.

É... Essas oscilações de humor ainda vão acabar comigo!

— O que eu tenho com ruivas? Nada. Tá doida, mulher? — Perguntei ainda confuso.

— Ora... Porque ela estava atrás de você e você ainda me pergunta por quê. — Respondeu bufando.

— Exatamente, você disse tudo, ela quem estava atrás de mim. Não tenho culpa de ser gostoso e muito menos que ela

seja ruiva. — Me defendi e ela apontou o dedo na minha cara.

— Ahaaa! Tá vendo? Não disse! Eu sabia! Eu sabia! Quando eu pegar aquela vagabunda! — Divagou fora de si e fomos interrompidos pela voz da minha vó.

— Não disse que eles estavam aqui? Reconheceria essa voz histérica de Stephanne há quilômetros. Já vi que tinha mulher rondando Théo. — Vovó disse entrando e dando passagem para minha mãe.

— Ei. Antonella! Eu não sou histérica. Apenas sou uma mulher cautelosa, que cuida do que é seu. — Retorquiu e minha vó riu.

— E está certíssima, querida. Lindo e Gostoso do jeito que Theodore é, eu sei o que você sofre. Eu era uma sombra de Gerard. Não podemos deixar brechas para essas meretrizes. — Dona Antonella disse, fazendo Stephanne sorrir.

Meretrizes? Ai meu Jesus! Como se já não bastasse minha mulher ser louca, minha vó que também é outra, ainda dá mais corda para ela!

— Interrompemos algo? — Minha mãe perguntou e eu

levantei para lhe dar um beijo.

Há algumas semanas, minha mãe depois de ter recebido alta da clínica, voltou para Campavia junto com Vovó Antonella. Afinal, nada mais as prendiam em Londres e eu fico feliz de tê-las perto da família novamente. Chamei Alisson para morar junto comigo e Stephanie, mas a princípio ela recusou, dizendo que nós éramos recém-casados, que não queria atrapalhar nada, mesmo que nós morássemos em uma mansão com mais quartos do que a gente pode usar. Eu e Stephanie insistimos para isso, mas ela ainda permanece na mansão dos Caravaggio. No entanto, eu acho que ela mudará de ideia em breve com a vinda dos netos. Eu estou contando com isso.

— Não, mãe, está tudo bem. Só sua nora sendo ela mesma e colocando uma mulher para correr. — Falei rindo.

— Eu sofro. — Stephanie murmurou e negou com a cabeça.

— Achei que não chegaríamos a tempo de ver meus netinhos. — Falou contente e eu sorri de volta.

— Acabamos de entrar. Sentem-se. — Ofereci a cadeira que eu não tinha ocupado.

— Gabriel, essa é minha sogra, Alisson, e essa é sua V... Tia... — Stephanie rapidamente corrigiu, quando viu o olhar ameaçador de dona Antonella. — Do meu marido. — Complementou rapidamente, apresentando as recém-chegadas.

— Um prazer, doutor Gabriel. — Vovó se adiantou, tomando a nossa frente, quase me empurrando para oferecer sua mão para o doutorzinho.

Ih... Lá vem!

— Um prazer, dona Antonella. — A cumprimentou educadamente.

— O que é isso, doutor? Nada de dona, afinal não sou tão mais velha que você. — Mentiu na maior cara de pau.

— Imagina... — Sussurrei em voz alta e eu recebi um pisão de pé como reprimenda, fazendo com que Steph e minha mãe rissem baixinho. — Aiii... — Gemi.

— Então, doutor, antes de começarmos a consulta da esposa do meu sobrinho. Eu tenho uma pergunta. Você é apenas obstetra ou é ginecologista também? — Perguntou com ar inocente.

Por que será que eu sinto que isso não vai prestar?

Simples... Porque não vai!

— Não, não sou apenas obstetra, clínico como ginecologista também. Na verdade eu já era médico da Princesa antes dela engravidar. Mas por que a pergunta? — Comentou e o sorriso da minha vó não podia ser maior.

Merda! Esse sorriso não é sinal de coisa boa!

— Sabe o que é, doutor? Há alguns meses estou sentindo umas coisas estranhas... — Falou como quem não quer nada.

— Como assim estranhas? — ele perguntou curioso.

— Mamãe... — minha mãe tentou intervir, certamente prevendo uma das pérolas de dona Antonella Caravaggio.

E não deu outra. Enquanto minha mulher gargalhava e minha mãe morria de vergonha, eu não sabia onde enfiar minha cara para o que ela disse a seguir:

— Então... É uma coisa que começa bem de baixo... Um fogo no meio das pernas, que não acaba mais! Será que o senhor dá conta de apagar meu fogo? — Perguntou maliciosa.

Ai meus culhões!



Depois da pergunta constrangedora da Vovó, falamos um pouco sobre a gravidez de Stephanie. Como ela estava entrando no oitavo mês, mesmo que o deslocamento tenha desaparecido, como se trata de uma gravidez gemelar, o médico – vulgo biltre - precisa acompanhar mais de perto o desenvolvimento dos bebês e a saúde dela, pois complicações como hipertensão, diabete, problemas renais e taquicardia, são mais comuns quando se espera gêmeos. E a necessidade de repouso também costuma ser precoce, a partir da vigésima semana de gestação. Isso porque, no caso desses bebês, há um alto risco de prematuridade. Por isso a importância de um monitoramento constante.

— O que esse cara está fazendo aqui? — Perguntei me referindo a um cara que estava andando de um lado ao outro, seguindo ordens do doutorzinho.

— É meu enfermeiro. — Respondeu simplesmente.

— Sim? E? O que ele está fazendo aqui? — Voltei a perguntar, já não muito bem.

— A Janice foi dar apoio a um outro médico e como sua esposa colocou a outra enfermeira para correr, tive que

pedir ajuda ao Brian. — Falou e eu fui até o tal.

Nem fodendo!

— Oi. Tudo bom, Brian? — O cara me olhou como se eu fosse um ET.

— Sim... Vossa Alteza. — Respondeu envergonhado.

— Então, Brian, o que você acha de dar o fora daqui, antes que eu faça isso por você? — Perguntei em desafio e ele ficou branco.

— Pare com isso, Théo! — Stephanie falou, saindo do banheiro, usando aquele vestido de hospital, que mais me parece um avental para mim.

O médico falou alguma coisa para o enfermeiro, que saiu dali, nos deixando a sós, mas eu não me importei, estava cobrindo Stephanie com meu corpo, enquanto ela se dirigia até a maca para fazer a ultrassonografia.

Quem inventou esse troço era um tarado por bunda!

— Da próxima vez, você virá de calça. Nada de vestido. Ele não precisa olhar nada abaixo da cintura, até que chegue a hora do parto mesmo. — Afirmei e Steph estava mordendo os lábios, tentando segurar o riso.

— Deixa de ser bobo, seu Ogro. — Beijou meus lábios,

antes de se deitar na maca e cobrir sua parte posterior com um lençol.

— Não precisa ficar pegando. — Avisei, quando vi o doutorzinho com mãos demais em cima da barriga da minha mulher.

— Cala boca, Théo! — Stephanie me repreendeu e o bastardo riu.

Já disse que esse cara tem problemas? Pois é. Parece que inalou o gás do riso!

— Tudo bem, Princesa. Conheço um marido possessivo quando vejo um.

— Acho bom mesmo que saiba. Porque mais avisado do que você já foi, só se eu lhe entregasse uma cartilha. — Resmunguei e Stephanie revirou os olhos.

— Então... Podemos começar? Posso? — Perguntou para mim enquanto segurava o riso.

— Comece logo com isso, mas eu estou de olho. — Avisei.

— Meu Deus! Meu filho é um Ogro mesmo! — Minha mãe disse envergonhada.

— Eu disse, sogra, eu disse. — Steph disse mal

humorada.

O doutorzinho depois de passar o gel na barriga dela, começou a passar aquela coisa por cima da barriga dela. Uma imagem distorcida começou a se formar na tela e logo foi ganhando suas formas. Eu não entendia muito bem, mas logo comecei a identificar, mãos, pernas... Não sabia de quem era o que, mas eu estava emocionado. A cada vez que eu via isso, era impossível não me emocionar.

— Olha as mãozinhas...

— E as perninhas...

— Olha, aquele parece estar chupando dedo...

As mulheres tagarelavam emocionadas. Enquanto eu ainda analisava com um enorme sorriso no rosto os meus bebês, um som forte começou a tomar conta do ambiente.

Meus varões!

— Er... É o coração? — perguntei com a voz embargada.

— Sim, papai. Na verdade, os corações. — Sorriu de novo e eu sorri de volta.

É .Julguem-me por estar sorrindo de volta para esse bastardo, mas estou feliz para caralho!

— Comeu muito chocolate como eu disse que fizesse,

Princesa? — Ele perguntou, remexendo aquele negócio na barriga dela.

— Sim. Nunca mais quero comer chocolate na vida. — Steph disse com cara de nojo, mas eu não dava uma hora para ela mudar de ideia.

— Será que dessa vez conseguiremos ver o sexo de pelo menos um dos bebês? — o médico indagou.

— Ficam de pernas fechadas, doutor? — Minha mãe perguntou, limpando uma lágrima que escorria.

— Sim. Mesmo que a gente só precise ver um para identificar o sexo de ambos, os dois fetos sempre estão de pernas fechadas. — Explicou.

— Abre essas pernas, bebê... Faça jus a seu sobrenome. Ninguém na nossa família tem muito juízo para manter as pernas fechadas por muito tempo não. — Vovó anunciou com um orgulho.

— Mamãe! — Minha mãe mais uma vez a repreendeu.

— Vamos lá... Abre as pernas para o titio. — O biltre disse com a voz dengosa.

Como é?

— Que porra é essa de mandar meu bebê abrir as pernas

para você, seu perverso? E você ainda fala assim na nossa cara? Pois saiba que isso é pedofilia! Onde já se viu um negócio desses! Já ouviu falar da guilhotina? Pois bem, estou afim de voltar a utilizá-la. Tá a fim de fazer a reestreia? — Perguntei puto.

— Théo! — As três mulheres me repreenderam juntas.

— Olhem aqui, alguém tá querendo colaborar hoje. — O pedófilo mudou de assunto e apontou para tela, onde podemos ver que um dos bebês estava abrindo as pernas.

— Isso, filhão, mostra para o papai a alegria das meninas. — Falei animado.

Foi nessa hora que ele abriu de vez. Eu olhei, olhei e nada enxerguei. Era para ter algo bem grande e nítido ali no meio das pernas. Afinal, quem puxa aos seus não degenera.

Ué. Cadê o Alexandrinho do meu filho? Será que ele não vai puxar ao pai? Coitado! Será traumatizado!

— Acho que você não está fazendo esse exame direito, doutorzinho. Não estou conseguindo ver o pau do meu filho! — Reclamei e ele riu.

— Na verdade, não existe, Théo. Por isso que você não

consegue ver. É uma menina... Correção. Duas meninas. — Falou, acabando de acabar comigo.

Olhei para Stephanie que estava chorando, bem como minha mãe e minha vó. Olhei de novo para tela e vi que a bebê agora que já sabíamos o sexo, manteve as pernas abertas... E eu não gostei disso. Afinal, ela tem que manter essas pernas fechadas para todo sempre, amém! Minha mente começou a trabalhar e mil imagens se formaram em minha cabeça. Escola... Meninos. Ensino Médio... Garotos cheio de hormônios. Faculdade... Homens que não sabem manter o pau dentro da calça! Nada de comprar revista de mulher pelada, nem camisinha. Sexo seria um tabu dentro da minha casa. Procurei um lugar para me sentar e já me vi daqui a alguns anos, com dois projetos de Stephanie 2.0 - versão atualizada - me enlouquecendo com roupas curtas, maquiagens, festas, namorados... Namorados... Logo me vejo em uma cama de hospital, tendo um ataque cardíaco, ao descobrir que uma das minhas princesinhas perdeu a virgindade. Acho que esse será o pior dia da minha vida.

Por que, Deus? Por que elas não podem permanecer puras?

— Acho que ele está tendo um ataque. — Ouvi a voz da minha mãe ao longe.

— Que ataque que nada! Ele está é com medo do futuro. Vai pagar muito pecado com essas meninas! — Agora foi a voz da minha vó quem falou.

Ela tem razão. Quando não é nossa, a gente não se importa. Muito pelo contrário. Cai de boca, de língua, com pau... Com tudo. Não se lembra que a mulher que você está pegando, tem um pai em casa. Mas veja minha situação agora, minhas filhas nem nasceram e eu já estou pensando no que sei que passarei daqui a alguns anos. Preciso marcar um cardiologista, tenho que garantir a saúde do meu pobre órgão.

Senti algo molhando minha cara, fazendo com que eu sobressaltasse e pulasse da cadeira.

— Acordou? — Stephanie perguntou, antes de desferir um tapa na minha cara.

— Ai. — Gemi. — O que foi isso? — Perguntei alisando meu rosto.

— Só para garantir que você não tinha surtado com a notícia. — Falou com um sorriso maroto e eu a beijei.

— São meninas. — Afirmei, me ajoelhando e puxando-a para mim.

— Sim. — Ela falou voltando a se emocionar e eu tratei de começar a falar com sua barriga.

— Oi, Princesinhas, agora sabemos que vocês são meninas e podem fechar essas pernas e me façam o favor de não abrir. Jamais. Papai já vai providenciar o enxoval de vocês. Calças e macacões que prendem até os pés, que é para dificultar a vida dos pulhos. Nada de saias e vestidos. Mas não se preocupem, já vou providenciar a vaga de vocês na Escola das Irmãs Carmelitas. Vocês ficarão tão bonitas usando hábito. Com certeza realçará os olhos de vocês. — falei beijando sua barriga.

— Jesus! — Minha mãe falou alto, sacudindo a cabeça de um lado para o outro.

— Jesus mesmo, mãe. Suas netas casarão com Jesus. Serão puras e santas. E eu terei orgulho disso. — Falei com convicção.

— Então continue ajoelhado meu filho e reza, reza muito. Porque como eu já disse, ninguém dessa família mantém as pernas fechadas não. Não nascemos com vocação para

castidade. — Vovó afirmou.

— Ei. Anabella é virgem. — Resmunguei.

E eu esperava que ela continuasse assim por bastante tempo.

Esse era outro assunto que estava me roubando o sono. Há um tempinho atrás, Victor veio com um papo estranho sobre Bella e eu que já não estava gostando nada nada da aproximação que os dois estavam tendo em Londres, gostei menos ainda quando ele disse estar gostando da minha irmã. A princípio fiquei puto, esbravejei, mas depois resolvi dar meu consentimento para que ele a cortejasse. Consentimento qual Taddeo não compartilhou.

No fim cedemos, na esperança que Anabella não compartilhasse dos mesmos sentimentos, porque segundo Stephanie, há tempos que ele a cortejava e ela não retribuía, mais do que amizade. Mas estávamos estupidamente enganados, pois depois de um tempo veio o anúncio de um namoro. É ,também não estou acreditando ainda .Pelo menos ela já tinha voltado para Campavia e por isso que nossa marcação está cerrada para cima dos dois. Eu e Taddeo não damos brechas para que eles façam

nada. Nada mesmo.

—Anabella é uma exceção .É a única pessoa nesse mundo que eu conheço que permanece virgem. Mas escute o que eu estou te dizendo, isso não vai durar muito não— .

Franzi o cenho com o que minha vó falou.

Esse era meu medo...

— Vovó, pare de querer desvirtuar sua neta e querer fazer o mesmo com minhas filhas! A senhora vai para o inferno desse jeito! — Reclamei.

— Não duvido. Vivi uma vida de luxúria e a luxúria é um dos pecados capitais. — Falou dando de ombros.

— Théo! Escute o que eu estou te dizendo: Minhas filhas não vão ser freiras. Elas nascerão é para pecar... Pecar... Pecar!

Não... Eu não admitiria isso!

Como se não bastasse ouvir esse desaforo da boca da minha mulher, recebi um belo chute na minha cara, que estava encostada na barriga de Stephanne. Como se minhas filhas tivessem dando na minha cara e confirmando o que a mãe havia acabado de dizer.

Oh Deus! Tenha piedade de mim!

— Depois papai fala com vocês. Não deem ouvido para essas pessoas que querem desvirtuar vocês. Papai vai cuidar de tudo. — Falei com convicção antes de beijar sua barriga e me levantei, ignorando as três que já falavam sobre o enxoval.

Dei as costas para elas e peguei meu telefone para fazer uma ligação. Precisava começar a preparar as coisas desde agora.

— Carl, quero que você aumente a quantidade do meu treinamento de uma, para sete vezes na semana. Quero treinar todos os dias agora. Confirme para mim se homicídio para garantir a honra, se enquadra nos meus direitos de imunidade soberana e diplomática. E por falar em garantia, consiga para mim o telefone da Escola das Irmãs Carmelitas.

Melhor prevenir do que remediar!

Steph

Saindo do consultório, encontramos Taddeo, que havia

ido levar a avó e minha sogra, para acompanharem minha consulta. Por mais que no fundo eu sentisse qual era o sexo dos bebês, eu não estava acreditando ainda que realmente eram duas meninas. Minhas princesinhas... Me vi chorando, mas meu momento de emoção foi cortado quando eu vi meu marido tendo uma espécie de surto com a notícia. Por mais que eu viesse avisando, acho que ele definitivamente não estava preparado para notícia. Acho que é aquele velho medo de homem machista, que aprontou muito na vida e está literalmente com medo de pagar os pecados com as filhas.

Pois é, amor em dobro, penitência em dobro também!

Como eu não era nem dona de casa e muito menos uma cozinheira que fizesse mais do que sanduiches na cozinha, fomos almoçar no restaurante do Victor como sempre. Minha sogra estava doida para experimentar a comida brasileira e adorou não apenas a comida, mas também o local que era realmente agradável e diferente de tudo que já conhecemos. Na hora da sobremesa o celular de Théo tocou e ele pediu licença para atender, apesar de não ter saído da mesa.

— Pronto. — Ouviu do outro lado. — Ok. Mas ele está bem? — Mais uma pausa. — Quando? Tudo bem. Só vou em casa arrumar uma mala e estou indo para o aeroporto. — Pronunciou antes de desligar.

— Aonde você tem que ir? — Perguntei logo.

— Edward pediu que eu fosse em uma Convenção de Líderes, em Viena, porque Andrew está meio adoentado. Então pediu que eu fosse em seu lugar. — Comentou.

A verdade é que mesmo com tudo o que houve, desde que nos casamos, Théo tem assumido muitos dos compromissos de Edward. Eu ainda não disse para ele, mas eu acredito que Edward está passando aos poucos as responsabilidades de Rei para o filho e isso não é apenas para que ele possa ficar mais tempo em casa com Andrew, mas sim porque acredito que não demorará muito tempo para que ele passe o trono para Théo. Apesar de ter sido criada sabendo que um dia isso aconteceria, mesmo que agora os lugares estejam realmente trocados, não sei se “estamos” preparados para isso. Não que eu ache que Théo não tem capacidade de assumir a coroa, mas uma coisa é você saber que um dia isso tem que acontecer,

outra completamente diferente é vivê-la.

— Andrew está bem? — Tive que perguntar.

— Garantiu que sim, mas está gripado, meio febril e ele não queria deixar Lourdes sozinha, com ele sendo tão pequeno. — Explicou e eu fiquei aliviada em saber.

— Mas ainda assim, depois que sair daqui vou dar uma passadinha lá para vê-lo. — decidi.

— Não vai comigo? — Perguntou com uma carinha que me deu pena.

— Não posso, amor. Amanhã tenho que estar no Instituto para resolver alguns problemas da ampliação. — Lamentei e ele suspirou.

— Merda! Pior que é verdade. Como vou deixar vocês sozinhas? — Perguntou preocupado, passando a mão na minha barriga.

Théo não é apenas ciumento e possessivo, ele é daqueles homens que tem a necessidade de ter a certeza de que a gente está bem. E depois da gravidez então, essa preocupação que já era exagerada, triplicou. Amo sentir esse cuidado e atenção do meu marido, não me entendam mal, mas tem horas que isso me sufoca.

— Pode ir tranquilo, filho. Eu fico com Stephanne até você voltar. — Minha sogra garantiu.

— Tá vendo? Minha sogra vai ficar comigo e com as gêmeas. Teremos um tempo de meninas sem você em casa. — Brinquei e ele riu.

— Tem certeza de que não vai sentir minha falta? — Seus lábios se abriram em um pequeno sorriso.

— Vai ser como férias para mim. Como criança em manhã de Natal. — Brinquei.

— É mesmo? — Perguntou com um sorriso enorme agora.

— Você sabe que não, seu bobo. — Puxei ele para mim, beijando seus lábios suavemente. — Vou sentir sim sua falta. — Dei mais um beijo. — De noite principalmente. — Outro beijo. — Quando estiver deitada em nossa cama. — Mais outro beijo e ele deu um rosnado.

— Você quer me fazer mudar de ideia sobre ir? Não me incomodo de deixar os maiores líderes mundiais, apenas para poder esquentar a cama da minha esposa. — Mordiscou minha orelha e eu segurei o gemido. — Na verdade, minha missão de vida é mantê-la satisfeita,

Princesa. E eu tenho feito um trabalho bem duro para isso. — Sussurrou em meu ouvido.

Oh sim! Bem duro mesmo!

— Ei, vocês dois! Estão me constrangendo! E olhem que isso não é uma tarefa fácil. Procurem um quarto. — Dona Antonella chamou nossa atenção e nós nos separamos rindo.

Théo não demorou a sair. Nós continuamos ali conversando um pouco mais, fazendo planos para comprar algumas coisas do enxoval das gêmeas, pois até então só havíamos comprado o básico e coisas na cor branca. O quarto estava pronto, faltando apenas descobrirmos o sexo para escolhermos o tema, mas não demoramos a decidir, faríamos de princesas. Estávamos fechando a conta quando Taddeo perguntou:

— Vocês estão indo para casa?

— Na verdade eu vou dar um pulinho em casa e tomar um banho, mas depois vou para o castelo ver meu sobrinho. Você vai comigo, não é, sogra? — Perguntei e ela ficou sem jeito.

— Não sei se é uma boa ideia, Steph. Afinal Lourdes

pode não gostar de me ver na casa dela. — Tentou e eu neguei com a cabeça.

Nos últimos meses, as coisas ficaram meio tensas em relação à Lourdes e Edward, mas eu não culpo a minha irmã e muito menos Alisson, elas foram vítimas das circunstâncias. O que importa é que agora as coisas estavam diferentes e tudo parecia caminhar da forma que tinha que ser. Minha irmã apesar de tudo adorava Alisson. Tenho certeza que vai adorar a visita.

— Imagina. Tenho certeza que Lourdes vai adorar recebê-la. Além do mais, você precisa ver o quanto Andrew está lindo. Henriquetta diz que ele está cada dia mais parecido com Théo. — Sorri para ela, que sorriu de volta com um brilho emocionado em seu olhar.

— Então se é assim, eu vou sim. — Falou contente.

— Então está tudo certo. Eu dou uma carona para vocês. — Taddeo ofereceu e eu agradei.

Como Théo havia saído correndo para substituir Edward naquela convenção de líderes, ele havia levado seu carro e isso significava que eu teria que ir para casa no carro de um dos seguranças, já que meu marido não me

deixava mais dirigir por causa da gravidez. Já era ruim o suficiente ter Timão, Pumba e toda a turma do Rei Leão no meu encalço. Tudo bem que era um mal necessário e principalmente depois de saber de toda a história e mais do que isso, ter sentido na pele uma tentativa de nos atingir, mas ainda assim ficar no mesmo carro que um monte de brutamontes, era o que eu menos queria nesse momento.

— Tudo bem. Já que você está insistindo, aceito sim. — Brinquei.

— A senhora vai com a gente, mamãe? — Alisson perguntou para uma Antonella, que tinha os olhos distantes.

— Na verdade não. Vi uma coisa no bar que muito me interessou e estou indo pegar. — Sorriu maliciosamente e eu ri.

Queria ser igual a essa mulher quando crescer!

— Tive que colocar o carro na garagem do fundo, conselho de Théo. Porque assim a gente não precisa se preocupar com os Paparazzis. — Taddeo avisou.

Merda! Tinha esquecido disso!

Quando saímos do hospital, acabou que alguns Papparazzis nos seguiram até aqui. Se antes nós já éramos visados, agora com a gravidez, não tínhamos mais paz. E quando entrávamos no hospital mesmo, sempre cogitavam algum problema. Nos despedimos rapidamente de Dona Antonella, que não demorou a sair da mesa e seguimos Taddeo até a saída dos fundos do restaurante. Liguei para os seguranças, avisando que sairíamos pelos fundos e eles se posicionaram na saída da garagem para fazer escolta. Quando estávamos nos aproximando do carro, ouvi uma voz chamando meu nome. Algo me disse para que eu ignorasse e seguisse em frente, mas eu acabei ignorando meu instinto e olhei para trás. Caminhando em minha direção, vinha um homem mais velho, moreno, com os cabelos desgrehados, roupas amassadas e andar trôpego. Era Olavo, pai de Lourdes.

O que diabos ele está fazendo aqui? E mais... Vindo atrás de mim?

Olhei para o homem que se aproximava e pude constatar que apesar de não ter chegado ainda à casa dos cinquenta, parecia ter vinte anos a mais do que sua idade,

tamanho é seu estágio de decadência. Eu olhava para ele e só enxergava um homem que se autodestruíu, mutilou, por causa do seu próprio vício. Mas apenas ele causou sua própria miséria, então eu não sentia nem um pouco de pena.

— Quem é ele? — Taddeo perguntou.

— Apesar de ter me assustado com sua aparência, até eu conheço. Olavo Miller, alfaiate. — Alisson respondeu.

— Você o conhece mesmo? — Perguntei surpresa.

— Sim. Alano costumava fazer seus ternos com ele.

Papai frequentava a Alfaiataria Miller, bem como nossos antepassados. Acho que é meio que uma tradição da família. — Terminou de falar, no momento em que ele chegou em nossa frente.

— Olá, senhor. Senhoras. — Cumprimentou-nos e apesar de Taddeo e Alisson terem retribuído o cumprimento, eu não o respondi.

— Olavo, o que você faz aqui? — Perguntei, já torcendo discretamente o nariz, pois ele exalava cheiro de álcool.

— Princesinha, Princesinha... Quanto tempo que eu não a vejo. — Disse ignorando deliberadamente minha

pergunta e ainda sorriu.

— Hum... Verdade. Deus tem sido misericordioso comigo, porque eu não tenho tido o desprazer de ver você por aí. Pena que a bondade a favor da minha pessoa acabou. — Falei sem pesar.

Nunca fiz questão de ser educada com Olavo e isso se dá desde que eu me entendo por gente e ele ia ver Lourdes no Castelo. Nunca fiz questão de ser educada com quem não merece. Além do mais, não é segredo para ninguém que eu não gosto dele. Não sou dessas pessoas que fazem tipo. Comigo é assim, cada um tem de mim a “Steph” que merece.

— Olha só, a Princesinha continua malcriada. — Deu um muxoxo. — Seu pai nunca te ensinou que é falta de educação, não? Ah! Claro! Me Desculpe! Acho que ele não teve tempo para isso. — Falou com um sorriso irônico estampado em sua cara e meu coração acelerou.

Ele realmente falou isso que eu entendi?

— Mas veja... — Taddeo ia retrucar e eu o impedi, virando-me séria para ele.

— O que você quer dizer com isso, Olavo? — Tive que

perguntar, pois eu senti a dubiedade em suas palavras.

— Eu? Nada. — Sorriu antes de completar. — Ainda.

— Que merda você quer, Olavo? Desembucha, porque minha paciência só não está mais apertada que minha bexiga. E se antes pisar no meu calo já não era lá muito inteligente de se fazer, imagine agora com os hormônios da minha gravidez. — avisei e não era mentira. Eu era um barril de pólvora. Literalmente um barril de tão imensa.

— Henriquetta não me atende. — Falou nervoso e por um segundo vislumbrei algo como pânico em seus olhos.

— E? — Incentivei que continuasse, mas a minha vontade era de perguntar: O que é que eu tenho a ver com isso?

— Lourdes, aquela filha ingrata eu até já esperava, ainda mais agora que ela virou Rainha. — Disse a última palavra com desdém. — Mas Henriquetta? Não. Não. — negou com a cabeça, parecendo cada vez mais nervoso. — Ela me deve. Eu sei demais para que ela me ignore. — Franzi o cenho.

— O que você quer dizer com isso, Olavo? — Me fiz de desentendida.

— Que o meu silêncio vale muito. — Disse simplesmente.

— Olavo, é sua última chance. Você sabe muito bem que paciência é uma virtude que eu não tenho, imagine grávida. Então pare de falar em códigos, porque eu preciso fazer xixi! — E não era mentira, precisava mesmo.

Apesar de já ter noção do que se trata, eu quero que ele me diga. Ou talvez eu quero que ele negue outro quebra-cabeça que eu encaixei nesse momento, mesmo que no fundo eu saiba que não. Que não, eu não estou errada.

— Fala logo o que você quer, homem! — Foi a vez de Taddeo dizer.

— Ele era um fish... Perdia tudo. Havia tirado um bom montante dele. Então ele me chamou para um jogo a dois. Ganhei a primeira. A segunda. Eu achei que estavam garantidas as partidas daí em diante. Tivemos dois reises, ou seja, dobramos as apostas, duas vezes...

Falava cada vez mais nervoso e não era apenas porque eu não sabia de nada de poker que eu não estava entendendo o que ele dizia, mas porque ele soava meio louco.

— E foi então que ele virou um Shark, um verdadeiro tubarão... Ele fez um bet, aí eu fiz um reise, mas aí ele fez um 3bet. E pronto, ele deu um Royal Straight Flush.

Merda! Isso não era bom!

— Não tenho nada a ver com seu vício de merda, Olavo. — Falei me virando, pronta para sair dali.

— Ah tem sim! — O ouvi murmurar, antes dele me puxar pelo braço e logo senti algo duro em minha cintura.

— Stephanie! — Taddeo e Alisson gritaram ao mesmo tempo.

Prendi a respiração, quando senti pressionar ainda mais o cano do que eu sabia que era uma arma, em meus quadris. Na minha frente, minha sogra e Taddeo pareciam em pânico. Ainda assim meu cunhado tentou conversar:

— O que é isso, cara?

— Isso é uma atitude de um homem desesperado. — Ele respondeu e eu sentia meu coração batendo cada vez mais forte em meu peito.

— Abaixa essa arma. Nós podemos te ajudar. Vamos conversar. — Taddeo tentou mais uma vez.

— Não. Vocês não podem. — Respondeu.

— Sim. Você não é burro, Olavo, sabe que podemos dar o que você precisa. — Consegui responder.

— Sua mãe teve a chance, querida. Ela sabia que quando eu ligava, era porque eu precisava de capital. Meu silêncio tinha que compensar, não é?

Droga! Eu sabia!

— Era ela quem pagava suas dívidas, não é mesmo? — Perguntei o óbvio.

— Touché. — Riu e eu segurei o enjoo que me deu ao sentir o seu cheiro de bebida, misturado com suor.

— Ela está grávida. — Alisson disse nervosa.

— Não me interessa. — Respondeu com desdém.

— Cara, o que você pretende fazer? — Taddeo mais uma vez tentou distraí-lo.

— Como eu já disse, nada mais interessa. Você vem também. — Ele disse apontando para Alisson.

— Não. — Eu gritei, quando eu vi minha sogra apesar de assustada, dando um passo em nossa direção.

— Tia, não faça isso... — Taddeo tentou intervir.

De repente ouvimos barulho de tiros em um local próximo. Na verdade, mais parecia um tiroteio. Nós três

nos olhamos assustados e tudo em mim congelou com a constatação: eles haviam nos cercado.

— Me deixe ir no lugar dela. — Alisson tentou e eu neguei com a cabeça.

— Não... — Sussurrei, mas ela me ignorou.

Enquanto Alisson se aproximava, um carro preto entrou no estacionamento em alta velocidade e parou em nossa frente. Daí em diante foi tudo muito rápido. Alguém atirou em Taddeo, eu e Alisson gritamos e tentamos lutar com desespero, mas de nada adiantou, pois logo colocaram um pano com cheiro forte em nossos narizes e tudo apagou.

Théo

Pela segunda vez naquele dia, eu estava saindo daquele avião. Mas diferentemente da primeira vez, agora eu estava em pânico enquanto me dirigia até o carro que estava a minha espera. Voltando mais cedo do que eu esperava e principalmente pelo motivo que eu esperava que nunca acontecesse. Não conseguia parar de lembrar

um segundo sequer delas. Foi inevitável não pensar que se eu não tivesse viajado, se eu estivesse ali, poderia ter sido diferente, mesmo que eu soubesse que nesse momento poderia ser eu a estar no hospital com um tiro no ombro ou até pior. Ainda que se estivesse mesmo, eu poderia dizer que havia feito alguma coisa para impedir que isso acontecesse, mas eu não fiz.

*Era isso... Tudo que eu tanto evitei se concretizou!
Era o caralho de um pesadelo real!*

Eu deveria tê-la colocado em meu ombro e levado-a junto comigo, mas eu não fiz. Deveria ter dado atenção àquela sensação ruim que senti antes de me despedir, mas ignorei. E agora as pessoas que eu mais amava em minha vida, estavam nas mãos daquele desgraçado e o que eu estou fazendo? Nada. Na verdade estou surtando aqui. Enlouquecendo aos poucos pelo desespero de saber que minha mulher grávida e minha mãe, estavam em perigo. Eu sabia do que esse doente era capaz e isso só me deixava mais aflito, angustiado. Pensar que alguém poderia tocá-las ou fazer mal a elas, me levava ao desespero.

Mais uma vez senti-me inútil. Pois eu não as protegi e

lutava comigo mesmo para que pudesse me manter de pé. Eu já havia xingado, gritado, chorado. Agora malmente estava conseguindo me segurar. Estava a ponto de surtar. Mas não era o que eu precisava fazer para conseguir resolver essa situação. Respirei fundo, pela milésima vez, tentando controlar-me. Tentando pensar com a razão, ao invés do coração. Buscando a frieza que eu precisava, para agir nesse momento. Nem que para salvá-las, eu tivesse que morrer lutando pela vida delas. Eu só não podia sobreviver sem elas.

Chegamos ao hospital e para variar a mídia estava em peso na porta. De alguma maneira havia vazado que Taddeo havia tomado um tiro, mas o que diziam, era que havia sido uma tentativa de assalto e não havia mais nenhuma informação que ligava o nome da Princesa e de Alisson ao acontecido. Rodeado por meus seguranças, fui recebido com um festival de perguntas e a cada vez que gritavam “Alteza” ou “Príncipe Theodore”, aquilo me espezinhava de tal maneira, que eu tinha vontade de gritar, porque por causa da merda dessa coroa, estava acontecendo tudo isso. Era um martírio sem fim carregar

isso. E eu abriria mão de tudo que tenho, para não ter que passar por essa situação toda que estava passando agora. Abriria mão de tudo, para ter certeza que minha mulher grávida e minha mãe ficariam bem.

Quando finalmente cheguei ao quarto do meu irmão, não fiquei surpreso em saber que toda a família Caravaggio, meu pai e Henriquetta, estavam ali velando o sono de Taddeo. Ele estava deitado na maca, um pouco mais pálido que o normal, com um curativo no ombro esquerdo. Confirmar com meus próprios olhos a situação do meu irmão, fez com que a realidade do que estava acontecendo batesse mais forte em meu peito e me deixou ainda pior. Fiquei imóvel vendo-o ali, deitado, senti-me suar frio, meu coração batendo desesperadamente dentro de mim e o medo me dominando mais a cada segundo.

— Théo. — Sarah veio ao meu encontro, me abraçando forte e depois de um tempo sem conseguir reagir, eu retribui, pois eu precisava de um abraço de mãe e ela era minha mãe também.

— Como ele está? — Perguntei com a voz embargada, pois eu estava realmente preocupado com meu irmão.

— Ainda não acordou. Felizmente não tiveram problemas para retirar a bala. Mas ele estava muito nervoso, o médico achou melhor sedarem ele por um tempo. Igor disse que ele não demora a acordar. — Falou com pesar e eu assenti.

Tentando me manter forte, cumprimentei a todos que pareciam, “tão bem” quanto eu. Depois fiquei abraçado a Anabella, que havia sido liberada do estágio daqui do hospital para que ficasse com nosso irmão por Igor, que era seu chefe. Ela era basicamente sua assistente. Nesse momento seu abraço, seu apoio, estavam me ajudando mais do que eu posso colocar em palavras.

— Ele disse alguma coisa? — Depois de um tempo em silêncio perguntei a Alano, que negou.

— Não. Não tivemos tempo de falar com ele. Isaac estava muito ferido, mas conseguiu chamar a ambulância e quando socorreram Taddeo, ele não estava muito bem. — Alano explicou.

— O que sabemos é que tivemos cinco dos sete seguranças de Stephanie, mortos.— Meu pai falou com pesar.

— Merda! — Xinguei.

Maldito! Ele estava matando gente inocente!

Doía-me pensar em quantas pessoas inocentes estavam perdendo a vida, por causa desse desgraçado, que independentemente dos motivos da sua vingança, não justificava em nada o que vem fazendo. Meu coração sangrava ao pensar que elas estavam lá, a mercê desse ser desprezível, que já havia dado tantas razões para nos fazer acreditar que ele era capaz de qualquer coisa. E a cada segundo meu pânico só aumentava.

— Isaac e mais um dos seguranças estão bastante feridos, mas passam bem. — meu pai continuou a falar, enquanto Carl, vulgo Timão, se tornou basicamente meu chefe dos seguranças, meu braço direito, Isaac, ou melhor, Pumba, assumia esse posto quando Steph estava sem a minha companhia. — O segurança da Ali está na sala de cirurgia. — Concluiu consternado.

— Carl me disse que foi no estacionamento do fundo do Panela's, não foi? — Perguntei e eles concordaram. — Eu quem disse para o Taddeo estacionar lá, para evitar os Paparazzis. — Declarei fechando os olhos, me sentindo

culpado.

— Não foi culpa sua, filho. Sei que está sofrendo, mas não fique se sentindo culpado. Eu sei o que está sentindo e sei o quanto você está sendo injusto consigo mesmo. — Edward disse tentando me tranquilizar, eu conseguia sentir o quanto estava nervoso, mas ele sabia que tínhamos que nos manter calmos.

— Não estou conseguindo nem respirar direito. — Confessei e minha irmã me abraçou ainda mais apertado, querendo me consolar.

Porra! Estava foda!

— Eu sei meu, filho. Nós vamos encontrá-las. Temos os melhores atrás delas e nem que a gente rode o mundo, vamos trazê-las de volta para casa. São e salvas. — meu pai garantiu e eu assenti.

Oh Deus! Por favor! Traga as duas de volta para nós.

— Está tudo bem por aqui? — Igor perguntou, entrando no quarto.

— Sim, meu querido. Obrigada pela atenção. — Sarah agradeceu, beijando seu rosto com carinho e ele sorriu.

— Não tem o que agradecer, tia. Vocês são como uma

minha família para mim. — Falou sem jeito e Sarah mais uma vez o abraçou.

— Não seja bobo, você faz parte dessa família, querido. — Afirmou para ele, que corou.

— Será que ele vai demorar muito a acordar? Precisamos saber direito o que houve. Ele pode nos ajudar com alguma coisa. — Falei nervoso e meu amigo acenou com a cabeça.

— Não, Taddeo não deve demorar a acordar. Os sedativos foram leves, foram mais como um calmante, porque ele estava muito nervoso. — Igor explicou e eu assenti. — Théo, cedi um espaço para a equipe de seguranças de vocês trabalharem por aqui, achei melhor que eles se mantivessem por perto, caso houvesse qualquer novidade. Também já transferi os pacientes que haviam por aqui e esvaziei esse andar, para dar mais privacidade à todos.

— Obrigado. — Agradecemos quase em uníssono.

— Espero que não haja necessidade para nada do tipo, mas já tenho duas equipes de médicos e cirurgiões, sendo o obstetra de Steph entre eles, preparados para qualquer

emergência. — Igor disse sem jeito.

Depois do que ele falou, minha garganta parecia que havia fechado. Respirar agora parecia malditamente difícil. Meu coração doeu de uma forma tão forte, que eu tive que me segurar para não chorar. Para não desabar. Para não cair de joelhos como o desesperado que eu me sentia.

Porra! Não queria nem pensar nisso, mas ele tinha razão!

Henriquetta começou a chorar e meu pai e Alano acomodaram ela e Vovó no pequeno sofá que havia ali. Engoli em seco, compadecido por elas. Em toda a minha vida eu nunca havia visto minha avó tão nervosa. Logo ela, que era sempre tão cheia de vida, esbanjando alegria e suas safadezas por aí. Eu imagino como ela deve estar se sentindo nesse momento, depois de tudo que ela sabia que sua filha havia passado, novamente vê-la nas mãos daquele desgraçado, era torturante para todos, imagine para ela e Henriquetta, que são mães. Se deparar com uma situação dessas não era boa para idade alguma, imagine minha avó na idade que está ter que lidar com isso.

— Eu acho melhor eu ir buscar um calmante para todos. Bella, você poderia me ajudar? — Igor perguntou olhando minha irmã que ficou tensa, mas logo se desvencilhou de meus braços e o acompanhou.

— Claro, Dr. Igor. — Falou com ele de forma seca com formalidade e eu franzi o cenho.

Oi? Dr. Igor? Desde quando ela o trata assim fora do seu horário de trabalho?

— Já voltamos. — Ele se dirigiu a nós, mas percebi que estava sem jeito.

Resolvi não ficar remoendo essa reação de Anabella com Igor e esse clima que se formou em relação a ambos. Afinal, eu tinha coisas mais importantes para me preocupar nesse momento, do que com um desentendimento de chefe e estagiária. Eles demoraram um pouco a voltar, mas para mim o tempo se arrastava, então eu realmente não tinha noção do quanto eles realmente demoraram. Apenas achei que minha irmã voltou mais nervosa do que estava, mas deve ser por conta da apreensão do que estávamos passando.

— Não... Não... — Taddeo gemeu, ainda de olhos

fechados, fazendo com que nossa atenção fosse toda para ele e em seguida despertou, sobressaltando-se na cama. — Aiiii... — Gemeu, com o movimento brusco.

— Shhh... Calma, filho. Está tudo bem. Você está no hospital. — Sarah rapidamente tentou acalotá-lo. Taddeo parecia em pânico.

— O que... — Ele percorreu seus olhos por todos que estavam no quarto, mas seus olhos se detiveram em mim. Eu devo estar com uma cara realmente muito ruim, porque ele logo me olhou triste e xingou: — Merda! Levaram elas! Levaram Steph e Tia Alisson! — Ele gritou e eu apenas assenti, porque apenas fazer o movimento da cabeça já parecia que me rasgava, quanto mais dizer isso em voz alta.

— Você lembra o que houve, Taddeo? Pode nos contar, filho? — Alano perguntou.

— Sim. Estávamos chegando ao meu carro quando ele apareceu. — Começou.

— Ele? Ele quem? — Perguntei cada vez mais nervoso, meu coração batendo desesperado em meu peito.

— Olavo. Olavo Miller. — falou nos chocando.

Put a merda!

— Oh meu Deus! — Henriquetta colocou a mão na boca assustada por descobrir que seu ex-marido está envolvido nisso.

— Desgraçado! — Meu pai foi menos sutil.

— Então era esse filho da puta que estava por trás de tudo então? — Perguntei e Taddeo negou, deixando-nos confuso.

— Não... — O interrompi.

— Como não? Você acabou de falar que...

— Théo, eu tenho certeza que ele era apenas o peão de quem realmente está por trás disso. Ele falou qualquer coisa sobre uma partida de poker... — Taddeo tentou explicar e nos contou com detalhes tudo o que havia ocorrido mais cedo.

— Faz sentido. — Meu pai falou e eu olhei para ele que parecia pensativo. — Para variar, esse desgraçado deve ter perdido até as cuecas na mesa de jogo. E como Henriquetta se negou a continuar cedendo às chantagens dele e não pagar mais suas dívidas de jogo, ele deve ter procurado outros meios de pagar suas merdas. — Suspirou

nervoso. — Quem quer que seja, deve ter oferecido para que ele fosse a isca para pegar as duas como forma de quitação da sua dívida ou até uma grana por fora.

Caralho! Meu pai estava certo!

Fazia sentido. Afinal, Olavo havia aparecido em nosso meio, apenas quando Andrew começou a se envolver com Henriquetta. Sendo que o que houve com minha mãe, vem antes disso e ele com certeza não esteve na Holanda. Ele não se encaixa como agressor dela.

— Desculpe, meu irmão... Eu não consegui impedir que pegassem elas... — Taddeo tentou se desculpar e eu fui até ele.

Eu queria abraçá-lo e dizer que estava tudo bem, mas além de saber que eu não podia abraçá-lo por causa do curativo, eu também não poderia acalantar a dor da culpa que eu mesmo tinha. Ainda assim eu tentei.

— Irmão, eu sei que a culpa não é sua. Não se culpe por isso. — Falei e ele deu um sorriso fraco, que não chegou aos seus olhos.

— Vamos orar, meus filhos. Pedi a Deus para cuidar das duas. — Henriquetta disse, em um sussurro baixo, mas

que foi ouvido por todos.

Meu celular tocou, eu pensei em nem atender, porque eu não tinha nem cabeça e muito menos disposição para falar com qualquer pessoa. Mas era uma ligação de Carl e isso significava que poderiam ter avançado nas investigações.

— Pode falar... — Já atendi nervoso.

— Não estávamos conseguindo localizá-las, alteza. Estávamos tendo algum problema no rastreador. Mas conseguimos. — Afirmou e eu inconscientemente sorri aliviado.

Graças a Deus!

— Porra! Puta que pariu! E onde elas estão, Carl? Não podemos perder tempo! — Falei aliviado, andando de um lado para o outro, doido para ir atrás delas.

— Er... Estou chegando ao quarto do Sr. Taddeo, tenho algumas coisas para lhe mostrar.

— Acharam as duas! — Falei alegre e todos comemoramos.

Felizmente, rapidamente Carl chegou até o quarto. Em suas mãos, ele carregava uma pasta com vários papéis.

Não entendi o que isso significava, mas estava agoniado querendo que ele dissesse logo o que quer que ele quisesse falar, para que fôssemos logo ao resgate das duas de vez. Não aguentava mais ficar aqui sem fazer nada. Cada segundo era precioso.

— Pode falar, Carl — ordenei aliviado, doido para sair logo dali e encontrá-las.

— Nós localizamos as duas, mas estou com uma suspeita de que alguém esteve boicotando nossa busca. Por isso a demora de encontrá-las, já que para nós isso se tratava de algo tão simples. Foi então que eu vi um acesso ao servidor, tentando desativar o rastreio do colar e da aliança da Princesa. Como consegui ver que havia alguém entrando no sistema, mudei rapidamente os códigos de acesso e isso o impediu de desligar o rastreio do colar, pois ele já havia conseguido fazer com a aliança. E isso só pode ter sido trabalho interno. — Afirmou de modo profissional e eu enrolei minhas mãos em punhos.

Caralho! Existe mesmo um filho da puta nos apunhalando pelas costas!

— Puta que pariu! Agora temos uma confirmação das

nossas suspeitas, Théo. Há realmente um traidor! — Meu pai bradou furioso, pisando duro no quarto.

— Não tenho dúvidas. Mas agora o que me interessa é resgatar as duas. Depois eu parto esse Judas em dois. Onde elas estão? — Perguntei ainda com desespero a Carl.

— Estão aqui na Campavia. Na Ilha Elisa. — Falou, nos olhando com cautela.

— Ilha Elisa? — Perguntamos ao mesmo tempo.

— Sim. E eu já tenho um nome por trás disso tudo. — Afirmou.

— Qual? — Perguntei apreensivo.

— Dr. Igor, o senhor conhece algum Gerrit Rotterdam? — Perguntou e Igor negou confuso, mas ele estendeu uns papéis para meu amigo, que começou a ler e voltou a nos explicar: — Essa Ilha pertencia a uma família, há mais de duzentos anos. Mas Gerrit Rotterdam é o atual dono da Ilha Elisa. Essa ilha foi doada para ele há uns vinte e três anos. Quem o presenteou foi Heitor Carrara.

Ai merda!

Capítulo 40

Steph

Acordei me sentindo zozza. Tudo em mim parecia fraco e eu via as coisas meio turvas e embaçadas. Pisquei os olhos, tentando enxergar onde eu estava, mas tudo que eu pude ver era que a escuridão quase predominava o ambiente, que beirava a mórbido. O local cheirava a umidade e algo velho, mas também havia um cheiro de maresia. Mesmo que eu não estivesse mais no estágio da gravidez em que enjoava, foi inevitável não me sentir enjoada com essa mistura de cheiros. Principalmente porque os flashes dos acontecimentos que me trouxeram até aqui, vieram de uma vez, deixando-me apavorada. Rezei para que tudo não passasse de um pesadelo, mas não era. Era real. Eu estava mesmo aqui, seja lá onde isso fosse.

Por mais que não fizesse ideia de quem estava por trás

de tudo, sabia apenas que quem quer que fosse, só queria nos fazer mal e estava indo até as últimas consequências para isso. Prova disso foi tudo que havia feito até agora e inclusive terem atirado em meu cunhado. Inevitavelmente me preocupei com seu estado. Preocupei-me em saber se ele estava bem ou até vivo. Mas também pensava se nós sairíamos vivas dessa. Pensar nisso me agoniava, porque eu pensava em Théo ,em nossas filhas, em nossa família. Poderíamos morrer e talvez nunca nos achassem. Théo e eu não faríamos tudo o que planejamos fazer um dia. Nós não veríamos o nascimento das nossas filhas, se é que elas realmente chegariam a nascer. Eu não as veria crescer e muito menos meu marido surtar com isso. Talvez eu não tivesse realmente a oportunidade de dizer a minha mãe e Edward, que eu os havia perdoado por mentirem sobre a minha origem, porque hoje eu entendia que a preocupação com o bem-estar dos nossos filhos está acima de tudo.

Pensar em tudo o que eu poderia passar ou não passar, só não era pior do que pensar que talvez eu não poderia mais ver meu marido e poder ter a chance de carregar minhas filhas em meus braços, pelo menos uma vez. E

dentro de mim, eu sabia que caso isso acontecesse, também o destruiria. Mesmo nervosa, fui me sentando devagar, tentando não pensar negativamente, pedindo que Deus me ajudasse, para então procurar um jeito de sair daqui. Ainda tonta me sentei e aos poucos fui passando os olhos em volta, tentando me acalmar. Tentando conter o pânico que queria me dominar.

Eu estava deitada em um sofá, no que parecia ser uma sala. Em um canto havia um sofá velho encostado na parede e mais duas poltronas igualmente velhas no outro lado da sala. Contrastando com o ambiente humilde, havia uma mesa cheia de computadores, equipamentos e uma estante, repleta de parafernália de última geração. Perto de mim, havia uma janela de madeira, que agora mostrava o Sol lá fora indo embora. Isso não era bom, pois só indicava que o tempo estava passando e eu precisava agir logo.

Olhei para o outro lado e o que eu vi, me parou. Havia duas pessoas sentadas em outro sofá e encostadas na parede, próximas a uma porta, que provavelmente levava para o interior do local. Suas mãos e pés estavam

amarrados e pelo que notei amordaçados, apesar de que não consegui ver seus rostos claramente por causa da sombra que os encobria do pescoço para cima. Uma delas eu tinha certeza que era Alisson, pois eu quem havia ajudado a escolher o Louboutin e o vestido creme da Chanel que ela usava e reconheceria em qualquer lugar. A outra pertencia à um homem com roupas velhas, sujas e pés descalços, que eu não fazia ideia de quem poderia ser.

Tirando forças não sei de onde, consegui terminar de me levantar e cambaleando, fui andando até onde eles estavam. Agachei-me próxima aos dois e tirei o pano que fazia vez de mordaca da boca da minha sogra, que murmurava coisas que eu não entendia.

— Stephanie... Você está bem? Está sentindo alguma coisa? — Perguntou, ao mesmo tempo em que eu retirava as amarras do seu pé e tentava desatar o nó da corda, que prendia em seus pulsos, que parecia ainda mais difícil e apertado.

— Estou. Só estou zozza, sogra. Onde estamos? — Perguntei, ainda tentando soltar suas mãos, em vão.

— Não sei. — Ouvi um barulho do lado de fora e meu

coração disparou. — Tenta achar alguma coisa para cortar. — Ela sussurrou as últimas palavras, olhando para porta que havia atrás deles.

Queria perguntar se ela estava bem, mas eu duvidava que estivesse, principalmente ela que estava revivendo esse terror, eu no seu lugar já teria sucumbido. Mas percebi o quanto ela estava tentando se fazer de forte, talvez por minha causa e das bebês. Eu ia dizer que eu duvidava que deixariam alguma coisa cortante pelo ambiente comigo solta, mas meus olhos foram de encontro ao rapaz que eu havia esquecido que estava ali. Franzi o cenho ao ouvir nitidamente que ele chorava. Compadeci-me dele, pois pelos trajes surrados, sujos e seu estado em geral, parecia que ele estava há muito tempo ali. Me aproximei na intenção de lhe dizer que ficaria tudo bem, mesmo que eu na verdade não fizesse ideia de que realmente fosse ficar. Ainda ouvindo seus gemidos baixos de choro, desatei a corda dos seus pés. Mas então a voz surrada e emocionada de Alisson falou em meu ouvido:

— Steph... É ele... Ele está vivo.

Eu não fazia ideia do que ela dizia, para mim não fazia

sentido algum. Mas então meus olhos se puseram em cima da figura, que aos poucos era iluminada pela luz que vinha do pôr do Sol. Ele parecia alto e corpulento, mas parecia agora magro demais para o corpo grande que tinha. Seus cabelos e barbas eram tão compridos e desgrenhados, que obviamente não viam uma tesoura há anos. Uma feição sofrida, um pouco pálida e abatida. No entanto eu pude ver o quanto ele provavelmente deve ter sido um homem bonito no passado. Mas então eu paralisei. Porque mesmo depois de tantos anos e estando em um estado miserável agora, foi impossível não reconhecer aquele homem que eu havia visto tantas vezes através das fotografias. Aquele que nelas estava sempre tão sorridente, bonito. Aquele que relembram com saudade, pois era querido por todos que tiveram o prazer de lhe conhecer. Aquele menino, que mesmo tão novo, tornou-se homem, marido, pai... Meu...

— Pai! — Murmurei emocionada, ainda atordoada, mas as lágrimas que eu nem havia notado que derramava, escorriam sem parar, enquanto eu tirava o pano da sua boca.

Oh meu Deus! Isso não podia ser possível!

— Eu, meu amor. — Confirmou, com sua voz embargada pelas lágrimas que também derramava e meu corpo todo estremeceu, ao ouvir sua voz pela primeira vez em que eu pude me lembrar.

Ao mesmo tempo em que ele parecia não acreditar, parecia que estava encantado enquanto olhava para mim. E eu nem sabia ainda direito como explicar o que sentia. Meu coração batia de forma ensandecida, louca, parecia que poderia sair da minha boca a qualquer momento. Ele estava realmente ali em minha frente e eu não esperei mais um segundo sequer, me joguei em seus braços, abraçando-o com tudo de mim, mesmo ele não podendo me abraçar, por estar preso, ele tentou da melhor forma retribuir esse carinho tão sonhado, desejando ainda mais daquele abraço desesperador que eu achei que nunca teria. O abraço que era quase insuportável de tão forte, mas eu não queria largá-lo. Não queria e não podia. Era foda de se acreditar, mas era real, meu pai estava realmente ali contrariando tudo que achávamos. Ele estava realmente vivo. Em meio aquela situação horrível em que nos encontrávamos, algo de maravilhoso estava acontecendo e

eu ainda não conseguia acreditar que isso fosse possível. Não queria soltá-lo. Não queria abrir os olhos e pensar que isso não havia passado de um sonho. Mas por mais louco que pudesse parecer, eu pude sentir em cada poro do meu ser que era real.

— Obrigado, meu Deus! Obrigado! — Ele agradecia e soluçava de tanto chorar e eu o acompanhava.

Sempre senti sua presença forte em minha vida e agora eu sabia o porquê. Ele não precisava dizer para que eu soubesse da verdade. Eu sentia. Eu sentia porque ele estava aqui, esperando, sobrevivendo por nós. Então comecei a chorar sem controle, com sofreguidão ao pensar em tudo que ele havia passado. E meu pai parecia ter uma extensão da minha dor, porque choramos juntos. Era como se todo o resto, todas as mágoas, omissões e mentiras ditas para nós, desaparecem de uma vez, porque era como se eu houvesse encontrado o que faltava em minha vida. E eu reencontrei.

Andrew se afastou, sorrindo, chorando. E com suas mãos ainda amarradas, foi tocando a pele do meu rosto de forma gentil e eu aceitei seu carinho com gosto. Enxugou

com seus dedos minhas lágrimas que ainda escorriam, mas enquanto ele fazia isso, não pude deixar de notar o dedo anelar que lhe faltava, exatamente o dedo que por crueldade haviam cortado, para enviar para nossa família em forma de ameaça. Novamente senti meu coração doer por ele. Depois do dedo, do abuso, das prisões, eu esperava tudo deles, não posso sequer imaginar o que meu pai havia se sujeitado por pura maldade desse ser dos infernos.

— Meu Deus! Você é tão linda! — Falou com um sorriso, que parecia tê-lo iluminado inteiro.

— Pai... — Era a única coisa que eu conseguia dizer.

Uma explosão de sentimentos me dominava. Confusão, por não ter ideia de como isso era possível de estar acontecendo. Raiva, por termos sido privados da sua companhia por tantos anos. Dor, por pensar em tudo que ele passou preso aqui dentro. Mas principalmente, amor e felicidade pelo meu pai estar vivo. Era isso que me importava agora. Ele estava vivo, ele havia voltado para nós!

Porra! Isso era tão bom!

— Desculpe interromper esse momento em família, mas tenho algo mais importante para fazer do que esse reencontro. — A voz do captor se fez presente e ao reconhecer sua voz, imediatamente uma tontura me tomou.

Putá que pariu!

Meu pai pareceu perceber que eu não estava bem e com as mãos ainda presas, do jeito que podia, me amparou. Tentei controlar o enjoo que sentia e novamente tentei focar no homem que estava em minha frente. E quando eu finalmente consegui, não pude acreditar.

— Olá, Stephanie. — Sua voz grave e fria me cumprimentou com escárnio.

— Evan? Todo esse tempo era você? — Perguntei confusa, mas ainda assim furiosa.

O idiota sorria, como se tivesse orgulhoso disso. Só um doente mesmo para se sentir orgulhoso de tudo que havia feito. Fiquei doida de vontade de acabar com a raça dele.

— Na verdade não. Meu nome não é Evan. — Afirmou, chegando mais próximo a mim.

Oi? Ele bebeu? Ele tá puro?

— Como não? Você é Evan Carrara, pai de Eva. —
Falei o óbvio.

— Não, Stephanie. Meu nome é Gerrit Rotterdam. Você deve estar se perguntando quem eu sou, né? — Perguntou sorrindo.

Eu não estava entendendo mais nada. Mas eu tinha apenas uma certeza nessa vida, além de que *Alexandre o “Deus dos Paus, o Pau dos paus!”*: era que esse homem era louco!

Como assim não era ele?

— Sou o filho rejeitado de Lavínia. Ou como eu prefiro dizer: sou o gêmeo mau. — Afirmou, deixando-me chocada.

Oh meu Deus! Puta que pariu! Ele não está falando sério, está?

— Você... Você...

Não consegui completar o que eu ia dizer, na verdade não consegui nem completar meu raciocínio. Só que por mais louco que fosse, agora tudo parecia fazer sentido. Ele estava falando a verdade. Não apenas ele, mas obviamente Evan também, eram os filhos do Rei Rubert.

Os gêmeos que a Lavínia acreditava terem morrido no parto, enquanto estava presa naquele porão. Na verdade, eu não sei como nem eu e nem ninguém havia pensado na probabilidade de que esses dois estivessem ainda vivos. E principalmente que o covarde do meu avô, houvesse adotado os filhos de Lavínia como seus filhos. Correção, filho. Porque pelo que sabemos apenas Evan era “filho” de Joaquim e ele não tinha nenhum irmão gêmeo. Mas também quem é que imaginaria que no meio de uma família tradicional da nobreza, houvesse uma história tão sórdida e cruel pelo qual Lavínia havia passado? Ninguém. Edward e Evan tinham praticamente a mesma idade, a verdade mais uma vez estava bem ali e ninguém foi capaz de enxergar. Tudo batia.

— Olha como a vida é engraçada, Princesa. Acho que você tem tempo para ouvir uma história, não é?

Eu não respondi. Afinal eu não tinha escolha mesmo.

— Sabe o que é crescer em um lar pobre, onde não se tem comida e que por muitas vezes você ter de ir dormir cedo, para espantar ou pelo menos enganar a fome? Crescer usando roupas velhas, rasgadas, sapatos

apertados. Começar a trabalhar de engraxate nas ruas aos oito anos de idade, para conseguir ter algum dinheiro para comer no final do dia e ainda por cima sobreviver nas ruas da Holanda, para não ter que viver em uma casa com pais adotivos viciados, que achavam que eu merecia uma surra apenas pelo fato de existir? Claro que a Princesinha não sabe. Nem vocês dois, burgueses mimados. — Riu sem humor.

Senti raiva e amargura em sua voz. E mais uma vez eu me amaldiçoei por não ter ligado os pontos antes.

— Pois bem, eu comecei a me virar muito novo. Aprendi a ler e escrever, assistindo as aulas escondido em uma escola de freiras, pois eu obviamente não estava matriculado. Só que um belo dia, na época com treze anos, eu estava dormindo escondido em um banco dessa mesma escola, enquanto queimava de febre. Foi então que um homem se assustou quando foi me colocar para correr dali. Acabou me chamando pelo nome de outro e com medo do que ele poderia fazer comigo, neguei, dizendo que meu nome não era esse. Ele ficou parado, por diversos minutos olhando-me confuso, quando então um

garoto igualzinho a mim apareceu. Eu achei que estava delirando por conta da febre, afinal um menino que eu nunca havia visto tinha a minha cara. Claro que ele tinha o cabelo cortado, penteado, estava de banho tomado e usava roupas limpas. E eu? Era um menino usando trapos. Ele também pareceu surpreso ao olhar seu espelho do avesso. Mas o homem mandou que ele saísse dali e ele obedeceu. Você deve estar curiosa para saber como saí dali, não é mesmo?

— Na verdade, estou pensando em por que você não morreu ali. — tive a coragem de dizer, porque para mim não importava se ele tinha não uma historia sofrida.

Nada justificava. Nada mesmo!

— Filha, por favor. — Meu pai sussurrou temeroso, bem como Alisson me olhou com um pedido mudo de que eu não o provocasse e eu assenti a contra gosto.

É,Stephanne. Bora segurar essa língua!

— Olha, devo confessar que é interessante ver a Princesinha não recolher suas garras nem quando deve, porque confesso que sua situação não é das melhores. — A voz odiosa que eu também conhecia tão bem, veio antes

dela aparecer.

E quando ela apareceu apontando uma arma, tive que me segurar para não avançar em cima dela. Pois ter certeza de que ela estava envolvida em tudo isso, foi um choque apesar de tudo.

Ruiva dos Infernos!

— Georgina. — Alisson sussurrou temerosa.

Ai merda!

— Eu deveria saber que esse cheiro de podre significava que o lixo estava envolvido, Lauren. Ou devo chamá-la de Georgina? — Perguntei com desdém e ela gargalhou, um riso falso, jogando seus cabelos ruivos para trás, que agora eu tinha certeza serem tingidos.

Vadia!

— Olha, não é que a princesinha não é tão burra quanto parece. — Voltou a rir com desdém. — Se você soubesse quantas vezes eu idealizei esse meu momento de vingança. De vê-la implorar pela sua vida. — Sorriu e eu engoli os milhões de xingamentos que eu tive vontade de jogar na sua cara.

— Deixem as duas irem. — Meu pai implorou atrás de

mim.

— Vocês não entendem, não é mesmo? — Gerrit voltou a dizer.

— Não, eu não entendo. Pode, por favor, continuar com sua comovente história para que possamos entender. Porque daqui a pouco meu marido chega e acaba com a raça de vocês. — Blefei com um sorriso falso.

— Será que ele nos encontrará, Princesa? — Gerrit perguntou cheio de si e os dois doentes riram alto.

Merda! Eu esperava que sim!

Eu sabia que Théo devia estar como um louco atrás de nós. Sabia que ele e nossa família fariam o possível e o impossível para nos achar. Que moveriam céus e terras para isso. Eu só esperava que isso fosse o bastante, porque pela forma que Gerrit falou, como se tivesse certeza de que isso não aconteceria, só deu-me certeza as suspeitas de que alguém do nosso lado estava ajudando-o.

Porra! Eles têm que aparecer!

— Onde eu estava mesmo? Ah sim! A escola. Você sabe que a tradição da família Carrara, que tem origem holandesa, enviar todos os seus descendentes para um colégio

interno lá? — Não respondi, porque com exceção de mim, Andrew e Igor, ninguém se salvava. Deveriam todos serem internados em um hospício. — É. Por sorte ou azar, acabei indo parar na escola em que meu amado gêmeo Evan frequentava. Só que o que eu não imaginava, é que meu querido irmão mais velho quando me encontrou, ao invés de me receber e assumir como seu irmão, não, me mandou para um maldito reformatório. — Relatou e eu levantei a sobrancelha para ele me controlando para não dizer que ele foi para o lugar certo. — Mas sabe que eu agradeço por isso? Porque graças a ele eu passei por poucas e boas lá dentro, sendo tratado como um marginal, sendo espancado, passando fome, mas cresci jurando que um dia eu o reencontraria e todos pagariam por tudo que me fizeram passar ali. — Gerrit falou com orgulho.

— Você também me encontrou lá, querido. — Lauren o interrompeu, apaixonada e eu torci o nariz quando os dois se beijaram.

Argh! Que nojo!

— Não poderiam ser mais perfeitos um para o outro. Tudo farinha do mesmo saco. — debochei. — Podem me

conseguir um balde, por favor. Fiquei enjoada com a cena.

Lauren riu com escárnio e sentou-se na poltrona mais próxima de onde estávamos, mantendo a arma apontada para gente, mas sem tirar os olhos de mim. Ela parecia se deliciar ao me ver em sua mira.

Vadia louca!

— Sabe, Princesa, você está exatamente na posição que eu desejei. Em minhas mãos, para que eu faça o que bem entender. E em breve estará implorando por sua vida, quando eu tiver com a arma apontada para sua cabeça. — Jogou a cabeça para trás e riu histericamente.

Senti uma raiva descomunal, mas nada disse. Eu já sabia que ela era louca, que nunca foi com a minha cara, sempre foi uma interesseira que estava disposta a fingar meu pai para dar o golpe. Mas vendo-a agora em minha frente, com esse olhar doentio, só me mostrou o quanto ela não era apenas vadia, mas uma psicopata.

— Calma, meu amor, tudo no seu tempo. — Gerrit disse para ela enigmaticamente.

Gerrit saiu de perto dela e começou a caminhar ao redor da sala, como se tivesse procurando por algo e eu

tentei não pensar no que ele iria fazer. Ele tirou uma pequena caixa de algo que parecia um cofre, colocando em seu bolso, antes de voltar para perto de onde estávamos, continuando a história, como se não houvesse tido interrupções.

— Por sorte do destino, aos dezessete fui recrutado como agente do serviço secreto holandês, por entre outras habilidades, ter um QI elevado. E essa foi a minha porta para o sucesso. Durante anos, eu fui um dos melhores agentes dali. Mas a minha sede para descobrir sobre a minha origem, sobre aquele homem que me mandou para aquele reformatório, foi maior e então comecei a pesquisar sobre eles. Mas eu não encontrava nada, então foi assim que passei a vender informações da agência, em troca de favores. E quando eu finalmente descobri, fui atrás dele. Como eu imaginei, Heitor mais uma vez me rejeitou, humilhou-me e rechaçou-me. Disse com altivez que ele já havia aceitado um bastardo filho da irmã, mas que não assumiria o outro. Seu pai havia dito a ele que sempre soube que nós éramos filhos do Rei Rubert. Que quando nascemos, eu era muito frágil, ele achava que eu

não vingaria e para não desconfiarem dele caso Lavínia saísse do seu cárcere, resolveu entregar um dos bebês para uma família que lhe devia e os enviou para Holanda, com um montante de dinheiro. Ele criou Evan para que ele fosse o Mordred, da vida do Rei Rubert. Tanto que Evan tem esse nome, como seu segundo nome. Vocês conhecem a história de Mordred? — perguntou e eu nem me dei ao trabalho de negar.

Com esse nome, não deveria bater muito bem da cabeça!

— Mordred ficou conhecido por sua traição ao lutar contra o Rei Artur, na Batalha de Camlann. Muitos acreditavam que ele era filho de Artur e Morgana, meia-irmã materna de Artur. Morgana ainda era solteira e por isso o entregou para Ann-Morgause e Lot, uma tia por parte da mãe de Artur, para que fosse adotado e criado como filho próprio deles. — Andrew disse, parecendo saber a história de cor.

— Muito bem, irmãozinho. — Gerrit piscou para ele, que abaixou a cabeça. — Mas como eu ia dizendo... Joaquim foi burro ao ponto de deixar Lavínia escapar.

Depois foi tão fraco, que enforcou-se na prisão depois de condenado. Então quem continuou com a missão de ensinar Evan foi Heitor. Ele não foi tão bem sucedido no entanto.

— Se Heitor não quis saber de você, o que você tem a ver com isso? — Tive que perguntar, porque para mim ele definitivamente não fazia sentido algum.

— Tudo que diz respeito a minha amada família, tem a ver comigo. — Falou e gargalhou, nem ele mesmo acreditando em suas palavras. — Eu odeio pessoas fracas. Talvez porque eu sempre tive que ser forte o bastante para me superar, para sobreviver e pessoas fracas para mim, são pessoas descartáveis. Inúteis. São desprezíveis. Então eu faço um favor a humanidade, livrando-me deles.

Gente! Tragam a camisa de força para esse ser louco!

— Depois que saí do escritório de Heitor, eu sabia que para mim não bastava apenas ir aos tribunais e exigir o que era meu de direito, tanto da família Carrara, quanto da Bellini di Montalcino. Heitor até havia me oferecido dinheiro. Mas para mim não era o bastante. Eu queria mais. Muito mais. Eu queria tudo. Eu queria que eles

tivessem uma vida de sofrimentos. — Falou parecendo meio aéreo.

Seus olhos tinham um olhar vidrado, louco, mostrando o quão profundamente ele beirava a insanidade.

Sério! Esse cara precisa de tratamento!

— Então... Soube em primeira mão, que meu querido gêmeo era apaixonado por uma determinada mulher, que não tinha olhos para ninguém. — Falou apontando para Alisson e Lauren revirou os olhos.

Hum? Evan era apaixonado por Alisson? Que babado!

— Era a putinha do Futuro Rei. — Lauren debochou com ódio, inveja e eu ri com desdém.

— Coisa que nem isso você prestou para ser. — Acabei soltando e ela arregalou os olhos, empalidecendo com minhas palavras.

Veio em minha direção furiosa, seu rosto agora vermelho de fúria, apontando uma arma em minha direção.

— Eu vou acabar com sua raça, Princesa! — Gritou descontrolada, ameaçando-me com a arma.

Merda!

Nesse momento eu senti ainda mais medo dela. Entrei literalmente em pânico. Eu sabia que ela não tinha nada a perder. Não hesitaria em atirar e que estava realmente disposta a me matar.

— Cala a boca! — Gerrit ordenou, puxando-a de perto de mim, empurrando-me mais profundamente no sofá. — Fica quieta, porra! — Gritou com ela e eu pude vê-la apertar os lábios com raiva. Gerrit então virou-se para mim dizendo: — Calada você também!

— Gerrit, por favor, deixe-as irem. — meu pai voltou a suplicar, vendo que eu ainda estava na mira dos dois.

— Eu quero todos calados agora! A única pessoa que vai falar agora sou eu! — Reagiu, parecendo meio louco.

Meio uma porra! Ele era completamente insano esse desgraçado!

Eu não retruquei, apenas aconcheguei-me próximo aos dois. Tentando segurar não apenas minhas emoções, mas minha língua, que até em uma hora dessas continuava afiada. Tinha que me controlar e parar de abrir a boca para provocá-los.

Mas porra isso era foda!

— Como eu ia dizendo. — Suspirou e recomeçou sua história. — Achei interessante, pois uma mulher tão bonita como ela e em sua posição social, com certeza haveria uma fila de pretendentes e tinha mesmo. Homens ricos e nobres, imploravam por uma migalha da sua atenção, mas ela simplesmente recusava qualquer tentativa de aproximação deles. Sempre fui uma pessoa com intuição e eu sabia que tinha algo ali, por isso resolvi investigar. Não demorei para descobrir, afinal os dois mesmo que não aparecessem juntos publicamente, não se desgrudavam e o Príncipe Herdeiro dar de presente a ela uma Ilha particular, não era para qualquer um. E eu tive a certeza quando eu comecei a ver uma certa frequência de encontros nesse local. Então, pimba! Eu dava início ao começo da minha vingança. Fazer todos sentirem na pele o gostinho da infelicidade.

Enquanto falava seus olhos a consumiam com desejo e voracidade. Pude ver que havia não apenas desejo por ela, mas sua inveja era tão grande, a ponto de ficar obcecado e neurótico por quem seu próprio irmão amava. E agora eu entendia que Lauren realmente a libertou com

ciúmes dessa obsessão que ele nutria por ela.

Esse ser não era normal!

— Com Edward, todo arrogante, cheio de si. Eu mexi exatamente no seu ponto fraco: sua amada Alisson. — Sorriu para ela, que começou a chorar silenciosamente, certamente lembrando-se dos momentos terríveis em que passou em suas mãos. — Ele teve tudo. Dinheiro, poder, meu pai, até a minha mãe ele teve, mesmo que ela não fosse sua mãe biológica. Então por que eu não poderia lhe tirar sua mulher? Foi exatamente isso que eu fiz. E depois feliz eu descobri que também estava lhe tirando seu filho, o próximo Príncipe Herdeiro. Aquele bastardinho que infelizmente morreu, senão seria o verdadeiro Mordred na vida da família di Montalcino. Criaria ele como meu filho, apenas para apunhalá-lo nas costas.

Filho da puta! Desgraçado!

Mordi a língua para não lhe dizer a verdade. Para não lhe dizer que o Príncipe herdeiro estava vivo, que seu plano deu errado e ele era meu marido. Mas me calei. Preferia morrer a colocar em risco a vida de Théo.

— Pena que minha putinha conseguiu fugir, não é? —

Ele se aproximou de nós e passou as mãos no seu rosto. Eu engoli em seco, minha vontade era de acabar com ele, mas eu me mantive quieta. — Passei anos atrás de você, mas nunca encontrava. Mas tive a brilhante ideia de ir atrás de pistas no gabinete do Primeiro-Ministro e lá encontrei os históricos médicos, sabendo finalmente onde você estava. — Sorriu. — Agora podemos matar as saudades. — Disse e ela soluçou.

Infeliz! Como ele pode achar isso normal? Ele não vê que é louco?

Quando eu ia avançar, Andrew deu um jeito de impedir que eu fizesse o que eu queria com os bagos desse miserável. Queria gritar e acabar com ele. Mas mais uma vez tentei pensar racionalmente, pedindo a Deus que nos achassem e viessem nos ajudar o quanto antes. Que saíssemos dessa com vida. Porque a cada segundo que passávamos ali, eu sentia que as coisas só tendiam a piorar.

— E Andrew... Ah meu querido e leal irmão caçula! Esse foi ainda mais fácil. Se o que Edward mais valorizava era Alisson, esse aí o que mais valorizava era

a família. Para que melhor vingança do que lhe tirar da convivência deles? Continuar aqui preso, sabendo que a vida de todos continuou lá fora e a dele parou aqui dentro. Ah! Foi uma doce felicidade vê-lo trancafiado todos esses anos aqui. Alimentei-me da sua falta de esperança de que os reveria um dia. E para que melhor do que por tabela ainda por cima abalar a família com a morte do filho pródigo? Do irmão que fazia de tudo para que o outro fosse feliz? Do cara que tirou a empregadinha da casa daquele jogador compulsivo, que ainda por cima assumiu a filha que nem era dele. Patético, eu sei. — Debochou e riu sarcasticamente. — Não foi difícil pagar um médico para que o declarasse morto. Ele apenas injetou algumas substâncias depressoras do sistema nervoso, que fazem com que haja um rebaixamento das funções respiratórias, deixando-o imóvel, inconsciente e até sem respirar. Ele foi velado com toda a pompa de um Príncipe pela Campavia e pelo mundo. Mas na verdade ele foi retirado do caixão antes mesmo de ser enterrado. Genial, não? — Ele perguntou, cheio de si.

Doente! Desgraçado!

O que leva as pessoas a ficarem felizes e se sentirem realizados pela desgraça e infelicidade alheia, eu nunca entenderei. Uma pessoa que arquiteta tudo isso, é além de doente, é psicopata. Merece sofrer em vida e depois queimar no inferno.

— Sabe que não pode se esconder para sempre. — Andrew disse e ele riu.

— Essa é a beleza da vida, um dia eu posso ser eu e amanhã eu posso ser outro. Mas antes que isso aconteça, eu vou ver todos vocês sofrendo. — Respondeu arrogante.

Um dos seus seguranças entrou na sala e disse alguma coisa, mas não conseguimos ouvir. No mesmo momento em que ele ordenava alguma coisa, vi caída perto da pequena mesa ao meu lado, uma espátula para tirar grampos. Eu sabia que isso não ajudaria os dois a cortarem as cordas, mas poderiam ajudar a nos defender de alguma maneira. Aproveitei que os dois estavam distraídos e olhei para meu pai e Alisson, mostrando discretamente o objeto que eu havia encontrado a minha direita. Nós nos entreolhamos e eles assentiram. Com um pouco de dificuldade, consegui arrastar o objeto com

meus pés e o manteve embaixo do meu sapato, mas na primeira oportunidade eu o pegaria com as mãos.

— Mande-o entrar. — Gerrit proferiu e o segurança assentiu, antes de se retirar e pouco depois Olavo retornava com ele.

— Desgraçado! — Andrew murmurou em cólera, enquanto Olavo sorria.

— Pelo visto você se lembra dele, não é mesmo, irmão? — Gerrit perguntou a Andrew e não podia negar a ironia na sua voz.

— Olavo, seu covarde! Não vou dizer que fiquei surpreso por você ter se vendido para esse infeliz, porque nada me surpreende vindo de você! — Andrew disse e Olavo voltou a fitá-lo com ódio.

— Como vai Henriquetta, Príncipe Andrew? Você vai ficar feliz em saber que eu estive cuidando dela durante esse tempo em que você esteve aqui. — Mentiu, deixando meu pai fora de si.

— Filho da puta! — Berrou e eu e Alisson tivemos que segurá-lo para não fazer nenhuma besteira.

— Andrew, se acalme! Ele está mentindo! — Alisson

gritou.

— Ele está blefando... Por favor, se acalma. Ela nunca esteve com outro, todos esses anos! — lhe garanti e ele pareceu se dar conta que era apenas provocação, pois parou ainda respirando com dificuldades, mas seus olhos continuaram nele.

— Eu acho tão emocionante esses reencontros de pessoas que se odeiam depois de tanto tempo. — Lauren disse com sarcasmo, rindo, sendo acompanhada pelos dois idiotas.

— Que bom, Lauren. Porque em breve você vai estar no inferno, abraçando o capeta! — Agora quem riu fui eu.

E como diz no sábio filme do Rei Leão: *Perigo? Eu rio na cara do perigo!*

— Vou te matar, sua Princesa de araque! — Ameaçou-me em um murmúrio, olhando-me de forma sanguinária.

— Então, já que todos aqui se conhecem, vou relatar como meu amigo Olavo entrou nessa. — Gerrit disse, batendo em seu ombro como se ele fosse seu camarada. — Jogamos uma partidinha de poker e depois de perder uma grana para mim, ele disse que teria como arrumar o

dinheiro para me pagar. Só que ele não conseguiu.

— A fonte secou, não foi, Olavo? — Perguntei e ele deu de ombros.

— Melhor assim, sairei lucrando ainda mais com as informações que compartilhei. — Falou como se não fosse nada demais

— Pois é, amigo. — Gerrit disse e bateu novamente em seu ombro. — Como eu disse, eu sou um cara de intuição e a minha disse que eu tinha que chegar nele. Eu não sou idiota, eu via Henriquetta pagando suas dívidas de jogo durante todos esses anos. E eu me fazia duas perguntas: De onde vinha tanto dinheiro? E o melhor, porque ela estava sempre disposta a pagar pelas dívidas de jogo do seu ex-marido? Era óbvio que ela escondia algo e ele a chantageava com isso. Rapidamente descobri o testamento da família Valentino. Não é que a empregadinha tinha sangue nobre? Herdou uma fortuna do velho. Então era dali que ela tirava o dinheiro para pagar suas chantagens. — Comprimiu os lábios, mas logo sorriu. — Mas o que mais me surpreendeu mesmo, foi o que meu amigo aqui me disse. Qual foi a minha surpresa ao descobrir que a

Princesinha da Campavia, nunca foi filha do Rei Edward e da Rainha Cibelle como afirmavam, na verdade era minha querida sobrinha, filha do falso Príncipe Andrew? Então, cheque-mate. — Piscou para nós.

— Aí ficamos quites. — Olavo afirmou presunçoso.

— Sim. Estamos quase quites. — Gerrit respondeu.

— E o dinheiro que me prometeu? — Olavo perguntou ansioso, parecendo animado.

— É verdade. — Concordou com um aceno de cabeça, mas então apontou a arma que carregava na cintura para Olavo, que ficou pálido no instante em que se deu conta do que ia acontecer. — Vou te pagar com um passaporte para o inferno!

— Por favor, não, não faz isso... Ahhhhhhh! — Alisson pediu, mas logo gritou em desespero, quando seu pedido foi ignorado e o som do tiro eclodiu pela casa.

No mesmo instante eu fechei os olhos, mas ainda assim pude ver o corpo sendo atingido pela bala no peito e caindo em seguida com um baque surdo no chão. Lamentei. Pois apesar de Olavo ter traçado seu próprio destino, ninguém merecia ter a vida ceifada dessa

maneira, na verdade ninguém tinha direito de tirar a vida de ninguém. Engoli em seco, com o coração disparado, tendo uma prova ainda mais nítida do quão cruel ele era e dei tudo de mim para não chorar. Para não sucumbir ao terror que se formava dentro de mim. Tentei controlar meu pânico, não queria pensar no que viria a seguir e enquanto eu abraçava minha sogra, que soluçava pelo seu choro, novamente lamentei por presenciarmos essa cena triste e pedi a Deus misericórdia. Pedi a Deus pela nossa proteção.

Bom Deus! Precisamos sair daqui!

— Como eu disse antes, eu odeio gente fraca. — Gerrit falou e como naqueles filmes do velho oeste, assoprou a boca do cano do seu revólver e sorriu.

O infeliz simplesmente sorriu para nós três, recostando-se na parede, como se não tivesse feito nada demais!

Mais uma vez senti ódio e repulsa por tudo que eles haviam feito. Mas vendo-o agora em minha frente, com esse olhar doentio, só me mostrou o quanto ele era obcecado não apenas pelo poder, mas por algo que nem

ele sabia o que era. Ainda assim me contive, eu estava grávida e literalmente em desvantagem. Caso eu fizesse alguma coisa, não arriscaria apenas a minha vida, mas a vida das minhas filhas e de Alisson e meu pai. Já bastava a situação em que nos encontrávamos. Então pelo menos uma vez na vida eu seria sensata. Novamente recordei-me do objeto que estava embaixo dos meus pés e decidi que precisava pegar ele o quanto antes. Olhei para meu pai, que estava mais calmo do que Alisson, que ainda chorava e sussurrei:

— Vou pegar o objeto. — Ele apenas assentiu e desviou seus olhos para frente para não chamar atenção.

Quando pensei em me abaixar discretamente e pegá-lo, Lauren olhou para mim e eu disfarcei, fingindo que estava meio zozza.

— Eu acho que não estou me sentindo muito bem. — Menti, caindo discretamente com as mãos para baixo ao lado onde o objeto se encontrava.

— Se levante! Agora! — Lauren rosnou irritada.

— Ela está grávida, mulher! Faça alguma coisa! Arranje pelo menos um copo d' água para que ela se sinta

melhor! — Meu pai disse, entrando no meu jogo.

— Não mesmo! Por mim ela morre aí mesmo! — Berrou, antes de voltar sua atenção para Evan, que parecia tentar falar com alguém no telefone e eu aproveitei o momento, abaixei rapidamente minha mão e levantei meu pé, antes de agarrar o objeto. Levantando-me rapidamente e estendendo-o para Andrew, que estava atrás de mim, que logo pegou de minha mão. Ainda assim eu fiquei um pouco mais de lado, encobrendo-o.

— Onde estávamos mesmo? — Gerrit perguntou com um sorriso, voltando sua atenção para nós.

— Querido, que tal se dissermos como fizemos minha amada irmã conhecer Evan? — Lauren falou, sorrindo orgulhosa.

— Ah claro! Já estava me esquecendo. Minha doce esposa tinha uma irmã mais velha. Foi então que eu e Lauren resolvemos apresentá-la a Evan. No início Laís não entendeu porque elas deveriam mudar de país e também de nome. Mas Lauren garantiu a ela que teriam uma nova vida, sem os fantasmas do passado. Então para duas ex-prostitutas, filhas de pais da máfia holandesa,

recomeçar do zero, como senhoras de respeito, sem julgamentos, sem dedos apontando para elas como tiveram a vida toda, era como nascer de novo. E mesmo sem saber, ela tem nos ajudado. — Gerrit explicou.

— Evan não sabe, não é? Nem ela sabe no que se meteu. — Alisson ousou falar.

— Para que? Ele só casou-se com Laís porque ela era uma mulher submissa às suas vontades. Ele não a ama e ela sabe disso. Ele precisava de uma esposa, filhos e ela queria ser uma mulher da sociedade, ter conforto, viver no luxo. Tudo é uma questão de estratégia. — Disse simplesmente.

— Por que eu não me admiro com isso? Como eu já havia te dito uma vez Georgina: Puta é sempre puta! Não importa que mude o nome, que use roupas e produtos de marca. — Falei irônica. — E ainda tentaram dar um golpe no Rei, que pretensiosos! Mas essa coisa que você tem no meio das pernas, não foi o bastante, porque pelo visto você é daquelas putas bem ruins. Porque nem o homem que você ama consegue manter direito, já que ele teve que procurar a mulher dos outros para se satisfazer. Muita

pretensão da sua parte querer fugar um pau da realeza, já que você já provou que não tem competência alguma.

Eu malmente terminei de falar e Lauren marchou furiosa até mim, agarrando e levantando-me pelos meus cabelos, até me levar para o meio da sala e encostar a arma na minha cabeça. Gemi com a brusquidão do ato, meu coração descompassado, batendo desesperado de medo pelo que ela poderia fazer agora.

Merda! Por que eu fui provocá-la?

— Eu disse que eu ia te matar, sua desgraçada! E quando você morrer, eu ainda vou fazer questão de consolar seu querido maridinho! — Berrou na minha cara e terminou sorrindo com cinismo.

Por mais irritada que eu tivesse ficado com seu último comentário, eu não pude falar nada. Não com uma arma apontada para minha cabeça. Não apenas com o medo de ver não apenas minha vida indo embora, mas com medo de perder Théo e minhas filhas. Eles eram minha vida. Imaginei também meu pai, que depois de tantos anos preso aqui sem ver sua família, se sujeitando a tudo que eles queriam, tendo que presenciar essa cena. Minha sogra,

que também já havia passado maus bocados nas suas mãos, também ali. Edward e minha mãe, que haviam feito o que fizeram para manter a mim e Théo em segurança durante toda nossa vida, mas pelo visto foi em vão. O desespero veio de forma avassaladora, enquanto lágrimas quentes escorriam pelo meu rosto. Fechei os olhos e implorei que aquele seria o momento ideal para que eu acordasse desse pesadelo ruim. Mas eu não acordei. Abri os olhos para apenas confirmar que eu estava vivendo um pesadelo acordada.

Olhei para os seus olhos, que pareciam ferver de ódio. O medo que eu sentia só fez aumentar nesse momento, pois eu sabia que ela não teria nenhuma piedade. Que ela faria exatamente o que dizia. Perdi as forças que me restavam e nada disse. A única coisa que fiz, foi me arrepender de tudo que eu perderia por ter desperdiçado meu tempo por orgulho. Em um ato de desespero, pedi que Deus ao menos livrasse minhas filhas desse tormento e as ajudasse.

— Não! — Meu pai e Alisson berraram ao mesmo tempo, levantando-se de onde estavam, desesperados para

chegar até mim.

— Solte-a, mulher! — Gerrit gritou com ela, que parecia ainda mais fora de si.

— Vai defender ela, Ger? — Ela berrou.

— Largue minha filha! — Andrew rosnou de forma feroz.

Nesse momento outra pessoa entrou na sala e eu gelei. Greg. Greg, o chefe dos seguranças da família real era a merda do traidor! Durante todos esses anos que ele trabalhou para Edward, ele esteve ajudando esse desgraçado. Por isso nunca conseguimos descobrir quem estava por trás de tudo, porque além de ajudá-lo com informações da família real, ele provavelmente dava um jeito de apagar as pistas que iam até ele.

Filho da puta!

— Greg? Greg? Era você, seu desgraçado! — Andrew berrou, fora de si, provavelmente sendo consumido por um ódio mortal por descobrir quem o ajudava e ele apenas o ignorou.

— Senhor, temos que ir. Não consegui avisá-lo antes, porque o chefe dos seguranças do Príncipe descobriu que

tinha alguém tentando desativar o rastreador das joias da Princesa. Eles ficaram na minha cola. Não consegui avisar. A Ilha está cercada. Podemos dar início ao plano B. — Disse em modo frio e profissional.

Plano B? Que merda de plano B?

— Merda! — Gerrit praguejou, passando a mão livre na cabeça, enquanto parecia pensar. Mas então voltou a se virar para Ruiva dos Infernos, que ainda me segurava com uma arma apontada para minha cabeça. — Não vou falar novamente, largue-a! — Gerrit ordenou, apontando uma arma para nós, olhando-a friamente.

— Eu não estou entendendo! Você prometeu que eu poderia acabar com ela. Depois de tudo que eu ouvi dela, você não espera que eu poupe sua vida, não é? — Gritou ensandecida.

— Você tem razão. — Sorriu para ela, que pareceu relaxar um pouco. — Eu não estou aqui para poupar a vida de ninguém! Muito menos quem atrapalha meus planos!

Então ele simplesmente apontou a arma para ela, que nem teve tempo de reagir, antes que ouvíssemos o som do disparo que saía dela, atingindo-a em seguida. Gritei

desesperada e me afastei, no exato momento em que seu corpo caia no chão.

— Gerrit... Por que... — Ela balbuciou com dificuldades, enquanto sua mão repousava onde ela havia sido atingida e sangrava.

— Cansei de você, sua vadia! Você me foi útil por muito tempo, mas acabou. Mereço coisa melhor do que uma puta velha! — Gerrit disse, com uma frieza que a surpreendeu, fazendo-a chorar.

— Meu Deus! — Alisson tremia e eu ainda respirava com dificuldade, meu coração ainda querendo sair pela boca.

— Vamos embora daqui! — Greg disse, olhando a cena e saiu correndo.

— Até mais, família. Nos veremos novamente em breve — Gerrit disse com um sorriso irônico.

Então tudo aconteceu de uma só vez. De repente ouvimos um estrondo na porta, na hora em que Lauren segurava com firmeza a arma, que ainda estava em sua mão e apontava para mim. No mesmo momento senti uma dor aguda, que parecia querer me rasgar em meu ventre e

eu desabei no chão caindo de joelhos. Gemendo de dor.

Théo

Conseguimos fechar quase todo o perímetro ao redor da Ilha. Os melhores seguranças da família real, policiais e agentes do Serviço Secreto de Inteligência Campaviana, estavam a postos e todos rigorosamente armados por aqui. Fora o apoio aéreo que estava a alguns quilômetros, em uma distância aérea segura, para que não denunciasses a nossa presença no local. Eu não era um agente de combate, muito pelo contrário, mas sabia me virar e quando se trata de salvar a vida das pessoas que se ama, não medimos força e nem esforços. A gente dá a cara a tapa mesmo!

A Ilha Elisa, que antes parecia deserta para nós, continha um esconderijo secreto, que mais parecia uma casa velha de pescadores. Mas de acordo com o satélite da agência secreta campaviana, há muito mais por trás

dessas paredes. Que vão de armamentos, bombas, uma central de vigilância e uma enorme quantidade de seguranças. O que mais me intriga é saber como esse desgraçado conseguiu montar tudo isso e ainda passar despercebido por tanto tempo. Mas isso acaba agora. Pois definitivamente o local onde funciona a central do desgraçado, que vinha nos atormentando e ameaçando durante tanto anos, por mim vai para os ares e essa ilha afunda.

O fato desse cara ser tão escorregadio, de ter passado diversas vezes não apenas pela segurança de alto escalão da realza campaviana, mas por tantas leis que ele vem quebrando desde então ,só prova o quanto ele é“ bom ”no que faz. Quando estávamos reunidos, bolando uma estratégia para que resolvêssemos essa situação, acabamos levantando uma teoria: o desgraçado além de ter alguém infiltrado dentre os nossos, tem preparo para tudo que tem feito, não é amador.

Agora só nos restava finalmente pegar e descobrir quem é esse tal de Gerrit Rotterdam. Nós sabíamos, tínhamos ciência que poderia se tratar de um nome falso.

Havíamos pesquisado sobre o histórico do cara, mas aparentemente ele havia forjado todos os seus documentos, que agora continham o rosto de um cara que estava morto a mais de cinco anos. Mas o filho da puta não deixava rastros. Ele provavelmente usava um novo nome nos dias atuais, só não conseguimos descobrir qual. Mas certamente quem estava por trás disso tudo, era o tal. Foi aí que resolvemos investigar um pouco melhor com as poucas informações que nós tínhamos. Qual foi a surpresa quando descobrimos que o cara que aparece como “rosto” dos documentos dele, era um agente do serviço secreto holandês? Ele tinha um parceiro, Tom Darer Gritter, que foi um dos melhores agentes da sua época, mas depois foi expulso da agência por traição e não encontramos mais informações do que isso. Mas isso por si só já nos deu a confirmação que estávamos no caminho certo, pois Tom Darer Gritter, era um anagrama do nome de Gerrit Rotterdam.

É. Tudo volta para esse filho da puta!

Ele pode ser o 007, mas isso acaba hoje. Nem que eu dê meu sangue, minha vida, mas eu tirarei minha mulher e

minha mãe, sãs e salvas desse lugar. Não sou a favor de matar ninguém e quando treinava, a minha intenção era única e exclusivamente para me defender, mas depois de tudo que esse desgraçado fez, eu farei questão de lhe meter uma bala na cabeça.

— Igor, algum movimento por aí? — Perguntei pelo intercomunicador que usávamos, tentando me conter.

— Nada. Os mesmos seguranças permanecem fazendo a vigília. — Respondeu.

Igor fez questão de participar da missão, quando começamos a traçar o plano do que faríamos para resgatar Stephanie e minha mãe. Eu o conheço a vida toda para ter certeza, que o fato dele saber que esse cara estava de certa forma envolvido com o seu pai, fez com que ele de certa forma se sentisse responsável. Mesmo que eu soubesse que não. E que em nada Igor tinha do seu pai. Se fosse outra pessoa, eu jamais permitiria que fizesse parte de uma missão tão arriscada, mas assim como eu, Igor tem treinamento e eu conhecia o estrago que ele poderia fazer com apenas uma Magnum 357 ou até com outra arma de calibre menor. Enquanto eu tinha mais agilidade, era mais

rápido, meu amigo era mais preciso. Tinha uma mira filha da puta.

— Greg? E no seu lado? — Perguntei.

Silêncio.

— Greg? Greg? Está ouvindo?

Então um zumbido alto foi ouvido na minha escuta e eu tirei o ponto do meu ouvido. Olhei ao redor e vi os outros fazendo o mesmo. Algo nisso tudo estava errado e eu não demorei a juntar dois mais dois e entendi: Greg era o infiltrado.

Traidor filho da puta!

Tudo fazia sentido agora. Todas as peças do quebra-cabeças se encaixavam. Por isso que o desgraçado do Gerrit parecia sempre estar um passo a frente. Era ele quem sempre facilitava as coisas e como chefe dos seguranças da família real, ele tinha acesso a tudo, era fácil culpar outras pessoas, apagar pistas ou até fazer vista grossa. Agora eu entendo porque as investigações sobre o miserável nunca iam para frente, ele deveria apagar todos os rastros que o desgraçado deixava. Fora que agora quando planejamos vir, ele fez questão de

participar do resgate, ao invés de ficar fazendo a segurança do Rei. Certamente porque queria avisar ao desgraçado que estávamos aqui.

Merda! Mil vezes merda!

Eu não tive muito tempo para pensar, traçar um novo plano, porque logo ouvimos um barulho de tiro e meu corpo todo tremeu de medo.

— Vamos agir agora! — Ordenei e recebi sinal de positivo.

Eu malmente havia terminado de falar e já estava correndo. O terror dentro de mim, se ampliando a cada passo que eu dava em direção ao som do tiro que veio da casa. Pedi a Deus com todas as minhas forças por elas. E pedi forças para salvá-las a qualquer custo. Imaginava que me surpreenderia, mas não tanto. A primeira coisa que meu olfato registrou quando adentrei ao local, foi o cheiro de sangue. Ainda consegui ter apenas um vislumbre de um homem correndo: Evan. Mas naquele momento, apesar da minha sede de vingança do desgraçado, não me importei com nada, a não ser o fato de ver minha mulher deitada no chão, suja de sangue.

Não, por favor, não!

— Mandem o helicóptero vir agora! — Ordenei, desesperado, consumido pelo medo, enquanto ia de encontro a Stephanie.

— Ele está saindo pelos fundos! — Carl informou para alguém pelo intercomunicador.

— O que aconteceu? Ela está ferida? — perguntei desesperado, a bÍlis subiu à minha garganta e eu fiquei apavorado por vê-la naquele estado.

— Não. Esse sangue não é de Stephanie, é de Georgina. — Um homem com cabelos e barbas compridas, roupas sujas, que eu nem havia notado que estava ali respondeu. Ele estava com um objeto pontiagudo em suas mãos, que estava banhada de sangue e no outro carregava uma arma.

— Quem diabos... — Congelei quando olhei para o lado.

Em um lado estava Olavo, sem dúvidas, morto. Caída, a poucos metros dele e de onde estávamos estava Lauren. Então ela é Georgina. Ela era a tal “loira” que minha mãe havia dito que livrou-a do cativeiro. Pelo que eu pude ver, ela estava agonizando e pena era a última coisa que eu

sentia neste momento.

— O que aconteceu? — perguntei ainda confuso.

— Georgina ia atacá-la e eu não hesitei em jogar-me em cima dela. Tentei desarmá-la, mas não consegui, pois ainda tinha os pulsos um pouco amarrados, então acabei me jogando nela e enfiei a arma que eu tinha — explicou-se, indicando o objeto ainda em suas mãos.

— Théo... — Steph sussurrou meu nome, seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Estou aqui, meu amor — murmurei, beijando sua testa.

— Amor, eu pedi tanto a Deus que não deixasse nada acontecer com a gente. Eu sabia que você não suportaria. Pedi tanto para que você nos encontrasse. — Murmurou emocionada.

— Vocês são a minha vida. Eu iria até o inferno por vocês! — proferi com a voz embargada, emocionado, aliviado. Beije seus lábios com cuidado, com medo de machucá-la. — Me desculpe por não protegê-la — pedi e ela negou.

— Você não tem culpa, meu amor... — murmurou em

meio a um gemido.

— Eles a machucaram? O que houve? — perguntei ainda em pânico.

— Não, filho. Georgina ameaçou matá-la, mas ele...

— Ele? Ele quem? — perguntei, doido para matar alguém por machucar minha mulher.

— O plano B... — Lauren conseguiu dizer, chamando nossa atenção.

Ela nitidamente estava sofrendo, as lágrimas se derramavam com a mesma frequência que o sangue escorria do seu abdômen. Ela estava literalmente agonizando em nossa frente, mas Deus me perdoe, não senti nenhum pinga de compaixão.

— Eu... Ele... Vai... Me ajuda. — suplicou.

— Está chorando? Tá doendo? Acho melhor parar e morrer logo. Porque se depender de mim, as lágrimas vão te afogar... — Stephanie falou sem remorso, ainda que eu percebesse que ela estava com dificuldade em proferir as palavras.

— Apesar de poder te deixar morrer aí sem nenhum atendimento, o socorro está vindo, Lauren. — Falei, mas

algo me dizia que ela não duraria mais do que alguns minutos. E eu estava certo, pois tão logo eu disse isso, ouvimos um gemido dela.

— Eu... — murmurou com dificuldade, mas parece ter feito um esforço muito grande, pois não conseguiu completar a frase antes de desfalecer em nossa frente.

— Vai tarde, vadia... Aiiiii — Stephanie gemeu alto.

— Eu acho que vão nascer! — Minha mãe que parecia tão assustada quanto eu, falou.

Oh meu Deus! Oh meu Deus!

— Amor... Chegou a hora das nossas princesinhas nascerem... Ai. — Gemeu novamente.

Depois do “ai”, não precisou de mais nada para pegá-la em meus braços e tirá-la dali. Fui andando em direção à saída, carregando “minhas vidas” em meus braços. Ouço Carl berrando ordens para o helicóptero vir até aqui com urgência. Alisson e o homem que eu ainda não sabia quem era, mas que pelo visto havia salvado a vida da minha mulher, nos seguia. Mas quanto mais nós andávamos, mais algumas pessoas pareciam assustadas e nos olhavam com incredulidade.

Por que eles estão nos olhando assim?

— Fica calma, meu amor. Vai dar tudo certo. — Senti a necessidade de garantir para nós dois, porque eu não conseguia imaginar minha vida sem ela. E eu realmente não conseguiria.

— Você precisa de ajuda? Posso te ajudar a carregá-la — o homem se atreveu a falar.

Como é que é? Ele estava mesmo se oferecendo para carregar minha mulher? Ele não tinha medo do perigo não?

— Olha, meu senhor, entendo que talvez você tenha passado maus bocados na mão desse povo doente. Eu sinto muito por isso. De verdade. Também agradeço por ter salvado a vida da minha esposa. Vou recompensá-lo por isso depois. Mas agora você quer pegar minha mulher, é você pedir para passar maus bocados comigo. — Falei sério e os três riram.

Eles riram? Que porra é essa?

— Amor... — Stephanie tentou falar, mas deve ter sentido outra contração, pois parou de falar e segurou sua barriga em uma careta de dor.

— Vai ficar tudo bem, meu amor. — Ele falou pegando a mão de Steph, ignorando-me completamente.

Meu amor? Esse homem não tem medo da morte não?

— Ei. Você é surdo, seu porra? — Perguntei irritado e ele sorriu.

Ele sorriu? Sério isso, produção?

— Não, Théo. Mas fico feliz em saber que minha filha está em boas mãos.

No primeiro momento, ele não fazia sentido nenhum para mim. Mas então olhei bem para o homem em minha frente. Seu rosto estava machucado, seus lábios cortados e ele parecia um pouco mais velho do que deveria ser, mas isso deveria ser consequência de estar preso aqui. Ele também tinha algumas cicatrizes no resto do seu corpo. Seu cabelos eram loiros, mas o que mais me chocou realmente foram os olhos. Os olhos profundamente azuis. Recordei-me imediatamente das palavras que minha mãe proclamou meses atrás.

— Olhos... Olhos dele.

Apesar das rugas ao redor deles, seus olhos eram de um azul que eu conhecia muito bem e me apaixonava mais

a cada dia. Os azuis de Stephanie...

Oh porra! Era ele! Andrew di Montalcinno, príncipe da Campavia, meu sogro, estava vivo!



Não demoramos a pousar com o helicóptero no hospital da Campavia e não agradei apenas o fato de estarmos livres de paparazzis, mas também por chegarmos, pois como se já não bastasse todo o estresse e medo que me golpearam antes de resgatá-la, meu nervosismo por saber que minhas filhas estavam nascendo estava ao extremo e para me ajudar ainda mais, Stephanie estava a ponto de quebrar minha mão que segurava.

Mal sabendo ela que está me prejudicando, pois minha mão será minha única companheira no seu resguardo! Próximos meses serão tenebrosos! Eu no 5x1!

Rapidamente fomos conduzidos até uma sala e o biltre do médico dela, que havia sido avisado que estávamos chegando, finalmente veio nos atender. Ele a encaminhou a uma sala de pré-parto, onde uma enfermeira obstétrica aferiu a temperatura, pressão arterial, batimentos

cardíacos, viu que a bolsa d'água ainda não havia se rompido e verificou a dilatação do colo do útero com exame do toque.

— A Princesa vai ficar um pouco no soro, porque sua pressão está um pouquinho alta. De tempos em tempos eu ou a enfermeira iremos monitorar os batimentos cardíacos e a pressão arterial dela e do bebê. Além de fazer exames para saber se está tudo bem, até que a pressão dela se estabilize um pouco. Mas não se preocupem, pois apesar de ser um parto prematuro, como se trata de uma gravidez gemelar, a idade gestacional para o parto não é a ideal, mas ainda é aceitável. Assim que as bebês nascerem, faremos todos os exames e se precisar, elas ficarão um pouco na UTI Neonatal. — Proferiu e eu assenti, rezando para que corresse tudo bem e minhas princesinhas não precisassem passar por isso.

— Já parou de secar? — Stephanie perguntou, olhando diretamente para enfermeira. — Tô parindo, mas ainda acabo com tua raça se continuar a olhar para o meu marido desse jeito! — Ameaçou, fazendo a moça empalidecer.

— Amor... — Tentei e ela me deu um olhar raivoso.

— Cale a boca você também! Pois isso também é culpa sua! Por que ainda não tirou essa roupa, homem? Tu já é gostoso, mas tem noção do quanto fica quente com esse uniforme tático, coldre e ainda por cima armado? Não vou estranhar se as mulheres estiverem jogando calcinha para você enquanto anda nesse corredor. Meu Deus! Parece que tem um ano que eu não te dou e foi hoje de manhã. Estou aqui puta da vida, porque quero dar e não posso! Vou ficar sabe-se Deus quanto tempo sem poder manusear sua bazuca! Então acho bom você ficar calado, porque eu estar prenha também é culpa sua! — berrou e eu a olhei, boquiaberta.

Porra! Era errado eu estar excitado agora? Porque me mate, mas eu estou ficando doido aqui!

— Acho bom eu providenciar uma nova enfermeira, porque sua mulher já colocou mais uma para correr. — O médico disse, ainda parecendo meio chocado.

— Acho bom. — Steph concordou ainda irritada.

— Nada de enfermeiro homem também. Não tenho disposição para mais um macho querendo cuidar do que é

meu. — Exigi e ele riu.

— Ok. Enfermeira mulher, na casa dos sessenta, está bom para vocês dois? — Perguntou, tentando se segurar para não rir.

— Ótimo! — Respondemos em uníssono.

É .Eu acho que nós dois temos o mesmo problema mental!

— Então tudo bem. Quando estiver tudo ok, vamos prepará-la para o parto cesariano. Normalmente nós não autorizamos, mas Dr. Igor, como diretor do hospital, liberou que mais uma pessoa pudesse ficar aqui no quarto até a hora do parto. — Falou.

Olhei para Stephanie, pois por mais que eu achasse que seria bom que ela tivesse sua mãe ao seu lado, essa ainda era uma decisão dela. Ela olhou para mim e disse:

— Amor, traz minha mãe para mim. — Sorri para ela e assenti, antes de beijar sua testa. Quando estava chegando à porta, ela falou: — Pede para meu pai vir também... Quer dizer, seu pai, er... Edward. Preciso falar com ele também. — Sorri para ela mais uma vez e saí.

Felizmente o andar estava reservado para nós. Fui em

direção à sala de espera, onde eu sabia que nossa família estava aguardando notícias de Stephanie. Todos estavam praticamente em cima de Andrew, que já havia tomado um banho e feito a barba, agora estava usando roupas limpas e os cabelos penteados. Quando chegamos da Ilha, estavam todos a nossa espera. Mas meu nervosismo era tão grande com o estado de saúde da minha mulher e das minhas filhas, pois naquele momento só pensei em trazer minha esposa para garantir que estava tudo bem e não fiquei muito tempo com eles, enquanto Andrew reencontrava sua família depois de mais de vinte anos. Com certeza deve ter sido bastante emocionante para todos. Disso eu não tinha dúvidas.

Agora ele estava abraçado com Henriquetta, que ainda meio que chorava de emoção, mas mantinha um enorme sorriso no rosto e parecia não querer soltá-lo. Também pudera. Eu já estou doido pra voltar para o quarto depois do tormento de algumas horas apenas, quanto mais ele que havia ficado preso durante tantos anos e todos achando que estava morto. Meu pai apertava seu ombro, enquanto conversavam, também visivelmente emocionado. Eu ainda

não havia conseguido assimilar toda essa história louca. Mas era bom saber que meu sogro, que era tão querido por todos, estava realmente vivo.

Quando notaram minha presença, começaram a perguntar ao mesmo tempo o que estava acontecendo. Conteí rapidamente o que o médico havia nos dito. Eu vi os olhos de Henriquetta brilharem esperançosos, quando eu disse que poderia haver mais alguém no quarto antes da hora do parto.

— Henriquetta... Eu vim aqui porque Stephanne pediu para que eu levasse a mãe dela para ficar com ela um pouco. — Falei e foi aí que ela se jogou em meus braços, ao se dar conta da profundidade das minhas palavras.

— Obrigada, meu filho. — Agradeceu e eu não entendi pelo que.

— Não tem que agradecer por nada, sogra. — Eu disse.

— Tenho sim. Por cuidar da minha menina, por fazê-la se tornar uma mulher melhor, por fazê-la tão feliz e pelas minhas netas. — Disse emocionada e eu sorri.

— Não faço mais do que minha obrigação. É meu dever e prazer fazê-la feliz. — falei e ela sorriu emocionada. —

Vai lá, vou ficar um minuto aqui para vocês conversarem um pouco. — Beije sua testa e ela assentiu, antes de beijar seu marido e sair correndo em direção a onde Stephanie estava.

— Como você está, filho? — Edward perguntou cauteloso, olhando-me da cabeça aos pés como se quisesse ter certeza de que eu estava realmente bem.

— Estou bem... Pai. — Completei estudando a palavra e seus olhos se encheram de lágrimas de emoção.

— Você... Você...

Ele não conseguiu completar o que diria e me puxou para um abraço, pois eu sabia que tinha sido emocionante para ele, o momento em que eu o havia chamado de pai pela primeira vez na vida. Um abraço de pai e filho, que mesmo que tenhamos convivido a minha vida toda um ao lado do outro, demoramos tanto tempo para dar. Eu não sei em que momento eu o perdoei, mas eu já havia perdoado ele há muito tempo. Acho que realmente não havia mais o que perdoar. Depois de tudo que havíamos passado, especialmente hoje, eu o entendia. Minha vontade era de chorar, de dor, de alívio, agradecimento.

Por saber que mesmo “distante” ele fez de tudo para garantir nossa segurança. Entendia porque, pois em poucas horas eu fui do céu ao inferno com medo de perder minha mãe, minha mulher e minhas filhas. No momento em que eu descobri que eu seria pai, eu soube que eu faria de tudo para proteger meus bebês. Mas só quando algo realmente ruim acontece com a gente, que coloca tudo que a gente ama em risco, que entendemos de verdade a profundidade desse sentimento, desse dever, dessa necessidade de fazer e dar o nosso melhor por eles. Por mais que no lugar dele pudesse ter feito muita coisa diferente, eu também faria qualquer coisa para garantir a segurança das minhas filhas. E entendi. Entendi o que ele fez. Por mim. Por Stephanie. Por todos nós. Não havia mais mágoas agora.

— Eu sempre, sempre te amei, filho. Me perdoa. Não poderia pôr em risco sua vida. Eu já havia perdido tanto. E jamais me perdoaria caso acontecesse algo com você. — Murmurou emocionado.

— Eu sei, pai... Eu já o perdoei. — Respondi e nós nos afastamos ainda nos olhando, meio sorrindo, meio

chorando.

Uma viagem só!

— Acho que nós devemos nos apresentar novamente. — Andrew disse nos fazendo sorrir, quebrando um pouco a tensão. — Prazer, Andrew. Você costumava me chamar de tio Drew, mas não sei se pega bem para um rapaz do seu tamanho me chamar pelo apelido. — Brincou e eu ri.

— Acho que não. Só temos que decidir agora se devo chamá-lo de tio ou de sogro, para não ficar confuso. — Falei e ele riu, antes de me abraçar.

— Acho que sogro soa melhor. Me sinto menos velho. — Rimos e ele virou sério para mim. — Fico muito feliz por saber que vocês ficaram juntos, Théo. Apesar de que eu já achava que isso aconteceria quando minha menina nasceu. — Afirmou e eu olhei para ele surpreso.

— Sério? — Perguntei e ele sorriu, assentindo.

— Vamos apenas dizer que sua possessividade com Stephanie quando eu lhe ofereci ajuda, não foi a primeira manifestação que você teve em relação a ela. Isso começou ainda no berço. — Respondeu e eu sorri.

— Não duvido.

Andrew havia ido fazer uma bateria de exames que meu pai havia insistido que ele fizesse, afinal depois de tanto tempo sem um cuidado médico, ele precisava se cuidar. Mesmo a contra gosto ele foi. Edward e eu fomos andando até o corredor da sala pré-operatória onde minha esposa estava, acompanhado de minha mãe, que tentava me tranquilizar. Nós decidimos dar um tempo para Henriquetta e Stephanne, antes de entrarmos na sala. Meu pai estava ao telefone com Lourdes, lhe colocando a par das novidades, pois com Andrewzinho ainda doente, ela não pôde vir para cá. Foi então que Igor apareceu, com uma expressão derrotada em seu rosto. Na correria de chegar logo ao hospital, acabei esquecendo-me completamente do meu melhor amigo. Igor parecia de certa forma desolado. E isso me deixou preocupado e em alerta.

— Stephanne ainda não foi para sala de parto? — Ele perguntou e nós negamos.

— Não. A pressão dela estava um pouco alta e o médico deu um tempo para estabilizá-la. — Falei e ele assentiu.

— Está tudo bem, Igor? — Minha mãe perguntou e ele negou.

— Na verdade não. — Suspirou, arrepiando seus cabelos.

— O que houve? Evan escapou? — Pergunto já puto da vida.

— Filho... Não era Evan. — Minha mãe respondeu por ele e eu a olhei confuso. — Eu havia dito que eu não consegui ver o rosto do meu agressor, certo? — perguntou e eu assenti. — Então, eu não disse que eu achava que conhecia aquele olhar de algum lugar, mesmo que ele parecesse tão diferente? — Novamente assenti. — Não era Evan, era seu irmão gêmeo.

Oi? Minha mãe não estava fazendo sentido!

— Mas Evan não tem um irmão gêmeo. Que porra de história é essa, mãe? — Perguntei.

— Você ainda não ligou dois mais dois, filho? — Meu pai perguntou e foi então que eu dei-me conta da verdade.

Putá merda!

— Mãe... Você quer dizer que... Er... Ele...

— Sim, filho. Gerrit e Evan, são meus irmãos. Filhos

do meu pai com Lavínia. — Meu pai disse parecendo triste e confuso ainda.

— Santa merda! Isso é muito louco! — proferi, andando de um lado ao outro.

— Sim. Os dois sofriam tanto por causa dos filhos que perderam, sendo que eles sempre estiveram ali. — Meu pai disse com pesar.

— E Evan sabe disso? — Perguntei e minha mãe negou.

— Não, pelo que Gerrit disse, até Evan estava incluso na sua vingança. — Me explicou.

— Sim, mas vocês conseguiram pegar Gerrit ou não? — Voltei a perguntar e Igor assentiu.

— Conseguimos, mas não sei ao certo se ele vai viver por muito tempo. — Igor falou e nós olhamos para ele sem entender.

— Como assim? — Minha mãe perguntou.

— Quando Carl disse no rádio que ele estava fugindo pelos fundos, eu fui atrás. Quando vi que ele estava vindo, tomei um susto ao reconhecer meu próprio tio, acompanhado de Greg. Ainda assim, decidi que eu o pegaria, afinal para mim ele tinha que pagar pelo que

cometeu. Então de repente, ouvi alguém chamando seu nome e ele recuando, mas eu não consegui ver muita coisa, pois minha visão do que estava acontecendo não era nada favorável. Decidi atacá-los mesmo assim. Foi aí que ouvi um disparo. Ele foi baleado na cabeça. Está na sala de cirurgia. Não tenho certeza de que ele vá sair dessa com vida. Na verdade, não pensei que ele fosse chegar até aqui.

Steph

— A senhora por um acaso não tem maquiagem na bolsa? — Perguntei a enfermeira sexagenária que estava terminando de aferir minha pressão pela milésima vez desde que cheguei aqui.

— Maquiagem? — Perguntou e eu concordei. — Er... Não tenho não, alteza.

Droga! Que mulher não tinha uma nécessaire na bolsa depois que começamos a usar calças?

— Nem um batonzinho? Uma escova de cabelos, pelo menos? — Indaguei esperançosa.

— Não. — respondeu. — Mas que mal lhe pergunte princesa, para que?

— É Angélica, né? — Perguntei referindo-me ao seu nome e ela concordou. — Então, estou parindo, comendo uma dor desgraçada, mas nem por isso devo deixar de estar linda. — Falei simplesmente.

Isso mesmo. Sofro, mas soffro com classe! Se dói menos? Não! Mas aparentemente vou estar bem, linda e Diva!

Bateram na porta do quarto e eu murmurei que entrassem. Mesmo que eu soubesse que ela estava vindo, quando ela entrou no quarto e olhou para mim, não pude conter a emoção de ver minha mãe depois de tudo o que havia passado. Ela não esperou que eu dissesse nada, parecia que sabia e então veio até mim, abraçando-me e eu chorei em seus braços. Chorei pelo que passei nas mãos de Gerrit. Mas também chorei, porque naqueles momentos horríveis em que estive com ele, pude ver o quanto eu estava sendo infantil por permanecer com minha birra com

ela e Edward, por causa de um orgulho bobo. Sei que eles erraram ao continuar omitindo a verdade sobre nós, mas também sei que o que eles fizeram foi apenas tentando acertar. Pois antes mesmo de pensarem no bem estar deles, eles pensaram em nós. Minhas filhas nem nasceram e eu sei que eu suportaria qualquer coisa por causa delas. Faria qualquer coisa para garantir a felicidade delas. Nem que isso significasse que eu sofresse no caminho.

E embora tenha passado boa parte da minha vida acreditando que minha mãe estava morta, tive a sorte de ter sido criada pela minha verdadeira mãe. Mesmo sem saber, Henriquetta era minha figura materna e esteve sempre ali ao meu lado. Foi ela quem cuidou de mim quando eu estive doente. Que me explicou que eu era uma mocinha, quando fiquei menstruada a primeira vez aos onze. Que deu-me o sermão sobre sexo quando achou que eu precisava. E mais do que isso, sofreu muito, calada, mas em momento algum deixou de cuidar de mim com todo amor de mãe que eu poderia ter. Então eu não tinha do que reclamar mais.

— Desculpe-me. — Sussurrei, emocionada, enquanto ela limpava as minhas lágrimas que escorriam, ao invés das

suas próprias lágrimas.

Ela sempre fez isso e eu não dei o real valor!

— Você não tem que pedir desculpa, filha. Por mais que eu tenha sofrido com suas palavras, sua distância, eu te entendia. Mas a única coisa que eu queria que você entendesse, é que eu fiz isso para o seu bem. Por mais que você não tenha sido planejada, você foi amada a partir do momento em que eu soube que você estava em meu ventre. Eu jamais abriria mão de dizer que sou sua mãe, se eu não tivesse um motivo plausível para isso. Jamais. Doía-me não poder lhe dizer a verdade, vendo você chamar outra pessoa de mãe que não era eu, mas eu fiz isso por você e não por mim. — Continuou e eu apenas assenti, antes dela voltar a me abraçar.

A porta se abriu novamente e por ela passou os dois homens que passei a minha vida toda amando. Incrível que antes eu não notava as semelhanças, mas agora vendo-os se aproximarem sem jeito, percebo o quanto eles se parecem. O jeito de andar, de se portar. Théo tem muito do seu pai e isso ninguém pode contestar.

— Oi. — Disseram ao mesmo tempo e eu tive vontade de

rir.

— Oi. — Falei e Théo veio para o outro lado, beijando meus lábios.

— Como você está? — Aquele por quem eu chamei de pai por tanto tempo perguntou e eu via não apenas nos seus olhos, mas cada poro dele demonstrava sua preocupação.

— Tudo bem que eu imaginava que doesse, mas eu realmente não tinha noção de que doía tanto e que essas criaturinhas que entraram sem nem pedir, estão meio que me rasgando em dois. — Senti uma pontada e respirei fundo. — Tirando isso, estou bem, pai. — Falei e ele pareceu emocionado com minhas palavras. — Posso continuar te chamando de pai? — Perguntei, estranhamente tímida.

— Claro que pode, filha. Você para mim sempre foi e sempre será minha filha. Minha princesa. Assim como aconteceu com você, estamos ansiosos para chegada dessas princesas. — Fiquei tocada com suas palavras e eu sabia que ele estava falando a verdade.

Uma coisa que não dá para negar, era o quanto ele sempre foi carinhoso, cuidadoso e atencioso comigo por

mais que ele fosse um Rei. Quando estávamos juntos, sempre fazia questão de me fazer sentir bem e dedicou sua vida a isso. Dizia-me não apenas com palavras, mas com olhares, atitudes, que eu era a luz dali. Quando eu era pequena, achava que era coisa que pais diziam para as filhas, mas depois do que ele disse sobre o momento ruim que eles passavam na época em que nasci e agora percebendo que independentemente de qualquer coisa, ele sempre foi meu pai, entendi isso. De certa forma eu tive uma participação importante na sua vida, quando ele não pôde cumprir seu papel de pai com Théo. Acho que inconscientemente nós nos ajudamos. Eu fiz com que ele cumprisse seu papel de pai, quando ele precisava e ele assumiu o papel do meu pai, porque eu precisava de um. E eu sabia, que mesmo que ele não fosse meu pai biológico, que mesmo que tenha omitido esse fato da minha vida, que eu tenha ficado chateada e decepcionada quando descobri e tenha me afastado, não importa. E mesmo que meu verdadeiro pai tenha voltado, independente de qualquer coisa, mesmo ele sendo tecnicamente meu sogro, ele era o meu pai. Sempre foi. Sempre será.

Mágoas esquecidas, ficamos alguns minutos conversando. Depois de um tempo, meu pai Edward saiu atrás do meu outro pai, que havia ido à contra gosto fazer um check-up para saber se estava tudo bem. Depois de tudo, estávamos todos preocupados um com o outro e acredito que se eu não estivesse prestes à dar a luz, estaríamos todos grudados um no outro. Minhas dores agora estavam cada vez mais frequentes e minha pressão felizmente já havia voltado ao normal.

— Amor, me ajude a ir ao banheiro. — Pedi e ele veio me ajudar.

Sorri internamente, minha intenção era realmente fazer xixi, porque uma coisa que eu não sentiria falta da gravidez, com certeza era o fato de ter vontade de fazer xixi a cada cinco minutos. Mas eu também tinha más intenções. Na verdade eram boas demais.

O que é? Preciso fazer um boquete no meu marido para nos acalmar e nos distrair!

Théo me ajudou a levantar e foi caminhando comigo, meus pensamentos pecaminosos do que poderíamos fazer entre quatro paredes do banheiro, já fervilhavam na minha

cabeça e antes mesmo de chegar lá, minha bolsa resolveu finalmente estourar.

Merda! Lá se vai meu boquete! Depois de agora as únicas pessoas que vão mamar serão minhas filhas e eu não! Triste isso!

— Amor, não podia esperar chegar ao banheiro para fazer xixi? — Perguntou rindo, inocentemente.

— Minha bolsa estourou, seu idiota! — Resmunguei e estava pronta para bater a merda fora dele, porque eu não ia poder brincar com Alexandre tão cedo, mas então percebi o quanto estava pálido.

— Ai meu Deus! — Murmurou ainda em choque.

— Calma, amor, respira. — Acaricieei seu rosto, mas quando percebi que ele estava começando a ficar verde, dei um tapa na sua cara, fazendo com que ele acordasse. — Pronto! Agora se acalma, porra, porque quem está sendo partida ao meio sou eu! — Lembre-o e ele assentiu.

— Tá. Desculpe... Porra, vai nascer! — Ele gritou, animado, parecendo realmente se dar conta disso e antes de avisar, me pega no colo e me coloca de volta na cama.

— Théo... — Ia reclamar, mas uma contração forte para

caralho me pegou e eu quase saí do ar de tanta dor.

— Théo, se acalma, eu já passei por isso duas vezes, meu menino. Ela vai ficar bem. — Minha mãe tentou acalenta-lo.

Ficar bem? Depois desse parto eu duvidava que saísse inteira!

Eu poderia dizer que eu não voltaria a transar nunca mais, mas conhecendo minha libido como eu conheço, duvido que eu chegue até o final do resguardo. Quanto mais. Só que nesse momento, a última coisa que eu penso, é passar por esse transtorno novamente. Para quem não pensava em casar, duas filhas está de bom tamanho, né?

— Cadê o biltre desse médico incompetente? Isso porque não é ele que está sentindo dor — Théo disse agoniado, andando de um lado para o outro.

Sim, era eu!

Se eu não tivesse prestes a ter um bebê, eu ia esganá-lo. Na verdade eu queria matá-lo naquele momento. A dor que eu sentia a cada contração foi intensificando, e eu senti como se meu corpo estivesse sendo rasgado em dois. Antes de ver o parto de Lou, eu inocentemente pensei que eu não

precisasse sentir dor, afinal a medicina havia evoluído muito. Mas depois de assistir seu parto, eu apenas tinha prometido a mim mesma que não ia ser uma dessas mulheres escandalosas, que fazem drama na hora do parto, mas naquele momento eu não me importei.

Todos que se fodam! Eu estava no meu direito de gritar!

Quem tem a coragem de dizer que essa dor é normal e que um parto natural é normal, é porque nunca teve a sensação de que estão esmagando tudo dentro de você e que duas bolas de basquete querem sair, por um lugar em que um micro espermatozoide havia entrado. Como no mundo existem mulheres que passam por isso mais do que uma vez, minha gente? Não me conformava com isso. A dor era insana, então eu comecei a gritar de dor. Tive a ligeira impressão que o hospital todo estava me escutando. Mas eu sinceramente não me importava. Só quem passa pela dor de um parto sabe o que estou sentindo. E Théo ?Começou a gritar junto comigo também .Parecia que também estava parindo, porque além de gritar, estava pálido, trêmulo, suado e ofegante. Se ele me dissesse que também estava

tendo contrações, eu não iria me surpreender.

Lide com isso, Stephanie!

— Respire, amor. — Ele pediu segurando minha mão, enquanto ele mesmo começou a fazer os exercícios de respiração.

Inferno que eu não aguentava mais!

— Théo, eu juro por Deus, que se você disser mais uma vez para eu respirar, você nunca mais passará por isso novamente, porque eu vou castrar você! — Eu gritei e minha mãe que estava passando um pano úmido em meu rosto, não se aguentou e caiu na gargalhada.

— Porra, amor. Isso foi completamente desnecessário. — Ele disse ofendido.

— O que é desnecessário é você me dizer para respirar, sendo que eu sei que eu tenho que respirar. A única coisa que quero de você nesse momento, é que você segure a minha mão e cale a porra da boca!

— Ok. Calma.

Pedir calma para uma mulher que está prestes a parir, é o mesmo que pedir uma faca no pescoço!

— Meu Deus! Eu não aguento mais. — Falei, me

referindo não apenas as contrações, mas a meu digníssimo marido me enlouquecendo.

— Cadê a porra desse médico? — Théo gritou e a enfermeira saiu correndo, dando de cara com Dr. Vasquez.

— Me chamaram? — perguntou, como se eu não tivesse me esgoelando para o hospital todo ouvir.

— Não, a gente estava aqui preparando uma festa. A festa de debutantes das minhas filhas, porque você está demorando para fazer a merda desse parto e não é você quem está sofrendo, porra! — falou fora de si e eu tive vontade de beijar ele, mas mais uma vez uma contração veio para acabar comigo.

— Ok. Ok. Deixa-me ver como estão as coisas. Como a bolsa já estourou, isso ajuda a fluir um parto mais natural.

O que? Ele estava ficando louco? Não tinha medo do perigo, não?

Nem pensei em fazer o que fiz, apenas fiz. Rapidamente tirei a arma que estava no coldre de Théo e apontei para o médico, que me olhou com os olhos arregalados, bem como meu marido, minha mãe e a enfermeira, que pareciam assustados com minha atitude.

— As coisas estão péssimas! O que vai ser natural, é eu atirar na sua cara, se você não começar esse parto agora! E aí, vai arriscar? — Perguntei.



Se eu dissesse que eu estou surpresa por estar na sala de parto nesse momento, eu estaria mentindo. Depois da minha ameaçava sutil, lógico que o médico me trouxe para cá em um piscar de olhos. Não tenho dúvidas de que ele finalmente entenderia o meu ponto de vista.

É. Mexer com uma mulher louca, grávida e cheia de dores, é o mesmo que pedir para morrer!

Ser louca tem suas vantagens, pois as pessoas temem o que você pode fazer. E bem, eu adoro isso. Nesse momento eu não sentia mais dor. Culpa da bendita anestesia que o médico poderia ter me dado horas atrás, quando cheguei nesse hospital. Estou começando a me arrepender de ter escolhido ele como meu médico.

Mas quem em sã consciência escolheria um velho, careca e barrigudo, ao invés de escolher um cara gostoso para cuidar do seu bem mais precioso?

Besta já se sabe que não sou. E não tive dúvidas quando

vi os gominhos da sua barriga, através do tecido da sua camisa. Só que agora sou puta de um homem só, estou contente com os gominhos do meu marido. Marido o qual nesse momento parece que está entrando em uma cirurgia para retirada de pênis.

— O que foi, amor? — Perguntei, vendo-o tentar ver alguma coisa por cima dos lençóis.

— Eles estão demorando muito. Daqui a pouco você vai começar a sentir as pernas e depois disso a sentir tudo que estão fazendo. Vai ser que nem naquele filme, lembra? Que começam a operar o cara e... — Tagarelou e eu revirei os olhos.

— Théo. Cala a boca e me beija caralho! — Ordenei, utilizando a técnica que ele utilizava comigo para me distrair. Ele pareceu não entender por um momento, mas logo em seguida sorriu e veio me beijar.

— E aqui chegou a primeira. — O médico falou, nos fazendo quebrar o beijo e logo ouvimos um choro alto, forte, que fez com que eu e Théo chorássemos juntos.

Depois de todos os procedimentos, logo trouxeram ela até nós e eu fiquei ainda mais emocionada. Era bem

gordinha e cabeludinha. Os cabelinhos pareciam quase loiros, apesar de ainda estarem um pouco ensanguentados. Tinha um rostinho redondo, narizinho arrebitado, lábios bem carnudos. Nada de cara de joelho como costumam dizer que recém-nascido tinha.

Porra! Ela era linda! Perfeita! Uma divinha!

— Oi, Princesinha do Papai. Bem vinda ao mundo. — Théo disse, não segurando a emoção.

— Bem vinda, Lavínia. Princesinha da Mamãe. — Falei emocionada.

Não demorou muito para que escutássemos o segundo choro. Por mais que já estivéssemos preparados, não deixou de ser emocionante ouvir o som estridente da nossa segunda filha. Mais uma vez as lágrimas foram inevitáveis de não serem derramadas, quando a peguei em meus braços. Ela também era gordinha e cabeludinha, mas parecia ser um pouco menor que Lavínia.

— Oi, Princesinha. Bem vinda, Cibelle. — Proferi com a voz embargada.

— Outra Princesinha do Papai. Bem vinda ao mundo. — Théo disse ainda emocionado.

Normalmente os nomes dos filhos da família da realeza, eram escolhidos para homenagear antepassados, pois dizem que o nome carrega consigo uma história de riqueza e poder. Por termos demorado tanto tempo para descobrirmos o sexo, nós havíamos selecionado dois nomes do sexo feminino e dois do sexo masculino, para quando confirmássemos o sexo. A escolha dos nomes Lavínia e Cibelle, foi feita porque queríamos homenagear essas mulheres que foram e ainda são especiais para nossa família e ainda por cima são exemplos de força e determinação.

Depois de examiná-las mais detalhadamente, colocaram as duas juntas e a emoção que já era grande, parecia não poder caber mais em mim. Eu chorava sem parar olhando minhas filhas ao meu lado. As lágrimas não paravam de descer, me molhando toda. Mas eu não me importava. Era sem dúvidas o momento mais mágico e indescritível da minha vida.

Porra! Era literalmente foda!

— Obrigada, meu amor. Elas são lindas. Tão perfeitas, amor. Eu amo você — Théo disse, beijando meus lábios

com ternura.

— Eu também te amo. Obrigada também pelas nossas Princesas.

Ficamos ali babando nossas princesinhas, quando então a voz do médico nos surpreendeu:

— Er... Não sei como dizer isso, mas tem mais pés aqui!

Olhei para Théo assustada, ele olhou para mim também, parecendo tão pasmo quanto eu. Nós olhamos para o médico no exato momento em que o choro de um outro bebê se misturou aos outros dois, que estavam em meus braços, fazendo uma sinfonia perfeita.

— Co-co-co-mo... — Théo gaguejou e esticou o pescoço para ter certeza do que ele estava falando.

Isso era sério? Só pode ser brincadeira!

— Er... Parabéns! É outra menina! — O médico disse meio assustado, mas também entusiasmado com o que estava acontecendo.

Então o barulho de um baque chamou minha atenção. Olhei para o lado e não vi Théo, foi então que eu olhei para o chão e lá estava ele desacordado.

Merda! Mais uma menina? É... Acho que isso acabou

de matar meu marido!

Epílogo

Théo

Já dizia o velho ditado: *um é pouco, dois é bom, mas três é demais. Com quatro? Eu estou é fodido mesmo!* Afinal mesmo querendo ter um menino para perpetuar a espécie, depois do nascimento de três filhas, preferi não arriscar a ter mais filhos, me contentando com o fato de que nasci para fazer o que gosto. No entanto, os abusos de Taddeo e Igor dizendo que passei de consumidor para fornecedor, me deram ainda mais certeza da minha decisão.

Foi pensando exatamente nisso, que alguns anos depois do fatídico dia em que minha mulher pariu, em que eu quase perdi as mãos e minhas bolas, que decidi pela vasectomia. Stephanie não achou ruim, porque só ela sabe a dor que passou para dar a luz a nossas três princesinhas. E sinceramente? Mesmo que eu quisesse um menino, passar por um parto ao lado de Stephanie novamente, seria a

segunda pior coisa do mundo. Porque a primeira ainda é e sempre será o ciúme que eu tenho das minhas princesinhas.

Preciso comentar que após o susto do nascimento de mais uma filha e do meu desmaio épico, ao constatar que seria mais uma para me dar dor de cabeça, fiquei feliz demais, mas ainda assim puto da vida por não ter sido preparado para esse momento. Quis explicação do por que não termos sido avisados sobre isso e o filha da puta do médico de Stephanie apenas disse:

— *Os ultrassons são uma prova praticamente garantida da presença de gêmeos, mas, se o número de bebês for maior que dois, a precisão do teste diminui. O melhor momento para distinguir a presença de mais de um bebê é entre a sétima e a nona semana de gravidez, pela ultrassonografia. É até possível enxergar gêmeos ou mais bebês antes disso, por volta da sexta semana de gravidez, mas uma das crianças pode acabar passando despercebida nesse estágio tão inicial. Mas por causa do problema do deslocamento ovular que Stephanie teve, as ultras realizadas não conseguiram detectar a gravidez tripla. Às vezes o batimento cardíaco é identificado em*

um saco gestacional e não no outro, e só uma semana ou duas depois é que fica comprovado que são mesmo dois bebês ou mais.

Apesar de terem nascido saudáveis, as três ficaram alguns dias na UTIN, para ganharem um pouquinho de peso, principalmente nossa “surpresinha”, que era a menorzinha de todas. Mas felizmente elas ficaram poucos dias lá e podemos acompanhá-las de perto, durante todo o tempo que estiveram lá. A adaptação após o nascimento de três bebês não foi fácil. Madrugadas acordados. Choros e trocas intermináveis de fralda. Às vezes o ritmo era tão louco, que muitas vezes não conseguíamos distinguir se o choro era de fome, cólica ou de manha mesmo. Já aconteceu até de colocarmos fralda suja, em bumbum limpo, de tão azoados que ficávamos. Mas ainda assim, quando nos acostumamos e pegamos o ritmo, as coisas foram melhorando a cada dia.

Stephanne optou por termos babá apenas durante o dia, pois além de não ser fácil lidar com três bebês sozinha, tínhamos nossos compromissos, mas ainda assim elas nos acompanhavam a todos os lugares que podíamos levá-las conosco e quando não podíamos, as babás e minha mãe

ficavam de olho por nós. Minha mãe era aquele tipo de avó coruja, fazia questão de estar sempre com as netas e as paparicavam o tempo todo. Ela nunca disse, mas eu sei que de certa forma é a maneira que ela encontrou de compensar não apenas a mim, mas também a ela mesma, por não ter vivido isso tudo comigo, por mais que soubéssemos que isso não aconteceu por sua escolha. Mas enfim, ela é uma arma nas mãos das meninas, pois fazia tudo por elas.

Minhas filhas são lindas. E eu não estou dizendo isso porque são minhas. Seus cabelos não são loiros como os de Stephanie e nem castanhos como os meus, estão mais para o meio termo. Os olhos azuis tão parecidos com os da minha mulher, bem como muitas outras coisas, ainda assim elas são uma perfeita mistura minha e de Stephanie. No entanto, o que me preocupa mais a cada dia, não é apenas o fato delas serem as coisas mais lindas que eu já vi na vida, mas sim o gênio igualzinho ao de Stephanie.

Sim! Pode dizer que estou fodido!

Vejam bem, elas são um amor de meninas. São muito carinhosas, amorosas, obedientes. São daquele tipo de meninas que estão sempre sorrindo. Mas experimente

contrariá-las. É como se eu estivesse vendo Stephanne com um metro de comprimento. Dá um certo medo, admito. As três são geniosas e ciumentas como Stephanne. Apesar de elas serem loucas pela mãe, morrem de ciúmes de mim. Acho que minha mulher está criando as filhas para serem minhas seguranças para quando ela não está ao meu lado. Se elas têm ciúmes até da mãe quando está comigo, imaginem como elas não agem quando uma pessoa do sexo feminino encosta? Tenho pena. É como se três mini tanques de guerra acabassem com você. Sem dó, nem piedade.

Outro dia estávamos no aniversário de Andrewzinho e a mãe de um dos meninos chegou próxima ao pula-pula, para olhar seu filho que estava brincando lá. Eu estava calçando a sandália delas, pois estava na hora de comerem algo, e desde o início da festa elas não haviam comido nada, só brincaram. Foi quando a pobre moça puxou conversa comigo. O que aconteceu a seguir me fez ficar chocado:

- Vadia. — Lavínia disse na lata.
- Como? — A moça perguntou.
- Lavínia! — Repreendi chocado e ela deu de ombros.
- É *vedade*, Lavi, mamãe diz que elas andam *estanho*.

— Cibelle falou com um biquinho irritado e Lavínia concordou com ar superior.

— Vadia, toma *vegonha*! Você sabia que meu pai é *tasado*? Vai procurar *outo* homem *potê* esse já tem donas.

— Miley disse com raiva, antes de pisar no pé da moça.

Enquanto eu continuava sem reação pela atitude das minhas filhas, as três fizeram “Hi-Five” como se tivessem orgulhosas da sua atitude. Fiquei morrendo de vergonha, ainda assim me desculpei com a pobre coitada, antes de sair puxando minhas três “abençoadas” para longe dali. Que mesmo enquanto eu as arrastava, davam língua e “banana” com as mãos, para a pobre coitada.

E eu estava temendo pelo próximo passo delas. Se só com um “oi” da mulher foi assim, imagine caso ela tivesse se jogado para cima de mim realmente? Fui em direção a minha esposa e quando lhe contei o que elas haviam feito, Stephanie gargalhou e disse:

— Muito bem, meninas. Continuem colocando as vadias no lugar mesmo. Na próxima vez chutem a canela também!

É. Eu mereço!

Como eu disse, as três são bem geniosas como a mãe.

Lavínia era a mais velha e era sem sombra de dúvidas a cabeça do trio. Era sempre ela quem comandava as brincadeiras, não apenas com as irmãs, mas também com o tio pequeno e os primos, mesmo que eles fossem todos do sexo masculino. Não deixava dúvidas de que seria uma grande Rainha um dia. Minha primogênita era uma líder nata. Cibelle era a mais tranquila e amorosa de todas. Também era a mais estudiosa, quando não estava brincando com as irmãs, estava com algum livro infantil na mão. Por ser a mais centrada, estava sempre analisando o que deveria fazer. Das três, ela era a que mais parecia comigo quando tinha a idade dela. Todo mundo diz que eu era exatamente assim, um capetinha *nerd*.

Já Miley, nossa Surpresinha, era a que sem dúvidas mais me dava dor de cabeça. Bem que dizem que a filha mais nova é sempre a mais travessa. Porque Deus me perdoe, mas minha filha era uma diabinha de saias! Miley, que recebeu esse nome justamente em homenagem ao alter ego da minha mulher e já começou se escondendo da gente desde a gravidez, era a primeira que aprontava e quando acontecia alguma coisa de errado, ninguém tinha dúvidas

quem era a culpada. Inicialmente ela ainda tenta fazer cara de inocente, mas quando começa a receber a bronca, empina o nariz como quem dissesse “ninguém me segura!” E sim, se com quatro anos ninguém segura, imagine quando tiver mais velha?

Eu disse que achava que não chegava aos trinta e cinco, mas hoje eu tenho certeza absoluta!

Minha relação com meu pai e Alano hoje em dia é boa. Não vou dizer que eu tenha concordado com suas escolhas, mas hoje eu entendo-os e o ressentimento e mágoa não existem. Mas de qualquer forma eles são meus pais, embora eu ainda os chame pelo nome na maioria das vezes. Já Stephanne, chama tanto meu pai, quanto Andrew de pai. Às vezes é engraçado quando ela chama e os dois respondem ao mesmo tempo.

Obviamente nem tudo foi perfeito durante esses anos. Mas superamos o que aconteceu, porque nos mantivemos juntos. Quando tudo passou, nós decidimos ser sinceros com o povo e contamos a verdade sobre a família real campaviana. Nós sabíamos que estávamos arriscando, não apenas meu lugar como herdeiro legítimo ao trono, mas a

monarquia campaviana também. Ainda assim fizemos e junto com a verdade, lançamos um Referendo para o povo optar pela Abolição ou Não da Monarquia. Foi uma escolha deles. O resultado a favor da monarquia foi massacrante e nós sabemos que isso se deve não apenas ao fato de nossa família ter um histórico excelente como governantes, mas também por causa do trabalho que eu e principalmente Stephanie têm feito pela Campavia ao longo dos anos.

Minha mãe hoje mora com a gente. Mesmo que ela tivesse dito que não queria morar conosco, para não nos atrapalhar e etc. Porém conforme eu imaginei, assim que as “*trigêneas*” – como nós chamamos, por causa da incrível perspicácia dessas meninas - nasceram, ela veio para cá, dizendo que ficaria alguns dias. E bem, ela não foi mais embora e então se deu conta disso, morando oficial e definitivamente aqui. Quando as netas completaram seis meses, depois de muita insistência da nossa parte, ela resolveu aceitar a ideia da Vovó e acompanhou-a em uma viagem sem roteiro definido, por diversos lugares do mundo. Eu achei que seria ótimo para ela, que depois de

tudo que ela havia passado, merecia viver um pouco, curtir a vida, conhecer novos lugares e realmente foi bom. Mas foi tão bom, que eu de certa forma acabei me arrependendo, porque ela resolveu dar uma nova chance, por quem ela tentou negar ser apaixonada.

É. Eu estou realmente ferrado com essas mulheres da minha vida!

Vovó, essa eu não preciso nem comentar, né? Continua curtindo a vida adoidada. Já me conformei com o fato de que essa fica para semente. Porque nunca vi tanta disposição e descaração em uma mulher só. Outro dia me apareceu com um namorado de vinte e cinco anos, dizendo que estava pensando na possibilidade de ser mãe de novo. Do jeito que ela era doida, chegamos a acreditar, mas uma semana depois ela terminou com o carinha, dizendo que ela já havia investido muito dinheiro no corpo dela para despencar de novo. Que o oral dele não compensava todo esse esforço não.

É. Dona Antonella não tem jeito mesmo!

Meus sogros estão bem e felizes. Andrew escreveu um livro, chamado *Preso no Limite*, contando sua história para

o mundo e fez um sucesso estrondoso. Estão até estudando propostas de adaptação para o cinema. Os dois sempre estão babando os netos, mas há dois anos adotaram um menino, Richard. Hoje ele tem oito anos e o conheceram no Instituto Rainha Lavínia e era portador de Leucemia Linfoblástica Aguda. Ele passou uma fase difícil com a quimioterapia, mas Andrew e Henriquetta estiveram ao lado dele, lutando e dando forças para aquele pequeno mais a cada dia. Eu o chamo de Guerreirinho. E ele realmente é. Felizmente o tratamento foi um sucesso e hoje ele está com uma saúde de ferro.

Suspiro cansado, quando começo a subir as escadas de casa. Por um momento pensei em usar o elevador. Mas essa última semana estive tão atarefado, que eu malmente pude ir para academia e me exercitar é algo que eu tenho necessidade de fazer além de sexo, claro. Assim que alcanço o último degrau, faço meu caminho diário. Abro a porta do quarto devagar e conforme eu imaginei, minhas três princesinhas estão dormindo, visto que são mais de nove da noite. Ainda assim entro devagar, tomando cuidado para não fazer barulho e beijo suavemente a testa das três.

Tão lindas! Quem olha assim até pensa que são três anjinhos!

Dou uma última olhada nelas, me viro para sair e quando estou alcançando a porta, piso em um maldito brinquedo que faz um barulho irritante. Engulo os palavrões que quase falo, pois minhas princesinhas mercenárias, já tem uma poupança bem gorda de tanto palavrão que eu e Stephanie falamos, pois temos que colocar um dólar a cada vez. Acho que antes delas alcançarem a maioria estarei falido.

— Papai? — A vizinha meiga e sonolenta de uma delas fez com que eu paralisasse e fechasse os olhos com raiva de mim por acordá-la.

Virei-me para ela e encontrei Miley já sentada na cama, agarrada com sua boneca preferida. Sorri para minha princesa e fui caminhando devagar até sua cama, até me abaixar e ficar de joelhos na sua altura.

— Oi, meu amor, desculpe acordá-la. Volte a dormir. — Falei baixinho para não acordar as outras, acariciando seu rostinho com bochechas rosadas.

— Tudo bem, papai. Eu tinha acabado de dormir. Estava

esperando o senhor chegar. — Me deu aquele sorriso, que faz com que ela me tenha nas mãos.

— É? E por que a senhorita está me esperando até tarde?
— perguntei sorrindo.

— Eu queria perguntar uma coisa — falou pensativa.

Uh? Por que será que sinto que não vou gostar disso?

— Me perguntar o que? — perguntei desconfiado.

— Mamãe disse que o senhor estava trabalhando. — Concordei com um aceno. — Quando perguntei a ela, ela disse que era para eu te perguntar, pois você quem sabia responder isso.

— Foi? — Ela concordou. — E que pergunta seria essa?
— Franzi o cenho e voltei a perguntar receoso.

— Como é que se faz um bebê? — indagou de forma inocente.

Ai meu caralho!

— Co-como o que? — gaguejei.

Porra! Eu não esperava responder essa pergunta antes de... tipo... Nunca?

— Como se faz um bebê, papai. — Revirou os olhos impaciente, ao ter que repetir a pergunta.

Merda! Ela era tão Steph!

— De onde surgiu essa pergunta, Miley? — perguntei nervoso.

— Esses dias eu ouvi tio Igor falar com tia Bella, que estava esperando ela no quarto para eles treinarem para fazerem mais um bebê! — falou de forma ingênua.

Filho da puta! Eu mato Igor! Já não basta saber que pega minha irmã e ainda faz com que minha filha me faça uma pergunta difícil dessas? Sim. Cortar aquilo que ele chama de pau fora, é fichinha para o que esse cretino merece!

— Pai? Então? Como faz? — Perguntou, chamando minha atenção.

— Não... Não. Não faz. — Tratei de responder rapidamente.

— Como não? — Questionou confusa. Nem pude me perder na beleza da caretinha que ela fazia quando ficava assim, pois nesse momento eu estava muito nervoso.

— Miley, como você acha que os bebês são feitos? — Desconversei, jogando a pergunta para cima dela, tentando controlar meu nervosismo.

— Eu acho que o marido coloca uma sementinha pela boca da *marida*. — *É. Não deixa de ser verdade!* — Depois ela bebe bastante água e o bebê vai crescendo, crescendo... — Ia explicando fazendo gestos com as mãos. — Quando a mãe não aguenta mais, ela vomita o bebê!

Porra! Né que faz sentido?

— Exatamente isso, filha. — Falei com um incentivo.
— Então quando crescer vou arranjar um namorado e ter um bebê. — Disse simplesmente.

Nem fodendo! Quer dizer... Fodendo que não ia mesmo!

— Filha, daqui a uns cinquenta anos ficarei feliz em ser avô. Sou totalmente a favor da adoção. Você pode adotar um bebê. Quanto a namorado, nem pense nisso mocinha! — Falei sério.

Isso mesmo! Nem por cima do meu cadáver um pulho se engraçará com minhas Princesas!

— Mas pai, a mamãe disse que quando eu crescer, vou encontrar meu *píncipe* encantado também. — Falou com um bico.

— Sua mãe fala demais, Miley Paraizo Valentino

Caravaggio Bellini di Montalcino. Agora vá dormir. Boa noite. — Dei a conversa por encerrada, antes de lhe dar mais um beijo na testa e sair dali, temento que essa menina me matasse do coração com a próxima pergunta.

Quando eu digo que a Escola das Irmãs Carmelitas é a melhor opção, me chamam de Ogro!

Steph

Enquanto eu esperava Théo chegar em casa, depois de um dia de trabalho cheio no parlamento, eu andava de um lado ao outro impaciente. Depois de voltar do médico em um estado completo de choque, comecei a me lembrar de quando descobri que estava grávida na nossa lua de mel no Brasil. E agora, quase cinco anos depois, voltaremos a mesma conversa?

Deus. Eu estava tão nervosa!

Há cerca de três meses, eu e Théo decidimos que não

iríamos querer mais filhos. Afinal, já tínhamos três meninas, que valiam por seis, então já era mais do que suficiente. Por mim eu teria feito a laqueadura tubaria, ligado as trompas já no meu parto e faria logo uma esterectomia por desengano de consciência, mas como achávamos que eram apenas duas, não tínhamos conversado sobre a possibilidade antes. Mas eis que surgiu Miley, que foi uma surpresa tremenda para nós. Então depois de tantos anos conversamos e Théo optou pela vasectomia há três meses.

Claro que o médico nos avisou que apesar da vasectomia, teríamos que nos prevenir por um determinado tempo, mas eu levianamente decidi que não precisava mais de anticoncepcional, porque depois de tanto tempo tomando remédio, eu achava que não seria fácil engravidar assim, principalmente depois dele fazer a vasectomia. Bem, ledor engano. Porque cruzamos feito coelhos e agora estou com seis semanas.

Merda de libido! Quem manda ser gostoso e ter Alexandre que me deixa descompensada em todos os sentidos?

Eu sabia que por mais louco que fosse, Théo estaria ao meu lado, como estive em todos esses anos que estamos juntos, me ajudando, me apoiando e principalmente nos amando, cuidando de nós, mas ainda assim a expectativa disso tudo me apavora um pouco. Estava ficando cada vez mais nervosa. Até que me lembrei de uma coisa que aprendi ao longo desses anos de casamento. Quando você quiser dar uma notícia inesperada, ou quer que seu marido ceda em algo que você sabe que ele será contra, toque no assunto na hora do sexo. Você pega ele bem no ponto fraco. É tiro e queda! Você fica no topo e mostra quem manda. Os dois saem no lucro. Você relaxa, goza e ainda consegue dele exatamente o que quer .

Bom, já que eu sou uma mulher em missão, vou deixar meu marido ainda mais louco do que deixo normalmente!

Preparo todo um cenário, tomo um banho, hidrato minha pele, visto uma lingerie sexy, saltos, passo um batom vermelho que grita luxúria. Ligo o som e a voz sexy do Levine cantando *Animals*, já é o suficiente para me fazer querer tirar a calcinha. Acendo as velas que espalhei pelo quarto e apago as luzes, deixando o ambiente ainda mais

sensual. Quando ele finalmente abre a porta do quarto, estou vestida para matar, balançando meus pés, sentada na mesa que tem no canto do nosso quarto.

— Puta que pariu! — É a única coisa que ele consegue dizer, antes de começar a arrancar seu paletó e gravata do corpo.

Enquanto ele vem andando como um predador em minha direção, pego um morango que estava em uma tigela próxima e banho com chocolate, antes de trazer até minha boca, passando a língua de forma sedutora ao redor da fruta, antes de comê-la, gemendo.

— Boa noite, marido. — Sussurro em uma voz sexy.

— Porra! — Théo rosna se aproximando e eu aproveito para puxá-lo, encaixando-me no meio das suas pernas, antes de devorar sua boca em um beijo faminto.

Antes que ele acabe com meu propósito da noite, quebro nosso beijo e empurro-o para trás para que meu show comece. Ele parece querer reclamar, mas esquece o que ia dizer, quando abro minhas pernas e coloco uma em cima da mesa, antes de afastar minha calcinha e começo a me tocar. Depois pego outro morango e passo entre as dobras da

minha menina, fazendo-o soltar um rosnado animalesco e eu aproveito para chupar e em seguida morder a fruta, deixando-o ainda mais fora de si.

Jesus! O feitiço virou contra o feiticeiro! Preciso dar para esse homem, porque essa cara de safado dele acaba comigo!

— Sabe, Steph, às vezes acho que sua missão de vida é me enlouquecer. Primeiro sou surpreendido pela minha filha de quatro anos, me perguntando sobre como se faz bebês. E agora entrando no quarto, me deparo com minha mulher pronta para me matar. Porra! *Alexandre* tá doido para invadir sua Macedônia e te foder até perdemos a força.

Ai meu pai!

Juro que às vezes eu não o provocava por mal. Era só que eu estava acostumada a falar tudo que queria, falava o que estava na ponta da língua e nunca precisei ter controle com as minhas palavras e atitudes. Sempre agi por impulso. Mas o lado bom disso, é que acho que ele pode negar o que for, mas sei que Théo gosta disso, porque depois das minhas provocações, nosso sexo ficava ainda mais gostoso. A gente briga demais, mas sabemos que não conseguiríamos viver

um sem o outro.

Bem, se ele está nervoso por causa de uma única pergunta sobre sexo, imagine se ele souber que vem mais um para perguntar em breve!

— Então venha! — Pedi doida para que ele cumpra o que prometeu.

Anote aí, na minha lápide terá escrito: Aqui jaz Stephanie, morreu depois de tanto gozar!

Ele não esperou que eu pedisse novamente. Abaixou sua cabeça, sua boca capturando a minha da forma que apenas ele fazia. Sua língua acariciando minha boca, confiante, exigente, voraz. Suas mãos logo encontraram o caminho para os meus seios, beliscando meus mamilos através da renda do meu sutiã. A dor em meu centro se intensificou, fazendo-me esquecer todos os receios de poucos minutos atrás. Eu quase não enxergava os botões da camisa dele, mas de alguma forma consegui tirar e deslizei minha mão em seu corpo. Precisando tocá-lo para saber que ele está comigo.

Já estou pronta para ele quando ele tira a calça junto com a boxer e rasga minha calcinha. Enquanto uma mão belisca

meu mamilo, sua outra mão massageia meu clitóris e de uma só vez ele me penetra, fazendo-me gritar, para em seguida gemer palavras desconexas. Ele me fodia sem dó nem piedade, invadindo minha boca com sua língua, da mesma forma que me preenchia. Como sempre acontece quando estou com ele, nossos corpos se tomaram como uma sede única, a luxúria dominando tudo. Fecho os olhos, gemendo, delirando de prazer. Então quando começo a convulsionar ao redor do pau de Théo, apertando-o para que goze comigo e ele grita:

— Porra amor! Essa bocetinha ainda me mata! — Então ele começa a derramar dentro de mim e eu aproveito a oportunidade para fazer o que queria:

— Vamos ter outro bebê! — Gritei finalmente e Théo paralisou.

— O que? — Perguntou com os olhos arregalados.

Bem, pelo menos ele não desmaiou dessa vez!



Acaricieei meu ventre levemente arredondado, enquanto olhava Théo beijando nossas meninas. Eu não cansava de olhá-los juntos. Era tão lindo o amor que eles tinham um

pelo outro, que era impossível não emocionar. Lavínia agora ajeitava a singela coroa de Miley, enquanto Cibelle limpava a marca do batom rosado que elas deixaram, ao beijar o rosto do pai. Elas estavam lindas em seus pequenos vestidos de bailes.

Umas princesas! Nossas Princesas!

— O que foi, amor? Está calada e esse seu silêncio atípico me preocupa. — Théo brincou, abraçando-me por trás, sua mão agora substituindo as minhas, acariciando minha barriga.

Ele adorava fazer isso. Mesmo que ele tivesse ficado meio louco quando soubemos da gravidez, ele novamente foi todo carinhoso comigo, com o bebê e perdia horas conversando com minha barriga como fazia com as meninas.

— Nada. — respondi, virando meu pescoço para encontrar sua boca em um beijo singelo.

— Eu te amo — falamos ao mesmo tempo e rimos, antes de trocarmos mais um beijo.

— Pronta? — perguntou e eu sorri para ele.

— Para você, meu amor, sempre. — disse, sabendo que

ele sabia que eu falava em todos os sentidos.

Posicionamos nossas três princesinhas em nossa frente e eu dei meu braço para que Théo segurasse. Então ele deu o sinal para o segurança, que disse algo no intercomunicador e abriu as portas no exato momento em que o porta-voz nos anunciou:

— Vossa Majestade, o Rei Theodore e a Rainha Stephanie e vossas altezas reais, as princesas, Lavínia, Cibelle e Miley.

Ah! Eu não contei? É isso mesmo. Como diz a diva Beyoncé: Respeitem, curvem-se, vadias! Porque a diva e Rainha aqui sou eu!

Enquanto descia, lembrei a primeira vez em que eu descia essas mesmas escadas, que levavam para o salão no meu baile de apresentação anos atrás. Lembrei-me também que mesmo com meu nervosismo, foi no olhar do homem que agora estava ao meu lado, que eu me foquei.

Porque foi com ele que eu finalmente me encontrei. Foi com ele que construí uma família, tinha filhas lindas e estava com outra a caminho, para desespero de Théo. Mas foi com ele que também aprendi a viver, amar, perdoar e

acima de tudo, a ser verdadeiramente feliz.

Já passamos por muita coisa juntos e eu espero continuar a viver uma vida de loucas aventuras com ele ao meu lado. Não importa que nosso destino tenha sido “traçado” por outras pessoas, porque temos o que temos e entre nós, sempre foi real.

Desde o nosso primeiro beijo, quando ainda éramos crianças. Da primeira vez que nos amamos. Às vezes nós queremos nos matar, mas qual a graça se nossa vida fosse um clássico clichê como nas histórias de Príncipes e Princesas de contos de fadas? O que sentimos um pelo outro, ultrapassa a barreira do impossível. Não tem como explicar o inexplicável. Uma história assim, marca a vida das pessoas de várias maneiras e é muita vida para caber em um livro só. E a nossa história? Bem.. Ela está apenas começando.

Fim.



ANEXO: ENTENDENDO
MELHOR A HISTÓRIA
ÁRVORE GENEALÓGICA
DA FAMÍLIA BELLINI DI
MONTALCCINO E CARRARA.

Próximos Livro da Série:

UM AMOR REAL

Livro 2

Edward di Montalccino, era o amado Rei do pequeno país da Campavia. Como monarca maior do país, ele fez tudo aquilo que esperavam que fizesse, sendo o herdeiro do trono que seu pai queria que ele fosse quando finalmente assumisse o trono. Só que ele carregava muito mais do que uma coroa, era um homem marcado pelo seu passado e com ele carregava a culpa e tantos segredos não apenas da sua vida, mas também da história da sua família, que fizeram com que ele se fechasse para o amor.

Lourdes Paraizo, era a plebeia que havia crescido no castelo e por anos viveu a vida de uma princesa, mesmo sem nunca ter carregado uma coroa. Ainda muito nova se viu apaixonada logo pelo Rei, aquele quem a viu crescer e que tão logo percebeu seus sentimentos por ele preferiu

afastá-la. Anos se passaram, mas o que Edward não esperava, era que a menina que ele havia carregado no colo e considerava como se fosse da família, era a nova peça que a vida havia lhe pregado. Para ele era errado demais como se sentia por ela, mas depois de tanto lutar contra o que sentia, ele finalmente se rendeu e decidiu se entregar novamente ao amor.

Só que Edward e Lourdes não imaginavam que o passado voltasse para assombrá-los e fazer com que a relação até então de conto de fadas que tinham ficasse balançada.

Um Rei com um passado marcado.

Uma Plebeia que sonhava com seu conto de fadas ao lado dele.

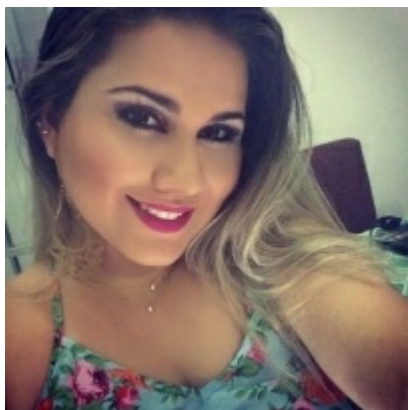
Um amor do passado.

Mentiras e omissões sendo desmascaradas.

Passado e presente balançando o coração de um só homem.

Sobre a Autora

MÍDDIAN MEIRELES



Filha única e nada mimada. Mas ainda assim eu era aquela menina que trocava um quarto de brinquedos, por uma caneta e um papel mesmo antes de aprender a escrever. Era aquela que escrevia no diário sobre o seu dia a dia, mas também sobre seus medos, sonhos e desejos. Aquela que odiava Matemática, mas adorava Redação. Hoje, Mãe, esposa, amiga, viciada em maquiagem e sapatos. Aquela em que seus fiéis companheiros para a Insônia são os livros e por essa paixão resolveu usar a imaginação e escrever suas

próprias histórias.

Contato: contato@mimeireles.com

[Perfil](#) | [Grupo Face](#) | [Página Face](#) | [Site](#) | [Wattpad](#)

Conheça meus outros livros clicando
[aqui.](#)

Gostou? Deixe seu feedback, ele é muito
importante para nós autores... <3